



Museu Metropolitano de Arte, Nova York

MONET, Claude. *Banhistas na Grenouillière*, 1869. Óleo em tela.

FRENTE 1

CAPÍTULO

1

Artimanhas da língua: usos e norma

É comum vivenciarmos situações em que ficamos em dúvida sobre qual a melhor forma de nos comunicar para expressar exatamente o que desejamos, e isso pode ser feito por meio de diferentes linguagens. A obra *Banhistas na Grenouillière*, de Claude Monet, evidencia uma dessas formas de linguagem: a pictórica. Ao explorar luz e sombra, o artista consegue, por exemplo, passar uma sensação de movimento das águas e levar o leitor a se ambientar, como se estivesse em frente ao riacho.

Em momentos de interação, podem surgir dilemas sobre que linguagem usar, que palavra é a mais adequada, como deve ser sua escrita ou entonação e, ainda, se é melhor se calar. Além disso, é comum acreditarmos que basta conhecer a estrutura de uma língua para sermos proficientes nela. Embora isso seja relevante, neste capítulo vamos olhar para outros aspectos e refletir sobre a função da língua em determinados contextos.

Atividades humanas, linguagem e interação



Diferentes tipos de linguagens são representados na tirinha, como a música, as falas e as expressões faciais das personagens.

Em nosso cotidiano, realizamos várias atividades: estudamos, trabalhamos, ouvimos música, assistimos a um filme, acessamos a internet, dançamos, cantamos, jogamos, lemos livros ou revistas, respondemos mensagens em redes sociais e aplicativos de mensagem etc.

Todas as nossas ações estão permeadas por linguagem: é por meio dela que interagimos com o mundo que nos cerca e nos constituímos enquanto sujeitos.

Na tirinha, diversas linguagens estão representadas: a música, a conversa, o texto escrito (no livro que Marieta segura), a expressão facial e até mesmo a ilustração, que demonstra o cenário onde ocorre o diálogo. Todos esses elementos dialogam entre si para a constituição do texto. O sentido, no entanto, é construído na relação entre texto, autor e leitor, ou seja, na interação entre elementos necessários à compreensão da história. Se, em um primeiro momento, imaginamos que Arturzinho está com o coração partido por conta da canção que ele canta, logo percebemos que o motivo da tristeza é outro.

No papel leitores/ouvintes, não somos sujeitos passivos, pois precisamos colocar em jogo nossos conhecimentos prévios para estabelecer sentidos. No caso da tirinha, é importante saber, por exemplo, que a personagem Arturzinho é um filho de fazendeiro bastante egoísta, que está sempre querendo tirar vantagem em tudo. Também precisamos recordar como os assuntos “eleições” e “políticos” são encarados em nossa sociedade atual. Tais conhecimentos são fundamentais para ressignificar as falas e perceber o porquê da tristeza do menino e da expressão de espanto das meninas.

Além disso, nossa compreensão do texto a partir desses conhecimentos acionados nos incentiva a refletir sobre a intencionalidade do autor da tirinha: de forma lúdica, ele aponta para os interesses que podem estar envolvidos na escolha de um candidato, deixando que o leitor reflita sobre isso. Por meio da análise do texto, é possível, ainda, extrapolar e realizar outras inferências, como a discussão da questão de classes: interesse de fazendeiros X direitos de trabalhadores.

A linguagem é, portanto, uma prática social humana a partir da qual os sujeitos interagem na vida. Para compreendê-la, é fundamental conhecer os sujeitos e as relações que estão em jogo entre eles, bem como o contexto histórico e social da época em que ela é usada.

Os gêneros do discurso

A linguagem que utilizamos no nosso dia a dia se apresenta em textos que possuem diferentes formatos e atendem

às necessidades do contexto em que surgem. Se desejamos, por exemplo, fazer um pedido, analisamos o contexto e os interlocutores envolvidos para decidir se devemos escrever um bilhete, uma carta, um *e-mail*, um formulário de solicitação ou se enviamos um áudio por aplicativo de mensagens. Essas diferentes “maneiras de dizer algo” são os gêneros do discurso. É por meio deles que interagimos socialmente.

Quando produzimos um texto (seja oral ou escrito), temos de ter em mente qual é a nossa intenção comunicativa para decidir que gênero discursivo é o mais adequado.

Propósito comunicativo	Gêneros em que é comumente utilizado
Relatar fatos reais ocorridos recentemente na vida social.	Notícia, reportagem, entrevista, relato pessoal, <i>blog</i> de viagem.
Divulgar produtos e serviços de modo positivo.	Propaganda, novela, notícia, rede social, prefácio, classificado, entrevista, resenha, guia de turismo.
Autopromover-se apresentando uma imagem positiva de si mesmo.	Rede social, palestra, conferência, entrevista, <i>blog</i> , <i>tweet</i> , relato pessoal.
Criticar e avaliar atores sociais e instituições da vida pública.	Editorial, carta do leitor, tirinha, charge, artigo de opinião, coluna de opinião, entrevista, debate televisivo, história em quadrinhos.
Avaliar conhecimentos de atores sociais.	Prova, exercício, redação escolar, entrevista de emprego, entrevista de seleção de alunos, pré-projeto, seminário oral, prova oral, teste psicotécnico.
Interagir, mantendo contato social e reforçando vínculos de amizade com os outros.	Conversa cotidiana, caso, relato de experiência, cumprimento diário, piada, rede social, telefonema, carta, <i>e-mail</i> , <i>blog</i> .
Refletir sobre a condição humana.	Poesia, romance, conto, crônica, cartum, tirinha, sermão, palestra.
Confortar as pessoas.	Livro de autoajuda, sermão, lírico, pêsames, depoimento pessoal, oração, prece, carta.
Regrar e orientar o comportamento das pessoas.	Fábula, lei, norma de empresa, regimento, regulamento, propaganda.
Enaltecer pessoas.	Prefácio, discurso oral público, cumprimento, resenha, depoimento.

ALVES FILHO, Francisco. *Gêneros jornalísticos*: notícias e cartas de leitor no Ensino Fundamental. São Paulo: Cortez, 2011. p. 37.

No processo de leitura, compreender a finalidade do gênero também é importante para nos ajudar a projetar sentidos sobre certo texto. Ao ler uma charge, por exemplo, já esperamos encontrar uma crítica social ou política, o que não acontece quando vamos ler uma bula de remédio, cujo propósito está mais relacionado à instrução sobre sua composição e uso.

Os exames pré-vestibulares selecionam textos de gêneros discursivos diversos e trazem questões que exploram suas especificidades. Portanto, compreender o funcionamento de uma variedade maior de gêneros e suas finalidades pode ser bastante útil.

Língua e linguagem

Quando fazemos uso de gêneros do discurso, nas mais diversas situações comunicativas nas quais interagimos, utilizamos diferentes linguagens. Cada uma delas é “selecionada” levando em conta o que é mais ou menos comum no gênero.

O conceito de linguagem é bem amplo e está ligado a toda forma de comunicação que podemos utilizar no nosso dia a dia. Quando fechamos nossa mão e levantamos o polegar, estamos indicando um “joia”, ou seja, mostrando para nosso interlocutor que algo está bem. Se vamos a uma exposição e observamos um quadro, podemos compreender a mensagem do artista analisando os traços e as cores utilizados. Essa forma de comunicação que não faz uso da palavra é chamada **linguagem não verbal**, como é o caso da dança, da escultura e da música, por exemplo.

Másteri 1305/Shutterstock.com



A dança é uma forma de comunicação não verbal.

Vanessa Volk/Shutterstock



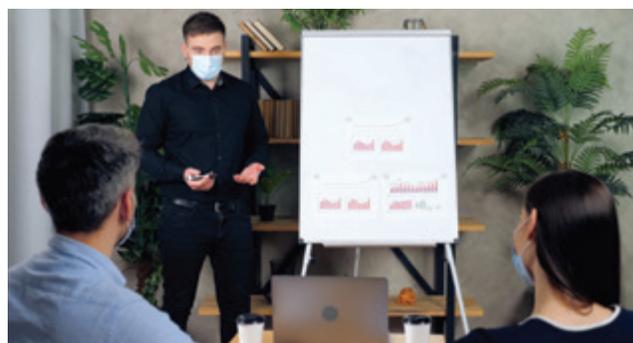
Hélio Oiticica. *Invention of Color, Penetrable Magic Square # 5, De Luxe*, 1977. A escultura também faz uso da linguagem não verbal.



Igor Bulgarin/Shutterstock.com

O som de uma orquestra é outro exemplo de linguagem não verbal.

Já a noção de língua refere-se a um tipo específico de linguagem, a **verbal**, que se caracteriza pelo uso de palavras. Essa é a forma de comunicação mais comum utilizada pelo ser humano e pode se materializar tanto por meio de sons – **língua falada** – como pelo uso de letras – **língua escrita**.



viacheslav_petrusha/Shutterstock.com

A língua falada é caracterizada pelo uso de sons, como em uma apresentação.



fizikes/Shutterstock.com

A língua escrita é muito utilizada em conversas virtuais.

💡 Saiba mais

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é um sistema linguístico que faz uso de gestos, não de palavras. Esse idioma possui organização gramatical específica e é a forma de comunicação oficial entre as pessoas surdas do Brasil.



Andrey_Popov/Shutterstock.com

A Libras utiliza um sistema linguístico formado por gestos.

Há ainda textos que fazem uso dessas duas formas de linguagem, tanto a verbal quanto a não verbal. É o caso dos filmes e das séries, que misturam sons, imagens, músicas, legendas e falas, ou das canções, que, além da parte musical, apresentam uma letra que é oralizada. Esse tipo de linguagem é denominado **multimodal** e é, como veremos mais à frente, bastante comum em diversos gêneros que utilizamos hoje em dia.



O teatro é um exemplo de linguagem multimodal, pois nele estão presentes a dança, o canto, as expressões faciais e corporais e a fala oral, baseada em texto escrito.

Português brasileiro e identidade cultural

Norma, variação e uso

Toda língua – seja falada ou escrita – se organiza em torno de um conjunto de sistemas que, juntos, evidenciam o seu funcionamento. Esses sistemas são:

1. **a gramática:** envolve a fonética (sons da língua), a morfologia (estrutura e formação das palavras) e a sintaxe (relação entre os elementos de uma oração);
2. **o léxico:** trata do conjunto de palavras;
3. **a semântica:** explora o significado de palavras ou expressões;
4. **o discurso:** estuda o texto em seu contexto de uso.

Ao se comunicar, o sujeito coloca em ação as regras que constituem cada um desses sistemas e as atualiza no **uso** que faz cotidianamente da língua.

Por ser utilizada por um grande número de pessoas, a língua reflete as características desse grupo social e também ajuda a constituir-lo. Como a própria sociedade se modifica com o tempo, a língua acompanha essas transformações. Assim, concluímos que seu estado natural, sua característica fundamental é a **variação**.

O que conhecemos como **norma-padrão** são as regras socialmente constituídas e aceitas como referência para uma sociedade em um determinado momento sociocultural. Ela também não é imutável; por isso, pode sofrer alterações com o passar do tempo.

Como usuários da língua, não só é importante conhecer a norma-padrão, já que a vida social é regulada por normas, como também é fundamental compreender os fatores sociais que podem atuar no fenômeno da variação linguística. É no uso que, de fato, vamos perceber qual é a forma da língua mais adequada a ser empregada, considerando o contexto e os interlocutores envolvidos.

A diversidade da variação



Pessoas de regiões distintas podem fazer uso de palavras diferentes que expressam o mesmo significado.

Tendo em vista a riqueza cultural de nosso país, muitas vezes entramos em contato com uma diversidade linguística que evidencia como a variação é de fato um fenômeno natural.

Na tirinha de Armandinho, vemos que ele e seus amigos utilizam palavras diferentes para se referir a uma raiz comestível bastante comum em todo o Brasil. É difícil afirmar como é o uso em cada região (porque isso pode variar), mas, de modo geral, sabemos que o termo “mandioca” é bastante utilizado nas regiões Sul (alguns estados) e Sudeste (em especial São Paulo e Espírito Santo); “aipim” é como esse tubérculo é conhecido nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Santa Catarina, por exemplo; e “macaxeira” é a forma mais comum na região Nordeste. É claro que há outras regiões em que esses termos são utilizados.

Uma curiosidade em relação a essas palavras é que, embora elas sejam usadas como sinônimos na maioria do país, em vários estados nordestinos elas fazem referência a tipos diferentes desse tubérculo: “macaxeira” refere-se à raiz utilizada na alimentação, e “mandioca” à que é usada para se fazer farinha.

Esse conhecimento é importante para a compreensão da tirinha, pois o uso dessas palavras pode dar pistas sobre o lugar de onde vem cada uma das crianças. Concluímos, assim, que elas não são de uma mesma região.

Veremos, a seguir, diversos fatores que podem influenciar a variação em uma língua.

Origem geográfica

Em diferentes regiões do país e até mesmo em países que têm a mesma língua, podemos observar diferenças não só em relação ao léxico, mas também no que se refere à pronúncia das palavras. Isso também ocorre com pessoas que vivem em uma região rural, central ou periférica. As falas de Chico Bento, nas histórias em quadrinhos, têm sido utilizadas como exemplo dessa variação, mas essa não é uma realidade apenas de pessoas do campo. Vale lembrar que a variação do som do “r” medial, como em “porta”, é bastante evidente no estado de São Paulo, quando observamos os falares de cidadãos residentes na capital e no interior.

Idade

Se observarmos as escolhas linguísticas de crianças, jovens, adultos e idosos, constataremos diferentes usos de vocabulário e até de estrutura sintática. Por exemplo, o uso de “senhor” ou “senhora” é comum na fala das pessoas mais velhas, mesmo em situações mais informais, como no círculo familiar. Já os mais jovens tendem a usar essa expressão apenas em contextos formais, preferindo o uso de “você” em outros ambientes. As gírias também ajudam a compreender diferentes usos de vocabulário, já que são utilizadas mais frequentemente por adolescentes do que por pessoas mais velhas.

Escolarização

Ter ou não acesso à escolarização formal também pode gerar diferentes usos da língua. Isso ocorre porque na escola somos incentivados a refletir sobre um número maior de variantes, incluindo a variante de prestígio, que se aproxima da norma-padrão. O conhecimento dessa realidade evidencia como é despropositada a comparação entre sujeitos que apresentam falares distintos, quando, de fato, eles tiveram acesso a informações também distintas; ou seja, rir da forma como uma pessoa fala ou escreve, sabendo que ela não pôde estudar, demonstra um preconceito que precisa ser revisto em nossa sociedade.

Ocupação social

A profissão é um fator importante de variação. Determinadas palavras são mais comuns no uso cotidiano de um engenheiro do que no de um advogado (e vice-versa). Isso é válido para qualquer ocupação social que possamos ter: professores, policiais, enfermeiros, cozinheiros etc.

Ao escolher uma carreira profissional, seremos expostos a uma quantidade de palavras específicas daquela profissão e precisamos incorporá-las ao nosso vocabulário. É importante, no entanto, que, na comunicação com pessoas que não são desse mesmo grupo, estejamos atentos para usar uma variante que seja compreensível a elas. Um médico, por exemplo, em consulta com seu paciente, deve evitar usar tantos termos científicos que seriam adequados para falar com seus colegas, mas que não o são no diálogo com o público que atende.

Pense, ainda, nos grupos sociais constituídos de religiosos, estudantes, pais, poetas... Em cada um deles, observamos que a linguagem terá sua variação.

Contexto de uso



Em cada contexto e grupo social que frequentamos, é possível fazer diferentes usos da língua.

Não usamos as mesmas palavras ou expressões em uma apresentação de seminário, no diálogo com nossos amigos durante o intervalo escolar ou ainda nos momentos de lazer. Da mesma forma, quando estamos em ambientes digitais, como em redes sociais, costumamos usar uma linguagem que tem relação com esse espaço de comunicação, como abreviações, por exemplo.

Os diferentes contextos nos impulsionam a fazer escolhas e, a depender dos interlocutores envolvidos, optamos ou não pelo uso de uma construção linguística mais formal.

Classe social

O *status* social do indivíduo também pode ser um fator de variação linguística. Isso porque, em famílias cujo poder aquisitivo é mais alto, o acesso a bens culturais (livros, cinema, teatro etc.) é bem maior que em famílias carentes. As mudanças linguísticas perceptíveis entre pessoas de renda alta, média ou baixa podem ser observadas tanto em relação às escolhas lexicais quanto na construção sintática. Vale lembrar que em todas elas a variação ocorre, mas os estudos da área da linguagem evidenciam que são mudanças de naturezas diferentes.

Gênero

Em nossa sociedade, o fato de uma pessoa ser homem ou mulher também pode ser motivo para fazer uso ou não de uma palavra ou expressão. Um exemplo seriam as palavras de calão: apesar de, hoje em dia, existir uma maior aproximação na frequência do uso dessas palavras entre os indivíduos dos dois grupos, ainda se observa, socialmente falando, uma maior rejeição ao uso de palavrões quando usados por mulheres.

Como a variação é uma característica da língua, sabemos que essas percepções representam seu estado atual, mas não são regras fixas. À medida que a sociedade vai modificando seu pensamento, o uso de palavras e expressões por esses grupos sociais também sofrerá alteração.

Passagem do tempo



Com o passar dos anos, algumas palavras sofreram alterações em sua forma escrita.

Se compararmos a escrita da palavra “pharmacia”, do início do século XX, com a forma que utilizamos hoje em dia, perceberemos que a passagem do tempo também é um fenômeno de variação linguística. Além da escrita, as mudanças de uma língua ao longo da história também podem ocorrer em relação à pronúncia e até mesmo quanto ao significado.

Estabelecendo relações

As antigas trovadorescas estudadas em Literatura são um bom exemplo para evidenciar a mudança da língua ao longo do tempo. Elas foram escritas em galego-português e, se comparadas com o português atual, demonstram muitas diferenças.

Considerando todos esses fatores, percebemos que na língua pode haver diversos tipos de variação, como veremos no quadro a seguir.

Variações linguísticas	
Tipo de variação	Fatores de variação
Variação regional	– Origem geográfica
Variação social	– Idade – Gênero – Ocupação social – Escolarização – Classe social
Variação situacional	– Contexto de uso – espaço de circulação da mensagem (linguagem formal e informal)
Variação histórica	– Passagem do tempo

Todas elas refletem a identidade cultural da nossa língua e mostram que, para além do conhecimento da norma-padrão, é fundamental considerar as diversas possibilidades de uso e suas intencionalidades durante uma prática comunicativa.

Variação: língua falada e língua escrita

O conhecimento linguístico prévio, que o aluno já traz de casa, e aquele ensinado pelo professor são temas deste texto no qual o narrador conta sua experiência nos primeiros dias na escola.

Entre numa **lida** muito dificultosa. Martírio sem fim o não entender nadinha do que vinha nos livros e do que o mestre Frederico falava. Estranheza **colosso** me cegava e me punha tonto. Acho bem que foi desse tempo o mal que me acompanha até hoje de ser **recanteado** e meio **mocorongo**. Com os meus, em casa, conversava por trinta, tinha **ladineza** e entendimento. Na rua e na escola – nada; era completamente **afrásico**. As pessoas eram bichos do outro mundo que temperavam um palavreado grego de tudo.

Já sabia ajuntar as sílabas e ler por cima toda coisa, mas **descrencei** e perdi a **influência** de ir à escola, porque diante dos escritos que o mestre me passava e das lições marcadas nos livros, fiquei sendo um **quarta-feira de marca maior**. Alívio bom era quando chegava em casa.

Os meninos que arrumei para meus companheiros eram todos filhos de baiano. Conversavam muito diferente do que estava escrito nos livros e mais diferente ainda da gente de minha **parentalha**. Custei a danar a aprender a linguagem deles e aqueles **trancas** não quiseram aprender a minha. Faziam era caçoar. Nestes casos, por exemplo: eu falava “sungar”, os meninos da rua falavam “arribar”, e mestre Frederico dizia “erguer”. Em tudo o mais era um ang de caroço que avemaria.

Um dia cheguei atrasado e dei a desculpa de que o relógio lá de casa estava “**azangado**”. Aí o mestre entortou o canto da boca e enrugou o couro da testa e **derreou** a cabeça e ficou muito tempo assim de **esguelha** fígado em mim, depois estralou: — O relógio está o quê?!!

Ah, meu Deus... Tampei a cara com o livro, e uma coceira descomedida nas **popas** me pôs a retocar e a esfregar no banco, como quem tinha **panhado** bicho. Um menino que gostava muito de mim foi me salvar e embaçou-se todo também:

— Ele está dizendo que o relógio da casa dele “escanchelou”! Mestre Frederico derreou a cabeça para o outro lado e tornou a estralar:

— O quê!!!

Ajuntou a boca na maior afinco de estancar um riso quase vertente, ínterim em que a risadagem já ia entornando na sala toda.

— Silên...cio!...

E, peculiarmente, a palmatória surrou miúdo no tampo da mesa. Em tudo o mais era nesse teor. Era — não: é. Vivi até hoje empenhado na **peleja** mais dura, com o **viso** de me acostumar a falar de acordo, e não sou capaz. Em estando muito prevenido é que às vezes dou conta de puxar mais ou menos os efes e erres, assim mesmo sujeito a desastrosas **silabadas**... Descuidei, que seja, **resvalo**, e quando quero acudir é tarde. Sem maior esforço, dou conta de arrumar direitinho um fraseado com aparência de erudito, e em pouco prazo estiro no papel uma **chorola** certinha, conforme preceitua a gramática. Contar um caso bem contado, com cautela de não dar motivos a enjoamento em quem vai ler, é que não sou capaz porque tolhido dentro das regras que Mestre Frederico me ensinou nunca pude armar uma estória que prestasse. A coisa não se expressa, fica tudo pálido, **enxabido**, um negócio **maninho** que não há quem traga.

Só **desaçaimado** de tudo quanto é fiscalização de regras e formas, sou capaz de ajeitar uma prosa sofrível. Aí vou desalojando de dentro de mim as palavras e as formas que trago na massa do sangue, olvido o mundo que me cerca e me **engolfo** numa lembrança qualquer mal apagada e, assim, às vezes arrumo uma escrita que não enfada muito.

BERNARDES, Carmo. Rememórias dois. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004. p. 13-14.

lida: trabalho ou luta.

colosso: enorme.

recanteado: reservado, introvertido.

mocorongo: bobo, tolo.

ladineza: astúcia, esperteza.

afrásico: incapaz de falar palavras ou frases.

descrençar: regionalismo que significa descreer; perder o interesse.

influência: animação; entusiasmo.

quarta-feira de marca maior: relapso, que perdeu o interesse pela escola.

parentalha: parentela (derivado de parente).

tranca: empecilho; mau caráter.

azangado: atrasado.

derrear: inclinar (a cabeça).

esguelha: enviesado, olhar de lado.

popas: nádegas, bumbum.

panhado: variação de “apanhado”; pegado.

escanchelar: atrasar.

estralar: xingar; esbravejar.

peleja: luta; esforço; trabalho.

viso: objetivo; propósito; finalidade.

silabada: erro de pronúncia em que se muda a posição do acento tônico da palavra.

resvalar: errar.

chorola: texto.

enxabido: sem graça; monótono.

maninho: estéril; não aproveitável.

desaçaimado: sem cabresto; sem repressão.

engolfar: penetrar; mergulhar.

Saiba mais

Carmo Bernardes (1915-1996), natural de Patos de Minas, Minas Gerais, foi um escritor regionalista. Suas obras revelam a riqueza linguística de Goiás, local onde viveu grande parte de sua vida e ambientou a maioria de suas histórias. A que você leu retrata a experiência pessoal do escritor em uma escola municipal goiana, após sua família se mudar para a cidade de Formosa em meados de 1920.



Carmo Bernardes, escritor brasileiro, é conhecido por ser um regionalista.

Ao ler esse texto, você provavelmente entrou em contato com palavras que não são usuais em seu dia a dia e, por isso, precisou recorrer ao glossário para compreendê-las. Isso ocorre porque nele foram usadas palavras arcaicas (que hoje não são mais usuais), palavras regionais (comuns em apenas algumas partes do país) e, ainda, palavras que são comuns no contexto oral de comunicação, mas não no escrito. Todas essas formas evidenciam as variações comuns a qualquer língua.

No texto, o narrador apresenta as dificuldades vivenciadas pelo fato de não compreender as palavras utilizadas por seu professor e colegas e de não ser compreendido por eles. Observe que isso ocorre não apenas na comunicação oral como também na escrita.

Fala e oralidade

A língua é uma só, mas podemos fazer uso dela e interagir com o mundo por meio de suas duas modalidades: a oral ou a escrita. Utilizamos a modalidade oral nas situações de fala, seja em contextos mais cotidianos e informais, seja em situações mais formais.

Para nos comunicar na língua por meio de sons, fazemos uso da **fala**. É ela que aprendemos ainda crianças e utilizamos nas conversas em família e nos encontros com os amigos, por exemplo.



Em contextos mais informais, como em encontros com amigos, costumamos utilizar a língua oral de forma mais descontraída.

Quando utilizamos a língua falada em uma prática social, estamos fazendo uso da **oralidade**.

Nas situações mais espontâneas, que demandam menor planejamento ou controle do que precisa ser dito, fazemos uso da fala de forma mais automatizada. À medida que vamos participando de contextos mais complexos da vida, deparamo-nos com circunstâncias que exigem maior domínio e precisamos aprender como agir em cada uma delas.

Em uma entrevista de emprego, por exemplo, não basta apenas saber falar, é fundamental compreender o que, quando e como dizer algo, considerando os interlocutores envolvidos e o contexto de comunicação. Claro que, em uma conversa entre amigos, esses cuidados também são necessários, mas as coerções sociais são diferentes para cada um dos casos.

Ao adentrar a escola, o estudante já sabe usar a fala, mas precisa desenvolver sua oralidade, entrando em contato com práticas sociais diversas em que a modalidade oral da língua pode ser utilizada.

Ao contrário do que o senso comum acredita, a língua falada não é simples e espontânea, sem compromisso com a norma-padrão. Na verdade, é o contexto comunicativo que irá determinar se é preciso maior ou menor monitoramento, seja no que se refere a um planejamento, seja na escolha da variação mais adequada. Uma palestra, por exemplo, ocorre na modalidade oral e exige uma preparação prévia: leituras, estudo, pesquisa e anotações dos tópicos a serem ditos. Não há nada de simples ou espontâneo nessa situação de comunicação e, no que tange à linguagem, a palestra tende a ser mais próxima (ou não) da variante de prestígio de acordo com as particularidades do evento: público-alvo, tema, finalidade, lugar social dos interlocutores, espaço de divulgação etc.

A modalidade oral da língua apresenta algumas características próprias, como hesitação, repetição, interrupção e digressão.



No ambiente escolar, a oralidade é trabalhada em debates em grupo e apresentações de trabalho.

garetsworkshop/Shutterstock.com

Especificidade da língua oral	Como ocorre	Exemplo
Hesitação	Silêncios prolongados ou uso de expressões como “éh”, “hm”, “ah”.	– Os alunos saíram todos juntos... <u>éh</u> ... Eles... são do último ano. – Acho que o professor tá fazendo... <u>hm</u> ... uns 30 anos.
Repetição	Uso duplicado de palavras já ditas.	– Meu pai <u>tá</u> ... <u>tá</u> com poucos meses de vida. – Naquela novela, atuava <u>aquela</u> ... <u>aquela</u> ... Como é mesmo o nome da atriz?
Interrupção	Parada do fluxo de fala, seja por decisão do próprio falante, seja por um corte feito por seu interlocutor.	– Eu queria muito falar sobre... – Ah, não me venha de novo com esse assunto, cara!
Digressão	Distanciamento do tópico que está sendo dito e posterior retomada.	– O Carnaval é... <u>nossa... o do ano passado foi tão incrível!</u> ... enfim... o Carnaval é uma festa típica do Brasil.

Além disso, ao utilizar a língua oral, o falante pode fazer uso de recursos como entonação da voz, gestos, expressões faciais, ritmo de fala e mesmo o silêncio, que, dentro do contexto de comunicação oral, também pode dizer muito.

Escrita e letramento

A escrita é a capacidade que o ser humano tem de representar, por meio de letras, suas ideias. Ao aprendermos, nos primeiros anos escolares, como as letras podem ser combinadas para formar sílabas e palavras, estamos desenvolvendo nosso conhecimento em relação à escrita.

Mas não basta apenas saber escrever palavras ou textos, uma vez que é fundamental conhecer situações concretas nas quais elas sejam necessárias. Quando uma pessoa sabe fazer uso da escrita nas mais diversas formas de comunicação, dizemos que ela é letrada. O letramento, portanto, refere-se às práticas sociais que envolvem a escrita.

A noção de letramento é mais ampla que a de escrita. Um indivíduo pode ser analfabeto e, ainda assim, ser letrado quando, por exemplo, consegue tomar um ônibus: ele não sabe ler o que está escrito, mas reconhece “pistas”, como o formato e as cores das letras e até mesmo os números do transporte para chegar ao seu destino. Envolvido em uma sociedade grafocêntrica, algum grau de letramento sempre é possível ter.

A escola visa não só à aprendizagem da escrita e à compreensão de seu funcionamento, mas também possibilita ao aluno que tenha cada vez mais contato com diferentes práticas sociais que envolvem a escrita. Ao lidar com cada uma delas, ele amplia seu grau de letramento. Pense, por exemplo, na elaboração de um *e-mail*: além de saber redigi-lo, é importante refletir sobre sua finalidade e, de fato, vivenciar uma situação concreta em que o envio desse texto seja significativo. Também é fundamental avaliar se a comunicação a partir desse gênero é a mais adequada ou se seria melhor enviar uma carta ou mensagem em aplicativo de comunicação por texto.

No que se refere à especificidade da escrita, é possível dizer que ela também dispõe de recursos que são exclusivos dessa modalidade de língua, como a pontuação, a organização em parágrafos, os destaques no texto (itálico e negrito, por exemplo) e mesmo a distribuição da informação no papel (que em alguns casos, como nos poemas verbo-visuais, podem expressar sentidos).

Estabelecendo relações

Em Literatura, a forma como a escrita é apresentada em poemas verbo-visuais pode ser significativa na construção de sentidos do texto. Por isso, mais do que simplesmente observar o que está escrito, é preciso estar atento à distribuição das palavras no papel.

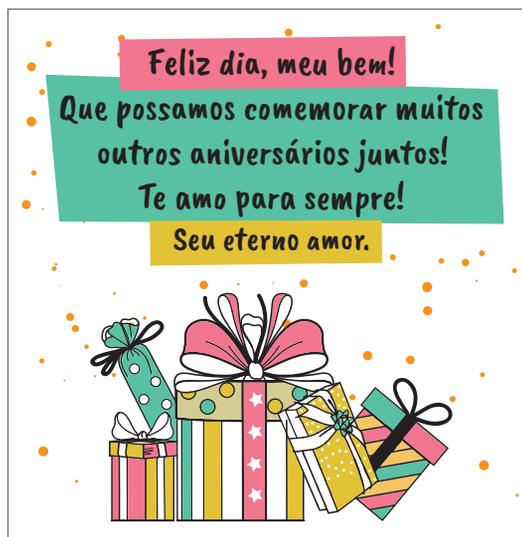
A inter-relação entre fala e escrita

A ideia de oposição radical entre a língua falada e a língua escrita – como uma ser mais simples, e a outra mais complexa – não é mais aceita entre os estudiosos da linguagem. Isso porque, com a observação de alguns gêneros discursivos de uma mesma esfera de comunicação, conseguimos perceber muito mais semelhanças que diferenças entre eles.

Ao comparar uma palestra com um artigo científico, é possível evidenciar nas duas situações, por exemplo, o alto grau de planejamento e maior monitoramento do uso da língua em relação à norma-padrão, mesmo sendo gêneros que fazem uso, no contexto de sua realização, de diferentes modalidades da língua: a oral e a escrita.

No caso de um bilhete (língua escrita) e um bate-papo familiar (língua falada) ocorrem também mais aproximações que distanciamentos. Nesses exemplos, percebe-se um menor grau de planejamento para a produção de enunciados e a possibilidade de maior flexibilização em relação ao uso da variante de prestígio da língua.

Compreendida essa inter-relação, podemos dizer que, no que tange à variação linguística, tanto a fala quanto a escrita podem variar, já que esse fenômeno é uma característica de qualquer língua, independentemente da modalidade de sua realização.



No cartão de aniversário, percebemos a ocorrência de uma variedade linguística.

Quando em um cartão de aniversário para a pessoa amada escrevemos “Te amo”, estamos utilizando uma variedade não padrão da língua. No entanto, essa forma não é inadequada ao considerarmos tanto o contexto informal de comunicação, como o grau de intimidade entre os interlocutores.

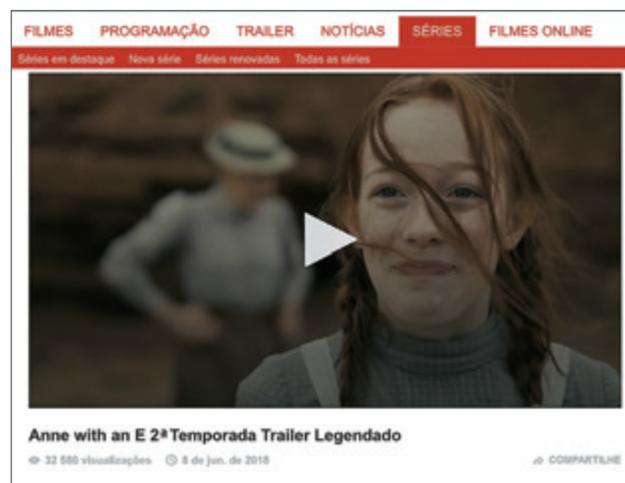
Atenção

Segundo a norma-padrão, no início de sentenças o pronome pessoal do caso oblíquo (como o “te” em “te amo”) não deveria ser utilizado. Por esse motivo, em vez de dizer “Te amo”, a forma padrão seria “Eu te amo” ou “Amo-te”. Esses usos, no entanto, podem gerar um efeito linguístico de maior distanciamento do interlocutor e é preciso avaliar, na situação comunicativa, se essa é mesmo a finalidade que o sujeito busca ao produzir seu enunciado.

É possível, portanto, observarmos variação quando comparamos a língua falada e a língua escrita, mas isso não está ligado exclusivamente à modalidade (oral/escrita), e sim ao gênero discursivo utilizado e ao contexto de produção desse discurso (interlocutores envolvidos, finalidade da comunicação etc.).

Língua e linguagem: multimodalidade e multisssemioses

A imagem a seguir reproduz a página de um *site* que traz indicações de filmes e séries. Nela, é possível observar a presença de um vídeo, evidenciando que, em contexto digital, deveríamos apenas clicar na seta sobre a imagem central para poder assistir ao *trailer* indicado.



ANNE with E. *Adoro Cinema*, 8 jun. 2018. Disponível em: www.adorocinema.com/series/serie-20175/video-19558881/. Acesso em: 10 ago. 2022.

No contexto digital, é possível assistir ao vídeo no próprio *site*.

Levando em conta nosso conhecimento de mundo, podemos observar que o gênero *trailer* faz uso de um conjunto rico de linguagens para atingir seu propósito comunicativo. Ele apresenta:

- língua falada: no diálogo entre as personagens ou na apresentação do narrador.
- língua escrita: na apresentação das falas em legendas ou nos destaques da série (título da obra, nome de atores etc.).
- imagens em movimento: na exibição das cenas da história.
- imagens estáticas: na presença, por exemplo, de um porta-retrato sobre um móvel.

- sons: nas formas mais variadas, como de carros, animais, chuva, vento etc.
- músicas: na trilha sonora que envolve a obra.
- cores: na iluminação das cenas com maior ou menor intensidade de luz ou na seleção de tons mais escuros, alegres ou suaves em determinados momentos da história.

Toda essa composição evidencia que o gênero *trailer* é multimodal, ou multissemiótico.

A multimodalidade (ou multissemiose) diz respeito ao uso, em um mesmo texto, de duas ou mais formas distintas de linguagem: palavras, gestos, imagens, olhares, sons, entonação etc. O uso desses elementos remete a diferentes intencionalidades da comunicação e é necessário saber interpretá-los. Portanto, é fundamental estar atento aos vários significados que se constroem a partir do uso dessas múltiplas linguagens.

Podemos dizer que a multimodalidade é uma característica própria de qualquer texto, pois, mesmo quando aparentemente fazemos uso de apenas uma forma de linguagem – a língua escrita em uma página de livro, por exemplo –, é possível observar alguma outra forma de linguagem associada. No caso do livro, o tamanho da fonte (maior ou menor) e a disposição do texto no papel são informações visuais que podem, por exemplo, incentivar ou não o leitor a adquirir a obra.



Os livros físicos podem apresentar diferentes tipos de letras, maior ou menor espaçamento entre as linhas e outros recursos de acordo com sua finalidade.

Em atividades de leitura e produção de texto – na escola ou na vida –, precisamos estar atentos a essa multiplicidade de linguagens para saber interpretar os sentidos a que cada uma delas remete, sempre considerando o gênero discursivo e as intencionalidades pretendidas em um determinado contexto de uso.

O *meme*, por exemplo, é um texto multimodal relativamente fácil de ser produzido, considerando as ferramentas disponíveis na internet, mas exige um esforço de inferência muito grande, já que o leitor precisa estar atento às pistas que colaboram para a construção do sentido.



O *meme* é um exemplo de texto multimodal, que combina linguagens diferentes para gerar efeitos de sentido.

Em exames nacionais, como o Enem, e em vestibulares de todo país, os textos multimodais são constantemente utilizados para que possamos demonstrar se percebemos como se constrói a produção de significados pelo uso de linguagens diversas. Por esse motivo, é fundamental ampliar nosso repertório de experiências letradas por meio do contato com textos diversos – tirinhas, charges, anúncio publicitário, infográfico etc. –, compreendendo seu funcionamento e seus sentidos.

Participar de práticas sociais diversas em que podemos fazer uso de textos multimodais, inclusive em contextos digitais, contribui para que possamos nos constituir como seres multiletrados, o que também aumenta as chances de se alcançar um melhor resultado em exames como os citados anteriormente.

Revisando

Leia a crônica a seguir para responder às questões de 1 a 3.

Cultura

Ele disse: “O teu sorriso é como o primeiro suave susto de Julieta quando, das sombras perfumadas do jardim sob a janela insone, Romeu deu voz ao sublime Bardo e a própria noite aguçou seus ouvidos.”

E ela disse: “Corta essa”.

E ele disse: “A tua modéstia é como o rubor que assoma à face de rústicas campônias acossadas num quadro de Bruegel, pai, enaltecendo seu rubicundo encanto e derrotando o próprio simular de recato que a natureza, ao deflagrá-lo, quis.”

E ela disse: “Cumé que é?”

E ele: “Eu te amo como jamais um homem amou, como o Amor mesmo, em seu autoamor, jamais se considerou capaz de amar.”

E ela: “Tô sabendo...”

“Tu és a chuva e eu sou a terra; tu és ar e eu sou o fogo; tu és estrume, eu sou raiz.”

“Pô!”

“Desculpe. Esquece este último símile. Minha amada, minha vida. A inspiração é tanta que transborda e me foge, eu estou bêbado de paixão, o estilo tropeça no meio-fio, as frases caem do bolso...”

“Sei...”

[...]

VERISSIMO, Luis Fernando. *As mentiras que os homens contam*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 149-50. © by Luis Fernando Verissimo.

1. A crônica evidencia uma situação que acontece cotidianamente.
 - a) Que situação é essa?
 - b) Que linguagem geralmente é utilizada nesse tipo de situação: formal ou informal? Justifique.
2. As personagens parecem se entender ao longo dos diálogos? De que forma a linguagem evidencia isso?
3. Releia o trecho:

“A tua modéstia é como o rubor que assoma à face de rústicas campônias acossadas num quadro de Bruegel, pai, enaltecendo seu rubicundo encanto e derrotando o próprio simular de recato que a natureza, ao deflagrá-lo, quis.”

- a) Explique por que essa variedade linguística não é adequada ao contexto comunicativo.
- b) Na sua opinião, como deveria ser a fala do rapaz para que atendesse ao propósito comunicativo de um romance?

4. **Fatec-SP 2020** Leia a charge:



Disponível em: <https://tinyurl.com/y4xtwco>. Acesso em: 19 out. 2019.

De acordo com as informações verbais e não verbais apresentadas na charge, pode-se depreender, corretamente, que

- a) a alta qualificação profissional da maioria da população acarreta um aumento no número de vagas não preenchidas no mercado de trabalho.
- b) as vagas de emprego cresceram devido à alta concorrência entre os trabalhadores, incluindo-se até mesmo crianças e mulheres na disputa por uma vaga no mercado de trabalho.
- c) a falta de oportunidade de trabalho, aliada a novos meios de transporte de massa, impedem o desenvolvimento de atividades paralelas no mercado de trabalho.
- d) as vagas ofertadas no mercado de trabalho, apesar de inúmeras e constantes, não garantem estabilidade e remuneram menos do que as atividades “empreendedoras”.
- e) a resiliência, aliada à persistência, levam as pessoas a se realocarem dentro do mercado de trabalho e, consequentemente, adaptarem-se a novas oportunidades de trabalho.

5. Enem

O Chat e sua linguagem virtual

O significado da palavra chat vem do inglês e quer dizer “conversa”. Essa conversa acontece em tempo real, e, para isso, é necessário que duas ou mais pessoas estejam conectadas ao mesmo tempo, o que chamamos de comunicação síncrona. São muitos os sites que oferecem a opção de bate-papo na internet, basta escolher a sala que deseja “entrar”, identificar-se e iniciar a conversa. Geralmente, as salas são divididas por assuntos, como educação, cinema, esporte, música, sexo, entre outros. Para entrar, é necessário escolher um nick, uma espécie de apelido que identificará o participante durante a conversa. Algumas salas restringem a idade, mas não existe nenhum controle para verificar se a idade informada é realmente a idade de quem está acessando, facilitando que crianças e adolescentes acessem salas com conteúdos inadequados para sua faixa etária.

AMARAL, S. F. Internet: novos valores e novos comportamentos. In: Silva, E. T. (Coord.). *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003. (adaptado).

Segundo o texto, o chat proporciona a ocorrência de diálogos instantâneos com linguagem específica, uma vez que nesses ambientes interativos faz-se uso de protocolos diferenciados de interação. O chat, nessa perspectiva, cria uma nova forma de comunicação porque

- possibilita que ocorra diálogo sem a exposição da identidade real dos indivíduos, que podem recorrer a apelidos fictícios sem comprometer o fluxo da comunicação em tempo real.
- disponibiliza salas de bate-papo sobre diferentes assuntos com pessoas pré-selecionadas por meio de um sistema de busca monitorado e atualizado por autoridades no assunto.
- seleciona previamente conteúdos adequados à faixa etária dos usuários que serão distribuídos nas faixas de idade organizadas pelo site que disponibiliza a ferramenta.
- garante a gravação das conversas, o que possibilita que um diálogo permaneça aberto, independentemente da disposição de cada participante.
- limita a quantidade de participantes conectados nas salas de bate-papo a fim de garantir a qualidade e eficiência dos diálogos, evitando mal-entendidos.

6. Enem Resta saber o que ficou das línguas indígenas no português do Brasil. Serafim da Silva Neto afirma: “No português brasileiro não há, positivamente, influência das línguas africanas ou ameríndias”. Todavia, é difícil de aceitar que um longo período de bilinguismo de dois séculos não deixasse marcas no português do Brasil.

ELIA, S. *Fundamentos Histórico-Linguísticos do Português do Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003 (adaptado).

No final do século XVIII, no norte do Egito, foi descoberta a Pedra de Roseta, que continha um texto escrito em egípcio antigo, uma versão desse texto chamada “demótico”, e o mesmo texto escrito em grego. Até então, a antiga escrita egípcia não estava decifrada. O inglês Thomas Young estudou o objeto e fez algumas descobertas como, por exemplo, a direção em que a leitura deveria ser feita. Mais tarde, o francês Jean-François Champollion voltou a estudá-la e conseguiu decifrar a antiga escrita egípcia a partir do grego, provando que, na verdade, o grego era a língua original do texto e que o egípcio era uma tradução.

Com base na leitura dos textos conclui-se, sobre as línguas, que

- cada língua é única e intraduzível.
- elementos de uma língua são preservados, ainda que não haja mais falantes dessa língua.
- a língua escrita de determinado grupo desaparece quando a sociedade que a produzia é extinta.
- o egípcio antigo e o grego apresentam a mesma estrutura gramatical, assim como as línguas indígenas brasileiras e o português do Brasil.
- o egípcio e o grego apresentavam letras e palavras similares, o que possibilitou a comparação linguística, o mesmo que aconteceu com as línguas indígenas brasileiras e o português do Brasil.

7. Enem 2013

Secretaria de Cultura EDITAL

NOTIFICAÇÃO — Síntese da resolução publicada no Diário Oficial da Cidade, 29/07/2011 — página 41 — 511ª Reunião Ordinária, em 21/06/2011.

Resolução nº 08/2011 — TOMBAMENTO dos imóveis da Rua Augusta, nº 349 e nº 353, esquina com a Rua Marquês de Paranaguá, nº 315, nº 327 e nº 329 (Setor 010, Quadra 026, Lotes 0016-2 e 00170-0), bairro da Consolação, Subprefeitura da Sé, conforme o processo administrativo nº 1991-0.005.365-1.

Folha de S.Paulo, 5 ago. 2011 (adaptado)

Um leitor interessado nas decisões governamentais escreve uma carta para o jornal que publicou o edital, concordando com a resolução sintetizada no Edital da Secretaria de Cultura. Uma frase adequada para expressar sua concordância é:

- Que sábia iniciativa! Os prédios em péssimo estado de conservação devem ser derrubados.
- Até que enfim! Os edifícios localizados nesse trecho descaracterizam o conjunto arquitetônico da Rua Augusta.
- Parabéns! O poder público precisa mostrar sua força como guardião das tradições dos moradores locais.
- Justa decisão! O governo dá mais um passo rumo à eliminação do problema da falta de moradias populares.
- Congratulações! O patrimônio histórico da cidade merece todo empenho para ser preservado.

8. Enem 2017



É DESSA FLORESTA QUE SAI O CHAPEUZINHO VERMELHO, JOÃO E MARIA, OS IRMÃOS KARAMAZOV, A DAMA DAS CAMÉLIAS E OS TRÊS MOSQUETEIROS.

Revista Bolsa, 1986. In: CARRASCOZA, J. A. *A evolução do texto publicitário: a associação de palavras como elemento de sedução na publicidade*. São Paulo: Futura, 1999 (adaptado).

Nesse cartaz publicitário de uma empresa de papel e celulose, a combinação dos elementos verbais e não verbais visa

- justificar os prejuízos ao meio ambiente, ao vincular a empresa à difusão da cultura.
- incentivar a leitura de obras literárias, ao referir-se a títulos consagrados do acervo mundial.
- seduzir o consumidor, ao relacionar o anunciante às histórias clássicas da literatura universal.
- promover uma reflexão sobre a preservação ambiental ao aliar o desmatamento aos clássicos da literatura.
- construir uma imagem positiva do anunciante, ao associar a exploração alegadamente sustentável à produção de livros.

9. Enem 2019



Disponível em: www.acnur.org. Acesso em: 11 dez. 2018.

Nesse cartaz, o uso da imagem do calçado aliada ao texto verbal tem o objetivo de

- criticar as difíceis condições de vida dos refugiados.
- revelar a longa trajetória percorrida pelos refugiados.
- incentivar a campanha de doações para os refugiados.
- denunciar a situação de carência vivida pelos refugiados.
- simbolizar a necessidade de adesão à causa dos refugiados.

10. Enem 2020



Esse anúncio publicitário propõe soluções para um problema social recorrente, ao

- promover ações de conscientização para reduzir a violência de gênero em eventos esportivos.
- estimular o compartilhamento de políticas públicas sobre a igualdade de gênero no esporte.
- divulgar para a população as novas regras complementares para as torcidas de futebol.
- informar ao público masculino as consequências de condutas ofensivas.
- regulamentar normas de boa convivência nos estádios.

Exercícios propostos

1. Enem 2016 O acervo do Museu da Língua Portuguesa é o nosso idioma, um “patrimônio imaterial” que não pode ser, por isso, guardado e exposto em uma redoma de vidro. Assim, o museu, dedicado à valorização e difusão da língua portuguesa, reconhecidamente importante para a preservação de nossa identidade cultural, apresenta uma forma expositiva diferenciada das demais instituições museológicas do país e do mundo, usando tecnologia de ponta e recursos interativos para a apresentação de seus conteúdos.

Disponível em: www.museulinguaportuguesa.org.br. Acesso em: 16 ago. 2012 (adaptado).

De acordo com o texto, embora a língua portuguesa seja um “patrimônio imaterial”, pode ser exposta em um museu. A relevância desse tipo de iniciativa está pautada no pressuposto de que

- a) língua é um importante instrumento de constituição social de seus usuários.
- b) o modo de falar o português padrão deve ser divulgado ao grande público.
- c) a escola precisa de parceiros na tarefa de valorização da língua portuguesa.
- d) o contato do público com a norma-padrão solicita o uso de tecnologia de última geração.
- e) as atividades lúdicas dos falantes com sua própria língua melhoram com o uso de recursos tecnológicos.

2. Enem 2021

Sinhá

Se a dona se banhou
Eu não estava lá
Por Deus Nosso Senhor
Eu não olhei Sinhá
Estava lá na roça
Sou de olhar ninguém
Não tenho mais cobiça
Nem enxergo bem

Para que me pôr no tronco
Para que me aleijar
Juro a vosmecê
Que nunca vi Sinhá
[...]

Por que talhar meu corpo
Eu não olhei Sinhá
Para que que vosmincê
Meus olhos vai furar
Eu choro em iorubá
Mas oro por Jesus
Para que que vassuncê
Me tira a luz.

CHICO BUARQUE; JOÃO BOSCO. Chico. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2011 (fragme)

No fragmento da letra da canção, o vocabulário empregado e a situação retratada são relevantes para o patrimônio linguístico e identitário do país, na medida em que

- a) remetem à violência física e simbólica contra os povos escravizados.

- b) valorizam as influências da cultura africana sobre a música nacional.
- c) relativizam o sincretismo constitutivo das práticas religiosas brasileiras.
- d) narram os infortúnios da relação amorosa entre membros de classes sociais diferentes.
- e) problematizam as diferentes visões de mundo na sociedade durante o período colonial.

3. UEMG 2019

As gravações de “Cuitelinho”

(Sírio Possenti)

“Cuitelinho” é o título de belíssima canção “folclórica”, já gravada por dezenas de cantores. Sua letra é corpus muito interessante para quem quiser saber como é o português falado no Brasil. Sendo música do folclore, tem evidentemente muitas características da gramática do português popular. Ouvindo as diversas gravações, descobrem-se pelo menos duas coisas: a primeira é que há muita variação, especialmente de pronúncia ou sotaque; a segunda, bem mais curiosa, deixando os detalhes de lado, refere-se ao fato de que, quanto menos “letrados” são os cantores, mais eles corrigem a letra, confirmando a tese de que a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante.

(<http://goo.gl/QTUzd>. Acesso: 28/03/2013. Adaptado.)

O que as correções feitas pelos intérpretes na pronúncia da letra “Cuitelinho” revelam acerca da relação entre ideologia e variação linguística?

- a) A ignorância por parte dos cantores populares em relação aos fatores políticos que envolvem a linguagem.
- b) A imposição da variante padrão da língua como estratégia de dominação de uma classe sobre as demais.
- c) O maior conhecimento da variante não padrão da língua por parte dos cantores mais letrados e esclarecidos.
- d) O orgulho dos intérpretes menos letrados ao afirmarem uma identidade popular expressa no sotaque.

4. Unicentro-PR 2017



Disponível em <http://www.chargeonline.com.br/>. Acesso em 23 set. 2017

Com base na leitura da charge supracitada, bem como de seus conhecimentos acerca da variação linguística do Português brasileiro, avalie as proposições a seguir:

- I. A língua é entidade imutável, homogênea, cabendo aos falantes atender à norma padrão culta.
- II. Toda língua é um conjunto diversificado, porque as sociedades humanas têm experiências históricas, sociais, culturais e políticas diferentes e essas experiências se refletirão no comportamento linguístico de seus membros.
- III. As variações (sintáticas e lexicais) são inerentes à fala e à escrita de pessoas pouco escolarizadas.
- IV. A aceitação ou não de certas formas linguísticas por parte da comunidade falante está relacionada com o significado social que lhe é imposto pelo grupo que as usa.

A partir da análise é correto considerar que:

- a) Somente a alternativa II está correta.
- b) Somente a alternativa III está correta.
- c) Somente as alternativas II e IV estão corretas.
- d) Somente as alternativas II e III estão corretas.

5. **Uniceub-DF 2018** Considere estas afirmações sobre a charge.



Disponível em: <https://tinyurl.com/yb4t4p3n>. Acesso em: 05.04.2018.

- I. As personagens revelam identidades linguísticas diversas.
- II. A diferença entre gerações denota a riqueza da expressão do paciente.
- III. O indivíduo com maior escolaridade conhece sua língua mais profundamente.
- IV. A diversidade de falares provoca barreiras para o diálogo entre paciente e médico.

É correto o que se afirma em

- a) I e II, apenas.
- b) II e III, apenas.
- c) I e IV, apenas.
- d) III e IV, apenas.
- e) II, III e IV, apenas.

6. Enem Digital 2020

Vender ou permitir o consumo de álcool por menores não é legal. Mais que uma gíria, é a lei.

Disponível em: www.inbatatais.com.br. Acesso em: 8 maio 2012.

No anúncio sobre a proibição da venda de bebidas alcoólicas para menores, a linguagem formal interage com a linguagem informal quando o autor

- a) desrespeita a regência padrão para ampliar o alcance da publicidade.
- b) elabora um jogo de significados ao utilizar a palavra “legal”.
- c) apoia-se no emprego de gírias para se fazer entender.
- d) utiliza-se de metalinguagem ao jogar com as palavras “legal” e “lei”.
- e) esclarece que se trata de uma lei ao compará-la a uma proibição.

7 Fuvest-SP 2017 (Adapt.)



Folha de S. Paulo, 02.04.2016.

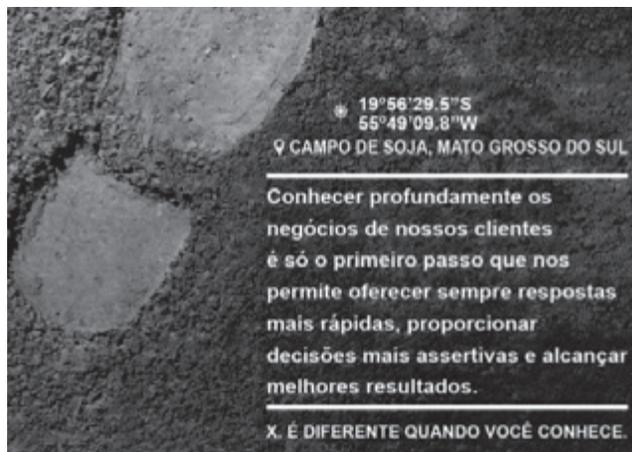
O texto que compõe as falas dos quadrinhos pertence inteiramente à modalidade escrita da língua portuguesa? Justifique sua resposta, com base em elementos presentes no texto.

8. **Fuvest-SP 2020 (Adapt.)** Examine a capa da revista *Superinteressante*, publicada em julho de 2019.



Explique como a imagem e o texto se combinam na construção do sentido.

9. **Fuvest-SP 2016** Examine este anúncio de uma instituição financeira, cujo nome foi substituído por X, para responder à questão.



Compare os diversos elementos que compõem o anúncio e atenda ao que se pede.

- Considerando o contexto do anúncio, existe alguma relação de sentido entre a imagem e o slogan “É DIFERENTE QUANDO VOCÊ CONHECE”? Explique.
- A inclusão, no anúncio, dos ícones e algarismos que precedem o texto escrito tem alguma finalidade comunicativa? Explique.

10. **Enem 2021**

Devagar, devagarinho

Desacelerar é preciso. Acelerar não é preciso. Afobados e voltados para o próprio umbigo, operamos, automatizados, falas robóticas e silêncios glaciais. Ilustra bem esse estado de espírito a música *Sinal fechado* (1969), de Paulinho da Viola. Trata-se da história de dois sujeitos que se encontram inesperadamente em um sinal de trânsito. A conversa entre ambos, porém, se deu rápida e rasteira. Logo, os personagens despedem, com a promessa de se

verem em outra oportunidade. Percebe-se um registro de comunicação vazia e superficial, cuja tônica foi o contato ligeiro e superficial construído pelos interlocutores: "Olá, como vai? / Eu vou indo e você, tudo bem? / Tudo bem, eu vou indo correndo, / pegar meu lugar no futuro. E você? / Tudo bem, eu vou indo em busca de um sono / tranquilo, quem sabe? / Quanto tempo... / Pois é, quanto tempo... / Me perdoa a pressa / é a alma dos nossos negócios / Oh! Não tem de quê. / Eu também só ando a cem".

O culto à velocidade, no contexto apresentado, se coloca como fruto de um imediatismo processual que celebra o alcance dos fins sem dimensionar a qualidade dos meios necessários para atingir determinado propósito. Tal conjuntura favorece a lei do menor esforço – a comodidade – e prejudica a lei do maior esforço – a dignidade.

Como modelo alternativo à cultura *fast*, temos o movimento *slow life*, cujo propósito, resumidamente, é conscientizar as pessoas de que a pressa é inimiga de perfeição e do prazer, buscando assim reeducar seus sentidos para desfrutar melhor os sabores da vida.

SILVA, M. F. L Boletim UFMG, n. 1749, set. 2011 (adaptado)

Nesse artigo de opinião, a apresentação da letra da canção *Sinal fechado* é uma estratégia argumentativa que visa sensibilizar o leitor porque

- adverte sobre os riscos que o ritmo acelerado da vida oferece.
- exemplifica o fato criticado no texto com uma situação concreta.
- contrapõe situações de aceleração e de serenidade na vida das pessoas.
- questiona o clichê sobre a rapidez e a aceleração da vida moderna.
- apresenta soluções para a cultura da correria que as pessoas vivenciam hoje.

11. **Fuvest-SP 2015** Examine a tirinha.



Fernando Gonsales, *Níquel Náusea: Cadê o ratinho?* São Paulo: Devir, 2011.

- De acordo com o contexto, o que explica o modo de falar das personagens representadas pelas duas traças?
- Mantendo o contexto em que se dá o diálogo, reescreva as duas falas do primeiro quadrinho, empregando o português usual e gramaticalmente correto.

12. AFA-SP 2014

A moça e a calça

Foi no Cinema Pax, em Ipanema. O filme em exibição é ruim: “O menino mágico”. Se mágico adulto geralmente é chato, imaginem menino. Mas isso não vem ao caso. O que vem ao caso é a mocinha muito da redondinha, condição que seu traje apertadinho deixava sobejamente clara. A mocinha chegou, comprou a entrada, apanhou, foi até a porta, mas aí o porteiro olhou pra ela e disse que ela não podia entrar:

- Não posso por quê?
- 10 — A senhora está de “Saint-Tropez”.
- E daí?
- Daí o porteiro olhou pras exuberâncias físicas dela, sorriu e foi um bocado sincero: — Por mim a senhora entrava. (Provavelmente completou baixinho... e entrava bem.) Mas
- 15 o gerente tinha dado ordem de que não podia com aquela calça bossa-nova e, sabe como é... ele tinha que obedecer, de maneira que sentia muito, mas com aquela calça não.
- O senhor não vai querer que eu tire a calça.
- Nós, que estávamos perto, quase respondemos por
- 20 ele: — Como não, dona! — Mas ela não queria resposta. Queria era discutir a legitimidade de suas apertadas calças “Saint-Tropez”. Disse então que suas calças eram tão compridas como outras quaisquer. O cinema Pax é dos padres e talvez por causa desse detalhe é que não pode
- 25 “Saint-Tropez”. A calça, de fato, era comprida como as outras, mas embaixo. Em cima era curta demais. O umbigo ficava ali, isolado, parecendo até o representante de Cuba em conferências panamericanas.
- Quer dizer que com minhas calças eu não entro?
- 30 — Quis ela saber ainda mais uma vez. E vendo o porteiro balançar a cabeça em sinal negativo, tornou a perguntar: — E de saia? De saia podia.
- Ela então abriu a bolsa, tirou uma saia que estava dentro, toda embrulhadinha (devia ser pra presente). Desembrulhou e vestiu ali mesmo, por cima do pomo da
- 35 discórdia. No caso, a calça “Saint-Tropez”. Depois, calmamente, afrouxou a calça e deixou que a dita escorresse saia abaixo. Apanhou, guardou na bolsa e entrou com uma altivez que só vendo.
- 40 Enquanto rasgava o bilhete, o porteiro comentou: — Faça votos que ela tenha outra por baixo. Outra calça, naturalmente.

(Stanislaw Ponte Preta)

O texto, embora escrito seguindo as regras da norma padrão culta da língua, apresenta, em vários momentos, estruturas com características de informalidade e coloquialismo. Assinale a alternativa em que o trecho NÃO está de acordo com a afirmativa acima.

- a) “A mocinha chegou, comprou entrada, apanhou, foi até a porta, mas aí o porteiro olhou pra ela e disse que ela não podia entrar.” (l. 6 a 8)
- b) “Desembrulhou e vestiu ali mesmo, por cima do pomo da discórdia.” (l. 34 a 36)
- c) “... não podia com aquela calça bossa-nova e, sabe como é... ele tinha que obedecer...” (l. 15 e 16)
- d) “Apanhou, guardou na bolsa e entrou com uma altivez que só vendo.” (l. 38 e 39)



Leia o conto de Carlos Drummond de Andrade para responder às questões de 13 a 16.

O entendimento dos contos

— Agora você vai me contar uma história de amor — disse o rapaz à moça. — Quero ouvir uma história de amor em que entrem caravelas, pedras preciosas e satélites artificiais. — Pois não — respondeu a moça, que acabara de concluir o mestrado de contador de histórias, e estava com a imaginação na ponta da língua. — Era uma vez um país onde só havia água, eram águas e mais águas, e o governo como tudo mais se fazia em embarcações atracadas ou em movimento, conforme o tempo. Osmundo mantinha uma grande indústria de barcos, mas não era feliz, porque Sertória, objeto dos seus sonhos, se recusava a casar com ele. Osmundo ofereceu-lhe um belo navio embandeirado, que ela recusou. Só aceitaria uma frota de dez caravelas, para si e para seus familiares. Ora, ninguém sabia fazer caravelas, era um tipo de embarcação há muito fora de uso. Osmundo apresentou um mau produto, que Sertória não aceitou, enumerando os defeitos, a começar pelas velas latinas, que de latinas não tinham um centavo. Osmundo, desesperado, pensou em afogar-se, o que fez sem êxito, pois desceu no fundo das águas e lá encontrou um cofre cheio de esmeraldas, topázios, rubis, diamantes e o mais que você imagina. Voltou à tona para oferecê-lo à rígida Sertória, que virou o rosto. Nada a fazer, pensou Osmundo; vou transformar-me em satélite artificial. Mas os satélites artificiais ainda não tinham sido inventados. Continuou humilde satélite de Sertória, que ultimamente passeava de uma lancha para outra, levando-o preso a um cordão de seda, com a inscrição “Amor imortal”. Acabou. — Mas que significa isso? — perguntou o moço, insatisfeito. — Não entendi nada. — Nem eu — respondeu a moça —, mas os contos devem ser contados, e não entendidos; exatamente como a vida.

(Contos plausíveis, 2012.)

13. Unifesp 2021 No texto, a moça

- a) finge não entender o próprio conto para perturbar o rapaz.
- b) sugere que a vida, como a maioria dos contos, dificilmente termina bem.
- c) sugere que dificilmente o sentido da vida possa caber em um conto.
- d) acredita que a vida precisa ser decifrada, como a maioria dos contos.
- e) acredita que os contos, como a vida, prescindem de explicação.

14. Unifesp 2021 Em sua história, a moça incorre em contradição ao tratar

- a) das caravelas.
- b) da recusa de Sertória em se casar.
- c) da tentativa de suicídio de Osmundo.
- d) dos satélites artificiais.
- e) das pedras preciosas.

15. Unifesp 2021 O título do conto antecipa seu caráter

- a) melancólico.
- b) fantástico.
- c) ambíguo.
- d) satírico.
- e) metalinguístico.

16. **Unifesp 2021** Observa-se o emprego de expressão própria da linguagem coloquial no trecho

- a) “Só aceitaria uma frota de dez caravelas, para si e para seus familiares” (2º parágrafo).
- b) “Sertória não aceitou, enumerando os defeitos, a começar pelas velas latinas, que de latinas não tinham um centavo” (3º parágrafo).
- c) “Era uma vez um país onde só havia água, eram águas e mais águas” (2º parágrafo).
- d) “Osmundo mantinha uma grande indústria de barcos, mas não era feliz, porque Sertória, objeto dos seus sonhos, se recusava a casar com ele” (2º parágrafo).
- e) “Osmundo, desesperado, pensou em afogar-se, o que fez sem êxito” (3º parágrafo).

17. **UnirG-TO 2018** Analise a charge abaixo e responda à questão.



BELLO. Redução da maioridade penal. In: CHARGES mostram que o Brasil atual é coisa do passado. *UFJF Notícias*. Juiz de Fora, 18 jan. 2017, Cultura e Arte. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/noticias/2017/01/18/10-charges-mostrar-que-o-brasil-atual-e-coisa-do-passado/>>. Acesso em: 18 out. 2017.

Considere as possibilidades de reescrita das falas das personagens do Texto I, de Bello, para a modalidade padrão e marque a alternativa mais adequada:

- a) Agora os menores de idade também poderão ser presos.
- b) Agora os de menor idade também vão poderem serem presos.
- c) Agora os de menores idades vão, também, poder serem presos.
- d) Agora os menor de idade também vai poder ser presos.

18. **Unicatólica-TO 2018** Analise a charge abaixo e responda à questão.



<https://www2.ufjf.br/noticias/2017/01/18/10-charges-mostrar-que-o-brasil-atual-e-coisa-do-passado/>. Charges mostram que o Brasil atual é coisa do passado. *UFF Notícias*. Revista A3; 18/01/2017; Editoriais Cultura e Arte.

Analisando a linguagem verbo-visual empregada, pelo chargista, na construção do texto acima, pode-se afirmar que:

- a) Há uma crítica implícita ao foro privilegiado concedido a políticos que praticam atos ilícitos.
- b) O personagem que segura o chapéu na mão concorda com esse foro privilegiado.
- c) Ambos os personagens discordam do foro privilegiado concedido a certos políticos desonestos.
- d) Pelo contexto da charge, ambos os personagens poderão se beneficiar do foro privilegiado, por isso o primeiro manifesta tanta alegria.

19. **Acafe-SC 2021** Assinale a alternativa cujo texto está de acordo com as normas da língua escrita padrão.

- a) Com um circuito seletivo, o autódromo Spa-Francorchamps é encarado como um grande desafio pelos pilotos, que podem tirar o máximo de proveito de seus carros. Todavia, esperam-se grandes emoções, pois há perspectiva de chuva no horário da corrida.
- b) A Polícia Federal investiga os empresários que ajudaram os doleiros a fugir para a Bolívia e Paraguai. A polícia desses países não puderam prender eles porque o Brasil não fez um pedido formal.
- c) A cantora Anitta passou um cortado ontem. Tipo quando um fã se aproximou e teve um *love affair* com a *lady* revelado para quem quisesse ver.
- d) Para que mentir tanto se tu sabe que eu eu sei que tu não gosta de mim?

20. **Acafe-SC 2020** Assinale a frase que está de acordo com as normas da língua escrita padrão.

- a) Toda comunidade indígena, a cujas aspirações e necessidades devem vincular-se as políticas públicas, possui cultura própria, que precisa ser respeitada.
- b) Toda comunidade indígena, de cujas aspirações e necessidades devem vincular-se às políticas públicas, possui cultura própria, a que precisa ser respeitada.
- c) Toda comunidade indígena, a cujas aspirações e necessidades devem vincular-se às políticas públicas, possui cultura própria, à qual precisa ser respeitada.
- d) Toda comunidade indígena, cujas aspirações e necessidades devem vincular-se as políticas públicas, possui cultura própria, de que precisa ser respeitada.

21. **Acafe-SC 2019** Assinale a frase que está de acordo com as normas da língua padrão.

- a) Verão chegando peço, se possível, alerte as pessoas para tomarem cuidado, assim como em todo nosso Brasil não a segurança, pois Floripa também está a mercê de marginais.
- b) Nem as sinaleiras, chamadas de onda verde, que abriria conforme o fluxo, os caras conseguem fazer funcionar direito, imaginem o reconhecimento facial, irão filmar um cachorro e irá aparecer o Brad Pitt, pode apostar.
- c) Quando reciclamos o plástico ou compramos plástico reciclado, estamos contribuindo com o meio ambiente, pois esse material deixa de ir para os aterros sanitários ou para a natureza, poluindo rios, lagos, solos e matas.
- d) Uma coisa que eu aprendi na vida, foi respeitar opiniões alheias, principalmente em assuntos que tenho pouco conhecimento, pois formamos opiniões com nossas experiências de vida.

22. Enem 2014

Texto I

Seis estados zeram fila de espera para transplante da córnea

Seis estados brasileiros aproveitaram o aumento no número de doadores e de transplantes feitos no primeiro semestre de 2012 no país e entraram para uma lista privilegiada: a de não ter mais pacientes esperando por uma córnea.

Até julho desse ano, Acre, Distrito Federal, Espírito Santo, Paraná, Rio Grande do Norte e São Paulo eliminaram a lista de espera no transplante de córneas, de acordo com balanço divulgado pelo Ministério da Saúde, no Dia Nacional de Doação de Órgãos e Tecidos. Em 2011, só São Paulo e Rio Grande do Norte conseguiram zerar essa fila.

Texto II



Disponível em: <http://noticias.uol.com.br>. Acesso em: 11 ago. 2013 (adaptado).

A notícia e o cartaz abordam a questão da doação de órgãos. Ao relacionar os dois textos, observa-se que o cartaz é

- a) contraditório, pois a notícia informa que o país superou a necessidade de doação de órgãos.
- b) complementar, pois a notícia diz que a doação de órgãos cresceu e o cartaz solicita doações.
- c) redundante, pois a notícia e o cartaz têm a intenção de influenciar as pessoas a doarem seus órgãos.
- d) indispensável, pois a notícia fica incompleta sem o cartaz, que apela para a sensibilidade das pessoas.
- e) discordante, pois ambos os textos apresentam posições distintas sobre a necessidade de doação de órgãos.

23. Enem 2014 Só há uma saída para a escola se ela quiser ser mais bem-sucedida: aceitar a mudança da língua como um fato. Isso deve significar que a escola deve aceitar qualquer forma da língua em suas atividades escritas? Não deve mais corrigir? Não!

Há outra dimensão a ser considerada: de fato, no mundo real da escrita, não existe apenas um português correto, que valeria para todas as ocasiões: o estilo dos contratos não é o mesmo do dos manuais de instrução; o dos juízes do Supremo não é o mesmo do dos cordelistas; o dos editoriais dos jornais não é o mesmo do dos cadernos de cultura dos mesmos jornais. Ou do de seus colonistas.

POSSENTI, S. Gramática na cabeça. *Língua Portuguesa*, ano 5, n. 67, maio 2011 (adaptado).

Sírio Possenti defende a tese de que não existe um “português correto”. Assim sendo, o domínio da língua portuguesa implica, entre outras coisas, saber

- a) descartar as marcas de informalidade do texto.
- b) reservar o emprego da norma-padrão aos textos de circulação ampla.
- c) moldar a norma-padrão do português pela linguagem do discurso jornalístico.
- d) adequar as formas da língua a diferentes tipos de texto e contexto.
- e) desprezar as formas da língua previstas pelas gramáticas e manuais divulgados pela escola.

24. Enem 2018 A trajetória de Liesel Meminger é contada por uma narradora mórbida, surpreendentemente simpática. Ao perceber que a pequena ladra de livros *Lhe escapa*, a Morte afeiçoa-se à menina e rastreia suas pegadas de 1939 a 1943. Traços de uma sobrevivente: a mãe comunista, perseguida pelo nazismo, envia Liesel e o irmão para o subúrbio pobre de uma cidade alemã, onde morre no trajeto e é enterrado por um coveiro que deixa cair um livro na neve. É o primeiro de uma série que a menina vai surrupiar ao longo dos anos. O único vínculo com a família é esta obra, que ela ainda não sabe ler.

A vida ao redor é a pseudorealidade criada em torno do culto a Hitler na Segunda Guerra. Ela assiste à eufórica celebração do aniversário do Führer pela vizinhança.

A Morte, perplexa diante da violência humana, dá um tom leve e divertido à narrativa deste duro confronto entre a infância perdida e a crueldade do mundo adulto, um sucesso absoluto – e raro – de crítica e público.

Disponível em: www.odevoradordelivros.com. Acesso em: 24 jun. 2014.

Os gêneros textuais podem ser caracterizados, dentre outros fatores, por seus objetivos. Esse fragmento é um(a)

- a) reportagem, pois busca convencer o interlocutor da tese defendida ao longo do texto.
- b) resumo, pois promove o contato rápido do leitor com uma informação desconhecida.
- c) sinopse, pois sintetiza as informações relevantes de uma obra de modo impessoal.
- d) instrução, pois ensina algo por meio de explicações sobre uma obra específica.
- e) resenha, pois apresenta uma produção intelectual de forma crítica.

25. Enem 2017 Entrei numa lida muito dificultosa. Martírio sem fim o de não entender nadinha do que vinha nos livros e do que o mestre Frederico falava. Estranheza colosso me cegava e me punha tonto. Acho bem que foi desse tempo o mal que me acompanha até hoje de ser recanteado e meio mococongo. Com os meus, em casa, conversava por trinta, tinha ladineza e entendimento. Na rua e na escola – nada; era completamente afrásico. As pessoas eram bichos do outro mundo que temperavam um palavreado grego de tudo.

Já sabia ajuntar as sílabas e ler por cima toda coisa, mas descreneci a pedir a influência de ir à escola, porque diante dos escritos que o mestre me passava e das lições marcadas nos livros, fiquei sendo uma quarta-feira de marca maior. Alívio bom era quando chegava em casa.

BERNARDES, C. *Rememórias dois*. Goiânia: Leal, 1969.

O narrador relata suas experiências na primeira escola que frequentou e utiliza construções linguísticas próprias de determinada região, constatadas pelo

- a) registro de palavras como “estranheza” e “cegava”.
- b) emprego de regência não padrão em “chegar em casa”.
- c) uso de dupla negação em “não entender nadinha”.
- d) emprego de palavras como “descrencei” e “ladineza”.
- e) uso do substantivo “bichos” para retomar “pessoas”.

26. Enem 2020



Disponível em: www.acontecendoaqui.com.br. Acesso em: 15 jun. 2018.

Nessa campanha publicitária, a imagem da família e o texto verbal unem-se para reforçar a ideia de que

- a) família que adota é mais feliz.
- b) a adoção tardia é muito positiva.
- c) as famílias preferem adotar bebês.
- d) a adoção de adolescentes é mais simples.
- e) os filhos adotivos são companheiros dos pais.

27. Enem 2020



Disponível em: www.bhaz.com.br. Acesso em: 14 jun. 2018.

Essa campanha de conscientização sobre o assédio sofrido pelas mulheres nas ruas constrói-se pela combinação da linguagem verbal e não verbal. A imagem da mulher com o nariz e a boca cobertos por um lenço é a representação não verbal do(a)

- a) silêncio imposto às mulheres, que não podem denunciar o assédio sofrido.
- b) metáfora de que as mulheres precisam defender-se do assédio masculino.
- c) constrangimento pelo qual passam as mulheres e sua tentativa de esconderem-se.
- d) necessidade que as mulheres têm de passarem despercebidas para evitar o assédio.
- e) incapacidade de as mulheres protegerem-se da agressão verbal dos assediadores.

28. Enem 2020

Texto I

Poesia em cartaz

O caminho habitual para o trabalho, aquele em que a gente já nem repara direito, pode ficar mais belo com um poema. O projeto UmLambePorDia nasceu desta intenção: trazer mais cor e alegria para a cidade por meio de cartazes coloridos ao estilo lambe-lambe. Quem teve a ideia foi o escritor Leonardo Beltrão, em Belo Horizonte. “Em meio a olhares cada vez mais viciados, acabamos nos esquecendo da beleza envolvida em cada esquina e no próprio poder transformador da palavra”. Assim, a cada dia um cartaz é colocado por aí, para nos lembrar de reparar na cidade, na vida que corre ao redor e também em nós mesmos.

Texto II



Disponível em: www.vidasimples.uol.com.br. Acesso em: 6 dez. 2017 (adaptado).

Considerando-se a função que os cartazes colados em postes normalmente exercem nas ruas das cidades grandes, esse texto evidencia a

- a) disseminação da arte poética em um veículo não convencional.
- b) manutenção da expectativa das pessoas ao andarem pelas ruas.
- c) necessidade de exposição de poemas pequenos em diferentes suportes.
- d) característica corriqueira do suporte lambe-lambe, muito comum nas ruas.
- e) exposição da beleza escondida das esquinas da cidade de Belo Horizonte.

29. Enem

A Ema

O surgimento da figura da Ema no céu, ao leste, no anoitecer, na segunda quinzena de junho, indica o início do inverno para os índios do sul do Brasil e o começo da estação seca para os do norte. É limitada pelas constelações de Escorpião e do Cruzeiro do Sul, ou *Cut'uxu*. Segundo o mito guarani, o *Cut'uxu* segura a cabeça da ave para garantir a vida na Terra, porque, se ela se soltar, beberá toda a água do nosso planeta. Os tupis-guaranis utilizam o *Cut'uxu* para se orientar e determinar a duração das noites e as estações do ano.

A ilustração a seguir é uma representação dos corpos celestes que constituem a constelação da Ema, na percepção indígena.



Almanaque BRASIL, maio/2007 (com adaptações).

A próxima figura mostra, em campo de visão ampliado, como povos de culturas não indígenas percebem o espaço estelar em que a Ema é vista.



Internet: (com adaptações).

Assinale a opção correta a respeito da linguagem empregada no texto A Ema.

- a) A palavra *Cut'uxu* é um regionalismo utilizado pelas populações próximas às aldeias indígenas.
- b) O autor se expressa em linguagem formal em todos os períodos do texto.
- c) A ausência da palavra Ema no início do período “É limitada [...]” caracteriza registro oral.
- d) A palavra *Cut'uxu* está destacada em itálico porque integra o vocabulário da linguagem informal.
- e) No texto, predomina a linguagem coloquial porque ele consta de um almanaque.

30. Enem



Dick Browne. *O melhor de Hagar, o horrível*, v. 2. L&PM pocket, p.55-6 (com adaptações).

Assinale o trecho do diálogo que apresenta um registro informal, ou coloquial, da linguagem.

- a) “Tá legal, espertinho! Onde é que você esteve?!”
- b) “E lembre-se: se você disser uma mentira, os seus chifres cairão!”
- c) “Estou atrasado porque ajudei uma velhinha a atravessar a rua...”
- d) “...e ela me deu um anel mágico que me levou a um tesouro”
- e) “mas bandidos o roubaram e os persegui até a Etiópia, onde um dragão...”

31. **Enem** Para Graciliano, o roceiro pobre é um outro, enigmático, impermeável. Não há solução fácil para uma tentativa de incorporação dessa figura no campo da ficção. É lidando com o impasse, ao invés de fáceis soluções, que Graciliano vai criar *Vidas Secas*, elaborando uma linguagem, uma estrutura romanesca, uma constituição de narrador em que narrador e criaturas se tocam, mas não se identificam. Em grande medida, o debate acontece porque, para a intelectualidade brasileira naquele momento, o pobre, a despeito de aparecer idealizado em certos aspectos, ainda é visto como um ser humano de segunda categoria, simples demais, incapaz de ter pensamentos demasiadamente complexos. O que *Vidas Secas* faz é, com pretenso não envolvimento da voz que controla a narrativa, dar conta de uma riqueza humana de que essas pessoas seriam plenamente capazes.

Luís Bueno. *Guimarães, Clarice e antes*. In: Teresa. São Paulo: USP, n.º 2, 2001, p. 254.

No texto, verifica-se que o autor utiliza

- a) linguagem predominantemente formal, para problematizar, na composição de **Vidas Secas**, a relação entre o escritor e o personagem popular.
- b) linguagem inovadora, visto que, sem abandonar a linguagem formal, dirige-se diretamente ao leitor.
- c) linguagem coloquial, para narrar coerentemente uma história que apresenta o roceiro pobre de forma pitoresca.
- d) linguagem formal com recursos retóricos próprios do texto literário em prosa, para analisar determinado momento da literatura brasileira.
- e) linguagem regionalista, para transmitir informações sobre literatura, valendo-se de coloquialismo, para facilitar o entendimento do texto.

32. Enem No romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, o vaqueiro Fabiano encontra-se com o patrão para receber o salário. Eis parte da cena:

Não se conformou: devia haver engano. [...] Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria?

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem,

10 bem. Não era preciso barulho não.

Fonte: Graciliano Ramos. *Vidas Secas*. 91ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

No fragmento transcrito, o padrão formal da linguagem convive com marcas de regionalismo e de coloquialismo no vocabulário. Pertence à variedade do padrão formal da linguagem o seguinte trecho:

- a) “entregando o que era dele de mão beijada!” (l. 4 e 5).
- b) “Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou” (l. 9).
- c) “Passar a vida inteira assim no toco” (l. 3 e 4).
- d) “e Fabiano perdeu os estribos” (l. 3).
- e) “Não se conformou: devia haver engano” (l.1).

33. Enem 2020 É possível afirmar que muitas expressões idiomáticas transmitidas pela cultura regional possuem autores anônimos, no entanto, algumas delas surgiram em consequência de contextos históricos bem curiosos. “Aquele é um cabra da peste” é um bom exemplo dessas construções.

Para compreender essa expressão tão repetida no Nordeste brasileiro, faz-se necessário voltar o olhar para o século 16. “Cabra” remete à forma com que os navegadores portugueses chamavam os índios. Já “peste” estaria ligada à questão da superação e resistência, ou mesmo uma associação com o diabo. Assim, com o passar dos anos, passou-se a utilizar tal expressão para denominar qualquer indivíduo que se mostre corajoso, ou mesmo insolente, já que a expressão pode ter caráter positivo ou negativo. Aliás, quem já não ficou de “nhe-nhe-nhém” por aí? O termo, que normalmente tem significado de conversa interminável, monótona ou resmungo, tem origem no tupi-guarani e “nhém” significa “falar”.

Disponível em: <http://leiturasdahistoria.uol.com.br>. Acesso em: 13 dez. 2017.

A leitura do texto permite ao leitor entrar em contato com

- a) registros do inventário do português brasileiro.
- b) justificativas da variedade linguística do país.
- c) influências da fala do nordestino no uso da língua.
- d) explorações do falar de um grupo social específico.
- e) representações da mudança linguística do português.

34. Leia a tirinha a seguir.



Mutum – Moisés Gonçalves

O texto evidencia um problema de comunicação decorrente da escolha linguística utilizada pelo garoto ao se comunicar com seu interlocutor. A que tipo de variação a palavra “velho” pode ser relacionada?

- I. Variação regional, já que os falares das pessoas do campo podem ser diferentes dos sujeitos da cidade.
- II. Variação histórica, uma vez que o sentido das palavras pode mudar com o passar do tempo.
- III. Variação situacional, visto que, de acordo com o contexto, a palavra pode ou não ser empregada.
- IV. Variação social, pois envolve o uso de gírias e suas diferenças em relação às gerações.

É correto o que se afirma em:

- a) I e II
- b) III e IV
- c) I e IV
- d) II e III

35. Leia o texto a seguir.

Erros de bacharéis em prova da OAB mostram despreparo para a advocacia

“Perca do prazo”, em vez de perda de prazo. “Prose-dimento”, e não procedimento. “Respaudo”, em lugar de respaldo. “Inlícita”, e não ilícita. Erros de português como esses foram constatados no primeiro exame de 2011 da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), por meio do qual os diplomados em direito buscam aprovação para poder exercer a advocacia. Por causa disso, a entidade defende a manutenção da prova de habilitação para os futuros advogados. Em breve, o assunto deverá ser julgado pelo Supremo Tribunal Federal (STF).

No ano passado, nove em cada dez candidatos ao exame unificado da OAB foram reprovados. Os resultados não deixam dúvida sobre a formação deficiente dos bacharéis em direito – ou pelo menos sobre como eles estão aquém das exigências da entidade.

A Agência Brasil teve acesso a partes das provas do primeiro exame de 2011 da entidade. Os erros não se restringem à falta de domínio da língua portuguesa. Os inscritos também desconhecem noções elementares de direito e sobre a formação do Estado brasileiro.

Em uma das questões da prova, um candidato respondeu que o juiz do Trabalho não pode “legislar sobre falência”. Em outro trecho, o inscrito mostra que desconhece o mais alto cargo do Judiciário, o de ministro do STF. A petição simulada na prova pelo candidato é dirigida ao “Exmo. Sr. Desembargador do Supremo Tribunal Federal”. No entanto, não há desembargadores no Supremo.

[...]

ZAMPIER, Débora. Erros de bacharéis em prova da OAB mostram despreparo para o exercício da advocacia. *Agência Brasil*, 29 jul. 2011. Disponível em: <https://memoria.etc.com.br/agenciabrasil/noticia/2011-07-29/erros-de-bachareis-em-prova-da-oab-mostram-despreparo-para-exercicio-da-advocacia>. Acesso em: 23 ago. 2022.

O primeiro parágrafo do texto expõe erros cometidos pelos candidatos. Nessas falhas, identificam-se:

- problemas no uso da norma-padrão, evidenciando-se o desconhecimento da variante de prestígio, ou seja, não há domínio de conteúdos gramaticais, fazendo com que desvios graves sejam cometidos.
- problemas no uso da norma-padrão, pois evidencia-se o descumprimento da variante de prestígio, ou seja, há uma mistura entre elementos da variante estigmatizada, como em “inlícita”, e equívocos gramaticais, como o emprego do termo “respaldo” em vez de “respaudo”.
- dificuldades na expressão escrita, com o emprego inadequado da variedade linguística de grupos profissionais; muitos candidatos valeram-se da norma-padrão ao invés do uso do jargão próprio da área de direito.
- dificuldades na expressão oral que se espelham na linguagem escrita, o que, como consequência, transformam-se em aspectos coloquiais inseridos na variante de grupos profissionais.
- problemas no emprego da variante situacional, pois muitos candidatos utilizaram expressões de sua faixa etária, bem como da coloquial, ignorando a situacional, ou seja, a necessidade de respeitar as regras gramaticais propostas no jargão do Direito.

36. Leia o texto a seguir.

Por que o ministério que cuida da economia se chama “da fazenda”?

É um traço de português arcaico entre os brasileiros contemporâneos

Tudo bem que um terço do nosso PIB vem do campo, mas daí a chamar toda a economia de “fazenda” é demais, não? O que em outros países recebeu o nome de “Ministério da Economia” (nome usado durante o governo Collor) ou simplesmente “Tesouro”, como nos EUA, por aqui ficou sendo “da Fazenda” mesmo.

O termo talvez não soasse tão destoante num Brasil em começo de século 19 – quando dom João 6^o fugiu para cá, reformulou a colônia e fundou o órgão. “‘Fazenda’ era uma palavra do português arcaico, usada para designar coisas como riqueza, renda, dinheiro”, explica Rubens Ricupero, coordenador da Faculdade de Economia da FAAP e também ex-ministro da Fazenda.

Passados dois séculos, muita coisa mudou no ministério. A atividade central, no entanto, continua basicamente a mesma: pegar todo o dinheiro que o governo ganha e decidir a melhor forma de gastá-lo. Detalhe: o nome “Fazenda” ficou só no Brasil mesmo. Em Portugal, a instituição passou por uma reforma geral ainda em 1910 e foi rebatizada de “Finanças”.

ELIAS, Juliana. Por que o ministério que cuida da economia se chama “da fazenda”? *Superinteressante*, 28 abr. 2011. Abril Comunicações S.A. Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/por-que-o-ministerio-que-cuida-da-economia-se-chama-da-fazenda/>. Acesso em: 23 ago. 2022.

No texto extraído da revista *Superinteressante*, a autora explica a nomenclatura adotada no Brasil para um dos ministérios mais importantes do governo federal. A partir da leitura, pode-se afirmar que o texto

- está escrito na linguagem coloquial, pois pretende esclarecer o leitor de forma clara, sem o uso de jargão. Expressões como “tudo bem que...”, “por aqui ficou sendo ‘da Fazenda’ mesmo” reforçam o aspecto informal do texto.
- emprega a linguagem coloquial, pois pretende esclarecer o leitor de forma clara, sem o uso de jargão. Expressões como “tudo bem que...”, “por aqui ficou sendo ‘da Fazenda’ mesmo” reforçam o aspecto formal do texto.
- tem como interlocutor um estudante em formação e, portanto, como convém a textos voltados à formação acadêmica, ele é composto na variação situacional. Expressões sintéticas como “João 6^o” ou “século 19” marcam a objetividade do texto.
- utiliza a variante de prestígio, pois pretende esclarecer o leitor de forma clara, valendo-se de jargões sempre que necessário. Expressões como “‘Fazenda’ era uma palavra do português arcaico...”, “por aqui ficou sendo ‘da Fazenda’ mesmo” reforçam o aspecto formal do texto.
- faz uso de estratégias textuais voltadas a uma organização formal, para que a mensagem seja compreendida de forma clara e objetiva. Com o predomínio da variação social, ligada à faixa etária, o texto é direcionado a interlocutores jovens, que desconhecem a variante de prestígio da língua.

Texto complementar

O artigo científico a seguir mostra passo a passo a análise de uma charge, evidenciando como seus elementos multimodais dialogam para a construção de sentidos do texto.

Elementos multimodais e a construção de sentido nas charges

[...] o objetivo deste trabalho é mostrar o processo de construção de sentidos nas charges através da leitura multimodal, caracterizando este gênero como multimodal e identificando os modos que convergem para a construção de sentido. [...]

Figura 1 – Charge “O lixo”



Cartunista Gilmar.

A figura 1 aborda a temática da questão do lixo no Brasil. Os elementos representados e a disposição deles fazem uma alusão aos alagamentos que assolam algumas regiões do país. Mas nesse caso o “alagamento” é de lixo. Os elementos imagéticos representados são o casal, o céu, parte da casa e o lixo. Esses elementos juntos transmitem a mensagem e a reflexão desejada para o tema abordado. A análise de cada um deles segue mais adiante.

Analisando o recurso multimodal “cor” verifica-se que o casal e a parte visível da casa estão em destaque (são os elementos salientes), por serem coloridos e se encontrarem no centro da imagem. O lixo está representado em cor cinza escura remetendo à poluição. Essa cor sugere também que a intenção não é destacar o que é descartado como lixo e sim a quantidade de lixo produzido e o perigo social que representa, podendo levar o leitor a refletir sobre a quantidade de lixo produzido por cada um, as ações de reciclagem, reutilização e o destino que é dado a ele. O sombreamento, existente ao fundo da imagem, na altura da casa e do lixo, (como em segundo plano) dá a ideia de continuidade do lixo, como se houvesse um mar de lixo, sendo um efeito buscado para a intenção de alertar para tal situação.

Observando os demais elementos imagéticos verificamos que a mulher está sentada no telhado, em direção quase oposta ao marido, com os olhos arregalados, o olhar está voltado para a imensidão de lixo e com a boca aberta demonstrando uma expressão de espanto e susto pelo que vê. O homem, supomos que o marido da senhora, também sentado no telhado, mostra-se aparentemente calmo, seu rosto está parcialmente encoberto pelo jornal que tem em mãos e que parece ler, pois seus olhos estão direcionados a ele.

A linguagem verbal representada quando associada à imagem ajudam na construção de sentido do texto, dando o tom crítico e/ou irônico na charge. Nessa charge, a fala da mulher, com sugestão de uma atitude a ser tomada, está em contraposição à do homem, fato que provoca a ironia da charge. A esposa entende que, diante da situação em que se encontram, é necessário mudar de casa para fugir daquela situação e o homem, ao respondê-la, complementa a frase dita pela mulher fazendo um alerta. A mudança que deve ocorrer, de acordo com a proposta feita pelo homem, é uma mudança de atitude das pessoas em relação à questão do lixo, pois mudar de local não iria alterar o cenário em que se encontram.

O jornal apresenta como manchete principal a “lei do lixo” publicada em 2016, mesma data da publicação desta charge, que trata da coleta seletiva do lixo por parte de alguns órgãos e entidades nela elencados. Associando todos os elementos da imagem e a linguagem verbal presentes se reconhece e identifica um tom irônico e crítico. Não há como alcançar essa compreensão se analisar de modo separado a linguagem verbal da visual.

[...]

A interação do leitor com a charge e a compreensão da intenção do chargista, ao utilizar determinados elementos para representar uma crítica e emitir sua opinião sobre um tema atual, leva-nos a perceber a importância da análise dos recursos utilizados. Não lemos apenas a linguagem verbal, mas todos os recursos ou elementos semióticos presentes, pois cada um emite uma intenção que é captada pelos leitores. A leitura de um olhar ou de um contraste de cores conduz o pensamento dos leitores ao objetivo ali expresso. Nada está representado por acaso, tudo possui uma significação e a significação de um elemento complementa a do outro, conduzindo à compreensão geral.

MARTINS, Liviane da Silva. Leitura multimodal e o processo de construção de sentido em charge. *Leitura*. Maceió, n. 65, p. 10-23, maio/ago. 2020. p. 16-18; 21-22. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/8626/7079>. Acesso em: 23 ago. 2022.

Resumindo

Atividades humanas, linguagem e interação

- A linguagem é uma prática social humana a partir da qual os sujeitos interagem na vida. Todas as atividades humanas são permeadas por linguagem.
- O sentido de um texto se constrói na relação entre autor, texto e leitor. Precisamos acionar nossos conhecimentos prévios para dialogar com o texto, perceber intencionalidades e ressignificar o enunciado.

Os gêneros do discurso

- As diferentes “maneiras de dizer” por meio das quais interagimos no mundo são os gêneros do discurso.
- A compreensão da finalidade e do funcionamento dos gêneros discursivos facilita a projeção de sentidos sobre o texto.

Língua e linguagem

- A língua é toda forma de comunicação que utilizamos no nosso cotidiano, podendo ser verbal, não verbal ou multimodal.
- A linguagem não verbal está ligada às comunicações em que não se faz uso da palavra. Por exemplo: gestos, sons, sinais, símbolos, desenhos etc.
- A linguagem verbal refere-se à comunicação por meio de palavras, ou seja, ela é o que chamamos de língua.
- A língua se materializa por meio de sons (língua falada) ou de letras (língua escrita).
- A linguagem multimodal é a que mescla os dois tipos de linguagem: a verbal e a não verbal, como um filme, por exemplo.

Português brasileiro e identidade cultural

Norma, variação e uso

- A língua se organiza em quatro sistemas distintos – gramática, léxico, semântica e discurso – que estão em constante relação.
- O sujeito atualiza o sistema quando o utiliza em suas práticas sociais.
- A variação linguística é o estado natural da língua e refere-se à possibilidade de mudança de uma língua.
- A norma-padrão são as regras socialmente constituídas e aceitas como referência em um determinado momento sociocultural.

A diversidade da variação

- Fatores que influenciam a variação de uma língua:
 - Origem geográfica
 - Escolarização
 - Idade
 - Classe social
 - Ocupação social
 - Contexto de uso
 - Gênero
 - Passagem do tempo
- A variação linguística pode ser de diversos tipos: regional, social, situacional ou histórica.

Variação: língua falada e língua escrita

Fala e oralidade

- A fala refere-se à capacidade de comunicação na língua por meio de sons.
- A oralidade corresponde às práticas sociais que envolvem a modalidade oral da língua.
- O contexto comunicativo é o responsável por orientar qual variante deve ser usada e o grau de planejamento necessário em uma determinada prática social que envolve a língua oral.
- A língua oral é caracterizada pela presença da hesitação, repetição, interrupção e digressão.
- Os recursos que podem ser usados nas práticas orais são: gestos, entonação, ritmo de fala, expressão facial e silêncio.

Escrita e letramento

- A escrita é a capacidade de comunicação na língua por meio das letras.
- O letramento refere-se às práticas sociais que envolvem a modalidade escrita da língua.
- A escola, apesar de termos algum grau de letramento quando iniciamos nossos estudos, é responsável por ampliar o acesso a diversas práticas sociais em que a escrita é necessária.
- A língua escrita é caracterizada pela presença da pontuação, organização em parágrafos, destaques (negrito, itálico) e distribuição do texto no papel.

A inter-relação entre fala e escrita

- A língua falada e a língua escrita não apresentam oposição.
- O gênero do discurso escolhido e o contexto da situação comunicativa são fatores que podem determinar que registro é o mais adequado (e não a modalidade da língua de forma isolada).
- A variação linguística ocorre tanto na língua falada quanto na língua escrita.
- O gênero discursivo e a finalidade da comunicação devem ser levados em consideração ao escolher a variante mais adequada ao contexto.

Língua e linguagem: multimodalidade e multissemioses

- A multimodalidade ou multissemiose diz respeito a textos que fazem uso de um conjunto de linguagens que envolve o verbal e o não verbal.
- Os textos multimodais podem utilizar duas ou mais linguagens, como:
 - a) língua escrita e/ou oral;
 - b) sons, músicas, ritmos que se combinam;
 - c) imagens estáticas ou em movimento;
 - d) expressões faciais e/ou corporais;
 - e) cor, forma, distribuição da informação no papel.
- A multimodalidade é uma característica própria de qualquer texto, ainda que, aparentemente, acredite-se haver o uso de uma só linguagem.
- A multiplicidade de linguagens presentes em um texto é fundamental para interpretar os sentidos nele presentes.

Quer saber mais?



Sites

Localingual. Disponível em: <https://localingual.com/>. Acesso em: 5 ago. 2022.

Mapa interativo que apresenta falares de diversas partes do mundo, incluindo todas as regiões brasileiras.

Museu da Imagem e do Som. Disponível em: <https://www.mis-sp.org.br/visite>. Acesso em: 5 ago. 2022.

O MIS possibilita o contato com diferentes linguagens tanto a partir de suas exposições quanto nos eventos públicos que envolvem diferentes áreas: cinema, dança, música, vídeo, fotografia etc.



Livro

A língua de Eulália: novela sociolinguística, de Marcos Bagno. São Paulo: Contexto, [s/d].

A obra traz uma importante reflexão sobre as transformações da língua e defende a necessidade de se combater o preconceito linguístico.



Série

Cidade dos homens. Episódio 1: "A coroa do imperador". Direção: César Charlone. 2002.

O enredo traz, entre outras coisas, duas formas de explicar um fato histórico: pelo olhar da professora e pela visão do aluno, cada um utilizando a língua a partir de seu lugar social. A riqueza multimodal de sua linguagem também é um convite à reflexão.

Exercícios complementares

- Em relação à linguagem verbal e não verbal, pode-se afirmar:
 - A linguagem verbal e a não verbal são modalidades distintas; portanto, nunca devem ser empregadas juntas no mesmo texto.
 - A linguagem verbal utiliza a linguagem formal, enquanto a linguagem não verbal emprega a linguagem informal.
 - A linguagem verbal respeita os padrões normativos e, por isso, é sempre culta.
 - A linguagem não verbal e a linguagem verbal podem ser utilizadas em um texto publicitário.
 - A linguagem verbal utiliza diversas variantes linguísticas, podendo ser classificada como linguagem mista.

- Enem** Leia o texto e examine a ilustração:



Óbito do autor

[...] expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova: — “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isto é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado.” [...]

(Adaptado. Machado de Assis. Memórias póstumas de Brás Cubas. Ilustrado por Candido Portinari. Rio de Janeiro: Cem Bibliófilos do Brasil, 1943 – p.1.)

Compare o texto de Machado de Assis com a ilustração de Portinari. É correto afirmar que a ilustração do pintor

- apresenta detalhes ausentes na cena descrita no texto verbal.
 - retrata fielmente a cena descrita por Machado de Assis.
 - distorce a cena descrita no romance.
 - expressa um sentimento inadequado à situação.
 - contraria o que descreve Machado de Assis.
- O texto a seguir é a transcrição de um texto oral. Ele retrata a opinião de um jovem sobre os veículos de comunicação.

Bom... o... eu tenho impressão que o rádio provocou uma revolução...no país na medida que:... ahn principalmente o rádio de pilha né? quer dizer o rádio de pilha representou a quebra de um isolamento do homem do campo principalmente quer dizer então o homem do campo que NUNca teria CONdição de

ouVIR:: faLAR:: de outras coisas... de outros lugares... de outras pessoas entende? através do rádio de pilha... ele pôde se ligar ao resto do mundo saber que existem outros lugares outras pessoas que existe um governo que existem atos do governo... de modo que:: o rádio eu acho que tem um papel até... numa certa medida... ele provocou pelo aLCANce que tem uma revolução até maiOR do que a televisão... o que significou a QUEbra do isolamento... entende? de certas pessoas... a gente vê hoje o operário de obra com o rádio de pilha debaixo do braço durante todo o tempo que ele está trabalhando... quer dizer se esse canal que é o rádio fosse usado da mesma forma como eu mencionei a televisão... num sentido cultural educativo de boas músicas e de... numa linha realmente de crescimento do homem se o Ministério da Educação cuiDasse realMENTe de que Estes veículos... de telecomunicações se colocassem a serviço da cultura e da educação seria uma beleza né?

CASTILHO, Ataliba T. de; PRETI, Dino (org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para estudo*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1986. v. 2. p. 116-7. (Projeto NURC/SP). Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1v64K4J8xGWXL_fQFdD6EkC_aZ58m8ixQ/view. Acesso em: 23 ago. 2022.

Como estava participando de uma conversa, o jovem utilizou a modalidade oral. Porém, se o texto fosse publicado em um jornal universitário, teria que ser adaptado à modalidade escrita, utilizando a variante de prestígio. Reescreva-o de acordo com esse contexto comunicativo.

4. Fac. Albert Einstein 2019 Leia a crônica “Da lei”, de Ferreira Gullar, para responder à questão.

Aquele acreditava na lei. Funcionário do IAPC [Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes], sabia de cor a Lei Orgânica da Previdência. Chegava mesmo a ser consultado pelos colegas sempre que surgia alguma dúvida quanto à aplicação desse ou daquele princípio. Eis que um dia nasce-lhe um filho e ele, cômico de seus direitos, requer da Previdência o auxílio-natalidade. Prepara o requerimento, junta uma cópia da certidão de nascimento da criança e dá entrada no processo. Estava dentro da lei, mas já na entrada a coisa enguiçou.

— Não podemos receber o requerimento sem o atestado do médico que assistiu a parturiente.

— A lei não exige isso – replicou ele.

— Mas o chefe exige. Tem havido abusos.

Estava montado o angu. O rapaz foi até o chefe, que se negou a receber o requerimento.

— Vou aos jornais – disse-me o crédulo. – Eles têm de receber o requerimento, como manda a lei.

Tentei aconselhá-lo: a justiça é cega e tarda, juntasse o tal atestado médico, era mais simples.

— Não junto. A lei não me obriga a isso. Vou aos jornais.

Foi aos jornais. Aliás, foi a um só, que deu a notícia num canto de página, minúscula. Ninguém leu, mas ele fez a notícia chegar até o chefe que, enfurecido, resolveu processá-lo: a lei proíbe que os funcionários levem para os jornais assuntos internos da repartição.

— Agora a lei está contra você, não?

— Não. A lei está comigo.

Estava ou não estava, o certo é que o processo foi até a Procuradoria e saiu dali com o seguinte despacho: suspenda-se o indisciplinado.

Era de ver-se a cara de meu amigo em face dessa decisão. Estava pálido e abatido, comentando a sua perplexidade. Mas não desistiu:

— Vou recorrer.

Deve ter recorrido. Ainda o vi várias vezes contando aos colegas o andamento do processo, meses depois. Parece que já nem se lembra do auxílio-natalidade – a origem de tudo – e brigará até o fim da vida, alheio a um aforismo que, por ser brasileiro, inventei: “Quem acredita na lei, esta lhe cai em cima.”

(O melhor da crônica brasileira, 2013.)

Verifica-se o emprego de expressão que destoa da variedade linguística predominante no texto em:

- “Deve ter recorrido. Ainda o vi várias vezes contando aos colegas o andamento do processo, meses depois.” (15º parágrafo)
- “— Vou aos jornais – disse-me o crédulo. – Eles têm de receber o requerimento, como manda a lei.” (6º parágrafo)
- “Estava montado o angu. O rapaz foi até o chefe, que se negou a receber o requerimento.” (5º parágrafo)
- “Prepara o requerimento, junta uma cópia da certidão de nascimento da criança e dá entrada no processo.” (1º parágrafo)
- “— Não podemos receber o requerimento sem o atestado do médico que assistiu a parturiente.” (2º parágrafo)

5. FCMSCSP 2021 Leia o trecho de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, para responder à questão.

Nas formas de vida coletiva podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens. Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Já nas sociedades rudimentares manifestam-se eles, segundo sua predominância, na distinção fundamental entre os povos caçadores ou coletores e os povos lavradores. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada, assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários. Seu ideal será colher o fruto sem plantar a árvore.

Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que se erija¹ um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de desperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante, tem sentido bem nítido para ele. Seu campo visual é naturalmente restrito. A parte maior do que o todo.

Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. Assim, o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar, e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro – audácia,

imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem. Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros; as energias que visam à estabilidade, à paz, à segurança pessoal e os esforços sem perspectiva de rápido proveito material passam, ao contrário, por viciosos e desprezíveis para eles. Nada lhes parece mais estúpido e mesquinho do que o ideal do trabalhador.

(Raízes do Brasil, 2014. Adaptado.)

erigir: erguer.

O autor recorre a expressão própria da linguagem coloquial no trecho:

- “Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.” (2º parágrafo)
- “os esforços sem perspectiva de rápido proveito material passam, ao contrário, por viciosos e desprezíveis para eles.” (4º parágrafo)
- “O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar.” (3º parágrafo)
- “Nada lhes parece mais estúpido e mesquinho do que o ideal do trabalhador.” (4º parágrafo)
- “onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim.” (2º parágrafo)

6. IFPE 2019



Disponível em: <http://www.arionaurocartuns.com.br/2016/09/charge-salada-agrototoxicos.html>. Acesso em: 07 maio 2019.

Considerando que o Cartum é um gênero composto por linguagem verbal e por imagem, a fim de estimular a reflexão acerca de questões relacionadas ao comportamento humano e a situações do cotidiano, assinale a alternativa CORRETA no que diz respeito à mensagem que se pode compreender a partir da leitura do texto.

- A imagem que o garoto vê através da janela confirma que as verduras e os vegetais são sempre saudáveis, pois o uso de agrotóxicos garante que a lavoura esteja livre de pragas.
- Ao comparar o discurso da mãe à imagem que vê pela janela, a expressão do garoto permite inferir que verduras e vegetais presentes na salada podem não ser saudáveis, por estarem contaminados com agrotóxicos.
- O objetivo do texto é mostrar que as mães, em geral, são preocupadas com a alimentação dos filhos.

- O texto transmite a ideia de que crianças não suportam comer salada, ainda que esse tipo de alimentação seja saudável.
- É intuito do texto indicar que a mãe não se importa com o modo como os alimentos são produzidos, apenas o filho está preocupado com isso.

7. Ulbra-RS



Adão Iturrugarai

No primeiro quadrinho, a utilização das palavras “Droga!” e “tá notando” apontam para uma variação linguística. Que tipo de registro linguístico está sendo empregado?

- Linguagem jurídica.
- Linguagem acadêmica.
- Linguagem científica.
- Linguagem coloquial.
- Linguagem regional.

8. Fuvest-SP 2018 Examine o cartum.



Frank e Ernst – Bob Thaves. O Estado de S. Paulo. 22.08.2017.

O efeito de humor presente no cartum decorre, principalmente, da

- semelhança entre a língua de origem e a local.
- falha de comunicação causada pelo uso do aparelho eletrônico.
- falta de habilidade da personagem em operar o localizador geográfico.
- discrepância entre situar-se geograficamente e dominar o idioma local.
- incerteza sobre o nome do ponto turístico onde as personagens se encontram.

9. Enem

S.O.S Português

Por que pronunciamos muitas palavras de um jeito diferente da escrita? Pode-se refletir sobre esse aspecto da língua com base em duas perspectivas. Na primeira delas, fala e escrita são dicotômicas, o que restringe o ensino da língua ao código. Daí vem o entendimento de que a escrita é mais complexa que a fala, e seu ensino restringe-se ao conhecimento das regras gramaticais, sem a preocupação com situações de uso. Outra abordagem permite encarar as diferenças como um produto distinto de duas modalidades da língua: a oral e a escrita. A questão é que nem sempre nos damos conta disso.

S.O.S Português. *Nova Escola*. São Paulo: Abril, Ano XXV, nº 231, abr. 2010 (fragmento adaptado).

O assunto tratado no fragmento é relativo à língua portuguesa e foi publicado em uma revista destinada a professores. Entre as características próprias desse tipo de texto, identificam-se as marcas linguísticas próprias do uso

- regional, pela presença de léxico de determinada região do Brasil.
- literário, pela conformidade com as normas da gramática.
- técnico, por meio de expressões próprias de textos científicos.
- coloquial, por meio do registro de informalidade.
- oral, por meio do uso de expressões típicas da oralidade.

10. Enem 2019

02

Marcelo Gleiser

Área de atuação
Física e astronomia

Contribuição mais famosa
Seus livros *A dança do universo* e *O fim da Terra e do céu*

Nascimento
19 de março de 1959

Alma Mater
PUC-Rio, UFRJ e King's College de Londres

Super Trunfo Tecmundo

Disponível em: www.tecmundo.com.br. Acesso em: 10 dez. 2018 (adaptado).

O texto tem o formato de uma carta de jogo e apresenta dados a respeito de Marcelo Gleiser, premiado pesquisador brasileiro da atualidade. Essa apresentação subverte um gênero textual ao

- vincular áreas distintas do conhecimento.
- evidenciar a formação acadêmica do pesquisador.

- relacionar o universo lúdico a informações biográficas.
- especificar as contribuições mais conhecidas do pesquisador.
- destacar o nome do pesquisador e sua imagem no início do texto.

11. Enem 2019

Faz com que o BULLYING passe à história!

És vítima:

- Fica calmo(a). Os bullies adoram reações nervosas. Finge que não é contigo!
- Não des troco. Lembra-te: o agressor é ele, não és tu.
- Evita ficar sozinho(a) com o bullye, junta-te com os teus amigos.
- Mostra-te confiante, não demonstres medo e acredita em ti!
- Conta a uma pessoa de confiança o que está a acontecer contigo.

Conheces alguma vítima:

- Nunca deixes o teu amigo(a) sozinho(a). Assim farás com que ele(a) se sinta seguro(a).
- Ajuda-o(a) a contar a alguém de confiança o que se passa!

Conheces o(a) agressor(a):

- Tenta convencê-lo(a) a mudar o seu comportamento.
- Caso não tenhas sucesso, denuncia o caso às autoridades.

STOP

Bullying

Essa campanha se destaca pela maneira como utiliza a linguagem para conscientizar a sociedade da necessidade de se acabar com o *bullying*. Tal estratégia está centrada no(a)

- chamamento de diferentes atores sociais pelo uso recorrente de estruturas injuntivas.
- variedade linguística caracterizadora do português europeu.
- restrição a um grupo específico de vítimas ao apresentar marcas gráficas de identificação de gênero como “o(a)”.
- combinação do significado de palavras escritas em línguas inglesa e portuguesa.
- enunciado de cunho esperançoso “passe à história” no título do cartaz.

12. Ulbra-RS 2015

A questão refere-se ao excerto do conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis.

A ESCRAVIDÃO levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, **dous** para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dous pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente”, – ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o açoitasse.

[...]

Cândido Neves, – em família, Candinho, – é a pessoa a quem se liga a história de uma fuga, cedeu à pobreza, quando adquiriu o ofício de pegar escravos fugidos. Tinha um defeito grave esse homem, não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo. Começou por querer aprender tipografia, mas viu cedo que era preciso algum tempo para compor bem, e ainda assim talvez não ganhasse o bastante; foi o que ele disse a si mesmo. O comércio chamou-lhe a atenção, era carreira boa. Com algum esforço entrou de caixeiro para um armário. A obrigação, porém, de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho, e ao cabo de cinco ou seis semanas estava na rua por sua vontade. Fiel de cartório, contínuo de uma repartição anexa ao Ministério do Império, carteiro e outros empregos foram deixados pouco depois de obtidos.

Quando veio a paixão da moça Clara, não tinha ele mais que dívidas, ainda que poucas, porque morava com um primo, entalhador de ofício. Depois de várias tentativas para obter emprego, resolveu adotar o ofício do primo, de que aliás já tomara algumas lições.

Não lhe custou apanhar outras, mas, querendo aprender depressa, aprendeu mal. Não fazia obras finas nem complicadas, apenas garras para sofás e relevos comuns para cadeiras. Queria ter em que trabalhar quando casasse, e o casamento não se demorou muito.

ASSIS, Machado. *Pai contra mãe*. (fragmento). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000245.pdf>. Acesso em: 08/02/2021.

1dous: do português arcaico, significa “dois”.

Assinale a alternativa correta quanto à linguagem predominante no texto de Machado de Assis.

- a) O texto apresenta linguagem padrão com muitas gírias.
- b) O texto apresenta predomínio da linguagem formal, com a presença de figuras de linguagem.
- c) O texto possui estilo predominantemente formal, com forte presença de conceitos abstratos e científicos.
- d) O texto apresenta linguagem formal, com expressões técnicas.
- e) O texto apresenta linguagem predominantemente coloquial, com muitas repetições e expressões regionais.

13. Enem 2019

Texto I

Estratos

Na passagem de uma língua para outra, algo sempre permanece, mesmo que não haja ninguém para se lembrar desse algo. Pois um idioma retém em si mais memórias que os seus falantes e, como uma chapa mineral marcada por camadas de uma história mais antiga do que aquela dos seres vivos, inevitavelmente carrega em si a impressão das eras pelas quais passou. Se as “línguas são arquivos da história”, elas carecem de livros de registro e catálogos. Aquilo que contém pode apenas ser consultado em parte, fornecendo ao pesquisador menos os elementos de uma biografia do que um estudo geológico de uma sedimentação realizada em um período sem começo ou sem fim definido.

HELLER-ROAZEN, D. *Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas*. Campinas: Unicamp, 2010.

Texto II

Na reflexão gramatical dos séculos XVI e XVII, a influência árabe aparece pontualmente, e se reveste sobretudo de item bélico fundamental na atribuição de rudeza aos idiomas português e castelhano por seus respectivos detratores. Parecer com o árabe, assim, é uma acusação de dessemelhança com o latim.

SOUZA, M. P. *Linguística histórica*. Campinas: Unicamp, 2006.

Relacionando-se as ideias dos textos a respeito da história e memória das línguas, quanto à formação da língua portuguesa, constata-se que

- a) a presença de elementos de outras línguas no português foi historicamente avaliada como um índice de riqueza.
- b) o estudioso da língua pode identificar com precisão os elementos deixados por outras línguas na transformação da língua portuguesa.
- c) o português é o resultado da influência de outras línguas no passado e carrega marcas delas em suas múltiplas camadas.
- d) o árabe e o latim estão na formação escolar e na memória dos falantes brasileiros.
- e) a influência de outras línguas no português ocorreu de maneira uniforme ao longo da história.

14. Leia o anúncio a seguir.



Reprodução

Para incentivar o leitor acerca da necessidade de preservar a água, o anúncio emprega a linguagem multimodal. Qual a intencionalidade do autor ao criar esse anúncio?

15. Analise os *slogans* a seguir:

Mastercard – “Existem coisas que o dinheiro não compra. Para todas as outras existe Mastercard.”

American Express – “Ser um associado tem seus privilégios.”

Marlboro – “Venha para onde está o sabor. Venha para o mundo de Marlboro.”

Globo – “A gente se vê por aqui.”

BALTAZAR, Maurício. O guia completo do Slogan: aprenda o que é e como criar uma frase criativa para a sua marca. *Rock Content*, 29 set. 2020. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/slogan/>.

Acesso em: 29 jul. 2021. (Adapt.).

Agora, leia as proposições:

- I. O *slogan* da Mastercard obedece à variante de prestígio da língua.
- II. Os verbos que aparecem no *slogan* do Marlboro estão corretos quanto ao uso do imperativo.
- III. Todos os *slogans* utilizam a variante de prestígio. Estão corretas:
 - a) I e III.
 - b) II e III.
 - c) Apenas I.
 - d) Apenas III.
 - e) I e II.



Texto para as questões 16 e 17.

Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral, dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé de alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do

balaios. E, se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. As pessoas, quando corriam, antigamente, era para tirar o pai da forca, e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro e sabiam com quantos paus se faz uma canoa. O que não impedia que, nesse entrementes, esse ou aquele embarcasse em canoa furada.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antigamente*. In: ANDRADE, Carlos Drummond de et al. *Quadrante*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968. p. 92.

16. O trecho em destaque sugere que, antigamente,
 - a) os moços eram dedicados a valores e a religião.
 - b) as moças deveriam iniciar o namoro.
 - c) as principais profissões das moças eram ligadas ao magistério.
 - d) os rapazes insistiam para conquistar as moças.
 - e) a juventude evitava a violência e resolvia as diferenças pela conversa.
17. As palavras utilizadas pelo autor têm a intenção de:
 - a) destacar a propriedade de variação regional de uma língua.
 - b) evidenciar a variação histórica a que toda língua está sujeita.
 - c) esclarecer a importância dos ditados e provérbios de antigamente.
 - d) conscientizar para a necessidade de um estilo mais rebuscado.
 - e) promover a comparação entre a linguagem atual e a de tempos remotos.

18. Leia a charge a seguir.



Newton Silva

A charge é um gênero textual que usa a linguagem multimodal. Ao observar a charge acima, pode-se afirmar que ela tem como finalidade:

- a) mostrar que o quadro está em desuso frente às novas tecnologias de ensino.
- b) mostrar a irrelevância de se ensinar sujeito e predicado nas escolas.
- c) criticar a situação atual de ensino e alertar sobre a evasão escolar.
- d) criticar a situação atual do magistério e mostrar que não há mais alunos na escola pública.
- e) criticar a regência verbal inadequada do verbo assistir.

19. Fuvest-SP 2018 (Adapt.) Examine a propaganda.



Considerando o contexto da propaganda, existe alguma relação de sentido entre a imagem estilizada dos dedos e as palavras “digital” e “diferença”? Explique.

20. Enem Em muitos jornais, encontramos charges, quadrinhos, ilustrações, inspirados nos fatos noticiados. Veja um exemplo:



Jornal do Commercio, 22/8/93

O texto que se refere a uma situação semelhante à que inspirou a charge é:

- a)
Descansem o meu leito solitário
Na floresta dos homens esquecida,
À sombra de uma cruz, e escrevam nela
– Foi poeta – sonhou – e amou na vida.
(AZEVEDO, Álvares de. *Poesias escolhidas*. Rio de Janeiro/Brasília: José Aguilar/INL, 1971)
- b)
Essa cova em que estás
Com palmos medida,
é a conta menor
que tiraste em vida.
É de bom tamanho,
Nem largo nem fundo,
É a parte que te cabe
deste latifúndio.
(MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina e outros poemas em voz alta*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1967)

- c)
Medir é a medida
mede
A terra, medo do homem, a lavra;
lavra
duro campo, muito cerco, várzea várzea.
(CHAMIE, Mário. *Sábado na hora da escuta*. São Paulo: Summus, 1978)

- d)
Vou contar para vocês
um caso que sucedeu
na Paraíba do Norte
com um homem que se chamava
Pedro João Boa-Morte,
lavrador de Chapadinha:
talvez tenha morte boa
porque vida ele não tinha.
(GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983)

- e)
Trago-te flores, – restos arrancados
Da terra que nos viu passar
E ora mortos nos deixa e separados.
(ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1986)

21. Enem



Disponível em: <http://www.ccsp.com.br>. Acesso em: 27 jul. 2010 (adaptado).

O texto é uma propaganda de um adoçante que tem o seguinte mote: “Mude sua embalagem”. A estratégia que o autor utiliza para o convencimento do leitor baseia-se no emprego de recursos expressivos, verbais e não verbais, com vistas a

- a) ridicularizar a forma física do possível cliente do produto anunciado, aconselhando-o a uma busca de mudanças estéticas.
- b) enfatizar a tendência da sociedade contemporânea de buscar hábitos alimentares saudáveis, reforçando tal postura.
- c) criticar o consumo excessivo de produtos industrializados por parte da população, propondo a redução desse consumo.

- d) associar o vocábulo açúcar a um corpo fora de forma, sugerindo a substituição desse produto pelo adoçante.
- e) relacionar a imagem do saco de açúcar a um corpo humano que não desenvolve atividades físicas, incentivando a prática esportiva.

22. Enem Quando eu falo com vocês, procuro usar o código de vocês. A figura do índio no Brasil de hoje não pode ser aquela de 500 anos atrás, do passado, que representa aquele primeiro contato. Da mesma forma que o Brasil de hoje não é o Brasil de ontem, tem 160 milhões de pessoas com diferentes sobrenomes. Vieram para cá asiáticos, europeus, africanos, e todo mundo quer ser brasileiro. A importante pergunta que nós fazemos é: qual é o pedaço de índio que vocês têm? O seu cabelo? São seus olhos? Ou é o nome da sua rua? O nome da sua praça? Enfim, vocês devem ter um pedaço de índio dentro de vocês. Para nós, o importante é que vocês olhem para a gente como seres humanos, como pessoas que nem precisam de paternalismos, nem precisam ser tratadas com privilégios. Nós não queremos tomar o Brasil de vocês, nós queremos compartilhar esse Brasil com vocês.

TERENA, M. Debate. MORIN, E. *Saberes globais e saberes locais*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000 (adaptado).

Na situação de comunicação da qual o texto foi retirado, a norma-padrão da língua portuguesa é empregada com a finalidade de

- a) demonstrar a clareza e a complexidade da nossa língua materna.
- b) situar os dois lados da interlocução em posições simétricas.
- c) comprovar a importância da correção gramatical nos diálogos cotidianos.
- d) mostrar como as línguas indígenas foram incorporadas à língua portuguesa.
- e) ressaltar a importância do código linguístico que adotamos como língua nacional.

23. Observe o cartum a seguir.



Com base no cartum, considere as seguintes afirmativas.

- I. A língua usada pelas personagens é uma variedade linguística regional.
- II. O apagamento das últimas sílabas das palavras é o recurso principal do cartum.

- III. O uso da língua portuguesa não padrão prejudica a compreensão do cartum.
- IV. O humor do cartum se constrói a partir do uso de variedades regionais da língua.

Estão corretas as afirmativas

- a) I, II e III, apenas.
- b) I e IV, apenas.
- c) I, III e IV, apenas.
- d) II e IV, apenas.
- e) I, II, III e IV.

24. A respeito das variedades linguísticas e dos registros de linguagem, assinale a afirmativa **incorreta**.

- a) O preconceito linguístico é todo juízo de valor negativo (de reprovação, de repulsa ou mesmo de desrespeito) às variedades linguísticas de menor prestígio social.
- b) A proximidade entre os falantes faz com que eles usem variedades mais ou menos formais, dependendo da situação.
- c) A norma-padrão é utilizada por todo falante da língua, independentemente da situação em que se encontra.
- d) A norma-padrão é o conjunto de regras socialmente aceito. A variedade que mais se aproxima dela é chamada variante de prestígio, comum em contextos formais.
- e) As gírias são fenômenos linguísticos comuns em contextos informais de comunicação, sendo muitas vezes utilizadas entre os jovens.

25. IFPE 2018



Ministério da Saúde. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/cidadao/principal/campanhas-publicitarias/22912-campanha-contra-o-hpv-2016>. Acesso em: 4 out. 2017.

As campanhas, de modo geral, sejam elas institucionais ou comerciais, buscam a adesão do interlocutor. No texto, o principal recurso para atingir esse objetivo é

- a) a relação temporal introduzida pela oposição entre os advérbios “hoje” e “amanhã”.
- b) o emprego de verbos no imperativo e do pronome de tratamento “você”.
- c) a analogia entre as pessoas do discurso “ela” e “eu” e a imagem de duas mulheres centralizada no texto.
- d) a orientação sobre a idade das meninas que devem ser vacinadas.
- e) a utilização de balões de fala, como recurso de intertextualidade com uma história em quadrinhos.

26. Insper-SP



(Scott Adams, *O princípio Dilbert*, 3.ª ed. Rio de Janeiro, Ediouro, 1997, p. 90)

Levando-se em conta os aspectos textuais e visuais da tirinha, assinale a alternativa correta.

- a) A surpresa e o absurdo, que constroem o humor da tira, restringem-se ao uso da pergunta feita pelo executivo no último quadrinho.
- b) O contexto permite inferir que o funcionário que faz a pergunta inicial é um indivíduo dissimulado.
- c) A sequência de quadrinhos autoriza afirmar que, no mundo corporativo, o trabalho em equipe é condição essencial para o sucesso profissional.
- d) A expressão facial e a resposta ambígua do chefe, no segundo quadrinho, evidenciam que ele não compreendeu a pergunta do funcionário.
- e) O efeito de humor constrói-se a partir da presença da ironia na resposta do chefe, no segundo quadrinho.

27. Insper-SP Utilize a campanha educativa a seguir para responder à questão.



http://media3.adforum.com/zrf58670C/F/FN/FNSA_01140/FNSA_01140_6684355W.JPG

Considerando-se os elementos visuais e textuais, presentes no cartaz da campanha, assinale o que for **incorreto**.

- a) A imagem da gota de água que sai da torneira reforça a mensagem contida no *slogan*.
- b) De acordo com a norma culta, o verbo “aproveitar” deveria ser substituído por “proveite”.
- c) A expressão “lavar as mãos” pode ser interpretada no sentido conotativo e denotativo.
- d) O verbo “ter”, no segundo período, no sentido de “haver”, é típico da linguagem coloquial.
- e) Em “abandono da Mata Atlântica” há uma ambiguidade decorrente do emprego da expressão preposicionada.

28. Insper-SP 2019 Um dia, recebi um telefonema do meu querido amigo Roberto Carlos. Ele queria saber se poderia usar, na mesma quadra de uma de suas composições, pronomes misturados de 2ª e 3ª pessoas. Mesmo sabedor da liberdade literária, que é dada aos poetas, disse ao nosso maior cantor que era preferível acatar a concordância pronominal, empregando em cada quadra um só tratamento. É isso aí, bicho.

(Arnaldo Niskier. *Na ponta da língua*, 2001.)

Considerado o registro de linguagem, a citação da frase de Roberto Carlos — “É isso aí, bicho” — tem a função de

- a) confirmar a ideia de que é possível misturar pronomes de 2ª e 3ª pessoas, como sugere o cantor.
- b) romper com a formalidade da explicação, já que se recupera uma gíria que notabilizou o cantor.
- c) mostrar que o cantor é um sabedor da liberdade literária e, por essa razão, pode recorrer a ela.
- d) enaltecer o poder de criação do cantor, mas reprovar o uso indistinto de pronomes de 2ª e 3ª pessoas.
- e) desqualificar a linguagem coloquial como forma legítima de expressão, mesmo a do cantor.

29. Insper-SP 2018 Analise a capa da revista *Época*, de 13.11.2017.



As informações verbais e não verbais presentes na capa permitem concluir que

- a) a modernização das leis trabalhistas é responsável pelo recrudescimento dos postos de trabalho no Brasil.
- b) o congelamento dos postos de trabalho compromete o bem-estar social, porém aquece a economia brasileira.
- c) a oferta de novos postos de trabalho mostra que os empregadores brasileiros estão na vanguarda da economia.
- d) os empregadores têm se mostrado hesitantes em preencher postos de trabalho no Brasil.
- e) o aumento da oferta de postos de trabalho com carteira assinada traz segurança para os brasileiros.

30. Enem



Disponível em: www.ccsps.com.br. Acesso em: 26 jul. 2010 (adaptado).

O anúncio publicitário está intimamente ligado ao ideário de consumo quando sua função é vender um produto. No texto apresentado, utilizam-se elementos linguísticos e extralinguísticos para divulgar a atração “Noites do Terror”, de um parque de diversões. O entendimento da propaganda requer do leitor

- a) a identificação com o público-alvo a que se destina o anúncio.
- b) a avaliação da imagem como uma sátira às atrações de terror.
- c) a atenção para a imagem da parte do corpo humano selecionada aleatoriamente.
- d) o reconhecimento do intertexto entre a publicidade e um dito popular.
- e) a percepção do sentido literal da expressão “noites do terror”, equivalente à expressão “noites de terror”.

31. Enem 2012

Texto I

Antigamente

Antigamente, os pirralhos dobravam a língua diante dos pais e se um se esquecia de arear os dentes antes de cair nos braços de Morfeu, era capaz de entrar no couro. Não devia também se esquecer de lavar os pés, sem tugar nem mugir. Nada de bater na cacunda do padrinho, nem de debicar os mais velhos, pois levava tunda. Ainda cedinho, aguava as plantas, ia ao corte e logo voltava aos penates. Não ficava mangando na rua, nem escapulia do mestre, mesmo que não entendesse patavina da instrução moral e cívica. O verdadeiro smart calçava botina de botões para comparecer todo liró ao copo d’água, se bem que no convescote apenas lambiscasse, para evitar flatos. Os bilontras é que eram um precipício, jogando com pau de dois bicos, pelo que carecia muita cautela e caldo de galinha. O melhor

era pôr as barbas de molho diante de um treteiro de tope-te, depois de fintar e engambelar os coiós, e antes que se pusesse tudo em pratos limpos, ele abria o arco.

ANDRADE, C. D. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983 (fragmento).

Texto II

Palavras do arco da velha

Expressão	Significado
Cair nos braços do Morfeu	Dormir
Debicar	Zombar, ridicularizar
Tunda	Surra
Mangar	Escarnecer, caçoar
Tugar	Murmurar
Liró	Bem-vestido
Copo d’água	Lanche oferecido pelos amigos
Convescote	Piquenique
Bilontra	Velhaco
Treteiro de tope-te	Tratante atrevido
Abrir o arco	Fugir

FIORIN, J. L. As línguas mudam. In: *Revista Língua Portuguesa*, n. 24, out. 2007 (adaptado).

Na leitura do fragmento do texto *Antigamente* constata-se, pelo emprego de palavras obsoletas, que itens lexicais outrora produtivos não mais o são no português brasileiro atual. Esse fenômeno revela que

- a) a língua portuguesa de antigamente carecia de termos para se referir a fatos e coisas do cotidiano.
- b) o português brasileiro se constitui evitando a ampliação do léxico proveniente do português europeu.
- c) a heterogeneidade do português leva a uma estabilidade do seu léxico no eixo temporal.
- d) o português brasileiro apoia-se no léxico inglês para ser reconhecido como língua independente.
- e) o léxico do português representa uma realidade linguística variável e diversificada.

32. Enem 2012

Cabeludinho

Quando a Vó me recebeu nas férias, ela me apresentou aos amigos: Este é meu neto. Ele foi estudar no Rio e voltou de ateu. Ela disse que eu voltei de ateu. Aquela preposição deslocada me fantasiava de ateu. Como quem dissesse no Carnaval: aquele menino está fantasiado de palhaço. Minha avó entendia de regências verbais. Ela falava de sério. Mas todo-mundo riu. Porque aquela preposição deslocada podia fazer de uma informação um chiste. E fez. E mais: eu acho que buscar a beleza nas palavras é uma solenidade de amor. E pode ser instrumento de rir. De outra feita, no meio da pelada um menino gritou: Disilimina esse, Cabeludinho. Eu não disiliminei ninguém. Mas aquele verbo novo trouxe um perfume de poesia à nossa quadra. Aprendi nessas férias a brincar de palavras mais do que trabalhar com elas. Comecei a não gostar de palavra engavetada. Aquela que não pode mudar de lugar. Aprendi a gostar mais das palavras pelo que elas entoam do que pelo que elas informam. Por depois ouvi

um vaqueiro a cantar com saudade: Ai morena, não me escreve / que eu não sei a ler. Aquele a preposto ao verbo ler, ao meu ouvir, ampliava a solidão do vaqueiro.

BARROS, M. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

No texto, o autor desenvolve uma reflexão sobre diferentes possibilidades de uso da língua e sobre os sentidos que esses usos podem produzir, a exemplo das expressões “voltou de ateu”, “disilimina esse” e “eu não sei a ler”. Com essa reflexão, o autor destaca

- a) os desvios linguísticos cometidos pelos personagens do texto.
- b) a importância de certos fenômenos gramaticais para o conhecimento da língua portuguesa.
- c) a distinção clara entre a norma culta e as outras variedades linguísticas.
- d) o relato fiel de episódios vividos por Cabeludinho durante as suas férias.
- e) a valorização da dimensão lúdica e poética presente nos usos coloquiais da linguagem.

33. Enem 2012

Entrevista com Marcos Bagno

Pode parecer inacreditável, mas muitas das prescrições da pedagogia tradicional da língua até hoje se baseiam nos usos que os escritores portugueses do século XIX faziam da língua. Se tantas pessoas condenam, por exemplo, o uso do verbo “ter” no lugar de “haver”, como em “hoje tem feijoada”, é simplesmente porque os portugueses, em dado momento da história de sua língua, deixaram de fazer esse uso existencial do verbo “ter”.

No entanto, temos registros escritos da época medieval em que aparecem centenas desses usos. Se nós, brasileiros, assim como os falantes africanos de português, usamos até hoje o verbo “ter” como existencial é porque recebemos esses usos de nossos ex-colonizadores. Não faz sentido imaginar que brasileiros, angolanos e moçambicanos decidiram se juntar para “errar” na mesma coisa. E assim acontece com muitas outras coisas: regências verbais, colocação pronominal, concordâncias nominais e verbais etc. Temos uma língua própria, mas ainda somos obrigados a seguir uma gramática normativa de outra língua diferente. Às vésperas de comemarmos nosso bicentenário de independência, não faz sentido continuar rejeitando o que é nosso para só aceitar o que vem de fora.

Não faz sentido rejeitar a língua de 190 milhões de brasileiros para só considerar certo o que é usado por menos de dez milhões de portugueses. Só na cidade de São Paulo temos mais falantes de português que em toda a Europa!

Informativo Parábola Editorial, s/d.

Na entrevista, o autor defende o uso de formas linguísticas coloquiais e faz uso da norma-padrão em toda a extensão do texto. Isso pode ser explicado pelo fato de que ele

- a) adapta o nível de linguagem à situação comunicativa, uma vez que o gênero entrevista requer o uso da norma padrão.
- b) apresenta argumentos carentes de comprovação científica e, por isso, defende um ponto de vista difícil de ser verificado na materialidade do texto.

- c) propõe que o padrão normativo deve ser usado por falantes escolarizados como ele, enquanto a norma coloquial deve ser usada por falantes não escolarizados.
- d) acredita que a língua genuinamente brasileira está em construção, o que o obriga a incorporar em seu cotidiano a gramática normativa do português europeu.
- e) defende que a quantidade de falantes do português brasileiro ainda é insuficiente para acabar com a hegemonia do antigo colonizador.

34. Enem 2017

A língua tupi no Brasil

Há 300 anos, morar na vila de São Paulo de Piratininga (peixe seco, em tupi) era quase sinônimo de falar língua de índio. Em cada cinco habitantes da cidade, só dois conheciam o português. Por isso, em 1698, o governador da província, Artur de Sá e Meneses, implorou a Portugal que só mandasse padres que soubessem “a língua geral dos índios”, pois “aquela gente não se explica em outro idioma”.

Derivado do dialeto de São Vicente, o tupi de São Paulo se desenvolveu e se espalhou no século XVII, graças ao isolamento geográfico e à atividade pouco cristã dos mamelucos paulistas: as bandeiras, expedições ao sertão em busca de escravos índios. Muitos bandeirantes nem sequer falavam o português ou se expressam mal. Domingos Jorge Velho, o paulista que destruiu o Quilombo dos Palmares em 1694, foi descrito pelo bispo de Pernambuco como “um bárbaro que nem falar sabe”. Em suas andanças, essa gente batizou lugares como Avanhanda (lugar onde o índio corre), Pindamonhangaba (lugar de fazer anzol) e Itu (cachoeira). E acabou inventando uma nova língua.

“Os escravos dos bandeirantes vinham de mais de 100 tribos diferentes”, conta o historiador e antropólogo John Monteiro, da Universidade Estadual de Campinas. “Isso mudou o tupi paulista, que, além da influência do português, ainda recebia palavras de outros idiomas.” O resultado da mistura ficou conhecido como língua geral do sul, uma espécie de tupi facilitado.

ÂNGELO, C. Disponível em: <http://super.abril.com.br>. Acesso em: 8 ago. 2012 (adaptado).

O texto trata de aspectos sócio-históricos da formação linguística nacional. Quanto ao papel do tupi na formação do português brasileiro, depreende-se que essa língua indígena

- a) contribuiu efetivamente para o léxico, com nomes relativos aos traços característicos dos lugares designados.
- b) originou o português falado em São Paulo no século XVII, em cuja base gramatical também está a fala de variadas etnias indígenas.
- c) desenvolveu-se sob influência dos trabalhos de catequese dos padres portugueses, vindos de Lisboa.
- d) misturou-se aos falares africanos, em razão das interações entre portugueses e negros nas investidas contra o Quilombo dos Palmares.
- e) expandiu-se paralelamente ao português falado pelo colonizador, e juntos originaram a língua dos bandeirantes paulistas.

35. **Fuvest-SP 2012** Leia a seguinte mensagem publicitária, referente a carros, e responda ao que se pede:

POTÊNCIA, ROBUSTEZ E TRAÇÃO 4WD. PORQUE TEM LUGARES QUE SÓ COM ESPÍRITO DE AVENTURA VOCÊ NÃO CHEGA.

- a) A mensagem está redigida de acordo com a norma-padrão da língua escrita? Se você julga que sim, justifique; se acha que não, reescreva o texto, adaptando-o à referida norma.
- b) Se a palavra “só” fosse excluída do texto, o sentido seria alterado? Justifique sua resposta.

36. **Fuvest-SP 2019 (Adapt.)** Examine o anúncio e leia o texto.

I.



II. **Art. 149** Reduzir alguém a condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto:

Pena – reclusão, de dois a oito anos, e multa, além da pena correspondente à violência

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.803.htm

Qual a relação entre o uso da imagem sobre um fundo escuro e o texto do anúncio?

BNCC em foco

EM13LP17

1. Enem PPL 2016

LISBOA: AVENTURAS

tomei um expresso
 cheguei de foguete
subi num bonde
 desci de um elétrico
pedi cafezinho
 serviram-me uma bica
quis comprar meias
 só vendiam peúgas
fui dar à descarga
 disparei um autoclisma
gritei “ó cara!”
 responderam-me “ó pá!”
 positivamente
as aves que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá
 PAES, J. P. *A poesia está morta mas juro que não fui eu.*
 São Paulo: Duas cidades, 1988.

No texto, a diversidade linguística é apresentada pela ótica de um observador que entra em contato com uma comunidade linguística diferente da sua. Esse observador é um

- a) falante do português brasileiro relatando o seu contato na Europa com o português lusitano.
- b) imigrante em Lisboa com domínio dos registros formal e informal do português europeu.
- c) turista europeu com domínio de duas variedades do português em visita a Lisboa.
- d) português com domínio da variedade coloquial da língua falada no Brasil.
- e) poeta brasileiro defensor do uso padrão da língua falada em Portugal.

2. Uerj 2015

Medo e vergonha

O medo é um evento poderoso que toma o nosso corpo, nos põe em xeque, paralisa alguns e atíça a criatividade de outros. Uma pessoa em estado de pavor é dona de uma energia extra capaz de feitos incríveis.

Um amigo nosso, quando era adolescente, aproveitou a viagem dos pais da namorada para ficar na casa dela. Os pais voltaram mais cedo e, pego em flagrante, nosso Romeu teve a brilhante ideia de pular, pelado, do segundo andar. Está vivo.

- 5 Tem hoje essa incrível história pra contar, mas deve se lembrar muito bem da vergonha.

Me lembrei dessa história por conta de outra completamente diferente, mas na qual também vi meu medo me deixar em maus lençóis.

- 10 Estava caminhando pelo bairro quando resolvi explorar umas ruas mais desertas. De repente, vejo um menino encostado num muro. Parecia um menino de rua, tinha seus 15, 16 anos e, quando me viu, fixou o olhar e apertou o passo na minha direção. Não pestanejei. Saí correndo. Correndo mesmo, na mais alta performance de minhas pernas.

No meio da corrida, comecei a pensar se ele iria mesmo me assaltar. Uma onda de vergonha foi me invadindo. O rapaz estava me vendo correr. E se eu tivesse me enganado? E se ele não fosse fazer nada? Mesmo que fosse. Ter sido flagrada no meu medo e preconceito daquela forma já me deixava numa desvantagem fulminante.

- 15 Não sou uma pessoa medrosa por excelência, mas, naquele dia, o olhar, o gesto, alguma coisa no rapaz acionou imediatamente o motor de minhas pernas e, quando me dei conta, já estava em disparada.

Fui chegando ofegante a uma esquina, os motoristas de um ponto de táxi me perguntaram o que tinha acontecido e eu, um tanto constrangida, disse que tinha ficado com medo. Me contaram que ele vivia por ali, tomando conta dos carros. Fervi de vergonha.

- 20 O menino passou do outro lado da rua e, percebendo que eu olhava, imitou minha corridinha, fazendo um gesto de desprezo. Tive vontade de sentar na **guia**¹ e chorar. Ele só tinha me olhado, e o resto tinha sido produto legítimo do meu preconceito.

Fui atrás dele. Não consegui carregar tamanha **bigorna**² pra casa. “Ei!” Ele demorou a virar. Se eu pensava que ele assaltava, ele também não podia imaginar que eu pedisse desculpas. Insisti: “Desculpa!” Ele virou. Seu olhar agora não era mais de ladrão, e sim de professor. Me perdoou com um sinal de positivo ainda cheio de desprezo. Fui pra casa pelada, igual ao Romeu suicida.

Denise Fraga. folha.uol.com.br, 08/01/2013

¹ **guia**: meio-fio da calçada.

² **bigorna**: bloco de ferro para confecção de instrumentos.

A crônica é um gênero textual que frequentemente usa uma linguagem mais informal e próxima da oralidade, pouco preocupada com a rigidez da chamada norma culta.

Um exemplo claro dessa linguagem informal, presente no texto, está em:

- O medo é um evento poderoso que toma o nosso corpo, (l. 1)
- Me lembrei dessa história por conta de outra completamente diferente, (l. 6)
- De repente, vejo um menino encostado num muro. (l. 8-9)
- ele também não podia imaginar que eu pedisse desculpas. (l. 22)

3. Considerando a manchete principal da capa de revista a seguir, explique qual é a intenção editorial na escolha da linguagem não verbal e evidencie como ela dialoga com a linguagem verbal.



Reprodução



KANDINSKY, Wassily. *Amarelo-Vermelho-Azul*, 1925. Óleo sobre tela, 127 cm × 200 cm. Museu Nacional de Arte Moderna, Paris.

FRENTE 1

CAPÍTULO

2

Classes gramaticais e relações morfossintáticas

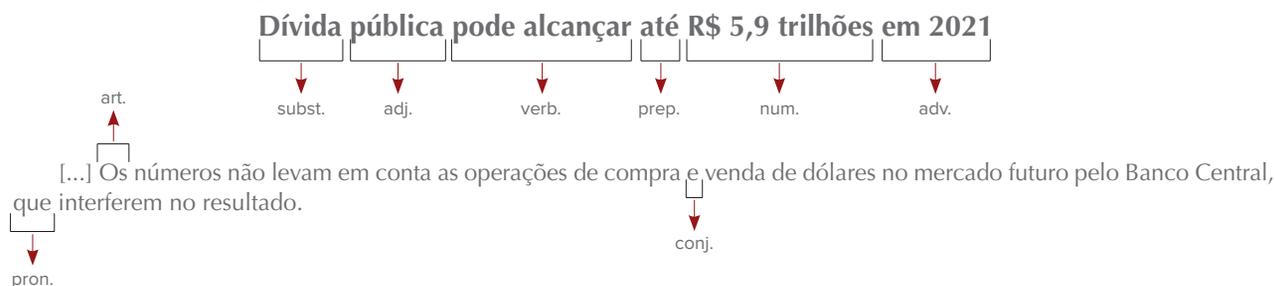
A obra *Amarelo-Vermelho-Azul*, do pintor abstracionista Wassily Kandinsky (1866-1944), é resultado de uma pesquisa sobre as formas e particularidades das cores e suas diferentes combinações. Para Kandinsky, apesar de as cores terem as suas formas próprias, quando combinadas, a nossa percepção sobre elas muda.

De modo semelhante, a língua portuguesa também possui classes de palavras, cada qual com suas formas gramaticais. Porém, ao serem utilizadas, essas palavras de classes diferentes estabelecem relações, adquirindo funções específicas. Essas relações são estudadas na morfossintaxe da língua.

Classes de palavras

De acordo com a versão *on-line* do dicionário *Michaelis*, o verbo “classificar” significa “distribuir em classes e nos grupos respectivos, de acordo com um método ou sistema de classificação”. Em outros termos, toda classificação requer um critério que agrupe os elementos em uma mesma classe.

Os critérios que delimitaram as classes de palavras nas línguas foram estabelecidos gradativamente. Na língua portuguesa, esses critérios dizem respeito à flexão das palavras (singular e plural; masculino e feminino) e às suas funções básicas. O português dispõe de dez classes de palavras.



MÁXIMO, Wellton. Dívida pública pode alcançar até R\$ 5,9 trilhões em 2021. *Agência Brasil*, 27 jan. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-01/divida-publica-pode-alcancar-ate-r-59-trilhoes-em-2021>. Acesso em: 8 ago. 2022.

	Classe gramatical	Funções básicas
Palavras variáveis	Substantivo	Nomear e identificar seres, pessoas, objetos, lugares e conceitos.
	Adjetivo	Qualificar, especificar e detalhar o substantivo, modificando-o.
	Artigo	Evidenciar o substantivo, antepondo-se a ele.
	Numeral	Quantificar o substantivo, antepondo-se a ele.
	Pronome	Substituir ou designar o substantivo.
	Verbo	Expressar uma ação ou estado. É o núcleo da sentença.
Palavras invariáveis	Advérbio	Dar informações (tempo, espaço etc.) sobre o verbo; modificar outros advérbios e adjetivos.
	Preposição	Ligar palavras e termos de uma sentença.
	Conjunção	Ligar palavras e relacionar sentenças.
	Interjeição	Expressar emoções e afetividade.

A seguir, estudaremos as formas gramaticais e as funções linguísticas de cada uma dessas classes de palavras.

! Atenção

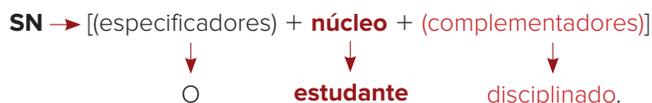
Você se lembra da diferença entre frase, oração e período? Frase é o enunciado linguístico que possui um sentido completo. Oração é um enunciado que contém um verbo ou locução verbal (ou seja, quando dois ou mais verbos são empregados juntos, exercendo a função morfológica de um verbo) e que pode não apresentar um sentido completo. Período é um enunciado que contém uma ou mais orações de sentido completo.

📖 Estabelecendo relações

Na Sociologia, o conceito de classes, particularmente de classes sociais, foi bastante discutido por diversos teóricos, como Karl Marx, Max Weber e Pierre Bourdieu. Nesses estudos, semelhante ao que ocorre nas investigações sobre as classes de palavras da língua portuguesa, buscou-se delimitar as regularidades e funções de cada grupo social a fim de classificá-los.

Substantivo

Do ponto de vista gramatical, os substantivos funcionam como núcleos de expressões nominais ou sintagmas nominais. Um **sintagma nominal (SN)** tem a seguinte estrutura:



Como o substantivo é o núcleo do sintagma, os outros elementos, especificadores e complementadores, têm a função de auxiliá-lo e devem concordar com ele em número (singular e plural) e gênero (masculino e feminino). Exemplo: “As estudantes disciplinadas”.

Os substantivos são divididos nas seguintes subclasses: comuns (homem, mulher...), próprios (Brasil, Maria...), compostos (cachorro-quente, arco-íris...), primitivos (livro, lei...), derivados (livraria, ilegal...), coletivos (arquipélago, cardume...), abstratos (sonhos, alegria...), concretos (círculo, lápis...).

Além disso, nossa identidade civil só é possível graças a essa classe gramatical, pois com ela podemos atribuir um nome e um sobrenome às pessoas, ou seja, uma identificação no mundo. Observe a manchete e a linha fina a seguir:

Nasa anuncia que vai revisar nomes de planetas, estrelas e galáxias que podem ser preconceituosos

Agência espacial americana não se referirá mais à nebulosa NGC 2392 como “nebulosa esquimó”, termo colonial de história racista imposto a povos indígenas das regiões árticas. Especialistas em diversidade, inclusão e igualdade irão prestar consultoria.

G1, 5 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/08/05/nasa-anuncia-que-vai-revisar-nomes-de-planetas-estrelas-e-galaxias-que-podem-ser-preconceituosos.ghtml>. Acesso em: 8 ago. 2022.

O trecho de notícia que você acabou de ler mostra que o ato de nomear pode igualmente denotar um ponto de vista em relação ao ser nomeado. No caso específico do fato reportado, o nome atribuído pela Nasa a um planeta pode ter evidenciado um posicionamento racista em relação aos indígenas do ártico.

Nomear é dar existência a um ser, atribuindo-lhe uma diferença em relação aos outros seres e, ao mesmo tempo, relacionando essa diferença a uma semelhança. Por isso, o ato de nomear é também um ato de classificar os seres em determinados grupos.

Saiba mais

A União Astronômica Internacional (IAU), criada em 1919, é responsável por definir os critérios de nomeação dos corpos celestes. As estrelas, por exemplo, são nomeadas com siglas. Os planetas grandes e anões devem ter nomes divinos pronunciáveis. Atualmente, existem cinco planetas anões identificados em nosso Sistema Solar, cada um com o nome de um deus das mitologias grega, polinésia ou romana: Ceres, Plutão, Haumea, Makemake e Éris.

Adjetivo

Na estrutura do sintagma nominal, os adjetivos funcionam como “complementadores” dos substantivos, atribuindo-lhes alguma qualidade. Na tirinha a seguir, o substantivo “ilha” ganha, quadro a quadro, novas qualidades: ilha **das flores**; ilha das flores **gigantes**; ilha das flores gigantes **carnívoras**. Os elementos em destaque atribuem qualificações ao substantivo “ilha”, de modo a particularizá-lo.



Observe a reação dos pássaros ao encontrar diferentes tipos de adjetivação sobre a ilha.

Em relação à função textual, os adjetivos são elementos qualificadores. Qualificar é atribuir um sentido particular aos seres nomeados.

A qualificação pode mostrar o ponto de vista daquele que qualifica em relação ao que é qualificado.

Artigo

Os artigos funcionam como “especificadores” em um sintagma nominal e ocorrem sempre antes dos substantivos, concordando com eles em número (singular e plural) e gênero (masculino e feminino). Há duas subclasses para os artigos: os definidos (o, a, os, as) e os indefinidos (um, uma, uns, umas).

Sobre a função que os artigos podem adquirir em textos, observe a propaganda a seguir:



Propaganda veiculada pela prefeitura de Florianópolis, Santa Catarina, com o objetivo de promover a conscientização acerca da preservação da vida marinha.

O anúncio faz parte de uma campanha de conscientização sobre o descarte de plástico nos oceanos. Nele, o artigo definido “o”, em “**o** maior predador dos oceanos tem uma boca de 1 centímetro”, funciona como elemento que singulariza o substantivo adjetivado (“maior predador”) e também lhe confere maior evidência no texto, em associação com a imagem do canudo de plástico.

Numeral

Os numerais são palavras que designam os números, ou a ordem de sua sucessão: dois, dezoito, quinto, trigésimo. Podem ser usados individualmente, com o valor de substantivos (“cinco e quatro são nove”), ou como adjetivos, isto é, junto de um substantivo, ao qual acrescentam uma indicação de quantidade ou de ordem (“dois irmãos”, “três casas”, “primeiro filho”).

Os numerais podem ser: cardinais (um, dois...), ordinais (primeiro, segundo...), fracionários (meio, um terço...) e multiplicativos (dobro, triplo...).

A função textual dos numerais é a quantificação, que atribui um sentido de objetividade ao texto. Vejamos a seguir o trecho de uma matéria sobre o impacto da pandemia do coronavírus nos cinemas do Brasil.

No ano de 2020, após um começo promissor, com recorde de arrecadação de obras brasileiras, o segmento de salas de exibição no país foi duramente afetado pela situação da COVID-19.

Números preliminares do Sistema de Controle de Bilheteria (SCB) apontam que o público das salas de cinema brasileiras em 2020 foi de cerca de **39 milhões** de espectadores, com uma receita de bilheteria em torno de R\$ **630 milhões**, o que representa uma redução de **77%** em relação a 2019, tanto em público quanto em receita de bilheteria.

Em relação aos filmes brasileiros, os números de 2020 indicam um público de **9,1 milhões** de espectadores e uma arrecadação de R\$ **144,7 milhões**, uma redução de **61,8%** e **55,8%**, respectivamente, em relação a 2019. [...]

Em março, no entanto, a pandemia provocada pela COVID-19 causou o fechamento das salas de cinema em larga escala em todo o mundo. Se na primeira quinzena de março o Sistema de Controle de Bilheteria apontou o funcionamento no Brasil de cerca de **3.381** salas de cinema, em abril não foram registradas mais do que cinco salas em funcionamento.

ANCINE divulga números da exibição em 2020 e 2021. *ANCINE*, 29 jan. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/ancine/pt-br/assuntos/noticias/ancine-divulga-numeros-da-exibicao-em-2020-e-2021>. Acesso em: 25 jun. 2021. (CC BY-ND 3.0).

Os numerais destacados na reportagem conferem ao texto jornalístico maior objetividade e exatidão nas informações.

Pronome

Os pronomes têm grande importância na comunicação humana, porque designam os participantes de uma interação. Além disso, podem retomar um substantivo, substituindo-o. O nome técnico desse recurso é **anáfora**.

Observe a seguir os pronomes destacados no excerto do romance *Senhora*, de José de Alencar:

Aurélia concentra-se de todo dentro de si; ninguém ao ver essa gentil menina, na aparência tão calma e tranquila, acreditaria que nesse momento ela agita e resolve o problema de sua existência; e prepara-se para sacrificar irremediavelmente todo o seu futuro.

ALENCAR, José de. *Senhora*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000011.pdf. Acesso em: 30 jul. 2021.

Advérbio

Advérbios são palavras que modificam os verbos e servem para expressar as várias circunstâncias que cercam os sentidos verbais. Os advérbios também podem, em alguns casos, modificar adjetivos e outros advérbios. Para compreender sua forma e função, vejamos o anúncio institucional a seguir, veiculado pelo Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), sobre os benefícios de parar com o consumo de cigarros.



Campanha contra o tabagismo.

O anúncio do MPMG apresenta a seguinte mensagem: “Parando de fumar **hoje**, dentro de 9 meses, a tosse, o chiado e a falta de ar **diminuem significativamente**. **Não perca seu tempo**”. Perceba que os advérbios estão próximos aos verbos que eles modificam, atribuindo-lhes circunstâncias: o advérbio “hoje” agrega uma informação de tempo à ação verbal; o advérbio “significativamente” traz a ideia de intensidade; e o “Não” acrescenta um dado de negação. Em suma, a função dos advérbios no texto é mostrar que, quanto mais rápido for o abandono do cigarro, mais célere será a melhora respiratória do fumante.

Os advérbios empregados em textos podem indicar uma avaliação particular sobre determinado assunto. No caso do anúncio analisado, o advérbio “significativamente” mostra um posicionamento de certeza em relação ao que se diz. Essas avaliações são chamadas modalizações.

Como estudamos na tabela de classes de palavras, no início do capítulo, a classe dos advérbios não varia nem em número, nem em gênero.

Muitos advérbios são formados pelo sufixo “-mente”. Há grande variedade de advérbios na língua portuguesa: afirmação (certamente), dúvida (talvez), intensidade (bastante), lugar (acima), modo (depressa), negação (nunca), tempo (amanhã), ordem (primeiramente), inclusão (inclusive) e designação (eis).

Preposição

As preposições são termos que organizam outros vocábulos à sua volta. Várias classes de palavras funcionam como complementadoras das preposições, mas no geral são os substantivos e os verbos. Vejamos as manchetes de notícia a seguir:

MEC prorroga prazo para adesão de universidades ao Sisu

PEDUZZI, Pedro; LEAL, Aline (ed.). *Agência Brasil*, 16 fev. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-02/mec-prorroga-prazo-para-adesao-de-universidades-ao-sisu>. Acesso em: 8 ago. 2022.

Universidade de Oxford testará vacina contra covid-19 em crianças

FRANCIS, Derek. *Agência Brasil*, 13 fev. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2021-02/universidade-de-oxford-testara-vacina-contracovid-19-em-criancas>. Acesso em: 8 ago. 2022.

As palavras em destaque são preposições, que relacionam um termo a outro. Elas podem ser:

- **Simple** (também chamadas essenciais em algumas gramáticas): a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, por, perante, sem, sob, sobre.
- **Complexas** (chamadas locuções preposicionais): perto de (adv. + prep.), ao redor de (prep. + sub. + prep.), ao longo de (prep. + adj. + prep.), para com (prep. + prep.).

Conjunção

As conjunções, assim como as preposições, têm função de organização. A diferença entre essas duas classes é que as conjunções organizam as orações entre si, ou seja, a que começa pela conjunção completa a outra (conjunções de subordinação) ou lhe acrescenta informações (conjunções de coordenação). A função das conjunções é estabelecer relações lógicas entre duas ou mais orações, a fim de construir e organizar as ideias.

O parágrafo a seguir é a introdução de uma dissertação argumentativa do Enem 2019, para a qual foi atribuída nota máxima. Observe as palavras em destaque:

O advento da internet possibilitou um avanço das formas de comunicação e permitiu um maior acesso à informação. **No entanto**, a venda de dados particulares de usuários se mostra um grande problema. **Apesar dos** esforços para coibir essa prática, o combate à manipulação de usuários por meio de controle de dados representa um enorme desafio. Pode-se dizer, **então**, que a negligência por parte do governo e a forte mentalidade individualista dos empresários são os principais responsáveis pelo quadro.

CARDOSO, Matheus M. W. In: BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *A redação no Enem 2019: cartilha do participante*. Brasília, 2019. p. 33. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2019/redacao_enem2019_cartilha_participante.pdf. Acesso em: 8 ago. 2022.

As palavras destacadas garantem que as informações do texto estejam conectadas umas às outras, além de permitirem que o autor da redação construísse raciocínios lógicos mais elaborados. A isso chamamos **coesão sequencial**. Cada uma das conjunções utilizadas no texto estabelece uma relação entre as informações apresentadas: “e” (ideia de adição), “no entanto” (ideia de oposição), “Apesar de” (ideia de concessão) e “então” (ideia de conclusão).

As relações lógicas geradas pelas conjunções são: adição (ademais), oposição (porém), explicação (pois), conclusão (portanto), alternância (seja... seja), conformidade (conforme), temporalidade (quando), causalidade (visto que), finalidade (a fim de), entre outras.

Interjeição

São palavras que exprimem emoção. As interjeições são elementos afetivos da linguagem, muito recorrentes em textos orais, as quais são seguidas de entonações sentimentais de: alegria (olá!), desejo (tomara!), dor (ail), chamamento (psiu!), silêncio (calado!), advertência (alerta!) ou incredulidade (ora!).

Na tirinha a seguir, há várias interjeições. Observe:



O uso de interjeições requer um contexto para compreensão de seu sentido.

As interjeições utilizadas em cada quadrinho mostram que as palavras dessa classe gramatical funcionam como frases-vocábulos, pois o sentido que elas aportam se completa com uma informação não expressa, mas inerente ao contexto.

Como dissemos, as interjeições têm grande importância na conversação face a face, pois podem funcionar como marcadores conversacionais, que são elementos linguísticos cuja função é chamar a atenção do interlocutor, requisitando sua participação na conversa.

No curto diálogo a seguir, a interjeição “Bravo!” convida o interlocutor a agradecer o elogio.

A – Que refeição deliciosa. **Bravo!**

B – Obrigado! Fiz com muito carinho para você.

A – **Hum!** Esse cuscuz estava maravilhoso.

Saiba mais

Uma das teorias para explicar a origem das línguas foi a “teoria das interjeições”. Os adeptos dessa corrente defendiam que os primeiros sons da fala foram interjeições involuntárias que o ser humano emitia devido a impressões causadas por diferentes objetos. Ao se repetirem, as interjeições passaram a designar esses objetos, ou seja, transformaram-se em palavras. Entretanto, essa teoria foi contestada e não tem mais validade atualmente.

Revisando

1. **Unesp 2020** A questão toma por base um fragmento de uma crônica de Eça de Queirós (1845-1900) escrita em junho de 1871.

Uma campanha alegre, IX

Há muitos anos que a política em Portugal apresenta este singular estado: Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder, perdem o Poder, reconquistam o Poder, trocam o Poder... O Poder não sai duns certos grupos, como uma **pela*** que quatro crianças, aos quatro cantos de uma sala, atiram umas às outras, pelo ar, num rumor de risos.

Quando quatro ou cinco daqueles homens estão no Poder, esses homens são, segundo a opinião, e os dizeres de todos os outros que lá não estão — os corruptos, os esbanjadores da Fazenda, a ruína do País!

Os outros, os que não estão no Poder, são, segundo a sua própria opinião e os seus jornais — os verdadeiros liberais, os salvadores da causa pública, os amigos do povo, e os interesses do País.

Mas, coisa notável! — os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar a ser os esbanjadores da Fazenda e a ruína do País, durante o maior tempo possível! E os que não estão no Poder movem-se, conspiram, cansam-se, para deixar de ser o mais depressa que puderem — os verdadeiros liberais, e os interesses do País!

Até que enfim caem os cinco do Poder, e os outros, os verdadeiros liberais, entram triunfantemente na designação herdada de esbanjadores da Fazenda e ruína do País; em tanto que os que caíram do Poder se resignam, cheios de fel e de tédio — a vir a ser os verdadeiros liberais e os interesses do País.

Ora como todos os ministros são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos, não há nenhum deles que não tenha sido por seu turno esbanjador da Fazenda e ruína do País...

Não há nenhum que não tenha sido demitido, ou obrigado a pedir a demissão, pelas acusações mais graves e pelas votações mais hostis...

Não há nenhum que não tenha sido julgado incapaz de dirigir as coisas públicas — pela Imprensa, pela palavra dos oradores, pelas incriminações da opinião, pela afirmativa constitucional do poder moderador...

E todavia serão estes doze ou quinze indivíduos os que continuarão dirigindo o País, neste caminho em que ele vai, feliz, abundante, rico, forte, coroadado de rosas, e num **chouto**** tão triunfante!

(Eça de Queirós. Obras. Porto: Lello & Irmão-Editores, [s.d.].)

(*) **Pela:** bola.

(**) **Chouto:** trote miúdo.

Assinale a alternativa cuja frase contém um numeral cardinal empregado como substantivo.

- a) Há muitos anos que a política em Portugal apresenta...
- b) Doze ou quinze homens, sempre os mesmos, alternadamente possuem o Poder...
- c) ... os cinco que estão no Poder fazem tudo o que podem para continuar...
- d) ... são tirados deste grupo de doze ou quinze indivíduos...
- e) ... aos quatro cantos de uma sala...

2. Fuvest-SP 2020

amora

a palavra amora
seria talvez menos doce
e um pouco menos vermelha
se não trouxesse em seu corpo
(como um velado esplendor)
a memória da palavra amor
a palavra amargo
seria talvez mais doce
e um pouco menos acerba
se não trouxesse em seu corpo
(como uma sombra a espreitar)
a memória da palavra amar

Marco Catalão, *Sob a face neutra*.

Tal como se lê no poema,

- a palavra “amora” é substantivo, e “amargo”, adjetivo.
- o verbo “amar” ameniza o amargor da palavra “amargo”.
- o substantivo “corpo” apresenta sentido denotativo.
- o substantivo “amor” intensifica o dulçor da palavra “amora”.
- o verbo “amar” e o substantivo “amor” são intercambiáveis.

3. UAB/Uespi

Pé com pé

Acordei com o pé esquerdo	Caiu um pé d’água
Calcei meu pé de pato	Enfie o pé na lama
Chutei o pé da cama	Perdi o pé de apoio
Botei o pé na estrada	Agarrei num pé de planta
Dei um pé de vento	[...]

(PERES, Sandra; TATIT, Paulo. Pé com pé. In: *Palavra cantada*. [S.l.]: MCD, 2004.)

Cada um dos versos do poema é iniciado com uma forma verbal. Em sua maioria, esses verbos denotam

- estados emocionais.
- reações a alguma causa preexistente.
- ações realizadas pelo eu lírico.
- práticas eventuais.
- realizações compulsórias.

4. AFA-SP 2017

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo

- 5 Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.
Eu não dei por esta mudança,
10 Tão simples, tão certa, tão fácil:
– em que espelho ficou perdida
a minha face?

(MEIRELES, Cecília. *Obra Poética de Cecília Meireles*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1958.)

Analisando os versos do poema “Retrato”, assinale a opção correta.

- Percebe-se que foi utilizado, no poema, o pronome “este” e suas variações, em referência a algo que, do ponto de vista espacial, está próximo do eu lírico.
- A repetição do advérbio de modo “assim” (v. 2) reforça as características físicas do eu lírico no passado.
- Em “Tão simples, tão certa, tão fácil” (v. 10), o advérbio em destaque foi empregado para atenuar as mudanças sofridas pelo eu lírico ao longo da vida.
- A substituição da expressão “em que espelho” (v. 11) por “onde” poderia ocorrer sem provocar alteração no sentido e na sintaxe do verso original.

5. Unifei-MG



(Disponível em: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/tira211.htm>)

Não há uma oração no primeiro balão da tirinha, pois trata-se de:

- uma frase verbal.
- um outro código linguístico.
- uma palavra que não pertence ao léxico da língua portuguesa.
- uma interjeição.

6. Ufam/PSC 2017

Leia as frases a seguir, atentando para as interjeições ou locuções interjetivas sublinhadas:

- Oh! que saudades que tenho / Da aurora da minha vida” (Casimiro de Abreu)
- Psui! O filme já começou!
- Puxa vida! Não é que a bateria do carro descarregou?
- Oxalá agora os tempos mudem e o nosso time volte a ganhar
- “Ó Guerreiros da Taba sagrada, / Ó Guerreiros da Tribo Tupi,
Falam Deuses nos cantos do Piaga, / Ó Guerreiros, meus cantos ouvi!” (Gonçalves Dias)
- Coragem! Afinal, você já enfrentou adversidades maiores na vida
- Hum! Não tenho boas informações sobre a conduta desse rapaz

As interjeições são expressões que traduzem nossos estados emotivos. A seguir, relacionamos alguns desses estados:

- (1) desejo ou ansiedade
- (2) aplauso
- (3) imposição ou pedido
- (4) tristeza
- (5) animação
- (6) dúvida ou suspeita
- (7) zombaria
- (8) impaciência ou irritação
- (9) apelo ou chamamento

Considere que, nos enunciados da questão, há sete interjeições (portanto, dois dos estados emotivos não estão contemplados nas frases). Depois disso, assinale a alternativa em que as interjeições das frases correspondem aos estados emotivos relacionados:

- a) I – (4); II – (3); III – (8); IV – (1); V – (9); VI – (5); VII – (6)
- b) I – (8); II – (1); III – (7); IV – (5); V – (3); VI – (2); VII – (4)
- c) I – (4); II – (8); III – (7); IV – (1); V – (5); VI – (2); VII – (6)
- d) I – (7); II – (8); III – (4); IV – (2); V – (9); VI – (5); VII – (1)
- e) I – (8); II – (9); III – (4); IV – (7); V – (3); VI – (2); VII – (1)

7. AFA-SP 2021

Porém igualmente

É uma santa. Diziam os vizinhos. E D. Eulália apanhando. É um anjo. Diziam os parentes. E D. Eulália sangrando. Porém igualmente se surpreenderam na noite em que, mais bêbado que de costume, o marido, depois de surrá-la, jogou-a pela janela, e D. Eulália rompeu em asas o voo de sua trajetória.

(COLASANTI, Marina. *Um espinho de marfim e outras histórias*. Porto Alegre: L&PM, 1999.)

Assinale a alternativa correta, quanto à análise morfo-sintática do texto.

- a) Na construção verbal “se surpreenderam” o verbo foi empregado impessoalmente, sem se referir a nenhuma pessoa gramatical.
- b) Substituir a expressão “em que” (l. 4) por “quando” altera o sentido e a análise sintática original do período.
- c) Não é possível identificar o autor da ação verbal indicada na segunda oração.
- d) A falta de elementos de coesão como conjunções ou advérbios, nos seis primeiros períodos, interfere na compreensão do texto.

8. AFA-SP 2019

Violência: presente e passado da história

Vilma Homero

Ao olhar para o passado, costumamos imaginar que estamos nos afastando dos tempos da “barbárie pura e simples” para alcançar uma almejada “civilização”, calcada sobre relações livres, iguais e fraternas, típicas do homem culto. Um olhar sobre a história, no entanto, põe em xeque esta visão utópica. Organizado pelos

historiadores Regina Bustamante e José Francisco de Moura, o livro *Violência na História*, publicado pela Mauad Editora com apoio da FAPERJ, reúne diversos ensaios que mostram, ao longo do tempo, diferentes aspectos da violência, propondo uma reflexão mais demorada sobre o tema. Nos ensaios reunidos no livro, podemos vislumbrar como, desde a antiguidade e ao longo da história humana, a violência se insere, sob diversos vieses, nas relações de poder, seja entre Estado e cidadãos, entre livres e escravos, entre homens e mulheres, ou entre diferentes religiões. “Durante a Idade Média, por exemplo, vemos como a violência se manifesta na religiosidade, durante o movimento das Cruzadas. Ou, hoje, no caso dos movimentos sociais, como ela acontece em relação aos excluídos das favelas. O sentido é amplo. A desigualdade social, por exemplo, é um tipo de violência; a expropriação do patrimônio cultural, que significa não permitir que a memória cultural de determinado grupo se manifeste, também”, prossegue a organizadora. [...] A própria palavra “violência”, que etimologicamente deriva do latim *vis*, com significado de força, virilidade, pode ser positiva em termos de transformação social, no sentido de uma violência revolucionária, usada como forma de se tentar transformar uma sociedade em determinado momento. [...] Essas variadas abordagens vão aparecendo ao longo do livro.

[...] Na Roma antiga, as penas, aplicadas após julgamento, ganhavam um sentido religioso. Despido de sua humanidade, o réu era declarado *homo sacer*. Ou seja, sua vida passava a ser consagrada aos deuses. Segundo a pesquisadora Norma Mendes, “havia o firme propósito de fazer da morte dos condenados um espetáculo de caráter exemplar, revestido de sentido religioso e de dominação, cuja função era o reforço, manutenção e ratificação das relações de poder.” [...] O historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva é um dos que traz a discussão para o presente, analisando as transformações políticas do último século. “Desde Voltaire até Kant e Hegel, acreditava-se no contínuo aperfeiçoamento da condição humana como uma marcha inexorável em direção à razão. [...] O Holocausto, perpetrado em um dos países mais avançados e cultos à época, deixou claro que a luta pela dignidade humana é um esforço contínuo e, pior de tudo, lento. [...] E sobretudo, mais de 50 anos depois da II Guerra Mundial, a ocorrência de outros genocídios – Ruanda, Iugoslávia, Camboja etc. – leva a refletir sobre a convivência entre os homens nesse começo do século XXI.” O historiador prossegue: “De forma paradoxal, a globalização, conforme se aprofunda e pluga os homens a escalas planetárias, é fortemente acompanhada pelo localismo e o particularismo religioso, étnico ou cultural, promovendo ódios e incompreensões crescentes. Na Bósnia ou em Kosovo, na Faixa de Gaza ou na Irlanda do Norte, a capacidade de entendimento chegou a seu mais baixo nível de tolerância, e transpor uma linha, imaginária ou não, entre bairros pode representar a morte.” Como nem tudo se limita às questões políticas e às guerras, o livro ainda

analisa as formas que a violência assume nas relações de gênero, na religião, na cultura e aborda também a questão dos direitos humanos, vista sob a perspectiva de diferentes sistemas culturais.

(<http://www.faperj.br/?id=1518.2.4>. Acesso em 5 mar. 2018.)

O uso do conectivo em destaque está corretamente justificado em:

- a) "...um espetáculo de caráter exemplar, revestido de sentido religioso e de dominação, cuja função era o reforço [...] das relações de poder." (l. 39 a 42) – *Conecta oração, estabelecendo uma relação de posse.*
- b) "...a violência se insere, sob diversos vieses, nas relações de poder..." (l. 14 e 15) – *Acrescenta aspecto locativo.*
- c) "Ou seja, sua vida passava a ser consagrada aos deuses." (l. 36 e 37) – *Introduz sentido de alternância.*
- d) "Como nem tudo se limita às questões políticas e às guerras, o livro ainda analisa as formas que a violência assume..." (l. 64 a 66) – *Estabelece conexão temporal.*



Para responder às questões 9 e 10, leia atentamente o excerto seguinte.

Mas o noivo por onde andava que não vinha? Esse belo mancebo, tão ardente e tão apaixonado, por que se não apresentava logo? Dos homens que Ana Rosa conhecia na província nenhum decerto podia ser! ...E, no entanto, ela amava...

A quem?

Não sabia dizê-lo, mas amava. Sim! Fosse a quem fosse, ela amava; porque sentia vibrar-lhe o corpo, fibra por fibra, pensando nesse – Alguém – íntimo e desconhecido para ela; esse – Alguém – que não vinha e não lhe saía do pensamento; esse – Alguém – cuja ausência a fazia infeliz e lhe enchia a existência de lágrimas.

(AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato*. São Paulo: Editora Ática, 2010).

9. IFMT 2019 “Fosse a quem fosse, ela amava; porque sentia vibrar-lhe o corpo, fibra por fibra, pensando nesse – **Alguém** – íntimo e desconhecido para ela; esse – **Alguém** – que não vinha e não lhe saía do pensamento”.

No que se refere ao termo destacado neste fragmento, julgue os itens a seguir:

- I. Costumeiramente classificada como pronome, a palavra destacada exerce na frase função análoga à de substantivo próprio.
- II. Ao ser grafado com letra maiúscula, o termo revela a angústia da personagem feminina por não haver encontrado o ser amado.
- III. O termo equivale a um pronome pessoal do caso reto, ao qual o autor recorre para intensificar o mistério da narrativa.

São corretas as assertivas:

- a) I e II.
- b) I, apenas.
- c) I e III.
- d) II e III.
- e) I, II e III.

10. IFMT 2019 “Esse belo **mancebo**, tão ardente e tão apaixonado, **por que** se não apresentava logo?”

Os termos destacados, quando analisados morfológicamente, equivalem respectivamente:

- a) A um advérbio e um adjetivo.
- b) A um substantivo e um pronome interrogativo.
- c) A um substantivo e uma conjunção adversativa.
- d) A um substantivo e um advérbio de tempo.
- e) A um substantivo e uma preposição.

Exercícios propostos



Texto para as questões 1 e 2.

Das vantagens de ser bobo

O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo. O bobo é capaz de ficar sentado quase sem se mexer por duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: “Estou fazendo.

- 5 Estou pensando.”.

Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da

esperteza, e o bobo tem originalidade, espontaneamente lhe vem a ideia.

- 10 O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem. Os espertos estão sempre tão atentos às espertezas alheias que se descontraem diante dos bobos, e estes os veem como simples pessoas humanas. O bobo ganha utilidade e sabedoria para viver. O bobo nunca parece ter tido vez. No entanto, muitas vezes, o bobo é um Dostoievski.

Há desvantagem, obviamente. Uma boba, por exemplo, confiou na palavra de um desconhecido para a compra de

um ar refrigerado de segunda mão: ele disse que o aparelho era novo, praticamente sem uso porque se mudara para a Gávea onde é fresco. Vai a boba e compra o aparelho sem vê-lo sequer. Resultado: não funciona. Chamado um técnico, a opinião deste era de que o aparelho estava tão estragado que o conserto seria caríssimo: mais valia comprar outro. Mas, em contrapartida, a vantagem de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, e portanto estar tranquilo, enquanto o esperto não dorme à noite com medo de ser ludibriado. O esperto vence com úlcera no estômago. O bobo não percebe que venceu.

Aviso: não confundir bobos com burros. Desvantagem: pode receber uma punhalada de quem menos espera. É uma das tristezas que o bobo não prevê. César terminou dizendo a célebre frase: “Até tu, Brutus?”.

Bobo não reclama. Em compensação, como exclama! Os bobos, com todas as suas palhaçadas, devem estar todos no céu. Se Cristo tivesse sido esperto não teria morrido na cruz.

O bobo é sempre tão simpático que há espertos que se fazem passar por bobos. Ser bobo é uma criatividade e, como toda criação, é difícil. Por isso é que os espertos não conseguem passar por bobos. Os espertos ganham dos outros. Em compensação os bobos ganham a vida. Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem.

Há lugares que facilitam mais as pessoas serem bobas (não confundir bobo com burro, com tolo, com fútil). Minas Gerais, por exemplo, facilita ser bobo. Ah, quantos perdem por não nascer em Minas!

Bobo é Chagall, que põe vaca no espaço, voando por cima das casas. É quase impossível evitar o excesso de amor que o bobo provoca. É que só o bobo é capaz de excesso de amor. E só o amor faz o bobo.

LISPECTOR, Clarice. *Das vantagens de ser bobo*. Disponível em: <http://www.revistapazes.com/das-vantagens-de-ser-bobo/>. Acesso em: 10 maio 2017. Originalmente publicado no *Jornal do Brasil* em 12 de setembro de 1970.

1. IME-RJ 2018 Observe os conectivos destacados no trecho abaixo, retirado do texto. Assinale a opção em que a análise semântica está de acordo com a que foi estabelecida no texto.

[...] ele disse que o aparelho era novo, praticamente sem uso **porque** se mudara para a Gávea onde é fresco. Vai a boba e compra o aparelho sem vê-lo **sequer**. Resultado: não funciona. Chamado um técnico, a opinião deste era de que o aparelho estava **tão** estragado **que** o conserto seria caríssimo: mais valia comprar outro. Mas, em contrapartida, a vantagem de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, e **portanto** estar tranquilo, **enquanto** o esperto não dorme à noite com medo de ser ludibriado. O esperto vence com úlcera no estômago. O bobo não percebe que venceu (linhas 18 a 27).

- a) O conectivo **porque** estabelece uma relação de consequência.
- b) O advérbio **sequer** introduz uma ideia de exceção.
- c) A expressão **tão... que** estabelece uma relação de causa.
- d) O conectivo **portanto** estabelece uma ideia de finalidade.
- e) O conectivo **enquanto** estabelece ideia de comparação.

2. IME-RJ 2018 Na frase “só o bobo é capaz de excesso de amor” (Linhas 50 e 51), a semântica da palavra só, nesse contexto,

- a) estabelece comparação entre bobos e espertos e funciona como adjetivo.
- b) evidencia a solidão dos que são bobos num mundo em que a quase totalidade das pessoas são espertas. Funciona como adjetivo.
- c) modifica o sentido do substantivo amor, sendo, por isso, um advérbio.
- d) incide sobre o adjetivo **capaz**, intensificando essa capacidade que apenas os bobos têm. Funciona, portanto, como advérbio.
- e) tem valor restritivo quanto ao mundo dos que são capazes de excesso de amor e funciona como um advérbio que se refere à palavra **bobo**.

3. FCMSC-SP 2021 Leia o poema em prosa “O enigma”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder à questão.

As pedras caminhavam pela estrada. Eis que uma forma obscura lhes barra o caminho. Elas se interrogam, e à sua experiência mais particular. Conheciam outras formas **deambulantes**, e o perigo de cada objeto em circulação na terra. Aquele, todavia, em nada se assemelha às imagens trituradas pela experiência, prisioneiras do hábito ou domadas pelo instinto imemorial das pedras. As pedras detêm-se. No esforço de compreender, chegam a imobilizar-se de todo. E na contenção desse instante, fixam-se as pedras — para sempre — no chão, compondo montanhas colossais, ou simples e estupefatos e pobres seixos desgarrados.

Mas a coisa sombria — desmesurada, por sua vez — aí está, à maneira dos enigmas que zombam da tentativa de interpretação. É mal de enigmas não se decifram a si próprios. Carecem de argúcia alheia que os liberte de sua confusão amaldiçoada. E repelem-na ao mesmo tempo, tal é a condição dos enigmas. Esse travou o avanço das pedras, rebanho desprevenido, e amanhã fixará por igual as árvores, enquanto não chega o dia dos ventos, e o dos pássaros, e o do ar pululante de insetos e vibrações, e o de toda vida, e o da mesma capacidade universal de se corresponder e se completar, que sobrevive à consciência. O enigma tende a paralisar o mundo.

Talvez que a enorme Coisa sofra na intimidade de suas fibras, mas não se compadece nem de si nem daqueles que reduz à congelada expectativa.

Ai! de que serve a inteligência — lastimam-se as pedras. Nós éramos inteligentes; contudo, pensar a ameaça não é removê-la; é criá-la.

Ai! de que serve a sensibilidade — choram as pedras. Nós éramos sensíveis, e o dom da misericórdia se volta contra nós, quando contávamos aplicá-lo a espécies menos favorecidas.

Anoitece, e o luar, modulado de dolentes canções que preexistem aos instrumentos de música, espalha no côncavo, já pleno de serras abruptas e de ignoradas jazidas, melancólica moleza.

Mas a Coisa interceptante não se resolve. Barra o caminho e medita, obscura.

(Poesia 1930-62, 2012.)

deambular: andar à toa; vaguear, passear

“É mal de enigmas não se decifram a si próprios. Carecem de argúcia alheia que os liberte de sua confusão amaldiçoada.” (2º parágrafo)

Os termos sublinhados constituem, respectivamente,

- a) pronome, pronome, artigo.
- b) pronome, preposição, pronome.
- c) conjunção, preposição, pronome.
- d) conjunção, pronome, pronome.
- e) pronome, preposição, artigo.

4. **Unesp 2018** Leia o excerto do “Sermão do bom ladrão”, de Antônio Vieira (1608-1697), para responder à questão.

Navegava Alexandre [Magno] em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: “Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?”. Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades, e interpretar as significações, a uns e outros, definiu com o mesmo nome: [...] Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um filósofo estoico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero; o que mais me admirou, e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos em tempo de príncipes católicos, ou para a emenda, ou para a cautela, não preguem a mesma doutrina. Saibam estes eloquentes mudos que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem; porque a confiança com que isto se diz é sinal que lhes não toca, e que se não podem ofender; e a cautela com que se cala é argumento de que se ofenderão, porque lhes pode tocar. [...]

Suponho, finalmente, que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria ou escusa ou alivia o seu pecado [...]. O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...]. Não são só ladrões, diz o santo [São Basílio Magno], os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

(Essencial, 2011.)

“[...] os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida [...].” (3º parágrafo)

Os termos destacados constituem, respectivamente,

- a) um artigo, uma preposição e uma preposição.
- b) uma preposição, um artigo e uma preposição.
- c) um artigo, um pronome e um pronome.
- d) um pronome, uma preposição e um artigo.
- e) uma preposição, um artigo e um pronome.

5. **Unitins-TO 2020** Leia esta tira do Menino Maluquinho, famoso personagem do desenhista, escritor e jornalista Ziraldo, para responder à questão.

MENINO MALUQUINHO

Ziraldo



Para nos referirmos às três pessoas do discurso e a tudo que nos cerca, usamos os nomes (substantivos). Para evitar a repetição e promover a coesão, é comum a utilização dos pronomes, que podem substituir ou acompanhar os substantivos.

No primeiro quadrinho da tira, estão presentes:

- a) um pronome possessivo, dois pronomes pessoais e um pronome de tratamento.
- b) dois pronomes de tratamento, um pronome pessoal e um pronome possessivo.
- c) três pronomes pessoais, um pronome de tratamento e um pronome demonstrativo.
- d) um pronome pessoal, um pronome possessivo e dois pronomes de tratamento.
- e) dois pronomes de tratamento, um pronome pessoal e um pronome demonstrativo.

6. UFG-GO 2021

Minha Goiânia querida
Cidade plantada no meio da luz.
Minha cidade do mundo, as lutas e lendas teu povo conduz.
Nos teus jardins espalhados, sem tempo marcado, plantei meu amor.
Amor que, crescendo com todo cuidado, hoje tem frutos que guardo, que guardo feliz!
Minha Goiânia querida
Que o Sol no poente permite sonhar.
Aqui a Lua é mais cheia,
Clareia, clareia, do Sol invejar.
E nessas noites de graça,
Goiânia me abraça,
Não deixa eu errar.
Se eu fosse voltar ao começo, ao começo,
Ah, eu voltava aqui mesmo,
No mesmo lugar...

LINS, I.; DAHER, T.; KAJURU, J. *Minha Goiânia querida*. Disponível em: www.senado.leg.br. Acesso em: 10 dez. 2020.

A categoria dos pronomes possessivos é altamente polissêmica e, na frase “Minha Goiânia querida”, seu uso representa

- a) proximidade física.
- b) relação afetiva.
- c) naturalidade.
- d) propriedade.

7. UFMS 2018 Tenho um dragão que mora comigo. Não, isso não é verdade. Não tenho nenhum dragão. E, ainda que tivesse, ele não moraria comigo nem com ninguém. Para os dragões, nada mais inconcebível que dividir seu espaço – seja com outro dragão, seja com uma pessoa banal feito eu. [...] outro dia, numa dessas manhãs áridas da ausência dele, felizmente cada vez menos frequentes (a aridez, não a ausência), pensei assim: *os homens precisam da ilusão do amor da mesma forma como precisam da ilusão de Deus*.

[...] Então, que seja doce. Repito todas as manhãs, ao abrir as janelas para deixar entrar o sol ou o cinza dos dias, bem assim: que seja doce. Quando há sol, e esse sol bate na minha cara amassada do sono ou da insônia, contemplando as partículas de poeira soltas no ar, feito um pequeno universo, repito sete vezes para dar sorte: que seja doce que seja doce que seja doce e assim por diante. Mas se alguém me perguntasse o que deverá ser doce, talvez não saiba responder. *Tudo* é tão vago como se fosse nada.

[...] Gosto de dizer *tenho um dragão que mora comigo*, embora não seja verdade. Como eu dizia, um dragão jamais pertence a nem mora com alguém. Seja uma pessoa banal igual a mim, seja unicórnio, salamandra, harpia, elfo, hamadriade, sereia ou ogro. Duvido que um dragão conviva melhor com esses seres mitológicos, mais semelhantes à natureza dele, do que com um ser humano. Não que sejam insociáveis. Pelo contrário, às vezes um dragão sabe ser gentil e submisso como uma gueixa. Apenas, eles não dividem seus hábitos.

Ninguém é capaz de compreender um dragão. Eles jamais revelam o que sentem. Quem poderia

compreender, por exemplo, que logo ao despertar (e isso pode acontecer em qualquer horário, às três da tarde ou às onze da noite, já que o dia e a noite deles acontecem para dentro, mas é mais previsível entre sete e nove da manhã, pois essa é a hora dos dragões) sempre batem a cauda três vezes, como se estivessem furiosos, soltando fogo pelas ventas e carbonizando qualquer coisa próxima num raio de mais de cinco metros? Hoje, pondero: talvez seja essa a sua maneira desajeitada de dizer, como costume dizer agora, ao despertar – que seja doce.

(ABREU, Caio Fernando. *Os dragões não conhecem o paraíso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. p. 179-191).

Assinale a alternativa que apresenta, na sequência, vocábulos das seguintes classes gramaticais: um substantivo, um adjetivo, um verbo, um pronome indefinido, um numeral e uma conjunção, todas retiradas do texto lido.

- a) Manhãs; verdade; igual; o; sete; como.
- b) Elfo; desajeitada; dizer; coisa; um; ao.
- c) Gueixa; hábitos; qualquer; como; sete; dizer.
- d) Despertar; desajeitada; gueixa; sete; como; mas.
- e) Dragão; submisso; compreender; nenhum; sete; mas.

8. UFRR 2019 Leia o texto abaixo, retirado da obra *O Cortiço* e, responda à questão.

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas. Um acordar alegre e farto de quem dormiu... de uma assentada, sete horas de chumbo.

[...].

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se discussões e rezingas; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Ática, 2010. p. 28-29.

Assinale a função morfológica de “acordar” em “Um acordar alegre e farto de quem dormiu”.

- a) Adjetivo
- b) Advérbio
- c) Substantivo
- d) Pronome
- e) Verbo

9. Famerp-SP 2022 Considere o trecho:

Pode-se afirmar que as trilhas _____ o país percorreu são fruto de um conhecimento milenar.

A lacuna da frase é preenchida, com correção gramatical, por

- a) onde.
- b) das quais.
- c) que.
- d) às quais.
- e) o qual.



Texto para as questões **10** e **11**.

Romance LIII ou das Palavras Aéreas

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai, palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!

Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova! [...]

Ai, palavras, ai, palavras
que estranha potência, a vossa!
Perdão podíeis ter sido!
– sois madeira que se corta,
– sois vinte degraus de escada,
– sois um pedaço de corda...
– sois povo pelas janelas,
cortejo, bandeiras, tropa...

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência, a vossa!
Éreis um sopro na aragem...
– sois um homem que se enforca!

Cecília Meireles, Romanceiro da Inconfidên.

- 10. Fuvest-SP 2021** Ao substituir a pessoa verbal utilizada para se referir ao substantivo “palavras” pela 3ª pessoa do plural, os verbos dos versos “sois de vento, ides no vento,” (v. 4) / “Perdão podíeis ter sido!” (v. 12) / “Éreis um sopro na aragem...” (v. 20) seriam conjugados conforme apresentado na alternativa:

- são, vão, podiam, eram.
- seriam, iriam, podiam, serão.
- eram, foram, poderiam, seriam.
- são, vão, poderiam, eram.
- eram, iriam, podiam, seriam.

- 11. Fuvest-SP 2021** A “estranha potência” que a voz lírica resalta nas palavras decorre de uma combinação entre

- fluidez nos ventos do presente e conteúdo fixo no passado.
- forma abstrata no espaço e presença concreta na história.
- leveza impalpável na arte e vigor nos documentos antigos.
- sonoridade ruidosa nos ares e significado estável no papel.
- lirismo irrefletido da poesia e peso justo dos acontecimentos.



Texto para as questões de **12** a **14**.

Uma última gargalhada estrondosa. E depois, o silêncio. O palhaço jazia imóvel no chão. Mas seu rosto continua sorrindo, para sempre. Porque a carreira original do Coringa era para durar apenas 30 páginas. O tempo de envenenar Gotham, sequestrar Robin, enfiar um par de sapatos no Homem-Morcego e disparar o primeiro “vou

te matar” na sua relação. Na briga final do Batman nº 1, o “horripilante bufão” sofria um final digno de sua desumana ironia: ao tropeçar, cravava sua própria adaga no peito. Assim decidiram e desenharam seus pais, os artistas Bill Finger, Bob Kane e Jerry Robinson. Entretanto, o criminoso mostrou, já em sua primeira aventura, um enorme talento para se rebelar contra a ordem estabelecida. Seu carisma seduziu a editora DC Comics, que impôs o acréscimo de um quadrinho. Já dentro da ambulância, vinha à tona “um dado desconcertante”. E então um médico sentenciava: “Continua vivo. E vai sobreviver!”.

Tommaso Koch. “O Coringa completa 80 anos e na Espanha ganha duas HQs, que inspiram debates filosóficos sobre a liberdade”. El País. Junho/2020.

- 12. Fuvest-SP 2021** No fragmento “**ao tropeçar**, cravava sua própria adaga no peito”, a oração em negrito abrange, simultaneamente, as noções de

- proporção e explicação.
- causa e proporção.
- tempo e consequência.
- explicação e consequência.
- tempo e causa.

- 13. Fuvest-SP 2021** As vírgulas em “E depois, o silêncio.” e em “Mas seu rosto continua sorrindo, para sempre.” são usadas, respectivamente, com a mesma finalidade que as vírgulas em

- “Após a queda, tomaram mais cuidado.” e “Quanto mais espaço, mais liberdade.”.
- “Aos estrangeiros, ofereceram iguarias.” e “Limparam a casa, e preparávamos as refeições.”.
- “Colheram trigo e nós, algodão.” e “Eles se encontraram nas férias, mas não viajaram.”.
- “Para meus amigos, o melhor.” e “Organizava tudo, cautelosamente.”.
- “Viu o espetáculo, considerado o maior fenômeno de bilheteria.” e “Conheço muito bem, afirmou o rapaz.”.

- 14. Fuvest-SP 2021** Em “Seu carisma seduziu a editora DC Comics, que impôs o acréscimo de um quadrinho.”, o vocábulo “que” possui a mesma função sintática desempenhada no texto por

- “imóvel”.
- “Robin”.
- “seus pais”.
- “se”.
- “vivo”.

- 15. UFMS 2018**

A infinita fiadeira

A aranha ateia
diz ao aranho na teia:
o nosso amor
está por um fio!

A aranha, aquela aranha, era tão única: não parava de fazer teias! Fazia-as de todos os tamanhos e formas. Havia, contudo, um senão: ela fazia-as, mas não lhes dava utilidade. O bicho repaginava o mundo. Contudo, sempre acabava as suas obras. Ao fio e ao cabo, ela já amealhava uma porção de teias que só ganhavam senso no rebrilho das manhãs.



E dia e noite: dos seus palpos primavam obras, com belezas de cacimbo gotejando, rendas e rendilhados. Tudo sem fim nem finalidade. Todo o bom aracnídeo sabe que a teia cumpre as fatais funções: lençol de núpcias, armadilha de caçador. Todos sabem, menos a nossa aranhinha, em suas distraçõeiras funções.

Para a mãe-aranha aquilo não passava de mau senso. Para quê tanto labor se depois não se dava a indevida aplicação? Mas a jovem aranhinha não fazia ouvidos. E alfaiatava, alfinetava, cegava os nós. Tecia e retecia o fio, entrelaçava e reentrelaçava mais e mais teia. Sem nunca fazer morada em nenhuma. Recusava a utilitária vocação da sua espécie.

- Não faço teias por instinto.
- Então, faz por quê?
- Faço por arte.

Benzia-se a mãe, rezava o pai. Mas nem com preces. A filha saiu pelo mundo em ofício de infinita teceloa. E em cantos e recantos deixava a sua marca, o engenho da sua seda. Os pais, após concertação, a mandaram chamar. A mãe:

- Minha filha, quando é que assentas as patas na parede?
- E o pai:
- Já eu me vejo em palpos de mim...
- Em choro múltiplo, a mãe limpou as lágrimas dos muitos olhos enquanto disse:
- Estamos recebendo queixas do aranha.
- O que é que dizem, mãe?
- Dizem que isso só pode ser doença apanhada de outras criaturas.

Até que se decidiram: a jovem aranha tinha que ser reconduzida aos seus mandos genéticos. Aquele devaneio seria causado por falta de namorado. A moça seria até virgem, não tendo nunca digerido um machito. E organizaram um amoroso encontro.

– Vai ver que custa menos que engolir mosca – disse a mãe.

E aconteceu. Contudo, ao invés de devorar o singelo namorado, a aranha namorou e ficou enamorada. Os dois deram-se os apêndices e dançaram ao som de uma brisa que fazia vibrar a teia. Ou seria a teia que fabricava a brisa?

A aranhinha levou o namorado a visitar a sua coleção de teias, ele que escolhesse uma, ficaria prova de seu amor.

A família desiludida consultou o Deus dos bichos, para reclamar da fabricação daquele espécime.

Uma aranha assim, com mania de gente? Na sua alta teia, o Deus dos bichos quis saber o que poderia fazer. Pediram que ela transistasse para humana. E assim sucedeu: num golpe divino, a aranha foi convertida em pessoa. Quando ela, já transfigurada, se apresentou no mundo dos humanos logo lhe exigiram a imediata identificação. Quem era, o que fazia?

- Faço arte.
- Arte?

E os humanos se entreolharam, intrigados. Desconheciam o que fosse arte. Em que consistia? Até que um, mais velho, se lembrou. Que houvera um tempo, em tempos de que já se perdera memória, em que alguns se ocupavam de tais improdutivos afazeres. Felizmente, isso tinha acabado, e os poucos que teimavam em criar esses pouco rentáveis

produtos – chamados de obras de arte – tinham sido geneticamente transmutados em bichos. Não se lembrava bem em que bichos. Aranhas, ao que parece.

COUTO, Mia. A infinita fiadeira. In.: _____. *O Fio das Missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Na epígrafe do texto, o autor empregou o substantivo “o aranha”, para designar o equivalente masculino da personagem do primeiro verso, “a aranha”. Por se tratar de manifestação literária, entende-se o jogo na formação do masculino da palavra “aranha”, por meio da mudança do artigo e flexão final. Sabemos, entretanto, que do ponto de vista da gramática normativa da língua portuguesa, para designar a oposição de sexo no caso em questão, outro artifício deveria ser empregado. Assinale a alternativa que contém exemplo de substantivo cuja lógica de formação do masculino, do ponto de vista da norma padrão, é semelhante àquela que deveria ter sido empregada para a designação do equivalente masculino de “a aranha”:

- a) A macaca / o macaco.
- b) Baleia fêmea / baleia macho.
- c) O carneiro / a ovelha.
- d) O professor / a professora.
- e) A caneca / o caneco.

16. **UEA-AM 2019** Considere o trecho do romance *O quinze*, de Rachel de Queiroz, para responder à questão.

Armado com um cartãozinho do bispo e um bilhete particular de Conceição à senhora que administrava o serviço, Chico Bento conseguiu obter o ambicionado lugar no açude do Tauape.

No bilhete, a moça fazia o possível para comover a destinatária; e a senhora, apesar de já se ter habituado a esses pedidos que falavam sempre numa mesma pobreza extrema e em criancinhas famintas, achou jeito de desentulhar uma pá, e ela mesma guiou o vaqueiro aturdido, com seu ferro na mão, e o entregou ao feitor.

Duramente Chico Bento trabalhou todo o dia no serviço da barragem.

Só de longe em longe parava para tomar um fôlego, sentindo o pobre peito cansado e os músculos vadios.

E o almoço, ao meio-dia, onde, junto do pirão, um naco de carne cheiroso emergia, mal o soergueu e o animou.

Já era tão antiga, tão bem instalada a sua fome, para fugir assim, diante do primeiro prato de feijão, da primeira lasca de carne!...

(*O quinze*, 2009.)

“E o almoço, ao meio-dia, onde, junto do pirão, um naco de carne cheiroso emergia, mal o soergueu e o animou.” (5º parágrafo)

Os pronomes sublinhados retomam o sentido de:

- a) “serviço da barragem”.
- b) “Chico Bento”.
- c) “almoço”.
- d) “naco de carne cheiroso”.
- e) “pirão”.

17. IFPE 2019



Disponível em: <http://opsquebrou.blogspot.com/2012/08/respeito-terceira-idade.html>. Acesso em: 1º out. 2018.

No primeiro balão presente no texto, encontramos a seguinte sentença: “Não nos maltrate!”. Acerca dos aspectos linguísticos presentes nela, julgue as assertivas a seguir.

- I. A oração é iniciada por um advérbio de intensidade: “não”.
- II. O ponto de exclamação é utilizado para indicar a emoção expressa no pedido feito pelo idoso.
- III. O termo nos pertence à mesma classe gramatical que me, conforme emprego na seguinte oração: “não me engane”.
- IV. O uso do modo verbal imperativo, “maltrate”, indica a presença de informalidade.
- V. Na oração “Não nos maltrate”, de acordo com a classificação morfológica, é correto afirmar que o termo sublinhado deve ser classificado como pronome possessivo.

Estão CORRETAS, apenas, as proposições

- a) I e V.
- b) I e II.
- c) II e V.
- d) III e IV.
- e) II e III.

18. **Urca-CE 2020** Leia o fragmento de texto a seguir, parte da obra da escritora portuguesa Sophia de Melo Breyner Andresen, para resolver a questão.

A fada Oriana

I – fadas boas e fadas más

Há duas espécies de fadas: as fadas boas e as fadas más. As fadas boas fazem coisas boas e as fadas más fazem coisas más. As fadas boas regam as flores com orvalho, acendem o lume dos velhos, seguram pelo bibe

as crianças que vão cair ao rio, encantam os jardins, dançam no ar, inventam sonhos e, à noite, põem moedas de ouro dentro dos sapatos dos pobres. As fadas más fazem secar as fontes, apagam a fogueira dos pastores, rasgam a roupa que está ao sol a secar, desencantam os jardins, arrelham as crianças, atormentam os animais e roubam o dinheiro dos pobres.

Quando uma fada boa vê uma árvore morta, com os ramos secos e sem folhas, toca-lhe com a sua varinha de condão e no mesmo instante a árvore cobre-se de folhas, de flores, de frutos e de pássaros a cantar.

Quando uma fada má vê uma árvore cheia de folhas, de flores, de frutos e de pássaros a cantar, toca-lhe com a sua varinha mágica do mau fado, e no mesmo instante um vento gelado arranca as folhas, os frutos apodrecem, as flores murcham e os pássaros caem mortos no chão.

II – Oriana

Era uma vez uma fada chamada Oriana. Era uma fada boa e era muito bonita. Vivia livre, alegre e feliz dançando nos campos, nos montes, nos bosques, nos jardins e nas praias. Um dia a Rainha das Fadas chamou-a e disse-lhe:

– Oriana, vem comigo.

E voaram as duas por cima de planícies, lagos e montanhas. Até chegarem a um país onde havia uma grande floresta.

– Oriana – disse a Rainha das Fadas –, entrego-te esta floresta. Todos os homens, animais e plantas que aqui vivem, de hoje em diante, ficam à tua guarda. Tu és a fada desta floresta. Promete-me que nunca a hás de abandonar. Oriana disse:

– Prometo. [...]

Há relatos de que a escritora Sophia de Melo começou a escrever para crianças e jovens desde que seus filhos adoeceram e ela comprou livros infantis para eles. Perplexa com o infantilismo destinado ao infante, a escritora diz: *Mandeí comprar alguns livros que tentei ler em voz alta. Mas não suportei a pieguice da linguagem nem a sentimentalidade da “mensagem”: uma criança é uma criança, não é um pateta. Atirei os livros fora e resolvi inventar.*

(<http://derivadaspalavras.blogspot.com/2006/12/sophia-de-mello-breyner-andresen-e-sua.html>)

O texto A fada Oriana compõe este vasto material destinado ao público infantil, porque:

- a) sabe combinar o nome e o adjetivo e por fazer uso de uma sintaxe peculiar que recorre com frequência a estruturas de tipo anafórico;
- b) das imagens criadas emana uma sensorialidade que encontra paralelo num discurso fluente, marcado por aliterações, assonâncias, subtis rimas internas;
- c) o léxico se reporta sobretudo ao mundo natural, fixando-se nos elementos ligados à água, à terra e ao ar, além de elementos do universo maravilhoso;
- d) a sintaxe elaborada, cheia de hipérbatos, nunca resvala para a facilidade;
- e) a complexidade dos sentimentos e das fantasias pessoais reverberam neste universo mítico.

Texto complementar

Manual do estilo desconfiado

Até segunda ordem, todo texto é suspeito

Sempre fui um aficionado pelas artes e artimanhas do ato de escrever. Sou daqueles que consideram toda frase um parto – o que não implica, necessariamente, sofrimento. Tudo começa com o intruso espermatozoide que se instala em nosso cérebro e passa a acionar a sinapse daquela ideia, que ali permanece e recusa a se apagar, insiste diariamente em ser transformada em “mensagem para os outros”: texto.

Acontece, porém, na maioria das vezes, que passamos a macaquear as formas conhecidas de dizer. Repetimos as fórmulas, e mal. Confortados pelo doce prazer do nome impresso. Com frequência, tomamos um dentre os maneirismos disponíveis e o preenchemos com raciocínio e opinião. Mas sem perceber que as palavras e noções usadas já se encontram em tanto gastas por força da repetição e do hábito.

Qual o antídoto? Como sair do círculo repetitivo da inspiração? Se a resposta fosse simples, já teria surgido uma nova profissão no pobre mercado das letras: os estilistas de texto. Com lançamentos a cada ano de novos modelos de redação destinados aos diferentes segmentos: as notícias de jornal, as pesquisas acadêmicas, os romances de sucesso, e outros mais.

O jeito é mesmo desconfiar. Uma recomendação possível e honesta frente ao demo do senso comum que se infiltra no lero-lero de muitos escribas. Ler com o olhar desconfiado, pois ajuda a reconhecer muito gato que se passa por lebre, sobretudo quando assume ares de alta dicção. E, claro, escrever igualmente desconfiado – um pé atrás com as próprias afirmações. Até segunda ordem, todo texto é suspeito.

[...]

Desconfie do advérbio

- Cabe ao advérbio dar um toque de relevo à frase.
- A circunstância define o colorido daquilo que se afirma; do contrário, predomina o vazio.
- Verbo e advérbio se atraem, mas nem sempre se encaixam.
- Os advérbios formam a polpa que reveste o caroço da frase central.

- Para garantir que seja exato, todo advérbio deve passar pelo setor de controle de excessos.
- Quem “mente” demais cai em descrédito.

Desconfie do elogio

- Monotonia: o elogio sempre se nutre de adjetivos.
- Boa parte das vezes o encômio vem antes de arrolados os argumentos.
- O elogio deve ser proporcional à qualidade moral e intelectual de quem o profere. Mas quem julga quem?
- A maioria dos elogios esconde a sua real motivação: o comércio de favores.
- Quem muito elogia deixa as palavras vazias.
- Elogiar a modéstia é um contrassenso.

Desconfie do adjetivo

- Os adjetivos são como as cores, do suave ao berrante.
- Entre um e outro, recomenda-se a distância de algumas léguas.
- A culpa não está na palavra, mas no demiurgo que não sabe usá-la.
- O adjetivo funciona como o fermento da frase.
- Ao dispor de um adjetivo, indague-se: se ficar de fora, a frase empalidece?
- Faça psicanálise com os qualificativos que emprega.
- Adjetivos são palavras com alta variação de humor.

Desconfie da (des)confiança

- A desconfiança é bem-vinda para que o estilo seja de bom quilate.
- A desconfiança é mal-vinda quando inibe a naturalidade da frase.
- O melhor estilo é aquele que se faz com a atenção posta no detalhe, nos dedos.
- Quem desconfia fia o texto pelo avesso.
- Quem (des)confia demasiado termina com as mãos no fiado.
- Desconfia quem deseja fiar de outra maneira.

PAIXÃO, Fernando. Manual do estilo desconfiado. *Revista Piauí*, dez. 2011. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/manual-do-estilo-desconfiado/>. Acesso em: 8 ago. 2022.

Resumindo

Classes gramaticais e forma e função linguística

A língua portuguesa tem dez classes de palavras.

Substantivo

Palavra que nomeia, identifica e classifica a existência de algo. Os substantivos são divididos em subclasses: comuns (homem, mulher...), próprios (Brasil, Maria...), compostos (cachorro-quente, arco-íris...), primitivos (livro, lei...), derivados (livraria, ilegal...), coletivos (arquipélago, cardume...), abstratos (sonhos, alegria...) e concretos (círculo, símbolo...).

Adjetivo

Complementa o substantivo, atribuindo-lhe uma qualidade. O adjetivo é um elemento qualificador, pois confere um sentido particular àquilo a que se refere. Ex.: Estudante **inteligente**.

Artigo

Especifica o substantivo. Há duas subclasses para os artigos: os definidos (o, a, os, as) e os indefinidos (um, uma, uns, umas). Nos textos, o artigo pode funcionar como elemento que singulariza e evidencia o substantivo. Ex.: **O** melhor aluno.

Numeral

Palavra que designa números. Os numerais podem ser: cardinais (um, dois...), ordinais (primeiro, segundo...), fracionários (meio, um terço...) e multiplicativos (dobro, triplo...). Em um texto, o numeral pode conferir maior objetividade à informação. Ex.: O Brasil tem **211,8 milhões** de habitantes.

Pronome

Palavra que se usa em lugar do substantivo, ou que se refere a ele. Os tipos de pronomes são:

- **Pessoal**: indica as três pessoas do discurso (1ª, 2ª ou 3ª). Funciona como sujeito (pronome reto) ou complemento verbal (pronome oblíquo) de uma oração.
- **Possessivo**: transmite a ideia de posse. Ex.: meu, minha, teu, tua, seu, sua, nosso, nossa, vosso, vossa, seu, sua e as variações no plural.
- **Demonstrativo**: assinala a posição dos objetos designados em relação às pessoas do discurso. Ex.: este, esta, esse, essa, aquele, aquela, mesmo, mesma, próprio, própria, tal, semelhante e as variações no plural dessas palavras; isto, isso, aquilo.

- Quantificador indefinido: transmite uma informação indefinida. Ex.: algo, algum, alguém, ninguém, tudo, nada.
- Relativo: reproduz, em uma oração, o sentido de um termo ou da totalidade de uma oração precedente. O pronome relativo “que” assume geralmente a função de pronome relativo.
- Interrogativo: usado para formular perguntas. Ex.: que, quem, qual, quanto.

Verbo

Palavra que designa ações ou estados (verbos “ser” e “estar”). Varia em modo (indicativo, subjuntivo e imperativo), tempo verbal (presente, pretérito e futuro), pessoa (1ª, 2ª ou 3ª), número e voz (ativa, passiva e reflexiva).

Advérbio

Modifica os verbos e serve para expressar as circunstâncias que cercam os sentidos verbais. Há advérbios de afirmação (certamente), dúvida (talvez), intensidade (bastante), lugar

(acima), modo (depressa), negação (nunca), tempo (amanhã), ordem (primeiramente) inclusão (inclusive) e designação (eis).

Preposição

Organiza a sua volta outros vocábulos. As preposições mais comuns são: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, por, perante, sem, sob, sobre.

Conjunção

Organiza as orações entre si. As relações lógicas geradas pelas conjunções podem ser de: adição (ademais), oposição (porém), explicação (pois), conclusão (portanto), alternância (seja... seja), conformidade (conforme), temporalidade (quando), causalidade (visto que), finalidade (a fim de), entre outras.

Interjeição

Exprime emoção: alegria (olá!), desejo (tomara!), dor (ai!), chamamento (psiu!), silêncio (calado!), advertência (alerta!), incredulidade (oral!).

Quer saber mais?



Filme

Palavras e imagens. Direção: Fred Schepsi. 2013.

Nesse filme, um professor de literatura e uma pintora discutem se a linguagem das palavras é superior à linguagem imagética.



Livro

“Família”. Alguma poesia, de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

No poema “Família”, o autor utiliza exclusivamente os substantivos e adjetivos.



Site

WebJspell: Analisador morfológico. Disponível em: <https://natura.di.uminho.pt/webjspell/jsol.pl?a=n>. Acesso em: 8 ago. 2022.

Nesse site é possível buscar a classe gramatical das palavras, dentre outras informações, como sinônimos, definição, gênero e número.



Música

“Palavras e sonhos”, de Luiz Tatit. Disponível em: <http://luiztatit.com.br/composicoes/composicao?id=205/Palavras-e-Sonhos.html>. Acesso em: 8 ago. 2022.

A canção propõe uma reflexão sobre o poder das palavras.

Exercícios complementares

1. **Unesp 2015** A questão aborda um texto de um site especializado em esportes, com instruções de treinamento para a corrida olímpica dos 1500 metros.

Corrida – Prova 1 500 metros rasos

A prova dos 1 500 metros rasos, juntamente com a da milha (1 609 metros), característica dos países anglo-saxônicos, é considerada prova tática por excelência, sendo muito importante o conhecimento do ritmo e da fórmula a ser utilizada para vencer a prova. Os especialistas nessas distâncias são considerados completos homens de luta que, após um penoso esforço para resistir ao ataque dos adversários, recorrem a todas as suas energias restantes a fim de manter a posição de destaque conseguida durante a corrida, sem ceder ao constante assédio dos seus perseguidores.

[...] Para correr essa distância em um tempo aceitável, deve-se gastar o menor tempo possível no primeiro quarto da prova, devendo-se para tanto sair na frente dos adversários, sendo essencial o completo domínio das pernas, para em seguida normalizar o ritmo da corrida. No segundo quarto, deve-se diminuir o ritmo, a fim de trabalhar forte no restante da prova, sempre procurando dosar as energias, para não

correr o risco de ser surpreendido por um adversário e ficar sem condições para a luta final.

Deve ser tomado cuidado para não se deixar enganar por algum adversário de condição inferior, que normalmente finge possuir energias que realmente não tem, com o intuito de minar o bom corredor, para que o companheiro da mesma equipe possa tirar proveito da situação e vencer a prova. Assim sendo, o corredor experiente saberá manter regularmente as suas passadas, sem deixar-se levar por esse tipo de artimanha. Conhecendo o estado de suas condições pessoais, o corredor saberá se é capaz de uma *sprint* nos 200 metros finais, que é a distância ideal para quebrar a resistência de um adversário pouco experiente.

O corredor que possui resistência e velocidade pode conduzir a corrida segundo a sua conveniência, impondo os seus próprios meios de ação. Finalmente, ao ultrapassar um adversário, deve-se fazê-lo decidida e folgadoamente, procurando sempre impressioná-lo com sua ação enérgica. Também deve-se procurar manter sempre uma boa descontração muscular durante o desenvolvimento da corrida, nunca levar a cabeça para trás e encurtar as passadas para finalizar a prova.

(<http://treino-de-corrida.fcfc.com>.)

Observando as seguintes passagens do texto apresentado, marque a alternativa em que as duas palavras em negrito são utilizadas como advérbios:

- “**não** correr o risco **de** ser surpreendido”.
 - “finge possuir **energias** que **realmente** não tem”.
 - “**deve-se** fazê-lo **decidida** e **folgado**mente”.
 - “**nunca** levar a cabeça **para** trás”.
 - “forte no **restante** da prova, **sempre** procurando dosar”.
2. **Unifesp 2021** Para responder à questão, leia o trecho do livro *O oráculo da noite*, do neurocientista Sidarta Ribeiro.

A palavra sonho, do latim *somnium*, significa muitas coisas diferentes, todas vivenciadas durante a vigília, e não durante o sono. Realizei “o sonho da minha vida”, “meu sonho de consumo” são frases usadas cotidianamente pelas pessoas para dizer que pretendem ou conseguiram alcançar algo. Todo mundo tem um sonho, no sentido de plano futuro. Todo mundo deseja algo que não tem. Por que será que o sonho, fenômeno normalmente noturno que tanto pode evocar o prazer quanto o medo, é justamente a palavra usada para designar tudo aquilo que se quer ter?

O repertório publicitário contemporâneo não tem dúvidas de que o sonho é a força motriz de nossos comportamentos. Desejo é o sinônimo mais preciso da palavra “sonho”. [...] Na área de desembarque de um aeroporto nos Estados Unidos, uma foto enorme de um casal belo e sorridente, velejando num mar caribenho em dia ensolarado, sob a frase enigmática: “Aonde seus sonhos o levarão?”, embaixo o logotipo da empresa de cartão de crédito. Deduz-se do anúncio que os sonhos são como veleiros, capazes de levar-nos a lugares idílicos, perfeitos, altamente... desejáveis. As equações “sonho é igual a desejo que é igual a dinheiro” têm como variável oculta a liberdade de ir, ser e principalmente ter, liberdade que até os mais miseráveis podem experimentar no mundo de regras frouxas do sonho noturno, mas que no sonho diurno é privilégio apenas dos detentores de um mágico cartão plástico.

A rotina do trabalho diário e a falta de tempo para dormir e sonhar, que acometem a maioria dos trabalhadores, são cruciais para o mal-estar da civilização contemporânea. É gritante o contraste entre a relevância motivacional do sonho e sua banalização no mundo industrial globalizado. [...] A indústria da saúde do sono, um setor que cresce aceleradamente, tem valor estimado entre 30 bilhões e 40 bilhões de dólares. Mesmo assim a insônia impera. Se o tempo é sempre escasso, se despertamos diariamente com o toque insistente do despertador, ainda sonolentos e já atrasados para cumprir compromissos que se renovam ao infinito, se tão poucos se lembram que sonham pela simples falta de oportunidade de contemplar a vida interior, quando a insônia grassa e o bocejo se impõe, chega-se a duvidar da sobrevivência do sonho.

E, no entanto, sonha-se. Sonha-se muito e a granel, sonha-se sofregamente apesar das luzes e dos ruídos da cidade, da incessante faina da vida e da tristeza das perspectivas. Dirá a formiga cética que quem sonha assim tão livre é o artista, cigarra de fábula que vive de brisa. [...] Na peça teatral *A vida é sonho*, o espanhol Pedro Calderón de la Barca dramatizou a liberdade de construir o próprio destino. O sonho é a imaginação sem freio nem controle, solta para temer, criar, perder e achar.

(*O oráculo da noite*: a história e a ciência do sonho, 2019.)

A palavra sublinhada em “Se o tempo é sempre escasso, se despertamos diariamente” (3º parágrafo) pertence à mesma classe gramatical da palavra sublinhada em

- “sonha-se sofregamente apesar das luzes e dos ruídos da cidade” (4º parágrafo).
- “se tão poucos se lembram que sonham” (3º parágrafo).
- “quando a insônia grassa e o bocejo se impõe” (3º parágrafo).
- “chega-se a duvidar da sobrevivência do sonho” (3º parágrafo).
- “compromissos que se renovam ao infinito” (3º parágrafo).



Texto para as questões 3 e 4.

No modelo hegemônico, quase todo o treinamento é reservado para o desenvolvimento muscular, sobrando muito pouco tempo para a mobilidade, a flexibilidade, o treino restaurativo, o relaxamento e o treinamento cardiovascular. Na teoria, seria algo em torno de 70% para o fortalecimento, 20% para o cárdio e 10% para a flexibilidade e outros. Na prática, muitos alunos direcionam 100% do tempo para o fortalecimento.

Como a prática cardiovascular é infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, podendo ser considerada o “coração” de um treinamento consciente e saudável, essa ordem deveria ser revista.

(Nuno Cobra Jr. “Fitness não é saúde”. UOL. 06/05/2021. Adaptado)

3. **Fuvest-SP 2021** Sem alteração de sentido, o segundo parágrafo do texto poderia ser reescrito da seguinte maneira:

- Ainda que a prática cardiovascular seja infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, essa ordem deveria ser revista, podendo ser considerada o “coração” de um treinamento consciente e saudável.
- Para evitar que a prática cardiovascular se torne infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, podendo ser considerada o “coração” de um treinamento consciente e saudável, essa ordem deveria ser revista.
- Quando a prática cardiovascular for infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, essa ordem deveria ser revista, podendo ser considerada o “coração” de um treinamento consciente e saudável.
- Quanto mais a prática cardiovascular é infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, podendo ser considerada o “coração” de um treinamento consciente e saudável, essa ordem deveria ser revista.
- Essa ordem deveria ser revista: a prática cardiovascular é infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, podendo ser considerada o “coração” de um treinamento consciente e saudável.

4. **Fuvest-SP 2021** Dentre as expressões destacadas, a que exerce a mesma função sintática do termo sublinhado em “o treino restaurativo, o relaxamento e o treinamento cardiovascular” é:
- a) um atleta **de seleção** precisa de treinamento intenso.
 - b) o amor **ao esporte** é fundamental para o atleta.
 - c) a população incorpora **radicalmente** atitudes saudáveis.
 - d) muitas **pessoas** se beneficiam de alimentos verdes.
 - e) todo tipo de atividade física faz **bem** à saúde mental.

5. **UFGD-MS 2019** Observe o texto a seguir.

“Minha mãe trabalhava para mim, trabalhava para eu treinar.”

Pasquale Cipro Neto

Os pronomes “eu” e “mim” são velhos personagens de acaloradas discussões linguísticas. O motivo dos embates é a diferença entre o que se vê com frequência na língua oral (“Ela fez o possível para mim ficar”) e o que prega a gramática normativa (“Ela fez o possível para eu ficar”). Para muitos linguistas, o uso popular já tornou legítimo o emprego do pronome “mim” como sujeito do infinitivo. Na “Língua exemplar” (como diz o professor Evanildo Bechara), o pronome “mim” não se presta ao papel de sujeito. É por isso que nesse registro linguístico não ocorrem construções como “Isto é para mim fazer”.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/f2308200103.htm>. Acesso em: 22 jul. 2018 (Fragmento).

Considerando os pronomes pessoais, assinale a alternativa em que o emprego deles está de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa.

- a) Rapazes, o chefe quer falar consigo.
- b) Não compre o presente de Maria sem eu.
- c) Para eu, passar no vestibular será uma vitória.
- d) Entre André e eu há plena amizade.
- e) A linha nova do metrô vai de mim a ti.

6. **IFTO 2020**

Furacão Dorian pode chegar “perigosamente perto” da Flórida

O furacão Dorian pode chegar “perigosamente perto” da Flórida, nos Estados Unidos, durante esta segunda-feira (2), segundo o Centro Nacional de Furacões dos EUA.

Por enquanto, Dorian continua passando lentamente pelas Bahamas, onde já deixou um rastro de destruição e fez a primeira vítima fatal, um menino de 8 anos. O arquipélago registrou grandes inundações, ventos fortes e chuva intensa. (texto adaptado)

Fonte: Notícias R7. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/furacao-dorian-pode-chegar-perigosamente-perto-da-florida-02092019>. Acesso em: 2 set. 2019.

Podemos afirmar que na expressão “perigosamente perto” consta(m):

- a) dois substantivos comuns.
- b) um substantivo e um verbo.

- c) somente um adjunto adverbial, visto se tratar de palavra composta.
- d) dois advérbios, sendo o primeiro de modo e o segundo de lugar.
- e) um substantivo e um adjetivo, sendo que o substantivo é “perto” e o adjetivo é “perigosamente”.



Texto para as questões 7 e 8.

A taxaço de livros tem um efeito cascata **que** acaba custando caro não apenas ao leitor, como também ao mercado editorial – **que** há anos não anda bem das pernas – e, em última instância, ao desenvolvimento econômico do país. A gente explica. Taxar um produto significa, quase sempre, um aumento no valor do produto final. Isso porque ao menos uma parte desse imposto será repassada ao consumidor, especialmente se considerarmos que as editoras e livrarias enfrentam há anos uma crise **que** agora está intensificada pela pandemia e não poderiam retirar o valor desse imposto de seu já apertado lucro. Livros mais caros também resultam em queda de vendas, **que**, por sua vez, enfraquece ainda mais editoras e as impede de investir em novas publicações – especialmente aquelas de menor apelo comercial, mas igualmente importantes para a pluralidade de ideias. Já deu para perceber a confusão, não é? Mas, além disso, qual seria o custo de uma sociedade com menos leitores e menos livros?

Taís Ilhéu. “Por que taxar os livros pode gerar retrocesso social e econômico no país”. Guia do Estudante. Setembro/2020. Adaptado.

7. **Fuvest-SP 2021** De acordo com o texto, os eventos sequenciais aos quais alude a expressão “efeito cascata” são:
- a) livros mais caros, decréscimo de vendas, estímulo às editoras, supressão de investimento em novas publicações.
 - b) aumento do valor do produto final, queda de vendas, encolhimento das editoras, aumento do investimento em novas obras.
 - c) livros mais caros, instabilidade nas vendas, enfraquecimento das editoras, expansão das publicações.
 - d) aumento do valor do produto final, contração nas vendas, esgotamento das editoras, falta de investimento em novas publicações
 - e) livros mais caros, equilíbrio nas vendas, diminuição das editoras, carência de investimento em novas publicações
8. **Fuvest-SP 2021** No texto, os pronomes em negrito referem-se, respectivamente, a:
- a) taxaço de livros, mercado editorial, crise, queda de vendas.
 - b) taxaço de livros, leitor, crise, queda de vendas.
 - c) efeito cascata, mercado editorial, crise, queda de vendas.
 - d) efeito cascata, mercado editorial, livrarias, livros.
 - e) efeito cascata, leitor, crise, livros.

9. Unit-SE 2018



BECK, Alexandre. *Armandinho*. Disponível em: https://vitrinecatarina.files.wordpress.com/2013/11/1237141_634826736562636_46913259_n.png. Acesso em: 24 jan. 2018.

Dentre os aspectos linguísticos presentes na composição dessa tira, o que está devidamente analisado é o referido na alternativa

- O pronome “Esta” (quadro I) retoma anaforicamente o objetivo da campanha referida.
 - A oração “vacinar cães e gatos” (quadro I) exerce função subjetiva no contexto frásico do qual faz parte.
 - O conector “mas” (quadro II) estabelece uma compensação relacionada com o que foi dito anteriormente.
 - A forma verbal “têm” (quadro II) concorda com “anfíbios” e se encontra no mesmo modo que “Chama” (quadro III).
 - O substantivo “perereca” (quadro III) funciona como um dos complementos de “Chama” (quadro III).
10. **FGV-SP 2018** Em meio a múltiplas distrações digitais que tornam a atenção humana um bem escasso, conquistar o engajamento passou a ser um requisito indispensável para projetos bem-sucedidos de educação continuada. *Designers* educacionais, programadores, ilustradores e roteiristas têm o desafio nada trivial de criar metodologias, ambientes de aprendizagem e técnicas narrativas que encantem o aprendiz sem lhe tomar muito tempo. Tecnologias digitais como realidade aumentada, experiências imersivas, internet das coisas e vídeos interativos estão ajudando a moldar o novo cenário da educação corporativa.

Valor, 31 jan. 2017.

A prática de esportes é uma atividade exclusivamente privativa dos sócios do clube.

Nesta frase, o advérbio “exclusivamente” é supérfluo ou redundante, uma vez que a ideia que ele expressa já está contida no adjetivo “privativa”. Esse tipo de redundância pode ser apontado na seguinte expressão do texto:

- “desafio nada trivial”.
 - “bem escasso”.
 - “técnicas narrativas”.
 - “projetos bem-sucedidos”.
 - “vídeos interativos”.
11. **FGV-SP 2018**

Legado

Que lembrança darei ao país que me deu tudo que lembro e sei, tudo quanto senti?

Na noite do sem-fim, breve o tempo esqueceu minha incerta medalha, e a meu nome se ri.

E mereço esperar mais do que os outros, eu?
Tu não me enganas, mundo, e não te engano a ti.
Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu,
a vagar, taciturno, entre o talvez e o se.

Não deixarei de mim nenhum canto radioso,
uma voz matinal palpitando na bruma
e que arranque de alguém seu mais secreto espinho.

De tudo quanto foi meu passo caprichoso
na vida, restará, pois o resto se esfuma,
uma pedra que havia em meio do caminho.

Carlos Drummond de Andrade, *Claro enigma*.

Nas palavras sublinhadas no trecho “entre o talvez e o se” (verso 8), o poeta obtém efeito expressivo por meio da derivação imprópria (quando há mudança da categoria gramatical de uma palavra sem modificação de sua forma). Esse processo de formação de palavras só **NÃO** ocorre no seguinte provérbio:

- O mentir vem do pouco ver e do muito ouvir.
 - Mais vale um não a tempo que um sim retardado.
 - Mais se arrepende quem fala do que quem cala.
 - Onde entra o beber, sai o saber.
 - O fácil de se dizer é difícil de se fazer.
12. **IFTO 2017** Considere a frase “**Agora**, que os ventos **uivantes** soam nos bosques **esessos**, a **vida já** é de **pouca** esperança”, quanto às classes gramaticais dos termos destacados. Assinale a alternativa CORRETA de aparição dessas classes, respectivamente:
- Adjetivo, adjetivo, adjetivo, substantivo, advérbio, advérbio.
 - Advérbio, advérbio, adjetivo, adjetivo, advérbio, adjetivo.
 - Adjetivo, adjetivo, adjetivo, substantivo, advérbio, advérbio.
 - Advérbio, substantivo, adjetivo, adjetivo, advérbio, adjetivo.
 - Advérbio, adjetivo, adjetivo, substantivo, advérbio, adjetivo.

13. **Uerr 2019** *Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas.*

(RAMOS, 1992, p. 20)

Analisando por uma vertente gramatical a última frase do trecho, assinale o item que contém a declaração verdadeira.

- a) Para todos os verbos temos a classificação do sujeito como oculto.
- b) A conjunção “mas” funciona como elemento para recurso de adição de ideias.
- c) Na última oração do período composto, temos predicado nominal.
- d) As relações entre as orações, dentro do período composto, ocorrem apenas por coordenação.
- e) Os recursos pronominais utilizados são inúteis, de maneira que podem ser subtraídos das orações.

14. UFRR 2019 Leia o trecho abaixo, extraído da obra *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo, e responda à questão.

Já vê o amigo que não é por mim que lhe recusei Ana Rosa, mas é por tudo! A família de minha mulher sempre foi escrupulosa a esse respeito, e como ela é toda a sociedade do Maranhão! Concordo que seja uma asneira; concordo que seja um prejuízo tolo! O senhor porém não imagina o que é por cá a prevenção contra os mulatos!... Nunca me perdoariam um tal casamento; além do que, para realizá-lo, teria que quebrar a promessa que fiz a minha sogra, de não dar a neta senão a um branco de lei, português ou descendente direto de portugueses!... O senhor é um moço muito digno, muito merecedor de consideração, mas... foi forro à pia, e aqui ninguém o ignora.

– Eu nasci escravo?!...

– Sim, pesa-me dizê-lo e não o faria se a isso não fosse constrangido, mas o senhor é filho de uma escrava e nasceu também cativo.

Raimundo abaixou a cabeça. Continuaram a viagem. E ali no campo, à sombra daquelas árvores colossais, por onde a espaços a lua se filtrava tristemente, ia Manoel narrando a vida do irmão com a preta Domingas. Quando, em algum ponto hesitava por delicadeza em dizer toda a verdade, o outro pedia-lhe que prosseguisse francamente, guardando na aparência uma tranquilidade fingida. O negociante contou tudo o que sabia.

– Mas que fim levou minha mãe?... a minha verdadeira mãe? perguntou o rapaz, quando aquele terminou. Mataram-na? Venderam-na? O que fizeram com ela?

– Nada disso; soube ainda há pouco que está viva... É aquela pobre idiota de São Brás.

– Meu Deus! Exclamou Raimundo, querendo voltar à tapera.

– Que é isso? Vamos! Nada de loucuras! Voltarás noutra ocasião!

Calaram-se ambos. Raimundo, pela primeira vez, sentiu-se infeliz; uma nascente má vontade contra os outros homens formava-se na sua alma até aí limpa e clara; na pureza do seu caráter o desgosto punha a primeira nódoa. E, querendo reagir, uma revolução operava-se dentro dele; ideias turvas, enlodadas de ódio e de vagos desejos de vingança, iam e vinham, atirando-se raivosos contra os sólidos princípios da sua moral e da sua honestidade, como num oceano a tempestade açula contra um rochedo os negros vagalhões encapelados. Uma só palavra boiava à superfície dos seus pensamentos: “Mulato”. E crescia, crescia, transformando-se em tenebrosa nuvem, que escondia todo o seu passado. Ideia parasita, que estrangulava todas as outras ideias.

Em relação à frase “...uma nascente má vontade contra os outros homens formava-se na sua alma até aí limpa e clara”, é CORRETO afirmar que:

- a) Em “limpa e clara”, “e” é uma conjunção coordenativa aditiva.
- b) As palavras “limpa” e “clara” são complementos do verbo “formar”.
- c) Morfologicamente, “nascente” é uma palavra primitiva.
- d) “Na sua alma” é objeto direto.
- e) “uma nascente” é o sujeito da frase.

15. Ufam 2020 Classifique morfologicamente os vocábulos sublinhados, colocando entre parênteses a letra a eles correspondente, conforme o seguinte código:

A – artigo

P – pronome pessoal oblíquo

D – pronome demonstrativo

Qual prato você prefere para almoçar? O de sempre?

Eu estava com muita raiva, mas não o demonstrei.

Finalmente, chegaram as férias.

Estão dispensados todos os que terminaram a prova.

Perdi o celular e não o encontrei em parte alguma.

Assinale a alternativa que preenche **CORRETAMENTE** os parênteses, de cima para baixo:

a) D – D – A – D – P

b) D – P – A – A – P

c) D – P – P – A – A

d) A – D – A – P – D

e) A – D – P – D – D

16. IFPE 2019

Xote Ecológico

Não posso respirar, não posso mais nadar
 A terra está morrendo, não dá mais pra plantar
 E se plantar não nasce, se nascer não dá
 Até pinga da boa é difícil de encontrar
 Não posso respirar, não posso mais nadar
 A terra está morrendo, não dá mais pra plantar
 E se plantar não nasce, se nascer não dá
 Até pinga da boa é difícil de encontrar

Cadê a flor que estava aqui?

Poluição comeu

E o peixe que é do mar?

Poluição comeu

E o verde onde é que está?

Poluição comeu

Nem o Chico Mendes sobreviveu

GONZAGA, Luiz. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/295406/>. Acesso em: 8 maio 2019.

Considerando os aspectos linguísticos presentes no texto, analise as afirmações abaixo.

- I. O texto é predominantemente escrito em variedade regional, a fim de garantir maior proximidade em relação aos leitores menos escolarizados de todas as regiões do país.

- II. Em “Não posso respirar”, o termo grifado assinala uma negação.
- III. No trecho “Cadê a flor que estava aquí?”, o termo grifado classifica-se como advérbio de lugar.
- IV. Em “Até pinga da boa é difícil de encontrar”, o verbo destacado exprime uma ação.
- V. No fragmento “E se plantar não nasce, se nascer não dá”, a conjunção em destaque tem valor explicativo.

Estão CORRETAS, apenas,

- a) II e III.
- b) II e V.
- c) I e III.
- d) III e V.
- e) I e IV.

17. **Uefs-BA 2017** O consumidor não é o cidadão. Nem o consumidor de bens materiais, ilusões tornadas realidades como símbolos: a casa própria, o automóvel, os objetos, as coisas que dão *status*. Nem o consumidor de bens imateriais ou culturais, regalias de um consumo elitizado, como o turismo e as viagens, os clubes e as diversões pagas; ou de bens conquistados para participar ainda mais do consumo, como a educação profissional, pseudoeducação que não conduz ao entendimento do mundo. O eleitor também não é forçosamente o cidadão, pois o eleitor pode existir sem que o indivíduo realize inteiramente suas potencialidades como participante ativo e dinâmico de uma comunidade. O papel desse eleitor não cidadão se esgota no momento do voto [...].



- 15 O cidadão é multidimensional. Cada dimensão se articula com as demais na procura de um sentido para a vida. Isso é o que dele faz o indivíduo em busca do futuro, a partir de uma concepção de mundo, aquela individualidade verdadeira. [...] O consumidor (e mesmo o eleitor não cidadão) alimenta-se de parcialidades, contenta-se

com respostas setoriais, alcança satisfações limitadas, não tem direito ao debate sobre os objetivos de suas ações públicas ou privadas.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. São Paulo, Nobel, 1996. p. 41-42.

Sobre aspectos de morfossintaxe presentes no texto, é correto afirmar:

- 01) Em “O consumidor **não** é o cidadão.” (l. 1) e “o eleitor **não** cidadão” (l. 19 e 20) as palavras em negrito são da classe dos advérbios.
- 02) Em “ilusões tornadas realidades como símbolos: a casa própria, o automóvel, os objetos, as coisas” (l. 2 a 4), os dois pontos introduzem uma síntese.
- 03) Em “pseudoeducação que não conduz ao entendimento **do** mundo.” (l. 9 e 10), o conectivo **do** introduz um complemento nominal.
- 04) Em “O eleitor também não é forçosamente o cidadão, pois o eleitor pode existir” (l. 10 e 11), o conectivo **pois** é conjunção conclusiva.
- 05) Em “o eleitor pode existir sem que o indivíduo **realize** inteiramente suas potencialidades” (l. 11 e 12), a forma verbal em negrito está no modo indicativo.

18. **Unifesp 2017 (Adapt.)** Leia o trecho do conto “A igreja do Diabo”, de Machado de Assis (1839-1908), para responder à questão.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Ilíada*: “Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu”... [...] Pela sua parte o Diabo prometia substituir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento.

(*Contos: uma antologia*, 1998.)

“Quanto à inveja, pregou friamente que era **a** virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegava **a** suprir todas as outras, e ao próprio talento.” (4^o parágrafo)

Os termos em destaque constituem, respectivamente,

- a) um pronome e um artigo.
- b) uma conjunção e um artigo.
- c) um artigo e uma preposição.
- d) um pronome e uma preposição.
- e) um artigo e uma conjunção.

BNCC em foco

EM13LP07

1. Observe a imagem a seguir.



No anúncio veiculado pelo governo federal, é possível perceber que o trabalho com a linguagem visual e com as palavras ajuda a construir a mensagem que se deseja transmitir. As personagens da família do Zé Gotinha representadas com máscaras estão associadas à mensagem que o texto transmite.

Sobre o texto é correto o que se afirma em:

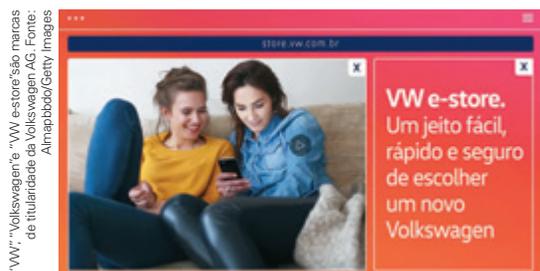
- I. As letras de cores, formatos e tamanhos não diferentes ajudam na identificação das informações mais importantes.
- II. As palavras “cuidado” e “benefício” utilizadas na imagem fazem parte de uma mesma classe gramatical.
- III. Os verbos no imperativo (“é”, “use”, “lave” e “mantenha”) são uma maneira de convencer o leitor a fazer sua parte em relação ao que é anunciado.
- IV. A escrita das palavras em cores diferentes é uma forma de separá-las de acordo com suas classes gramaticais e, assim, destacar o que é mais importante para o leitor.

Assinale as alternativas que contêm somente as afirmações corretas:

- a) I e II. c) II e III. e) II e IV.
b) I e III. d) I e IV.

EM13LP06

2. Leia o anúncio publicitário a seguir.



“VW” e “Volkswagen” e “VW e-store” são marcas de titularidade da Volkswagen AG. Fonte: Almapbbdo/Getty Images

A partir da leitura da propaganda, podemos identificar que as palavras utilizadas são responsáveis por apresentar as vantagens de se comprar um carro da marca anunciada.

- a) Identifique as classes gramaticais a que pertencem as palavras:
 - I. Jeito
 - II. Fácil
 - III. Seguro
 - IV. Escolher
 - V. Volkswagen®
- b) A seleção dos adjetivos apresentados na propaganda se mostra adequada para esse tipo de texto? De que forma eles podem influenciar o leitor a comprar um novo carro?

EM13LP08

3. Enem Leia o poema de Vinícius de Moraes a seguir.

Soneto de fidelidade

De tudo ao meu amor serei atento
Antes e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou ao seu contentamento.

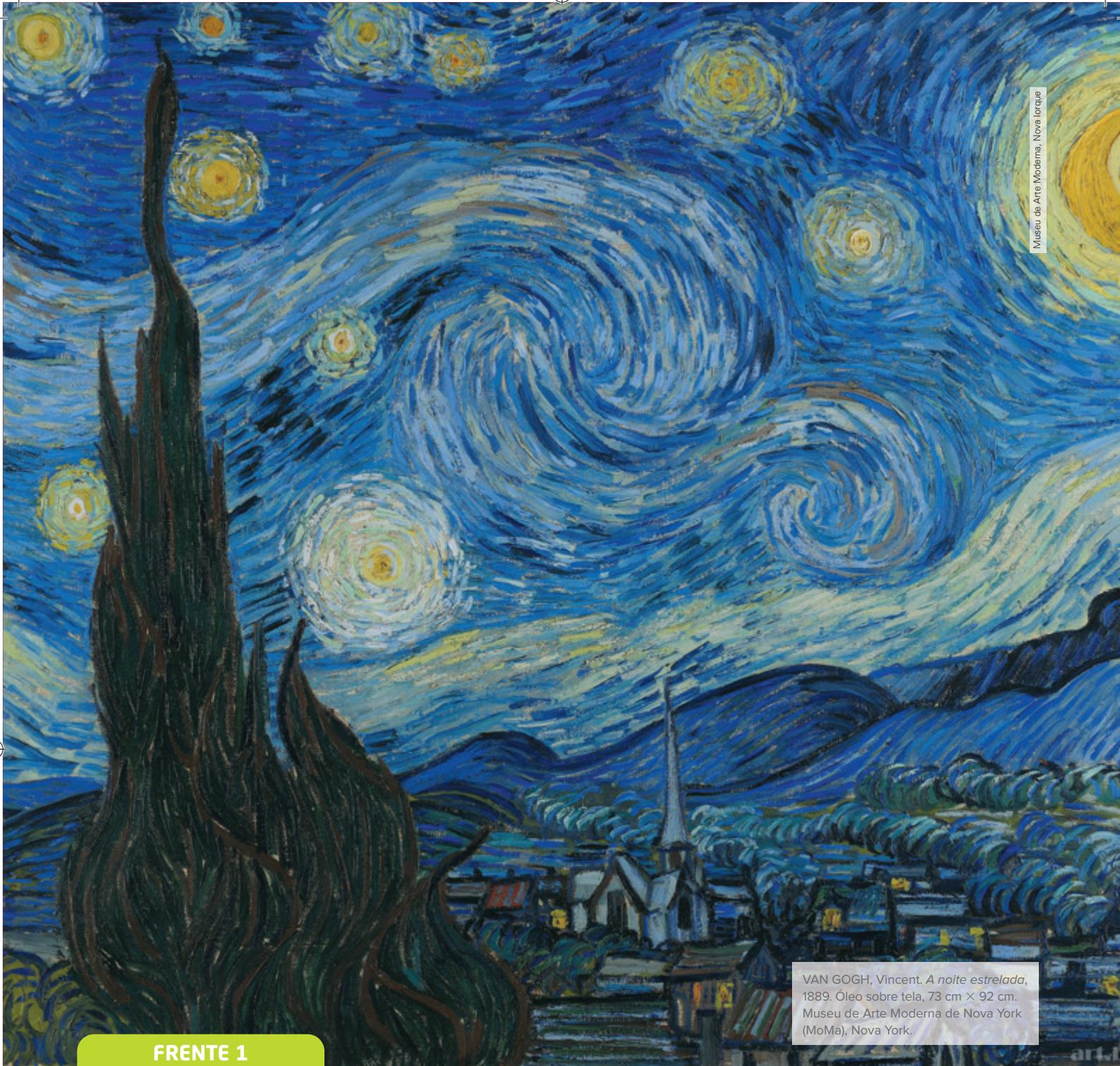
E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama.

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

(MORAES, Vinícius de. Antologia poética. São Paulo: Cia das Letras, 1992)

A palavra **mesmo** pode assumir diferentes significados, de acordo com a sua função na frase. Assinale a alternativa em que o sentido de **mesmo** equivale ao que se verifica no 3º verso da 1ª estrofe do poema de Vinícius de Moraes.

- a) “Pai, para onde fores, / irei também trilhando as **mesmas** ruas...” (Augusto dos Anjos)
- b) “Agora, como outrora, há aqui o **mesmo** contraste da vida interior, que é modesta, com a exterior, que é ruidosa.” (Machado de Assis)
- c) “Havia o mal, profundo e persistente, para o qual o remédio não surtiu efeito, **mesmo** em doses variáveis.” (Raimundo Faoro)
- d) “Mas, olhe cá, Mana Glória, há **mesmo** necessidade de fazê-lo padre?” (Machado de Assis)
- e) “Vamos de qualquer maneira, mas vamos **mesmo**.” (Aurélio)



Museu de Arte Moderna, Nova Iorque

VAN GOGH, Vincent. *A noite estrelada*, 1889. Óleo sobre tela, 73 cm × 92 cm. Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMa), Nova York.

FRENTE 1

CAPÍTULO

3

Construção do sintagma nominal

Ao observar uma obra de arte, vemos elementos que se combinam e dialogam entre si para projetar sentidos. Podemos nomear o que nela aparece, quantificar as vezes que determinada forma ou cor foi usada e, ainda, expressar por meio de palavras aquilo que percebemos. A obra *A noite estrelada*, de Vincent van Gogh, evidencia, segundo o pintor, a noite em uma comunidade vista pela janela do quarto do hospício onde se internou de forma voluntária. Diferentemente da pintura – em que a materialidade de comunicação são as cores, formas e traços –, uma das maneiras que usamos para nos comunicar é por meio de palavras. Elas se inter-relacionam, e cada palavra tem uma função na frase, ora sendo o núcleo informacional do que é dito, ora especificando, qualificando ou quantificando esse núcleo. Neste capítulo, veremos como ocorre essa relação no sintagma nominal e de que forma isso contribui para a construção de sentidos.

Elementos do sintagma nominal

A língua pode ser organizada em classes gramaticais que evidenciam a função das palavras em um texto. Ao escrever, fazemos dois movimentos importantes: selecionamos os vocábulos e os combinamos de maneira a produzir sentidos. A seleção e a combinação são propriedades importantes da língua que contribuem para que nossos enunciados sejam entendidos e a comunicação seja estabelecida.

Ao construirmos frases, fazemos uso de um conjunto de elementos que constitui uma unidade significativa na oração: o sintagma. Quando o núcleo do sintagma é um nome (ou seja, um substantivo), dizemos que se trata de um sintagma nominal.



LOURENÇO, Ana; MESQUITA, Renata. Os dez melhores *apps* de treino. *Estadão*, 19 fev. 2021. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/infograficos/cultura,treine-em-casa-os-dez-melhores-apps-para-voce-testar,1153478>. Acesso em: 29 jun. 2021.

O título da reportagem é um exemplo de sintagma nominal, cujo enunciado é formado por um grupo de elementos linguísticos.

No título da reportagem anterior, o substantivo “*apps*” é o núcleo do sintagma nominal. Relacionada a ele, observamos a presença de outras palavras que enriquecem seu sentido, acrescentando informações que especificam e qualificam a palavra “*apps*”.



As palavras “melhores” e “de treino” modificam o substantivo “*apps*”, pois acrescentam informações que o caracterizam: não é qualquer *app*, é o “de treino”; e o qualificam: são os “melhores” *apps*. Já “os” e “dez” também se ligam ao substantivo, especificando-o, seja por determinar o nome (“os”), seja por quantificá-lo (“dez”).

Essa é uma propriedade do **sintagma nominal**. Nessa classificação, o núcleo sempre será um substantivo, e podem ser usadas palavras de diferentes classes gramaticais – artigo, numeral, adjetivo e pronome – para modificá-lo ou especificá-lo.

Sintagma nominal		
Especificadores	Núcleo	Modificadores
Artigo Numeral Pronome	Substantivo	Adjetivo

Se o título trouxesse apenas a palavra “*apps*”, sem o uso de especificadores e modificadores, o leitor teria poucas informações para saber do que trata a reportagem e poder avaliar se é ou não um assunto de seu interesse. Então, provavelmente, não se sentiria motivado a ler o texto na íntegra.

Concluindo: em sintagmas nominais haverá sempre um substantivo, que é o núcleo, podendo se ligar a ele adjetivos, artigos, numerais ou pronomes – elementos importantes para construir sentidos. Vamos conhecer cada uma dessas classes gramaticais.

Substantivo e adjetivo: nome e modificador

2021 Cedraz/Press

XAXADO / Antonio Cedraz



Os substantivos pertencem à classe de palavras que dão nomes aos seres em geral.

No primeiro quadrinho da tirinha, a personagem Marinês (de roupa vermelha) faz menção a vários animais, e Marieta (de roupa amarela) demonstra que está enjoada. O que produz essa reação é justamente o nome dos animais mencionados, geralmente associados à sensação de nojo.

Em nossa língua, as palavras que designam seres, objetos, sentimentos, ideias, lugares e ações são chamadas substantivos. Essa classe gramatical é utilizada para nomear elementos. Se, em vez de “ratos, baratas, pulgas, lesmas, minhocas...”, Marinês tivesse dito “gatos, cachorros, pássaros, peixes...”, a reação de Marieta poderia ser bem diferente.

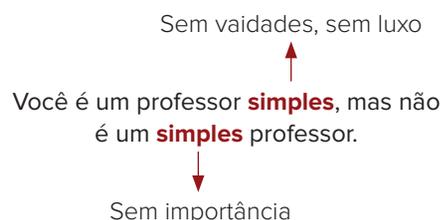
A escolha dos substantivos que vão compor um enunciado carrega sempre uma intencionalidade. No caso da tirinha, a reação de Marieta ao dizer “ecassistema” – termo formado pela junção da interjeição “eca”, que indica nojo, com o substantivo “sistema” – está ligada ao nome dos animais mencionados por Marinês. Embora não esteja definido, é possível compreender, a partir dos substantivos selecionados inicialmente, que o “ecassistema” seria um conjunto de seres que causam nojo e que interagem entre si e com o meio em que vivem.

Observe agora outros elementos citados por Marinês no segundo quadrinho:



As palavras “madeira”, “casas” e “cachorros” são substantivos, pois nomeiam um material, uma habitação e um animal, respectivamente, e estão acompanhadas de outras que lhes atribuem características. As palavras ligadas ao substantivo que modificam seu sentido, acrescentando a ele uma qualificação, são chamadas adjetivos. Os substantivos ocupam sempre o núcleo do sintagma nominal, enquanto os adjetivos figuram próximo a ele, atuando como modificadores.

A posição do adjetivo pode variar: ora aparece antes do substantivo, ora depois dele. Essa localização dentro do enunciado gera, em alguns casos, mudanças de sentido. Veja como isso ocorre com o adjetivo “simples” na seguinte frase.



Agora, observe o uso do adjetivo “velho” no excerto de *Helena*, de Machado de Assis.

O Dr. Camargo, médico e **velho amigo** da casa, logo que regressou do enterro, foi ter com Estácio, a quem encontrou no gabinete particular do finado, em companhia de D. Úrsula. [...]

ASSIS, Machado de. *Helena*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000202.pdf>. Acesso em: 1º jul. 2021.

Ao dizer “velho amigo”, não há referência à idade, mas sim ao tempo de amizade; é uma amizade antiga, de muitos anos. Seria diferente se fosse dito “amigo velho”; nesse caso, a qualificação que se dá ao amigo se refere à idade cronológica.

Com relação à posição do adjetivo na frase, quando inserido após o substantivo, o primeiro tem um sentido mais concreto, objetivo e, quando vem antes, o sentido é mais abstrato, subjetivo. Se dizemos, por exemplo, “Lisandra é uma mulher **nova**”, estamos nos referindo à sua idade cronológica, mas, se falarmos “Lisandra é uma **nova** mulher”, queremos dizer que ela está diferente.

Estabelecendo relações

Em operações matemáticas como a adição e a multiplicação, a posição dos algarismos não interfere no resultado, logo, $2 + 3$ e $3 + 2$ são iguais a 5, assim como 2×3 e 3×2 são iguais a 6. A posição dos adjetivos na sentença, no entanto, não segue esse mesmo raciocínio: se o adjetivo vier antes do substantivo, pode ter um sentido que não teria caso viesse após ele, inclusive em relação à intencionalidade enunciativa. De todo modo, é importante atentar ao contexto da fala. Observe os exemplos.

“Vou te cobrar um preço **alto**” (aviso de que o produto sairá caro).

“Vou te cobrar um **alto** preço” (ameaça, em geral, de morte).

Classificação dos substantivos

Os substantivos podem ser classificados considerando dois aspectos: a semântica ou a forma. O primeiro caso refere-se ao sentido da palavra, à própria capacidade de designar algo. Observe as informações do quadro a seguir.

Quanto à semântica, o substantivo pode ser...							
	Concreto	ou	abstrato	Comum	ou	próprio	Coletivo
Definição	Palavra que nomeia tudo que tem existência independente de outros seres.		Palavra que nomeia tudo que não tem existência própria, ou seja, depende de outro ser para existir.	Palavra que nomeia qualquer ser de uma espécie, sem particularizar.		Palavra que nomeia um ser específico, individualizando-o e destacando-o dos demais.	Palavra que faz referência, no singular, a um conjunto de elementos.
Exemplos	- pessoa (Caio) - animal (gato) - planta (árvore) - objeto (livro) - ser fantástico (bruxa)		- sentimento (alegria) - ação (fuga) - estado (felicidade) - qualidade (avareza) - sensação (ardência)	- pessoa (criança) - animal (cachorro) - planta (flor) - objeto (caneta) - ser fantástico (fada)		- pessoa (Sarah) - animal (Rex) - país (Chile) - estado (Acre) - cidade (Natal)	- pessoas (multidão) - peixes (cardume) - parlamentares (congresso) - atores (elenco) - alunos (turma) - ladrões (quadrilha)

A análise deve ser feita sempre considerando o contexto de uso, pois algumas palavras podem ser consideradas substantivo abstrato ou concreto, dependendo do contexto. Veja um exemplo no texto a seguir, no qual a palavra “encomenda” foi utilizada como “ato de encomendar” (**substantivo abstrato**) no título da postagem e como “produto que foi adquirido” (**substantivo concreto**) ao longo do texto.

Fiz uma **encomenda** pelo correio e ela não chega

Compras pela internet se popularizaram muito. [...] Porém, às vezes o percurso [de entrega] não é tão tranquilo assim. Vários empecilhos durante o trajeto podem impedir que a **encomenda** chegue inteira na sua casa. [...]

MARQUES, Joana. *Codomar*. Disponível em: <http://www.codomar.com.br/2017/06/fiz-uma-encomenda-pelo-correio-e-ela.html>. Acesso em: 3 set. 2021.

Quanto à classificação do substantivo pela forma, evidencia-se sua característica morfológica, ou seja, está relacionada ao processo de formação das palavras.

Quanto à forma, o substantivo pode ser...						
	Simplex	ou	composto	Primitivo	ou	derivado
Definição	Formado por apenas uma palavra.		Formado por mais de uma palavra.	Dá origem a outra palavra.		Tem origem a partir de uma palavra já existente.
Exemplos	- chuva - homem - guarda		- guarda-chuva - lobisomem	- flor - pedra		- floricultura - pedreiro

Elementos que são flexionados no sintagma nominal

No sintagma nominal, o substantivo será sempre o núcleo. Os elementos que se relacionam a ele – adjetivos, artigos e numeral – devem ser flexionados a fim de estabelecer concordância.

Substantivos e adjetivos podem ser flexionados tanto em gênero (masculino/feminino), quanto em número (singular/plural). Como o adjetivo atribui sentido ao substantivo, ambos devem concordar entre si para compor um sintagma nominal.

CURIOSIDADES

Mãe cria boneca negra com cabelo cacheado para aumentar a autoestima das filhas

A Angelica Doll tem cabelos cacheados que podem ser lavados, penteados e cuidados da mesma forma que uma cabeleira de verdade

Revista Crescer, 22 maio 2015.

Na manchete, como o substantivo “boneca” está no feminino e no singular, o adjetivo “negra” é igualmente flexionado no gênero feminino e em número (singular). Já em “cabelo cacheado”, o substantivo “cabelo” está no masculino e no singular. Por esse motivo, o adjetivo “cacheado” concorda com o substantivo, sendo flexionado no gênero masculino e em número (singular).

Se o texto fizesse menção a mais de uma boneca, haveria mudança de número do substantivo para o plural (bonecas) e o adjetivo também seria modificado em número (negras). Observe:

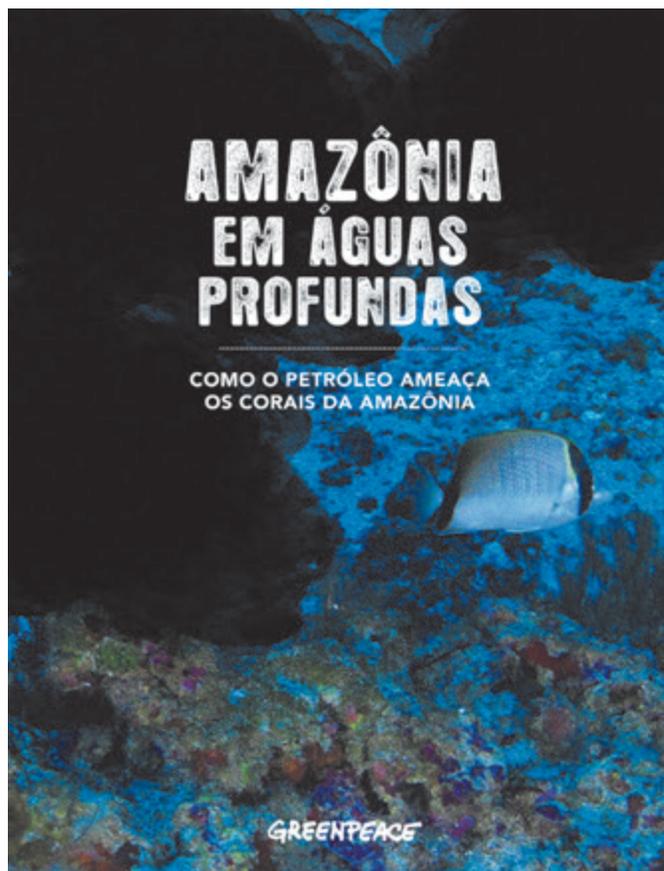
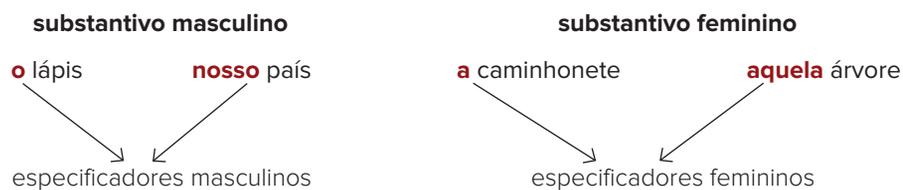
Mãe cria bonecas **negras** com cabelos **cacheados** para aumentar a autoestima das filhas

Saiba mais

As palavras não têm sexo, elas têm gênero gramatical – que é uma propriedade inerente a elas enquanto sistema linguístico. O gênero é uma convenção social; por esse motivo, uma palavra pode ser do gênero masculino em uma língua e do feminino em outra, como ocorre com as palavras **cometa** (masculino em português) e **comète** (feminino em francês). Além disso, pode haver mudanças em relação às convenções da língua com o passar do tempo. A palavra **mapa**, por exemplo, era feminina no latim e no português medieval, mas na língua portuguesa atual é utilizada no masculino: **o mapa**.

Flexão de gênero de substantivos

O gênero dos substantivos pode ser construído de algumas formas. O uso de especificadores (artigos, pronomes) masculinos evidencia, na língua, o gênero gramatical masculino, da mesma forma que o uso de especificadores femininos evidencia o gênero gramatical feminino.



Fonte: Amazônia em águas profundas: como o petróleo ameaça os corais da Amazônia. © Greenpeace

Cartaz de uma campanha desenvolvida pelo Greenpeace, no qual é possível reconhecer o uso de artigos em um sintagma nominal.

No cartaz apresentado, percebemos que o substantivo “petróleo” é masculino, pois está especificado pelo artigo “o”. Do mesmo modo, “corais” é flexionado no masculino do plural, concordando com o artigo que o antecede: “os”.

As regras mais comuns para indicação do gênero gramatical de substantivos biformes são:

- Troca da vogal “o” no término da palavra por “a”: gato/gata; pato/pata.
- Troca da vogal “e” no término da palavra por “a”: mestre/mestra; elefante/elefanta.
- Acréscimo da desinência “a” em substantivos terminados em **r, l, z e s**: professor/professora; bacharel/bacharela; juiz/juíza; deus/deusa.
- Troca do sufixo “ês” por “esa”: freguês/freguesa; baronês/baronesa.
- Troca da terminação “or” por “triz” ou “eira”: imperador/imperatriz; empacotador/empacotadeira.
- Troca da terminação “ão” por “ã”, “ona” ou “oa”: irmão/irmã; solteirão/solteirona; leão/leoa.
- Uso de radicais diferentes, não correlacionados: mãe/pai; homem/mulher.

Atenção

Desinência: sufixo que marca flexão de gênero e número (desinências nominais) e de pessoa, modo, tempo e número (desinências verbais).

Além disso, alguns substantivos mudam de sentido quando o especificador marca masculino ou feminino. Veja alguns exemplos:

A capital	O capital	A grama	O grama
Cidade principal	Dinheiro	Vegetação rasteira comum em jardins	Unidade de medida

Há substantivos que apresentam uma só forma linguística e dependem da presença do especificador para evidenciar o gênero gramatical da palavra. Observe um exemplo:

Comerciante distribui sementes de ipês pelos Correios

A iniciativa que surgiu em 2020 tem continuidade neste ano; Eduardo Polesi monta kits com as sementes do ipê-rosa, amarelo e branco e envia para interessados.

G1, 29 jun. 2021.

Ao ler o título da manchete, a princípio, não é possível saber se o substantivo “comerciante” refere-se ao gênero masculino ou feminino. Essa informação só é esclarecida ao lermos a linha fina, que apresenta o nome do comerciante Eduardo Polesi. Com base em nosso repertório, sabemos que Eduardo é nome masculino, sendo também um substantivo próprio. Assim, entendemos que a notícia trata de **um** comerciante, e não de **uma** comerciante. Na esfera jornalística, é muito comum a ausência de artigos definidos ou indefinidos em títulos de notícias ou reportagens.

Veja outros exemplos de substantivos que requerem o uso de um especificador para indicar o gênero masculino ou o feminino.

Masculino	Um patriota	O agente	Este viajante	Nosso artista	Aquele feirante
Feminino	Uma patriota	A agente	Esta viajante	Nossa artista	Aquela feirante

Saiba mais

A maioria dos substantivos terminados em “e” (estudante, cliente, paciente etc.) tem forma invariável, e sua marca de gênero fica evidente pelo uso dos especificadores. Há, no entanto, exceções, como ocorre no uso de “presidente” e “presidenta” – palavras que geraram polêmica há alguns anos, quando o Brasil elegeu a primeira mulher para o cargo mais importante da nação. Em matéria de língua, tanto “a presidenta” quanto “a presidente” são flexões aceitas pela norma-padrão. Assim, o uso de uma ou outra forma é apenas questão de escolha lexical de quem fala ou escreve.

Vale lembrar que, além dos especificadores (artigos e pronomes), a flexão de gênero dos substantivos também pode ser compreendida pelo uso de modificadores (adjetivos), como ocorre em “artista **talentoso**” (masculino) ou “viajante **ansiosa**” (feminino).

Primeiros socorros para o coração

A cada um minuto e meio, **uma pessoa** morre por conta de doenças cardiovasculares [...].

“Em casos de parada cardiorrespiratória, se **a vítima** não receber ajuda em até dez minutos, a chance de sobreviver é inferior a 4%. [...]”.

HCor. Disponível em: <https://www.hcor.com.br/hcor-explica/outras/primeiros-socorros-em-situacoes-de-emergencia/>. Acesso em: 29 jun. 2021.

No excerto desse artigo, podemos observar que os substantivos “pessoa” e “vítima” estão flexionados no gênero gramatical feminino, pois não existe flexão masculina para eles.

Assim como nesse exemplo, há outros substantivos que têm uma só forma gramatical para indicar seres de gêneros diferentes. Nesse caso, artigos, pronomes e adjetivos terão uma só flexão de gênero: a mesma do substantivo que acompanham.

Substantivos com forma genérica para masculino ou feminino				
A testemunha	Essa criança	Meu carrasco	Aquele apóstolo	Um monstro

Flexão de gênero de adjetivos



Em enunciados, os adjetivos atuam como modificadores dos nomes, concordando com eles em gênero e número.

Por funcionar como modificador do substantivo, o adjetivo, em geral, concorda com o substantivo a que faz referência, tanto em gênero quanto em número.

Em relação ao gênero, ele pode ter uma só forma – que não se altera de acordo com o gênero do substantivo – ou duas formas – feminina e masculina. Imagine, por exemplo, que a propaganda anterior fosse utilizada em uma campanha do Dia dos Pais. Observe as mudanças que ocorreriam e compare-as.

Mães... fortes, criativas e persistentes.

Pais... fortes, criativos e persistentes.

Os adjetivos “fortes” e “persistentes” têm uma única forma para ambos os gêneros, portanto não sofrem mudança quando acompanham substantivos masculinos ou femininos. Já o adjetivo “criativas” sofreu modificação e foi registrado no gênero masculino (“criativos”) após ser trocado o substantivo “mãe” por “pai”.

Veja a seguir algumas regras para flexão de gênero dos adjetivos:

São invariáveis os adjetivos...	
Terminados em e, l, z, m, s	xícara quente – prato quente sofá inflável – cama inflável bruxa aprendiz – bruxo aprendiz moça jovem – moço jovem problema simples – conta simples
Terminados em a e ense	país otimista – família otimista sorvete belga – sobremesa belga cantor cearense – cantora cearense
Cortês, melhor, pior, menor, maior, interior	professor cortês – professora cortês melhor cozinheiro / melhor cozinheira maior país – maior cidade

São variáveis os adjetivos terminados em...		
Masculino	Feminino	Exemplos
o	a	ator belo – atriz bela
u	ua	alimento cru – comida crua
or	ora	médico sofredor – médica sofredora
ês	esa	prato japonês – comida japonesa; livro inglês – bolsa inglesa
ão	ã ona	carro alemão – moto alemã; bebê babão – criança babona
éu	oa	estagiário tabaréu – estagiária tabaroa
eu	eia	homem ateu – mulher ateia; país europeu – fronteira europeia

Flexão de número de substantivos e adjetivos



Para manter a coerência daquilo que se enuncia, o adjetivo também deve concordar em número com o substantivo a que se refere.

Assim como ocorre com a flexão de gênero, substantivos e adjetivos costumam concordar em número (singular/plural) em um sintagma nominal. Na charge acima, percebemos uma crítica subtendida com o questionamento da filha à mãe, afinal, a noção de “normal” é bastante imprecisa. Observe a flexão de número no sintagma nominal presente no texto.

Singular	Plural
O cabelo normal	Os cabelos normais

O plural do substantivo é formado com o acréscimo da desinência “s” (“cabelo”/“cabelos”). Se o adjetivo fosse “limpo”, seu plural seria “limpos”. Ou seja, tanto substantivos quanto adjetivos podem seguir a regra geral para formação de plural com o acréscimo da desinência “s” ao final da palavra.

Na charge, o adjetivo “normal” funciona como modificador do substantivo “cabelo”. O plural desse adjetivo é feito pela troca da consoante final “l”, por “is”, tal como ocorre em outros substantivos com a mesma terminação (“varal”/“varais”).

Conclui-se, assim, que os adjetivos simples (formados por uma só palavra) seguem, na maioria das vezes, as mesmas flexões dos substantivos para a marcação do plural.

Veja os casos gerais para formação de plural de substantivos simples:

Terminação do substantivo em...	Flexão de plural em...	Exemplos
a, e, i, o, u	s	casa – casas; estudante – estudantes; caqui – caquis; barco – barcos; urubu – urubus
m	ns	trem – trens; álbum – álbuns
ão	ãos ões ães	cidadão – cidadãos; bênção – bênçãos ilusão – ilusões; casarão – casarões pão – pães; alemão – alemães
r, z, s	es	mar – mares; amor – amores paz – pazes; matriz – matrizes país – países; libanês – libaneses
al el ol ul	ais eis ois uis	varal – varais; animal – animais tonel – tonéis; móvel – móveis anzol – anzóis; lençol – lençóis azul – azuis
il	is eis	funil – funis; barril – barris (oxítonas) réptil – répteis; fóssil – fósseis (paroxítonas)

As exceções a essas regras são:

- Substantivos terminados em **-ão** que admitem mais de uma flexão. Exemplos: verão (ver**ãos** ou ver**ões**); vilão (vil**ões**, vil**ães** ou vil**ãos**); corrimão (corrim**ãos** ou corrim**ões**).
- Substantivos com o plural marcado pelo especificador (artigo, pronome ou numeral). Exemplos: **um/dois** pires; **este/estes** ônibus; **seu/seus** lápis.
- Substantivos que só têm uma forma: plural. Exemplos: parabéns, férias, óculos.
- Exceções para formação do plural de substantivo terminados em **-al** e **-ul**. Exemplos: mal/ma**les**; consul/côn**sules**.

A questão da flexão de grau em substantivos e adjetivos

Geralmente, aprendemos que os substantivos podem ser flexionados nos graus diminutivo e aumentativo, e os adjetivos também em dois graus: comparativo e superlativo. Estudiosos da linguagem, no entanto, defendem que, como a marcação de diminutivo e aumentativo do substantivo ocorre por um processo de derivação (com sufixos), então não há variação de grau, e sim de tamanho.



Os diminutivos geralmente são utilizados para indicar tamanho, mas também podem, de acordo com o contexto de uso, assumir outras significações.

Na tirinha, o substantivo “pau” foi utilizado na forma diminutiva, indicando que o “pauzinho” era de um tamanho pequeno. Justamente por isso é que o cachorro conseguiu pegá-lo com a boca, desagradando sobremaneira seu dono.

O diminutivo de substantivos pode ser feito em língua portuguesa com o acréscimo do sufixo **-inho**, **-zinho** ou **-zito**, como em “cachorr**inho**”, “jacarez**zinho**” e “cão**zito**”. Já os aumentativos podem ser formados pelo uso dos sufixos **-ão**, **-ona**, **-aço**, **-arra**, **-eirão**, a exemplo de: “papel**ão**”, “mulher**ona**”, “rica**aço**”, “bocar**ra**”, “voz**eirão**”.

Em alguns casos, o uso do diminutivo ou do aumentativo pode indicar uma relação de afeto entre as pessoas. Veja um exemplo nesta capa de livro.



Os aumentativos sinalizam uma ideia de tamanho, mas também podem ser empregados para emitir algum tipo de apreciação.

O uso do aumentativo de “pai” – “paizão” – não se refere a tamanho físico, mas tem sentido afetivo: “paizão” é um pai bacana, presente e carinhoso. Do mesmo modo, se a palavra estivesse no diminutivo – “paizinho” –, a intenção seria expressar afeto: paizinho é um pai querido, amado.

Diminutivos podem ser utilizados também para desqualificar uma pessoa. Se dizemos: “Esse é o novo **empregadinho** da firma” ou “Não adiantou ter ido ao médico. Lá só tinha **doutorzinho**”, estamos expressando desdém pelos trabalhadores. Expressões com aumentativo também podem ter valor depreciativo, a depender do uso. Imagine, por exemplo, que em uma briga alguém dissesse: “lh, chegou o **covardão!**”; com certeza não é o tamanho da coragem que está em jogo, há aí uma clara intenção de desprestigiar o adversário.

Outra forma de indicar aumentativos e diminutivos de substantivos é fazer uso de adjetivos que dão a ideia de tamanho. Exemplo: casa **grande**, sala **pequena**. O uso dos especificadores é necessário, nesse contexto, para indicar o tamanho da casa e da sala.

No que tange ao grau de adjetivos, ele ocorre em dois níveis: no comparativo e no superlativo. O primeiro evidencia uma comparação entre dois elementos; o segundo, intensifica a informação.

Tipos de comparativo		
Comparativo de superioridade	Comparativo de igualdade	Comparativo de inferioridade
... mais... do que...	... tão... quanto...	... menos... do que...
Eu estou mais cansada do que a Sarah.	Arthur quer escrever tão rápido quanto sua mãe.	Esther estava menos triste do que Pedro.

Tipos de superlativo		
Absoluto sintético	adjetivo + -érrimo -íssimo	A modelo está mag érrima . Este muro é altíssimo!
Absoluto analítico	palavra intensificadora + adjetivo	O jovem está extremamente triste.
Relativo de superioridade	... a mais.../... o mais... + adjetivo	A minha casa é a mais bonita do bairro.
Relativo de inferioridade	... a menos.../... o menos... + adjetivo	Aquela comida é a menos saborosa do restaurante.

Substantivos e adjetivos em uso

Quando dissemos que o adjetivo está ligado ao substantivo, mostramos uma propriedade dessa classe de palavras. Isso é fundamental para observarmos que, na prática, uma mesma palavra pode desempenhar funções diferentes.

Observe a imagem abaixo.



A palavra “ilimitado” pode pertencer a classes gramaticais diferentes de acordo com o contexto de uso.

Para sinalizar uma vantagem do serviço oferecido, a operadora de telefonia utilizou estes dois enunciados:



No primeiro exemplo, a palavra “ilimitadas” modifica o sentido do substantivo “ligações”, concordando com ele em gênero (feminino) e número (plural). Portanto, está claro que “ilimitadas” funciona, no enunciado, como adjetivo.

Na segunda ocorrência, a palavra “ilimitado” não está mais ligada a um substantivo; por isso, não se pode dizer que exerce função de adjetivo. Dentre as classes de palavras, aquela que se liga ao verbo, modificando-o, é chamada advérbio. Assim, pode-se concluir que, no último enunciado, a palavra “ilimitado” é invariável, sendo empregada como advérbio.

! Atenção

Advérbio é uma classe de palavras que modifica o verbo, o adjetivo ou outro advérbio. Isso significa que, se uma palavra atribui informações a um verbo, alterando seu sentido inicial, ela pode fazer parte dessa classe gramatical. Por isso, é importante estar atento ao contexto de uso das palavras. No capítulo 4 desta coleção, abordaremos com maior atenção a classe dos advérbios.

A ligação das palavras “ilimitadas” e “ilimitado” a um substantivo ou a um verbo também gera diferentes efeitos de sentido no texto. Ao apontar que as ligações são ilimitadas para telefone fixo ou móvel, a empresa sinaliza uma característica do tipo de ligação oferecido, oportunizando uma comparação com o serviço disponibilizado por outras operadoras. No entanto, o uso do enunciado “fale ilimitado” evidencia um diálogo com o interlocutor. O leitor, então, é invocado no discurso, percebe os efeitos positivos da proposta para uma aplicação prática na vida (falar ilimitado) e, com isso, pode adquirir o produto do anúncio e tornar-se cliente. No primeiro caso, não há uma aproximação com o leitor, o que fica evidente no segundo exemplo. Essa intencionalidade também está

clara quando se observa que “fale ilimitado” é o enunciado de maior destaque e centralidade na distribuição do texto.

Para percebermos a importância de analisar o enunciado como um todo, observe na manchete a seguir o uso da palavra “fantasma”, que poderia ser classificada como substantivo, pois é o vocábulo que usamos para nomear o espírito de pessoas que faleceram.

Prefeito de Ilha Solteira é condenado por ter sido 'funcionário fantasma' na Assembleia Legislativa de São Paulo

TVTEM. G1, 25 ago. 2020.

TV TEM. Prefeito de Ilha Solteira é condenado por ter sido ‘funcionário fantasma’ na Assembleia Legislativa de São Paulo. G1, 25 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2020/08/25/prefeito-de-ilha-solteira-e-condenado-por-ter-sido-funcionario-fantasma-na-assembleia-legislativa-de-sao-paulo.ghtml>. Acesso em: 30 jun. 2021.

Entretanto, no contexto desse enunciado, a palavra “fantasma” funciona como adjetivo, pois atribui sentido ao substantivo “funcionário”, modificando-o. Ou seja: não é qualquer funcionário, é um que “não existe”. Essa caracterização é importante para que possamos entender o motivo da condenação do prefeito a que faz referência a manchete.



Conhecer as classes de palavras é importante, pois nos permite compreender a função delas na relação com outros elementos da frase e os efeitos de sentido gerados nos textos.

Artigo e numeral: determinante e quantificador

Os artigos e os numerais – assim como os adjetivos – acompanham os substantivos, determinando-os ou indicando quantidade. Na piada a seguir, podemos comparar o mesmo texto com e sem o uso dessas classes de palavras. No texto original, foram destacados os artigos e numerais e, na versão adaptada, foram excluídas essas palavras.

Texto original

Dente

O dentista atende **um** maluquinho, do qual tinha tirado **um** dente **um** dia antes:

- E aí, seu dente parou de doer?
- Sei lá, **o** doutor ficou com ele.

AVIZ, Luiz. (org.). *As melhores piadas para crianças*. Ilustrações de Filipe Aviz. Rio de Janeiro: Saraiva, 2013. (Pegue & Leve). p. 54.

Texto modificado

Dente

Dentista atende maluquinho, do qual tinha tirado dente dia antes:
— E aí, seu dente parou de doer?
— Sei lá, doutor ficou com ele.

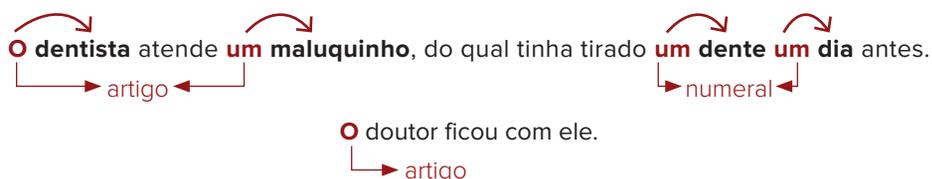
A piada brinca com a lógica da situação, e o sentido se constrói quando levamos em consideração a fala do “maluquinho” à indagação do doutor.

Embora o texto modificado mantenha o sentido do original, a ausência dos artigos e numerais deixou certas informações imprecisas:

1. Ao dizer “**o** dentista”, sabemos a qual dentista o interlocutor se refere. É um dentista determinado.
2. Em “**um** maluquinho”, é possível perceber que ele não é uma pessoa em especial, particularizada. É um maluquinho qualquer, indeterminado.
3. A afirmação de que havia sido tirado “**um** dente” revela que não foram dois ou três dentes.
4. A informação de que o fato aconteceu “**um** dia antes” determina quando ocorreu e evidencia que não foram dois ou três dias antes.
5. Em “**o** doutor”, o artigo refere-se a uma determinada pessoa, ou seja, ao profissional que o atende.

Os fragmentos analisados em 1, 2 e 5 mostram como os artigos “o” e “um” acrescentam informações, especificando os substantivos “dentista”, “maluquinho” e “doutor”, respectivamente.

Já em 3 e 4, percebemos como o numeral “um” atribui aos substantivos “dente” e “dia” a informação de quantidade.



Na língua portuguesa, a posição do artigo na sentença antecede o substantivo: podemos dizer e escrever “o dentista”, mas não “dentista o”. Já os numerais, dependendo do contexto de uso, podem ser inseridos antes ou depois do substantivo. Observe:

Ele é o número **um** na chamada.
Você é nota **dez**.

No segundo exemplo, o substantivo e o numeral são utilizados como adjetivo; uma pessoa “nota dez” é alguém esforçado, bacana.

O mais comum, no entanto, é que o numeral se anteponha ao substantivo:

É o **primeiro** dia dele aqui.
Quero comer **três** maçãs.

Diferentemente de substantivos e adjetivos, que têm uma quantidade enorme de palavras, sendo muito difícil quantificá-los, os artigos e numerais apresentam-se em número reduzido na língua portuguesa; por isso, dizemos que são classes fechadas de palavras.

Artigo: classificação e uso

O presente do avô

Um avô, na véspera de cumprir seus oitenta anos, estava sentado com o netinho na varanda da rua São Clemente.

O avô contemplou o neto com muito carinho e com voz suave perguntou:

- Você sabe quem faz amanhã oitenta anos?
- Sei, sim, vovô. É você.
- E você já pensou num presente para **o vovô**?
- Pensei, mas não encontrei.
- Mas o que é que você queria me dar?

E o menino:

— Se eu tivesse encontrado, sabe?... eu queria dar **um avô** pra você.

BLOCH, Pedro. *Criança diz cada uma!* Ilustrações de Luiz Sá e Martha Alencar. Rio de Janeiro: Ediouro, 1963. p. 35.

Quando a personagem é citada pela primeira vez no texto, ainda não sabemos quem é. “**Um avô**” passa a ideia de que não é um avô específico, pode ser qualquer um. Observe, no entanto, que, quando a personagem é novamente mencionada no segundo parágrafo, o autor do texto faz uso do artigo “o”: “**o avô**”. Isso ocorre porque o leitor já conhece essa personagem.

Veja como aparecem essas palavras em outros momentos no texto, nas falas do avô e do netinho:

“E você já pensou num presente para **o vovô**?”



aquele avô específico, com o qual a criança fala

“[...] eu queria dar **um avô** pra você!”



não é um avô em particular

A graça da história está justamente na concepção que a criança tem do avô, que é alguém tão bom que parece um presente.

Como pudemos observar, em um texto, os artigos têm a função de especificar os substantivos, determinando-os ou indeterminando-os. Por esse motivo são classificados em definidos ou indefinidos.

Em textos narrativos, é comum a utilização do artigo indefinido no início do texto, quando o leitor ainda não sabe quem é determinada personagem, e do artigo definido na continuidade do texto, quando já é sabido a quem ele se refere. Ou seja, para apresentar, usamos o artigo indefinido e, para retomar, o artigo definido.

Como os artigos acompanham o núcleo informacional do sintagma nominal, também podem variar em gênero e número. São oito as formas possíveis:

Tipos de artigos	Singular		Plural	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Definido	o	a	os	as
Indefinido	um	uma	uns	umas

Os artigos também podem ser apresentados em sua forma contraída, isto é, combinados com algumas preposições, como ocorre em:

Pela primeira vez **na** semana, vou **ao** quarto **do** meu avô.

prep. "per" + art. "a" prep. "em" + art. "a" prep. "a" + art. "o" prep. "de" + art. "o"

! Atenção

A contração da preposição "a" e do artigo definido "a" é sinalizada, na nossa língua, com o acento grave (`), evitando-se, dessa forma, a repetição de dois fonemas iguais. Assim, em vez de escrever "aa", redigimos "à" em frases como "Fui à casa do meu avô".

Uma propriedade do artigo é permitir substantivar a palavra que o sucede, mesmo que ela, originalmente, pertença a outra classe gramatical. Veja um exemplo:



Os artigos podem substantivar palavras que, em um primeiro momento, pertencem a outra classe gramatical, a exemplo dos adjetivos e verbos.

No título do livro, o verbo "cantar" foi substantivado com a presença do artigo "o". Nesse contexto, portanto, "cantar" tem função de substantivo, não de verbo. O mesmo pode acontecer com outras classes de palavras, como ocorre com o adjetivo "azul" na frase: "O azul predomina na capa".

Veja mais algumas particularidades do uso de artigos nos textos:

Função do artigo	Exemplos
Indicar o gênero gramatical do substantivo.	<p>○ estudante saiu. (ele) A estudante saiu. (ela)</p>
Indicar a flexão de número do substantivo.	<p>○ ônibus partiu. (singular) Os ônibus partiram. (plural)</p>
Mudar o sentido do substantivo.	<p>○ cabeça do grupo chegou. (o mais inteligente) A cabeça ainda dói muito. (a parte do corpo)</p>
Destacar a notoriedade, evidenciando a relevância do substantivo ao qual se refere.	<p>Rio, a cidade maravilhosa! (a cidade conhecida como maravilhosa) Roberto Carlos, o rei da MPB. (o cantor reconhecido como rei da MPB)</p>
Particularizar ou generalizar um substantivo, quando este vem acompanhado do termo “todo/toda”.	<p>Toda a turma deve estudar. (uma turma em especial) Toda turma deve estudar. (qualquer turma)</p>

Numeral: classificação e uso



Os numerais têm a finalidade de quantificar os substantivos que os acompanham.

Na tirinha, Armandinho faz uma reivindicação justa à sua mãe e reclama o seu direito de ser criança, evidenciando que há um excesso de atividades que ele tem de realizar ao longo do dia. Isso está sinalizado no texto pela indicação das horas em que cada uma das atividades deve ser feita: às duas, às quatro, às seis e às oito. Com tarefas a serem realizadas de duas em duas horas, a tarde do menino ficou realmente sem horário livre para outras atividades de lazer.

As palavras utilizadas para indicar o horário exato de realização das tarefas são os numerais. Essa classe de palavras tem a função de quantificar o substantivo a que faz referência. No caso, “dois”, “quatro”, “seis” e “oito” são numerais cardinais.

Além disso, o numeral também pode indicar uma ordem ou posição, como ocorre na manchete a seguir:

Ceará registra chuva em mais de 100 municípios pelo **terceiro** dia consecutivo

BORGES, Gabriel. *O Povo* (on-line), 3 mar. 2021.

A palavra “terceiro” é um numeral que indica ordenação em uma escala: a chuva não aconteceu somente no primeiro ou no segundo dia, mas também no terceiro, evidenciando-se, assim, uma progressão do acontecimento reportado. Numerais como “terceiro” são chamados ordinais, justamente por fazerem referência a uma ordem ou posição em uma sequência.

Perceba que, nesse título, há também o registro de um número: o 100. Número e numeral, portanto, não são a mesma coisa. Embora os dois indiquem quantidade, o primeiro refere-se ao registro por meio de algarismos, e o segundo, por meio de palavras.

De forma geral, em textos, devemos registrar quantidades por meio de numerais, exceto na escrita de datas, telefones, dados estatísticos etc., em que o uso do algarismo é mais indicado.

Observe agora as palavras “dobro” e “metade” nas manchetes a seguir:

Sony tem promoção com descontos em **dobro** em sua loja virtual

Isto é Dinheiro, 26 fev. 2021.

Mais da **metade** dos brasileiros sofrem de ansiedade no ambiente de trabalho

CNN Brasil, 6 fev. 2021.

Ao informar que o desconto oferecido pela loja será em “dobro”, percebemos a relação de aumento de quantidade; já quando pensamos na noção de “metade”, constatamos que a referência de valor diminui, pois indica apenas parte do todo. Essa noção é fundamental na nossa vida cotidiana, afinal, há muita diferença entre comprar um produto pela metade do preço (mais barato) e pelo dobro dele (mais caro).

Numerais como “dobro”, que evidenciam aumento de quantidade, são chamados multiplicativos, enquanto aqueles que fazem referência à parte de um todo são denominados fracionários.

Classificação	Função	Exemplos
Cardinal	Expressa quantidade. Pode ter valor de substantivo, ocupando o núcleo sintático (ex. 1). Pode ter valor de adjetivo, modificando o substantivo (ex. 2).	1. Os dois acabaram de sair daqui. 2. Melhor que um dia de feriado são quatro [dias] seguidos.
Ordinal	Indica ordem e sucessão. Pode funcionar como adjetivo, modificando o substantivo a que se refere. (ex. 3) Pode ser substantivado (ex. 4).	3. Esta é a terceira mala que Caio compra. 4. Esther é a primeira da turma.
Multiplicativo	Expressa quantidade aumentada. Pode ter valor de substantivo, ocupando o núcleo sintático (ex. 5). Pode ter valor de adjetivo, modificando o substantivo (ex. 6).	5. Comi o dobro do que foi orientado. 6. O carro de Arthur tem cabine dupla .
Fracionário	Indica parte de um todo. Atua, em geral, como substantivo, ocupando o lugar de núcleo sintático das expressões nominais (ex. 7 e 8).	7. O cabelo de Raíssa está um terço maior que antes. 8. Pedro comeu metade da pizza.

Observe o exemplo a seguir.

Procurei meus óculos nos **quatro** cantos da casa e não consigo encontrá-los.

O numeral “quatro” na expressão “quatro cantos da casa”, foi utilizado no sentido figurado para indicar que a pessoa procurou o objeto perdido em todos os lugares da residência. Ele não especifica uma quantidade exata, diferindo, portanto, dos usos mais comuns que fazemos dos numerais cardinais.

Conheça outras expressões populares em que o numeral deve ser compreendido em sentido figurado, e não como indicador de quantidade no enunciado.

Expressão popular que faz uso de numeral	Sentido figurado atribuído (sem valor quantitativo literal)
Quero ter dois dedos de prosa com você.	Conversar por um período curto.
Fiquei em segundo plano neste relacionamento.	Ser deixado de lado.
Este sofá é de quinta categoria.	Ser de má qualidade.
Meu pai é nota mil .	Ser um ótimo pai.
O professor é oito ou oitenta .	Ter atitudes opostas, contraditórias, extremistas.
Vou ver meu amigo de quatro patas.	Ver um gato ou cachorro.
Em primeiro lugar, eu nunca menti para você.	Sinalizar algo de grande relevância ou que deve ser esclarecido, independentemente de qualquer coisa.
Entrar na faculdade é fácil, sair dela já são outros quinhentos .	Fazer alusão a outro assunto, outra situação.
Não envolva terceiros nas nossas brigas.	Envolver outras pessoas.
Estou com tolerância zero hoje.	Estar sem paciência alguma.
Aquele funcionário é um zero à esquerda.	Ser inútil, sem valor.
Minha mãe é uma em um milhão .	Ser especial.

Pronome: categoria de pessoa

Uma classe de palavras que desempenha importante papel em textos são os pronomes. Por meio deles, podemos indicar a pessoa do discurso, evidenciar relação de posse, retomar elementos já mencionados no texto, demonstrar algo, introduzir perguntas e mesmo fazer referência a alguma coisa de modo impreciso.

No fragmento a seguir, do romance *Dom Casmurro*, Bentinho – narrador da trama – pede a José Dias, agregado da família, que o ajude a convencer sua mãe de que ele não seja enviado para o seminário, pois essa não é sua vocação. Observe no texto as palavras destacadas e a relação entre elas.

O céu estava meio enfarruscado. No ar, perto da praia, grandes pássaros negros faziam giros, avoaçando ou pairando, e desciam a roçar os pés na água, e tornavam a erguer-se para descer novamente. Mas nem as sombras do céu, nem as danças fantásticas dos pássaros **me** desviavam o espírito do **meu** interlocutor. Depois de **lhe** responder que sim [sobre o desejo de não ser padre e sobre fazer súplicas a Deus para que isso não ocorra], emendei-**me**:

— Deus fará o que **o senhor** quiser.

— Não blasfeme. Deus é dono de **tudo**; **ele** é, só por si, a terra e o céu, o passado, o presente e o futuro. Peça-**lhe** a sua felicidade, que **eu** não faço outra coisa... Uma vez que **você** não pode ser padre, e prefere as leis... As leis são belas, sem desfazer da teologia, que é melhor que **tudo**, como a vida eclesíastica é a mais santa... Por que não há de ir estudar leis fora daqui? [...]

— Está dito, pede a mamãe que **me** não meta no seminário?

— Pedir, peço, mas pedir não é alcançar. Anjo do meu coração, se vontade de servir é poder de mandar, estamos aqui, estamos a bordo. Ah! **você** não imagina o que é a Europa; oh! a Europa...

Levantou a perna e fez uma pirueta. Uma das **suas** ambições era tornar à Europa, falava **dela** muitas vezes, sem acabar de tentar **minha** mãe nem tio Cosme, por mais que louvasse os ares e as belezas... Não contava com **esta** possibilidade de ir **comigo**, e lá ficar durante a eternidade dos **meus** estudos.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000069.pdf>. Acesso em: 1º jul. 2021. p. 24.

As palavras destacadas no excerto do romance de Machado de Assis são pronomes. Para retomar a pessoa citada no diálogo e evitar a repetição do nome Deus, utilizou-se o pronome “ele”: “Deus é dono de tudo; **ele** é, só por si, a terra e o céu”. “Ele” refere-se à pessoa de quem se fala, assim como “lhe” substitui a mesma palavra no trecho: “Peça-**lhe** a sua felicidade”. Já o pronome “me” é usado para referir-se a si mesmo: “pede à mamãe que **me** não meta no seminário?”, assim como “comigo”. Por fim, o pronome “se” é usado para se referir a uma pessoa do discurso já mencionada: “grandes pássaros negros faziam giros [...] e tornavam a erguer-**se**”.

No trecho, também aparecem outros pronomes, como: “o senhor” e “você” para se referir a quem se fala; “tudo” para se referir a uma porção de coisas indefinidas; “esta”, para se referir a algo específico (no caso, “possibilidade”); e “suas”, “dela” e “meus” para designar posse.

O uso de pronomes é fundamental na construção de um texto, de modo a evidenciar a relação entre as partes dele.

Ao analisarmos o trecho em questão, concluímos que pronomes são palavras que substituem ou acompanham outras palavras (como substantivos) com o propósito de demarcar as pessoas do discurso ou retomar palavras, expressões ou assuntos já mencionados.

O termo “pessoas do discurso” não é usado para fazer referência a seres humanos, mas sim aos elementos envolvidos na situação comunicativa. “Pessoa”, portanto, é uma categoria linguística e pode fazer referência a coisas reais (pessoas, animais, objetos) ou imaginárias (seres fantásticos, por exemplo).

Pronome pessoal

Leia a tirinha a seguir, que traz um diálogo entre pai e filha.



Os pronomes pessoais referem-se às pessoas do discurso e são usados para substituir os nomes.

Saiba mais

A série *Bocós*, de Rafael Marçal, apresenta tirinhas bem-humoradas baseadas na relação do artista com sua filha pré-adolescente, Malu. As falas irônicas e, muitas vezes, inconvenientes, têm por objetivo divertir o leitor. Acesse a página do artista para conhecer melhor seu trabalho. Disponível em: <https://vacilandia.com/category/tiras/bocos/>. Acesso em: 11 ago. 2022.

A irritação da jovem da tirinha tem um motivo justificável: o pai faz uma pergunta sem propósito, considerando tanto o sentido do verbo “perder” quanto a própria situação comunicativa, afinal, só procuramos algo quando não sabemos onde ele se encontra.

No último quadrinho, o pai fica sem graça diante da pergunta despropositada e tenta justificar a irritação da filha, comunicando-se com o leitor por meio de um comentário sobre hormônios e fazendo piada com a situação, pois sabe-se que a adolescência é uma fase em que os hormônios podem ficar à flor da pele.

Na tirinha, podemos ver a demarcação, com pronomes, das três pessoas do discurso:

- 1ª pessoa – a que fala: marcada pelo pronome “eu” (referência à garota).
- 2ª pessoa – com quem se fala: marcada pelo pronome “você” (referência ao pai).
- 3ª pessoa – de quem se fala: marcada pelo pronome “ele” (referência ao celular).

Observe que o sentido dos pronomes de 1ª e 2ª pessoas se constrói no interior de uma situação comunicativa, pois eles fazem menção a quem está com a palavra ou ao ouvinte no momento da interação. Na tirinha, se o pai tivesse dito à garota “Eu te ajudo”, e a jovem respondido “Eu te agradeço”, os pronomes teriam sentidos diferentes:



Se observarmos o pronome de 3ª pessoa, verificamos que seu sentido não se altera quando trocamos a pessoa que está com a palavra. Isso ocorre porque a referência é a um terceiro elemento, não envolvido na relação “eu-tu”. Tomando os exemplos anteriores, podemos perceber que a referência ao celular poderia ser feita com o uso do pronome “lo”, independentemente de quem fala. Veja:



Os pronomes que indicam as três pessoas do discurso são chamados pronomes pessoais. Eles apresentam diferentes formas e são classificados em retos ou oblíquos.

Pronomes pessoais			
	Caso reto	Caso oblíquo	
		Átonos (usados sem preposição)	Tônicos (usados com preposição)
Singular	eu	me	mim, comigo
	tu	te	ti, contigo
	ele, ela	o, a, se, lhe	si, consigo, ele, ela
Plural	nós	nos	nós, conosco
	vós	vos	vós, convosco
	eles, elas	os, as, se, lhes	si, consigo, eles, elas

Atualmente, em algumas regiões do país, o pronome “você” é utilizado no lugar de “tu”, assim como “vocês” é empregado como substituição a “vós”. Nesse caso, a versão átona do pronome “você” é “o, a, lhe” e a versão tônica, “você”; a versão átona de “vocês” é “os, as, lhes” e a versão tônica, “vocês”.

Atenção

Em contextos informais de uso da língua, a locução “a gente” tem sido utilizada em substituição ao pronome “nós”. Mas fique atento à conjugação verbal. A forma “a gente” deve ser utilizada com o verbo na 3ª pessoa do singular (“a gente comeu”), enquanto o pronome “nós” deve concordar com o verbo na 1ª pessoa do plural (“nós comemos”).

Na norma-padrão, os pronomes pessoais do caso reto ocupam a função de sujeito, predicativo do sujeito ou vocativo (apenas “tu” e “vós”).

Os pronomes pessoais do caso oblíquo átonos, por sua vez, exercem a função na oração de objeto direto (OD), objeto indireto (OI), adjunto adnominal ou sujeito do verbo no infinitivo.

Finalmente, os pronomes pessoais oblíquos tônicos podem exercer as funções de objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, adjunto adverbial ou agente da passiva.

Função sintática dos pronomes pessoais		
Do caso reto	Do caso oblíquo átonos	Do caso oblíquo tônicos
Sujeito Ex.: Eu sou feliz.	Complemento verbal (OD ou OI) Ex.: Encontrei- o aqui. (OD) Diga- me tudo! (OI)	Complemento verbal (OD ou OI) Ex.: Vi todas elas (núcleo OD) Ela gosta de mim . (núcleo OI)
Predicativo do sujeito Ex.: O espertalhão é ele .	Adjunto adnominal (pronome pessoal que indica posse) Ex.: Sujaram- nos a camisa (é igual a “sujaram nossa camisa”).	Complemento nominal (ocupa a posição de núcleo) Ex.: Tinha esperança em ti . Tinha esperança em você .
Vocativo (tu/vós) Ex.: Ei, tu , vens ou não?	Sujeito do verbo no infinitivo Ex.: Mande- as falar (é igual a “mande que elas falem”).	Adjunto adverbial Ex.: Comemore comigo! (adj. adv. de companhia)
		Agente da passiva Ex.: O livro foi escrito por mim .

! Atenção

De acordo com a norma-padrão, o pronome oblíquo “mim” ocupa a função de complemento do verbo, não de sujeito. Assim, formas como “Comprei um livro para **mim** ler” não são adequadas em contextos formais de interação social. Conforme a norma-padrão, o exemplo anterior deve ser dito da seguinte forma: “Comprei um livro para **eu** ler” (a ação de ler é realizada pelo sujeito “eu”).

Já o uso do pronome “mim” em orações invertidas é totalmente adequado, pois, nesses casos, ele não tem função de sujeito e poderia ser colocado ao final da frase sem prejuízo algum de sentido. Veja:

Para mim, passar no vestibular é um sonho.

Passar no vestibular é um sonho **para mim**.

Pronome pessoal do caso reto “tu” e “vós”: norma e uso

Você viu na tirinha apresentada anteriormente que, em vez de usar o pronome “tu” para se referir à pessoa com quem falava (2ª pessoa do discurso), o pai utilizou o pronome “você” para se dirigir à filha: “O que **você** tá procurando, Malu?”.

O uso de “você” no lugar de “tu” e de “vocês” no lugar de “vós” é bastante comum em grande parte do país. O pronome “tu” é utilizado em alguns estados brasileiros; já o pronome “vós” quase não é mais empregado em contexto de fala e, na escrita, o encontramos em pouquíssimas situações, como em textos bíblicos e literários mais antigos ou em escritas muito formais, como textos jurídicos ou políticos.

A norma-padrão classifica “você” e “vocês” como pronomes de tratamento, mas seus usos evidenciam que eles estão cada vez mais assumindo a função de pronome pessoal, referindo-se à 2ª pessoa do discurso (tanto no singular quanto no plural). Essa constatação pode indicar uma mudança no que se refere à gramaticalização dos pronomes, algo natural em qualquer língua. Levando em conta recentes estudos linguísticos e sociolinguísticos sobre o tema, vamos considerar as formas “você” e “vocês” como pronomes pessoais.

Pronome pessoal do caso oblíquo: norma e uso

Os pronomes oblíquos *o/a/os/as* sofrem modificação em alguns contextos linguísticos:

- Em verbos terminados por r, s ou z, assumem a forma *lo/la/los/las*.
Adorei esta caneta. Quero comprá-**la**.
Seu pai? Buscamos-**lo** no aeroporto ontem.
Tinha pouco tempo para fazer a tarefa, então fi-**la** rapidamente.
- Em verbos terminados com fonemas nasais (am, em, ão, õe), assumem a forma *no/na/nos/nas*.
Acusaram-**no** sem provas.
As roupas? Coloquem-**nas** nos cabides.
Põe-**na** fora daqui. Nunca mais quero ver essa mulher.

Em situações informais, os pronomes oblíquos o/a/os/as têm sido pouco utilizados como complemento do verbo. Em seu lugar, as formas ele/ela/eles/elas, que geralmente ocupam o lugar de sujeito, estão assumindo a função de complemento verbal. Quando uma caneta cai no chão, é comum falarmos “Pega ela pra mim”. Embora esse registro não seja validado pela norma-padrão, ele tem sido utilizado em alguns contextos, quando a intenção comunicativa é a aproximação com o interlocutor.

kiwi9314/Shutterstock.com



**NESTE DIA DAS MÃES,
VOCÊ JÁ PENSOU EM COMO
TORNAR O DIA DA SUA
MÃE ESPECIAL?
APROVEITE A OCASIÃO
E TRAGA ELA PARA
CONHECER NOSSO
NOVO ESPAÇO.**

100% Original

Em determinados contextos, a linguagem coloquial é empregada para aproximar o interlocutor daquilo que se enuncia.

O cartaz não segue a norma-padrão da língua. Contudo, a forma como as frases foram empregadas provavelmente visa a aproximar o leitor, já que em contextos familiares e informais não é tão comum usarmos a expressão “traga-a”, mas sim “traga ela”. Esse mesmo recurso é utilizado em letras de canção, memes, tirinhas e outros gêneros: a fuga à norma-padrão atende a uma finalidade comunicativa nesses casos.

Contudo, é importante conhecer como os pronomes oblíquos devem ser utilizados conforme orienta a norma-padrão, pois em contextos formais, como é o caso de vestibulares, essa é a forma que será solicitada. De todo modo, é necessário compreender também que a fuga a esse padrão pode ter um propósito comunicativo relevante.

Pronome de tratamento

Algumas palavras ou expressões da língua são utilizadas para tratar o interlocutor (ou se referir a ele) de modo respeitoso, seja de forma cerimoniosa (em contextos formais), seja de forma mais familiar (em contextos informais). Observe as manchetes a seguir.

“Vejo **Vossa Excelência** presidindo uma outra instituição”, diz Wilson a Botelho após saída da presidência da AL

MENDES, Vinicius. *Olhar direto*, 24 fev. 2021.

Sua **Majestade** Max Verstappen: ele é o rei da Áustria

CURTY, Gabriel. *Red Bull*, 28 jun. 2021

Há 10 anos, um **senhor** comprava um carro apenas com moedas de R\$ 1

BARREIROS, Isabela. *Aventuras na História*, 23 jun. 2021

A expressão “Vossa Excelência” é empregada para se referir às pessoas que ocupam alto posto na política ou nas Forças Armadas. Essa é uma maneira formal e cerimoniosa de se referir a alguém.

Quando falamos diretamente com a autoridade, a palavra “vossa” deve ser empregada, mas se estamos nos referindo a alguém que não está presente, então é necessário usar “sua”. No caso da primeira manchete, o texto entre aspas indica que foi uma fala direta. No entanto, se o jornalista fosse fazer referência a esse discurso, deveria usar “Sua Excelência”.

! Atenção

Pronomes de tratamento precedidos por “Vossa”: discurso dirigido diretamente a alguém.

Pronomes de tratamento precedidos por “Sua”: referência a alguém que não está presente.

A segunda manchete traz um aspecto conotativo para o pronome de tratamento “Sua majestade”, que é usado, geralmente, como referência a reis e imperadores. Ao ser empregado para citar um atleta de corrida automobilística, evidencia-se que esse sujeito é considerado um rei naquilo que faz, ou seja, o pronome dá um *status* de valoração positiva ao desempenho de Max Verstappen.

Por fim, a última manchete faz menção a um homem idoso, chamando-o por “senhor”. Essa é uma forma de tratamento bastante comum para indicar respeito às pessoas mais velhas, mas também pode sinalizar um distanciamento entre os interlocutores. É mais usado, portanto, com pessoas com quem não temos intimidade.

Vale lembrar que “senhor” e “senhora” são empregados em algumas situações, como ironia, evidenciando desdém. Como ocorre em “Quem o senhor pensa que é?” ou “Até parece que o senhor é capaz de alguma coisa!”.

Pronomes de tratamento	Formas abreviadas	Direcionado a
Senhor/Senhora	Sr./Sr. ^a	peessoas mais velhas: tratamento respeitoso peessoas de qualquer idade: ironia/desdém peessoas com quem não se tem intimidade
Vossa Senhoria	V. S. ^a	funcionários públicos e graduados em geral
Vossa Excelência	V. Ex. ^a	altas autoridades
Vossa Alteza	V. A.	príncipes, princesas, duques, duquesas
Vossa Majestade	V. M.	reis, rainhas, imperadores, imperatrizes
Vossa Magnificência	V. Mag. ^a	reitores e reitoras de universidades
Vossa Santidade	V. S.	papas
Vossa Eminência	V. Em. ^a	cardeais
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex. ^a Rev.ma	bispos e arcebispos
Vossa Reverência	V. Rev. ^a	sacerdotes em geral

Pronomes possessivos, demonstrativos e indefinidos

Leia a crônica a seguir e observe as palavras em destaque.

A polícia suburbana

Noticiam os jornais que um delegado inspecionando, durante uma noite destas, **algumas** delegacias suburbanas, encontrou-as às moscas, comissários a dormir e soldados a sonhar.

Dizem mesmo que o delegado-inspetor surripiou objetos para pôr mais à mostra o descaso dos seus subordinados.

Os jornais, com **aquela seu** louvável bom senso de sempre, aproveitaram a oportunidade para reforçar as **suas** reclamações contra a falta de policiamento nos subúrbios.

Leio sempre **essas** reclamações e pasmo. Moro nos subúrbios há muitos anos e tenho o hábito de ir para a casa alta noite.

Uma vez ou outra encontro um vigilante noturno, um policial e muito poucas vezes é-me dado ler notícias de crimes nas ruas que atravesso.

A impressão que tenho é de que a vida e a propriedade **daquelas** paragens estão entregues aos bons sentimentos dos **outros** e que os pequenos furtos de galinhas e coradouras não exigem um aparelho custoso de patrulhas e apitos.

Aquilo lá vai muito bem, **todos** se entendem livremente e o Estado não precisa intervir corretivamente para fazer respeitar a propriedade alheia.

Penso mesmo que, se as coisas não se passassem assim, os vigilantes, obrigados a mostrar serviço, procurariam meios e modos de efetuar detenções e os notívagos, como eu, ou os pobres-diabos que lá procuram dormida, seriam incomodados, com pouco proveito para a lei e para o Estado.

Os policiais suburbanos têm toda a razão. Devem continuar a dormir. Eles, aos poucos, graças ao calejamento do ofício, se convenceram de que a polícia é inútil.

Ainda bem.

BARRETO, Lima. *A polícia suburbana*. Disponível em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000173.pdf>.
Acesso em: 11 ago. 2022.

A crônica apresenta a reflexão bem-humorada de um morador do subúrbio e sua visão sobre a segurança do bairro. Vale lembrar que ela foi escrita por Lima Barreto e publicada em 1914.

As palavras destacadas ao longo do texto mostram o uso de pronomes com funções diferentes e reforçam a importância dessa classe gramatical na construção de enunciados, sejam orais, sejam escritos.

Observe que algumas palavras evidenciam uma ideia de posse em relação àquela a que está relacionada. Ao dizer “**seu** louvável bom senso”, faz-se referência aos jornais. O mesmo ocorre com “**suas** reclamações”, que se refere à mesma pessoa do discurso. Os pronomes **seu** e **suas** demarcam a relação existente entre o jornal mencionado no texto e os elementos que a ele estão ligados: bom senso e reclamações. **Seu** e **sua** são pronomes possessivos.

Ao dizer “propriedades **daquelas** paragens”, o autor faz menção a uma informação que está distante fisicamente do momento da fala: os subúrbios, citados anteriormente. E, ao apresentar “**essas** reclamações”, ele faz referência a reclamações que acabou de mencionar. As palavras **aquela** e **essas** são pronomes demonstrativos utilizados, em geral, para fazer referência a algo ou alguém, evidenciando proximidade ou distanciamento em relação às pessoas do discurso. É importante lembrar que a palavra **daquelas** é uma junção da preposição “de” com o pronome demonstrativo “aquela”.

Por fim, as palavras **algumas**, **outros** e **todos** trazem uma informação vaga dos substantivos a que estão ligadas. Ao dizer “**algumas** delegacias suburbanas” não é possível precisar quais são as delegacias; em “bons sentimentos dos **outros**”, também não sabemos com certeza de quem se fala, isto é, quem são essas pessoas; da mesma forma que ao citar que “**todos** vivem livremente”, tampouco sabemos de quem se fala e temos apenas uma ideia genérica do que se trata.

Pronome possessivo

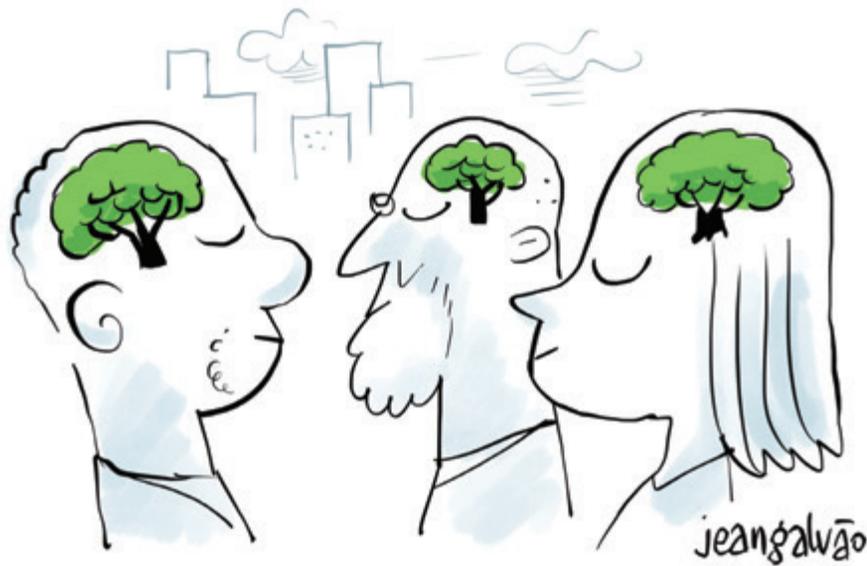
Pronomes possessivos são aqueles que dão ideia de posse em relação às três pessoas do discurso.

Na charge a seguir, o pronome “nossa” refere-se à primeira pessoa do plural e indica que ativar a consciência de todos nós, enquanto seres humanos, é fundamental para que o planeta tenha melhores condições de sobrevivência. Os desenhos das árvores no lugar do cérebro das pessoas retratadas na imagem dão pistas de que o caminho para atingir o futuro sustentável depende das atitudes e dos comportamentos de cada indivíduo.

O apelo para que cada indivíduo assuma sua responsabilidade está bem marcado com o uso do pronome possessivo em “**nossa** consciência”, ou seja, a consciência de todos nós. Ele contribui, portanto, para a construção de sentidos do texto.

O FUTURO DO PLANETA DEPENDE DA NOSSA CONSCIÊNCIA

Jean Galvão, Instagram



Os pronomes possessivos indicam posse, sinalizando que algo pertence a uma das pessoas do discurso.

O quadro a seguir evidencia a correlação dos possessivos com as pessoas do discurso a que se ligam.

	Pronomes possessivos		
	Singular	Plural	Exemplos
1ª pessoa	Meu(s), minha(s)	Nosso(s), nossa(s)	Adoro ler meu livro! Nossa casa está bem organizada.
2ª pessoa	Teu(s), tua(s)	Vosso(s), vossa(s)	Teus olhos parecem um pedaço do céu. Façam vossas promessas!
3ª pessoa	Seu(s), sua(s)	Seu(s), sua(s)	Seu carro está quebrado. Suas roupas precisam ser lavadas.

Os pronomes “ele” e “você”, combinados com a preposição “de”, também demarcam relação de posse, com as formas “deles” e “de vocês”, como ocorre em: “O futuro do planeta depende da consciência **de vocês**”.

Os pronomes possessivos podem ocupar a função sintática de adjunto adnominal quando acompanham um nome ou assumir as funções de núcleo nominal (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo do sujeito, vocativo, complemento nominal, adjunto adverbial, agente da passiva) quando cumprem papel de substantivo. Veja alguns exemplos.

Todos receberam as provas; as **minhas**, no entanto, foram esquecidas pelo professor.

Núcleo do sujeito

Aquelas roupas novas são **deles**.

Predicativo do sujeito

Arrumei meu armário. Arrume o **seu** também.

Núcleo do objeto direto

Para que sentenças como essas façam sentido, observe que sempre há uma relação com algo mencionado anteriormente, de modo que o leitor compreenda a que os pronomes fazem referência. Em situação de interação oral ou em textos verbo-visuais, muitas vezes, tais referências se dão visualmente.

Em relação à posição do pronome possessivo no discurso, ele geralmente antecede a palavra a que está ligado. No entanto, se vier posposto ao substantivo, seu sentido será alterado.

Minha filha não faz manha.

O enunciador afirma que tem uma filha e que ela não faz manha.

Filha **minha** não faz manha!

O enunciador julga inadmissível ter uma filha que faça manha.

Outro aspecto relevante na produção de enunciados é que o uso de pronome possessivo pode causar ambiguidade. Observe a tirinha a seguir.



É preciso estar atento à construção de enunciados para evitar a ambiguidade causada pelo uso de pronomes possessivos, empregando outras estratégias linguísticas.

Na frase dita pelo garoto, o pronome possessivo “seu” gerou ambiguidade, pois não é possível saber a quem o carro pertence: se à avó ou ao pai do menino.

Para eliminar a ambiguidade, há duas possibilidades de reescrita que comunicam ideias de sentido distinto:

Sentido 1: Vó, eu vi meu pai andando com o carro **dele** hoje. (carro do pai)

Sentido 2: Vó, eu vi meu pai andando com o carro que pertence a **você** hoje. (carro da avó)

Fique atento a casos como esse quando estiver produzindo seus textos!

Pronome demonstrativo

Pronomes demonstrativos situam um substantivo em relação às pessoas do discurso. Suas formas variam de acordo com a proximidade do referente – no tempo, no espaço, no texto – em relação às pessoas do discurso.

Relação de proximidade/distanciamento do pronome demonstrativo

Pessoas/pronome	Em relação à localização do enunciador (espaço)	Em relação ao tempo do discurso	Em relação à localização da informação no texto
1ª pessoa Este(s), esta(s), isto	Perto de quem fala: Esta caneta estourou e sujou minha mão.	Presente: Esta tarde vou ao mercado.	Algo que ainda será dito: Este é o segredo da felicidade: valorizar as pequenas alegrias.
2ª pessoa Esse(s), essa(s), isso	Perto de quem ouve: Poderia me emprestar essa caneta que está no seu estojo?	Passado ou futuro próximos: Essa noite dormi pouco.	Algo que foi dito antes (próximo): É importante valorizar as pequenas coisas da vida. Isso é fundamental para ser feliz.
3ª pessoa Aquele(s), aquela(s), aquilo	Longe de quem fala e ouve: Não tenho mais aquela caneta, já a joguei no lixo.	Passado distante: Aqueles sorrisos da infância não voltam mais.	Algo que foi dito antes (distante): Tudo aquilo que eu disse antes se resume assim: seja feliz no dia a dia.

Observe na imagem a seguir que, nos saquinhos com as sementes, o pronome “esta” foi utilizado no lugar de “essa” para fazer referência a algo que foi dito antes: o nome de diferentes plantas. A mensagem convida-o, de posse desses itens, a cultivar e acompanhar o crescimento das flores, fazendo alusão à vida de forma geral.



Os pronomes demonstrativos marcam a posição do interlocutor no espaço e no tempo, bem como a localização da informação dentro do texto.

Embora a norma-padrão apresente distinção entre o uso dos pronomes demonstrativos de primeira pessoa (este, esta, isto) e os de segunda pessoa (esse, essa, isso), na linguagem coloquial essas diferenças não são levadas em conta. É comum, portanto, o uso de “este” ou “esse” como sinônimos. A relação espaço-temporal e de localização no texto não é necessariamente considerada no uso prático e informal da língua.

Conhecer essa diferenciação é relevante, já que em situações formais de comunicação a variante padrão geralmente é requisitada. Assim, mais uma vez, é fundamental adequar o uso da língua aos seus interlocutores atentando para o tempo e o espaço da situação comunicativa.

Pronome indefinido

Observe a charge a seguir.



Jean Galvão, Instagram

Pronomes indefinidos são palavras que fazem referências genéricas, pouco precisas.

Na charge, ao dizer “**Ninguém** me tira daqui”, não é possível saber ao certo, considerando apenas os conhecimentos linguísticos, a quem o interlocutor está se referindo.

Lembre-se, ainda, da fala “você não é **todo** mundo”, bastante comum entre as mães quando seus filhos afirmam que na escola “todo mundo compra coxinha na cantina”, com o intuito de convencê-la a deixar que ele também compre o salgado. Veja que o argumento utilizado é bastante genérico, afinal, quem é “todo mundo”?

Os pronomes indefinidos apresentam formas que podem ou não variar em gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural).

Pronomes indefinidos	
Variáveis	Invariáveis
Algum(ns), alguma(s), nenhum(ns), nenhuma(s), todo(s), toda(s), outro(s), outra(s), muito(s), muita(s), pouco(s), pouca(s), certo(s), certa(s), tanto(s), tanta(s), quanto(s), quanta(s), um(ns), uma(s), qualquer, quaisquer	Alguém, ninguém, tudo, nada, outrem, cada, algo, quem

Os pronomes indefinidos também podem ser utilizados na forma de locuções pronominais. Exemplos: cada um, qualquer um, seja quem for, todo aquele que etc.

Alguns pronomes indefinidos têm seu sentido alterado quando mudam de posição em relação ao substantivo a que fazem referência. Observe:

Podemos fazer a festa, pois temos **certa quantia** em dinheiro. (quantia indefinida, possivelmente grande)

Podemos fazer a festa, pois temos **a quantia certa** em dinheiro. (quantia definida para esse gasto)

Além da mudança de sentido decorrente da posição em relação ao substantivo, os pronomes “todo”, “todos”, “toda” e “todas” apresentam outras peculiaridades.

	Exemplos
“Todos” e “todas”: plural que demarca totalidade.	Todas as mães foram à reunião. Em todos os meses, haverá um almoço especial.
“Todo” e “toda”: singular equivalente a “qualquer”, “cada”.	Todo jovem entende suas responsabilidades. O medo do futuro é natural a todo adolescente.
“Todo o” e “toda a”: singular seguido de artigo (o/a), equivalente a “inteiro”.	Todo o andar está interditado. Toda a família precisa ser imunizada contra a covid-19.
“Substantivo + todo” e “substantivo + toda”: singular e posposto ao substantivo, equivalente a “inteiro”.	O andar todo está interditado. A família toda precisa de imunização contra a covid-19.

Por fim, é importante observar o uso de pronomes indefinidos invariáveis, segundo a norma-padrão, mas que, no uso cotidiano, pode sofrer variação. Veja como isso acontece na manchete a seguir.

5 *youtubers* brasileiros que ensinam **tudinho** sobre música

VIERA, Nathan. *Canaltech*, 21 set. 2020.

O uso do diminutivo “tudinho” evidencia que os *youtubers* ouvidos para a reportagem ensinam em detalhe as músicas. Nesse contexto, ainda que não seja previsto pela norma-padrão da língua, o uso do pronome “tudo” no diminutivo confere um tom de informalidade e proximidade à mensagem que se quer passar.

Pronomes: interrogativos e relativos



Os pronomes interrogativos são bastante usuais no dia a dia, podendo figurar em perguntas diretas e indiretas.

O título do livro escrito por Graziela Gonçalves, viúva do vocalista da banda Charlie Brown Jr., o músico Chorão (1970-2013), traz um trecho da música “Proibida pra mim”, um dos grandes sucessos do grupo. Na frase da canção, escrita pelo músico para Graziela, até então sua namorada, percebemos o uso do pronome interrogativo “quem”, indicando um apontamento do eu lírico sobre quem, além dele, poderia fazer sua interlocutora feliz.

Situações como essa são bastante comuns em nosso dia a dia, uma vez que constantemente fazemos perguntas. Em nossa língua, elas podem ser introduzidas por palavras como “quem”, “que”, “o que”, “qual” e “quanto”. Essas palavras são chamadas **pronomes interrogativos**.

Os pronomes interrogativos podem aparecer em enunciados na forma direta ou na forma indireta. Na imagem, vemos uma pergunta direta, que começa com o pronome interrogativo “quem” e é finalizada com um ponto de interrogação. Se essa pergunta fosse feita de forma indireta, começaria com uma palavra de outra classe gramatical (verbo ou advérbio, por exemplo), traria o pronome interrogativo no meio da frase e seria finalizada com um ponto-final. Tomando como base o questionamento apresentado na capa do livro, a pergunta indireta poderia ser feita de duas formas:

Quero saber **quem** vai fazer você feliz se não eu.

Não imagino **quem** vai fazer você feliz se não eu.

Em relação à variação, apenas as formas “qual” e “quanto” variam.

Pronomes interrogativos	
Formas variáveis	Formas invariáveis
qual/quais (variação: singular/plural) quanto/quanta (variação de pessoa) quantos/quantas (variação de número)	quem que (o que)

Observe agora esta outra pergunta.

Qual foi a banda brasileira **que** teve como vocalista o cantor Chorão?

O pronome “que”, nesse caso, não introduz uma pergunta, e sim retoma um termo citado anteriormente, de forma a evitar a repetição do substantivo “banda”. Por evidenciar a relação entre os termos, articulando-os no texto, tais palavras são chamadas pronomes relativos. Alguns desses pronomes também podem sofrer variação, enquanto outros permanecem sem modificação.

Observe:

Pronomes relativos		
Formas invariáveis	quem	Este é o homem com quem me casei. "Quem" retoma uma pessoa ou ser personificado.
	que	Este é o carro de que lhe falei. "Que" retoma uma pessoa ou coisa.
	onde	A cidade onde nasci é linda. "Onde" retoma um lugar físico.
Formas variáveis	o qual, a qual, os quais, as quais	Eis o <i>show</i> de Raquel o qual devemos respeitar. Eis o <i>show</i> de Raquel a qual devemos respeitar. "O qual" substitui o pronome relativo "que", evitando possíveis problemas de ambiguidade, como ocorre em: Eis o <i>show</i> de Raquel que devemos respeitar. (Devemos respeitar a Raquel? Ou o <i>show</i> dela?)
	cujo, cuja, cujos, cujas	Edith é uma pessoa cujo exemplo quero seguir. "Cujo exemplo" = "exemplo da Edith". "Cujo" tem valor possessivo e vem sempre acompanhado de um substantivo, com o qual concorda em gênero e número.
	quanto, quanta, quantos, quantas	Tudo quanto eu acredito está aqui. "Quanto" geralmente vem antecedido por "tudo", "toda(s)", "todo(s)", "tanto(s)" ou "tanta(s)".

! Atenção

Segundo a norma-padrão, o pronome relativo "onde" sempre retoma um lugar físico, enquanto o relativo "quem" faz referência unicamente a pessoas. No uso cotidiano, podem ser observadas variantes não padrão, nas quais esses pronomes são usados de outra forma:

Variante não padrão	Variante padrão
Vivi uma relação onde me machuquei. ("relação" não é lugar físico)	Vivi uma relação em que me machuquei. ("em que" pode retomar palavras que não remetem a lugar físico)
Foi a igreja quem solicitou nova verba. ("igreja" não é pessoa)	Foi a igreja que solicitou nova verba. ("que" pode retomar palavras que não remetem a pessoas)

Esteja atento a esses usos para adequar seu enunciado aos diferentes contextos de comunicação.

Colocação pronominal: normas e uso

Já vimos que a função exercida pelos pronomes na substituição dos substantivos é fazer progredir as ideias nos textos e evitar repetições desnecessárias. Também estudamos que os pronomes pessoais oblíquos funcionam como complementos dos verbos. A respeito disso, são comuns as dúvidas de muitos usuários da língua quanto à colocação do pronome em relação ao verbo. Na crônica a seguir, essa questão é ilustrada com humor.

Papos

- Me disseram...
- Disseram-me.
- Hein?
- O correto é "disseram-me". Não "me disseram".
- Eu falo como quero. E te digo mais... Ou é "digo-te"?
- O quê?
- Digo-te que você...
- O "te" e o "você" não combinam.
- Lhe digo?
- Também não. O que você ia me dizer?
- Que você está sendo grosseiro, pedante e chato. E que eu vou te partir a cara. Lhe partir a cara. Partir a sua cara. Como é que se diz?
- Partir-te a cara.
- Pois é. Parti-la hei de, se você não parar de me corrigir. Ou corrigir-me.

- É para o seu bem.
- Dispensio as suas correções. Vê se esquece-me. Falo como bem entender. Mais uma correção e eu...
- O quê?
- O mato.
- Que mato?
- Mato-o. Mato-lhe. Mato você. Matar-lhe-ei-te. Ouvia bem?
- Eu só estava querendo...
- Pois esqueça-o e pára-te. Pronome no lugar certo é elitismo!
- Se você prefere falar errado...
- Falo como todo mundo fala. O importante é me entenderem. Ou entenderem-me?
- No caso... não sei.
- Ah, não sabe? Não o sabes? Sabes-lo não?
- Esquece.
- Não. Como “esquece”? Você prefere falar errado? E o certo é “esquece” ou “esqueça”? Ilumine-me. Me diga. Ensines-lo-me, vamos.
- Depende.
- Depende. Perfeito. Não o sabes. Ensinar-me-lo-ias se o soubesses, mas não sabes-o.
- Está bem, está bem. Desculpe. Fale como quiser.
- Agradeço-lhe a permissão para falar errado que me dá. Mas não posso mais dizer-lo-te o que dizer-te-ia.
- Por quê?
- Porque, com todo este papo, esqueci-lo.

VERISSIMO, Luís Fernando. *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 65-66. © by Luis Fernando Verissimo

Na crônica, uma personagem repreende a outra por cometer desvios no uso do pronome oblíquo em sua fala. Os pronomes átonos (não precedidos de preposição) podem assumir três posições em relação à forma verbal: depois do verbo (ênclise), antes de verbo (próclise) ou no meio do verbo (mesóclise).

Quanto às regras de colocação pronominal, é preciso ter clareza que:

- são convenções gramaticais estabelecidas por critérios como comparação com as regras do português lusitano.
- tais regras são utilizadas nas situações em que as variantes de prestígio da língua são requisitadas, como em uma redação de vestibular.

A posição normal do pronome na língua portuguesa é a ênclise, uma vez que a forma pronominal átona é complemento do verbo, logo, vem após ele. Entretanto, em certas situações formais de uso da língua esse tipo de emprego é evitado ou se pode evitar. Vejamos a seguir as principais regras de colocação dos pronomes.

Regras de colocação pronominal

Ênclise (pronome após o verbo)

1. Quando a forma verbal inicia o período ou qualquer das orações que integram esse período.
Ex.: Abraça-**me**; Beije-**me**.
2. Quando o sujeito, seja ele substantivo ou pronome (que não tenha significação negativa) vier antes da forma verbal em frases afirmativas ou interrogativas.
Ex.: O combate demorou-**se**; Os dois casaram-**se** recentemente?
3. Em orações coordenadas sindéticas.
Ex.: Ele chegou e perguntou-**me** logo pela família; Estudam ou divertem-**se**?

Próclise (pronome antes do verbo)

1. Em orações com palavras negativas (não, nem, nunca, jamais, ninguém, nenhum, nada), desde que não haja pausa entre essas palavras e a forma verbal.
Ex.: Nunca **me** deixe.
2. Em orações iniciadas por palavras exclamativas e em orações que exprimem desejo.
Ex.: Quanto tempo **se** passou!; Deus **o** abençoe!
3. Em frases interrogativas, iniciadas por pronome ou advérbio interrogativos.
Ex.: Quem **te** disse isso?; Por que **se** gasta tanto dinheiro?
4. Em orações subordinadas.
Ex.: Quando **o** recebo em minha casa, fico feliz.
5. Com pronomes indefinidos e advérbios, desde que não se faça a pausa.
Ex.: Aqui **se** compra com desconto; Bem **me** avisaram que isso não daria certo.

Mesóclise (pronome no meio do verbo)

1. Quando o verbo estiver no futuro do presente ou no futuro do pretérito do indicativo, desde que não se justifique a próclise. O pronome fica intercalado com o verbo.
Ex.: Desenhar-**te**-ei em minha próxima pintura; Dar-**lhe**-iam uma nova chance.

Colocação pronominal em locuções verbais

1. Em locuções formadas por verbo auxiliar + verbo no gerúndio ou no particípio, pode-se colocar a próclise ou a ênclise ao verbo auxiliar.
Ex.: O professor quer-**lhe** falar mais tarde; O professor **lhe** quer falar mais tarde.
As pessoas foram-se entrando; As pessoas **se** foram entrando.
Os estudantes tinham-**se** levantado; Os estudantes **se** tinham levantado.
Obs.: é possível colocar a ênclise em verbo no infinitivo ou no gerúndio.

Embora haja regras para a colocação pronominal, o seu real sentido só pode ser aferido nos usos linguísticos em contextos reais, isto é, considerando-se a finalidade comunicativa nas diversas interações faladas ou escritas. Observe a seguir o cartaz de uma campanha de adoção de animais.



Arquivo da Prefeitura Municipal de Bebedouro

Em anúncios e outros textos que visam à aproximação do leitor, é comum perceber o uso de pronomes oblíquos no início de frases.

Analisando o cartaz pelo prisma das regras de colocação pronominal, o texto contém um desvio em “Me leva pra casa”. Segundo a norma-padrão, essa construção deveria ser “Leve-me para casa”, pois quando uma frase é iniciada por verbo, o pronome deve vir depois dele e não antes.

Embora a propaganda apresente um discurso não padrão no que tange ao uso do pronome oblíquo “me”, é preciso considerar a intencionalidade do enunciador: levar as pessoas a adotar animais. O uso de uma linguagem mais informal gera um efeito de aproximação, mobilizando, portanto, o leitor a realizar a adoção.

Como já mencionado, o conhecimento das regras de colocação pronominal é importante nas interações faladas ou escritas em que a variante de prestígio é solicitada. Por outro lado, o real sentido desses usos só pode ser compreendido considerando-se o contexto em que foi utilizado e a intenção comunicativa do texto.

Estabelecendo relações

A Mecânica é uma área da Física que estuda o movimento dos corpos: pessoas, carros, planetas etc. Na língua, a classe gramatical que contribui para estabelecer um movimento no texto é o pronome, pois ele se refere a termos mencionados anteriormente, ajudando o leitor a se lembrar de informações relevantes e evitando repetições desnecessárias, que poderiam deixar o texto cansativo.

Revisando

1. Fuvest-SP 2018 Leia o texto.

Um tema frequente em culturas variadas é o do desafio à ordem divina, a apropriação do fogo pelos mortais. Nos mitos gregos, Prometeu é quem rouba o fogo dos deuses. Diz Vernant que Prometeu representa no Olimpo uma vozinha de contestação, espécie de movimento estudantil de maio de 1968. Zeus decide esconder dos homens o fogo, antes disponível para todos, mortais e imortais, na copa de certas árvores – os freixos – porque Prometeu tentara tapeá-lo numa repartição da carne de um touro entre deuses e homens.

Na mitologia dos Yanomami, o dono do fogo era o jacaré, que cuidadosamente o escondia dos outros, comendo taturanas assadas com sua mulher sapo, sem que ninguém soubesse. Ao resto do povo – animais que naquela época eram gente – eles só davam as taturanas cruas. O jacaré costumava esconder o fogo na boca. Os outros decidem fazer uma festa para fazê-lo rir e soltar as chamas. Todos fazem coisas engraçadas, mas o jacaré fica firme, no máximo dá um sorrisinho.

Betty Mindlin, O fogo e as chamas dos mitos. **Revista Estudos Avançados**. Adaptado.

- O emprego do diminutivo nas palavras “vozinha” e “sorrisinho”, consideradas no contexto, produz o mesmo efeito de sentido nos dois casos? Justifique.
- Reescreva o trecho “Os outros decidem fazer uma festa para fazê-lo rir [...]”. Todos fazem coisas engraçadas”, substituindo o verbo “fazer” por sinônimos adequados ao contexto em duas de suas três ocorrências.

2. Leia o texto a seguir.

Olimpíada de Tóquio tem abertura oficial nesta sexta-feira

Nesta sexta-feira (23), os olhos de boa parte da população mundial estarão voltados para a cidade de Tóquio. Após o adiamento de um ano por causa da pandemia da covid-19 e ameaças de cancelamento, a 32ª edição da Olimpíada de verão terá a abertura oficial a partir das 8h (horário de Brasília) no Estádio Olímpico de Tóquio (também chamado de Estádio Nacional).

[...]

Os Jogos de Tóquio são a primeira Olimpíada da era moderna a ter um adiamento. Desde 189 (quando foram realizados os Jogos Olímpicos de Atenas), três edições foram canceladas: as Olimpíadas de Berlim em 1916 (que não foi realizada por causa da 1ª Guerra Mundial), as Olimpíadas de Helsinque em 1940 e as Olimpíadas de Londres em 1944 (**ambas** canceladas por causa da 2ª Guerra Mundial).

É a segunda vez que Tóquio recebe os Jogos Olímpicos: a primeira foi em 1964, com 5 151 atletas de 93 países. Um dos momentos mais marcantes daquela edição foi o acendimento da pira olímpica: quem fez as honras foi

Yoshinori Sakai, nascido em dia 6 de agosto de 1945, em Hiroshima – no mesmo dia que a bomba atômica devastou a cidade.

MATSUKI, Edgard. Olimpíada de Tóquio tem abertura oficial nesta sexta-feira. *Agência Brasil*, 22 jul. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2021-07/olimpiada-de-toquio-comeca-nesta-sexta-feira-23>. Acesso em: 3 set. 2021.

Qual é a classificação morfológica da palavra “ambas”, em destaque no texto?

- Artigo definido
- Artigo indefinido
- Numeral cardinal
- Numeral multiplicativo

3. Enem



VERÍSSIMO, L. F. **As cobras em: Se Deus existe que eu seja atingido por um raio**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

O humor da tira decorre da reação de uma das cobras com relação ao uso de pronome pessoal reto, em vez de pronome oblíquo. De acordo com a norma-padrão da língua, esse uso é inadequado pois

- contraria o uso previsto para o registro oral da língua.
- contraria a marcação das funções sintáticas de sujeito e objeto.
- gera inadequação na concordância com o verbo.
- gera ambiguidade na leitura do texto.
- apresenta dupla marcação de sujeito.

- O cartaz promocional a seguir faz parte da divulgação de uma série israelense de drama e suspense, lançada em 2017.



Observe que o título da produção, em português, é o pronome de tratamento destinado, em contextos cerimoniais e formais, a autoridades que ocupam cargos de grande importância. Para o tratamento dado a um **cardeal**, assinale a alternativa correta.

- Vossa Santidade.
- Vossa Eminência.
- Vossa Magnificência.
- Vossa Reverência.

5. Observe a imagem a seguir.



No enunciado “Você já fez a **sua** parte hoje?”, o pronome destacado está indicando:

- a) ênfase.
- b) localização.
- c) pessoa.
- d) clareza.
- e) pertencimento.

6. UENP-PR 2019 Leia a tirinha a seguir e responda à questão.



(Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/27434-tiras-de-laerte/#foto-587238>. Acesso em: 26 jun. 2018).

Com base na tira, considere as afirmativas a seguir.

- I. Nos dois primeiros quadros, a próclise deve ser priorizada.
- II. O uso da próclise se deve ao fato de os verbos estarem no presente.
- III. O pronome pessoal oblíquo átono posposto ao verbo caracteriza a ênclise.
- IV. O emprego da ênclise é a forma adequada para as falas em questão.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

7. Leia o texto a seguir.

Pronomes relativos

São assim chamados porque se referem, de regra geral, a um termo anterior – o antecedente.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013. p. 356.

Assinale a alternativa em que o uso do pronome em destaque possa ser exemplo da definição de **pronome relativo** proposta por Cunha e Cintra.

- a) Gostaria de perguntar se **alguém** pode me indicar um livro.
- b) **Quem** vai ao show da Gal Costa?
- c) **Todos** sabem que precisamos estudar para passar no vestibular.
- d) A universidade não indicou **ninguém** para o prêmio.
- e) A mulher **cuja** lembrança me dói nem sabe que existo.

8. IFSul-RS 2020

Só o ensino superior salva

Sou do tipo que chora. Batizado, casamento*, mas principalmente formatura. Como é bonita a chance e o cumprimento do estudo. Pra todo mundo, universal mesmo. Imagina a oportunidade a quem só poderia se formar em escola pública. De arrepiar. Por isso comemoro aqui o diploma de mais 423 alunos da URCA, a Universidade Regional do Cariri, conforme leio no site “Miséria”, o jornal da minha aldeia universalíssima. A festa foi nesta quinta (08/08) e haja orgulho na gente de pequenas cidades e da roça nos arredores da Chapada do Araripe. São 12,5 mil alunos nesta escola mantida pelo governo cearense.

Sou do tipo que chora com o ensino público e gratuito e a chance para quem vem lá do mato. Na formatura da URCA, haja primos, pense num povo metido, né, ave palavra, que orgulho enquadrado na parede. Pense numa “balbúrdia”, esse povo “lá de nós”, como na bendita linguagem caririense, formada em Artes Visuais, Biologia, Ciências Econômicas, Ciências Sociais, Direito, Enfermagem, Educação Física, Engenharia de Produção, Física, 20 Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia, Teatro e Tecnologia da Construção Civil. Pense!

E mais orgulhosamente ainda vos digo: a URCA, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), viva o gênio Anísio Teixeira, 25 tem a menor taxa de evasão universitária do Brasil, apenas 4,47%. Como a turma dá valor ao candeeiro iluminista sertões adentro. Choro um Orós inteiro e ainda derramo minhas lágrimas no Jaguaribe, rio que constava nos meus livros didáticos como o “rio mais seco do mundo”. 30 Desculpa aí, hoje só venho com as grandezas.

Hoje, se eu pudesse, faria você também refletir com um discurso na linha do David Foster Wallace (1962-2008).

Aquela sua fala como paraninfo de uma turma de formandos americanos do Kenyon College, em 2005, Gambier, Ohio. Ele escreveu uma singularíssima fábula sobre – repare só! – dois peixinhos e a água. Recomendo a leitura. O texto está no livro *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo* (Companhia das Letras).

De Ohio ao Cariri. Além da URCA, em 2013 conquistamos (nada é de graça) a UFCA, a brava Universidade Federal do Cariri. Era um facho, uma fogueira, era um candeeiro, era uma lamparina, era uma luminária a gás butano, fez-se a luz, *pardón* matriz iluminista, perdão Paris, mas o mundo e o futuro será de um certo Cariri que peleja, aprende a preservar e estuda, somos a própria ideia viva de Patrimônio Universal da Humanidade, só falta o referendo da Unesco – escuto os mestres do Reizado ao fundo, que batuque afro-indígena-futurista.

Só deixo o meu Cariri, no último pau-de-arara. Qual o quê, corri léguas rodoviárias, rumo ao Recife, a bordo da viação Princesa do Agreste, ainda no comecinho dos anos 1980. Espírito *beatnik*, por desejo e necessidade, deixei Juazeiro – onde morava –, o Crato de nascença, a Santana (Sítio das Cobras) afetiva de infância e a Nova Olinda das primeiras letras. Seria o primeiro representante do clã (risos rurais amarcodianos) dos Sá-Menezes-Freire-Novais, família meio pernambucana meio cearense, a chegar ao ensino superior. Um Xicobrás, diria, 100% escolha pública, do primário ao *campus* da UFPE. Hoje tenho uma penca de primos a cada nova formatura, sem precisar sequer sair dos arredores de casa.

E pensar que não havia a ideia de universidade no meu terreiro. Nada disso do que hoje comemoro com os formandos da URCA e UFCA. [...].

Só nos resta defender [...]. Sem sequer o direito ao VAR (olho no lance) da história. jmmmmmmmmkkklll l çñççlllçxsp. Eita, desculpa, caro leitor, pela incompreensão da escrita, é que minha filha Irene invadiu esta crônica – tentando ver a Pepa Pig – e dedilhou involuntariamente estas mal-traçadas linhas. [...]

Texto adaptado de Xico Sá, publicado em 10 ago. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/10/opinion/1565450440_001442.html. Acesso em: 14 ago. 2019

*Os termos sublinhados neste texto representam *hyperlinks* no texto original publicado no sítio eletrônico do jornal *El País*. Conforme o dicionário Michaelis, *hyperlink* é, “no contexto da hipermídia e do hipertexto, endereço que aparece em destaque (geralmente sublinhado ou apresentado em uma cor diferente) e que, a um clique no mouse, permite a conexão com outro site”.

Quanto à presença de pronomes no texto, é correto afirmar que

- vos (linha 22) é pronome pessoal oblíquo e complementa o sentido do verbo dizer.
- esse (linha 16) é pronome possessivo e retoma a população da região do Cariri.
- que (linha 28) é pronome interrogativo e faz referência a livros didáticos.
- tudo (linha 38) é pronome relativo e se refere ao livro de David Foster Wallace.

9. **Enem 2012** A colocação pronominal é a posição que os pronomes pessoais oblíquos átonos ocupam na frase em relação ao verbo a que se referem. São pronomes oblíquos átonos: me, te, se, o, os, a, as, lhe, lhes, nos e vos. Esses pronomes podem assumir três posições na oração em relação ao verbo. Próclise, quando o pronome é colocado antes do verbo, devido a partículas atrativas, como o pronome relativo. Ênclise, quando o pronome é colocado depois do verbo, o que acontece quando este estiver no imperativo afirmativo ou no infinitivo impessoal regido da preposição “a” ou quando o verbo estiver no gerúndio. Mesóclise, usada quando o verbo estiver flexionado no futuro do presente ou no futuro do pretérito.

A mesóclise é um tipo de colocação pronominal raro no uso coloquial da língua portuguesa. No entanto, ainda é encontrada em contextos mais formais, como se observa em:

- Não lhe negou que era um improviso.
- Faz muito tempo que lhe falei essas coisas.
- Nunca um homem se achou em mais apertado lance.
- Referia-se à D. Evarista ou tê-la-ia encontrado em algum outro autor?
- Acabou de chegar dizendo-lhe que precisava retornar ao serviço imediatamente.

10. **Famerp-SP 2020** Considere a tirinha Garfield, de Jim Davis.



(www.folha.uol.com)

O pronome “este”, no terceiro quadrinho,

- refere-se ao presente do personagem, em que não há diversão.
- retoma o sentido da palavra “o mundo”.
- refere-se ao período em que o mundo diverte o personagem.
- aponta para um momento em que o desejo do personagem se realizaria.
- retoma o sentido da frase “o mundo existe para me divertir”.

Exercícios propostos

Leia o poema “O pastor pianista”, de Murilo Mendes, para responder às questões **1** e **2**.

Soltaram os pianos na planície deserta
Onde as sombras dos pássaros vêm beber.
Eu sou o pastor pianista,
Vejo ao longe com alegria meus pianos
Recortarem os vultos monumentais
Contra a lua.

Acompanhado pelas rosas migradoras
Apascento os pianos: gritam
E transmitem o antigo clamor do homem

Que reclamando a contemplação,
Sonha e provoca a harmonia,
Trabalha mesmo à força,
E pelo vento nas folhagens,
Pelos planetas, pelo andar das mulheres,
Pelo amor e seus contrastes,
Comunica-se com os deuses.

(Antologia poética, 2014.)

1 **apascentar**: vigiar no pasto; pastorear.

1. FMABC-SP 2021 Verifica-se um verbo empregado como substantivo no seguinte verso:

- a) “Recortarem os vultos monumentais” (1ª estrofe)
- b) “Apascento os pianos: gritam” (2ª estrofe)
- c) “Soltaram os pianos na planície deserta” (1ª estrofe)
- d) “Sonha e provoca a harmonia,” (3ª estrofe)
- e) “Pelos planetas, pelo andar das mulheres,” (3ª estrofe)

2. FMABC-SP 2021 Em “Comunica-se com os deuses” (último verso), o termo sublinhado refere-se a

- a) “clamor”.
- b) “amor”.
- c) “homem”.
- d) “deuses”.
- e) “contrastes”.

Leia a notícia para responder às questões **3** e **4**.

Jovem corta ‘black power’ e arrecada dinheiro para crianças com câncer



Um jovem de 17 anos em Huntsville, Alabama, arrecadou mais de 39 mil dólares, mais de 200 mil reais, para crianças com câncer cortando seu cabelo ‘black power’.

Kieran Moïse diz que passou seis anos deixando seu cabelo crescer para doá-lo para instituições de caridade.

“Agora é a hora de cortar e arrecadar mil dólares por centímetro para o Hospital St. Jude – que trata crianças com câncer”, disse o rapaz, que acabou levantando mais do que a meta prevista.

[...]

FASSINA, Andréa. *Só Notícia Boa*, 8 jul. 2021. Disponível em <https://www.sonoticiaboa.com.br/2021/07/08/jovem-corta-black-power-arrecada-dinheiro-criancas-cancer/>. Acesso em: 16 set. 2021.

3. Analise as afirmações:

- I. O pronome “seu”, no trecho “cortando seu cabelo” remete a algo dito antes.
- II. O pronome “lo”, no trecho “para doá-lo”, refere-se à palavra “dólares”.
- III. O pronome “que” no trecho “que acabou levantando”, retoma a palavra “jovem”.

É correto o que se afirma em:

- a) I e II
- b) II e III
- c) I e III
- d) I, apenas
- e) III, apenas

4. No trecho “Agora é a hora de cortar e arrecadar mil dólares por centímetro para o Hospital St. Jude – que trata crianças com câncer”, como pode ser classificado o pronome “que”? Justifique.

5. Analise as afirmativas.

- I. O plural do substantivo pé de moleque é pés de moleque.
- II. O plural do substantivo beija-flor é beija-flores.
- III. O plural do substantivo obra-prima é obras-primas.
- IV. O plural do substantivo navio-escola é navios-escolas.

Estão corretas as alternativas:

- a) I, II e IV
- b) II, III e IV
- c) I, II e III
- d) I, III e IV
- e) III e IV

6. Leia a tirinha.



© 1982 Dik Brown-King Features/distr. Bulls

A função dos adjetivos é modificar o nome, caracterizar ou delimitar o substantivo. Analise as afirmativas e assinale a alternativa correta.

- No primeiro quadrinho, aparecem os adjetivos: esbelto, bonito, espirituoso e marido. Eles resultam da intensificação progressiva de seus significados.
- Os adjetivos esbelto, bonito e espirituoso modificam o nome marido.
- Os adjetivos esbelto, bonito, espirituoso estão no grau superlativo relativo.
- Não há adjetivos na tirinha.

7. Fuvest-SP 2020

amora

a palavra amora
seria talvez menos doce
e um pouco menos vermelha
se não trouxesse em seu corpo
(como um velado esplendor)
a memória da palavra amor

a palavra amargo
seria talvez mais doce
e um pouco menos acerba
se não trouxesse em seu corpo
(como uma sombra a espreitar)
a memória da palavra amor

Marco Catalão, Sob a face neutra.

É correto afirmar que o poema

- aborda o tema da memória, considerada uma faculdade que torna o ser humano menos amargo e sombrio.
 - enfoca a hesitação do eu lírico diante das palavras, o que vem expresso pela repetição da palavra “talvez”.
 - apresenta natureza romântica, sendo as palavras “amora” e “amargo” metáforas do sentimento amoroso.
 - possui reiteraões sonoras que resultam em uma tensão inusitada entre os termos “amor” e “amar”.
 - ressalta os significados das palavras tal como se verificam no seu uso mais corrente.
8. Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto que o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que **eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor**, para quem a campa foi outro berço; o segundo é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo.

ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1992.

Essa é a abertura de um dos famosos romances de Machado de Assis. Leia com atenção o trecho em destaque e observe que o autor utiliza “autor defunto” e “defunto autor”. Explique o sentido das palavras autor e defunto nas duas construções e as classifique morfologicamente.

9. Analise a charge apresentada.



Jean Galvão, Instagram

Ao ler esta placa, parte do enunciado nos chama a atenção: “e outros melhores que este”. O uso do adjetivo “melhores”, no texto, em vez de ajudar na venda, acaba atrapalhando. A afirmativa é falsa ou verdadeira? Justifique sua resposta.

10. Observe a tirinha a seguir e, depois, responda ao que se pede.



beckultra@gmail.com
Armandinho, de Alexandre Beck

É correto afirmar que

- o emprego de um artigo definido em “um chocolate” não modifica o sentido geral do texto.
 - o emprego do artigo definido em “o trabalho” indica que esse lugar é desconhecido.
 - o único artigo de emprego correto nessa frase é o de “um chocolate”.
 - o emprego do artigo definido em “o trabalho” está errado.
 - o emprego do artigo definido em “o trabalho” determina o nome trabalho.
11. UFJF/Pism-MG 2019 A terceira parte de *Um livro de instruções e desenhos de Yoko Ono*, da artista plástica, compositora e escritora Yoko Ono (Tóquio, 1933-), é intitulada “Evento”. Nele, Yoko Ono fornece “instruções” para que seus leitores produzam eventos.

Evento do cheiro I

Envie o cheiro da Lua.

Evento do cheiro II

Envie um cheiro para a Lua.

(ONO, Yoko. *Grapefruit – A Book of Instruction and Drawings* by Yoko Ono. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2000[1964].).

No texto, o Evento I tem um “cheiro” determinado, em contraposição ao Evento II. Sobre tal fato podemos dizer que:

- a) Sintaticamente isso é visível pela troca de preposições.
- b) O elemento que complementa o nome “cheiro” é “da”.
- c) O cheiro determinado deve ser enviado para a Lua.
- d) Semanticamente, o “cheiro” do Evento I é indeterminado.
- e) A determinação está representada pelo artigo definido.

12. **ESA-MG** Observe o enunciado abaixo:



De acordo com o texto, analise as afirmações abaixo:

- I. “O” é um artigo definido e seu valor semântico é de notoriedade.
- II. “O” é um artigo indefinido e seu valor semântico é de generalização.
- III. “Ele” é um pronome e o termo “é” é um verbo não nocional.
- IV. A expressão “cara” é característica da linguagem informal.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I, III e IV.
- b) Apenas III e IV.
- c) I, II, III e IV.
- d) Apenas II e III.
- e) Apenas I e IV.

13. **Unesp 2021** Para responder à questão, leia a letra da canção “Bom conselho”, de Chico Buarque, composta em 1972.

Ouça um bom conselho
Que eu lhe dou de graça
Inútil dormir que a dor não passa
Espere sentado
Ou você se cansa
Está provado:
Quem espera nunca alcança

Venha, meu amigo
Deixe esse regaço
Brinque com meu fogo
Venha se queimar
Faça como eu digo
Faça como eu faço
Aja duas vezes antes de pensar

Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que não se vai longe
Eu semeio vento na minha cidade
Vou pra rua e bebo a tempestade

(www.chicobuarque.com.br)

Observa-se rima entre palavras de classes gramaticais diferentes em

- a) “graça”/“passa” (1ª estrofe) e “regaço”/“faço” (2ª estrofe).
- b) “regaço”/“faço” (2ª estrofe) e “onde”/“longe” (3ª estrofe).
- c) “onde”/“longe” (3ª estrofe) e “cidade”/“tempestade” (3ª estrofe).
- d) “sentado”/“provado” (1ª estrofe) e “cansa”/“alcança” (1ª estrofe).
- e) “cansa”/“alcança” (1ª estrofe) e “graça”/“passa” (1ª estrofe).

14. **IFPR 2020** Texto de referência para a questão.

Objetivos dos fios de sustentação

Os fios de sustentação podem ser colocados em diferentes níveis do rosto e do corpo para tratar a pele flácida. (1)**Eles** permitem reapertar a pele e, assim, rejuvenescer as características sem cirurgia.

(2)**Esse** procedimento tem resultados expressivos, podendo dar uma aparência mais jovem para a pessoa que o realiza.

Nem todas as pessoas podem realizar o tratamento, como por exemplo, (3)**aquelas** com a pele fina, muito relaxada ou enrugada. Isso acontece geralmente nas pessoas com a idade muito avançada, (4)**onde** o procedimento seria muito agressivo.

(Disponível em: <https://www.cirurgia.net/fios-de-sustentacao>, acessado em 08/07/2019.)

Os pronomes e advérbios são elementos textuais utilizados para promover a coesão do texto. Entre os elementos numerados e em negrito no texto, assinale aquele que apresenta um uso indevido.

- a) (1)Eles
- b) (2)Esse
- c) (3)aquelas
- d) (4)onde



Para responder às questões 15 e 16, leia o trecho do drama *Macário*, de Álvares de Azevedo.

MACÁRIO (chega à janela): Ó mulher da casa! olá! ó de casa!

UMA VOZ (de fora): Senhor!

MACÁRIO: Desate a mala de meu burro e tragam-ma aqui...

A VOZ: O burro?

MACÁRIO: A mala, burro!

A VOZ: A mala com o burro?

MACÁRIO: Amarra a mala nas tuas costas e amarra o burro na cerca.

A VOZ: O senhor é o moço que chegou primeiro?

MACÁRIO: Sim. Mas vai ver o burro.

A VOZ: Um moço que parece estudante?

MACÁRIO: Sim. Mas anda com a mala.

A VOZ: Mas como hei de ir buscar a mala? Quer que vá a pé?

MACÁRIO: Esse diabo é doido! Vai a pé, ou monta numa vassoura como tua mãe!

A VOZ: Descanse, moço. O burro há de aparecer. Quando madrugarem iremos procurar.

OUTRA VOZ: Havia de ir pelo caminho do Nhô Quito. Eu conheço o burro...

MACÁRIO: E minha mala?

A VOZ: Não vê? Está chovendo a potes! ...

MACÁRIO (fecha a janela): Malditos! (Atira com uma cadeira no chão)

O DESCONHECIDO: Que tendes, companheiro?

MACÁRIO: Não vedes? O burro fugiu...

O DESCONHECIDO: Não será quebrando cadeiras que o chamareis...

MACÁRIO: Porém a raiva...[...]

O DESCONHECIDO: A mala não pareceu-me muito cheia. Senti alguma coisa sacolejar dentro. Alguma garrafa de vinho?

MACÁRIO: Não! Não! Mil vezes não! Não concebeis, uma perda imensa, irreparável... era o meu cachimbo...

O DESCONHECIDO: Fumais?

MACÁRIO: Perguntai de que serve o tinteiro sem tinta, a viola sem cordas, o copo sem vinho, a noite sem mulher – não me pergunteis se fumo!

O DESCONHECIDO (dá-lhe um cachimbo): Eis aí um cachimbo primoroso. [...]

MACÁRIO: E vós?

O DESCONHECIDO: Não vos importeis comigo. (Tira outro cachimbo e fuma)

MACÁRIO: Sois um perfeito companheiro de viagem. Vosso nome?

O DESCONHECIDO: Perguntei-vos o vosso?

MACÁRIO: O caso é que é preciso que eu pergunte primeiro. Pois eu sou um estudante. Vadio ou estudioso, talentoso ou estúpido, pouco importa. Duas palavras só: amo o fumo e odeio o Direito Romano. Amo as mulheres e odeio o romantismo.

O DESCONHECIDO: Tocai! Sois um digno rapaz. (Apertam a mão)

MACÁRIO: Gosto mais de uma garrafa de vinho que de um poema, mais de um beijo que do soneto mais harmonioso. Quanto ao canto dos passarinhos, ao luar sonolento, às noites límpidas, acho isso sumamente insípido. Os passarinhos sabem só uma cantiga. O luar é sempre o mesmo. Esse mundo é monótono a fazer morrer de sono.

O DESCONHECIDO: E a poesia?

MACÁRIO: Enquanto era a moeda de ouro que corria só pela mão do rico, ia muito bem. Hoje trocou-se em moeda de cobre; não há mendigo, nem caixeiro de taverna que não tenha esse vintém **azinhavrado**¹. Entendeis-me?

O DESCONHECIDO: Entendo. A poesia, de popular tornou-se vulgar e comum. Antigamente faziam-na para o povo; hoje o povo fá-la... para ninguém...

(Álvares de Azevedo. Macário/Noite na taverna, 2002.)

¹azinhavrado: coberto de azinhavre (camada de cor verde que se forma na superfície dos objetos de cobre ou latão, resultante da corrosão destes quando expostos ao ar úmido).

15. Unesp 2022 Retoma um termo mencionado anteriormente no texto a palavra sublinhada em:

- a) “O DESCONHECIDO: Não será quebrando cadeiras que o chamareis...”
- b) “A VOZ: Não vê? Está chovendo a potes!”
- c) “A VOZ: Mas como hei de ir buscar a mala? Quer que vá a pé?”
- d) “MACÁRIO: Esse mundo é monótono a fazer morrer de sono.”
- e) “O DESCONHECIDO: Perguntei-vos o vosso?”

16. Unesp 2022 “MACÁRIO: Desate a mala de meu burro e tragam-ma aqui...”

Na oração em que está inserido, o termo sublinhado é um verbo que pede

- a) apenas objeto indireto, expresso pelo vocábulo “ma”.
- b) objeto direto, expresso pelo vocábulo “mala”, e objeto indireto, expresso pelo vocábulo “ma”.
- c) objeto direto, expresso pelo vocábulo “burro”, e objeto indireto, expresso pelo vocábulo “ma”.
- d) objeto direto e objeto indireto, ambos expressos pelo vocábulo “ma”.
- e) apenas objeto direto, expresso pelo vocábulo “ma”.

17. FMP-RJ 2014 Este é talvez um dos fatos mais assustadores e tristes do nosso momento: falta de segurança generalizada, o medo, pois aqui se mata e se morre como quem come um pãozinho. Bala perdida, traficante, bandido graúdo ou pequeno, e o menor de idade, que é o mais complicado: pelas nossas leis absurdas, sendo menor ele não é de verdade punido. É levado para um estabelecimento hipoteticamente educativo e socializador, de onde deveria sair regenerado, com profissão, com vergonha na cara, sair gente. Não sai. Não, salvo raríssimas exceções, e todo mundo sabe disso.

Todo mundo sabe que é urgente e essencial reduzir para menos de 18 anos a idade em que se pode prender, julgar, condenar um assassino feroz, recidente, cruel e confesso. Mas aí vem quem defenda, quem tenha pena, ah! os direitos humanos, ah! são crianças. São assassinos apavorantes: torturam e matam com frieza de animais, tantas vezes, e vão para a reeducação ou a ressocialização certamente achando graça: logo, logo estarão de volta. Basta ver os casos em que, checando-se a ficha do “menino”, ele é recidente contumaz.

(Extraído de A banalização da vida, de Lya Luft, revista *Veja* de 26.3.2014, p. 24.)

Atente para as seguintes afirmativas relativas ao texto:

- I. A palavra “contumaz”, na última frase do segundo parágrafo, reforça o sentido de “recidente”.
- II. A palavra “raríssimas”, na última frase do primeiro parágrafo, classifica-se como substantivo.
- III. A palavra “talvez”, na primeira frase do primeiro parágrafo, classifica-se como advérbio.

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I e III.
- b) apenas I e II.
- c) apenas II e III.
- d) apenas II.
- e) apenas III.

mim que a dinâmica não vai mudar. A grande vantagem competitiva da *startup* em relação à grande corporação é como numa referência à Teoria da Evolução das Espécies de Charles Darwin: **a** sua adaptabilidade. A corporação é

15 mais forte (do ponto de vista econômico) e mais inteligente (quando consideramos todo o seu capital humano); portanto, a *startup* deve se adaptar mais rápido. Não importa quão rápida e grande a corporação se torne, sempre existirá espaço para a inovação se manifestar no ecossistema de *startups*.

20 Como não nego meu passado de engenheiro, vou me permitir fazer uma analogia para descrever essa dinâmica entre *startups* e corporações: visualize uma sala quadrada e com pé direito alto. Imagine quatro esferas grandes as quais ocupam toda sala, sendo que cada uma delas encosta na outra e todas encostam no chão, no teto e nas paredes,

25 ocupando todo espaço. Repare que as esferas se encostam umas nas outras, num único ponto. É também num único ponto que as esferas tocam as paredes, o teto e o chão. Digamos que essa sala seja um grande mercado, um

30 mercado qualquer que você queira escolher, o mercado financeiro ou de comércio eletrônico, por exemplo. As esferas são as grandes empresas desse mercado, as corporações, os incumbentes, os *big players*. Você diria que nesse mercado existe espaço para crescer? Sob o olhar dos céticos, com certeza não. Os céticos têm seus olhos exatamente na metade da altura da sala. A única coisa que eles enxergam é uma esfera tocando **a**

40 outra e não há um vão sequer entre elas. O mercado está quase todo tomado. Já os empreendedores estão deitados no chão da sala, brincando com suas bolinhas de gude. Da perspectiva deles, é possível visualizar as quatro esferas, as quais só tocam o chão em quatro pequeninos pontos. Para eles, o mercado é completamente inexplorado, virgem, um

45 oceano azul. As empresas que estão montando são, por enquanto, pequenas bolas de gude, soltas no chão dessa sala. Elas têm muito espaço para rolar, experimentar e descobrir. A corporação, já grande e disputando *market share* com outras corporações, dispõe de muito menos liberdade. Além de mais liberdade para experimentar, a *startup* também tem muita oportunidade gerada pela sombra das quatro grandes esferas que estão lá no alto.

A *startup* ainda vai ter muito espaço para crescer antes de começar **a** incomodar as esferas que estão acima dela. Num determinado momento, já grande o suficiente, a esfera da *startup* finalmente toca a esfera da corporação. A *startup* começa, então, a empurrar as demais esferas. Nesse momento, há alguns caminhos alternativos: a sala

60 (mercado) cresce para acomodar o crescimento da nova esfera; alguma das outras esferas diminui de tamanho, perdendo espaço, ou uma das esferas grandes adquire **a** esfera que a está incomodando. A verdade é que não importa quão grande seja o mercado ou quão grande sejam as grandes empresas. As *startups* sempre estarão mais próximas do problema, em contato mais próximo com o cliente e com maior velocidade para se adaptar. A *startup* é desenhada para continuar experimentando, para ter uma estrutura organizacional rasa, para testar hipóteses de forma despreziosa e repetitiva.

70 (Fonte: <https://www.istoedinheiro.com.br> – 25/09/19 – texto adaptado)

Assinale a alternativa em que a palavra “a”, devidamente salientada no texto, está empregada com classe gramatical diferente das demais.

- a) **A** provocação (l. 3).
- b) **a** sua adaptabilidade (l. 14).
- c) **a** outra (l. 37-38).
- d) **a** incomodar (l. 55).
- e) **a** esfera (l. 62-63).

24. UFRGS 2019 – Para mim esta é a melhor hora do dia. – Ema disse, voltando do quarto dos meninos. – Com as crianças na cama, a casa fica tão sossegada.

– Só que já é noite – a amiga corrigiu, sem tirar os 5 olhos da revista. Ema agachou-se para recolher o quebra-cabeça esparramado pelo chão.

– É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte e quatro horas e a semana tem sete dias, não está certo? – Descobriu um sapato sob a poltrona. Pegou-o e, quase deitada no tapete, procurou, depois, o par embaixo dos outros móveis.

Era bom ter uma amiga experiente. Nem precisa ser da mesma idade – deixou-se cair no sofá – Bárbara, muito mais sábia. Examinou-a a ler: uma linha de luz dourada 15 valorizava o perfil privilegiado. As duas eram tão inseparáveis quanto seus maridos, colegas de escritório. Até ter filhos juntas conseguiram, acreditasse quem quisesse. Tão gostoso, ambas no hospital. A semelhança física teria contribuído para o perfeito entendimento? “Imaginava que fossem irmãs”, muitos diziam, o que sempre causava satisfação.

– O que está se passando nessa cabecinha? – Bárbara estranhou a amiga, só doente pararia quieta. Admirou-a: os cabelos soltos, caídos no rosto, escondiam os olhos 20 cinzas, azuis ou verdes, conforme o reflexo da roupa. De que cor estariam hoje seus olhos?

Ema aprumou o corpo.

– Pensava que se nós morássemos numa casa grande, vocês e nós...

30 Bárbara sorriu. Também ela uma vez tivera a ideia. – As crianças brigariam o tempo todo.

Novamente a amiga tinha razão. Os filhos não se suportavam, discutiam por qualquer motivo, ciúme doentio de tudo. O que sombreava o relacionamento 35 dos casais.

– Pelo menos podíamos morar mais perto, então.

Se o marido estivesse em casa, seria obrigada a assistir à televisão, porque, ele mal chegava, ia ligando o aparelho, ainda que soubesse que ela detestava sentar que 40 nem múmia diante do aparelho – levantou-se, repelindo a lembrança. Preparou uma jarra de limonada. Preparou todo aquele interesse de Bárbara na revista? Reformulou a pergunta em voz alta.

– Nada em especial. Uma pesquisa sobre o comportamento das crianças na escola, de como se modificam as personalidades longe dos pais.

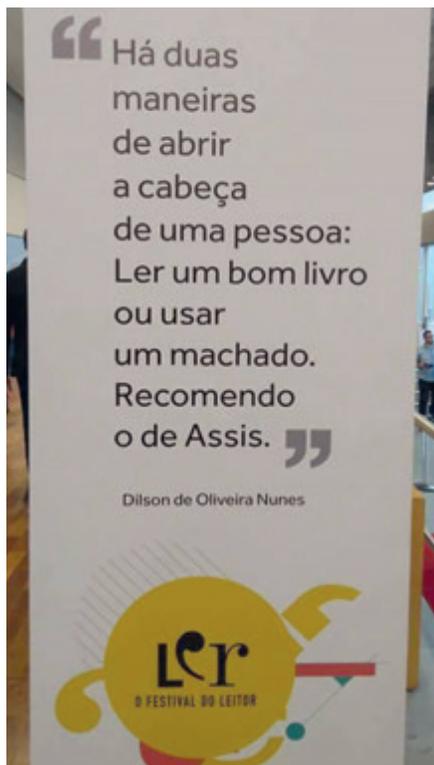
Adaptado de: VAN STEEN, Edla. Intimidade. In: MORICONI, Italo (org.) *Os cem melhores contos brasileiros do século*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 440-441.

O texto apresenta sentimentos de admiração de Ema por sua amiga Bárbara. Esses sentimentos transparecem na relação entre palavras.

Assinale a alternativa em que a reunião de advérbios e adjetivo expressa esse sentido de admiração de Ema por sua amiga.

- a) amiga experiente (l. 12).
- b) muito mais sábia (l. 13 e 14).
- c) valorizava o perfil privilegiado (l. 15).
- d) cabelos soltos (l. 24).
- e) Novamente [...] tinha razão (l. 32).

25. Cederj 2019



<http://nacordabamba.com/2018/05/21/ler-salao-carioca-do-livro/>

Em “abrir a a cabeça de uma pessoa” e “Recomendo o de Assis”, os vocábulos sublinhados são, respectivamente, classificados do ponto de vista morfológico como:

- a) preposição e artigo definido.
- b) pronome demonstrativo e artigo definido.
- c) artigo definido e pronome demonstrativo.
- d) preposição e pronome demonstrativo.

26. Relacione cada cargo com sua respectiva forma de tratamento.

- | | | |
|-------------------------|---|----------|
| 1. Vossa Alteza | ■ | Papa |
| 2. Vossa Magnificência | ■ | Príncipe |
| 3. Vossa Senhoria | ■ | Coronel |
| 4. Vossa Reverendíssima | ■ | Reitor |
| 5. Vossa Santidade | ■ | Cônego |

Indique a opção que mostra a relação correta, segundo a ordem apresentada.

- a) 5, 2, 4, 1 e 3.
- b) 4, 1, 2, 3 e 5.
- c) 5, 3, 2, 1 e 4.
- d) 5, 1, 3, 2 e 4.
- e) 4, 2, 3, 1 e 5.

27. Univesp 2017

No período: “O pai lembrou a filha do seu dever” observa-se uma possível dúvida com relação ao sentido pretendido devido ao uso

- a) do artigo *O* em *O pai*, pois não se sabe ao certo de qual pai se trata.
- b) do artigo *a* em *a filha*, pois não se sabe ao certo de qual filha se trata.
- c) da preposição *de*, que atribui indeterminação ao verbo *lembrar*.
- d) do pronome possessivo *seu*, que não permite identificar de quem era o dever.
- e) do substantivo *dever*, pois esse termo é classificado como um substantivo indefinido.

28. UFBA 2013 (Adapt.)

Na frase “Espere-me ao cair da tarde.”, o uso do pronome átono está de acordo com a forma coloquial da língua portuguesa falada no Brasil? Justifique.

29. Unesp 2021

Leia o texto extraído da primeira parte, intitulada “A terra”, da obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha. A obra resultou da cobertura jornalística da Guerra de Canudos, realizada por Euclides da Cunha para o jornal *O Estado de S. Paulo* de agosto a outubro de 1897, e foi publicada apenas em 1902.

Percorrendo certa vez, nos fins de setembro [de 1897], as cercanias de Canudos, fugindo à monotonia de um **canhoneio**¹ frouxo de tiros espaçados e soturnos, encontramos, no descer de uma encosta, anfiteatro irregular, onde as colinas se dispunham circulando um vale único. Pequenos arbustos, **icozeiros**² virentes viçando em tufos intermeados de **palmatórias**³ de flores rutilantes, davam ao lugar a aparência exata de algum velho jardim em abandono. Ao lado uma árvore única, uma quixabeira alta, sobranceando a vegetação franzina.

O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão e protegido por ela – braços largamente abertos, face volvida para os céus – um soldado descansava.

Descansava... havia três meses.

Morrera no assalto de 18 de julho [de 1897]. A coronha da **Mannlicher**⁴ estrondada, o cinturão e o boné jogados a uma banda, e a farda em tiras, diziam que sucumbira em luta corpo a corpo com adversário possante. Caíra, certo, derreando-se à violenta pancada que lhe sulcara a fronte, manchada de uma escara preta. E ao enterrarem-se, dias depois, os mortos, não fora percebido. Não compartira, por isto, a vala comum de menos de um côvado de fundo em que eram jogados, formando pela última vez juntos, os companheiros abatidos na batalha. O destino que o removera do lar desprotegido fizera-lhe afinal uma concessão: livrara-o da promiscuidade lúgubre de um fosso repugnante; e deixara-o ali há três meses – braços largamente abertos, rosto voltado para os céus, para os sóis ardentes, para os luazes claros, para as estrelas fulgurantes...

E estava intacto. Murchara apenas. Mumificara conservando os traços fisionômicos, de modo a incutir a ilusão exata de um lutador cansado, retemperando-se em tranqüilo sono, à sombra daquela árvore benfazeja. Nem um verme – o mais vulgar dos trágicos analistas da matéria –

lhe maculara os tecidos. Volvia ao turbilhão da vida sem decomposição repugnante, numa exaustão imperceptível. Era um aparelho revelando de modo absoluto, mas sugestivo, a segura extrema dos ares.

(*Os sertões*, 2016.)

1 canhoneio: descarga de canhões.

2 icozeiro: arbusto de folhas coriáceas, flores de tom verde-pálido e frutos bacáceos.

3 palmatória: planta da família das cactáceas, de flores amarelo-esverdeadas, com a parte inferior vermelha, ou róseas, e bagas vermelhas.

4 Mannlicher: rifle projetado por Ferdinand Ritter von Mannlicher.

Considerando-se o contexto, o termo que qualifica o substantivo na expressão “adversário possante” (4º parágrafo) tem sentido oposto ao termo que qualifica o substantivo em

- a) “violenta pancada” (4º parágrafo).
- b) “tranquilo sono” (5º parágrafo).
- c) “anfiteatro irregular” (1º parágrafo).
- d) “fosso repugnante” (4º parágrafo).
- e) “vegetação franzina” (1º parágrafo).

30. UEMG 2019

Setembro tem recorde de calor e de gelo na Antártida

O mês de setembro de 2012 foi o mais quente já registrado, dizem cientistas de uma agência governamental que estuda o clima e o oceano. A média da temperatura global dos continentes e dos oceanos **no** mês passado foi de 15,67 °C ou 0,67 °C acima da média geral do século XX. A temperatura média global **nos** continentes, em setembro, foi a terceira mais quente já registrada para esse mês.

(<http://goo.gl/HD7JP>. Acesso: 29/10/2012. Adaptado.)

No texto, os termos em negrito apresentam, respectivamente, os sentidos de

- a) causa e direção.
- b) direção e tempo.
- c) instrumento e causa.
- d) tempo e lugar.

31. FMABC-SP 2022

Leia a crônica “Enquanto os mineiros jogavam”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder à questão.

Domingo, à tarde, na forma do antigo costume, eu ia ver os bichos do Parque Municipal (cansado de lidar com gente nos outros dias da semana), quando avistei grande multidão parada na avenida Afonso Pena. Meu primeiro pensamento foi continuar no bonde; o segundo foi descer e perguntar as causas da aglomeração. Desci, e soube que toda aquela gente estava acompanhando, pelo telefone, o jogo dos mineiros na capital do país. Onze mineiros batiam bola no Rio de Janeiro; dois mil mineiros escutavam, em Belo Horizonte, o eco longínquo dessa bola e experimentavam uma patriótica emoção.

Quando chegou a notícia da vitória dos nossos patrícios, depois de encerrado o expediente, isto é, depois

de terminado o segundo tempo, vi, claramente visto, chapéus de palha que subiam para o ar e não voltavam, adjetivos que se chocavam no espaço com explosões inglesas de entusiasmo, botões que se desprendiam dos paletós, lenços que palpitavam como asas, enquanto gargantas enrouqueciam e outras perdiam o dom humano da palavra. Vi tudo isso e tive, não sei se inveja, se admiração ou se espanto pelos valentes chutadores de Minas, que surraram por 4 a 3 os bravos futebolistas fluminenses.

Não posso atinar bem como uma bola, jogada à distância, alcance tanta repercussão no centro de Minas. Que um indivíduo se eletrize diante da bola e do jogador, quando este joga bem, é coisa de fácil compreensão. Mas contemplar, pelo fio, a parábola que a esfera de couro traça no ar, o golpe do center-half investindo contra o zagueiro, a pegada soberba deste, e extasiar-se diante desses feitos, eis o que excede de muito a minha imaginação.

Para mim, o melhor jogador do mundo, chutando fora do meu campo de visão, deixa-me frio e silencioso.

Os meus patrícios, porém, rasgaram-se anteontem de gozo, imaginando os tiros de Nariz, e sentiram na espinha o frio clássico da emoção, quando o telefone anunciou que Carlos Brant, machucando-se no joelho, deixara o combate. Alguns pensaram em comprar iodo para o herói e outros gritavam para Carazzo que não chutasse fora. A centenas de quilômetros, eles assistiam ao jogo sem pagar entrada. E havia quem reclamasse contra o juiz, acusando-o de venal. Um sujeito puxou-me pelo paletó, indignado, e declarou-me: “O senhor está vendo que pouca-vergonha. Aquela penalidade de Evaristo não foi marcada.” Eu olhei para os lados, à procura de Evaristo e da penalidade; vi apenas a multidão de cabeças e de entusiasmos; e fugi.

(Carlos Drummond de Andrade. Quando é dia de futebol, 2014.)

No último parágrafo, o pronome “o” refere-se a

- a) herói.
- b) combate.
- c) jogo.
- d) juiz.
- e) senhor.

32. IFPR 2020

As cores para meninas e para meninos – e o estereótipo por trás disso

Desde sempre estamos acostumados a ver bebês e crianças do gênero feminino usando a cor rosa em predominância, e os meninos o azul (ou verde, ou amarelo, ou laranja... menos o rosa!). Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos mostrou que não existe qualquer evidência que confirme a preferência das crianças de cada gênero por essas cores. Várias crianças de ambos os sexos com idades que variavam dos 7 meses de idade até os 5 anos foram testadas quanto à preferência das cores.

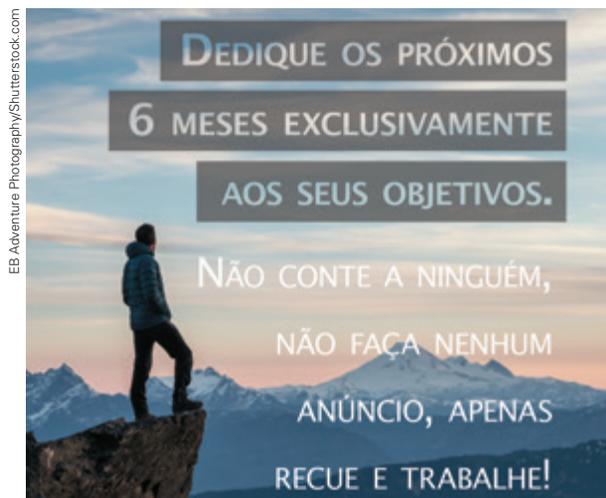
Os resultados apontaram que até os 2 anos, as meninas escolhiam objetos e brinquedos das cores mais variadas, não tinham preferência pela cor rosa. Os meninos até os dois anos e meio também seguiam a mesma tendência, optando inclusive por brinquedos na cor rosa.

(Disponível em: <https://www.wemystic.com.br/artigos/cores-e-genero-rosa-para-meninas-azul-para-meninos-por-que/>, acessado em 08/07/2019)

Ao se ler o texto acima, verifica-se a utilização do plural para se referir às cores. Pensando nisso, marque a alternativa em que há a correta concordância dos adjetivos.

- Meninas escolhiam vestidos rosas e meninos calças azuis.
- Meninas escolhiam objetos e brinquedos rosa e meninos calças azuis.
- Meninas escolhiam vestidos das cores rosas e meninos calças com cores azuis.
- Meninas escolhiam objetos e brinquedos da cor de rosas e meninos calças azul.

33. Analise a imagem a seguir.



No texto, há dois pronomes indefinidos. Quais são e qual é a relevância deles no texto?

34. Observe os enunciados a seguir.

- Alguém acertou todas as questões da prova?
- A ninguém é permitido se apossar de algo pertencente a outrem, sob pena de punição legal.
- Algo parecido teria sido feito no Japão.

Indique em que enunciados foram utilizados corretamente os pronomes indefinidos.

- No item I, apenas.
- Nos itens II e III, apenas.
- Nos itens I e II, apenas.
- Nos itens I, II e III.

35. Observe a tirinha e responda às questões.



É UMA GRANDE PEÇA DRAMÁTICA! MINHA PERSONAGEM VAI FAZER TODO MUNDO FICAR EM LÁGRIMAS ATÉ O FIM DO SEGUNDO ATO!



- Identifique o pronome pessoal usado na tirinha. A quem ele se refere?
- Explique o emprego do pronome demonstrativo “isso” na fala da mãe do Calvin no segundo quadrinho.
- No terceiro quadrinho, identifique um pronome possessivo.

36. Observe a charge a seguir.



No enunciado “Que país é este?”, a palavra destacada é

- pronome interrogativo.
- pronome demonstrativo.
- pronome indefinido.
- pronome possessivo.

37. Leia a tirinha.



Em “Quem vai poder ter alta, dr.?” há um pronome

- indefinido.
- demonstrativo.
- possessivo.
- interrogativo.

- 38. UFC-CE 2013** Leio e releio o poema de Álvaro de Campos. Oscilo. Não sei se devo acreditar ou duvidar. Se acredito, duvido. Duvido porque acredito. Pois foi ele mesmo quem disse – ou melhor, o seu outro, o Fernando Pessoa – que ele era um fingidor. “Todas as cartas de amor são ridículas. Não seriam cartas de amor se não fossem ridículas...”

Tenho no meu escritório a reprodução de uma das telas mais delicadas que conheço, “A mulher que lê”, de Johannes Vermeer (1632-1675). Uma mulher, de pé, lê uma carta. O seu rosto está iluminado pela luz da janela. Seus olhos leem o que está escrito naquela folha de papel que suas mãos seguram, a boca ligeiramente entreaberta, quase num sorriso. De tão absorta, ela nem se dá conta da cadeira, ao seu lado. Lê de pé. Penso ser capaz de reconstituir os momentos que antecedem este que o pintor fixou. Pancadas na porta interromperam as rotinas domésticas que a ocupavam. Ela vai abrir e lá estava o carteiro, com uma carta na mão. Pela simples leitura do seu nome, no envelope, ela identifica o remetente. Ela toma a carta e, com este gesto, toca uma mão não muito distante. Para isto se escrevem as cartas de amor. Não para dar notícias, não para contar nada, não para repetir as coisas por demais sabidas, mas para que mãos separadas se toquem, ao tocarem a mesma folha de papel. [...]

- 25 Volto ao Álvaro de Campos. Será esta a razão do ridículo das cartas de amor – o descompasso entre o que elas dizem e aquilo que elas realmente querem fazer? Pois o propósito explícito de uma carta é dar notícias, e é por isto que elas são feitas de palavras. Mas o que elas realmente desejam realizar está sempre antes e depois da palavra escrita: elas querem realizar aquilo que a separação proíbe: o abraço. Quem quer que tente entender uma carta de amor pela análise da escritura estará sempre fora de lugar, pois o que ela contém é o que não está ali, o que está ausente. Qualquer carta de amor, não importa o que se encontre nela escrito, só fala do desejo, a dor da ausência, a nostalgia pelo reencontro.

Aquela carta fez tudo parar. A mulher fecha a porta e caminha pela casa sem nada ver, buscando uma coisa apenas, a luz, o lugar onde as palavras ficarão luminosas. Que lhe importa a cadeira? Esqueceu-se de que está grávida. Seus olhos caminham pelas palavras que saíram das mesmas mãos que a abraçaram. Seu corpo está suspenso naquele momento mágico de carinho impossível que aquele pequeno pedaço de papel abriu no tempo do seu cotidiano.

45 [...]

ALVES, Rubem. **O retorno e eterno**: crônicas. Campinas, SP: Papyrus, 1992, p. 43-44.

Assinale a alternativa que indica corretamente a que se refere o termo sublinhado.

- a) “antecedem este” (linha 16) – pintor (linha 16)
b) “a ocupavam” (linha 17) – porta (linha 16).
c) “elas são feitas” (linhas 28 e 29) – notícias (linha 28).
d) “realizar aquilo” (linha 31) – abraço (linha 31).
e) “está ali” (linha 34) – lugar (linha 33).
- 39. FGV-SP 2017** [...] Sou um ignorante, um pobre homem da cidade. Mas eu tinha razão. Ele cresceu, está com dois metros, lança suas folhas além do muro e é um esplêndido pé de milho. Já viu o leitor um pé de milho? Eu nunca tinha visto. Tinha visto centenas de milharais – mas é diferente.

Um pé de milho sozinho, em um canteiro espremido, junto do portão, numa esquina de rua – não é um número numa lavoura, é um ser vivo e independente. Suas raízes roxas se agarram no chão e suas folhas longas e verdes nunca estão imóveis. Detesto comparações surrealistas – mas na lógica de seu crescimento, tal como vi numa noite de luar, o pé de milho parecia um cavalo empinado, de crinas ao vento e em outra madrugada, parecia um galo cantando.

- 15 Anteontem aconteceu o que era inevitável, mas que nos encantou como se fosse inesperado: meu pé de milho pendoo. Há muitas flores lindas no mundo, e a flor de milho não será a mais linda. Mas aquele pendão firme, vertical, beijado pelo vento do mar, veio enriquecer nosso canteirinho vulgar com uma força e uma alegria que me fazem bem. É alguma coisa que se afirma com ímpeto e certeza. Meu pé de milho é um belo gesto da terra. Eu não sou mais um medíocre homem que vive atrás de uma chata máquina de escrever: sou um rico lavrador da rua Júlio de Castilhos.

Rubem Braga, **Um pé de milho**.

Tendo em vista o termo a que se refere, o pronome “que” poderia ser substituído por “a qual” no seguinte trecho do texto:

- a) “que era” (L. 14).
b) “que me fazem bem” (L. 19-20).
c) “que se afirma” (L. 20).
d) “que nos encantou” (L. 14 e 15).
e) “que vive” (L. 22).

40. Uncisal 2016

Aquilo **que** não mata só nos faz fortalecer
Vivendo aprendi **que** é só fazer por merecer
Que passo a passo um dia a gente chega lá
Pois não existe mal **que** não possa acabar
Não perca a fé em Deus, fé em Deus
Que tudo irá se acertar

NOGUEIRA, DIOGO. *Fé em Deus*. Disponível em: <http://letras.mus.br/diogo-nogueira/1062615/>. Acesso em: 28 out. 2015.

O vocábulo que foi empregado, pelo compositor da canção, como pronome relativo

- a) em apenas uma ocorrência.
b) em apenas duas ocorrências.
c) em apenas três ocorrências.
d) em apenas quatro ocorrências.
e) nas cinco ocorrências.

41. Leia com atenção a manchete a seguir.

Quem é a ministra do STF Rosa Weber, cujo voto pode ter selado o destino de Lula

MORI, Leticia. *BBC News Brasil*, 22 mar. 2018.

Na manchete apresentada, há pronome relativo “cujo”. O que indica esse pronome nesse contexto e a que palavra ele se refere?

42. Uece 2019

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Manuel Bandeira

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

BANDEIRA, M. *Poesias completas*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

O poema anterior apresenta elementos linguísticos de coesão que contribuem para articulação do sentido entre suas partes. Baseado nesta ideia, é correto dizer que

- se retoma o elemento **bicho** (linha 1), através da referenciação catafórica por meio da elipse, que está indicada na forma verbal presente no enunciado “Quando **achava** alguma coisa” (linha 4).
- pelos desinências empregadas no verbo **examinava** (linha 5), é possível fazer um movimento retrospectivo para recuperar o termo que está elíptico, no caso, o pronome **eu**.
- O uso dos artigos indefinido em **um bicho** (linha 1) e definido em **o bicho** (linha 7) serve para mostrar que, no primeiro caso, a visão do enunciatador é a de **um bicho**, que ainda está por se definir; e, no segundo caso, a visão é a de que já se conhece qual é **o bicho** a que se está referindo.
- O advérbio **ontem** (linha 1) faz referência a um tempo posterior ao do momento em que o enunciatador do poema relata o fato.

43. UFC-CE Assinale a alternativa em que o adjetivo sublinhado tem valor de substantivo.

- Eles são críticos azedos do mundo.
- Quem não sofre com os inevitáveis atritos.
- Uma certidão que poderia enganar os estranhos.
- O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida.
- Eles envelhecem com uma infelicidade crua.

44. Uefs-BA



APAIXONE-SE pela língua... Disponível em: <http://filipevargas.wordpress.com/>. Acesso em: 30 maio 2011.

A frase “A história do homem que superou todas as dificuldades e se tornou um ícone da língua portuguesa.”, inserida no contexto do anúncio publicitário, permite, como verdadeira, a seguinte análise:

- “do homem” tem o mesmo valor morfológico do termo “da língua portuguesa” e, no contexto, faz referência ao nome “Machado de Assis”.
- “que superou todas as dificuldades” completa o sentido do nome “homem”, apresentando uma qualidade de Machado de Assis.
- “todas as dificuldades” funciona como atributo de “homem”, em referência a “Machado de Assis”.
- “se”, por ser expletivo, pode ser retirado da estrutura frasal sem comprometimento semântico.
- “tornou” funciona como elemento de ligação e retoma, no contexto, a palavra “história”.

45. Unifacig-MG 2019

A saúde em pedaços: os determinantes sociais da saúde (DSS)

A redução da saúde à sua dimensão biológica se constitui em um dos maiores dilemas da área. Isso porque essa visão estreita fundamenta práticas de pouco alcance quando se trata de saúde coletiva, porquanto prioriza a assistência individual e curativa, constituindo-se em uma espiral em torno das doenças e que, exatamente por isso, ajuda a reproduzi-las. Porém, essa concepção, embora hegemônica, não existe sem ser tensionada.

A Organização Mundial da Saúde (OMS), ainda na primeira metade do século XX, tentou destacar que saúde não é só a ausência de doença. Todavia, pouco explica o porquê disso, uma vez que, como diria Ana Lúcia Magela de Rezende, na sua “Dialética da Saúde”, cai na tautologia de definir a saúde como sendo o completo bem-estar físico, psíquico e social. Ora, dizer que saúde é bem-estar é o mesmo que dizer que seis é meia dúzia. O que é o bem-estar?

Na formulação da OMS essa questão permanece vaga. O uso do termo completo junto a bem-estar torna o conceito ainda mais problemático, tendo em vista seu caráter absolutista e, logo, inalcançável nestes termos.

Foi o campo da Saúde do Trabalhador e, posteriormente, com maior precisão, a Saúde Coletiva (com origens na Medicina Social Latino-Americana) que superaram as dicotomias entre saúde e doença, social e biológico, e individual e coletivo ao formularem a concepção de saúde enquanto processo. Considerando tal processualidade, nem estamos absolutamente doentes nem absolutamente sãos, mas em contínuo movimento entre essas condições. Saúde e doença são dois momentos de um mesmo processo, coexistem, uma explicando a existência da outra.

O predomínio de uma ou de outra depende do recorte e/ou ângulo de análise em cada momento e contexto. Essa forma de entender a saúde rompe com o pragmatismo biologicista, mas sem negar que a dimensão biológica é parte relevante do processo saúde-doença.

Possui o mérito (com autores como Berlinguer, Donnangelo, Laurell, Arouca, Tambellini, Breilh, Nogueira, entre outros) de demonstrar que, embora a saúde se manifeste individual e biologicamente, ela é fruto de um

processo de determinação social. Processo esse que é histórico e dinâmico, uno mas heterogêneo. Na verdade, só pode ser processo por causa dessas características. Ele nem pode ser considerado estaticamente ou como algo imutável ou imune às transformações sociais, nem pode ser considerado como um conjunto de fragmentos ou fatores quase que autônomos uns dos outros ou, muito menos, como uma massa homogênea e amorfa.

(Diego de Oliveira Souza. Doutor em Serviço Social/UERJ. Professor do PPGSSUFAL/Maceió e da graduação em Enfermagem/UFAL/Arapiraca. Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/15557d_eae93514d26e4aecb5e50ab81243343f.pdf. Acesso em agosto de 2019. Adaptado.)

“*Todavia, pouco explica o porquê disso, [...]*” (2º§) Sabendo-se que as palavras recebem diferentes classificações de acordo com a classe em se inserem, analise as afirmativas a seguir.

- I. O termo “porquê” classifica-se como substantivo no contexto em análise.
- II. O determinante que antecede o “porquê” é elemento responsável por torná-lo um substantivo.
- III. Caso o termo “disso” fosse omitido e o “porquê” estivesse no final da frase, não poderia ser classificado como substantivo, mas sim como uma conjunção.

Está(ão) correta(s) a(s) afirmativa(s)

- a) I, II e III.
- b) III, apenas.
- c) I e II, apenas.
- d) II e III, apenas.

46. Leia o título do artigo de opinião a seguir.

Para aproveitar intercâmbio, o jovem tem que saber tomar decisões sem pais

SAYÃO, Rosely. Para aproveitar intercâmbio, o jovem tem que saber tomar decisões sem pais. *Folha de S.Paulo*, 4 jul. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/roselysayao/>. Acesso em: 9 jul. 2021.

A palavra “jovem” tem função de substantivo no texto.

- a) Qual é a palavra que confirma a substantivação de “jovem” nesse trecho?
- b) Que alteração deveria ser realizada no enunciado para que essa mesma palavra tivesse a função de adjetivo?

47. Observe atentamente a campanha a seguir.



Na imagem anterior, a colocação pronominal não está de acordo com a norma-padrão, que afirma que não devemos iniciar períodos com pronome oblíquo. Qual dos enunciados a seguir estará também em desacordo com a norma-padrão?

- a) Não me entregue o agasalho.
- b) Encontraram dois agasalhos que se encontravam perdidos.
- c) Quem me entregará o agasalho?
- d) Entregar-me-á o agasalho.
- e) Não entregue-me o agasalho.

48. Etec-SP 2018 Leia a música de Marcelo Jeneci e responda à questão.

Dar-te-ei

[...] Não te darei papéis, não te darei, esses rasgam, esses [borram
Não te darei discos, não, eles repetem, eles arranham
Não te darei casacos, não te darei, nem essas coisas que [te resguardam e que se vão
Dar-te-ei finalmente os beijos meus
Deixarei que esses lábios sejam meus, sejam teus
Esses embalam, esses secam, mas esses ficam.
Não te darei bombons, não te darei, eles acabam, eles [derretem
Não te darei festas, não te darei, elas terminam, elas choram, [elas se vão [...]

<https://tinyurl.com/ybf22rpl>. Acesso em: 10.11.2017.

Há, nessa música, uma construção gramatical chamada de *mesóclise* – “dar-te-ei” – de pouco uso na linguagem escrita e quase extinto o uso na falada. Essa construção, chamada de colocação pronominal, é uma das três posições possíveis – de acordo com a gramática normativa.



Baseando-se no que foi apresentado, assinale a alternativa que apresenta uma relação correta – de acordo com a gramática normativa – entre colocação pronominal e o seu uso na frase.

- a) Próclise – “Faça-me o favor de não atrasar para nosso encontro!”
- b) Ênclise – “Não te darei discos, não, eles repetem.”
- c) Ênclise – “Importava-se com o sucesso da prova.”
- d) Mesóclise – “A música? Cantá-la-rei quando souber a letra.”
- e) Mesóclise – “Alguém me procurou?”



Texto para as questões 49 e 50.

A verdadeira lei de Gérson

Raul Marinho Gregorin

Você se lembra daquele célebre comercial do cigarro Vila Rica, onde nosso tricampeão Gérson falava a famosa frase: “...Porque você tem que levar vantagem em tudo, cerrrto?”. A frase teve tanto impacto que acabou sendo criada a “Lei de Gérson”, que simboliza o oportunismo e a falta de escrúpulos típicas de uma grande parcela de nossa sociedade. [...]

Concordo que nossa postura oportunista realmente contribui para nos manter neste estado de atraso econômico e cultural em que vivemos. Só que a “Lei de Gérson”, na verdade é muito mais antiga que o próprio. No excelente livro “Mauá, Empresário do império”, de Jorge Caldeira (Ed. Companhia das Letras), percebe-se que há quase duzentos anos atrás esta lei já era cumprida. Aliás, essa deve ser a lei mais antiga do Brasil, pois desde as capitânicas hereditárias nossa história é pontilhada de exemplos de oportunismo e falta de escrúpulos. A própria escravidão não deixa de ser uma mostra do viés ético de nossa sociedade desde tempos imemoriais, mas isso já é outra história.

Eu não conheço a biografia do Gérson, muito menos do publicitário que criou a frase e o comercial do Vila Rica. Mas acho muito improvável que o Gérson real seja um oportunista sanguíneo como ficou sendo sua imagem. Nem acredito que o diretor de criação da agência poderia imaginar que esta frase seria usada mais de vinte anos depois para designar esta nossa característica.

Nossa língua é ferina. Quando a Volkswagen lançou o Fusca com teto solar no final da década de ‘60’, as vendas despencaram depois que passou a ter a conotação de “carro de chifrudo”. A VASP na década de 70 criou um voo noturno ligando São Paulo ao Guarujá para atender aos executivos que deixavam suas famílias no balneário e passavam a semana trabalhando na capital. O nome do voo era “Corujão” devido ao horário. Não demorou muito, o voo passou a ser apelidado de “Cornudão”, pelo fato das esposas ficarem na praia enquanto os maridos ficavam na cidade. A VASP teve que cancelar a linha por falta de passageiros.

E óbvio que a VW tinha introduzido o teto solar baseado no fato do Brasil ser um país quente e ensolarado, perfeito para aquele opcional. Só que o consumidor preferia ficar passando calor a ser visto dirigindo um carro com um buraco no teto para “deixar os chifres de fora”. O voo corujão era perfeito, especialmente na época em que não havia Piaçaguera e, para chegar ao Guarujá de carro na alta temporada, o motorista tinha que enfrentar horas de fila na balsa. Mas era melhor demorar oito ou dez horas de carro do que ir de avião, em meia hora, num voo chamado “Cornudão”...

Com o comercial do Gérson foi a mesma coisa. Levar vantagem em tudo não significa que os outros têm que levar desvantagem. O oportunismo foi incorporado à frase por quem a leu/ouviu, não por quem a escreveu/disse.

O problema é que passou a ficar (para usar um conceito atual) “politicamente incorreto” levar vantagem em alguma coisa.

- 55 Na verdade, parece que nossa sociedade se divide em dois grandes blocos: um que leva vantagem em tudo (no sentido pejorativo) e outro que não pode levar vantagem em nada. Acontece que dá para levar vantagem em tudo sem fazer com que os outros saiam em desvantagem. Você não precisa esmagar a outra parte para sair ganhando.

(http://www.geocities.ws/cp_adhemar/leidegerson.html.)

Acesso em: 10 abril 2017. Texto revisado conforme a nova ortografia.)

49. **AFA-SP 2022** Assinale a alternativa cuja substituição do pronome grifado por outra estrutura linguística está INCORRETA:

- a) “...neste estado de atraso econômico e cultural em que vivemos.” (l. 9 e 10) => neste estado de atraso econômico e cultural onde vivemos.
- b) “...percebe-se que há quase duzentos anos atrás essa lei já era cumprida” (l. 13 e 14) => percebe-se que, há quase duzentos anos, tal lei já era cumprida.
- c) “...para atender aos executivos que deixavam suas famílias no balneário...” (l. 31 e 32 => para atender aos executivos que deixavam as famílias deles no balneário.
- d) “Com o comercial do Gérson foi a mesma coisa.” (l. 48) => Com o comercial do Gérson foi idêntico.

50. **AFA-SP 2022** Levando em consideração que anáfora é uma palavra ou expressão que retoma um termo explícito ou implícito no texto, assinale a opção cujo termo sublinhado **NÃO** retoma anaforicamente a(s) palavra(s) indicada(s).

- a) “...a VW tinha introduzido o teto solar baseado no fato do Brasil ser um país quente e ensolarado, perfeito para aquele opcional.” (l. 38 a 40) => teto solar
- b) “A VASP teve que cancelar a linha por falta de passageiros.” (l. 37) => voo
- c) “Mas acho muito improvável que o Gérson real seja um oportunista sanguíneo como ficou sendo a sua imagem.” (l. 22 e 23) => oportunista sanguíneo
- d) “O voo corujão era perfeito, especialmente na época em que não havia a Piaçaguera...” (l. 42 a 44) => época

51. Leia os enunciados a seguir e assinale a alternativa incorreta quanto ao uso pronominal de acordo com a norma-padrão.

- a) Não contar-te-ei o segredo.
- b) Me dê um abraço.
- c) Peça que me respeite.
- d) Ouça-me por favor.

52. A respeito da colocação pronominal, assinale a alternativa que não atende à norma-padrão.

- a) Não **se** devem exigir dos pais atitudes que contrariam sua ideologia.
- b) Isso é certo, porque, assim, ele **se** tornará um profissional desacreditado.
- c) A não ser dessa forma, servir-**nos**-á de nada termos nossos representantes na empresa.
- d) Essas reflexões nunca encontram-**se** escritas nos regimes internos.
- e) Mas é nas ações cotidianas que **se** expressam e que **se** consolidam os valores do ser humano.

53. IFSP 2017 De acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa e com a gramática normativa e tradicional, quanto à colocação pronominal, assinale a alternativa correta.

- a) Espero que Milton nunca esqueça-se de mim. d) Em tratando-se de informática, Lucas é o melhor.
b) Não me diga que Jorge faltou hoje. e) Foi Ronaldo quem ensinou-me matemática.
c) Tudo incomoda-me em você.

54. Observe a capa do livro a seguir.



O uso da ênclise em “beije-me” está de acordo com a norma-padrão? Justifique.

Texto complementar

Gripe tem tamanho?

O diminutivo é uma maneira ao mesmo tempo afetuosa e precavida de usar a linguagem. Afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável, aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, por sua forma original, são ameaçadoras demais.

(Luís Fernando Veríssimo, Diminutivos)

Quem acompanha o debate político nacional, vez ou outra depara-se com um recurso argumentativo aparentemente simples, mas bastante produtivo: a flexão de grau. Entre “rachadinhas” e “mensalões”, “marolinhas” e “gripezinhas”, os atores políticos (seja da política institucional, seja da imprensa) se valem de uma conhecida metáfora conceitual: tamanho é importância.

Metáforas conceituais

A publicação, na década de 1980, do monumental **Metáforas da vida cotidiana**, obra dos norte-americanos George Lakoff e Mark Johnson, deu nova e mais elevada dimensão ao estudo das metáforas. Nessa perspectiva cognitivista, a metáfora deixa de ser apenas uma figura de linguagem – estudada nos manuais de estilo ou de teoria literária – para tornar-se um processo estruturador da linguagem. A metáfora estaria no dia a dia, nos pensamentos e ações, o que mostraria o fato de que o sistema conceptual do ser humano é fundamentalmente metafórico por natureza.

Os reflexos desse sistema conceptual na linguagem são manifestados nas “metáforas conceptuais”. Entre outras, Lakoff e Johnson propõem, por exemplo, a metáfora “uma discussão é uma guerra”. Segundo eles, em nossa cultura, o conceito discussão tem como base o conceito guerra. Em uma discussão, os debatedores ocupam dois lados opostos (como fariam dois exércitos), para defender sua posição e atacar a posição adversária (como as tropas em combate). Nossa forma ordinária de conceber uma discussão é essa, ou seja, aqui a metáfora não é um procedimento retórico, para conferir maior expressividade ao texto, mas um processo linguístico-cognitivo relacionado à própria compreensão da realidade.

Com esse e outros exemplos, linguistas cognitivistas vêm mostrando que vivemos de acordo com as metáforas que existem na nossa cultura. Não temos escolha: fazer parte da sociedade, interagir, ser entendidos, entender o mundo, pressupõe esse olhar “metafórico” sobre a realidade. O signo linguístico é sempre perspectivado de alguma maneira.

Tamanho é documento

Nessa rede metafórica básica, universal, o discurso político parece plasmar um universal cognitivo interessante, a metáfora de que tamanho implica importância (tamanho – importância). Segundo essa concepção, aquilo que é literalmente maior, que atinge posições superiores, teria valor positivo; o que é menor, portanto, seria inferior (convém lembrar que essa é uma das metáforas relacionadas a tamanho, não a única: em outros contextos, o pequeno é visto como delicado e afetuoso).

Assim, a flexão de grau dos substantivos em língua portuguesa, nessa esfera de atuação, parece dizer muito: para atribuir grande valorização, teríamos “mensalão” e “petrolão”; para diminuir o valor, “marolinha”, “rachadinha” e o atualíssimo “gripezinha”.

De “gripezinha” e “resfriadozinho”, o ator político mais recente a dar exemplos sobre o assunto foi o presidente Jair Bolsonaro, referindo-se à COVID-19: “Não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar”. O sufixo zinho/zinha, que faculta o grau diminutivo sintético, mostra-se como expressivo recurso linguístico para expressar modalidade.

Em uma perspectiva cognitivista, pode-se afirmar o seguinte: de um lado, a gripe não tem uma materialidade física, portanto não tem literalmente um tamanho; de outro, o enunciador pode qualificá-la metaforicamente como pequena, com base na ideia de que “tamanho é importância”. Assim, na tentativa de minimizar os efeitos do novo vírus, ou simplesmente desprezá-los, o mandatário se vale de uma metáfora conceptual.

[...]

Grau de pragmatismo

Embora a marcação de grau seja polissêmica no português brasileiro, seu uso no discurso político parece pautar-se em uma manifestação regular: a metáfora primária “tamanho é importância”. Aumentativos como “mensalão” e diminutivos como “marolinha” são recursos sintéticos e expressivos para manifestar opinião e explicitar posicionamento no debate público.

MÓDOLO, Marcelo; BRAGA, Henrique. Gripe tem tamanho? *Jornal da USP*, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/gripe-tem-tamanho/>. Acesso em: 11 ago. 2022.

Resumindo

- O **sintagma nominal** é uma unidade significativa da oração cujo núcleo é um nome.
- Os substantivos ocupam o núcleo do sintagma nominal; os adjetivos funcionam como modificadores; e os artigos, numerais e pronomes atuam como especificadores.
- **Substantivos** são palavras que designam os nomes de seres, objetos, sentimentos, ideias, lugares e ações.
- **Adjetivos** são palavras ligadas ao substantivo que modificam seu sentido, acrescentando a ele uma qualificação.
- A posição do adjetivo (antes ou após o substantivo) pode alterar o sentido do texto. Ex.: “amigo velho” – “velho amigo”.
- Quanto ao sentido, os substantivos podem ser concretos ou abstratos; comuns ou próprios; e coletivos.
- Quanto à forma, os substantivos podem ser simples ou compostos; primitivos ou derivados.
- Não se deve confundir sexo (masculino e feminino) com gênero gramatical, pois este se refere ao sistema linguístico e é uma convenção social.
- Os substantivos podem ser flexionados em gênero (masculino e feminino), número (singular e plural) e tamanho (diminutivo e aumentativo).
- Os adjetivos concordam com os substantivos e variam em gênero (masculino e feminino), número (singular e plural) e grau (comparativo e superlativo).
- O uso do diminutivo em substantivos pode indicar afeto (ex.: “Vem no colo, filhinha”) ou desdém (ex.: “Tinha que ser esse ‘doutorzinho...’”).
- Os **artigos** têm a função de especificar os substantivos, determinando-os ou indeterminando-os. São classificados em definidos ou indefinidos e podem variar em gênero e número.
- A presença do artigo permite substantivar a palavra que o acompanha, ou seja, mesmo que pertença a outra classe gramatical, uma palavra pode se tornar um substantivo se o artigo a anteceder. Exs.: O cantar dos pássaros; o verde das matas.
- **Numeral** tem a função de quantificar o substantivo a que faz referência. Os numerais são classificados em cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.
- Número e numeral indicam quantidade, mas o primeiro refere-se ao registro por meio de algarismos, e o último, por meio de palavras.
- Existem algumas expressões populares em que o numeral não é usado como indicador de quantidade, mas em seu sentido figurado. Ex.: Sou um aluno nota 10 (sou um aluno muito bom).
- **Pronomes** são palavras que substituem ou acompanham outras palavras (como substantivos), demarcando as pessoas do discurso ou retomando palavras, expressões ou assuntos já mencionados.
- Há uma grande variedade de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos.
- Pronome pessoal: indica as pessoas do discurso: quem fala, com quem se fala, de quem se fala. Pode ser classificado em: do caso reto e do caso oblíquo (átomos e tônicos).
- Pronome possessivo: indica relação de posse entre duas palavras do enunciado.
- Pronome demonstrativo: situa o substantivo em relação às pessoas do discurso, evidenciando a proximidade do referente – no tempo, no espaço, no texto – em relação às pessoas do discurso.
- Pronome indefinido: indica uma referência genérica a alguma forma nominal, evidenciando uma informação indeterminada em relação ao substantivo a que se refere.
- Pronome interrogativo: indica um termo utilizado para introduzir uma pergunta.
- Pronome relativo: refere-se à retomada de elementos já mencionados no texto. Ele pode ser invariável ou variável (singular/plural; masculino/feminino).
- Algumas palavras podem mudar de classe morfológica quando analisadas dentro do seu contexto de uso.
- As regras de colocação pronominal são convenções sociais.
- A ênclise (pronome após o verbo) é o uso mais comum no português brasileiro, seguido pela próclise (pronome antes do verbo) e, por fim, a mesóclise (pronome no meio do verbo).

Quer saber mais?



Músicas

“O pulso”, de **Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Tony Bellotto**. Disponível em: <https://youtu.be/WSvX8VShcVs>. Acesso em: 11 ago. 2022.

A letra da canção é construída a partir de substantivos que remetem a vários tipos de doença. Essa enumeração, porém, contrapõe-se ao refrão “O pulso ainda pulsa”, evidenciando um paradoxo da existência humana.

“Cuida bem dela”, de **Marília Mendonça, Maraísa, Juliano Tchula e Daniel Rangel**. Disponível em: <https://youtu.be/JBz7QSJInm4>. Acesso em: 11 ago. 2022.

A canção sertaneja, gravada por Henrique e Juliano, apresenta um uso fora do padrão do pronome pessoal do caso reto “ela” no verso “Faça ela feliz”. Apesar disso,

observa-se que há uma intencionalidade por traz desse uso: tanto para adequação sonora (já que “faça-a feliz” seria acusticamente ruim), quanto para adequação comunicativa, afinal, a “conversa” apresentada na canção representa um conselho, e, nestas situações, fazemos uso da linguagem informal.



Livro

Lições de gramática em versos de cordel, de **Janduhi Dantas**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Com versos e rimas, a obra apresenta de maneira descontraída regras do português fazendo uso da vasta cultura dos cordéis nordestinos.

Exercícios complementares

- Assinale a alternativa na qual o termo destacado exerce a função de adjetivo.
 - Senhor** diretor, queremos tratar de um assunto sério.
 - Graças aos esforços dos profissionais, **a empresa** foi premiada.
 - Diante de uma pandemia que se instalou, mais de **um milhão** de casos foram constatados.
 - A forma negativa com que muitos reagem àqueles que **têm doenças** de pele chama a atenção.
 - Enquanto vacina e **cura** ainda estão fora do horizonte, o Brasil segue seu caminho.

2. Unicamp-SP 2021

Texto 1

O dilema das redes (2020) aborda um dilema comum em documentários desse tipo. É, sem dúvida, importante a denúncia vinda dos empresários desse setor que lucraram muito com a criação de empresas digitais que monopolizam as redes: a revelação de seu funcionamento, de seus preocupantes efeitos sobre as pessoas e de sua perniciosa influência em processos políticos – uma espécie de crise de consciência. Contudo, eles parecem não entender exatamente que são eles os protagonistas. Empenhados em desenvolver uma “ferramenta” capaz de integrar as pessoas, viram-se enredados nessa rede cuja finalidade era prender a atenção e servir de plataforma de *marketing*.

Ora, é evidente que são empresas que querem lucros, portanto, não são exatamente “ferramentas”. O documentário afasta a resposta simples de que o produto que vendem são os dados capturados por essas plataformas. Elas funcionam mapeando comportamentos e padrões de modo a dirigir a oferta do produto com um alto grau de certeza de consumo. E é aqui que a discussão fica interessante: qual é, afinal, o produto? A resposta do documentário é simples: nós.

Texto 2



[Sabe...Eu acho que o dilema não é a rede... mas o pescador!!!]

(Adaptado de Mauro Iasi, O dilema do dilema das redes: a internet é o ópio do povo. Blog da Boitempo. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/o-dilema-do-dilema-das-redes-a-internet-e-o-opio-do-povo/>. Acessado em 10/10/2020.)

O século XX viu essas trevas ocuparem o centro da cena mundial e enterrou para sempre a ideia de que o progresso da civilização iria nos livrar de nossas fraquezas e defeitos.

O século da técnica e dos avanços espetaculares da ciência foi também o século dos massacres e do aparecimento da morte em escala industrial. Tudo se passa como se a partir de agora não pudéssemos mais esquecer da besta, que Pico della Mirandola via como uma das possibilidades de nossa natureza. O monstro, que rondava a razão, e que por tanto tempo pareceu poder ser por ela derrotado, aproveitou-se de muitas de suas conquistas para criar uma nova identidade, que nos obriga a conviver com a barbárie no seio mesmo de sociedades que tanto contribuíram para criar a imagem iluminada do Ocidente.

(Adauto Novaes (org.). *Mutações*, 2008. Adaptado.)

Está empregado em sentido figurado o termo que qualifica o substantivo na expressão

- a) “sociedades modernas” (2º parágrafo).
- b) “lado escuro” (2º parágrafo).
- c) “escala industrial” (3º parágrafo).
- d) “famosa asserção” (1º parágrafo).
- e) “forças transcendentais” (2º parágrafo).

7. IFFar-RS 2019

Em Dobro

Sabe aquele mendigo bem mendigo? Ele era assim. Um mendigo grisalho. Daqueles que só têm cobertores esfarrapados e falas desconexas. Ou tão conexas, que a gente não entende. Encostado numa parede, perto do Mercado Central de Belo Horizonte, ele via o vaivém. Na mesma calçada que era varrida pela gari. Baganas de cigarro, pedaços de papel, folhas, poeira. Uniforme e cabelo preso. Os turistas e os locais passando de lá para cá na correria da sexta-feira de Copa do Mundo. O mendigo a mendigar. A gari a varrer.

O mendigo ali, vendo a gari. Ficou olhando para ela, olhando o movimento rápido e ensaiado da vassoura. Foi quando tirou do bolso uma nota amassada de cinco reais e estendeu ao ar. “Pegue, pegue.”, foi o que ele disse. A gari sorriu e, com educação, recusou. “Vá lá. Dê uma paradinha e tome um guaraná”. O mendigo insistiu. A gari encolheu os ombros como quem diz “fazer o quê?” e pegou a nota. Agradeceu rindo, meio constrangida.

Uma turista passava por ali. Viu e ouviu. Se comoveu com a bondade do mendigo, com seu desapego pelo que não tem. O mendigo viu a gari suando no sol da tarde. Quis fazê-la um pouco feliz. Não havia segundas intenções que pudessem macular a pureza da cena. A bondade verdadeira não quer nada em troca. A bondade não é esmola. É doação.

Fonte: MILMAN, Tulio. *Em dobro*. *Jornal Zero Hora*, edição de 30/06/14, p.2.

Nas gramáticas se encontra a informação de que há substantivos chamados comum de dois, sem distinção formal de masculino/feminino, por isso a identificação do gênero é feita pelo artigo ou outro determinativo que acompanha o substantivo. Assim **a gari** (l. 10),

é feminino ao passo que **o gari** é a ocorrência do mesmo substantivo no masculino.

Esse mesmo mecanismo ocorre com

- a) mendigo (l. 1).
- b) calçada (l. 6).
- c) bolso (l. 13).
- d) guaraná (l. 16).
- e) turista (l. 20).

8. IFMS 2019

Leia a seguir a Canção de Geraldo Roca e Paulo Simões para responder à questão.

Trem do Pantanal

Enquanto este velho trem atravessa o pantanal
As estrelas do cruzeiro fazem um sinal
De que este é o melhor caminho
Pra quem é como eu, mais um fugitivo da guerra
Enquanto este velho trem atravessa o pantanal
O povo lá em casa espera que eu mande um postal
Dizendo que eu estou muito bem vivo
Rumo a Santa Cruz de La Sierra

Enquanto este velho trem atravessa o pantanal
Só meu coração está batendo desigual
Ele agora sabe que o medo viaja também
Sobre todos os trilhos da terra

(Disponível em: <https://www.cifrasdeviola.com.br/musica/trem-do-pantanal>. Acesso em: 28 de set. 2018.)

Assinale a alternativa que apresenta APENAS substantivos.

- a) trem – pantanal – estrelas – melhor.
- b) caminho – velho – guerra – muito.
- c) espera – muito – trilhos – viaja.
- d) trem – guerra – trilhos – estrelas.
- e) pantanal – estrelas – dizendo – caminho

9. UFBA 2013 (Adapt.)

Mattoso Câmara Jr. afirma que todos os substantivos da língua portuguesa pertencem a um gênero, mas há casos em que o gênero é determinado pelo contexto sintático em que o substantivo se encontra, como ocorre em *vítima*, *criança*, *tartaruga* e *carrasco*. A afirmação é verdadeira ou falsa? Justifique.

10. Fuvest-SP 2021 (Adapt.)

O texto a seguir é fragmento de um artigo de divulgação científica.

A preferência pela mão esquerda ou direita provavelmente é resultado de um processo complexo, que envolve fatores genéticos e ambientais. O novo estudo, fruto de uma colaboração internacional, é a maior análise genética focada em canhotos da história: utilizou dados de 1,7 milhão de pessoas, extraídos de bancos como o UK Biobank e a empresa privada 23andMe. Comparando os genomas de destros, canhotos e ambidestros, a equipe descobriu que há 41 pares de bases ligados às chances de uma pessoa ser canhota, e sete relacionados a ambidestros. Um “par de bases” é, grosso modo, uma letra do DNA (A, T, C ou G). Cada gene contém as instruções para fabricar uma proteína. Uma mudança em uma única letra do

gene é capaz de mudar a sequência de tijolinhos que constroem essa proteína, e, por tabela, sua função. Ou seja: o que os geneticistas encontraram foram 41 letrinhas de DNA que aparecem só em pessoas canhotas. Daí até saber o que exatamente essas letrinhas mudam é outra história.

B. Carbinatto, “Estudo identifica 41 variações no genoma associadas a pessoas canhotas”. Adaptado.

Quais os sentidos, no texto, gerados pelo emprego do diminutivo nas palavras “letrinha(s)” e “tijolinhos”? Explique.

11. IFT-TO 2018

Eu te amo

(Geraldo Carneiro)

Sempre me perguntei quando é que a expressão eu te amo começou a ser usada aqui no Brasil. Não me lembro de ter lido a frase nos clássicos portugueses, nem em Machado de Assis, nem nos modernistas paulistanos. Repeti a pergunta a minha querida Nélida Piñon, e ela, com sua autoridade literária, confirmou que o eu te amo é uma expressão recente entre nós.

Sem dúvida houve a influência do cinema americano. Noel Rosa já reclamava disso nos anos 30: “Amor lá no morro é amor pra chuchu / A gíria do samba não tem *I love you*.”

Na minha infância, nos anos 50, nunca ouvi meu pai dizendo eu te amo à minha mãe, nem minha mãe dizendo eu te amo a meu pai, nem a nós, seus filhos. Talvez naquele tempo o amor fosse mais recatado. Embora grande, o amor era sagrado, secreto, subjacente, não precisava que a gente se declarasse o tempo todo.

Me lembro, por exemplo, da música *A Noite do meu bem*, de Dolores Duran. Eu ainda não sabia o que era o amor, mas essa canção me deixava comovido como o diabo, como dizia o Drummond. Aliás, “meu bem” rolava muito lá em casa.

O principal responsável pela introdução do eu te amo no Brasil talvez tenha sido o poeta Vinicius de Moraes. Ele escreveu:

Amo-te tanto, meu amor... não cante
O humano coração com mais verdade...
Amo-te como amigo e como amante
Numa sempre diversa realidade

Amo-te afim, de um calmo amor prestante,
E te amo além, presente na saudade.
Amo-te, enfim, com grande liberdade
Dentro da eternidade e a cada instante.

Amo-te como um bicho, simplesmente,
De um amor sem mistério e sem virtude
Com um desejo maciço e permanente.

E de te amar assim muito e amiúde,
É que um dia em teu corpo de repente
Hei de morrer de amar mais do que pude.

Eu sei que “amo-te” não é igual a “eu te amo”. A maneira de falar, a sintaxe ainda é meio lusitana. Mas na canção “Por toda a minha vida”, com música de Tom Jobim, Vinicius escreveu: “Eu te amo e te proclamo / o meu amor, o meu amor.”

Agora, para aclarar as minhas trevas, saiu pela Companhia das Letras uma coletânea de textos de Vinicius, “Todo amor”, organizada por Eucanaã Ferraz. Uma reunião de algumas das mais belas palavras de amor no Brasil do século XX. Porque foi Vinicius quem mais praticou e falou sobre a arte de amar por aqui.

Às folhas tantas deste livro me deparo com uma carta do poeta para Beatriz de Moraes, com quem ele havia acabado de se casar pelo correio, por procuração. A carta é de 1938, quando o poeta estava em Oxford, usufruindo de uma bolsa de estudos. E depois de declarar a sua amada que “tu és minha vida, meu tudo [...] Eu sou teu escravo, teu criado, tua cria e tu és a minha namorada ilícita e esposa amantíssima [...]”, Vinicius arremata: “E te amo tanto que às vezes fico com vontade de dar urros de amor.”

É o primeiro te amo por escrito que eu conheço.

Dirá você que, no século XXI, as palavras de amor perderam muito prestígio. Serei forçado a concordar. Hoje todo o mundo diz que ama todo o mundo. Mas as pessoas, felizmente, continuam se amando. E basta que se leia a poesia de Vinicius para que as palavras ganhem de novo seu frescor original. A poesia sempre renasce. Haverá sempre um novo Romeu da Ilha do Governador que dirá, como se fosse a primeira vez, ao pé da janela de sua Julieta pós-moderna: eu te amo.

Disponível em: <http://www.academia.org.br/artigos/eu-te-amo>.

No decorrer do texto, pode-se perceber construções como “sempre me perguntei”, “não me lembro”, “essa canção me deixava”, em que o pronome oblíquo átono é posicionado antes do verbo. Sobre a sintaxe da Língua Portuguesa brasileira, analise os itens e, em seguida, marque a alternativa **correta**.

- I. A norma-padrão escrita brasileira admite o uso do pronome oblíquo átono antes do verbo.
 - II. A norma-padrão escrita brasileira condena o uso do pronome oblíquo átono em início de frases.
 - III. A norma-padrão escrita brasileira condena o uso do pronome oblíquo átono antes do verbo.
- a) Apenas o item III está correto.
 - b) Apenas o item II está correto.
 - c) Apenas o item I está correto.
 - d) Estão corretos somente os itens I e II.
 - e) Estão corretos somente os itens II e III.

12. **Famerp-SP 2021** Leia o trecho do livro *O mundo assombrado pelos demônios*, de Carl Sagan, publicado originalmente em 1995.

A ciência e a tecnologia não são apenas **cornucópias**¹ despejando dádivas sobre o mundo. Os cientistas não só conceberam as armas nucleares; eles também pegaram os líderes políticos pela lapela, argumentando que a sua nação tinha que ser a primeira a fabricar uma dessas armas.

E assim eles produziram mais de 60 mil armas nucleares. Durante a Guerra Fria, os cientistas nos Estados Unidos, na União Soviética, na China e em outras nações estavam dispostos a expor os seus contêrreos à radiação – na maioria dos casos, sem o conhecimento deles – a fim de se preparar para a guerra nuclear.

A nossa tecnologia produziu a talidomida, os CFCs, o agente laranja, os gases que atacam o sistema nervoso, a poluição do ar e da água, as extinções de espécies, e indústrias tão poderosas que podem arruinar o clima do planeta. Aproximadamente metade dos cientistas na Terra dedica parte de seu tempo de trabalho para fins militares.

Embora alguns cientistas ainda sejam vistos como estranhos ao sistema, criticando corajosamente os males da sociedade e dando os primeiros avisos sobre catástrofes tecnológicas potenciais, muitos são considerados oportunistas submissos ou uma fonte complacente de lucros empresariais e de armas de destruição em massa – não importa quais sejam as consequências a longo prazo.

Os perigos tecnológicos que a ciência apresenta, seu desafio implícito ao conhecimento recebido e sua visível dificuldade são razões para que as pessoas, desconfiadas, a evitem. Existe uma *razão* para as pessoas ficarem nervosas a respeito da ciência e da tecnologia.

(*O mundo assombrado pelos demônios*, 2006. Adaptado.)

¹cornucópia: vaso em forma de chifre, com frutas e flores que dele extravasam profusamente; antigo símbolo da fertilidade, riqueza, abundância.

Retoma um termo mencionado anteriormente no texto a palavra sublinhada em:

- a) “Os perigos tecnológicos que **a** ciência apresenta, seu desafio implícito ao conhecimento recebido e sua visível dificuldade são razões para que as pessoas, desconfiadas, a evitem.”
- b) “Os perigos tecnológicos que a ciência apresenta, seu desafio implícito ao conhecimento recebido e sua visível dificuldade são razões para que as pessoas, desconfiadas, **a** evitem.”
- c) “Os cientistas não só conceberam as armas nucleares; eles também pegaram os líderes políticos pela lapela, argumentando que a *sua* nação tinha que ser a primeira **a** fabricar uma dessas armas.”
- d) “Existe uma *razão* para as pessoas ficarem nervosas **a** respeito da ciência e da tecnologia.”
- e) “Os cientistas não só conceberam **as** armas nucleares; eles também pegaram os líderes políticos pela lapela, argumentando que a *sua* nação tinha que ser a primeira a fabricar uma dessas armas.”

13. FICSAE-MG Leia o poema de Fernando Pessoa para responder à questão

As rosas amo dos jardins de **Adônis**¹,
Essas **volucres**² amo, Lídia, rosas,
Que em o dia em que nascem,
Em esse dia morrem.
A luz para elas é eterna, porque
Nascem nascido já o sol, e acabam
Antes que **Apolo**³ deixe
O seu curso visível.
Assim façamos nossa vida um dia,

Inscientes⁴, Lídia, voluntariamente
Que há noite antes e após
O pouco que duramos.

(*Obra poética*, 1997.)

¹Adônis: na mitologia grega, um jovem de notável beleza, o favorito da deusa Afrodite.

²volucres: efêmero, transitório.

³Apolo: na mitologia grega, o deus do Sol.

⁴insciente: não ciente, ignorante.

Em “Que em o dia em que nascem,” (terceiro verso), os termos sublinhados referem-se, respectivamente, a

- a) “jardins” e “rosas”.
- b) “rosas” e “rosas”.
- c) “rosas” e “dia”.
- d) “jardins” e “dia”.

14. FMSCSP 2021 Leia o trecho de **Raízes do Brasil**, de Sérgio Buarque de Holanda, para responder à questão.

Nas formas de vida coletiva podem assinalar-se dois princípios que se combatem e regulam diversamente as atividades dos homens. Esses dois princípios encarnam-se nos tipos do aventureiro e do trabalhador. Já nas sociedades rudimentares manifestam-se eles, segundo sua predominância, na distinção fundamental entre os povos caçadores ou coletores e os povos lavradores. Para uns, o objeto final, a mira de todo esforço, o ponto de chegada, assume relevância tão capital, que chega a dispensar, por secundários, quase supérfluos, todos os processos intermediários. Seu ideal será colher o fruto sem plantar a árvore.

Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que se **erija**¹ um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, do horizontes distantes.

O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de desperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante, tem sentido bem nítido para ele. Seu campo visual é naturalmente restrito. A parte maior do que o todo.

Existe uma ética do trabalho, como existe uma ética da aventura. Assim, o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar, e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro – audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem. Por outro lado, as energias e esforços que se dirigem a uma recompensa imediata são enaltecidos pelos aventureiros; as energias que visam à estabilidade, à paz, à segurança pessoal e os esforços sem perspectiva de rápido proveito material passam, ao contrário, por viciosos e desprezíveis para eles. Nada lhes parece mais estúpido e mesquinho do que o ideal do trabalhador.

(*Raízes do Brasil*, 2014. Adaptado.)

¹erigir: erguer.

O sentido do termo que qualifica o substantivo na expressão “generosa amplitude” (2º parágrafo) aproxima-se daquele que também qualifica o substantivo em

- a) “processos intermediários” (1º parágrafo).
- b) “esforço lento” (3º parágrafo).
- c) “projetos vastos” (2º parágrafo).
- d) “distinção fundamental” (1º parágrafo).
- e) “máximo proveito” (3º parágrafo).

15. O artigo (definido ou indefinido) pode substantivar qualquer palavra; ou seja, transformá-la em substantivo. Indique a opção em que o artigo tem essa função.

- a) A cantora atrasou a apresentação.
- b) As mulheres cantam muito bem.
- c) Não gosto de receber um não como resposta.
- d) Todas as músicas foram tocadas na festa.
- e) Marina Lima tem um repertório excelente.

16. Leia a manchete a seguir.

Motorista muda rota do ônibus para ajudar passageira cadeirante

OLIVEIRA, Rinaldo de. *Só Notícia Boa*, 6 jul. 2021.

No trecho “rota do ônibus” é possível observar a contração da preposição “de” e do artigo “o”, formando a palavra “do”. Explique que diferença há entre essa forma e o uso apenas da preposição “de”, se na manchete tivesse sido escrito “rota de ônibus”.

17. UEM/PAS-PR 2020

Zoom

(Antonio Prata)

Uma reunião por computador é paradoxalmente mais distante e mais próxima do que um encontro presencial. Mais distante por razões óbvias: as pessoas estão reduzidas a duas dimensões, presas em quadradinhos numa tela. Por

5 outro lado, somos brindados com uma pequena moldura de intimidade alheia que não seria revelada em torno da mesa de um escritório.

Vemos a sala ou o quarto dos outros. A estante de livros. Vejo uma boina pendurada no cabide de um colega de trabalho que eu julgava discreto e austero. Em que ocasião ele usa essa boina? Será que meu colega não é careta e austero coisa nenhuma e aos domingos veste a boina, acende um cachimbo e pinta telas com nus gigantes?

10 Além da moldura domiciliar, há mais intimidade no Zoom pela liberdade de olharmos para onde quisermos. Numa conversa presencial, devemos manter os olhos colados nos olhos de quem fala. Numa reunião via Zoom com 30 pessoas a gente pode escolher qualquer dos quadradinhos e ficar ali examinando o infeliz, reparando em

15 suas orelhas, seus olhos, suas expressões. (Faça isso presencialmente e você vai soar como tarado ou *serial killer*. Ou *serial killer* tarado.)

20 Com algumas semanas de quarentena, a escola dos meus filhos mandou as instruções de como seriam as “aulas” dali em diante. Receberíamos apostilas e lições por *e-mail* e algumas aulas seriam dadas *on-line*, a cada semana, via Google Meet. Imaginei que as aulas *on-line* não seriam problema, as crianças de cinco

e seis anos adorariam ver a professora e os colegas, mas que eu teria dificuldade de colocá-los para fazer a lição de casa.

30 Estava completamente equivocado. Os dois fazem páginas e páginas de contas de mais e de menos e preenchem toda a apostila de português sem problema, mas

35 quase sempre se recusam a entrar na aula *on-line*.

Li no *New York Times* uma matéria que me trouxe hipóteses sobre as dificuldades dos meus filhos. O texto falava da importância que damos em nossas interações sociais, às imediatas respostas faciais e corporais das outras

40 pessoas. A cada instante vamos moldando nosso discurso pelos sorrisos, sobrancelhas arqueadas ou braços cruzados dos nossos interlocutores.

Numa reunião *on-line* cada um tem uma qualidade de conexão diferente e as reações chegam embaralhadas,

45 às vezes com vários segundos de atraso. Ficamos sem um *feedback* confiável sobre como estão recebendo nossas informações.

É por isso, aliás, que a gente se atropela tanto numa reunião *on-line*. Ao vivo, sabemos interpretar perfeitamente o fluxo da conversa. Lemos no outro a antecipação de uma pausa, num outro, ainda, a disposição para a briga. Uma conversa de várias pessoas é uma sinfonia emocional cuja partitura a seleção natural nos moldou, por milhares de anos, para ler. Na reunião *on-line*, cada um segue um

50 **metrônomo** diferente.

Para as crianças, suponho, essa confusão é ainda mais desagradável. Elas estão aprendendo a interagir com os outros. As reações distintas passam a elas a mensagem de que não estão sendo ouvidas com interesse, de que estão sendo ignoradas ou mal interpretadas.

60 O medo da criança no Zoom é o mesmo medo do quarto escuro: ela preenche o que não consegue ver com as suas angústias. Os pequenos narcisos que ainda não conseguem enxergar direitos seus rostos refletidos no lago apavoram-se ao ver o reflexo ondulante, como se uma pedra tivesse sido atirada na água. E quem poderá afirmar que não foi?

(Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/amp/colunas/antonioprata/2020/06/zoom.shtml>. Acesso em: 7. dez. 2020.)

metrônomo: instrumento para medir o tempo e marcar o compasso das composições musicais.

Assinale o que for correto.

- 01 Em “Uma reunião por computador é paradoxalmente mais distante e mais próxima do que um encontro presencial.” (linhas 1 e 2), “Uma” e “um” são artigos indefinidos.
- 02 Em “Mais distante por razões óbvias: as pessoas estão reduzidas a duas dimensões” (linhas 3-4), “as” e “a” são artigos indefinidos.
- 04 Em “Numa conversa presencial, devemos manter os olhos colados nos olhos de quem fala.” (linhas 16-17), “Numa” é a contração da preposição “em” + o artigo indefinido “uma”.
- 08 Em “Os dois fazem páginas e páginas de contas de mais e de menos e preenchem toda a apostila de português sem problema, mas quase sempre se recusam a entrar na aula *on-line*.” (linhas 32 a 35), o “mas” estabelece relação semântica de adição.

16 Em “É por isso, aliás, que a gente se atropela tanto numa reunião *on-line*.” (linhas 47-48), o autor emprega o advérbio “aliás” como um operador argumentativo que reforça uma determinada conclusão.

Soma:

18. **Unifesp 2022** Para responder à questão, leia o trecho inicial de uma crônica de Machado de Assis, publicada originalmente em 17.07.1892.

Um dia desta semana, farto de vendavais, naufrágios, boatos, mentiras, polêmicas, farto de ver como se descompõem os homens, acionistas e diretores, importadores e industriais, farto de mim, de ti, de todos, de um tumulto sem vida, de um silêncio sem quietação, peguei de uma página de anúncios, e disse comigo:

— Eia, passemos em revista as procuras e ofertas, caixeiros desempregados, pianos, magnésias, sabonetes, oficiais de barbeiro, casas para alugar, amas de leite, cobradores, coqueluche, hipotecas, professores, tosses crônicas...

E o meu espírito, estendendo e juntando as mãos e os braços, como fazem os nadadores, que caem do alto, mergulhou por uma coluna abaixo. Quando voltou à tona, trazia entre os dedos esta pérola:

"Uma viúva interessante, distinta, de boa família e independente de meios, deseja encontrar por esposo um homem de meia-idade, sério, instruído, e também com meios de vida, que esteja como ela cansado de viver só; resposta por carta ao escritório desta folha, com as iniciais M.R...., anunciando, a fim de ser procurada essa carta.

"Gentil viúva, eu não sou o homem que procuras, mas desejava ver-te, ou, quando menos, possuir o teu retrato, porque tu não és qualquer pessoa, tu vales alguma coisa mais que o comum das mulheres. Ai de quem está só! dizem as sagradas letras, mas não foi a religião que te inspirou esse anúncio. Nem motivo teológico, nem metafísico. Positivo também não, porque o positivismo é infenso às segundas núpcias. Que foi então, senão a triste, longa e aborrecida experiência? Não queres amar; estás cansada de viver só.

E a cláusula de ser o esposo outro aborrecido, farto de solidão, mostra que tu não queres enganar, nem sacrificar ninguém. Ficam desde já excluídos os sonhadores, os que amem o mistério e procurem justamente esta ocasião de comprar um bilhete na loteria da vida. Que não pedes um diálogo de amor, é claro, desde que impões a cláusula da meia-idade, zona em que as paixões arrefecem, onde as flores vão perdendo a cor purpúrea e o viço eterno. Não há de ser um naufrago, à espera de uma tábua de salvação, pois que exiges que também possua. E há de ser instruído, para encher com as coisas do espírito as longas noites do coração, e contar (sem as mãos presas) a tomada de Constantinopla.

Viúva dos meus pecados, quem és tu que sabes tanto? O teu anúncio lembra a carta de certo capitão da guarda de Nero. Rico, interessante, aborrecido, como

tu, escreveu um dia ao grave Sêneca, perguntando-lhe como se havia de curar do tédio que sentia, e explicava-se por figura: “Não é a tempestade que me aflige, é o enjoo do mar”. Viúva minha, o que tu queres realmente, não é um marido, é um remédio contra o enjoo.

Vês que a travessia ainda é longa — porque a tua idade está entre trinta e dois e trinta e oito anos —, o mar é agitado, o navio joga muito; precisas de um preparado para matar esse mal cruel e indefinível. Não te contentas com o remédio de Sêneca, que era justamente a solidão, “a vida retirada, em que a alma acha todo o seu sossego”. Tu já provaste esse preparado; não te fez nada. Tentas outro; mas queres menos um companheiro que uma companhia.

(Machado de Assis. Crônicas escolhidas, 2013.)

Em “perguntando-lhe como se havia de curar do tédio que sentia” (7º parágrafo), os termos sublinhados referem-se, respectivamente,

- a) a Sêneca e a Nero.
- b) a Nero e ao capitão da guarda de Nero.
- c) ao capitão da guarda de Nero e a Sêneca.
- d) a Nero e a Sêneca.
- e) a Sêneca e ao capitão da guarda de Nero.

19. **IFSP 2013**

Benefício para a carreira

Enfrentar as dificuldades do dia a dia e solucionar os grandes problemas da companhia não são funções descritas em nenhum cargo, mas são importantes para quem deseja prosperar na carreira. O profissional que resolve problemas e ajuda as empresas a atingir resultados destaca-se, ganha reconhecimento e larga em vantagem na disputa por uma promoção. [...]

Não adianta ser um profissional com superpoderes que quer resolver tudo. Quem faz isso acaba sobrecarregado e entrega resultados inferiores ao desejado. Numa empresa, essa sobrecarga de tarefas poderia fazer com que clientes, uma hora, parassem de comprar os produtos. Na vida profissional, poderia resultar em uma demissão.

Assim como as organizações buscam **soluções inovadoras**, o profissional também pode encontrar caminhos para resolver problemas com maior facilidade. Não é um processo fácil. Muitas vezes é dolorido. Exige empenho por meio das conversas, a fim de entender os diferentes pontos de vista e enfrentamentos que acontecem. No entanto, sem esse embate, sem a disposição para a comunicação, é impossível resolver um problema.

(Lucas Rossi. *Você S/A*, edição 179, abril/2013. Adaptado)

Substituindo-se a informação destacada no trecho — ... as organizações buscam **soluções inovadoras**... — por um pronome correspondente, o resultado gramaticalmente correto é o seguinte:

- a) buscam-lhas.
- b) buscam-lhe.
- c) buscam-nas.
- d) buscam-las.
- e) buscam-as.

20. UPE 2021 “Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, ‘olhos de cigana oblíqua e dissimulada.’ Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira, eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra ideia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que... [...]”

E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica e é a soma das somas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... [...]”

ASSIS, Machado de. *D. Casmurro*. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 67; p. 232-233. Excertos.

Ao longo do primeiro parágrafo do texto, o tópico “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” é substituído por diferentes pronomes. Assinale, entre as alternativas abaixo, a única cujo pronome (destacado) **NÃO** substitui o referido tópico.

- a) [...] a definição que José Dias dera **deles** [...].
- b) [...] se nunca **os** vira [...].
- c) A demora da contemplação creio que **lhe** deu [...].
- d) [...] um pretexto para mirá-**los** [...].
- e) [...] enfiados **neles** [...].

21. Uece 2018

Exigências da vida moderna

Luís Fernando Veríssimo

Dizem que todos os dias você deve comer uma maçã por causa do ferro. E uma banana pelo potássio. E também uma laranja pela vitamina C.

Uma xícara de chá verde sem açúcar para prevenir 5 a diabetes.

Todos os dias deve-se tomar ao menos dois litros de água. E uriná-los, o que consome o dobro do tempo.

Todos os dias deve-se tomar um Yakult pelos lactobacilos (que ninguém sabe bem o que é, mas que aos bilhões, 10 ajudam a digestão).

Cada dia uma Aspirina, previne infarto.

Uma taça de vinho tinto também. Uma de vinho branco estabiliza o sistema nervoso.

Um copo de cerveja, para... não lembro bem para o 15 que, mas faz bem.

O benefício adicional é que se você tomar tudo isso ao mesmo tempo e tiver um derrame, nem vai perceber.

Todos os dias deve-se comer fibra. Muita, muitíssima fibra. Fibra suficiente para fazer um pulôver.

20 Você deve fazer entre quatro e seis refeições leves diariamente.

E nunca se esqueça de mastigar pelo menos cem vezes cada garfada. Só para comer, serão cerca de cinco horas do dia... E não esqueça de escovar os dentes depois de comer.

25 Ou seja, você tem que escovar os dentes depois da maçã, da banana, da laranja, das seis refeições e enquanto

tiver dentes, passar fio dental, massagear a gengiva, escovar a língua e bochechar com Plax.

Melhor, inclusive, ampliar o banheiro e aproveitar para 30 colocar um equipamento de som, porque entre a água, a fibra e os dentes, você vai passar ali várias horas por dia.

Há que se dormir oito horas por noite e trabalhar outras oito por dia, mais as cinco comendo são vinte e uma. Sobram três, desde que você não pegue trânsito.

35 As estatísticas comprovam que assistimos três horas de TV por dia. Menos você, porque todos os dias você vai caminhar ao menos meia hora (por experiência própria, após quinze minutos dê meia volta e comece a voltar, ou a meia hora vira uma).

40 E você deve cuidar das amizades, porque são como uma planta: devem ser regadas diariamente, o que me faz pensar em quem vai cuidar delas quando eu estiver viajando.

Deve-se estar bem informado também, lendo dois ou três jornais por dia para comparar as informações.

45 Ah! E o sexo! Todos os dias, tomando o cuidado de não se cair na rotina. Há que ser criativo, inovador para renovar a sedução.

Isso leva tempo – e nem estou falando de sexo tântrico.

Também precisa sobrar tempo para varrer, passar, lavar 50 roupa, pratos e espero que você não tenha um bichinho de estimação.

Na minha conta são 29 horas por dia. A única solução que me ocorre é fazer várias dessas coisas ao mesmo tempo!

Por exemplo, tomar banho frio com a boca aberta, 55 assim você toma água e escova os dentes.

Chame os amigos junto com os seus pais.

Beba o vinho, coma a maçã e a banana junto com a sua mulher... na sua cama.

Ainda bem que somos crescidinhos, senão ainda teria

60 um Danoninho e se sobrem 5 minutos, uma colherada de leite de magnésio.

Agora tenho que ir.

É o meio do dia, e depois da cerveja, do vinho e da maçã, tenho que ir ao banheiro. E já que vou, levo um 65 jornal... Tchau!

Viva a vida com bom humor!!!

VERÍSSIMO, Luís Fernando. Exigências da vida moderna. Disponível em: <http://www.refletirpararefletir.com.br/4-chronicas-de-luis-fernando-verissimo>. Acesso: 22.06.2018.

Assinale a opção em que os pronomes utilizados na crônica substituem, corretamente, as expressões em destaque.

- a) No enunciado “E uriná-**los**” (linha 7), o “los” retoma “todos os dias” (linha 6).
- b) No trecho “Beba o vinho, coma a maçã e a banana junto com a sua mulher... na **sua** cama” (linhas 57 e 58), o pronome possessivo em destaque faz referência a um “você”, leitor da crônica, a quem o cronista se dirige.
- c) O pronome “isso”, utilizado no trecho “**Isso** leva tempo” (linha 48), se refere à expressão “sexo tântrico” (linha 48).
- d) No enunciado “o que me faz pensar em quem vai cuidar **delas** quando eu estiver viajando” (linhas 41 e 42), o uso da forma pronominal “delas” está relacionado ao termo “planta” (linha 41).

22. UEMG 2019

Um cão, apenas

Subidos, de ânimo leve e descansado passo, os quaranta degraus do jardim – plantas em flor, de cada lado; borboletas incertas; salpicos de luz no granito –, eis-me no patamar. E a meus pés, no áspero capacho de coco, à frescura da cal do pórtico, um cãozinho triste interrompe o seu sono, levanta a cabeça e fita-me. É um triste cãozinho doente, com todo o corpo ferido; gastas, as mechas brancas do pelo; o olhar dorido e profundo, com esse lustro de lágrima que há nos olhos das pessoas muito idosas. Com um grande esforço acaba de levantar-se. Eu não lhe digo nada; não faço nenhum gesto. Envergonha-me haver interrompido o seu sono. Se ele estava feliz ali, eu não devia ter chegado. Já que lhe faltavam tantas coisas, que ao menos dormisse: também os animais devem esquecer, enquanto dormem...

Ele, porém, levantava-se e olhava-me. Levantava-se com a dificuldade dos enfermos graves: acomodando as patas da frente, o resto do corpo, sempre com os olhos em mim, como à espera de uma palavra ou de um gesto. Mas eu não o queria vexar nem oprimir. Gostaria de ocupar-me dele: chamar alguém, pedir-lhe que o examinasse, que receitasse, encaminhá-lo para um tratamento... Mas tudo é longe, meu Deus, tudo é tão longe. E era preciso passar. E ele estava na minha frente inábil, como envergonhado de se achar tão sujo e doente, com o envelhecido olhar numa espécie de súplica.

Até o fim da vida guardarei seu olhar no meu coração. Até o fim da vida sentirei esta humana infelicidade de nem sempre poder socorrer, neste complexo mundo dos homens. Então, o triste cãozinho reuniu todas as suas forças, atravessou o patamar, sem nenhuma dúvida sobre o caminho, como se fosse um visitante habitual, e começou a descer as escadas e as suas rampas, com as plantas em flor de cada lado, as borboletas incertas, salpicos de luz no granito, até o limiar da entrada. Passou por entre as grades do portão, prosseguiu para o lado esquerdo, desapareceu.

Ele ia descendo como um velhinho andrajoso, esfarrapado, de cabeça baixa, sem firmeza e sem destino. Era, no entanto, uma forma de vida. Uma criatura deste mundo de criaturas inumeráveis. Esteve ao meu alcance; talvez tivesse fome e sede: e eu nada fiz por ele; amei-o, apenas, com uma caridade inútil, sem qualquer expressão concreta. Deixei-o partir, assim humilhado, e tão digno, no entanto: como alguém que respeitosamente pede desculpas de ter ocupado um lugar que não era seu.

Depois pensei que todos nós somos, um dia, esse cãozinho triste, à sombra de uma porta. E há o dono da casa, e a escada que descemos, e a dignidade final da solidão.

(Cecília Meireles. *Janela mágica*. São Paulo: Moderna, 1988.)

Entre as palavras e expressões destacadas no texto, estão listadas abaixo aquelas que se referem ao cãozinho:

- I. “Eu não **lhe** digo nada [...]”.
- II. “Deixei-**o** partir, assim humilhado [...]”.
- III. “[...] **um cãozinho triste** interrompe **seu** sono [...]”.
- IV. “Até o fim da vida sentirei **esta humana infelicidade** [...]”.
- V. “Gostaria de ocupar-me **dele**: chamar alguém, pedir-**lhe** que o examinasse [...]”.

Os trechos em que as expressões negritadas referem-se apenas ao cãozinho são

- | | |
|-----------------|-----------------|
| a) I, II e III. | c) II, III e V. |
| b) I, II e IV. | d) II, IV e V. |

23. **Unicentro-PR 2017** Um humano sai em busca de um mamute, persegue-o durante o dia, arma a emboscada e, depois de inúmeras tentativas, consegue matá-lo e abocanhar seu quinhão de carne.

Em seguida, exausto, volta para casa com o firme propósito de deitar e rolar no tapete com o filho, contar historinhas repetitivas e ignorar a bronca merecida do pimpolho, pois, afinal, trata-se de um pai/mãe ausente o dia todo.

Antes de dormir, ainda se verá no espelho com um olhar de feroz reprovação pela falta de tempo e de pique para a ginástica, para o sexo e para a vida social.

Bem-vindo à geração cem por cento, que acredita que pode e deve dar conta de tudo e de fazer escolhas que não impliquem perdas. Uma aluna comentou esse fenômeno sabiamente: “Escolha sua perda!”. Sim, é disso que se trata.

Uma ínfima parcela da população pode se dar ao luxo de não ter que caçar seu mamute diariamente. Além disso, temos outras aspirações, que nos fazem mais do que caçadores, que nos fazem humanos.

Ainda assim, somos assombrados pela ideia de que nossos filhos serão traumatizados pela nossa ausência. Aqui funciona a lógica de que pai e mãe são oxigênio, de que qualquer outro adulto cuidando deles será fatal. [...]

Nossos filhos viverão em média 4 a 5 décadas mais do que nós – ou seja, os deixaremos órfãos, na melhor das hipóteses. Ausência fundamental que marca o sentido da parentalidade, pois acarreta criar sujeitos rumo à autonomia. [...]

Há, ainda, outras ausências, menos radicais do que a morte, com as quais devemos aprender a lidar. Ausentamo-nos trabalhando, amando outras pessoas, amando outras coisas e amando a nós mesmos. [...] Ninguém merece ser tudo para um pai ou uma mãe. Por outro lado, nenhum adulto merece criar uma criança sem ajuda, sem respiro, tendo que gostar de brincar por obrigação. [...]

A tarefa parental é imensa e vitalícia. Será exercida por quem assumir essa responsabilidade radical, não cabendo aqui fazer diferença entre homens e mulheres, pais e mães. Quem tomar para si essa missão só poderá cumpri-la a partir de suas escolhas e consequentes perdas, sem fazer da parentalidade um poço de ressentimento e culpas, cuja conta quem paga são os filhos.

Então, façamos a lição de casa. O que realmente é possível para cada família específica, para além de um mundo fantasioso no qual os pais se dedicariam integralmente aos filhos como se isso fosse bom para as crianças? Perguntemo-nos também o que é desejável para nós, pois a presença ressentida não passa despercebida aos pequenos.

Ao deixá-los com outros, sejam familiares ou profissionais, cabe assumir essa escolha, não valendo controlar à distância avós, babás e professores, o que é enlouquecedor. Enfim, escolha sua perda e aprenda a se ausentar.

(Folha de São Paulo, VERA IACONELLI, 10 set. 2017, com adaptações).

A partir do trecho: “Quem tomar para si essa missão só poderá cumprir-la a partir de suas escolhas e consequentes perdas, sem fazer da parentalidade um poço de ressentimento e culpas, cuja conta quem paga são os filhos”, é **correto** considerar que o pronome em destaque refere-se a:

- a) Perdas
- b) Escolhas
- c) Missão
- d) Parentalidade

24. UFC-CE 2016 Era uma tarde. Tomei o metrô. Estava lotado. Não havia lugares. Segurei-me num balaústre. Eu tinha planejado ler durante a viagem, mas naquela posição isso não era possível. Guardei meu livro e me entreguei a um outro tipo de literatura: a leitura dos rostos... Rostos são objetos oníricos. Cada um deles revela e esconde um sonho de amor. Os meus olhos iam de rosto a rosto, tentando adivinhar o que morava naqueles silêncios: “os corpos naqueles bancos, as almas por longes terras...”. Minha imaginação fantasiava as terras por onde andavam aqueles corpos assentados. E assim eu ia, passando rostos como se fossem páginas de um livro.

Mas de repente minha leitura foi interrompida. Ao passar de um rosto para outro, meus olhos se encontraram com olhos que faziam comigo o que eu estava fazendo com os outros: eles me liam. Era uma jovem. Nossos olhares se encontraram e seu olhar não se desviou. O que é raro. Quando olhos desconhecidos se encontram, eles procuram se defender por meio de um movimento automático: o olhar se desvia. O olhar silencioso do desconhecido é sempre sinistro. Mas os olhos dela não tiveram medo. E chegaram mesmo a sorrir discretamente.

[...] Foi então que ela falou. Não disse coisa alguma. Fez um gesto que dispensava palavras. Simplesmente levantou-se e ofereceu o seu lugar... E a bolha mágica de felicidade em que eu me encontrava estourou, pelo toque de um gesto de gentileza...

Miserável gentileza! Eu teria preferido uma grosseria! De fato, a imagem que ela via era bela. Mais que bela: era terna. Gostara de mim. Seu gesto era uma declaração de amor, quase um abraço. Mas a beleza que ela vira não era a beleza que eu desejava. Ela me amara por uma beleza que não era aquela que meu desejo queria ver. Seu gesto gentil destruiu a bela cena que minha fantasia pintara para colocar no seu lugar uma outra, também bela, mas de uma beleza diferente: uma jovem e um velho, manhã e crepúsculo, primavera e outono.

[...] E foi assim que começou o meu “caso de amor” com a velhice, com o rigor de um silogismo. Primeira premissa: eu sou velho; o gesto da moça do metrô o atesta. Segunda premissa: a velhice é a tarde imóvel, banhada por uma luz antiquíssima; a metáfora poética assim o declara. Terceira premissa: essa tarde imóvel me encanta, é bela. [...]

ALVES, Rubem. *As cores do crepúsculo. A estética do envelhecer*. São Paulo: Papyrus, 2014, p. 18-25.

Assinale a alternativa em que o pronome sublinhado tem valor de reciprocidade.

- a) “meus olhos se encontraram com olhos” (linhas 15-16).
- b) “Nossos olhares se encontraram” (linha 18).
- c) “seu olhar não se desviou” (linhas 18-19).
- d) “eles procuram se defender” (linha 20).
- e) “Simplesmente levantou-se” (linhas 26-27).

25. UnB-DF 2019 Aprendi com os índios a respeitar seu conhecimento detalhado de toda a floresta em que vivem. Têm nomes para cada rio ou igarapé, para cada árvore, para cada arbusto, para cada animal, para cada inseto. Comparados conosco, eles são gente que vive aqui há milênios. Nós somos recém-chegados, ignorantes, só capazes de destruir. Eles sabem viver na mata, deixando-a viver eternamente. Sua adaptação ecológica é um extraordinário exemplo de sabedoria dos povos da floresta.

Darcy Ribeiro. *Meus índios, minha gente*. Ed. UnB, Fundação Darcy Ribeiro, 2010, p. 82 (com adaptações).

Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto precedente, julgue os itens a seguir.

- 1 A expressão “seu conhecimento” (l. 1-2) refere-se ao conhecimento dos índios.
- 2 A forma verbal “Têm” (l. 3) poderia ser substituída por **Existe**, sem prejuízo à correção gramatical e aos sentidos do texto.
- 3 Os termos “eles” (l. 5) e “Nós” (l. 6) indicam uma posição entre índios e não índios; o autor do texto se coloca entre os não índios.
- 4 Em “deixando-a” (l. 7), o pronome “a” retoma “mata” (l. 7).

26. IFPR 2016 A obra clássica, segundo o escritor italiano Ítalo Calvino, “nunca termina de dizer aquilo que ele tem para dizer”. É um grande campo de onde é possível extrair centenas de informações e multiplicidades. Entretanto, cada lugar do mundo e cada geração a lê sob diferentes prismas. O que o torna imortal são os valores implícitos nele. Um livro clássico pode ter quinhentos ou cinquenta anos. Ele independe da idade. É como se elas fossem espelhos, onde a humanidade pudesse fazer a leitura de si mesma: suas agruras, seus anseios, sua moral, seus medos, seus segredos, sua identidade.

(Revista Educação, Ano 10, nº 116)

O texto apresenta problemas em relação à coesão, pois emprega inadequadamente alguns pronomes (em negrito). Assinale a alternativa correta em relação ao emprego desses elementos referenciais.

- a) Aquilo que **ele** tem para dizer.
- b) Cada geração **a** lê...
- c) O que **o** torna imortal...
- d) Os valores implícitos **nele**.

27. UFC-CE 2014 De acordo com a norma padrão, na frase: *As pessoas enviam **mensagens editadas** aos amigos*, o termo em destaque pode ser substituído por:

- a) as
- b) lhe
- c) nas
- d) lhes
- e) elas

28. FCL-SP 2010 A Independência (que tem seu ponto de partida na transferência da corte portuguesa em 1808) assinala a estruturação do Estado Brasileiro, o que determina, com a configuração da nova individualidade nacional que o Brasil passava a apresentar, a grande e variada série de consequências que derivam da inclusão no próprio país e sobre a base exclusiva de nacionais, do seu centro político, administrativo e social. A inspiração, orientação e direção do conjunto da vida brasileira se farão daí por diante a partir de seu próprio interior onde se localizarão seus estímulos e impulsos, o que torna possível definir, propor e realizar as aspirações e interesses propriamente nacionais. Do ponto de vista estritamente econômico, destaquemos unicamente o que a estruturação do Estado nacional representaria como fator de ampliação das despesas públicas, com reflexo imediato nas particulares; e portanto de ativação de vida econômica e financeira, aumento da renda nacional e do consumo que isso representa. O efeito conjugado desses fatores resultará, em consequência da brusca transformação ocorrida, no profundo desequilíbrio financeiro e nas crises que caracterizam a vida do Império até meados do século. E constitui circunstância que influi poderosamente no sentido de estimular a integração nacional da economia brasileira. Isso será tanto mais sensível e de efeitos mais amplos, que acresce um fator de ordem político-administrativa a atuar no mesmo sentido. Até a Independência, as capitanias brasileiras, depois províncias e hoje Estados, se achavam dispersas e cada qual muito mais ligada à metrópole portuguesa que às demais. A administração sediada no Rio de Janeiro era de fato, no que respeita ao conjunto da colônia, puramente nominal, e sua jurisdição não ia realmente além da intitulada capital e sede do Vice-reinado e das capitanias meridionais. A transferência da corte torna o Rio de Janeiro efetivamente em centro e capital do país que se articulará assim num todo único. Essa situação se consolidará com a efetivação da Independência e a formação do Estado nacional brasileiro, que constituem assim a definitiva integração territorial do país antes disperso e interligado unicamente através e por via da metrópole.

De maior proporção ainda, no que respeita à transformação da antiga colônia em coletividade nacional integrada e organizada, são estes primeiros passos decisivos da incorporação efetiva da massa trabalhadora à sociedade brasileira que consistem na supressão do tráfico africano (1850) e seus corolários naturais: o estímulo à imigração europeia de trabalhadores destinados a suprir a falta de mão de obra provocada pela supressão daquele tráfico, e a abolição da escravidão (1888).

(Caio Prado Júnior. *A revolução brasileira*.)

“... são **estes** primeiros passos decisivos da incorporação efetiva da massa trabalhadora à sociedade brasileira que consistem na supressão do tráfico africano (1850) e seus corolários naturais...”.

Assinale a alternativa correta quanto à classificação gramatical da forma “estes” e seu valor semântico:

- a) Pronome demonstrativo empregado para indicar ao leitor o que se vai mencionar (o estímulo à imigração europeia de trabalhadores e a abolição da escravidão).
- b) Pronome indefinido capaz de particularizar o ser expresso pelo substantivo (passos), distinguindo-os dos outros substantivos do texto, por seu acentuado valor intensivo.

- c) Pronome demonstrativo empregado para indicar ao leitor o que já foi mencionado (a transformação da antiga colônia em coletividade nacional integrada e organizada).
- d) Pronome indefinido que indica a totalidade das partes (a transformação da antiga colônia em coletividade nacional integrada e organizada, o estímulo à imigração europeia de trabalhadores e a abolição da escravidão).
- e) Pronome relativo que assume um duplo papel no período por representar um determinado antecedente (a transformação da antiga colônia em coletividade nacional integrada e organizada) e servir de elo subordinante da oração que se inicia a partir dele (os primeiros passos que consistem...).

29. Cederj 2018

Triste fim de Policarpo Quaresma

Lima Barreto

Como lhe parecia ilógico com ele mesmo estar ali metido naquele estreito calabouço. Pois ele, o Quaresma plácido, o Quaresma de tão profundos pensamentos patrióticos, merecia aquele triste fim? De que maneira 5 sorrateira o Destino o arrastara até ali, sem que ele pudesse pressentir o seu extravagante propósito, tão aparentemente sem relação com o resto da sua vida? [...]

Devia ser por isso que estava ali naquela masmorra, engaiolado, trancafiado, isolado dos seus semelhantes 10 como uma fera, como um criminoso, sepultado na treva, sofrendo umidade, misturado com os seus detritos, quase sem comer... Como acabarei? Como acabarei? E a pergunta lhe vinha, no meio da revoada de pensamentos que aquela angústia provocava pensar. Não havia base para qualquer 15 hipótese. Era de conduta tão irregular e incerta o Governo que tudo ele podia esperar: a liberdade ou a morte, mais esta que aquela. [...]

Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe im- 20 portavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas cousas de tupi, do folclore, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo 25 em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma! [...]

A Pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política, que julgava existir, havia. A que existia, de fato, era a do Tenente 30 Antonino, a do Doutor Campos, a do homem do Itamarati.

Excerto. BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. In: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/policarpoE.pdf> p. 383-387.

“De que maneira sorrateira o Destino o arrastara até ali, sem que ele pudesse pressentir o seu extravagante propósito, tão aparentemente sem relação com o resto da sua vida?” (linhas 4-7)

O pronome possessivo em “seu extravagante propósito” tem função coesiva e retoma o propósito

- a) do Destino.
- b) de Quaresma.
- c) de sua vida.
- d) da pátria.

30. **UFC-CE 2012** Assinale a alternativa em que o termo sublinhado tem o mesmo valor semântico da palavra *seus*, na frase: *A família deve colaborar com a educação de seus filhos*.

- a) Os pais não estiveram presentes para educá-las.
- b) Precisamos assumir o desafio de educar.
- c) São incapazes se lhes pisam na cabeça.
- d) Essa escola exerce o papel dos pais.
- e) A águia é o animal que voa alto.

31. **IFRS 2017**

Onde mora sua muiteza?

A infância é um lugar complexo. Para quem já cresceu, foi aquele espaço em que moramos quando ainda não tínhamos muita memória. Aqueles dias e noites que se sucediam sem grandes planos em um corpo que mudava diariamente. Muito grande. Muito pequeno. Muito alto. Muito baixo.

Quando criança, entediada, Alice seguiu um coelho até sua toca e lá se viu em um espaço totalmente novo. Um espaço **onírico** que reproduzia suas ansiedades e ensinava-lhe a buscar dentro de si mesma recursos que lhe permitissem seguir em frente. Tentando fazer sentido do espaço onde se encontrava, Alice foi protagonista de uma experiência fantástica de descoberta. Ela descobriu que viver não é fácil, às vezes a vida é um jogo, mas mesmo assim vale a pena.

Anos mais tarde, já adulta, prestes a embarcar em um casamento arranjado, com um noivo **patético**, Alice se deixa conduzir novamente a esse espaço que lhe é familiar, mas do qual não lembra quase nada. É um lugar que fica no jardim, no buraco de uma árvore e, pasmem, onde mora um coelho de cartola e relógio!

É lá que ela, lembrando aos poucos de que já os conhecia, encontra velhos amigos que são rápidos em tecer críticas a seu respeito, dizendo, inclusive, que ela é a Alice “errada”. Mas é a crítica do Chapeleiro Maluco que a atinge em cheio: você não é a mesma de antes, você era muito mais “muita”, você perdeu sua muiteza. Lá dentro. Falta alguma coisa. De todas as coisas que Alice esqueceu de compreender desse lugar, talvez essa seja a que faça mais sentido. Talvez isso explique tudo. Talvez tenha sido isso que ela fora até lá buscar.

A criança que fomos ocupa um espaço dentro de nós, nesse acúmulo de experiências que é a vida. É nesse espaço que guardamos os joelhos ralados, as descobertas, os medos, a alegria e a força que nos impulsiona para a frente. Há espaços mais sombrios, outros mais claros. Muitos de nós já esqueceram o caminho para esse lugar. Estamos ocupados demais com as coisas grandes para tentar encontrar uma toca de coelho que nos leve para dentro da terra. Então vivemos assim, sempre muito ocupados, sempre muito atrasados, com coisas sérias e importantes a fazer. E vagamos. Vagamos pelo mundo com alguma coisa faltando. Lá dentro.

É na infância que mora a nossa muiteza. E é para lá que devemos voltar para encontrá-la, sempre que essa **pantomima** a qual chamamos de vida adulta nos puxa e empurra forte demais.

LHULLIER, Luciana. *Onde mora sua muiteza? In: No coração da floresta (blog)*. 08 out. 2013 (adaptado). Original disponível em: <https://contesdesfee.wordpress.com/page/2/>. Acesso: 5 ago. 2016.

onírico: de sonho e/ou relativo a sonho.

pantomima: representação teatral baseada na mímica (ou seja, em gestos corporais); por extensão, situação falsa, representação, ilusão, fraude.

patético: que provoca sentimento de piedade ou tristeza; indivíduo digno da piedade alheia.

A respeito do título, é correto afirmar que

- I. “Onde mora sua muiteza?” dirige-se à Alice fictícia, e o pronome possessivo “sua” remete claramente a essa personagem.
- II. “Onde mora sua muiteza?” dirige-se, através do pronome possessivo “sua”, ao(à) leitor(a) implícito(a) do texto.
- III. o pronome relativo “onde” e o verbo “morar”, no título, estão sendo empregados de forma coloquial.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s)

- a) II.
- b) II e III.
- c) I e III.
- d) I.

32. **Famerp-SP 2018** Leia o poema “A última nau”, da obra *Mensagem*, de Fernando Pessoa, para responder à questão.

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Império,
Foi-se a última nau, ao sol **aziago**¹
Erma², e entre choros de ânsia e de **pressago**³
Mistério.

Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Voltará da sorte incerta
Que teve?
Deus guarda o corpo e a forma do futuro,
Mas Sua luz projeta-o, sonho escuro
E breve.

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minha alma atlântica se exalta
E entorna,
E em mim, num mar que não tem tempo ou espaço,
Vejo entre a cerração teu vulto baço
Que torna.

Não sei a hora, mas sei que há a hora,
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora
Mistério.
Surges ao sol em mim, e a névoa finda:
A mesma, e trazes o pendão ainda
Do Império.

(Obra poética, 1987.)

¹ **aziago**: funesto.

² **erma**: solitária.

³ **pressago**: presságio.

Os pronomes oblíquos assumem, geralmente, a função de complementos verbais. Em “projeta-o” (2ª estrofe) e “Demore-a” (4ª estrofe), os pronomes oblíquos referem-se, respectivamente, aos termos

- a) “Deus” e “alma”.
- b) “sol” e “nau”.
- c) “corpo” e “hora”.
- d) “Mistério” e “cerração”.
- e) “Império” e “névoa”.

33. FICSAE-SP 2017

Violência à saúde

Mauro Gomes Aranha de Lima
Jornal do Cremesp, agosto de 2016

O aumento da violência contra médicos e enfermeiros finalmente passou a ser encarado como questão de Estado. Graças às denúncias do Cremesp [Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo] e do Coren-SP [Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo], a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo (SSP-SP) mantém agora um grupo de trabalho que se debruça na busca de soluções para o problema.

Em recente reunião, o secretário adjunto da SSP-SP, Sérgio Sobrane, comprometeu-se a tomar providências. A Secretaria de Saúde (SES-SP) também participou dos debates que culminaram com proposta do Cremesp e do Coren de um protocolo para orientar profissionais da Saúde a lidar com situações em que o usuário/familiar se mostre agressivo ou ameaçador.

Simultaneamente, a SSP-SP preparará um piloto de intervenção baseado em registros de ameaças ou de truculência na Capital. Se bem-sucedido, será multiplicado ao restante do Estado.

São medidas oportunas e as levaremos em frente. Contudo, tal empenho não será o bastante. A violência emerge de raízes profundas: governos negligenciam a saúde dos cidadãos, motivo pelo qual a rede pública padece de graves problemas no acesso ou continuidade da atenção; hospitais sucateados e sob o contingenciamento de leitos e serviços; postos de saúde e Estratégia Saúde da Família com equipes incompletas para a efetivação de metas integrativas biopsicossociais.

O brasileiro é contribuinte assíduo e pontual, arca com uma das mais altas tributações do mundo, e, em demandas por saúde, o que recebe é o caos e a indiferença.

Resignam-se, muitos. Todavia, há os que não suportam a indignidade. Sentem-se humilhados. Reagem, exaltam-se. Eis que chegamos ao extremo. Em pesquisa encomendada pelo Cremesp, em 2015, com amostra de 617 médicos, 64% tomaram conhecimento ou foram vítimas de violência. Ouvimos também os pacientes: 41% dos entrevistados atribuíram a razão das agressões a problemas como demora para serem atendidos, estresse, muitos pacientes para poucos médicos, consultas rápidas e superficiais.

Ser médico é condição e escolha. Escolhemos a compreensão científica do mecanismo humano, revertida em benefício do ser que sofre. Vocações, chamado, desafio, e o apelo da dor em outrem, a nos exigirem fôlego, serenidade e dedicação. Estamos todos, médicos e pacientes, em situação. Há que se cultivar entre nós uma cultura de paz. E um compromisso mútuo de tarefas mínimas.

Aos pacientes, cabe-lhes o cultivo de uma percepção mais refletida de que, em meio à precariedade posta por governos cínicos, o Estado não é o médico. Este é apenas o servidor visível, por detrás do qual está aquele que se omite.

Aos médicos, a compreensão de que os pacientes, além de suas enfermidades, sofrem injustiças e agravos sociais.

A tolerância não é exatamente um dom, uma graça, ou natural pendor. É esforço deliberado, marco estrutural do processo civilizador.

Tarefas e esforços compartilhados: a solução da violência está mais dentro do que fora de nós.

In: Jornal do Cremesp. Órgão Oficial do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo. No 339, agosto 2016. [Adaptado]

No oitavo parágrafo, o pronome -lhes

- a) refere-se a profissionais da saúde, pois esse é o tema do texto.
- b) antecipa a informação nova que está no parágrafo subsequente.
- c) retoma informação já apresentada, dando-lhe um valor enfático.
- d) introduz informação nova relacionada ao tema do texto.

34. FICSAE-SP 2016

Editorial

O valor da vida

Hermann A.V. von Tiesenhausen
Diretor executivo do jornal Medicina

A mistanásia é um termo pouco utilizado nas conversas do dia a dia, mas, que, infelizmente, não está tão distante de nossa realidade. A imprensa registra, sem filtros, o drama de milhares de pacientes e profissionais nos postos de saúde, hospitais e prontos-socorros e traduz a dura proximidade com a expressão.

O significado de mistanásia remete à omissão de socorro, à negligência. Ela representa a morte miserável, antes da hora. É conhecida como a eutanásia social. No Brasil, seu flagelo atinge, sobretudo, os mais carentes, que dependem exclusivamente do Estado quando o corpo padece.

Um exemplo do que a mistanásia pode causar apareceu em série de reportagens exibida pelo Jornal Nacional (Rede Globo), em janeiro, que dissecou o drama dos pacientes com câncer no país. A falta de tudo torna a larga espera pelo atendimento um duro calvário e, em meio ao desespero, centros de excelência, como o Instituto Nacional do Câncer (Inca), no Rio de Janeiro, mingam a céu aberto.

A falência do sistema público de saúde não é só um fenômeno administrativo ou contábil. Quem dera o fosse.

Assim, seria mais fácil suportá-la, pois contas se arrumam. A questão é que o desequilíbrio causado por uma gestão feita de pessoas perdidas em meio ao tiroteio entrou em nossas casas pela porta da frente.

A situação grave, contornada com paliativos, ceifa vidas, inclusive de crianças e jovens, impedidos de receber aquilo que a Constituição lhes garante como direito cidadão: o acesso universal, integral, gratuito e com equidade a serviços de saúde de qualidade.

Nesta edição do jornal Medicina, apresentamos números do valor da vida e da saúde de cada brasileiro para o setor público. A média nacional não supera os R\$ 4,00 ao dia, ou seja, quase nada se comparado a outros países com modelos assistenciais semelhantes.

Essa conta acentua a tragédia da morte anunciada em corredores e filas de espera e suscita um questionamento

importante, pois os dados evidenciam que, apesar do pouco destinado, é o mau uso dos recursos que estão disponíveis que aprofunda a crise.

O Brasil está diante de um dilema. É hora de rever caminhos, adotar novas posturas, corrigir falhas para não sentenciar a população à doença e tirar do estado de coma em que se encontra o Sistema Único de Saúde (SUS), uma das maiores políticas sociais do mundo e balizador de todo modelo de atenção no País.

Jornal Medicina. Publicação oficial do Conselho Federal de Medicina. Janeiro 2016.

Indique o referente textual a que o pronome destacado faz remissão [6º parágrafo]:

“A situação grave, contornada com paliativos, ceifa vidas, inclusive de crianças e jovens, impedidos de receber aquilo que a Constituição **lhes** garante como direito cidadão: o acesso universal, integral, gratuito e com equidade a serviços de saúde de qualidade.”

- a) Jovens.
- b) Crianças e jovens.
- c) Crianças.
- d) Paliativos e vidas.

35. Mackenzie-SP 2020 Mesmo que o homem conseguisse construir um computador que fizesse tudo o que é normalmente atribuído a processos mentais quando feito pelo homem, isso não implicaria que o homem nada mais é do que uma máquina. Sem o programa correspondente um computador nada pode fazer em relação à linguagem. É o programa, e não as ferragens, que é responsável pela habilidade do computador de simular um comportamento inteligente. Há aqueles que sustentariam que o programa está para o computador como a mente está para o cérebro, e que considerando o cérebro humano vivo como um computador programado, de finalidades especiais, podemos contornar, se não resolver, o problema tradicional mente-corpo. Seja como for, temos que enfatizar que a inteligência artificial é em si neutra e não agride nem a dignidade humana nem a liberdade da vontade.

Muito da importância que damos à ciência cognitiva e à inteligência artificial dependerá de nossa atitude face ao papel explanatório dos modelos em ciência natural e social. Qualquer sucesso obtido na simulação do processamento linguístico por computador tende a aumentar a nossa compreensão da linguagem e da mente. Não é certo, no entanto, se um dia será possível simular por computador todos os processos mentais envolvidos na produção e compreensão da linguagem.

*Adaptado de John Lyons, em *Lingua(gem)* e *Linguística*, 1981.*

Considere as seguintes afirmações sobre o texto.

- I. O pronome **isso** (linha 4) refere-se ao que é afirmado anteriormente.
- II. A forma verbal **sustentariam** (linha 10) apresenta um tempo que denota ideia de possibilidade, de algo possível, mas não efetivamente certo.
- III. A partícula **si** (linha 16) refere-se à expressão **inteligência artificial**.

Assinale a alternativa correta.

- a) Apenas a afirmação I está correta.
- b) Apenas a afirmação II está correta.
- c) Apenas a afirmação III está correta.
- d) Todas as afirmações estão corretas.
- e) Nenhuma das afirmações está correta.

36. Mackenzie-SP 2019 Não é fácil dissertar sobre a alimentação dos portugueses durante a Idade Média. Escasseiam as fontes informativas: o primeiro livro de receitas culinárias que se conhece não é anterior ao século XVI. As descrições de banquetes, colhidas nas crônicas ou noutros textos narrativos, são em geral parcas em notícias concretas sobre os alimentos consumidos.

De maneira geral, a alimentação medieval era pobre, se comparada com os padrões modernos. A quantidade supria, quantas vezes, a qualidade. A técnica culinária achava-se ainda numa fase rudimentar, e as conquistas da cozinha romana haviam-se perdido. A condimentação obedecia a princípios extremamente simples.

As duas refeições principais do dia eram o jantar e a ceia. Jantava-se, nos fins do século XIV, por volta das dez horas da manhã; mas nos séculos anteriores, essa hora teria de recuar para oito ou nove. Ceava-se pelas seis ou sete horas da tarde. Como ideal de frugalidade, aconselhava-se a ausência de qualquer outro repasto durante o dia. É de supor, a partir de certa altura, a necessidade de um “almoço” tomado pouco depois do levantar.

O jantar era a refeição mais forte do dia. O número de pratos servidos andava, em média, pelos três, sem contar sopas, acompanhamentos ou sobremesas. Isto, entenda-se, em relação ao rei, à nobreza, e ao alto clero. Entre os menos privilegiados ou os menos ricos, o número de pratos ao jantar podia descer para dois ou até um. À ceia, baixava para dois a média das iguarias tomadas; ou para um, nos outros casos indicados.

*Adaptado de A.H. de Oliveira Marques, *A sociedade medieval portuguesa*.*

Assinale a alternativa correta sobre o texto.

- a) Os dois pontos na linha 3 têm a função de apresentar uma ideia que contradiz o que é afirmado no período anterior.
- b) A conjunção *se* (linha 9) tem como função introduzir noção de oposição em relação ao que é afirmado no período anterior.
- c) A conjunção *mas* (linha 16) introduz período com a ideia de explicação em relação ao que é afirmado anteriormente.
- d) A forma verbal *aconselhava-se* (linhas 18-19) indica noção temporal de uma ação que aconteceu apenas uma única vez no passado a que se faz referência.
- e) O pronome *isto* (linha 24) é empregado com função anafórica, pois se refere ao que foi afirmado no período anterior.

37. Mackenzie-SP 2018 A arqueologia não pode ser descuidada de seu caráter aventureiro e romântico, cuja melhor imagem talvez seja, desde há alguns anos, as saborosas aventuras do arqueólogo Indiana Jones. Pois bem, quando do auge do sucesso de Indiana

Jones, o arqueólogo brasileiro Paulo Zanettini escreveu um artigo no *Jornal da Tarde*, de São Paulo, intitulado “Indiana Jones deve morrer!”. Para ele, assim como para outros arqueólogos profissionais, envolvidos com um trabalho árduo, sério e distante das peripécias das telas, essa imagem aventureira é incômoda. O fato é que o arqueólogo, à diferença do historiador, do geógrafo ou de outros estudiosos, possui uma imagem muito mais atraente, inspiradora não só de filmes, mas também de romances e livros os mais variados. Bem, para usar uma expressão de Eça de Queiroz, “sob o manto diáfano da fantasia” escondem-se as histórias reais que fundamentaram tais percepções. A arqueologia surgiu no bojo do Imperialismo do século XIX, como um subproduto da expansão das potências coloniais europeias e dos Estados Unidos, que procuravam enriquecer explorando outros territórios. Alguns dos primeiros arqueólogos de fato foram aventureiros, responsáveis, e não em pequena medida, pela fama que se propagou em torno da profissão.

Adaptado de Pedro Paulo Funari, *Arqueologia*.

Assinale a alternativa correta.

- O pronome relativo *cuja* (linha 3) refere-se à palavra *arqueologia*, denotando sentido de possessividade.
- Em *há alguns anos* (linha 3) a forma verbal também pode ser escrita sem a letra *h* inicial.
- Pelas novas regras de ortografia, a palavra *auge* (linha 5) também pode ser escrita na forma “auje”.
- É opcional o emprego do acento indicador de crase em *à diferença* (linha 12).
- A expressão *tais percepções* (linha 18) refere-se às imagens descritas em romances de Eça de Queiroz.

38. PUC-RS 2020

A educação a.C. e d.C.: tudo vai ser diferente no ensino “depois da covid-19”

FÁBIO ROQUE SBARDELLOTTO

A sentença de Heráclito, filósofo pré-socrático e pai da dialética, no sentido de que ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio porque, ao entrar pela segunda vez, já não encontra as mesmas águas, nunca se fez tão verdadeira como agora, tamanha gravidade do fenômeno pelo qual estamos passando. Não haverá como resistir: sairemos diferentes de como entramos nesta pandemia. Os processos civilizatórios deverão ser reinventados na economia, na política, na vida familiar, na educação.

Na educação, com esse ferramental, sugestionava-se a introdução de processos estratégicos utilizando planos de inovação efetivos, a implantação de uma educação científico-tecnológica no desenvolvimento das aulas, aprimorando as competências e habilidades dos alunos.

Com o isolamento social, houve uma disruptura inesperada e muito traumática no ambiente educacional. Na educação pública, praticamente foram paralisadas as aulas. No ambiente privado, mantiveram-se sob a forma do ensino a distância, com tecnologias virtuais. Os alunos de instituições públicas permanecem com seu horizonte incerto quanto ao semestre e mesmo ao ano.

O que esperar no ambiente educacional? Os conteúdos não se modificaram. O desafio está em vislumbrar a retomada dos processos educacionais pós-coronavírus. Projetamos uma realidade na qual pouco do que se tinha antes será encontrado. E as instituições de ensino e seus educadores deverão se repositonar – “não se passará mais pelo mesmo rio”. A travessia será mais tranquila para aquelas instituições que já desenvolviam um ambiente educacional segmentado, embasado em uma relação humanista, que tinham o estudante no centro da relação aprendizagem/ensino. A seletividade irá privilegiar aqueles ambientes educacionais nos quais o processo de aprendizagem oferecia ferramentas que tornavam a tecnologia aliada da educação, mas que também entregavam resultados alvissareiros para seus investidores, os alunos. Sairão exitosas as instituições educacionais que estavam preparadas e já planejavam o futuro de uma educação de excelência, apesar de existir crise econômica.

Para essas, o processo apenas se acelerou, e as águas que as banharam já haviam filtrado boa parte do que agora se apresentou como desafio quase intransponível para as outras.

Fragmento adaptado de: <https://bit.ly/3f9OhuF>. Acesso em: 30 abr. 2020.

Para responder à questão, analise as relações entre o pronome e o nome substituído e preencha os parênteses com V (verdadeiro) ou F (falso).

- “qual” (linha 6) – fenômeno (linha 5)
- “que” (linha 29) – aquelas instituições (linha 29)
- “que” (linha 35) – resultados alvissareiros (linha 36)
- “as” (linha 41) – águas (linha 40)

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- V – F – F – V
- V – V – F – F
- F – V – V – F
- F – F – V – V

39. PUC-RS 2020



Disponível em: <http://floripasustentavel.com.br/>. Acesso em: 4 maio 2020.

Assinale a alternativa **INCORRETA** sobre os recursos linguísticos do *outdoor* do Movimento Floripa Sustentável.

- A forma verbal “vira” poderia ser substituída corretamente por “transforma”.
- A função da linguagem predominante é a conativa.
- O verbo “parar”, no *slogan*, está empregado tanto no sentido conotativo quanto no denotativo.
- A utilização do pronome “seu”, em “seu dinheiro”, torna direta a relação com o interlocutor.

40. **Multivix-ES 2019** A palavra “que” em língua portuguesa possui funções diversas. Nos períodos abaixo, assinale aquele em que o “que” é pronome relativo:

- a) Ai que saudades eu tenho da minha infância.
- b) Eles tinham que correr o risco.
- c) É um jovem que nunca chegou atrasado.
- d) Declararam que nada sabiam.
- e) Eles terão que dizer a verdade.

41. **UFC-CE 2012** Assinale a alternativa que completa corretamente a frase: São excelentes os educadores, _____ colaboração não podemos prescindir.

- a) cuja
- b) que a
- c) de cuja
- d) de que a
- e) dos quais

42. **Univap-SP 2017** Observe as imagens, leia o poema e responda à questão que segue:



Imagem 1 – Autorretrato de Tarsila do Amaral



Imagem 2 – Propaganda Tarsila Rouge

Atelier

Caipirinha vestida de Poirêt
 A preguiça paulista reside nos teus olhos
 Que não viram Paris nem Piccadilly
 Nem as exclamações dos homens
 Em Sevilha
 À tua passagem entre brincos
 Locomotivas e bichos nacionais
 Geometrizam as atmosferas nítidas
 Congonhas descora sobre o pátio
 Das procissões de Minas

A verdura no azul klaxon
 Cortada
 Sobre a poeira vermelha
 Arranha-céus
 Fordes
 Viadutos
 Um cheiro de café
 No silêncio emoldurado

ANDRADE, Oswald de. *Pau Brasil* (1925). Cadernos de Poesia do aluno Oswald (Poesias reunidas), 2003.

As escolas literárias, os movimentos artísticos, obras, estilos e propostas sempre foram uma rica fonte de inspiração para a publicidade. A partir do autorretrato de Tarsila do Amaral de 1923, foi criada uma propaganda na qual a pintora segura um frasco de um perfume. A pintora em destaque no anúncio foi a musa inspiradora de Oswald de Andrade que lhe dedicou o poema “Atelier”, publicado em 1925 no periódico “Pau-Brasil”. Nesse poema, no terceiro verso, o pronome relativo “que” retoma o termo

- a) olhos.
- b) caipirinha.
- c) vestida de Poirêt.
- d) a preguiça paulista.
- e) Paris.

43. **IFRS 2016** Assinale a alternativa correta em relação ao uso do pronome em destaque.

- a) Essa é a matéria **cujo** o exercício deve ser feito.
- b) Foi lançado um livro **cuja** sua capa é transparente.
- c) São poucas as pessoas em **cuja**s palavras confiamos.
- d) Trouxe exemplos **cujo** conteúdo te falei?
- e) Português é uma língua sobre **cuja** gramática pode ser meio complicada.

44. **UFSC** [...] As primeiras vezes as aulas foram difíceis. Eles pouco entendiam e eu ficava irritada:

— Vocês têm mesmo certeza de que nasceram no Brasil?
 — Ia, ia Wol.

- 5 Isso me enfurecia. Parecia mesmo que o meu alemão melhorava, enquanto o português deles ia para trás. Senti isso numa tarde em que olhava o rio Itajaí-Açu, numa cheia. Era impetuoso, arrastava tudo, os troncos, as tábuas, os toros de madeira. Precisava de muita fibra, para conter essa força de um contingente linguístico, com tão pouca gente falando a língua da pátria. Por isso lutava ainda. Eu representava aqui uma célula, um átomo que teria de se desenvolver a qualquer custo, para, num milagre, realizar o quase impossível.

LAUS, Lausimar. *O guarda-roupa alemão*. 4. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006. p. 35.

Considerando o texto, assinale a(s) proposição(ões) **CORRETA(S)**.

- 01 A conjunção enquanto (linha 6) expressa, simultaneamente, as noções de *ao mesmo tempo em que* e *ao passo que*.
- 02 Em “o português deles” (linha 6), a palavra *deles* é uma contração da preposição *de* com o pronome pessoal *eles*, sendo empregada como pronome possessivo correspondente à terceira pessoa do discurso.

- 04 A vírgula colocada após a palavra *tudo* (linha 8) pode ser adequadamente substituída por dois pontos, anunciando uma enumeração.
- 08 A preposição *para* indica direção nas duas ocorrências sublinhadas no texto (linhas 6 e 13).
- 16 Nas linhas 5 e 12, o vocábulo *que* funciona como pronome relativo, pois retoma um termo antecedente e, ao mesmo tempo, liga orações.
- 32 As formas verbais *era* (linha 8) e *lutava* (linha 11) se encontram no mesmo tempo verbal e expressam, respectivamente, estado e ação que se prolongam no tempo.

Soma:

45. **Enem 2021** Os linguistas têm notado a expansão do tratamento informal. “Tenho 78 anos e devia ser tratado por senhor, mas meus alunos mais jovens me tratam por você”, diz o professor Ataliba Castilho, aparentemente sem se incomodar com a informalidade, inconcebível em seus tempos de estudante. O você, porém, não reinará sozinho. O tu predomina em Porto Alegre e convive com o você no Rio de Janeiro e em Recife, enquanto você é o tratamento predominante em São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte e Salvador. O tu já era mais próximo e menos formal que você nas quase 500 cartas do acervo on-line de uma instituição universitária, quase todas de poetas, políticos e outras personalidades do final do século XIX e início do XX.

Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br>. Acesso em: 21 abr. 2015 (adaptado).

No texto, constata-se que os usos de pronomes variaram ao longo do tempo e que atualmente têm empregos diversos pelas regiões do Brasil. Esse processo revela que

- a) a escolha de “você” ou de “tu” está condicionada à idade da pessoa que usa o pronome.
- b) a possibilidade de se usar tanto “tu” quanto “você” caracteriza a diversidade da língua.
- c) o pronome “tu” tem sido empregado em situações informais por todo o país.
- d) a ocorrência simultânea de “tu” e de “você” evidencia a inexistência da distinção entre níveis de formalidade.
- e) o emprego de “você” em documentos escritos demonstra que a língua tende a se manter inalterada.
46. Analise a charge a seguir.



Na charge, o pronome “ele” combinado com a preposição “de” forma a palavra “dele”. Que relação se estabelece entre ela e o substantivo “boca” no trecho “boca dele”?

47. Leia a manchete.

Museu de Anatomia Animal será aberto ao público neste sábado

Assessoria de Comunicação CRMV/BA. Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado da Bahia, 23 nov.

A palavra “neste” apresenta uma contração feita pela preposição “em” e o pronome demonstrativo “este”. No enunciado lido, o fragmento “neste sábado” foi utilizado para demarcar um tempo futuro. No entanto, há também uma relação com o tempo presente. A afirmação é verdadeira ou falsa? Justifique.

48. Leia:

Seguro desemprego: Entenda quem pode receber, valor e parcelas

A ideia do seguro-desemprego é que o profissional tenha uma certa quantia guardada para o auxiliar durante o tempo que ficará desempregado.

NADER, Danielle. *Contábeis*, 24 out. 2020.

A linha fina da manchete mostra que o profissional terá uma certa quantia guardada em caso de desemprego.

- a) O uso de “certa quantia” remete à ideia de um valor determinado ou impreciso?
- b) Se a posição do pronome indefinido “certa” em relação ao substantivo “quantia” fosse invertida (“quantia certa”) haveria alguma mudança de sentido? Explique.

49. **Unesp 2017** Para responder à questão, leia a crônica “Seu ‘Afredo’”, de Vinicius de Moraes (1913-1980), publicada originalmente em setembro de 1953.

Seu Alfredo (ele sempre subtraía o “l” do nome, ao se apresentar com uma ligeira curvatura: “Afredo Paiva, um seu criado...”) tornou-se inesquecível à minha infância porque tratava-se muito mais de um linguista que de um encerador. Como encerador, não ia muito lá das pernas. Lembro-me que, sempre depois de seu trabalho, minha mãe ficava passeando pela sala com uma flanelinha debaixo de cada pé, para melhorar o lustro. Mas, como linguista, cultor do **vernáculo**¹ e aplicador de sutilezas gramaticais, seu Alfredo estava sozinho.

Tratava-se de um mulato quarentão, ultrarrespeitador, mas em quem a preocupação linguística perturbava às vezes a colocação pronominal. Um dia, numa fila de ônibus, minha mãe ficou ligeiramente **ressabiada**² quando seu Alfredo, casualmente de passagem, parou junto a ela e perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular: – Onde *vais* assim tão elegante?

Nós lhe dávamos uma bruta corda. Ele falava horas a fio, no ritmo do trabalho, fazendo os mais deliciosos pedantismos que já me foi dado ouvir. Uma vez, minha mãe, em meio à **lide**³ caseira, queixou-se do fatigante **ramerrão**⁴ do trabalho doméstico. Seu Alfredo virou-se para ela e disse:

– Dona Lídia, o que a senhora precisa fazer é ir a um médico e tomar a sua *quilometragem*. Diz que é muito bom.

De outra feita, minha tia Graziela, recém-chegada de fora, cantarolava ao piano enquanto seu Afredo, acocorado perto dela, esfregava cera no soalho. Seu Afredo nunca tinha visto minha tia mais gorda. Pois bem: chegou-se a ela e perguntou-lhe:

– Cantas?

Minha tia, meio surpresa, respondeu com um riso amarelo:

– É, canto às vezes, de brincadeira...

Mas, um tanto formalizada, foi queixar-se a minha mãe, que lhe explicou o temperamento do nosso encerador:

– Não, ele é assim mesmo. Isso não é falta de respeito, não. É excesso de... gramática.

Conta ela que seu Afredo, mal viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado e falou:

– Olhe aqui, dona Lídia, não leve a mal, mas essa menina, sua irmã, se ela pensa que pode cantar no rádio com essa voz, ‘tá redondamente enganada. Nem em programa de calouro!

E, a seguir, ponderou:

– Agora, piano é diferente. Pianista ela é!

E acrescentou:

– *Eximinista* pianista!

(*Para uma menina com uma flor*, 2009.)

¹**vernáculo:** a língua própria de um país; língua nacional.

²**ressabiado:** desconfiado.

³**lide:** trabalho penoso, labuta.

⁴**ramerrão:** rotina.

Observa-se no texto um desvio quanto às normas gramaticais referentes à colocação pronominal em:

- “Lembro-me que, sempre depois de seu trabalho, minha mãe ficava passeando pela sala com uma flanelinha debaixo de cada pé, para melhorar o lustro.” (1º parágrafo)
- “Seu Afredo [...] tornou-se inesquecível à minha infância porque tratava-se muito mais de um linguista que de um encerador.” (1º parágrafo)
- “Tratava-se de um mulato quarentão, ultrarrespetador, mas em quem a preocupação linguística perturbava às vezes a colocação pronominal.” (2º parágrafo)
- “[...] seu Afredo, casualmente de passagem, parou junto a ela e perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular [...]” (2º parágrafo)
- “Seu Afredo virou-se para ela e disse: [...]” (4º parágrafo)

50. UFC-CE 2012 Na frase: *Me delegam responsabilidades que deveriam ser da escola* ocorre:

- ênclise indevida, de acordo com a norma oculta.
- próclise indevida, de acordo com a norma oculta.
- próclise obrigatória.
- ênclise obrigatória.
- mesóclise.

51. UEPB O político famoso estava sem dinheiro e foi ao banco. Dentro da agência descobriu que estava sem documento. Falou direto com o gerente.

— Sabe quem sou? Estou sempre nos jornais, na TV.

— É, sua fisionomia não me é estranha. Mas sempre que isso acontece, eu faço um teste com o cliente. Por exemplo, outro dia esteve aqui um senhor dizendo ser um famoso poeta. Ele fez um poema lindo, em poucos minutos, e então nós pagamos o cheque. Depois veio um cartunista, desenhou uma piada ótima, e nós pagamos. Depois veio o Pelé e marcou cinco gols no nosso caixa. E o senhor?

O político ficou meio sem graça e falou pro gerente:

— Mas... eu não sei fazer nada!

E o gerente, direto para o caixa:

— Pode pagar o cheque!

Ziraldo. *Anedotinhas do Bichinho da maçã*. São Paulo: Melhoramentos, 1988, p. 23-24

Em “— É, sua fisionomia não me é estranha. [...]”, é correto afirmar que:

- A ocorrência da próclise é similar à frequência de uso em textos informais falados e escritos.
- O uso da próclise se deve à exigência de um atrator que justifica essa ocorrência.
- O pronome oblíquo exerce no contexto uma função sintática completiva verbal.
- O atributo “estranha” exerce função de predicativo em relação ao objeto indireto.

Analise as proposições e marque a alternativa que apresenta a(s) correta(s).

- | | |
|----------------|--------------|
| a) III apenas | d) II e IV |
| b) I, II e III | e) IV apenas |
| c) II apenas | |

52. Ufal 2014 Passam-se meses. Acaba-se o flagelo. Ei-lo de volta. Vence-o a saudade do sertão. Remigra. E torna feliz, revigorado, cantando; esquecido de infortúnios.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: M. Claret, 2002.

Analise as reescritas do trecho sublinhado e assinale aquela que não apresenta danos à norma padrão da língua portuguesa.

- Passa-se meses, acaba-se o flagelo. Ei-lo de volta e o vence a saudade do sertão.
- Passam-se meses, acaba-se o flagelo. Ei-lo de volta e vence ele a saudade do sertão.
- Passam-se meses, acaba-se o flagelo. Ei-lo de volta. A saudade do sertão lhe vence.
- Passam-se meses, acaba-se o flagelo. Ei-lo de volta. A saudade do sertão o vence.
- Passam-se meses, se acaba o flagelo. Eis ele de volta. Vence-o a saudade do sertão.

53. Enem 2019

Toca a sirene na fábrica,
e o apito como um chicote
bate na manhã nascente
e bate na tua cama
no sono da madrugada.
Ternuras da áspera lona
pelo corpo adolescente.

É o trabalho que te chama.
Às pressas tomas o banho,
tomas teu café com pão,
tomas teu lugar no bote
no cais do Capibaribe.
Deixas chorando na esteira
teu filho de mãe solteira.
Levas ao lado a marmita,
contendo a mesma razão
do meio de todo o dia,
a carne-seca e o feijão.
De tudo quanto ele pede
dás só bom-dia ao patrão,
e recomeças a luta
na engrenagem da fiação.

MOTA, M. Canto ao meio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

Nesse texto, a mobilização do uso padrão das formas verbais e pronominais

- a) ajuda a localizar o enredo num ambiente estático.
- b) auxilia na caracterização física do personagem principal.
- c) acrescenta informações modificadoras às ações dos personagens.
- d) alterna os tempos da narrativa, fazendo progredir as ideias do texto.
- e) está a serviço do projeto poético, auxiliando na distinção dos referentes.

54. Unifesp 2018 Leia o soneto “Aquele triste e leda madrugada”, do escritor português Luís de Camões (1525?-1580), para responder à questão.

Aquele triste e leda madrugada,
cheia toda de mágoa e de piedade,
enquanto houver no mundo saudade
quero que seja sempre celebrada.

Ela só, quando amena e marchetada
saía, dando ao mundo claridade,
viu apartar-se de uma outra vontade,
que nunca poderá ver-se apartada.

Ela só viu as lágrimas em fio que,
de uns e de outros olhos derivadas,
se acrescentaram em grande e largo rio.

Ela viu as palavras magoadas
que puderam tornar o fogo frio,
e dar descanso às almas condenadas.

(Sonetos, 2001.)

O pronome “Ela”, que se repete no início de três estrofes, refere-se a

- a) “piedade”.
- b) “mágoa”.
- c) “saudade”.
- d) “claridade”.
- e) “madrugada”.

BNCC em foco

HEM13LP06

1. Cederj 2017 Alguns instantes depois Jorge subia a ladeira e entrava na igreja.

A modesta simplicidade do templo impôs-lhe respeito. Ajoelhou; não rezou, porque não sabia, mas lembrou-se de Deus e elevou o seu espírito desde a miséria do homem até a grandeza do Criador. [...]

Nesse momento, viu ajoelhada ao pé da grade que separa a capela, uma menina de quinze anos, quando muito: o perfil suave e delicado, os longos cílios que vedavam seus olhos negros e brilhantes, as tranças que realçavam a sua fonte pura, o impressionaram.

Começou a contemplar aquela menina como se fosse uma santa; e, quando ela se levantou para retirar-se com sua mãe, seguiu-a insensivelmente até a casa que lhe descrevi porque esta moça era a mesma de que lhe falei, e sua mãe D. Maria.

Escuso contar o que se passou depois. Quem não sabe a história simples e eterna de um amor inocente, que começa por um olhar, passa ao sorriso, chega ao aperto de mão às escondidas e acaba afinal por um beijo e por um sim, palavras sinônimas no dicionário do coração? [...]

Como o amor purifica, D...! Como dá forças para vencer instintos e vícios contra os quais a razão, a amizade e os seus conselhos severos foram impotentes e fracós!

Creio que se algum dia metesse a estudar as altas questões sociais que preocupam os grandes políticos, havia de cogitar alguma coisa sobre essa força invencível do mais nobre dos sentimentos humanos.

(Fragmento de “A viuvinha”, de José de Alencar. In: ALENCAR, José de. Cinco minutos e A viuvinha. Série Bom Livro. São Paulo: Editora Ática, 1996, p. 53-54)

“Creio que se algum dia metesse a estudar as altas questões sociais que preocupam os grandes políticos, havia de cogitar alguma coisa sobre essa força invencível do mais nobre dos sentimentos humanos.” [...]

A posição do adjetivo anteposto ao substantivo nos sintagmas nominais sublinhados revela:

- a) atualidade b) objetividade c) imparcialidade d) subjetividade

EM13LP07

2. Enem PPL 2019 As alegres meninas que passam na rua, com suas pastas escolares, às vezes com seus namorados. As alegres meninas que estão sempre rindo, comentando o besouro que entrou na classe e pousou no vestido da professora; essas meninas; essas coisas sem importância.

O uniforme as despersonaliza, mas o riso de cada uma as diferencia. Riem alto, riem musical, riem desafinado, riem sem motivo; riem.

Hoje de manhã estavam sérias, era como se nunca mais voltassem a rir e falar coisas sem importância. Faltava uma delas. O jornal dera notícia do crime. O corpo da menina encontrado naquelas condições, em lugar ermo. A selvageria de um tempo que não deixa mais rir.

As alegres meninas, agora sérias, tornaram-se adultas de uma hora para outra; essas mulheres.

ANDRADE, C. D. Essas meninas. *Contos plausíveis*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

No texto, há recorrência do emprego do artigo “as” e do pronome “essas”. No último parágrafo, esse recurso linguístico contribui para

- a) intensificar a ideia do súbito amadurecimento.
b) indicar a falta de identidade típica da adolescência.
c) organizar a sequência temporal dos fatos narrados.
d) complementar a descrição do acontecimento trágico.
e) expressar a banalidade dos assuntos tratados na escola.

EM13LP07

3. Enem 2015



Disponível em: www.behance.net. Acesso em: 21 fev. 2013 (adaptado).

A rapidez é destacada como uma das qualidades do serviço anunciado, funcionando como estratégia de persuasão em relação ao consumidor do mercado gráfico. O recurso da linguagem verbal que contribui para esse destaque é o emprego

- a) do termo “fácil” no início do anúncio, com foco no processo.
b) de adjetivos que valorizam a nitidez da impressão.
c) das formas verbais no futuro e no pretérito, em sequência.
d) da expressão intensificadora “menos do que” associada à qualidade.
e) da locução “do mundo” associada a “melhor”, que quantifica a ação.



© Léger, Fernand/ AUTVIS, Brasil, 2021.
Foto: Sandoz, Esik/AlamyFotoarena

Os construtores, 1950. Localização:
Museu Nacional Fernand Léger, Biot.

FRENTE 1

CAPÍTULO

4

Modalização, conexão e sentido

A obra *Os construtores*, de autoria do pintor cubista e francês Fernand Léger (1881-1955), evidencia um ponto de vista avaliativo do artista. A tela retrata um edifício por meio da técnica do corte da imagem, a fim de parecer prolongar-se indefinidamente em ambas as direções. Os trabalhadores, que se assemelham a robôs, movimentam-se sobre as vigas, e as nuvens contrastam em forma e cor com a estrutura metálica do edifício em construção. Em analogia, a língua portuguesa também possui suas “vigas”, que são as preposições e as conjunções, as quais conectam grupos de palavras, frases e períodos.

Advérbio: modalização e expressividade

Ao observar a obra *Os construtores*, que abre este capítulo, podemos afirmar que sua composição evidencia um ponto de vista avaliativo de Léger. Nas línguas, existem alguns termos cuja função é expressar as avaliações e os julgamentos do interlocutor sobre o que é apresentado. Esses termos, em sua maioria advérbios, são chamados **modalizadores**.

No Capítulo 2, estudamos brevemente os advérbios. Do ponto de vista morfológico, os advérbios são palavras invariáveis, e é isso que os diferencia dos adjetivos, posto que muitos adjetivos funcionam como advérbios, como você pode observar em:

Agora é meio-dia e **meia**.
Estou **meio** cansada.

No primeiro caso, o vocábulo “meia” concorda com o substantivo feminino “hora”, que está subentendido no contexto; logo, trata-se de um adjetivo. Já no segundo exemplo, não encontramos essa concordância, pois “meio” é um advérbio modificador do adjetivo “cansada”, sendo, portanto, invariável.

Os advérbios são palavras relacionadas ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio, classes modificadas por eles. Veja a tabela a seguir, que traz alguns exemplos de advérbios e de locuções adverbiais.

Classificação	Advérbio	Locuções adverbiais
Afirmação	realmente; certamente; sim.	com certeza; de fato; sem dúvida.
Dúvida	talvez; porventura; possivelmente.	quem sabe; por certo.
Intensidade	menos; mais; bastante.	por demais; de todo.
Lugar	dentro; fora; abaixo; acima.	em cima; à direita; ao lado de.
Modo	rapidamente; devagar; mal; simplesmente.	às pressas; ao contrário de.
Negação	nunca; jamais; não; absolutamente.	de modo algum; de forma alguma.
Tempo	sempre; nunca; depois; ontem.	em breve; à tarde; de manhã.
Ordem	primeiramente; ultimamente.	em primeiro lugar; antes de tudo.
Inclusão/Exclusão	somente; inclusive; senão.	além disso; em adição.
Designação	eis.	–

Também há alguns advérbios interrogativos, que possuem valores semânticos de:

- **Causa: por quê?**
Por que não fala comigo?
Não sei **por que** não fala comigo.
- **Lugar: onde?**
Onde fica a sua nova casa?
Não sei **onde** fica sua nova casa.
- **Modo: como?**
Como está o planejamento dos seus estudos?
Preciso saber **como** está o planejamento dos seus estudos.
- **Tempo: quando?**
Quando estaremos juntos de novo?
Quero saber **quando** estaremos juntos de novo.

Algumas palavras, mesmo que tenham características semelhantes aos advérbios, não são aderidas a essa classe gramatical. Na morfologia, são palavras invariáveis, mas do ponto de vista sintático guardam diferenças com o uso dos advérbios. Em relação ao valor semântico, essas palavras têm importância no contexto em que se encontram, por isso recebem o nome de **palavras denotativas** ou **locuções denotativas**.

Leia a tirinha a seguir.



Apesar de os termos “lá” e “agora” não alterarem nenhuma das palavras apresentadas na tirinha, eles são essenciais para a compreensão do que é enunciado.

Os termos “lá” e “agora”, no contexto da tirinha, não alteram um verbo nem um adjetivo e tampouco outro advérbio. Porém, podemos observar que essas palavras têm significado importante para a compreensão da tira, pois denotam sentido que interfere na construção da mensagem a ser transmitida. O quadro a seguir exemplifica algumas palavras denotativas.

Palavras ou locuções denotativas	
Valor semântico	Exemplo
Realce: lá; cá; só; é que etc.	Eu sei lá quantos anos você tem.
Retificação: aliás; ou melhor; ou antes etc.	Ele gosta de viajar, ou melhor , adora.
Situação: afinal; agora; então etc.	Afinal , você irá conosco?
Explicação: isto é; por exemplo; ou seja etc.	Tenho três sapatos, isto é , três tênis.

Como estudamos até aqui, os advérbios podem expressar diferentes valores, que, na produção textual, podem indicar posicionamentos do enunciador.

Quando produzimos um texto, seja escrito ou oral, temos a equivocada impressão de que somos inteiramente responsáveis por nossos dizeres. No entanto, em todo texto que planejamos estamos estabelecendo diálogos com diversos outros autores, ideias e posicionamentos. Essas outras “vozes” com as quais celebramos uma relação de concordância ou oposição são chamadas discursos alheios. Frente a eles nos posicionamos para avaliar e julgar. Essas avaliações e esses julgamentos são denominados **modalizações**.

Saiba mais

O linguista russo Valentin Volóchinov (1895-1936) foi um dos principais pesquisadores da linguagem que estudaram o discurso alheio. Para o estudioso, toda comunicação humana é dialógica, isto é, tecida por textos nos quais são/foram retomados os discursos alheios do passado ou do presente.

As modalizações podem ser reconhecidas por um conjunto de unidades linguísticas que já estudamos em capítulos anteriores. Há três principais funções de modalização. Vamos conhecê-las:

• Modalizações lógicas

Apresentam os conteúdos do ponto de vista de suas condições de verdade, como fatos atestados, certos, possíveis, prováveis e eventuais. Veja a manchete a seguir.

Astrônomos descobrem novo tipo de exoplaneta **possivelmente** habitável

HARADA, Eduardo. *TecMundo*, 27 ago. 2021.

Outros modalizadores lógicos: certamente; evidentemente; talvez; é evidente que etc.

• Modalizações apreciativas

Consistem em uma avaliação subjetiva, apresentando as informações de uma perspectiva benéfica, maléfica, estranha, alegre ou triste. Observe o título:

“Estamos vivendo um caos e, **infelizmente**, acho que vai piorar”, diz médica

FERNANDES, Daniel. *CNN Brasil*, 28 fev. 2021.

Outros modalizadores apreciativos: alegremente; felizmente; lamentavelmente etc.

• Modalizações deônticas

Consistem em apresentar as informações como domínio do direito, da obrigação social e/ou da conformidade com as normas. Leia a manchete a seguir.

Pandemia aumenta casos de depressão e **é preciso** buscar ajuda, alerta médica

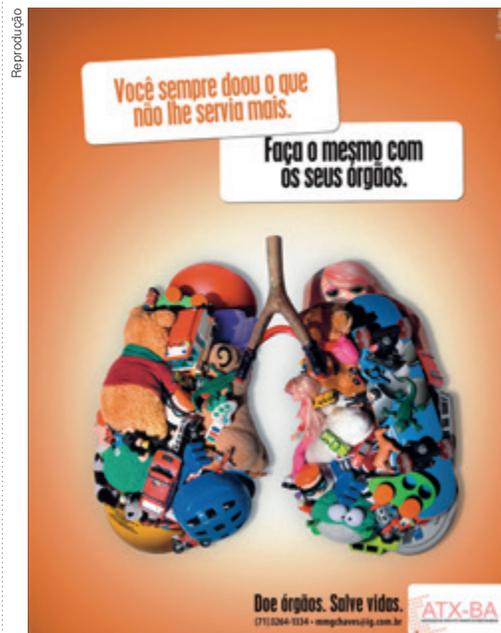
MEDEIROS, Tiago. *Agência Senado*, 17 mar. 2021.

Outros modalizadores deônticos: deve ser; não pode, obrigatoriamente, necessariamente etc.

Nos títulos jornalísticos apresentados, podemos observar que a marcação linguística da modalização ocorre por unidades diversas. Veja o quadro.

Advérbios e locuções adverbiais	certamente; provavelmente; talvez; evidentemente; verdadeiramente; sem dúvida; felizmente; infelizmente; obrigatoriamente; deliberadamente etc.
Verbos auxiliares	poder; querer; dever; ser etc.
Orações impessoais	é provável que; é lamentável que; admite-se geralmente que etc.
Tempos verbais do modo condicional	poderia; teria; seria etc.

Conhecer as modalizações pode nos ajudar na compreensão e produção de textos. Vamos analisar a seguir o cartaz de uma campanha de doação de órgãos, a fim de estudar os possíveis efeitos de sentido dos modalizadores.



No contexto comunicativo do cartaz, o advérbio “sempre” traz uma ideia de certeza.

Vejamos as orações em destaque no cartaz: “Você **sempre** doou o que não lhe servia mais. Faça o mesmo com os seus órgãos”. O advérbio “sempre” tem valor de tempo, porém, tal qual foi empregado no cartaz, passa a expressar um ponto de vista de certeza, uma modalização lógica, pois, na perspectiva do enunciador, o leitor do cartaz “sempre” fez doações de seus pertences (roupas, brinquedos e objetos diversos), assim como os representados na imagem do pulmão; por isso, é certo que o leitor também doará seus órgãos para salvar vidas. Caso o ponto de vista de certeza não tivesse sido empregado, o efeito argumentativo seria menor, logo a adesão à campanha também.

Grau comparativo e grau superlativo

O parágrafo a seguir é a introdução de uma redação do Enem de 2013 que recebeu a nota máxima. O tema da redação era “Efeitos da implantação da Lei Seca no Brasil”. Leia o fragmento e observe o uso das palavras em destaque.

Com a ascensão de Juscelino Kubitschek ao poder, a política de abertura da economia brasileira entrou em ação **mais vigorosamente do que** em qualquer outro episódio da história do Brasil. Nesse cenário, a entrada de automóveis no Brasil como produtos de consumo foi cada vez maior. No entanto, o governo não tomou como prioridade a fiscalização das estradas do país e uma prática nociva tornou-se comum: beber e dirigir. Recentemente, o governo implantou a Lei Seca, visando diminuir os efeitos dessa prática. Nesse contexto, cabe analisar os aspectos positivos da aplicação dessa Lei, e como ela pode ser melhorada.

MELO, Sarah Christyan de Luna. Construindo uma dinâmica mais ética do trânsito no Brasil. In: BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Redação no Enem 2016: cartilha do participante*. Brasília: MEC/INEP, 2016. p. 31. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2016/manual_de_redacao_do_enem_2016.pdf. Acesso em: 8 ago. 2022.

A expressão “mais vigorosamente do que” remete ao modo como a autora do texto avalia a situação da economia brasileira no governo de Juscelino Kubitschek em relação a qualquer outro período da história do país. Alguns advérbios, principalmente os que indicam circunstância de modo, são passíveis de gradação, de forma semelhante ao que ocorre com os adjetivos na construção dos graus comparativo e superlativo. Esse uso também pode evidenciar uma modalização apreciativa de quem escreve determinado texto, isto é, uma avaliação subjetiva.

No quadro a seguir, veja como são construídos o comparativo e o superlativo dos advérbios.

Grau dos advérbios	
Comparativo Compara algo	De inferioridade: Compara algo a outro, demarcando inferioridade. Composto de: menos + advérbio + que/do que. Ex.: Ela correu menos rápido do que eu.
	De igualdade: Compara algo a outro, demarcando igualdade. Composto de: tão/tanto + advérbio + quanto/como. Ex.: Ela correu tão rápido quanto eu.
	De superioridade: Compara algo a outro, demarcando superioridade. Composto de: mais + advérbio + que/do que. Ex.: Ela correu mais rápido do que eu.
Superlativo Expressa qualidades em níveis elevados ou máximos	Absoluto analítico: É acompanhado de outro advérbio que altera o grau de intensidade. Composto de: muito + advérbio. Ex.: Ela correu muito rápido .
	Absoluto sintético: Altera o advérbio devido ao uso de um sufixo. Composto de: advérbio + sufixo “-íssimo”. Ex.: Ela correu rapidíssimo .

Preposição: conceito e classificação

A preposição (pré + posição) serve de instrumento de ligação entre dois segmentos do enunciado, em que a sequência colocada após a preposição fica dependente, de certo modo, da que precede a preposição. Leia o excerto de notícia a seguir.

Redação do Enem tem como tema A falta de empatia nas relações sociais

A falta de empatia nas relações sociais no Brasil é o tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) aplicado hoje (23), tanto para estudantes que tiveram as provas canceladas por conta da pandemia do novo coronavírus (covid-19) quanto para aqueles que pediram para participar da reaplicação do exame porque foram prejudicados na aplicação regular, e para os candidatos privados de liberdade.

[...]

A opinião do autor deve estar fundamentada com explicações e argumentos, ou seja, na redação o participante deverá dissertar sobre o assunto proposto descrevendo-o e explicando-o. Além disso, é necessário defender a opinião colocada na construção textual, com o objetivo de convencer o leitor com base em argumentos. A redação deve ter, no máximo, 30 linhas e o texto deverá ser desenvolvido a partir da situação-problema apresentada e dos subsídios oferecidos pelos textos motivadores.

A prova de redação é a única subjetiva do exame e tem, por isso, critérios especiais de correção [...]

TOKARNIA, Mariana. *Agência Brasil*, 23 fev. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-02/redacao-do-enem-tem-como-tema-falta-de-empatia-nas-relacoes-sociais>. Acesso em: 8 ago. 2022.

As palavras destacadas no texto são preposições. Observe que a função dessas palavras é conectar dois termos, contribuindo para a construção de sintagmas.

Atenção

Sintagma é o conjunto de palavras organizadas em torno de um núcleo. O sintagma pode ser nominal, se o núcleo for um nome, ou verbal, se o núcleo for um verbo.

Vamos analisar duas construções desse fragmento que utilizaram os verbos “pedir” e “dissertar”, respectivamente.

[...] aqueles que **pediram para** participar da reaplicação do exame [...]

A depender da preposição com a qual o verbo se junta, o sentido que expressa é diferente. No caso do exemplo anterior, “pedir **para**” expressa um pedido de permissão, autorização ou licença. Já o sentido de “pedir **a**” é solicitar que alguém atenda ao que foi pedido, como em “Pedi ao prefeito melhorias”.

Observe outro exemplo:

[...] o participante deverá **dissertar sobre** o assunto proposto [...]

O verbo “dissertar”, quando se junta à preposição “sobre”, tem o sentido de apresentar um assunto com riqueza de detalhes, de maneira sistemática. No entanto, ele também pode ser intransitivo, como em “Ele dissertou durante o evento”.

Em suma, as preposições estabelecem uma coesão adequada entre verbo e complemento, além de interferir na construção de sentido, sendo, portanto, um recurso estilístico na compreensão textual.

No trecho da notícia, também encontramos a expressão nominal “opinião do autor”, em que “do autor” é uma locução adjetiva. A preposição “do” (de + o) une-se ao substantivo “opinião” para construir uma expressão modificadora.

A preposição pode ligar termos de classes gramaticais iguais, como ocorre entre os dois substantivos em “opinião do autor”, ou de classes gramaticais diferentes, como em “dissertar sobre o assunto”, na qual estabelece conexão entre verbo e substantivo. Nessa relação entre dois termos, o que precede a preposição é chamado **subordinante**, e o que a sucede recebe o nome de **subordinado**.

O termo subordinante pode ser um substantivo (“**redação** do Enem”), um verbo (“**pediram** para participar”), um adjetivo (“**especial** de correção”) ou um advérbio (“**tanto** para estudantes”). Já o subordinado pode ser um substantivo (“prova de **redação**”), um pronome (“quanto para **aqueles**”) ou um verbo no infinitivo (“objetivo de **convencer**”). Por causa dessas variadas possibilidades de combinações, as preposições podem participar de diferentes construções, com distintas funções sintáticas. Confira alguns exemplos na tabela a seguir.

Sentença	Preposição na construção do
Acredito em milagres.	objeto indireto
Ele tem orgulho da filha.	complemento nominal
O segredo de Paulo foi revelado.	adjunto adnominal
Ela voltou com saudades.	adjunto adverbial
A notícia foi dada por Pedro.	agente da passiva

Categorização e contração das preposições

A maior parte das preposições é derivada de advérbios de lugar, mas também pode surgir a partir de outras

categorias gramaticais, como adjetivos, verbos no particípio e substantivos.

Algumas sempre funcionam como preposições, por isso são chamadas **preposições essenciais**. Outras são as **preposições acidentais**, isto é, embora pertençam a outras classes de palavras, funcionam como preposição dependendo do contexto. Veja o quadro a seguir:

Preposições essenciais: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

Preposições acidentais: afora, como, conforme, consoante, durante, exceto, malgrado, mediante, salvo, segundo.

As preposições essenciais podem se unir a outras palavras, originando **locuções prepositivas**. Geralmente, essas locuções são formadas com o acréscimo de uma preposição a um advérbio ou a uma locução adverbial. Exemplos: depois de, junto a, apesar de, acima de, por causa de etc.

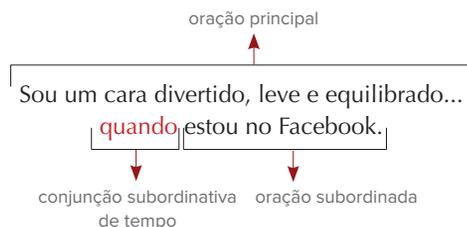
As preposições contraem-se com o artigo (do, ao, aos, às) ou combinam-se com advérbios (até hoje, desde ontem etc.) e com outras preposições (com base em, a partir de, em vez de etc.); há ainda preposições com mais de um elemento (desde... até, de... até) e preposições derivadas (durante, mediante, salvo etc.). Na combinação, a junção de uma preposição a outro termo não reduz ou altera as palavras.

Preposições e relações de sentido

Observe algumas das relações de sentido que as preposições podem estabelecer conforme o contexto em que são empregadas.

Preposição	Exemplos	Relação de sentido
a	Vim a cavalo.	Meio
	Realizou a tarefa aos gritos.	Modo
	Chegaremos ao meio-dia.	Tempo
	Fui a Paris.	Destino
de	A casa de Luiza.	Posse
	Chorava de felicidade.	Causa
	É feito de ferro.	Matéria
	Minha barraca de camping.	Finalidade
com	Limpou a casa com a vassoura.	Instrumento (por meio de)
	Ela estava com ele ontem.	Companhia
	Concordaram com o professor.	Conformidade
	Ela se parece com o pai.	Comparação
em	Estou em meu apartamento.	Lugar
	Estava em desespero.	Modo
	Sairão em poucas horas.	Tempo
	O galpão estava em chamas.	Estado ou qualidade
para	Chegou à empresa para se destacar.	Finalidade
	Viajamos para o campo.	Destino
sem	Estou sem dinheiro algum.	Falta, privação
	Ganhei sem pagar nada.	Concessão

Veja a seguir:



Como podemos observar, as relações de subordinação estabelecem uma dependência sintática entre orações. Considerando o contexto da tira, a declaração do homem, feita de joelhos, conta com a quebra de expectativa no último quadrinho. A fala da personagem foi construída com o emprego da oração subordinada temporal “quando”, que distingue seu “eu” projetado na rede social Facebook com o “eu” presente.

Veja no quadro a seguir as conjunções e locuções conjuntivas e os sentidos que estabelecem entre as orações.

Conjunções e locuções conjuntivas	Relações de sentido que estabelecem
Integrantes que; se.	Introduzem orações subordinadas que exercem a função de um substantivo O deputado federal e ex-ministro da Saúde Alexandre Padilha (PT-SP) disse ao UOL na noite desta quarta-feira (24) que quem está por trás do esquema paralelo de vacinação, revelado pela revista “Piauí”, cometeu “uma sucessão de crimes”. TOUEG, Gabriel. Deputado diz que compra paralela de vacinas abastece ‘camarote clandestino’. UOL, 25 mar. 2021.
Causais visto que; já que; uma vez que; porquanto; como; pois que; porque.	Causa Preços de suínos na Alemanha voltam a subir, já que exportações da UE substituem vendas perdidas da China Notícias Agrícolas com informações da Reuters, 3 mar. 2021.
Comparativa que; mais/menos; maior/menor... que; melhor/pior... que; tal... qual; tanto... quanto; como; assim como; bem como; como se; que nem.	Comparação Ray Dalio diz que, assim como foi com o ouro, bitcoin pode ser proibido JOSA, Lucas. Exame, 24 mar. 2021.
Concessivas ainda que; mesmo que; bem que; embora; apesar de; por mais que.	Concessão Embora o governo tenha decidido substituir o Bolsa Família pelo Auxílio Brasil, o Conselho de Monitoramento e Avaliação de Políticas Públicas (CMAP) avaliou, em agosto deste ano, que o programa encerrado nesta sexta-feira (29) “conseguiu com sucesso reduzir a pobreza no Brasil de modo significativo”. MARTELLO, Alexandro. Embora revogado, Bolsa Família reduziu ‘de modo significativo’ a pobreza, diz conselho do governo. G1, 30 out. 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/10/30/embora-revogado-bolsa-familia-reduziu-de-modo-significativo-a-pobreza-diz-conselho-do-governo.ghtml . Acesso em: 8 ago. 2022.
Condicionais salvo se; desde que; a menos que; caso; se.	Condição O projeto especifica ainda que os dirigentes não respondem, direta ou subsidiariamente, pelas obrigações fiscais da entidade, salvo se comprovada fraude, dolo ou simulação. Senado vai analisar novas regras para certificação de entidades beneficentes. Agência Senado com informações da Agência Câmara, 29 out. 2021. Disponível em: www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/29/senado-vai-analisar-novas-regras-para-a-certificacao-de-entidades-beneficentes . Acesso em: 8 ago. 2022.
Conformativas conforme; segundo; consoante; como.	Conformidade Este é o primeiro fim de semana em São Paulo em que <i>shows</i> , baladas e eventos esportivos estão liberados para receber 100% da capacidade de público. A flexibilização total está vigente desde o dia 1º, conforme previa o Plano São Paulo. A liberação ocorre quase dois anos após regras sanitárias proibirem aglomeração devido à pandemia da covid-19. MACIEL, Camila; CLAUDIA, Maria (ed.). São Paulo tem fim de semana de <i>shows</i> e jogos com lotação liberada. Agência Brasil, 6 nov. 2021. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-11/sao-paulo-tem-fim-de-semana-de-shows-e-jogos-com-lotacao-liberada . Acesso em: 8 ago. 2022.

<p>Consecutivas tal/tanto/tão/tamanho... que; de forma que; de maneira que; de modo que; de sorte que.</p>	<p>Consequência</p> <p>Os pesquisadores também observaram que, ao aquecer o chá a 35 °C, sua composição química se altera, de modo que a ativação da KCNQ5 se torna mais efetiva. NAKAJUNI, Mariana. Estudo mostra como chá pode reduzir a hipertensão. <i>Viva Bem UOL</i>, 23 mar. 2021.</p>
<p>Finais a fim de que; para que; porque.</p>	<p>Finalidade</p> <p>Ifap oferta 545 auxílios de R\$ 1,3 mil, para que estudantes comprem equipamentos para aulas on-line. G1 AP, 25 mar. 2021.</p>
<p>Proporcionais à proporção que; ao passo que; à medida que; quanto.</p>	<p>Proporcionalidade</p> <p>Futuros dos EUA seguem baixa à medida que os rendimentos dos títulos avançam HARAMOTO. <i>Investing.com</i>, 23 nov. 2021.</p>
<p>Temporais quando; antes que; depois que; até que; logo; sempre que; assim que; todas as vezes que; desde que; cada vez que; apenas; mal; que.</p>	<p>Tempo</p> <p>Como aproveitar a renda fixa antes que o momento de juros altos mude? CORDEIRO, Tiago. <i>Exame</i>, 4 ago. 2022.</p>

Revisando

1. Fuvest-SP 2018 Uma obra de arte é um desafio; não a explicamos, ajustamo-nos a ela. Ao interpretá-la, fazemos uso dos nossos próprios objetivos e esforços, dotamo-la de um significado que tem sua origem nos 5 nossos próprios modos de viver e de pensar. Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna.

As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. Não nos dirigimos a elas diretamente, mas 10 contornamo-las. Cada geração as vê sob um ângulo diferente e sob uma nova visão; nem se deve supor que um ponto de vista mais recente é mais eficiente do que um anterior. Cada aspecto surge na sua altura própria, que não pode ser antecipada nem prolongada; 15 e, todavia, o seu significado não está perdido porque o significado que uma obra assume para uma geração posterior é o resultado de uma série completa de interpretações anteriores.

Arnold Hauser, *Teorias da arte*. Adaptado

No trecho “Numa palavra, qualquer gênero de arte que, **de fato**, nos afete, torna-se, **deste modo**, arte moderna” (L. 5 a 7), as expressões sublinhadas podem ser substituídas, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

- realmente; portanto.
- invariavelmente; ainda.
- com efeito; todavia.
- com segurança; também.
- possivelmente; até.

2. Uece

Mensagem de Natal

Um cartão de Natal com um desenho colorido de Papai Noel e uma menina, postado em 1914, chegou a seu destino na cidade americana de Oberlin, no estado do Kansas, depois de ficar extraviado durante 93 anos.

5 *O cartão, datado de 23 de dezembro de 1914, tinha sido enviado a Ethel Martin, de Oberlin. Ethel Martin nunca chegou a ler a mensagem de Natal. Ela morreu antes de receber o cartão. (17/12/2007)*

Para ele, o fim do ano era sempre uma época dura, 10 difícil de suportar. Sofria daquele tipo de tristeza mórbida que acomete algumas pessoas nos festejos de Natal e de Ano Novo. No seu caso havia uma razão óbvia para isso: aos setenta anos, solteirão, sem parentes, sem amigos, não tinha com quem celebrar, ninguém o convidava para festa 15 alguma. O jeito era tomar um porre, e era o que fazia, mas o resultado era melancólico: além da solidão, tinha de suportar a ressaca.

No passado, convivera muito tempo com a mãe. Filho único, sentia-se obrigado a cuidar da velhinha que 20 cedo enviuvara. Não se tratava de tarefa fácil: como ele, a mãe era uma mulher amargurada. Contra sua vontade, tinha casado, em 31 de dezembro de 1914 (o ano em que começou a Grande Guerra, como ela fazia questão de lembrar), com um homem de quem não gostava, mas 25 que pais e familiares achavam um bom partido. Resultado desse matrimônio: um filho e longos anos de sofrimento e frustração. O filho tinha de ouvir suas constantes e

ressentidas queixas. Coisa que suportava estoicamente; não deixou, contudo, de sentir certo alívio quando de seu falecimento, em 1984. Este alívio resultou em culpa, uma culpa que retornava a cada Natal. Porque a mãe falecera exatamente na noite de Natal. Na véspera, no hospital, ela lhe fizera uma confissão surpreendente: muito jovem, apaixonara-se por um primo, que acabou se transformando no grande amor de sua vida. Mas a família do primo mudara-se e ela nunca mais tivera notícias dele. Nunca recebera uma carta, uma mensagem, nada. Nem ao menos um cartão de Natal.

No dia 24 pela manhã ele encontrou um envelope na caixa do correio. Como em geral não recebia correspondência alguma, foi com alguma estranheza que abriu o envelope.

Era um cartão de Natal, e tinha a falecida mãe como destinatária. Um velhíssimo cartão, uma coisa muito antiga, amarelada pelo tempo. De um lado, um desenho do Papai Noel sorrindo para uma menina. Do outro lado, a data: 23 de dezembro de 1914. E uma única frase: “Eu te amo”.

A assinatura era ilegível, mas ele sabia quem era o remetente: o primo, claro. O primo por quem a mãe se apaixonara, e que, através daquele cartão, quisera associar o Natal com uma mensagem de amor. Uma nova vida era o que estava prometendo. Esta mensagem e esta promessa jamais tinham chegado a seu destino. Mas de algum modo o recado chegara a ele. Por quê? Que secreto desígnio haveria atrás daquilo?

Cartão na mão, aproximou-se da janela. Ali, parada sob o poste de iluminação, e provavelmente esperando o ônibus, estava uma mulher já madura, modestamente vestida, uma mulher ainda bonita. Uma desconhecida, claro, mas o que importava? Seguramente o destino a trouxera ali, assim como trouxera o cartão de Natal. Num impulso, abriu a porta do apartamento e, sempre segurando o cartão, correu para fora. Tinha uma mensagem para entregar àquela mulher. Uma mensagem que poderia transformar a vida de ambos, e que era, por isso, um verdadeiro presente de Natal.

(Moacyr Scliar. *Histórias que os jornais não contam*.)

Considere as proposições sobre o uso do advérbio **estoicamente** (linha 28).

- I. Modifica o processo expresso pela forma verbal **resistiu**.
- II. Contribui significativamente para traçar o perfil da personagem “filho”.
- III. Mantém relação semântica com o trecho **Não se tratava de tarefa fácil: como ele, a mãe era uma mulher amargurada** (linhas 20-21).

Está correto o que se declara

- a) apenas em I.
 - b) apenas em I e II.
 - c) apenas em II e III.
 - d) em I, II e III.
3. **UFJF-MG 2019** A terceira parte de *Um livro de instruções e desenhos de Yoko Ono*, da artista plástica, compositora e escritora Yoko Ono (Tóquio, 1933-), é intitulada “Evento”. Nele, Yoko Ono fornece “instruções” para que seus leitores produzam eventos.

Texto:

Evento do cheiro I

Envie o cheiro da Lua.

Evento do cheiro II

Envie um cheiro para a Lua.

(ONO, Yoko. *Grapefruit – A Book of Instruction and Drawings by Yoko Ono*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2000[1964].)

No texto, há uma mudança de preposições do Evento I para o II, em que o “da” passa a ser “para”. Sobre essas preposições podemos dizer que:

- a) No Evento I, a Lua é a possuidora do cheiro.
- b) No Evento I, a Lua é a mensageira do cheiro.
- c) No Evento I, a Lua é para onde o cheiro é enviado.
- d) No Evento II, a Lua é o agente do envio do cheiro.
- e) No Evento II, a Lua é o lugar onde estava o cheiro.

4. IFPR 2015

Música no táxi

Carlos Drummond de Andrade

Quando menos se espera... Você pega o táxi, manda tocar _____ seu destino (manda, não, pede por favor) e resigna-se a escutar durante 20 minutos, no volume mais possante, o rádio despejando assaltos e homicídios do dia. Os tiros, os gemidos, os desabamentos o acompanharão _____ todo o percurso. É a fatalidade da vida, quando se tem pressa.

Mas eis que o motorista pega de um imprevisto cassete, coloca-o no lugar devido, liga, e os acordes dos Contos dos Bosques de Viena irrompem do fusca amarrotado, mas digno.

Bem, não é a Nona Sinfonia nem um título menor da grande música, mas não estamos na Sala Cecília Meireles, e isso vale como homenagem especial a um passageiro distinto, que pede por favor. Cumpra agradecer a fineza:

— Obrigado. O senhor mostra que tem satisfação em agradar aos passageiros, oferecendo-lhes música e não barulho e crimes.

— Não tem de quê. O senhor também aprecia?

— O quê?

— Strauss. É um dos meus prediletos.

— Sim, ele é agradável. O senhor está sendo gentil comigo.

— Ora, não é tanto assim. Pus o cassete porque gosto de música. Não sabia se o senhor também gostava ou não. Se não gostasse, eu desligava. Portanto, não tem que agradecer.

— E já lhe aconteceu desligar?

— Ih, tantas vezes. Fico observando a fisionomia do passageiro. Uns, mais acanhados, disfarçam, não dizem nada, mas tem outros que reclamam, não querem ouvir esse troço. O senhor já pensou: chamar Tchaikovski de “esse troço”? Pois ouvi isso de um cidadão de gravata e pasta de executivo. Ele disse que precisava se concentrar por causa de um negócio importante e Tchaicovski perturbava a concentração.

— Ele talvez quisesse dizer que ficava tão empolgado pela música que esquecia o negócio.

— Pois sim! Nesse caso, não falaria “esse troço”, que é o cúmulo da falta de respeito.

— Estou adivinhando que o senhor toca um instrumento.

— Como é que o senhor viu?

— Porque uma pessoa que gosta tanto de música, em geral toca. Seu instrumento qual é?

Virou-se com tristeza na voz:

— Atualmente nenhum. O senhor sabe, essa crise geral, a gasolina pela hora da morte, e não é só a gasolina: a comida, o sapato, o resto. Tive de vender pra tapar uns buracos. Mas se as coisas melhorarem este ano...

— Melhoram. As coisas têm de melhorar – achei _____ meu dever confortá-lo.

— Porque clarinetista sem clarinete, o senhor sabe, é um negócio sem sentido. Clarinete tem esta vantagem: dá o recado sem precisar de orquestra. Um solo bem executado, não precisa mais pra encantar a alma. Mas clarinetista, sozinho, fica até ridículo.

— Não diga isso. E não desanime. O dia em que arranjar outro clarinete – quem sabe?, talvez até seja o mesmo que lhe pertenceu – será uma festa.

— Mas se demorar muito eu já estarei tão desacostumado que nem sei se volto a tocar razoavelmente. Porque, o senhor compreende, eu não sou um artista, minha vida não dá folga pra estudar nem meia hora por dia.

— O importante é gostar de música, ter amor e devoção por música, e está se vendo que o senhor tem de sobra.

— Lá isso tá certo.

— Não importa que o senhor não seja solista de uma grande orquestra, e mesmo de uma orquestra comum. Ninguém precisa ser grande em nada, uma vez que cultive alguma coisa bonita na vida.

Seu rosto iluminou-se.

— Que bom ouvir uma coisa dessas. Agora vou lhe confessar que isso de não ser músico dos tais que arrebatam o auditório sempre me doeu um pouco. Não era por vaidade não, quem sou pra ter vaidade? Mas um sonho esquisito, sei lá. Ficava me imaginando num palco iluminado, tocando... Bobagem, o senhor desculpe. Agora a sua palavra deixou tudo claro. Basta eu gostar de música. Não é preciso que gostem de mim, nem que ela goste de mim. Obrigado ao senhor.

Olhei o taxímetro, tirei a carteira.

— Eu nem devia cobrar do senhor. Fico até encabulado!

(*Boca de Luar*, 6 ed. pág. 69-71, Editora Record, Rio, 1987)

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas de linha contínua do texto:

- a) para o – por – do. d) à – a – o.
b) ao – a – o. e) até o – por – em.
c) a – em – no.

5. **Unifesp 2017** Leia a fábula “A raposa e o lenhador”, do escritor grego Esopo (620 a.C.-564 a.C.), para responder à questão.

Enquanto fugia de caçadores, uma raposa viu um lenhador e lhe pediu que a escondesse. Ele sugeriu que ela entrasse em sua cabana e se ocultasse lá dentro. Não muito tempo depois, vieram os caçadores e perguntaram ao

lenhador se ele tinha visto uma raposa passar por ali. Em voz alta ele negou tê-la visto, mas com a mão fez gestos indicando onde ela estava escondida. Entretanto, como eles não prestaram atenção nos seus gestos, deram crédito às suas palavras. Ao constatar que eles já estavam longe, a raposa saiu em silêncio e foi indo embora. E o lenhador se pôs a repreendê-la, pois ela, salva por ele, não lhe dera nem uma palavra de agradecimento. A raposa respondeu: “Mas eu seria grata, se os gestos de sua mão fossem condizentes com suas palavras.”

(*Fábulas completas*, 2013.)

“Entretanto, **como eles não prestaram atenção nos seus gestos**, deram crédito às suas palavras.”

Em relação à oração que a sucede, a oração destacada tem sentido de

- a) causa.
b) conclusão.
c) proporção.
d) consequência.
e) comparação.

6. **FCMSCSP 2021** Leia o poema em prosa “O enigma”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder à questão.

As pedras caminhavam pela estrada. Eis que uma forma obscura lhes barra o caminho. Elas se interrogam, e à sua experiência mais particular. Conheciam outras formas **deambulantes**, e o perigo de cada objeto em circulação na terra. Aquele, todavia, em nada se assemelha às imagens trituradas pela experiência, prisioneiras do hábito ou domadas pelo instinto imemorial das pedras. As pedras detêm-se. No esforço de compreender, chegam a imobilizar-se de todo. E na contenção desse instante, fixam-se as pedras – para sempre – no chão, compondo montanhas colossais, ou simples e estupefatos e pobres seixos desgarrados.

Mas a coisa sombria – desmesurada, por sua vez – aí está, à maneira dos enigmas que zombam da tentativa de interpretação. É mal de enigmas não se decifram a si próprios. Carecem de argúcia alheia que os liberte de sua confusão amaldiçoada. E repelem-na ao mesmo tempo, tal é a condição dos enigmas. Esse travou o avanço das pedras, rebanho desprevenido, e amanhã fixará por igual as árvores, enquanto não chega o dia dos ventos, e o dos pássaros, e o do ar pululante de insetos e vibrações, e o de toda vida, e o da mesma capacidade universal de se corresponder e se completar, que sobrevive à consciência. O enigma tende a paralisar o mundo.

Talvez que a enorme Coisa sofra na intimidade de suas fibras, mas não se compadece nem de si nem daqueles que reduz à congelada expectativa.

Ai! de que serve a inteligência – lastimam-se as pedras. Nós éramos inteligentes; contudo, pensar a ameaça não é removê-la; é criá-la.

Ai! de que serve a sensibilidade – choram as pedras. Nós éramos sensíveis, e o dom da misericórdia se volta contra nós, quando contávamos aplicá-lo a espécies menos favorecidas.

Anoitece, e o luar, modulado de dolentes canções que preexistem aos instrumentos de música, espalha no

côncavo, já pleno de serras abruptas e de ignoradas jazidas, melancólica moleza.

Mas a Coisa interceptante não se resolve. Barra o caminho e medita, obscura.

(Poesia 1930-62, 2012.)

deambular: andar à toa; vaguear, passear.

Em “Aquele, todavia, em nada se assemelha às imagens trituradas pela experiência, prisioneiras do hábito ou domadas pelo instinto imemorial das pedras” (1º parágrafo), o termo sublinhado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido do texto, por:

- a) por conseguinte. d) além disso.
b) sem dúvida. e) não obstante.
c) inclusive.

7. **IFPE 2020** Leia o texto a seguir para responder à questão.

Fronteiras entre games, livros e cinema estão cada vez menores

(1) Interatividade, pioneirismo e criação. Essas são as palavras-chave que designam os meios do *videogame*, do livro e do cinema, e que levam à seguinte conclusão: o entretenimento contemporâneo nunca esteve em tamanha sincronia. Economicamente, são três plataformas com distâncias pequenas (em determinadas vertentes, até opostas), e criativamente, em consonância, a trindade do entretenimento visual caminha para um mundo com fronteiras cada vez mais ínfimas.

(2) Recentemente, o ministro da Cultura espanhol, José Guirao, apresentou um dado sucinto, mas reverberante: em menos de cinco anos, espera-se que o faturamento do país europeu em *videogames* ultrapasse a arrecadação do mercado literário. Atualmente, o setor editorial do país fatura cerca de 2 bilhões de euros por ano, já a indústria de *videogames* ficou com pouco mais de 700 milhões de euros em 2017. Por essa perspectiva, a diferença pode até parecer inalcançável, mas tudo muda se considerado que os 700 milhões de euros tinham como marca, no ano anterior, “apenas” 300 milhões, ou seja, o faturamento anual do mercado de *videogames* mais do que dobrou nas terras do Dom Quixote.

(3) Em geral, a alta de arrecadamento da indústria do *videogame* mundo afora não é necessariamente uma novidade. O instituto de data base Steam apontou, ainda em maio do ano passado, que, em mídias digitais, os jogos de computadores já rendiam mais do que o *streaming* de vídeo, livros e música globalmente. E se, na vertente econômica, os números ditam a narrativa, criativamente, contudo, é mais difícil perceber na prática essa exclusão de fronteiras. Mas elas existem. E, para falar sobre isso, nada melhor do que ouvir quem trabalha todo dia nesses meios.

(4) Felipe Dantas é um desenvolvedor de *videogames* e explica um fator chave que comunga os três meios de forma bem profunda: a narrativa. “Existem narrativas muitos fortes que ultrapassam qualquer meio. São enredos

que funcionam não só nos filmes, mas também em livros e *videogames*. Ter essa boa narrativa é a principal forma de quebrar fronteiras”, afirma ele.

(5) Bárbara Morais é uma autora brasileira que vê essa quebra de fronteiras de uma maneira extremamente positiva: “É superinteressante, eu acho que não existem mais barreiras, na verdade. Lembro que um dos meus jogos favoritos tinha uma enciclopédia de personagens e passos, e eu parava para ficar lendo, em um jogo! Eu amava. Eu acho que está tudo integrado, as ideias são contadas de várias formas diferentes e cada meio dá uma roupagem diferente para a história. Cada uma dessas obras acaba completando a outra”.

(6) Mas existe o risco dos livros perderem público para outros meios? De acordo com a autora, não: “Eu acho que, querendo ou não, sempre vai ter um (meio de entretenimento) mais popular, eu não acho que um interfere na produtividade do outro, os meios e as formas de contar história são independentes e podem se manter”. Bárbara também deixa claro como reagiria caso uma de suas obras literárias fosse adaptada para outros meios: “Eu ia amar, mesmo que não fosse uma adaptação boa, ia popularizar meu trabalho; eu toparia, sim”.

(7) Segundo o professor do departamento de comunicação da Universidade Católica de Brasília, Ciro Inácio Marcondes, a ideia de uma consciência “transmídia” não é algo novo, pelo contrário, já marca um fluxo de conhecimento da humanidade – “como desde o texto oral para os livros” –, mas, atualmente, ganha um panorama monetário: “Essa questão da intermidialização tem se proliferado no contexto da comunicação, e essas narrativas transmídias passam não só pelos meios que foram criados, mas, também, por redes sociais, *marketing*, e isso funciona, inclusive, como uma nova economia”.

(8) Mas, afinal, o fim das fronteiras no entretenimento é para o bem ou para o mal? A questão principal dessa discussão não tem uma solução simples: “Eu, sinceramente, não consigo ter uma opinião qualitativa. É muito complexo “bater o martelo”. É um fenômeno que já acontece, o grande desafio é você marcar cada cultura com uma vertente, e a expectativa é isso aumentar, pois as mídias já são muito manipuláveis e isso não tem como mudar, é um circuito novo que já está aí”, conclui o acadêmico.

NUNES, Ronayre. *Fronteiras entre games, livros e cinema estão cada vez menores*. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-earte/2019/02/24/interna_diversao_arte,739280/relacao-entre-games-e-filmes.shtml. Acesso em: 25 out. 2019 (adaptado).

Sobre as relações sintático-semânticas estabelecidas entre os períodos do texto, analise as proposições a seguir e assinale a alternativa CORRETA.

- I. No trecho: “E se, na vertente econômica, os números ditam a narrativa, criativamente, **contudo**, é mais difícil perceber na prática essa exclusão de fronteiras” (3º parágrafo), a conjunção em destaque expressa a ideia de contraste.
- II. Em: “São enredos que funcionam **não só** nos filmes, **mas também** em livros e *videogames*” (4º parágrafo), as conjunções coordenativas em destaque provocam uma alternância entre o que funciona nos filmes, nos livros e nos *videogames*.

- III. Em: “Eu ia amar, **mesmo que** não fosse uma adaptação boa, ia popularizar meu trabalho” (6º parágrafo), a conjunção subordinativa destaca uma razão pela qual a autora Barbara Morais ficaria feliz caso uma de suas obras literárias fosse adaptada para outros meios, caracterizando uma oração explicativa.
- IV. No trecho: “**Segundo** o professor do departamento de comunicação da Universidade Católica de Brasília, **Ciro Inácio Marcondes**, a ideia de uma consciência ‘transmídia’ não é algo novo” (7º parágrafo), o termo sublinhado expressa uma ideia de conformidade.
- V. No trecho: “essas narrativas transmídias passam **não só** pelos meios que foram criados, **mas também** por redes sociais” (7º parágrafo), as conjunções coordenativas destacadas expressam a ideia de adição.

Estão CORRETAS, apenas, as proposições

- a) II, III e V. c) I, II e IV. e) III, IV e V.
b) I, IV e V. d) I, II e III.

8. Cederj 2018

Triste fim de Policarpo Quaresma

Lima Barreto

Como lhe parecia ilógico com ele mesmo estar ali metido naquele estreito calabouço. Pois ele, o Quaresma plácido, o Quaresma de tão profundos pensamentos patrióticos, merecia aquele triste fim? De que maneira
5 sorrateira o Destino o arrastara até ali, sem que ele pudesse pressentir o seu extravagante propósito, tão aparentemente sem relação com o resto da sua vida? [...]

Devia ser por isso que estava ali naquela masmorra, engaiolado, trancafiado, isolado dos seus semelhantes
10 como uma fera, como um criminoso, sepultado na treva, sofrendo umidade, misturado com os seus detritos, quase sem comer... Como acabarei? Como acabarei? E a pergunta lhe vinha, no meio da revoada de pensamentos que aquela angústia provocava pensar. Não havia base para qualquer
15 hipótese. Era de conduta tão irregular e incerta o Governo que tudo ele podia esperar: a liberdade ou a morte, mais esta que aquela. [...]

Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades.
20 Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas cousas de tupi, do folclore, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação?
25 Nenhuma! Nenhuma! [...]

A Pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política,
30 que julgava existir, havia. A que existia, de fato, era a do Tenente Antonino, a do Doutor Campos, a do homem do Itamarati.

Excerto. BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. In: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/policarpoE.pdf> p. 383-387.

Em “Era de conduta tão irregular e incerta o Governo que tudo ele podia esperar: a liberdade ou a morte, mais esta que aquela. [...]” (linhas 15-17), o par correlativo “tão... que” expressa a ideia de

- a) condição / conclusão
b) adversidade / finalidade
c) causa / consequência
d) adição / consequência

9. **FEI-SP 2018** Leia o poema de José Craveirinha, escritor de Moçambique, país africano de língua portuguesa. A seguir, responda à questão.

Um homem não chora

Acreditava naquela história do homem que nunca chora.

Eu julgava-me um homem.

Na adolescência meus filmes de aventuras punham-se muito longe de ser covarde na arrogante criança do herói de ferro.

Agora tremo.
E agora choro.

Como um homem treme.
Como chora um homem!

Leia as duas asserções:

- I. Na adolescência, o eu lírico se acreditava poderoso como um herói.
II. Ele não chorava.

Se as duas asserções estivessem em um único período (“Na adolescência, o eu lírico não tinha consciência da fragilidade dos seres humanos, _____ ele não chorava”), o conectivo que as relacionaria com coerência e coesão seria:

- a) conforme d) por isso
b) à medida que e) mas
c) como

10. **FCL-SP 2021** Leia o texto a seguir e responda à questão.

O que as organizações precisam fazer para serem bem vistas nas mídias sociais

Carolina Frazon Terra

Estamos na era da midiatização dos indivíduos, da possibilidade de usarmos mídias digitais como instrumentos de divulgação, exposição e expressão pessoais. Daí o termo usuário-mídia. Cada um de nós pode ser um canal de mídia: um produtor, criador, compositor, montador, apresentador, remixador ou apenas um difusor dos seus próprios conteúdos.

Entendemos que o usuário-mídia é um *heavy user* tanto da internet como das mídias sociais que produz, compartilha, dissemina conteúdos próprios e de seus pares, bem como os endossa junto às suas audiências

em *blogs*, *microblogs*, fóruns de discussão *online*, comunidades em *sites* de relacionamento e *chats*, entre outros. Acreditamos que existam níveis de usuário-mídia: os que apenas consomem conteúdo e replicam; os que apenas participam com comentários em iniciativas *online* de terceiros; e os que de fato produzem conteúdo ativamente.

Podemos definir a mídia social como aquela utilizada pelas pessoas por meio de tecnologias e políticas na *web* com fins de compartilhamento de opiniões, ideias, experiências e perspectivas. São consideradas mídias sociais os textos, imagens, áudio e vídeo em *blogs*, *microblogs*, quadro de mensagens, *podcasts*, *wikis*, *vlogs* e afins que permitem a interação entre os usuários. Compartilhamento de conteúdos e travamento de diálogos/conversações são os grandes pilares das mídias sociais. Interesses afins e similaridades temáticas norteiam a formação de redes estruturadas de usuários no ciberespaço. Essas redes se pautam, incentivam e estimulam a ação coletiva de seus membros via ferramentas como Blogs, Twitter, Facebook, MySpace, entre outros.

A mídia social tem como características o formato de conversação e não de monólogo; procura facilitar a discussão bidirecional e evitar a moderação e a censura; tem como protagonistas as pessoas e não as empresas ou marcas, isto é, quem controla sua interação com as corporações são os próprios usuários; tem como principais valores a honestidade e a transparência; e privilegia a distribuição em vez da centralização, uma vez que tem diversos interlocutores que tornam a informação heterogênea e rica.

Diante desta perspectiva, a tecnologia da informação passou a fazer parte da atividade de comunicação organizacional e da mídia, o que alterou e vai modificar ainda mais a relação entre corporações, comunicadores e públicos. Na rede, cidadãos (com acesso à *web*) se expressam e compartilham conteúdos, partilhando do poder de comunicar, antes exclusivo das grandes organizações ou dos conglomerados de mídia, com os públicos.

O pesquisador Marcelo Coutinho acredita que a *web* seja propulsora dos processos tradicionais de sociabilidade e desenvolvimento de confiança que antes eram baseados na mídia de massa ou na interação face a face. Ele cita um estudo da Universidade da Califórnia que evidencia que a credibilidade da informação encontrada na *web* depende da exposição a outros tipos de informação. Os meios tradicionais, portanto, dividem importância com as demais mídias no processo de formação de imagem de marca e intenção de compra.

O autor também destaca que antes era “custoso” e difícil para o consumidor encontrar segundas e terceiras opiniões sobre um produto, bem ou serviço que desejava comprar, o que hoje é substituído pela internet. Resta às organizações criarem cenários favoráveis para a formação de opiniões positivas em torno de produtos, ideias e serviços.

Em última instância, uma marca é informação sobre uma empresa, produto ou serviço. E a informação é a “moeda” das redes sociais. No médio prazo, não é preciso ser um gênio da matemática para perceber que, se uma marca não fornece valor para os consumidores nesse espaço, vai ter de pagar cada vez mais caro para conseguir influenciar a decisão de compra através de outros meios. É preciso entender como os usuários das redes sociais percebem as organizações e se apropriam das mídias sociais e como as pessoas enxergam determinadas organizações, produtos, ideias ou serviços.

Assinale a opção que identifica corretamente o sentido da locução “bem como”, em: “Entendemos que o usuário-mídia é um *heavy user* tanto da internet como das mídias sociais que produz, compartilha, dissemina conteúdos próprios e de seus pares, bem como os endossa junto às suas audiências...”.

- a) Causa.
- b) Modo.
- c) Consequência.
- d) Alternância.
- e) Adição.

Exercícios propostos

1. **FCMSCSP 2022** Leia o artigo intitulado “*Tempus fugit*”, de Hélio Schwartsman, para responder à questão.

Depois de nos privar de Plutão, que teve sua planetariedade cassada em 2006, cientistas agora ameaçam bagunçar o tempo.

Pretendem eliminar os segundos bissextos ocasionalmente introduzidos no calendário para fazer com que o tempo dos relógios atômicos (oficialmente, 1 segundo equivale a 9.192.631.770 ciclos de radiação emitidos pelo céso-133) não se divorcie de vez do tempo astronômico, em que o segundo vale 1/86.400 do dia.

Até os anos 60, a astronomia era a guardiã absoluta do tempo, mas aí descobrimos que o planeta é pouco pontual: a velocidade da rotação terrestre atrasa um número variável de milissegundos a cada ano.

Se os segundos corretivos forem de fato eliminados [...], o tempo se tornará mais abstrato. Não dirá mais respeito à noite, ao dia, às estações e aos anos.

Os cientistas, é claro, têm suas razões. O problema é que nossos corações são insensíveis a elas. O tempo encerra uma dimensão psicológica à qual não podemos escapar.

Nas “Confissões”, santo Agostinho vislumbrou o tamanho da encrenca: “Se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente. De que modo existem aqueles dois tempos — o passado e o futuro —, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade.”

Não é por acaso que, além de Agostinho, vários filósofos se apressaram a concluir que o tempo não passa de uma ilusão. Mesmo que ele seja uma realidade ontológica, como querem os físicos, continua despertando perplexidades e até paixões.

Nem toda ciência, filosofia e poesia do mundo nos fazem deixar de lamentar o passado e temer o futuro. Quem traduziu bem esse sentimento foi Virgílio: “*Sed fugit interea, fugit irreparabile tempus*” (mas ele foge: foge irreparavelmente o tempo).

(Folha de S. Paulo, 20.01.2012)

“Mesmo que ele seja uma realidade ontológica, como querem os físicos, continua despertando perplexidades e até paixões.” (7º parágrafo)

Considerada no contexto, a oração “Mesmo que ele seja uma realidade ontológica” expressa ideia de

- a) condição.
- b) causa.
- c) consequência.
- d) comparação.
- e) concessão.

2. IME-RJ 2021

A guerra das caatingas

Os doutores na arte de matar que hoje, na Europa, invadem escandalosamente a ciência, perturbando-lhe o remanso com um retinir de esporas insolentes – e formulam leis para a guerra, pondo em equação as batalhas, 5 têm definido bem o papel das florestas como agente tático precioso, de ofensiva ou defensiva. E ririam os sábios *feldmarechais* – guerreiros de cujas mãos caíram o *franquiscuc* heroico trocado pelo lápis calculista – se ouvissem a alguém que às caatingas pobres cabe função 10 mais definida e grave que às grandes matas virgens. Porque estas, malgrado a sua importância para a defesa do território – orlando as fronteiras e quebrando o embate às invasões, impedindo mobilizações rápidas e impossibilitando a translação das artilharias – se tornam 15 de algum modo neutras no curso das campanhas. Podem favorecer, indiferentemente, aos dois beligerantes oferecendo a ambos a mesma penumbra às emboscadas, dificultando-lhes por igual às manobras ou todos os desdobramentos em que a estratégia desencadeia 20 os exércitos. É uma variável nas fórmulas do problema tenebroso da guerra, capaz dos mais opostos valores.

Ao passo que as caatingas são um aliado incorruptível do sertanejo em revolta. Entram também de certo modo na luta. Armam-se para o combate; agridem. Trançam-se, 25 impenetráveis, ante o forasteiro, mas abrem-se em trilhas multívias para o matuto que ali nasceu e cresceu.

E o jagunço faz-se o guerrilheiro-tugue, intangível...

As caatingas não o escondem apenas, amparam-no.

Ao avistá-las, no verão, uma coluna em marcha não 30 se surpreende. Segue pelos caminhos em torcicolos, aforadamente. E os soldados, devassando com as vistas o matagal sem folhas, nem pensam no inimigo, reagindo à canícula e com o desalinho natural às marchas, prosseguem envoltos no vózear confuso das conversas travadas 35 em toda a linha, virguladas de tinidos de armas, cindidas de risos joviais mal sofrados.

É que nada pode assustá-los. Certo; se os adversários imprudentes com eles se afrontarem serão varridos em

momentos. Aqueles esgalhos far-se-ão em estilhas a um 40 breve choque de espadas e não é crível que os gravetos finos quebrem o arranco das manobras prontas. E lá se vão, marchando, tranquilamente heroicos...

De repente, pelos seus flancos, estoura, perto, um tiro...

45 A bala passa, rechinante, ou estende, morto, em terra, um homem. Sucedem-se, pausadas, outras, passando sobre as tropas, em sibilos longos. Cem, duzentos olhos, mil olhos perscrutadores, volvem-se, impacientes, em roda. Nada veem.

50 Há a primeira surpresa. Um fluxo de espanto corre de uma a outra ponta das fileiras.

E os tiros continuam raros, mas insistentes e compassados, pela esquerda, pela direita, pela frente agora, irrompendo de toda a banda...

55 Então estranha ansiedade invade os mais provados valentes, ante o antagonista que vê e não é visto. Forma-se celeremente em atiradores uma companhia, mal destacada da massa de batalhões constrictos na vereda estreita. Distende-se pela orla da caatinga. Ouve-se uma voz de 60 comando; e um turbilhão de balas rola estrugidoramente dentro das galhadas... Mas constantes, longamente intervalados sempre, zunem os projéteis dos atiradores invisíveis batendo em cheio nas fileiras.

A situação rapidamente engravesce, exigindo resoluções 65 enérgicas. Destacam-se outras unidades combatentes, escalonando-se por toda a extensão do caminho, prontas à primeira voz; – e o comandante resolve carregar contra o desconhecido. Carrega-se contra os duendes. A força, de baionetas caladas, rompe, impetuosa, o matagal numa 70 expansão irradiante de cargas. Avança com rapidez. Os adversários parecem recuar apenas. Nesse momento surge o antagonismo formidável da caatinga.

As seções precipitam-se para os pontos em que estalam os estampidos e estacam ante uma barreira flexível, 75 mas impenetrável, de juremas. Enredam-se no cipoal que as agrilhoa, que lhes arrebatam das mãos as armas, e não vingam transpô-lo. Contornam-no. Volvem aos lados. Vê-se um como rastilho de queimada; uma linha de baionetas enfiando pelos gravetos secos. Lampeja por momentos 80 entre os raios do sol joeirados pelas árvores sem folhas; e parte-se, faiscando, adiante, dispersa, batendo contra espessos renques de xiquexiques, unidos como quadrados cheios, de falanges, intransponíveis, fervilhando espinhos...

Circuitam-nos, estonteadamente, os soldados. Espalham-se, correm à toa, num labirinto de galhos. Caem, 85 presos pelos laços corredios dos quipás reptantes; ou estacam, pernas imobilizadas por fortíssimos tentáculos. Debatem-se desesperadamente até deixarem em pedaços as fardas, entre as garras felinas de acúleos recurvos 90 das macambiras...

Impotentes estadeiam, imprecando, o desapontamento e a raiva, agitando-se furiosos e inúteis. Por fim a ordem dispersa do combate faz-se a dispersão do tumulto. Atiram a esmo. Sem pontaria, numa indisciplina de fogo 95 que vitima os próprios companheiros. Seguem reforços. Os mesmos transe reproduzem-se maiores, acrescidas a confusão e a desordem; – enquanto em torno, circulando-os, rítmicos, fulminantes, seguros, terríveis, bem apontados, caem inflexivelmente os projetis do adversário.

100 De repente cessam. Desaparece o inimigo que ninguém viu.

As seções voltam desfalcadas para a coluna, depois de inúteis pesquisas nas macegas. E voltam como se saíssem de recontra braço a braço, com selvagens: vestes em tiras;

105 armas estrondadas ou perdidas; golpeados de gilvazes; claudicando, estropiados; mal reprimindo o doer infernal das folhas urticantes; frechados de espinhos...

[...]

A luta é desigual. A força militar decai a um plano inferior. Batem-na o homem e a terra. E quando o sertão estua nos bochornos dos estios longos não é difícil prever a quem cabe a vitória. Enquanto o minotauro, impotente e possante, inerme com a sua envergadura de aço e grifos de baionetas, sente a garganta exsacar-se-lhe de sede e, aos 115 primeiros sintomas da fome, reflui à retaguarda, fugindo ante o deserto ameaçador e estéril, aquela flora agressiva abre ao sertanejo um seio carinhoso e amigo.

[...]

A natureza toda protege o sertanejo. Talha-o como 120 Anteu, indomável. E um titã bronzeado fazendo vacilar a marcha dos exércitos.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. 2a ed. São Paulo: Editora Ciranda Cultural, 2018. p. 181-186.

“Ouve-se uma voz de comando e um turbilhão de balas rola estrugidoramente dentro das galhadas...” (linhas 59 a 61).

O valor semântico do vocábulo “estrugidoramente” no trecho acima se aproxima de:

- a) violentamente.
- b) ruidosamente.
- c) velozmente.
- d) certamente.
- e) mortalmente.

3. **Famema-SP 2022** A conjunção **e**, a de maior frequência em Língua Portuguesa, mostra uma série de diferentes valores semânticos. Assinale a opção que apresenta a frase em que essa conjunção mostra valor concessivo.

- a) O trem parou e logo começaram a entrar os passageiros.
- b) E como eu pulei com a vitória do meu time.
- c) Vi que não tinha tempo e desisti da viagem.
- d) Notei que o menino cairia, e não pude ajudar.
- e) Não fui aprovado e eu li todos os livros indicados.



Para responder às questões 4 e 5, leia o trecho do livro *A solidão dos moribundos*, do sociólogo alemão Norbert Elias.

Não mais consideramos um entretenimento de domingo assistir a enforcamentos, esquartejamentos e suplícios na roda. Assistimos ao futebol, e não aos gladiadores na arena. Se comparados aos da Antiguidade, nossa identificação com outras pessoas e nosso compartilhamento de seus sofrimentos e morte aumentaram. Assistir a tigres e leões famintos devorando pessoas vivas pedaço a pedaço, ou a gladiadores, por astúcia e engano, mutuamente se ferindo e matando, dificilmente constituiria uma diversão para a qual nos prepararíamos com o mesmo prazer que os senadores ou o povo romano. Tudo indica que nenhum sentimento de identidade unia esses espectadores àqueles

que, na arena, lutavam por suas vidas. Como sabemos, os gladiadores saudavam o imperador ao entrar com as palavras “Morituri te salutant” (Os que vão morrer te saúdam). Alguns dos imperadores sem dúvida se acreditavam imortais. De todo modo, teria sido mais apropriado se os gladiadores dissessem “Morituri moriturum salutant” (Os que vão morrer saúdam aquele que vai morrer). Porém, numa sociedade em que tivesse sido possível dizer isso, provavelmente não haveria gladiadores ou imperadores. A possibilidade de se dizer isso aos dominadores – alguns dos quais mesmo hoje têm poder de vida e morte sobre um sem-número de seus semelhantes – requer uma desmitologização da morte mais ampla do que a que temos hoje, e uma consciência muito mais clara de que a espécie humana é uma comunidade de mortais e de que as pessoas necessitadas só podem esperar ajuda de outras pessoas. O problema social da morte é especialmente difícil de resolver porque os vivos acham difícil identificar-se com os moribundos.

A morte é um problema dos vivos. Os mortos não têm problemas. Entre as muitas criaturas que morrem na Terra, a morte constitui um problema só para os seres humanos. Embora compartilhem o nascimento, a doença, a juventude, a maturidade, a velhice e a morte com os animais, apenas eles, dentre todos os vivos, sabem que morrerão; apenas eles podem prever seu próprio fim, estando cientes de que pode ocorrer a qualquer momento e tomando precauções especiais – como indivíduos e como grupos – para proteger-se contra a ameaça da aniquilação.

(*A solidão dos moribundos*, 2001.)

4. **Unesp 2022** Em “Embora compartilhem o nascimento, a doença, a juventude, a maturidade, a velhice e a morte com os animais, apenas eles, dentre todos os vivos, sabem que morrerão” (2º parágrafo), o termo sublinhado pode ser substituído, sem prejuízo para o sentido do texto, por:

- a) Desde que.
- b) Mesmo que.
- c) A menos que.
- d) Contanto que.
- e) Uma vez que.

5. **Unesp 2022** Em “De todo modo, teria sido mais apropriado se os gladiadores dissessem ‘*Morituri moriturum salutant*’ (Os que vão morrer saúdam aquele que vai morrer)” (1º parágrafo), o termo sublinhado pertence à mesma classe gramatical do termo sublinhado em

- a) “Porém, numa sociedade em que tivesse sido possível dizer isso, provavelmente não haveria gladiadores ou imperadores.” (1º parágrafo)
- b) “Entre as muitas criaturas que morrem na Terra, a morte constitui um problema só para os seres humanos.” (2º parágrafo)
- c) “as pessoas necessitadas só podem esperar ajuda de outras pessoas.” (1º parágrafo)
- d) “Não mais consideramos um entretenimento de domingo assistir a enforcamentos, esquartejamentos e suplícios na roda.” (1º parágrafo)
- e) “Alguns dos imperadores sem dúvida se acreditavam imortais.” (1º parágrafo)

6. **EEAR-SP 2022** Leia: “Sua alegria povoava o mundo de sorrisos, e esse mundo festivo não só continuava mas também se alargava em seus sonhos e meditações”. No período composto por coordenação acima, há

- a) 2 sindéticas aditivas.
- b) 3 sindéticas aditivas.
- c) 2 sindéticas adversativas.
- d) 1 sindética aditiva e 1 adversativa.

7. **EEAR-SP 2022** Considere as orações subordinadas adverbiais nos versos seguintes. “Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e dos anjos se eu não tivesse amor, seria como sino ruidoso ou como címbalo estridente”. Marque a alternativa que apresenta a classificação ausente no trecho.

- a) causal
- b) concessiva
- c) condicional
- d) comparativa



Leia o texto para responder às questões 8 e 9.

No Chile, o deserto do Atacama abriga lixão tóxico da moda descartável do 1º mundo

O deserto do Atacama no Chile abriga um gigantesco lixão clandestino de roupas que se descartam nos Estados Unidos, na Europa e na Ásia. As colinas coloridas de roupas emergem da paisagem desoladora. São montanhas que crescem cerca de 59 mil toneladas por ano entrando na zona franca do porto de Iquique, a 1.800 quilômetros de Santiago. O consumo excessivo e fugaz de roupas, com redes capazes de lançar mais de 50 coleções de novos produtos por ano, tem feito com que o desperdício têxtil cresça exponencialmente no mundo. [...] Milhares de toneladas acabam como lixo escondido no deserto na área de Alto Hospício, no norte do Chile, um dos destinos finais para roupas "de segunda mão" ou de temporadas anteriores de cadeias de *fast fashion*. [...] “Essas roupas vêm de todas as partes do mundo”, explica Alex Carreño, ex-trabalhador da zona de importação do porto de Iquique, que mora próximo a um lixão de roupas. Nessa área de importadores e taxas preferenciais, comerciantes do resto do país selecionam os produtos para suas lojas e o que sobra não pode sair da alfândega nesta região de pouco mais de 300 mil habitantes. [...]

Moda tóxica

Reportagens sobre a indústria têxtil expuseram o alto custo do chamado *fast fashion*, com trabalhadores mal pagos, denúncias de mão de obra infantil e condições deploráveis para a produção em massa das vestimentas. A isso se somam hoje cifras devastadoras sobre seu imenso impacto ambiental, comparável ao da indústria do petróleo. De acordo com estudo da ONU de 2019, a produção de roupas no mundo dobrou entre 2000 e 2014, o que também mostra que se trata de uma indústria “responsável por 20% do total de desperdício de água globalmente”. [...]

Lixões têxteis

[...] “O problema é que a roupa não é biodegradável e contém produtos químicos, por isso não é aceita nos aterros municipais”, disse Franklin Zepeda, fundador da EcoFibra, empresa de economia circular com unidade produtiva em Alto Hospício, que produz painéis isolantes

com base nessas roupas descartáveis. No subsolo, há mais roupas cobertas com a ajuda de caminhões, na tentativa de evitar incêndios causados pelos produtos químicos e tecidos sintéticos que a compõem. Mas roupas enterradas ou expostas também liberam poluentes no ar e nos corpos d'água subterrâneos típicos do ecossistema do deserto. A moda, como se vê, é tão tóxica quanto pneus ou plásticos.

Adaptado de: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/11/10/no-chile-o-deserto-do-atacama-abriga-lixao-toxico-da-moda-descartavel-do-1-mundo.ghtml> [Fragmentos]. Acesso em: 20 nov. 2021.

8. **Unip-SP 2022** Em “A moda, como se vê, é tão tóxica quanto pneus ou plásticos” constatam-se duas orações subordinadas, que estabelecem o sentido de

- a) conformidade e comparação, respectivamente, em relação à oração principal.
- b) comparação em relação à oração principal, em ambos os casos.
- c) comparação e conformidade, respectivamente, em relação à oração principal.
- d) causa e comparação, em relação à oração principal.
- e) conformidade e causa, respectivamente, em relação à oração principal.

9. **Unip-SP 2022** Assinale a alternativa em que a vírgula é utilizada com a mesma função da vírgula presente no seguinte trecho: “No Chile, o deserto do Atacama abriga lixão tóxico da moda descartável do 1º mundo”.

- a) “O deserto do Atacama no Chile abriga um gigantesco lixão clandestino de roupas que se descartam nos Estados Unidos, na Europa e na Ásia”.
- b) “O consumo excessivo e fugaz de roupas, com redes capazes de lançar mais de 50 coleções de novos produtos por ano, tem feito com que o desperdício têxtil cresça exponencialmente no mundo”.
- c) “Nessa área de importadores e taxas preferenciais, comerciantes do resto do país selecionam os produtos para suas lojas e o que sobra não pode sair da alfândega nesta região de pouco mais de 300 mil habitantes”.
- d) “A moda, como se vê, é tão tóxica quanto pneus ou plásticos”.
- e) “A isso se somam hoje cifras devastadoras sobre seu imenso impacto ambiental, comparável ao da indústria do petróleo”.

10. **Fuvest-SP 2018**

Os bens e o sangue

VIII

[...]

Ó filho pobre, e **descorçoado**, e finito
ó inapto para as cavalhadas e os trabalhos brutais
com a faca, o formão, o couro... Ó tal como quiséramos
para tristeza nossa e consumação das eras,
para o fim de tudo que foi grande!

Ó desejado,

ó poeta de uma poesia que se furta e se expande
à maneira de um lago de **pez** e resíduos letais...
És nosso fim natural e somos teu adubo,

tua explicação e tua mais singela virtude...
Pois carecia que um de nós nos recusasse
para melhor servir-nos. Face a face
te contemplamos, e é teu esse primeiro
e úmido beijo em nossa boca de barro e de sarro.

Carlos Drummond de Andrade, *Claro enigma*.

desacorçoado: assim como “desacorçoado”, é uma variante de uso popular da palavra “desacoroçoado”, que significa “desanimado”.

pez: piche.

Considere o tipo de relação estabelecida pela preposição “para” nos seguintes trechos do poema:

- I. “ó inapto para as cavalhadas e os trabalhos brutais”.
- II. “Ó tal como quiséramos para tristeza nossa e consumação das eras”.
- III. “para o fim de tudo que foi grande”.
- IV. “para melhor servir-nos”.

A preposição “para” introduz uma oração com ideia de finalidade apenas em

- a) I. c) III. e) IV.
b) I e II. d) III e IV.

- 11. ITA-SP 2019** As discussões muitas vezes acaloradas sobre o reconhecimento da pixação como expressão artística trazem à tona um questionamento conceitual importante: uma vez considerado arte contemporânea, o movimento perderia sua essência? Para compreendermos os desdobramentos da pixação, alguns aspectos presentes no *graffiti* são essenciais e importantes de serem resgatados. O *graffiti* nasceu originalmente nos EUA, na década de 1970, como um dos elementos da cultura *hip-hop* (Break, MC, DJ e Graffiti). Daí até os dias atuais, ele ganhou em força, criatividade e técnica, sendo reconhecido hoje no Brasil como *graffiti* artístico. Sua caracterização como arte contemporânea foi consolidada definitivamente por volta do ano 2000.

A distinção entre *graffiti* e pixação é clara; ao primeiro é atribuída a condição de arte, e o segundo é classificado como um tipo de prática de vandalismo e depredação das cidades, vinculado à ilegalidade e marginalidade. Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela institucionalização do *graffiti*, com os primeiros resquícios já na década de 1970.

Esse desenvolvimento técnico e formal do *graffiti* ocasionou a perda da potência subversiva que o marca como manifestação genuína de rua e caminha para uma arte de intervenção domesticada enquadrada cada vez mais nos moldes do sistema de arte tradicional. O grafiteiro é visto hoje como artista plástico, possuindo as características de todo e qualquer artista contemporâneo, incluindo a prática e o *status*. Muito além da diferenciação conceitual entre as expressões – ainda que elas compartilhem da mesma matéria-prima – trata-se de sua força e essência intervencionista.

Estudos sobre a origem da pixação afirmam que o *graffiti* nova-iorquino original equivale à pixação brasileira; os dois mantêm os mesmos princípios: a força, a explosão e o vazio. Uma das principais características do pixo é justamente o esvaziamento sígnico, a potência esvaziada. Não existem frases poéticas, nem significados. A pichação possui dimensão incomunicativa, fechada, que não conversa com a sociedade. Pelo contrário, de certa forma, a agride.

A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e intelecção das inscrições; apenas os membros da própria comunidade de pixadores decifram o conteúdo.

A significância e a força intervencionista do pixo residem, portanto, no próprio ato. Ela é evidenciada pela impossibilidade de inserção em qualquer estatuto preestabelecido, pois isso pressuporia a diluição e a perda de sua potência signo-estética. Enquanto o *graffiti* foi sendo introduzido como uma nova expressão de arte contemporânea, a pichação utilizou o princípio de não autorização para fortalecer sua essência.

Mas o quão sensível é essa forma de expressão extremista e antissistema como a pixação? Como lidar com a linha tênue dos princípios estabelecidos para não cair em contradição? Na 26ª Bienal de Arte de São Paulo, em 2004, houve um caso de pixo na obra do artista cubano naturalizado americano, Jorge Pardo. Seu comentário, diante da intervenção, foi “Se alguém faz alguma coisa no seu trabalho, isso é positivo, para mim, porque escolheram a minha peça entre as expostas” [...]. “Quem fez isso deve discordar de alguma coisa na obra. Pode ser outro artista fazendo sua própria obra dentro da minha. Pode ser só uma brincadeira” e finalizou dizendo que “pichar a obra de alguém também não é tão incomum. Já é tradicional”.

É interessante notar, a partir do depoimento de Pardo, a recorrência de padrões em movimentos de qualquer natureza, e o inevitável enquadramento em algum tipo de sistema, mesmo que imposto e organizado pelos próprios elementos do grupo. Na pixação, levando em conta o “sistema” em que estão inseridos, constatamos que também passa longe de ser perfeito; existe rivalidade pesada entre gangues, hierarquia e disputas pelo “poder”.

Em 2012, a Bienal de Arte de Berlim, com o tema “Forget Fear”, considerado ousado, priorizou fatos e inquietações políticas da atualidade. Os pixadores brasileiros, Cripta (Djan Ivson), Biscoito, William e R.C., foram convidados na ocasião para realizar um *workshop* sobre pixação em um espaço delimitado, na igreja Santa Elizabeth. Eles compareceram. Mas não seguiram as regras impostas pela curadoria, ao pixar o próprio monumento. O resultado foi tumulto e desentendimento entre os pixadores e a curadoria do evento.

O grande dilema diante do fato é que, ao aceitarem o convite para participar de uma bienal de arte, automaticamente aceitaram as regras e o sistema imposto. Mesmo sem adotar o comportamento esperado, caíram em contradição. Por outro lado, pela pichação ser conhecida transgressora (ou pelo jeito, não tão conhecida assim), os organizadores deveriam pressupor que eles não seguiriam padrões preestabelecidos.

Embora existam movimentos e grupos que consideram, sim, a pixação como forma de arte, como é o caso dos curadores da Bienal de Berlim, há uma questão substancial que permeia a realidade dos pichadores. Quem disse que eles querem sua expressão reconhecida como arte? Se arte pressupõe, como ocorreu com o *graffiti*, adaptar-se a um molde específico, seguir determinadas regras e por consequência ver sua potência intervencionista diluída e branda, é muito improvável que tenham esse desejo.

A representação da pixação como forma de expressão destrutiva, contra o sistema, extremista e marginalizada é o que a mantém viva. De certo modo, a rejeição e a ignorância do público é o que garante sua força intervencionista e a tão importante e sensível essência.

Adaptado de: CARVALHO, M. F. *Pichação-arte é pixação?* Revista Arruaça, Edição nº 0. Cásper Líbero, 2013. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/revistas/pichacao-arte-e-pixacao/>. Acesso em: maio 2018.

Assinale a alternativa em que o trecho sublinhado expressa ideia de **causa**.

- a) Essa distinção das expressões deu-se em boa parte pela institucionalização do graffiti, com os primeiros resquícios já na década de 1970.
- b) Enquanto o graffiti foi sendo introduzido como uma nova expressão de arte contemporânea, a pichação utilizou o princípio de não autorização para fortalecer sua essência.
- c) A rejeição do público geral reside na falta de compreensão e inteligência das inscrições; apenas os membros da própria comunidade decifram o conteúdo.
- d) Mesmo sem adotar o comportamento esperado, caíram em contradição.
- e) O grafiteiro é visto hoje como artista plástico, possuindo as características de todo e qualquer artista contemporâneo, incluindo a prática e o status.

12. **Unifesp 2016** Leia o excerto do “Sermão de Santo Antônio aos peixes” de Antônio Vieira (1608-1697) para responder à questão.

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

[...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant*. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam*. E de que modo se devoram e comem? *Ut cibum panis*: não como os outros comerem, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comerem é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se

come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis*. Parece-vos bem isto, peixes?

(Antônio Vieira. *Essencial*, 2011.)

“Santo Agostinho, que pregava aos homens, **para** encarecer a fealdade deste escândalo, mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, **para** que vejais quão feio e abominável é, quero que vejais nos homens.” (1º parágrafo)

Nas duas ocorrências, o termo “para” estabelece relação de

- a) consequência.
- b) conformidade.
- c) proporção.
- d) finalidade.
- e) causa.

13. **Fuvest-SP 2021** A escrita faz **de tal modo** parte de nossa civilização que poderia servir de definição dela própria. A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. Talvez venha o dia de uma terceira era – depois da escrita. Vivemos os séculos da civilização escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se no escrito. A lei escrita substitui a lei oral, o contrato escrito substitui a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. E **sobretudo** não existe história que não se funde sobre textos.

Charles Higounet. *A história da escrita*. Adaptado.

A locução conjuntiva “de tal modo...que” e o advérbio “sobretudo”, respectivamente, expressam noção de:

- a) conformidade e dúvida
- b) consequência e realce.
- c) condição e negação.
- d) consequência e negação.
- e) condição e realce.

14. **UEMG 2019**

33% dos brasileiros têm acesso à internet em casa, diz pesquisa da FGV

Uma pesquisa divulgada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) aponta que 33% dos brasileiros têm acesso à internet em seus domicílios. Segundo o estudo chamado de Mapa da Inclusão Digital, o Brasil ocupa a 63ª posição no *ranking* mundial que avaliou 154 países. O Brasil vence a Argentina nesse *ranking*: a Argentina está na 66ª posição, já que 31% dos argentinos têm acesso à internet **em** suas casas, **em** 2012.

(<http://goo.gl/Supje>. Acesso: 17/07/2012. Adaptado.)

As preposições, negritadas nas últimas duas linhas da notícia, introduzem, respectivamente, a ideia de

- a) direção e tempo.
- b) instrumento e lugar.
- c) lugar e tempo.
- d) posse e matéria.



Texto para as questões **15** e **16**.

Tomate, o diurético natural

Quem tem raízes italianas sabe que o tomate é um fruto indispensável no preparo de refeições. Ingrediente principal de molhos, ele faz parte do dia a dia dos brasileiros, acompanhando massas, cortado na salada, picado no vinagrete, batido na sopa ou até em forma de suco. Caqui, cereja, italiano, o que não faltam são opções para quem quiser variar no cardápio com ele, que sempre agrega sabor e saúde às mais diversas refeições.

Porém, sua versatilidade não está só nos tipos. Muito saudável, é também uma boa escolha para quem busca prevenir uma série de doenças. É o caso do câncer de próstata: um estudo recente publicado na revista *Molecular Cancer Research* relacionou a ingestão de altos níveis de betacaroteno à prevenção do desenvolvimento de tumores na região. Outro fator de saúde associado ao seu consumo é a perda de peso. “O fruto auxilia no emagrecimento por ter baixo valor calórico. Possui ainda propriedades desintoxicantes, influenciando positivamente o funcionamento dos rins e promovendo efeito diurético, que aumenta a quantidade de líquido eliminado”, explica a nutricionista Amanda Maffei (SP). Ela ressalta ainda que o fruto é capaz de combater o acúmulo da gordura localizada graças à sua ação anti-inflamatória.

Uma das substâncias do tomate que traz benefícios ao organismo é o licopeno, um carotenoide que lhe dá a coloração vermelha. “Esse antioxidante combate os radicais livres, prevenindo o envelhecimento precoce e protegendo o sistema cardiovascular”, pontua Amanda. O carotenoide também tem sido associado aos fatores de prevenção do câncer de próstata. Além disso, de acordo com a dermatologista Patrícia Mafra (SP), esse antioxidante ajuda no combate aos radicais livres e evita o envelhecimento precoce da pele causado pelos raios ultravioleta.

Vitaminas benéficas

Amanda destaca a forte presença das vitaminas A e C no tomate, nutrientes importantes para o sistema imunológico e para a visão, que tornam o consumo desse vegetal ainda mais recomendado. “Há também o magnésio, que age no metabolismo energético e no funcionamento das células, é relaxante muscular e equilibra a acidez sanguínea”, acrescenta. Outra substância importante contida no vegetal é o cromo, que ajuda a regular os níveis de açúcar no sangue, como explica a nutricionista Regina Teixeira (SP). “O tomate contribui ainda para a redução do colesterol e a prevenção de infecções, além de eliminar ácido úrico do organismo”, completa.

Quiche napolitana

Rendimento: 10 porções

Tempo de preparo: 1 hora

Ingredientes

1/2 xíc. (chá) de quinoa

1 col. (sopa) de manteiga

1 xíc. (chá) de alho-poró picado

1 xíc. (chá) de peito de peru picado

5 ovos levemente batidos

1/2 xíc. (chá) de leite

1 xíc. (chá) de muçarela ralada

1/2 xíc. (chá) de queijo parmesão ralado

Sal e pimenta-do-reino a gosto

1 xíc. (chá) de tomates-cereja cortados ao meio

Modo de preparo

1. Cozinhe a quinoa numa panela com água fervente por cerca de 15 minutos. **2.** Retire os grãos do fogo, escorra e reserve. **3.** Numa frigideira, em fogo médio, refogue o alho-poró e o peito de peru na manteiga por cerca de 3 minutos. **4.** Misture, em uma tigela, os ovos levemente batidos, a quinoa já escorrida, o leite, a muçarela ralada, o parmesão, o refogado de alho-poró com peito de peru e os temperos. **5.** Transfira a massa para uma forma redonda untada (23 cm). **6.** Posicione os tomates-cereja cortados ao meio sobre a massa. **7.** Asse em forno médio preaquecido a 180 °C por cerca de 40 minutos ou até que esteja firme. **8.** Retire do forno e sirva a quiche quente ou fria.

Cuidados importantes

Para quem apresenta problemas digestórios, como a gastrite, a recomendação é tomar cuidado. “Esse é um alimento ácido, que aumenta a produção de ácido clorídrico, causando mais dor”, adverte Amanda. Ela também alerta sobre a quantidade de potássio contida no tomate, que pode aumentar a formação de cálculos renais, principalmente para as pessoas que possuem essa predisposição.

Em relação ao consumo, 100 g de tomate (algo como uma unidade grande) forneceriam cerca de 6% da dose diária recomendada de potássio para adultos. A maior ingestão do nutriente na dieta está associada a menores taxas de acidente vascular cerebral (AVC) e pode diminuir a incidência de doenças cardiovasculares. A nutricionista Regina recomenda incluí-lo no cardápio diariamente e acrescenta: “Existe uma vantagem no consumo cozido, porque nosso organismo absorve melhor o licopeno, especialmente quando regado com um fio de azeite”.

Suco de tomate na saúde feminina



Um estudo de 2015 do *Nutrition Journal* descobriu que o consumo de suco de tomate ajudou a aliviar alguns sintomas da menopausa, como ansiedade, gasto energético em repouso e frequência cardíaca. A pesquisa foi realizada com 95 mulheres com idade entre 40 e 60 anos, que tiveram de consumir 200 ml de suco de tomate sem sal, duas vezes ao dia, por oito semanas.

Para que seja sustentável e durável, toda sociedade deve estabelecer limites próprios. A nossa, ao contrário, se glorifica em deixar de lado qualquer restrição, optando pela **desmesura**. O emprego, o pagamento dos aposentados, a renovação dos gastos públicos supõem o aumento constante do produto interno bruto (PIB). No fim, o círculo virtuoso se transforma num círculo infernal. A vida das pessoas geralmente se reduz à de um biodigestor que metaboliza o salário com as mercadorias e as mercadorias com o salário, transitando do trabalho para o hipermercado e vice-versa. Quando há desaceleração do crescimento, vem a crise e até o pânico. Reencontramos o “Acumulem! acumulem!”.

Mas a proposta do decrescimento não é a de um crescimento negativo, que mergulha a sociedade na incerteza, aumenta as taxas de desemprego e acelera o abandono dos programas sociais. Para sermos rigorosos, conviria mais falar de “a-crescimento”, como se fala de “a-teísmo”. A meta é uma sociedade em que se viverá melhor trabalhando e consumindo menos. Esse novo modelo se resumiria em 8 Rs: reavaliar, reconceitualizar, reestruturar, realocar, redistribuir e os já tradicionais reduzir, reutilizar e reciclar. Assim seríamos capazes de desencadear uma dinâmica rumo a uma sociedade autônoma.

Sair do imaginário econômico, contudo, implica rupturas concretas, como fixar regras que enquadrem e limitem o desvario da ganância (busca do lucro, do cada vez mais), legislação do trabalho, limitação da dimensão das empresas etc.

Por fim, a redefinição da felicidade como “abundância frugal em uma sociedade solidária” pressupõe sair do círculo infernal da criação ilimitada de necessidade e de produtos e da frustração crescente que esta acarreta. A autolimitação é a condição para que se alcance a prosperidade sem crescimento, evitando, assim, a queda da civilização humana.

(Texto Adaptado. Revista *Galileu*. São Paulo: Globo, jun. 2013, p. 82.)

desmesura: que não tem medida.
frugal: aquilo que é moderado, simples.

Texto 2

Shakespeariana



Apoiando-se na leitura dos **textos 1 e 2**, assinale a(s) alternativa(s) **correta(s)**.

- 01 No **texto 1**, Latouche associa a sua proposta de decrescimento da economia à redefinição da felicidade, que, para ele, consiste na “autolimitação” (linha 45).
- 02 Em “para a humanidade” (**texto 1**, linha 12), a palavra grifada é uma preposição, assim como também o é em “Ser ou não ser, eis a questão” (**texto 2**, quadro 1).
- 04 “deixar de lado qualquer restrição” (**texto 1**, linha 15) contrapõe-se ao sentido de “Ter ou não ter, eis a inflação” (**texto 2**, quadro 2).
- 08 “abundância frugal” (**texto 1**, linhas 41-42) contrapõe-se ao sentido contido em “Ter ou não ter, eis a inflação” (**texto 2**, quadro 2).
- 16 O fato de a economia ser movida pela “busca do lucro por parte dos detentores do capital” (**texto 1**, linha 10) implica que esses detentores farão de tudo para motivar um consumismo irracional.

Soma:

19. AFA-SP 2018

Redes sociais e colaboração extrema: O fim do senso crítico?

Eugênio Mira

Conectados. Essa palavra nunca fez tanto sentido quanto agora. Quando se discutia no passado sobre como os homens agiriam com o advento da aldeia global [...] não se imaginava o quanto esse processo seria rápido e devastador.

[...] quando McLuhan apresentou o termo, em 1968, ele sequer imaginaria que não seria a televisão a grande responsável pela interligação mundial absoluta, e sim a internet, que na época não passava de um projeto militar do governo dos Estados Unidos.

A internet mudou definitivamente a maneira como nos comunicamos e percebemos o mundo. Graças a ela temos acesso a toda informação do mundo à distância de apenas um toque de botão. E quando começaram a se popularizar as redes sociais, um admirável mundo novo abriu-se ante nossos olhos. Uma ferramenta colaborativa extrema, que possibilitaria o contato imediato com outras pessoas através de suas afinidades, fossem elas políticas, religiosas ou mesmo geográficas. Projetos colaborativos, revoluções instantâneas... Tudo seria maior e melhor quando as pessoas se alinhassem na órbita de seus ideais. O tempo passou, e essa revolução não se instaurou.

Basta observar as figuras que surgem nos sites de humor e outros assemelhados. Conhecidos como *memes* (termo cunhado pelo pesquisador Richard Dawkins, que representaria para nossa memória o mesmo que os genes representam para o corpo, ou seja, uma parcela mínima de informação), essas figuras surgiram com a intenção de demonstrar, de maneira icônica, algum sentimento ou sensação. Ao fazer isso, a tendência de ter uma reação diversa daquelas expressas pelas tirinhas é cada vez menor. Tudo fica branco e preto. Ou se aceita a situação, ou revolta-se. Sem chance para o debate ou questionamento.

[...]

35 A situação é ainda mais grave quando um dos poucos criativos restantes na internet produz algum comentário curto, espirituoso ou reflexivo, a respeito de alguma situação atual ou recente... Em minutos pipocam cópias da frase por todo lugar. Copia-se sem o menor bom senso, sem créditos. Pensar e refletir, e depois falar, são coisas do passado. O importante agora é copiar e colar, e depois partilhar. As redes sociais desfraldaram um mundo completamente novo, e o uso que o homem fará dessas ferramentas é o que dirá o nosso futuro cultural.

40 Se enveredarmos pela partilha de ideias, gestando-as em nossas mentes e depois as passando a outros, será uma estufa mundial a produzir avanços incríveis em todos os campos de conhecimento. Se, no entanto, as redes sociais se transformarem em uma rede neural de apoio à preguiça de pensar, a humanidade estará fadada ao processo antinatural de regressão. O advento das redes sociais trouxe para perto das pessoas comuns os amigos distantes, os ídolos e as ideias consumistas mais arraigados, mas aparentemente está levando para longe algo muito mais humano e essencial na vida em sociedade: o senso crítico. Será uma troca justa?

(http://obviousmag.org/archives/2011/09/redes_sociais_e_colaboracao_extrema_O_fim_do_senso_critico-.htm. Adaptado. Acesso em: 21 fev 2017)

Observe o emprego da conjunção “e” nos enunciados abaixo, considerando o contexto de onde foram recortados, e as respectivas análises.

- I. “Ele sequer imaginaria que não seria a televisão a grande responsável pela interligação mundial absoluta, e sim a internet...” (l. 7 a 9) – A conjunção é aditiva.
- II. “O tempo passou, e essa revolução não se instaurou.” (l. 21 e 22) – A relação estabelecida é de adversidade.
- III. “A internet mudou definitivamente a maneira como nos comunicamos e percebemos o mundo.” (l. 11 e 12) – A conjunção estabelece uma relação de finalidade.
- IV. “...copiar e colar, e depois partilhar.” (l. 41 e 42) – A repetição da conjunção visa enfatizar o automatismo das ações.

Estão corretas as análises apresentadas apenas nos itens

- | | |
|--------------|-------------|
| a) I e III. | c) I e II. |
| b) III e IV. | d) II e IV. |

20. Fuvest-SP 2016 Leia este texto.

O tempo personalizou minha forma de falar com Deus, mas sempre termino a conversa com um pai-nosso e uma ave-maria.

[...]

Metade da ave-maria é uma saudação floreada para, só no final, pedir que ela rogue por nós. No pai-nosso, sempre será um mistério para mim o “mas” do “não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal”. Me parece que, a princípio, se o Pai não nos deixa cair em tentação, já estará nos livrando do mal.

Denise Fraga, www1.folha.uol.com.br, 07/07/2015. Adaptado.

- a) Mantendo-se a relação de sentido existente entre os segmentos “não nos deixeis cair em tentação” / “mas livrai-nos do mal”, a conjunção “mas” poderia ser substituída pela conjunção e, de modo a dissipar o “mistério” a que se refere a autora? Justifique.
- b) Sem alterar seu sentido, reescreva o trecho da oração citado pela autora, colocando os verbos “deixeis” e “livrai” na terceira pessoa do singular.

21. IME-RJ 2020 O soneto *XIII de Via-Láctea*, coleção publicada em 1888 no livro *Poesias*, é o texto mais famoso da antologia, obra de estreia do poeta Olavo Bilac. O texto, cuidadosamente ritmado, suas rimas e a escolha da forma fixa revelam rigor formal e estilístico caros ao movimento parnasiano; o tema do poema, no entanto, entra em colisão com o tema da literatura típica do movimento, tal como concebido no continente europeu.

XIII

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto, Que, para ouvi-las, muita vez desperto E abro as janelas, pálido de espanto...

5 E conversamos toda a noite, enquanto A Via-láctea, como um pátio aberto, Cintila. E, ao vir do sol, saudosos e em pranto, Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: “Tresloucado amigo!

10 Que conversas com elas? Que sentido Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las! Pois só quem ama pode ter ouvido Capaz de ouvir e de entender estrelas.”

BILAC, Olavo. *Antologia: Poesias*. Martin Claret, 2002. p. 37-55. Via-Láctea. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000289.pdf. Acesso em: 19/08/2019.

A palavra “pois”, usada em “Pois só quem ama pode ter ouvido” (verso 13),

- a) exprime a consequência dos hábitos cotidianos do poeta de ouvir e entender estrelas.
- b) tem uma função de justificação das razões pelas quais o poeta é capaz de ouvir e entender estrelas.
- c) traz em si uma ideia de contraponto ao enlevo poético descrito no poema.
- d) expressa a ideia da finalidade primeira do poeta enamorado, que é ouvir e entender estrelas.
- e) estabelece a ideia de alternância, mas sem relação de equivalência nos versos do texto.

22. ITA-SP 2018 O Brasil será, em poucas décadas, um dos países com maior número de idosos do mundo, e precisa correr para poder atendê-los no que eles têm de melhor e mais saudável: o desejo de viver com independência e autonomia. [...] O mantra da velhice no século XXI é “envelhecer no lugar”, o que os americanos chamam de *aging in place*. O conceito que guia novas políticas e negócios voltados para os longevos tem como principal objetivo fazer com que as pessoas consigam permanecer em casa o maior tempo possível, sem que, para isso, precisem de

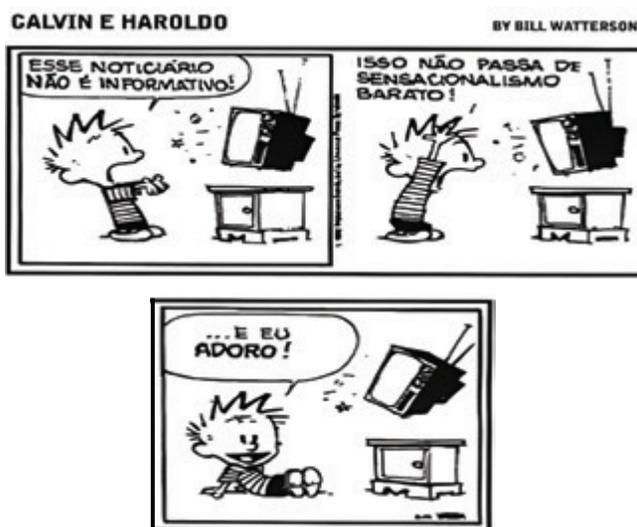
um familiar por perto. Não se trata de apologia da solidão, mas de encarar um dado da realidade contemporânea: as residências não abrigam mais três gerações sob o mesmo teto e boa parte dos idosos de hoje prefere, de fato, morar sozinha, mantendo-se dona do próprio nariz.

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/envelhecer-no-seculo-xxi/>, 18 mar. 2016.

A conjunção em destaque na frase “Não se trata de apologia da solidão, **mas** de encarar um dado da realidade contemporânea: ...” possui a função semântica de

- a) retificação.
- b) compensação.
- c) complementação.
- d) separação.
- e) acréscimo.

23. ITA-SP 2017 Observe a tirinha a seguir.



http://2.bp.blogspot.com/_wBWh8NQA78/TBWEMQ8147I/AAAAAAACE/zmfW9c8uAKk/s1600/Tirinha_sensacionalismo.jpg
(Acesso em 12/05/2016)

Os dois primeiros quadros da tirinha criam no leitor uma expectativa de desfecho que não se concretiza, gerando daí o efeito de humor. Nesse contexto, a conjunção **e** estabelece a relação de

- a) conclusão.
- b) explicação.
- c) oposição.
- d) consequência.
- e) alternância.

24. Unesp 2019 Leia o trecho do livro *A dança do universo*, do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder à questão.

Algumas pessoas tornam-se heróis contra sua própria vontade. Mesmo que elas tenham ideias realmente (ou potencialmente) revolucionárias, muitas vezes não as reconhecem como tais, ou não acreditam no seu próprio potencial. Divididas entre enfrentar sua insegurança expondo suas ideias à opinião dos outros, ou manter-se na defensiva, elas preferem a segunda opção. O mundo está cheio de poemas e teorias escondidos no porão.

Copérnico é, talvez, o mais famoso desses relutantes heróis da história da ciência. Ele foi o homem que colocou o Sol de volta no centro do Universo, ao mesmo tempo fazendo de tudo para que suas ideias não fossem difundidas, possivelmente com medo de críticas ou perseguição religiosa. Foi quem colocou o Sol de volta no centro do Universo, motivado por razões erradas. Insatisfeito com a falha do modelo de Ptolomeu, que aplicava o dogma platônico do movimento circular uniforme aos corpos celestes, Copérnico propôs que o equante fosse abandonado e que o Sol passasse a ocupar o centro do cosmo. Ao tentar fazer com que o Universo se adaptasse às ideias platônicas, ele retornou aos pitagóricos, ressuscitando a doutrina do fogo central, que levou ao modelo heliocêntrico de Aristarco dezoito séculos antes.

Seu pensamento reflete o desejo de reformular as ideias cosmológicas de seu tempo apenas para voltar ainda mais no passado; Copérnico era, sem dúvida, um revolucionário conservador. Ele jamais poderia ter imaginado que, ao olhar para o passado, estaria criando uma nova visão cósmica, que abriria novas portas para o futuro. Tivesse vivido o suficiente para ver os frutos de suas ideias, Copérnico decerto teria odiado a revolução que involuntariamente causou.

Entre 1510 e 1514, compôs um pequeno trabalho resumindo suas ideias, intitulado *Commentariolus* (*Pequeno comentário*). Embora na época fosse relativamente fácil publicar um manuscrito, Copérnico decidiu não publicar seu texto, enviando apenas algumas cópias para uma audiência seleta. Ele acreditava piamente no ideal pitagórico de discrição; apenas aqueles que eram iniciados nas complicações da matemática aplicada à astronomia tinham permissão para compartilhar sua sabedoria. Certamente essa posição elitista era muito peculiar, vinda de alguém que fora educado durante anos dentro da tradição humanista italiana. Será que Copérnico estava tentando sentir o clima intelectual da época, para ter uma ideia do quão “perigosas” eram suas ideias? Será que ele não acreditava muito nas suas próprias ideias e, portanto, queria evitar qualquer tipo de crítica? Ou será que ele estava tão imerso nos ideais pitagóricos que realmente não tinha o menor interesse em tornar populares suas ideias? As razões que possam justificar a atitude de Copérnico são, até hoje, um ponto de discussão entre os especialistas.

(*A dança do universo*, 2006. Adaptado.)

Em “Mesmo que elas tenham ideias realmente (ou potencialmente) revolucionárias, muitas vezes não as reconhecem como tais, ou não acreditam no seu próprio potencial” (1º parágrafo), a locução conjuntiva sublinhada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por:

- a) À medida que.
- b) Ainda que.
- c) Desde que.
- d) Visto que.
- e) A menos que.

25. IFMT 2019 [...] Começou a lição de escrita. Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era. Não digo também que era dos mais inteligentes, por um escrúpulo fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção. Note-se que não era pálido nem mofino: tinha boas cores e músculos de ferro. Na lição

de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos, mas deixava-me estar a recortar narizes no papel ou na tábua, ocupação sem nobreza nem espiritualidade, mas em todo caso ingênua. Naquele dia foi a mesma coisa; tão depressa acabei, como entrei a reproduzir o nariz do mestre, dando-lhe cinco ou seis atitudes diferentes, das quais recorde a interrogativa, a admirativa, a dubitativa e a cogitativa. Não lhes punha esses nomes, pobre estudante de primeiras letras que era; mas, instintivamente, dava-lhes essas expressões. Os outros foram acabando; não tive remédio senão acabar também, entregar a escrita, e voltar para o meu lugar. Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos. [...]

(Disponível em: <http://escoladacrianca.com.br/ws/wp-content/uploads/2017/03/Contos-de-Escola-Machado-de-Assis.pdf>. Acesso: 12 de fevereiro de 2019)

“Na lição de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos, mas deixava-me estar a recortar narizes no papel ou na tábua, ocupação sem nobreza nem espiritualidade, mas em todo caso ingênua.”

A conjunção sublinhada **pode ser substituída**, sem prejuízo à coerência textual e à intencionalidade do autor, pelas seguintes conjunções:

- a) Porque; e.
- b) Bem como; nem.
- c) Pois; porque.
- d) Porém; entretanto.
- e) Ora; também.

26. IFPE 2020

hoje eu achei um pacotinho de ruffles no chão aq da floresta da tijuca, com a validade de 19/10/1998, sendo que o pacote tava totalmente intacto... pra vcs verem né



661 59 mil 133 mil

JÚLIA. Hoje eu achei um pacotinho de ruffles no chão aq da floresta da tijuca, com a validade de 19/10/1998, sendo que o pacote tava totalmente intacto... pra vcs verem né. Rio de Janeiro, 1 mar. 2019. Twitter: @darkwside. Disponível em: <http://twitter.com/darkwside/status/1101531181059850242>. Acesso em: 27 out. 2019.

No texto, os recursos visuais e verbais criam um contraste entre a data de validade (19/10/1998) e o pacote “totalmente intacto”, relação expressa pelo conectivo “sendo que”. Escolha, nas alternativas a seguir, outro conectivo com sentido equivalente.

- a) Desde que.
- b) Por isso.
- c) Porque.
- d) Porém.
- e) Portanto.

27. Unifor-CE 2019



Em “Minha terra tem Corinthians, **onde** canta o sabiá!”, o termo destacado é

- a) conjunção adversativa.
- b) conjunção integrante.
- c) conjunção explicativa.
- d) conjunção subordinativa condicional.
- e) pronome relativo.

28. UPE 2019

Pierina e pouco mais

Henrique Fendrich

Como já é bastante comum que eu folheie algum livro e, sem querer, logo me depare com alguma citação ao Rubem Braga, não estranhei que justamente nos dias em que estive em São Paulo, vindo de Taubaté, houvesse uma exposição sobre ele no Museu da Língua Portuguesa. É uma lei de atração que provavelmente apenas a mecânica quântica consegue explicar. Ou ela ou o fato de que na última década li, reli e trelí todos os seus livros, pesquisei e esmieuzei todas as características de suas crônicas [...].

Não era, portanto, um desconhecido que fui encontrar no museu. E por isso também não esperava encontrar muita novidade. Pra mim já era bom ver o Braga sendo visto – pelo menos no ano do seu centenário. E lá estava o Braga repórter, escritor, editor, diplomata, cachoeirense, amante das artes, homem da TV e, sobretudo, combatente da FEB. [...]

Tudo isso exposto aqui em São Paulo, onde o Braga se sentiria bem. Ele dizia que Congonhas já havia entrado para a sua geografia. Nesta soberba cidade, os seus nervos estalaram, entre emoções e solidões, como vergas de metal do velho viaduto. Dentro dele vibravam, como parte de sua vida, as agitações da ânsia multifária e triste de São Paulo. [...] E há também Pierina, a amada que vez ou outra aparecia em sua crônica no Diário de São Paulo em 1934. Pierina existiu e se chamava Pierina. Com ela Braga se correspondia por meio de sinais e gestos da janela do seu prédio para a janela do sobrado dela. Às vezes, lhe jogava flores ou frutas, sem acertar o alvo. Nunca chegaram a se encontrar, e logo o Braga se mudou de São Paulo. Mas, naquele tempo, o que amava o Braga? Pierina e pouco mais. Pierina e a vida, duas coisas que se confundem hoje, e amanhã mais se confundirão na morte.

Disponível em: <https://rubem.wordpress.com/2013/07/26/pierina-e-pouco-mais/> Acesso em: 25 abr. 2018. Adaptado.

No trecho: “— Como já é bastante comum que eu folheie algum livro e, sem querer, logo me depare com alguma citação ao Rubem Braga, não estranhei que [...]” (1º parágrafo), o conectivo introdutório (destacado) estabelece uma relação sintático-semântica de

- a) causa.
- b) comparação.
- c) condição.
- d) explicação.
- e) oposição.

29. AFA-SP 2019

Violência: presente e passado da história

Vilma Homero

Ao olhar para o passado, costumamos imaginar que estamos nos afastando dos tempos da “barbárie pura e simples” para alcançar uma almejada “civilização”, calcada sobre relações livres, iguais e fraternas, típicas do homem culto. Um olhar sobre a história, no entanto, põe em xeque esta visão utópica. Organizado pelos historiadores Regina Bustamante e José Francisco de Moura, o livro *Violência na História*, publicado pela Mauad Editora com apoio da FAPERJ, reúne diversos ensaios que mostram, ao longo do tempo, diferentes aspectos da violência, propondo uma reflexão mais demorada sobre o tema. Nos ensaios reunidos no livro, podemos vislumbrar como, desde a antiguidade e ao longo da história humana, a violência se insere, sob diversos vieses, nas relações de poder, seja entre Estado e cidadãos, entre livres e escravos, entre homens e mulheres, ou entre diferentes religiões. “Durante a Idade Média, por exemplo, vemos como a violência se manifesta na religiosidade, durante o movimento das Cruzadas. Ou, hoje, no caso dos movimentos sociais, como ela acontece em relação aos excluídos das favelas. O sentido é amplo. A desigualdade social, por exemplo, é um tipo de violência; a expropriação do patrimônio cultural, que significa não permitir que a memória cultural de determinado grupo se manifeste, também”, prossegue a organizadora. [...] A própria palavra “violência”, que etimologicamente deriva do latim *vis*, com significado de força, virilidade, pode ser positiva em termos de transformação social, no sentido de uma violência revolucionária, usada como forma de se tentar transformar uma sociedade em determinado momento. [...] Essas variadas abordagens não aparecendo ao longo do livro.

[...] Na Roma antiga, as penas, aplicadas após julgamento, ganhavam um sentido religioso. Despido de sua humanidade, o réu era declarado *homo sacer*. Ou seja, sua vida passava a ser consagrada aos deuses. Segundo a pesquisadora Norma Mendes, “havia o firme propósito de fazer da morte dos condenados um espetáculo de caráter exemplar, revestido de sentido religioso e de dominação, cuja função era o reforço, manutenção e ratificação das relações de poder.” [...] O historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva é um dos que traz a discussão para o presente, analisando as transformações políticas do último século. “Desde Voltaire até Kant e Hegel, acreditava-se no contínuo aperfeiçoamento da condição humana como uma marcha inexorável em direção à razão. [...] O Holocausto, perpetrado em um dos países mais avançados e cultos à época, deixou claro que a luta pela dignidade humana é um esforço contínuo e, pior de tudo, lento.

[...] E, sobretudo, mais de 50 anos depois da II Guerra Mundial, a ocorrência de outros genocídios – Ruanda, Iugoslávia, Camboja etc. – leva a refletir sobre a convivência entre os homens nesse começo do século XXI.” O historiador prossegue: “De forma paradoxal, a globalização, conforme se aprofunda e pluga os homens a escalas planetárias, é fortemente acompanhada pelo localismo e o particularismo religioso, étnico ou cultural, promovendo ódios e incompreensões crescentes. Na Bósnia ou em Kosovo, na Faixa de Gaza ou na Irlanda do Norte, a capacidade de entendimento chegou a seu mais baixo nível de tolerância, e transpor uma linha, imaginária ou não, entre bairros pode representar a morte.” Como nem tudo se limita às questões políticas e às guerras, o livro ainda analisa as formas que a violência assume nas relações de gênero, na religião, na cultura e aborda também a questão dos direitos humanos, vista sob a perspectiva de diferentes sistemas culturais.

(<http://www.faperj.br/?id=1518.2.4>. Acesso em 05 de março de 2018.)

A conjunção ou liga duas palavras ou orações estabelecendo diferentes relações semânticas, como exclusão, alternância ou, até mesmo, inclusão. Assinale a alternativa em que a relação de sentido estabelecida é **DIFERENTE** das demais.

- a) “...é fortemente acompanhada pelo localismo e o particularismo religioso, étnico ou cultural...” (l. 55 e 56)
- b) “Na Bósnia ou em Kosovo, na Faixa de Gaza ou na Irlanda do Norte, a capacidade de entendimento...” (l. 57 a 59)
- c) “...chegou a seu mais baixo nível de tolerância, e transpor uma linha, imaginária ou não, entre bairros...” (l. 59 a 61)
- d) “...seja entre Estado e cidadãos, entre livres e escravos, entre homens e mulheres, ou entre diferentes religiões.” (l. 14 a 16)

30. Fuvest-SP 2016

Confidência do Itabirano

Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e
[comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres
[e sem horizontes.
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...

acrescentamos que o conceito de poluição deve ser associado às alterações indesejáveis provocadas pelas atividades e intervenções humanas no ambiente. Desse modo, uma erupção vulcânica, apesar de poder ser considerada uma fonte poluidora, é um fenômeno natural não provocado pelo homem e que foge ao seu controle, assim como outros fenômenos naturais, como incêndios florestais, grandes secas ou inundações.

Poluentes são resíduos gerados pelas atividades humanas, causando um impacto ambiental negativo, ou seja, uma alteração indesejável. Dessa maneira, a poluição está ligada à concentração, ou quantidade de resíduos presentes no ar, na água ou no solo. Para que se possa exercer o controle da poluição de acordo com a legislação ambiental, definem-se padrões e indicadores de qualidade do ar (concentrações de CO, NOx, SOx, Pb etc.), da água (concentração de O₂, fenóis e Hg, pH, temperatura etc.) e do solo (taxa de erosão etc.) que se deseja respeitar em um determinado ambiente.

Os efeitos detectados mais recentemente, como o efeito estufa e a redução da camada de ozônio, ainda não são bem conhecidos, mas podem trazer consequências que afetarão o clima e o equilíbrio do planeta como um todo. É importante um esforço conjunto e sem precedentes para que se possa conhecer esses efeitos e controlá-los de modo eficaz. Os efeitos globais têm contribuído bastante para a sensibilização recente da sociedade sobre questões ambientais, merecendo destaque na mídia e na agenda de políticos e grupos ambientalistas em todo o planeta. Isso talvez possa ser explicado pela incerteza que os humanos passaram a experimentar em relação à própria sobrevivência da espécie e pela constatação de sua incapacidade de entender e controlar os processos e as transformações ambientais decorrentes de suas atividades. Até recentemente, acreditava-se que a inteligência e a tecnologia resolveriam qualquer problema e que não havia limites para o desenvolvimento da espécie e para a utilização de matéria e energia na busca de conforto e qualidade de vida.

BRAGA, Benedito et alli. *Introdução à Engenharia Ambiental*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005, 2a Ed, pp. 2-6. (Texto adaptado).

Assinale a alternativa em que a substituição da expressão **uma vez que** (linha 85) pelo conectivo proposto alteraria o nexos estabelecido no texto.

- a) porque;
- b) visto que;
- c) apesar de que;
- d) porquanto;
- e) já que.

32. PUC-GO 2017

A velha engolida pela pedra

Não sou homem de igreja. Não creio e isso me dá uma tristeza. Porque, afinal, tenho em mim a religiosidade exigível a qualquer crente. Sou religioso sem religião. Sofro, afinal, a doença da poesia: sonho lugares em que nunca estive, acredito só no que não se pode provar. E, mesmo se eu hoje rezasse, não saberia o que pedir a Deus. Esse é o meu medo: só os loucos não sabem o que pedir a Deus.

Ou não se dará o caso de Deus ter perdido fé nos homens? Enfim, meu gosto de visitar as igrejas vem apenas da tranquilidade desses lugarinhos côncavos, cheios de sombras sossegadas. Lá eu sei respirar. Fora fica o mundo e suas desacudidas misérias.

Pois numa dessas visitas me aconteceu o que não posso evitar de lembrar. A igreja era de pedra crua, dessa pedra tão idosa como a terra. Nem parecia obra de humano traço. Eu apreciava as figuras dos santos, madeiras com alma de se crer. Foi quando escutei uns bichanos. Primeiro duvidei. Eram sons que não se traduziam em nada de terrestre. Estaria eu a ser chamado por forças do além? Estremeci. Quem está preparado para dialogar com a eternidade? Os sibilos prosseguiram e, então, me discerni: era uma velha que me chamava [...]:

— *Pssst, pssst.*

— *Eu?*

— *Sim, próprio você. Me ajude levantar.*

Tentei ajudá-la a se erguer. Desconsegui. Nem eu esperava peso tão volumoso daquela mínima criatura. [...] A velha não conseguia desajoelhar-se. [...] Que fazer? Me sentei ao lado da velha, hesitando em como lhe pegar.

— *Vá me ajude, me empurre deste chão. Depresse-se, moço, que já estou ficando pedra.*

[...]

— *Espera: vou chamar mais alguém.*

— *Não me deixa sozinha, meu filho. Não me deixe, por favor.*

Me levantei para espreitar: a igreja estava vazia. [...]

[...]

Ainda me apliquei em novas forças, dobrei os intentos. Nem um deslizar da velha. De repente, eclatou o som irremediável de uma porta. Apurei os olhos na penumbra. Tinham fechado as pesadas portadas da igreja. Acorri, demasiado tarde. Chamei, gritei, bati, pés e mãos. Em vão. Tentava arrombar a porta, a velha me dissuadiu. Era pecado mais que mortal machucar a casa de Deus.

— *Mas é para sairmos, não podemos ficar aqui presos.*

Contudo, a porta era à prova de forças. A verdade era que eu e a beata estávamos prisioneiros daquele escuro. Acendi todas as velas que encontrei e me sentei junto da velha. Escutei as suas falagens: *sabe, meu filho, sabe o que estive a pedir a Deus? Estive a pedir que me levasse, minha palhota lá em cima já está pronta. E eu aqui já me custo tanto! Problema é eu já não tenho corpo para ir sozinha para o céu. Estou tão velha, tão cansadíssima que não aguento subir todos esses caminhos até lá, nos aléns. Pedi sabe o quê? Pedi que me vertesse em pássaro, desses capazes de compridas voações, desses que viajam até passar os infinitos. É verdade, filho. Esta tarde pedi a Deus que me vertesse em pássaro. E me desse asas só para me levar deste mundo.*

Adormeci nessa lenga-lengação dela. Me afundei em sono igual à pedra onde me deitava. Fiquei em total cancelamento: na ausência do ruído, dos queixumes e rebuliços da cidade. Acordei no dia seguinte, sacudido pelo padre: o que eu fazia ali, dormindo como um larápio, um pilha-patos? Expliquei o motivo da velha.

— *Qual velha?*, perguntou o sacerdote.

Olhei. Da velha nem o sopro. Não estava aqui uma senhora com os joelhos amarrados no chão? O padre, de impaciente paciência, me pediu que saísse. E que não voltasse a usar indevidamente o sagrado daquele lugar. Saí, cabistonto. Para além da porta, o mundo era de se admirar, coisa de curar antigas melancolias. A luz da manhã me estrelinhou as vistas. Nada cega mais que o sol.

Naquela estonteação me chegou a repentina visão de uma ave, enormíssima em branquejos. Ali mesmo, à minha frente, o pássaro desarpoava, esvoando entre chão e folhagens. Acenei, sem jeito, barafundado. Ela sorriu-me: *que fazes, me despedes? Não, eu não vou a nenhum lado. Foi mentira esse pedido que eu fiz a Deus. Aldrabei-Lhe bem. Eu não quero subir para lá, para as eternidades. Eu quero ser pássaro é para voar a vida. Eu quero viajar é neste mundo. E este mundo, meu filho, é coisa para não se deixar por nada desse mundo.*

E levantou voo em fantásticas alegrias.

(COUTO, Mia. *Estórias abensonhadas*. 5. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p.121-124.)

A palavra “pois”, empregada no início do segundo parágrafo do texto, pode ter diferentes sentidos, dependendo do contexto. No texto em análise, “pois” indica (assinale a resposta correta):

- a) a introdução de uma nova ideia na sequência do texto, ao mesmo tempo em que se retoma parcialmente o conteúdo do que está no primeiro parágrafo a fim de que o texto progrida.
- b) a introdução de uma explicação sobre a falta de fé do personagem, que completa a ideia apresentada no primeiro parágrafo do texto.
- c) a apresentação de uma causa para a falta de fé do personagem e o reforço de sua opção de crença, já que é religioso sem religião e vive uma paz interior.
- d) a apresentação de uma nova fase para o modo de crer do narrador, já que a aparição da velha reformulou seu modo de pensar.

- 33. Unemat-MT 2018** O setor de Recursos Humanos (RH) de uma empresa torna público o seletivo para uma vaga de assessoria, informando que apenas dois candidatos foram aprovados: um homem e uma mulher. Como houve empate de notas, competências, habilidades e idade, o diretor do RH, ao ser questionado sobre os critérios de desempate, atestou:
— Aprovo o rapaz! Ela é inteligente, mas é mulher.

Com base na anedota acima, reflita:

Em **Ela é inteligente, mas é mulher**, o termo **mas** é uma conjunção. Do ponto de vista gramatical, a conjunção é uma palavra invariável que conecta orações, alterando o sentido do enunciado, a depender do seu uso.

Assinale a alternativa correta, cujo emprego da conjunção não altera o sentido do enunciado em **Ela é inteligente, mas é mulher**.

- a) Ela é inteligente e é mulher.
- b) Ela é inteligente, portanto é mulher.
- c) Ela é inteligente, porém é mulher.
- d) Ela é mulher, mas é inteligente.
- e) Ela é mulher, portanto é inteligente.

34. UEG-GO 2017

Minha primeira vez

Não fui homem no momento
em que o rosto enrugou em barba.
Ou quando me alistei para servir.
Ou no primeiro beijo de boca.
Ou na primeira morte de um familiar.

Fui eleito homem aos nove anos,
chamado no corredor do nome
entre panelas na parede e chapéus no
cabide.

Meu avô me passou o facão e disse
para correr atrás da galinha ruiva.
Tentei agarrá-la
mas seus olhos piscaram o vento.
As patas das asas agarraram o vento.
Ela escapou dos braços
e voou até o telhado.
Fiquei esperando ela descer.
A galinha se fez telha,
preenchendo as goteiras.

A galinha se transformou
em balde sem
alça.
Um bule voador.
Fiquei esperando
ela
descer.

As calhas
acumularam
chuvas
com a ninhada de
ovos.
Os canos
estouraram.
Estou esperando
ela descer.

Tudo o que não
enxergo é
relâmpago.

CARPINEJAR, Fabrício. *Minha primeira vez*.
Folha de S. Paulo. São Paulo, 14 jan. 2006. p. 8.

Na primeira estrofe do poema, o termo “ou”, que introduz os três últimos versos, estabelece, nesse trecho, a relação de

- a) consequência
- b) alternância
- c) explicação
- d) condição
- e) causa

- 35. Unifor-CE 2018** Leia o trecho retirado do poema *Transforma-se o amador na cousa amada*, de Camões.

Transforma-se o amador na cousa amada

Transforma-se o amador na cousa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho, logo, mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Camões in Sonetos. Disponível em:
<http://jornaldepoesia.jor.br> (fragmento)

Em “Não tenho, **logo**, mais que desejar”, o termo destacado pode ser substituído, sem alteração do sentido, por

- VI. prontamente. **VIII.** por isso.
VII. precisamente. **IX.** portanto.

É correto apenas o que se afirma em:

- a) I e II **c) I e III** e) II e IV
b) II e III **d) III e IV**

36. Uece 2020

Pela primeira vez na história, nova geração tem QI mais baixo que seus antecessores

A *BBC News Brasil* publicou uma matéria explicando um novo fenômeno em que a geração atual está demonstrando um QI (Quociente de inteligência) mais baixo do que a anterior. Conhecidos como “nativos digitais”, esses são os primeiros filhos com QI inferior aos pais e estão sendo registrados em diversos países ao redor do mundo, incluindo Noruega, Dinamarca, Finlândia, Holanda, França, etc. De acordo com o neurocientista francês Michel Desmurget, o *QI diminui proporcionalmente ao uso da TV e videogame*.

- 10 Os testes de QI têm apontado que as novas gerações são menos inteligentes que as anteriores, mas ainda não há uma comprovação do porquê isso está acontecendo. Desmurget diz que a poluição e exposição a telas podem ser fatores muito influentes atualmente. A saúde, concentração e memória, que contribuem para um QI mais alto, podem ser facilmente prejudicadas por pesticidas inalados no ar e perturbação do sono, respectivamente.

O neurocientista deu outros exemplos do porquê o uso de dispositivos digitais pode afetar nossa inteligência.

- 20 Quanto mais tempo passamos num computador ou celular, temos menos interações pessoais reais, a prática de outros exercícios e atividades diminuem e a qualidade do sono é reduzida. Isso resulta em distúrbios na concentração, aprendizagem e impulsividade, além do sedentarismo que pode afetar a maturação cerebral.

O neurocientista também diz que nosso cotidiano contribui para a evolução do nosso QI. A nossa forma de vida modifica tanto a estrutura quanto o funcionamento do cérebro. Por isso, o tempo em frente a uma tela poderia

- 30 diminuir o trabalho intelectual, já que não estaríamos praticando outras atividades para manter nosso cérebro sempre bem treinado em outras funções.

- Apesar da análise, Desmurget defende que a revolução digital não é maléfica ou algo que deve ser interrompido. Muitas pessoas trabalham com ferramentas digitais. *Softwares* e soluções como a internet vieram para facilitar nossos trabalhos, interações à longa distância e cotidiano também. A crítica feita pelo neurocientista é relacionada à falta de “exercitação” do cérebro das gerações atuais, o que resultou em um QI mais baixo que a anterior pela primeira vez na história.

CANCELIER, Mariela. *Pela primeira vez na história, nova geração tem QI mais baixo que seus antecessores*. Mundo conectado.com.br. 31 de outubro de 2020.

Conectivos são palavras ou expressões que interligam as frases, períodos, orações, parágrafos, permitindo a sequência de ideias. O papel é desempenhado, sobretudo, pelas conjunções, palavras invariáveis usadas para ligar os termos e orações em um período. Além disso, alguns advérbios e pronomes também podem exercer essa função.

De acordo com o sentido intentado pelo autor, o conectivo destacado apresenta a ideia de

- a) adição em “Os testes de QI têm apontado que as novas gerações são menos inteligentes que as anteriores, **mas** ainda não há uma comprovação do porquê isso está acontecendo”. (linhas 10-12)
b) inclusão em “O neurocientista deu outros exemplos do **porquê** o uso de dispositivos digitais pode afetar nossa inteligência”. (linhas 18-19)
c) adição em “Isso resulta em distúrbios na concentração, aprendizagem e impulsividade, **além do** sedentarismo que pode afetar a maturação cerebral”. (linhas 23-25)
d) inclusão em “Por isso, o tempo em frente a uma tela poderia diminuir o trabalho intelectual, **já que** não estaríamos praticando outras atividades para manter nosso cérebro sempre bem treinado em outras funções”. (linhas 29-32)

Texto complementar

Simplesmente? De forma simples? Evite a inflação adverbial

“Prezado Sérgio, adoro seu ‘Sobre Palavras’ e de tanto ler vou mandar uma consulta. O que foi feito do advérbio composto de adjetivo + mente? Noto que para os profissionais de comunicação, este advérbio foi extinto e só usam o ‘de forma + adjetivo’. Exemplos: ‘O contrato será renovado automaticamente’ vira ‘O contrato será renovado de forma automática’; ‘Corria desesperadamente do ladrão’ vira ‘Corria de forma desesperada do ladrão’. Cabe a forma analítica ‘de forma’? Claro que cabe, mas observo que há uma determinação de só usar ‘de forma’ em qualquer circunstância e acaba soando uma outra língua, porque a dinâmica da frase (seria prosódia?) pede desesperadamente um ‘mente’. Não sei a que se pode atribuir este modismo, mas meu chute é o reducionismo linguístico que os iletrados, que agora são classe média e maioria, impõem. Os comunicadores para não parecerem pedantes, esnobes, acabam falando língua de criança. Gostaria de ouvir seu comentário. Abraços.” Carlos Alberto Guedes

As ponderações de Guedes, como se vê, nos conduzem àquela região além do conforto das regrinhas (isso está certo, aquilo está errado, basta decorar!), onde reside a graça verdadeira das questões da língua.

Em primeiro lugar, diga-se que seu diagnóstico parece correto: provavelmente, o advérbio formado classicamente por um adjetivo acrescido do sufixo mente vem sendo tratado injustamente por muitos profissionais de comunicação.

Em segundo lugar, sou obrigado a dizer que para mim, exageros à parte, quem luta para diminuir a incidência em seu texto de advérbios terminados em mente está certíssimo. Só na frase que compõe o parágrafo anterior eles são três: provavelmente, classicamente e injustamente.

Que tal reescrevê-la? “É provável que o advérbio formado classicamente por um adjetivo acrescido do sufixo mente venha sendo tratado com injustiça por muitos profissionais de comunicação.” Melhorou, nem que seja só por eliminar um bordão indesejável.

Ocorre que palavras terminadas em mente tendem mesmo a um comportamento de praga se não forem tratadas com rigor, derivando com facilidade (facilmente?) para a embromação, a vagueza e o pedantismo satirizados na telenovela “O bem-amado”, de Dias Gomes, no personagem de Odorico Paraguaçu, um político dado a encher seu discurso de “devagamente” e “de repentinamente”.

Quando vemos o poeta João Cabral de Melo Neto, cujo nome virou sinônimo de segura de estilo e concretude referencial da linguagem, afirmar que “a língua portuguesa, especialmente a brasileira, é muito suave, muito mole”, podemos ter certeza de que os advérbios em *mente* (um dos quais aparece curiosamente em sua frase) têm muito a ver com tal juízo.

Correndo o risco da simplificação grosseira, pode-se afirmar que, na escala de concretude que nenhum profissional moderno do texto tem o direito de ignorar, substantivos concretos (homem, árvore) tendem a valer mais do que substantivos abstratos (felicidade, pensamento), que tendem a valer mais do que adjetivos (feliz, pensativo), que tendem a valer mais do que advérbios (felizmente, pensativamente). Estes vêm na lanterna.

É evidente que essa simplificação não pretende amaldiçoar e muito menos proibir advérbios, apenas recomendar cuidado com sua inflação.

Aliás, tal cuidado não se deve restringir às palavras formadas pelo sufixo *mente*, mas incluir todos os advérbios e locuções adverbiais: mesmo que não incorra no problema das rimas involuntárias, um texto cheio de “assim”, “de vez em quando” e “sem dúvida” também fica “mole”, para usar a condenação cabralina.

Ou seja, de volta à consulta de Guedes: a troca de “desesperadamente” por “de forma desesperada” é um recurso legítimo que, usado com parcimônia, pode contribuir para dar diversidade ao estilo, mas que passa longe de liquidar a questão.

RODRIGUES, Sérgio. *Veja*, 23 fev. 2012. Abril Comunicações S. A. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/simplesmente-de-forma-simples-evite-a-inflacao-adverbial/>. Acesso em: 8 ago. 2022.

Resumindo

Advérbio: modalização e expressividade

Do ponto de vista morfológico, os advérbios são palavras invariáveis. É isso que os diferencia dos adjetivos, posto que muitos adjetivos funcionam como advérbios. No nível sintático, os advérbios se relacionam com o verbo, adjetivo e outro advérbio. Observe:

Os atletas são **altos**. (adjetivo)
Ele fala muito **alto**. (advérbio)

Tipos de advérbios

1. Afirmação: realmente; certamente
 2. Dúvida: talvez; porventura
 3. Intensidade: bastante; menos
 4. Lugar: dentro; fora
 5. Modo: devagar; mal
 6. Negação: nunca; jamais
 7. Tempo: sempre; nunca
 8. Ordem: primeiramente; ultimamente
 9. Inclusão: somente; inclusive
 10. Designação: eis
- **Palavras denotativas:** possuem semelhanças morfológicas com os advérbios, tendo as finalidades:
 1. Realce: lá; cá; só; é que
 2. Retificação: aliás; ou melhor; ou antes
 3. Situação: afinal; agora; então
 4. Explicação: isto é; por exemplo; ou seja
 - **Modalização:** os advérbios (assim como outras unidades linguísticas) podem funcionar como **modalizadores** quando expressam alguma avaliação ou julgamento do falante sobre a validade e valor das informações. Os tipos de modalizadores são:
 1. Modalização lógica (indica certeza e possibilidade): certamente; evidentemente; talvez; é evidente que.
Ex.: **É certo que** choverá amanhã.
 2. Modalização apreciativa (indica avaliação subjetiva): alegremente; felizmente; lamentavelmente.
Ex.: Meu time perdeu o campeonato, **infelizmente**.
 3. Modalização deontica (indica um dever): deve ser; não pode; é preciso.
Ex.: Tudo **deve ser** esclarecido.

• Grau comparativo e superlativo dos advérbios:

Grau dos advérbios
Comparativo Compara algo
De inferioridade: menos + advérbio + que/do que. Ex.: Ela correu menos rápido do que eu.
De igualdade: tão/tanto + advérbio + quanto/como. Ex.: Ela correu tão rápido quanto eu.
De superioridade: mais + advérbio + que/do que. Ex.: Ela correu mais rápido do que eu.
Superlativo Expressa qualidades em níveis elevados ou máximos
Absoluto analítico: muito + advérbio. Ex.: Ela correu muito rápido .
Absoluto sintético: advérbio + sufixo “-íssimo”. Ex.: Ela correu rapidíssimo .

Preposição: conceito e classificação

A preposição (pré + posição) serve de instrumento de ligação entre dois segmentos do enunciado, em que a sequência colocada após a preposição fica dependente de “um certo modo” da sequência que precede a preposição.

Ex.: A prova **do** Enem é composta **de** questões objetivas e uma redação.

As preposições estabelecem uma coesão adequada entre verbo e complemento, além de interferir no sentido construído, sendo um recurso estilístico na compreensão textual. Observe:

Ele assiste **ao** filme. (assistir + preposição “a” tem sentido de presenciar, estar presente).

Ele assiste **em** São Paulo. (assistir + “em” tem sentido de residir, morar).

A preposição pode ligar termos de classes gramaticais iguais, como ocorre entre dois substantivos (prova **do** Enem), e de classes gramaticais diferentes (composta **de** questões). As preposições podem ainda participar de diferentes construções, com distintas funções sintáticas: objeto direto; complemento nominal; adjunto adnominal; adjunto adverbial; agente da passiva.

Tipos de preposições

Preposições essenciais: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

Preposições acidentais: afora, como, conforme, consoante, durante, exceto, malgrado, mediante, salvo, segundo.

As preposições contraem-se com o artigo (do, ao, aos, às), combinam-se com advérbios (até hoje, desde ontem), com outras preposições (com base em, a partir de, em vez de etc.); há preposições com mais um elemento (desde... até, de...até) e preposições derivadas (durante, mediante, salvo etc.). Na combinação, a junção de uma preposição a outro termo não reduz ou altera as palavras.

• Preposições e relações de sentido:

a	meio; modo; tempo; destino
de	posse; causa; matéria; finalidade
com	instrumento (por meio de); companhia; conformidade; comparação
em	lugar; modo; tempo; estado ou qualidade
para	finalidade; lugar; falta
sem	privação; concessão

Conjunções: conexão e relações semânticas

A conjunção é outro dos meios de que a língua dispõe para estabelecer a ligação entre palavras, grupos de palavras e frases e, simultaneamente, para exprimir determinadas relações semânticas entre as unidades ligadas. Existem dois tipos de conjunções: as coordenativas e as subordinativas.

Conjunções e relações coordenativas

As conjunções coordenativas ligam orações sintaticamente independentes e podem também unir sintagmas ou palavras que exerçam as mesmas funções em uma oração ou um período.

Ex.: Ele bebeu, **logo** não pode dirigir.

Duas orações independentes:

1ª oração: Ele bebeu.

2ª oração: Não pode dirigir.

Conjunção coordenativa: logo (sentido de conclusão).

Em uma relação de coordenação, as palavras e os sintagmas se colocam em posição de igualdade, a qual pode ocorrer por justaposição (encadeamento sem conjunção) ou por conexão (encadeamento com uso de conjunção). Veja:

Estamos exaustos, dormimos pouco. (justaposição)

Estamos exaustos, **pois** dormimos pouco. (conexão)

• Tipos de conjunções coordenativas:

1. Aditivas (soma, adição entre termos ou orações): e; nem; não só... mas também.
2. Adversativas (contraste, oposição): mas; porém; contudo; todavia; no entanto; entretanto.
3. Alternativas (escolha, alternância, exclusão): ora; ou; quer; nem; seja.
4. Conclusivas (conclusão): pois (depois do verbo); portanto; logo; por isso; assim; por conseguinte.
5. Explicativas (motivo, razão, explicação): porque; que; pois (antes do verbo).

Conjunções e relações subordinativas

Essas conjunções ligam orações sintaticamente dependentes. Há uma relação de subordinação da segunda oração em relação à oração principal, exercendo uma função sintática em relação à outra. Por isso, dizemos que a oração introduzida pela conjunção subordinativa é subordinada à oração principal.

Ex.: **Já que** está nevando, ficaremos em casa.

Oração principal: ficaremos em casa.

Oração subordinada: Já que está nevando.

Conjunção subordinativa: já que (sentido de causa).

• Tipos de conjunções subordinativas:

1. Causal (sentido de causa): visto que; já que; uma vez que; porquanto; como; pois que; porque.
2. Consecutiva (sentido de consequência): tal/tanto/tão/tamanho... que; de forma que; de maneira que; de modo que; de sorte que.
3. Final (sentido de finalidade): a fim de que; para que; porque.
4. Temporal (tempo): quando; antes que; depois que; até que; logo; sempre que; assim que; todas as vezes que; desde que; cada vez que; apenas; mal; que.
5. Condicional (condição): salvo se; desde que; a menos que; caso; se.
6. Concessiva (concessão): ainda que; mesmo que; bem que; embora; apesar de; por mais que.
7. Comparativa (comparação): que; mais/menos; maior/menor; melhor/pior... que; tal... qual; tanto... quanto; como; assim como; bem como; como se; que nem.
8. Conformativa (conformidade): conforme; segundo; consoante; como.
9. Proporcional (proporcionalidade): à proporção que; ao passo que; à medida que; quanto.

Quer saber mais?



Filme

Ela. Direção: Spike Jonze. 2014.

O filme fala sobre relacionamentos amorosos e solidão, além de levar o público a refletir sobre o mundo tecnológico em que estamos vivendo.



Livro

Caminhos cruzados, de Érico Veríssimo. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

O livro conta uma história coletiva, mostrando a sociedade brasileira de forma crítica. Vários núcleos de personagens vão construindo a narrativa e, apesar de se conectarem e de se relacionarem, não se conhecem.



Site

WORDWALL. Disponível em: <https://wordwall.net/pt-br/community/periodo-composto-por-coordena%C3%A7%C3%A3o-e-subordina%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 20 jul. 2022.

A plataforma oferece jogos sobre o emprego das conjunções na construção dos períodos compostos por coordenação e subordinação.



Música

“Que país é esse?”, de Legião Urbana.

Na letra da música, há um uso particular da conjunção coordenativa de oposição “mas”, para a construção da crítica.

Exercícios complementares

1. Urca-CE 2018

Sobre os perigos da leitura

Parece que esse processo de destruição do pensamento individual é uma consequência natural das nossas práticas educativas. Quanto mais se é obrigado a ler, menos se pensa. Schopenhauer tomou consciência disso e o disse de maneira muito simples em alguns textos sobre livros e leitura. O que se toma por óbvio e evidente é que o pensamento está diretamente ligado ao número de livros lidos. Tanto assim que se criaram técnicas de leitura dinâmica que permitem que se leia “Grande Sertão – Veredas” em pouco mais de três horas.

Disponível em: <https://rubemalves.wordpress.com/>.

A produção e recepção plena de um enunciado exige a utilização consciente de certas regras gramaticais. Há termos que são utilizados para ligar orações ou palavras de mesmo valor gramatical e que estabelecem relações entre aquilo que uniu. No fragmento retirado do texto I: *Quanto mais se é obrigado a ler, menos se pensa*; podemos observar a existência de tais termos; a relação estabelecida é de:

- a) causalidade.
- b) finalidade.
- c) proporcionalidade.
- d) temporalidade.
- e) integralidade.

2. FICSAE-SP 2021

Leia o trecho do ensaio “Depressão e imagem do novo mundo”, de Maria Rita Kehl, para responder à questão.

A depressão, tão em voga em nossos dias quanto foi a histeria nos tempos de Freud, é uma expressão da dor psíquica que desafia todas as pretensões da ciência de programar a vida humana na direção de uma otimização de resultados. Fátia de mercado disputada pelos laboratórios farmacêuticos, os depressivos formam um grupo desunido e incômodo a desafiar, ainda que inadvertidamente, a norma do bem-estar predominante nas sociedades ditas avançadas: estas que se tornaram incapazes de refletir sobre a dor de viver. Estas que, convencidas de que a riqueza se mede pela abundância de mercadorias em circulação, tornaram-se incapazes de tolerar a falta, de criar estéticas para o vazio, de usufruir da lentidão e vislumbrar o saber contido na tristeza.

A experiência da depressão talvez prove que algo no humano resiste à aliança entre tecnologia e publicidade, assim como às novas formas de credo que elas promovem. Do homem, sabemos, a máquina de moer carne capitalista aproveita até o berro: os depressivos, porém, não oferecem nem isso. Os depressivos não berram. Seu silêncio, seu recolhimento, sua falta de interesse por todas as ofertas do gozo em circulação, fazem do depressivo a expressão do *sintoma social* contemporâneo. O depressivo, como no verso do poeta suicida Torquato Neto, desafina o coro dos contentes nestas primeiras décadas do século XXI.

(Adauto Novaes (org.). *Mutações*, 2008. Adaptado.)

Indicam incerteza e inclusão, respectivamente, os termos ou expressões sublinhados em:

- a) “a norma do bem-estar predominante nas sociedades ditas avançadas” e “os depressivos, porém, não oferecem nem isso”.
- b) “ainda que inadvertidamente, a norma do bem-estar predominante” e “assim como às novas formas de credo que elas promovem”.
- c) “ainda que inadvertidamente, a norma do bem-estar predominante” e “os depressivos formam um grupo desunido e incômodo a desafiar”.
- d) “estas que se tornaram incapazes de refletir sobre a dor de viver” e “O depressivo, como no verso do poeta suicida Torquato Neto, desafina”.
- e) “A experiência da depressão talvez prove que algo no humano” e “a máquina de moer carne capitalista aproveita até o berro”.

3. FICSAE-SP 2019

Examine a tira do cartunista André Dahmer.



(Vida e obra de Terêncio Horto, 2014.)

Colabora para o efeito de humor da tira o fato de

- a) Deus falhar no teste proposto por Terêncio.
 - b) Terêncio colocar a onisciência de Deus em questão.
 - c) Terêncio colocar a existência de Deus em questão.
 - d) Deus não entender a questão proposta por Terêncio.
 - e) Terêncio não entender a resposta de Deus.
4. Unesp 2013
- A questão toma por base um fragmento da crônica *Letra de canção e poesia*, de Antonio Cicero.

Como escrevo poemas e letras de canções, frequentemente pergunto-me se acho que as letras de canções são poemas. A expressão “letra de canção” já indica de que modo essa questão deve ser entendida, pois a palavra “letra” remete à escrita. O que se quer saber é se a letra, separada da canção, constitui um poema escrito.

“Letra de canção é poema?” Essa formulação é inadequada. Desde que as vanguardas mostraram que não se pode determinar *a priori* quais são as formas lícitas para a poesia, qualquer coisa pode ser um poema. Se um poeta escreve letras soltas na página e diz que é um poema, quem provará o contrário?

Neste ponto, parece-me inevitável introduzir um juízo de valor. A verdadeira questão parece ser se uma letra de canção é um bom poema. Entretanto, mesmo esta última pergunta ainda não é suficientemente precisa, pois pode estar a indagar duas coisas distintas: 1) Se uma letra de canção é necessariamente um bom poema; e 2) Se uma letra de canção é possivelmente um bom poema.

Quanto à primeira pergunta, é evidente que deve ter uma resposta negativa. Nenhum poema é necessariamente um bom poema; nenhum texto é necessariamente um bom poema; logo, nenhuma letra é necessariamente um bom poema. Mas talvez o que se deva perguntar é se uma boa letra é necessariamente um bom poema. Ora, também a essa pergunta a resposta é negativa. Quem já não teve a experiência, em relação a uma letra de canção, de se emocionar com ela ao escutá-la cantada e depois considerá-la insípida, ao lê-la no papel, sem acompanhamento musical? Não é difícil entender a razão disso.

Um poema é um objeto autotélico, isto é, ele tem o seu fim em si próprio. Quando o julgamos bom ou ruim, estamos a considerá-lo independentemente do fato de que, além de ser um poema, ele tenha qualquer utilidade. O poema se realiza quando é lido: e ele pode ser lido em voz baixa, interna, aural.

Já uma letra de canção é heterotélica, isto é, ela não tem o seu fim em si própria. Para que a julguemos boa, é necessário e suficiente que ela contribua para que a obra lítero-musical de que faz parte seja boa. Em outras palavras, se uma letra de canção servir para fazer uma boa canção, ela é boa, ainda que seja ilegível. E a letra pode ser ilegível porque, para se estruturar, para adquirir determinado colorido, para ter os sons ou as palavras certas enfatizadas, ela depende da melodia, da harmonia, do ritmo, do tom da música à qual se encontra associada.

(Folha de S. Paulo, 16.06.2007.)

“Nenhum poema é necessariamente um bom poema; nenhum texto é necessariamente um bom poema; logo, nenhuma letra é necessariamente um bom poema”.

O advérbio *necessariamente*, nas três ocorrências verificadas na passagem mencionada, equivale, pelo sentido, a:

- | | |
|---------------------|-----------------------|
| a) forçosamente. | d) independentemente. |
| b) raramente. | e) frequentemente. |
| c) suficientemente. | |

5. **UFRGS 2019** Recebi consulta de um amigo que tenta deslindar segredos da língua para estrangeiros que querem aprender português. Seu problema: “se digo em uma sala de aula: ‘Pessoal, leiam o livro X’, como explicar a concordância? Certamente, não se diz ‘Pessoal, leia o livro X’”.

Pela pergunta, vê-se que não se trata de fornecer regras para corrigir eventuais problemas de padrão. Trata-se de entender um dado que ocorre regularmente, mas que parece oferecer alguma dificuldade de análise.

- 10 Em primeiro lugar, é óbvio que se trata de um pedido (ou de uma ordem) mais ou menos informal. Caso contrário, não se usaria a expressão “pessoal”, mas talvez “Senhores” ou “Senhores alunos”.

- 15 Em segundo lugar, não se trata da tal concordância ideológica, nem de silepse (hipóteses previstas pela gramática para explicar concordâncias mais ou menos excepcionais, que se devem menos a fatores sintáticos e mais aos semânticos; exemplos correntes do tipo “A gente fomos” e “o pessoal gostaram” se explicam por
20 esse critério). Como se pode saber que não se trata de concordância ideológica ou de silepse? A resposta é que,

nesses casos, o verbo se liga ao sujeito em estrutura sem vocativo, diferentemente do que acontece aqui. E em casos como “Pedro, venha cá”, “venha” não se liga a “Pedro”,
25 mesmo que pareça que sim, porque Pedro não é o sujeito.

Para tentar formular uma hipótese mais clara para o problema apresentado, talvez se deva admitir que o sujeito de um verbo pode estar apagado e, mesmo assim, produzir concordância. O ideal é que se mostre que o fenômeno
30 não ocorre só com ordens ou pedidos, e nem só quando há vocativo. Vamos por partes: a) é normal, em português, haver orações sem sujeito expresso e, mesmo assim, haver flexão verbal. Exemplos correntes são frases como “chegaram e saíram em seguida”, que todos conhecemos das
35 gramáticas; b) sempre que há um vocativo, em princípio, o sujeito pode não aparecer na frase. É o que ocorre em “meninos, saiam daqui”; mas o sujeito pode aparecer, pois não seria estranha a sequência “meninos, vocês se comportem”; c) se forem aceitas as hipóteses a) e b) (diria que
40 são fatos), não seria estranho que a frase “Pessoal, leiam o livro X” pudesse ser tratada como se sua estrutura fosse “Pessoal, vocês leiam o livro x”. Se a palavra “vocês” não estivesse apagada, a concordância se explicaria normalmente; d) assim, o problema real não é a concordância
45 entre “pessoal” e “leiam”, mas a passagem de “pessoal” a “vocês”, que não aparece na superfície da frase.

Este caso é apenas um, dentre tantos outros, que nos obrigariam a considerar na análise elementos que parecem não estar na frase, mas que atuam como se lá
50 estivessem.

Adaptado de: POSSENTI, Sírio. *Malcomportadas línguas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 85-86.

Considere os usos de advérbios no texto e assinale com **1** aqueles em que o advérbio modifica o sentido de apenas uma palavra e com **2** aqueles em que modifica o sentido de segmentos textuais.

- Certamente (l. 5)
- menos (l. 11)
- mais (l. 26)
- talvez (l. 27)

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- | | |
|-------------------|-------------------|
| a) 2 – 1 – 2 – 1. | d) 2 – 2 – 2 – 1. |
| b) 1 – 1 – 1 – 2. | e) 1 – 2 – 2 – 2. |
| c) 2 – 1 – 1 – 2. | |

6. **Unespar-PR 2018**

Por que o Brasil é o melhor país do mundo

(Luiz Ruffato)

Há uma fábula de origem hindu, conhecida em inúmeras versões, que relata a seguinte história: certa feita, um príncipe convocou cinco cegos e colocando cada um deles para apalpar partes específicas do corpo de um elefante
5 pediu que discorressem sobre o aspecto do animal que tinham à sua frente. O que examinou a barriga disse que se tratava de algo como uma grande panela; o que investigou as patas falou que parecia o tronco de uma árvore;
10 que tocou as orelhas vislumbrou um imenso leque; o que tateou o rabo descreveu uma vassoura; o que sondou a tromba, uma enorme cobra, perigosa e destruidora.

Cataguases, minha cidade-natal, embora fique a apenas 300 quilômetros do Rio de Janeiro, só conheceu um oriental em 1976. Naquele ano, instalou-se na Praça Rui Barbosa, a mais importante do lugar, um nissei vendendo churros – algo bem brasileiro, um descendente de japoneses negociando doce de procedência espanhola... Em pouco tempo, ambos, o homem e o doce, tornaram-se a atração da cidade. Havia filas durante todo o dia de pessoas interessadas menos em comprar churros que em observar de perto aquele ser humano de olhos puxados, cabelos escorridos, pele amarelada. O vendedor de churros ganhou tanto dinheiro que logo passou à frente a carrocinha e deslocou-se para longe.

Na segunda metade da década de 1980, meu amigo J. T. L. transferiu-se com a família (mulher e duas filhas) para Bangor, País de Gales, onde, por seis anos, desenvolveu sua tese de doutorado na área de engenharia florestal. Em 1989, encontramos-nos em Londres para matar a saudade, num *pub* perto da ponte de Westminster, onde se localiza o Big Ben. Sorvendo uma caneca de cerveja, perguntei a ele como era viver em uma ilha. Ele respondeu: Ilha? Se quiser, em pouco tempo estou na França, Espanha, Portugal, Itália ou Alemanha. Alguns quilômetros e muda tudo, o idioma, a cultura, a comida, os hábitos, os costumes. Ilha é o Brasil, prosseguiu, onde pode-se passar uma existência inteira sem nunca ouvir uma língua estrangeira; onde pode-se cortar o território de leste a oeste, de norte a sul, mais de quatro mil quilômetros em ambas as direções, sem anotar praticamente nenhuma variação significativa de nada.

A ausência de experiências divergentes, ou, em outras palavras, a carência de contato com o outro, com o estranho – o que é de fora, o que nos é desconhecido – acaba estimulando comportamentos tacanhos. Por isso, nós, brasileiros, temos uma descomunal dificuldade de lidar com aquilo que não se parece conosco – podemos agir pateticamente como os cataguasenses frente ao nissei vendedor de churros (quando nos sentimos inferiores) ou bestialmente como em relação aos imigrantes haitianos (quando nos sentimos superiores). E é por isso, também que, ao invés de olharmos-nos no espelho e admitirmos o quanto somos intolerantes, xenófobos, hipócritas e ufanistas, preferimos nos esconder por detrás da dissimulada máscara de cordialidade que nos assenta bem ao rosto.

Continuamos a repetir clichês inventados por uma elite predatória, interessada no pastoreio de um povo dócil e submisso. “Nosso céu tem mais estrelas / Nossas várzeas têm mais flores / Nossos bosques têm mais vida / Nossa vida mais amores”, cantava o poeta Gonçalves Dias em 1847. Nossa natureza é a mais exuberante, nossas mulheres as mais belas, nossos homens os mais viris, repetimos no século XXI. Somos os cegos da fábula hindu que, incapazes de perceber o elefante como um todo, nos contentamos em deduzi-lo por suas partes, com resultados evidentemente desastrosos.

O superlativo sempre transporta um dado absoluto, impermeável, na maioria das vezes, à comprovação. Deveríamos, ao invés de continuar reforçando lugares-comuns, pensar em termos de comparação. Uma coisa somente é em relação a outra. Temos pois que, antes, escutar o discurso discordante, mirar os olhos de quem não se

assemelha a nós, nos colocar na pele do vizinho. Talvez até descobríssemos, afinal, que nosso céu tem mais estrelas, mas não as vemos por causa da poluição; que as flores estão morrendo nas várzeas contaminadas; que estamos destruindo nossos bosques; que estamos oprimindo as mulheres, e os negros, e os índios, e os homossexuais, que estamos dizimando os jovens nas guerras do trânsito e do tráfico; que, portanto, nossa vida poderia sim até ter mais amores, mas no momento tudo encontra-se envenenado pela peçonha da ignorância.

(Texto original disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/13/opinion/1444737066_408985.html. Acessado em 31/10/2015)

Os advérbios são uma classe de palavras que tem como finalidade modificar um verbo, um adjetivo, ou até mesmo um outro advérbio. Essa função de modificador faz com que o advérbio atribua uma circunstância ao termo que ele modifica.

A partir dessa afirmação, analise os enunciados a seguir:

- I. “[...] algo bem brasileiro [...]” (linha 16).
- II. “[...] onde se localiza o Big Ben” (linhas 30-31).
- III. “[...] podemos agir pateticamente [...]” (linhas 47-48).
- IV. “Talvez até descobríssemos [...]” (linhas 73-74).

De acordo com o texto, os advérbios “bem”, “onde”, “pateticamente” e “talvez”, nas passagens acima, exprimem, respectivamente, as circunstâncias de:

- a) Modo – lugar – meio – intensidade;
- b) Meio – lugar – modo – intensidade;
- c) Modo – lugar – intensidade – dúvida;
- d) Afirmação – lugar – modo – dúvida;
- e) Intensidade – lugar – modo – dúvida.

7. Uerj

Memórias do cárcere

Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos – e, antes de começar, digo os motivos por que silencie e por que me decido. Não conservo notas: algumas que tomei foram inutilizadas, e assim, com o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa. Além disso, julgando a matéria superior às minhas forças, esperei que outros mais aptos se ocupassem dela. Não vai aqui falsa modéstia, como adiante se verá. Também me afligiu a ideia de jogar no papel criaturas vivas, sem disfarces, com os nomes que têm no registro civil. Repugnava-me deformá-las, dar-lhes pseudônimo, fazer do livro uma espécie de romance; mas teria eu o direito de utilizá-las em história presumivelmente verdadeira? Que diriam elas se se vissem impressas, realizando atos esquecidos, repetindo palavras contestáveis e obliteradas?

[...]

O receio de cometer indiscrição exibindo em público pessoas que tiveram comigo convivência forçada já não me apoquentava. Muitos desses antigos companheiros distanciaram-se, apagaram-se. Outros permaneceram junto a mim, ou vão reaparecendo ao cabo de longa ausência, alteram-se, completam-se, avivam recordações meio confusas – e não vejo inconveniência em mostrá-los.

[...]

E aqui chego à última objeção que me impus. Não resguardei os apontamentos obtidos em largos dias e meses de observação: num momento de aperto fui obrigado a atirá-los na água. Certamente me irão fazer falta, mas terá sido uma perda irreparável? Quase me inclino a supor que foi bom privar-me desse material. Se ele existisse, ver-me-ia propenso a consultá-lo a cada instante, mortificar-me-ia por dizer com rigor a hora exata de uma partida, quantas demoradas tristezas se aqueciam ao sol pálido, em manhã de bruma, a cor das folhas que tombavam das árvores, num pátio branco, a forma dos montes verdes, tintos de luz, frases autênticas, gestos, gritos, gemidos. Mas que significa isso? Essas coisas verdadeiras podem não ser verossímeis. E se esmoreceram, deixá-las no esquecimento: valiam pouco, pelo menos imagino que valiam pouco. Outras, porém, conservaram-se, cresceram, associaram-se, e é inevitável mencioná-las. Afirmarei que sejam absolutamente exatas? Leviandade. [...] Nesta reconstituição de fatos velhos, neste esmiuçamento, exponho o que notei, o que julgo ter notado. Outros devem possuir lembranças diversas. Não as contesto, mas espero que não recusem as minhas: conjugam-se, completam-se e me dão hoje impressão de realidade. Formamos um grupo muito complexo, que se desagregou. De repente nos surge a necessidade urgente de recompô-lo. Define-se o ambiente, as figuras se delineiam, vacilantes, ganham relevo, a ação começa. Com esforço desesperado arrancamos de cenas confusas alguns fragmentos. Dúvidas terríveis nos assaltam. De que modo reagiram os caracteres em determinadas circunstâncias? O ato que nos ocorre, nítido, irrecusável, terá sido realmente praticado? Não será incongruência? Certo a vida é cheia de incongruências, mas estaremos seguros de não nos haveremos enganado? Nessas vacilações dolorosas, às vezes necessitamos confirmação, apelamos para reminiscências alheias, convencemo-nos de que a minúcia discrepante não é ilusão. Difícil é sabermos a causa dela, desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram. Como isso variava em excesso, era natural que variássemos também, apresentássemos falhas. Fiz o possível por entender aqueles homens, penetrar-lhes na alma, sentir as suas dores, admirar-lhes a relativa grandeza, enxergar nos seus defeitos a sombra dos meus defeitos. Foram apenas bons propósitos: devo ter-me revelado com frequência egoísta e mesquinho. E esse desabrochar de sentimentos maus era a pior tortura que nos podiam infligir naquele ano terrível.

GRACILIANO RAMOS. *Memórias do cárcere*.
Rio de Janeiro: Record, 2002.

As palavras classificadas como advérbios agregam noções diversas aos termos a que se ligam na frase, demarcando posições, relativizando ou reforçando sentidos, por exemplo.

O advérbio destacado é empregado para relativizar o sentido da palavra a que se refere em:

- utilizá-las em história presumivelmente verdadeira? (l. 13-14)
- Certamente me irão fazer falta, (l. 29)
- Afirmarei que sejam absolutamente exatas? (l. 42-43)
- desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram. (l. 62-63)

8. **Uece 2014** O texto que você lerá é um excerto retirado do primeiro parágrafo do artigo de opinião “Com um braço só”, escrito por J. R. Guzzo, que trata da corrupção na política.

Um dos aspectos menos atraentes da personalidade humana é a tendência de muitas pessoas de só condenar os vícios que não praticam, ou pelos quais não se sentem atraídas. Um caloteiro que não fuma, não bebe e não joga, por exemplo, é frequentemente a voz que mais grita contra o cigarro, a bebida e os cassinos, mas fecha a boca, os ouvidos e os olhos, como os três prudentes macaquinhos orientais, quando o assunto é honestidade no pagamento de dívidas pessoais. É a velha história: o mal está sempre na alma dos outros. Pode até ser verdade, infelizmente, quando se trata da política brasileira, em que continua valendo, mais do que nunca, a máxima popular do “pega um, pega geral”.
Extraído do artigo “Com um braço só”, de J.R. Guzzo. VEJA. 21/08/2013.

Atente para as seguintes afirmações sobre alguns dos elementos do texto.

- Os gramáticos modernos distinguem os **advérbios frásicos** (aqueles advérbios que modificam um elemento da frase, como em *Ele correu muito*.) dos **advérbios extrafrásicos** (aqueles que são exteriores à frase, estão no âmbito da enunciação, como em *Ele, naturalmente, passou de primeira, não foi?*). Esse segundo grupo congrega os advérbios avaliativos, isto é, que indicam uma avaliação do enunciador acerca do conteúdo enunciado. No texto em estudo, temos um advérbio frásico na linha 9: “sempre”; e um advérbio extrafrásico na linha 10: “infelizmente”.
- Na expressão “os três prudentes macaquinhos orientais” (linhas 7-8), o artigo definido “os” confere a “três macaquinhos orientais” o *status* de informação conhecida.
- O texto, embora constitua apenas um excerto do parágrafo original, apresenta a estrutura paragrafática canônica: tópico frasal ou introdução, desenvolvimento e conclusão.

Está correto o que se diz em

- I e II apenas.
- II e III apenas.
- I, II e III.
- II apenas.

9. **Unifesp 2016** Leia o excerto da crônica “Mineirinho” de Clarice Lispector (1925-1977), publicada na revista *Senhor* em 1962, para responder à questão.

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um **facínora**. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram **Mineirinho** do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar trair sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irredutíveis, mas revolta irredutível também, a violenta compaixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto

nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendo-me talvez como a justiça que se vingará. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: “O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu”. Respondi-lhe que “mais do que muita gente que não matou”.

Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matarás. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina – porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, os sonsos essenciais. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais – vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu – que ao homem acuado, que a esse não nos matem. Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver.

(Clarice Lispector. *Para não esquecer*, 1999.)

facínora: diz-se de ou indivíduo que executa um crime com crueldade ou perversidade acentuada.

Mineirinho: apelido pelo qual era conhecido o criminoso carioca José Miranda Rosa. Acuado pela polícia, acabou crivado de balas e seu corpo foi encontrado à margem da Estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

“O décimo terceiro tiro me assassina — **porque eu sou o outro.**” (3º parágrafo)

Em relação à oração que a precede, a oração destacada tem sentido de

- a) consequência.
- b) conclusão.
- c) alternância.
- d) causa.
- e) finalidade.

10. **Unifesp 2015** Para responder à questão, leia as opiniões em relação ao projeto de adaptação que visa facilitar obras de Machado de Assis.

Texto 1

Isso é um assassinato e eu endosso. A autora [da adaptação] quer que a Academia se manifeste. Para ela, vai ser a glória. Mas vários acadêmicos se manifestaram. Eu me manifestei. Há temas em que a instituição não pode se baratear. Essa mulher quer que nós tenhamos essa discussão como se ela estivesse propondo a ressurreição eterna de Machado de Assis, como se ele dependesse dela. Confio na vigilância da sociedade. Vamos para a rua protestar.

(Nélida Piñon. <http://entretenimento.uol.com.br>)

Texto 2

Não defenderia, jamais, que Secco [autora da adaptação] fosse impedida de realizar seu projeto, mas não me parece que a proposta devesse merecer apoio do Ministério da Cultura e ser realizada com a ajuda de leis que, afinal, transferem impostos para a cultura. Trata-se, na melhor das hipóteses, de ingenuidade; na pior, de excesso de “sagacidade”. Não será a adulteração de obras, para torná-las supostamente mais legíveis por ignorantes, que irá resolver o problema do acesso a textos literários históricos – mesmo porque, adulterados, já terão deixado de ser o que eram.

(Marcos Augusto Gonçalves. <http://www.folha.uol.com.br>)

Examine os enunciados:

- “Vamos **para** a rua protestar.” (Texto 1)
- “Não será a adulteração de obras, **para** torná-las supostamente mais legíveis por ignorantes” (Texto 2)

O termo “para”, em destaque nos enunciados, expressa, respectivamente, sentido de

- a) movimento e finalidade.
- b) modo e conformidade.
- c) tempo e comparação.
- d) movimento e comparação.
- e) conformidade e finalidade.

11. **ITA-SP 2016** Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. Faço o que faziam os mestres zen com seus “koans”. “Koans” eram rasteiras que os mestres passavam no pensamento dos discípulos. Eles sabiam que só se aprende o novo quando as certezas velhas caem. E acontece que eu gosto de passar rasteiras em certezas de jovens e de velhos...

Pois o que eu faço é o seguinte. Lá estão os jovens nos semáforos, de cabeças raspadas e caras pintadas, na maior alegria, celebrando o fato de haverem passado no vestibular. Estão pedindo dinheiro para a festa! Eu paro o carro, abro a janela e na maior seriedade digo: “Não vou dar dinheiro. Mas vou dar um conselho. Sou professor emérito da Unicamp. O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo!”. Aí o sinal fica verde e eu continuo.

“Mas que desmancha-prazeres você é!”, vocês me dirão. É verdade. Desmancha-prazeres. Prazeres inocentes baseados no engano. Porque aquela alegria toda se deve precisamente a isto: eles estão enganados.

Estão alegres porque acreditam que a universidade é a chave do mundo. Acabaram de chegar ao último patamar.

As celebrações têm o mesmo sentido que os eventos iniciáticos – nas culturas ditas primitivas, as provas a que têm de se submeter os jovens que passaram pela puberdade. Passadas as provas e os seus sofrimentos, os jovens deixaram de ser crianças. Agora são adultos, com todos os seus direitos e deveres. Podem assentar-se na roda dos homens. Assim como os nossos jovens agora podem dizer: “Deixe o cursinho. Estou na universidade”.

Houve um tempo em que as celebrações eram justas. Isso foi há muito tempo, quando eu era jovem. Naqueles tempos, um diploma universitário era garantia de trabalho. Os pais se davam como prontos para morrer quando uma destas coisas acontecia: 1) a filha se casava. Isso garantia o seu sustento pelo resto da vida; 2) a filha tirava o diploma de normalista. Isso garantiria o seu sustento caso não casasse; 3) o filho entrava para o Banco do Brasil; 4) o filho tirava diploma.

O diploma era mais que garantia de emprego. Era um atestado de nobreza. Quem tirava diploma não precisava trabalhar com as mãos, como os mecânicos, pedreiros e carpinteiros, que tinham mãos rudes e sujas.

Para provar para todo mundo que não trabalhavam com as mãos, os diplomados tratavam de pôr no dedo um anel com pedra colorida. Havia pedras para todas as profissões: médicos, advogados, músicos, engenheiros. Até os bispos tinham suas pedras.

(Ah! Ia me esquecendo: os pais também se davam como prontos para morrer quando o filho entrava para o seminário para ser padre – aos 45 anos seria bispo – ou para o exército para ser oficial – aos 45 anos seria general.)

Essa ilusão continua a morar na cabeça dos pais e é introduzida na cabeça dos filhos desde pequenos. Profissão honrosa é profissão que tem diploma universitário. Profissão rendosa é a que tem diploma universitário. Cria-se, então, a fantasia de que as únicas opções de profissão são aquelas oferecidas pelas universidades.

Quando se pergunta a um jovem “O que é que você vai fazer?”, o sentido dessa pergunta é “Quando você for preencher os formulários do vestibular, qual das opções oferecidas você vai escolher?”. E as opções não oferecidas? Haverá alternativas de trabalho que não se encontram nos formulários de vestibular?

Como todos os pais querem que seus filhos entrem na universidade e (quase) todos os jovens querem entrar na universidade, configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, de pessoas desejosas de diplomas e prontas a pagar o preço. Enquanto houver jovens que não passam nos vestibulares das universidades do Estado, haverá mercado para a criação de universidades particulares. É um bom negócio.

Alegria na entrada. Tristeza ao sair. Forma-se, então, a multidão de jovens com diploma na mão, mas que não conseguem arranjar emprego. Por uma razão aritmética: o número de diplomados é muitas vezes maior que o número de empregos.

Já sugeri que os jovens que entram na universidade deveriam aprender, junto com o curso “nobre” que frequentam, um ofício: marceneiro, mecânico, cozinheiro, jardineiro, técnico de computador, eletricista, encanador, descupinizador, motorista de trator... O rol de ofícios possíveis é imenso. Pena que, nas escolas, as crianças e os

jovens não sejam informados sobre essas alternativas, por vezes mais felizes e mais rendosas.

Tive um amigo professor que foi guindado, contra a sua vontade, à posição de reitor de um grande colégio americano no interior de Minas. Ele odiava essa posição porque era obrigado a fazer discursos. E ele tremia de medo de fazer discursos. Um dia ele desapareceu sem explicações. Voltou com a família para o seu país, os Estados Unidos. Tempos depois, encontrei um amigo comum e perguntei: “Como vai o Fulano?”. Respondeu-me: “Felicíssimo. É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país!”.

(Rubem Alves. Diploma não é solução, *Folha de S.Paulo*, 25/05/2004.)

No trecho “**Até** os bispos tinham suas pedras.”, a palavra sublinhada expressa a ideia de

- a) inclusão.
- b) tempo.
- c) modo.
- d) quantidade.
- e) qualidade.

12. UEMG 2019

Eu sei que um outro deve estar falando
Ao seu ouvido
Palavras de amor como eu falei
Mas eu duvido
Duvido que ele tenha tanto amor
E até os erros do meu português ruim. [...]

(Roberto e Erasmo Carlos)

A preposição **até** tem o mesmo valor semântico do sublinhado no texto em:

- a) Até você acha que não compreendo isso?
- b) Ela continuou ali até eu acabar de falar.
- c) Foram até a sala para receber os convidados.
- d) Penso que até lá teremos tempo de sobra.

13. UFC-CE 2012

Assinale a alternativa que apresenta uma locução prepositiva.

- a) O Estado não substitui a família, a menos que ela esteja em dificuldade.
- b) Com receio de contrariá-los, eles reforçam suas atitudes.
- c) A águia afia as garras no momento que julgar oportuno.
- d) Eles não precisam se esconder diante das ameaças.
- e) Com todo respeito, acho a família responsável.

14. UFVJM-MG 2017

A SUGGAR ESTÁ COMPLETANDO 34 ANOS DE SUCESSO.

Muito obrigado a você pela preferência!

Sucesso comprovado por números:

- Suggar da Suggar é o depurador mais vendido do País. Neste segmento, temos, também, mais de 20 modelos de coifas ilha e parede; vidro e aço inox;
- As lavadoras Suggar também têm a preferência dos consumidores, pois garantem maior eficiência na lavagem, com baixo consumo de água e energia, comprovados pelo INMETRO;
- Parque industrial de 40.000m², em expansão para 56.400m² de área coberta, com apoio do Governo do

Estado, Prefeitura Municipal, BDMG, INDI, FIEMG, A.D.C.E (Associação dos Dirigentes Cristãos de Empresas), CEMIG, Secretaria da Fazenda e do Desenvolvimento Econômico;

- 154 produtos diferentes, entre eles, linha branca, *premium*, eletroportáteis, com a qualidade que a força da marca Suggar exige;
- Mais de 28 milhões de peças produzidas;
- Mais de 1.000 colaboradores;
- 968 postos de assistência técnica no país;
- 11 mil pontos de vendas comercializam a marca Suggar;
- Empresas conglomeradas: Cook Cozinhas, Linha Branca Expresso, Cook Eletrodomésticos, Cook Interação e Grave Multimídia.

Por tudo isso, os brasileiros adoram a marca Suggar!

Fonte: *Revista Encontro* 137, ano XI, de 1º de outubro de 2012.

Observe o trecho:

“Suggar da Suggar é o depurador mais vendido do País”.

É exemplo da mesma relação de sentido estabelecida entre a preposição destacada no trecho:

- “milhões de peças”.
- “apoio do governo”
- “consumo de água”.
- “34 anos de sucesso”.

- 15. Fasm-SP 2014** Leia um trecho do conto *Uma vela para Dario*, do escritor curitibano Dalton Trevisan, para responder à questão.

Dario vinha apressado, guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Por ela escorregando, sentou-se na calçada, ainda úmida de chuva, e descansou na pedra o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no e indagaram se não se sentia bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, não se ouviu resposta. O senhor gordo, de branco, sugeriu que devia sofrer de ataque.

Ele reclinou-se mais um pouco, estendido agora na calçada, e o cachimbo tinha apagado. O rapaz de bigode pediu aos outros que se afastassem e o deixassem respirar. Abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou feio e bolhas de espuma surgiram no canto da boca.

Cada pessoa que chegava erguia-se na ponta dos pés, embora não o pudesse ver. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao seu lado.

A velhinha de cabeça grisalha gritou que ele estava morrendo. Um grupo o arrastou para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protestou o motorista: quem pagaria a corrida? Concordaram chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado à parede – não tinha os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.

Alguém informou da farmácia na outra rua. Não carregaram Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito pesado. Foi largado na porta de uma peixaria.

Ocupado o café próximo pelas pessoas que vieram apreciar o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozavam as delícias da noite. Dario ficou torto como o deixaram, no degrau da peixaria, sem o relógio de pulso.

Um terceiro sugeriu que lhe examinassem os papéis, retirados – com vários objetos – de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficaram sabendo do nome, idade, sinal de nascença. O endereço na carteira era de outra cidade.

Registrou-se correria de mais de duzentos curiosos que, a essa hora, ocupavam toda a rua e as calçadas: era a polícia. O carro negro investiu a multidão. Várias pessoas tropeçaram no corpo de Dario. O guarda aproximou-se do cadáver e não pôde identificá-lo – os bolsos vazios.

(Herberto Sales (org.). *Antologia escolar de contos brasileiros*, s/d. Adaptado.)

Considere as frases a seguir.

A calçada _____ que Dario se sentou ao passar mal ainda estava úmida da chuva.

O cachimbo _____ que Dario soprava fumaça ficou sobre o calçamento.

O motorista de táxi _____ quem as pessoas requisitaram ajudou questionou-as sobre o pagamento da corrida.

A farmácia _____ que pretendiam conduzir Dario era no fim do quarteirão.

As preposições que preenchem, respectivamente e de acordo com a norma-padrão, as frases são

- de – com – a – com.
- em – a – de – em.
- em – com – a – a.
- a – para – em – a.
- a – a – em – em.

- 16. Famerp-SP 2016** Leia o trecho do conto “As caridades odiosas”, de Clarice Lispector, para responder à questão.

Foi uma tarde de sensibilidade ou de suscetibilidade? Eu passava pela rua depressa, emaranhada nos meus pensamentos, como às vezes acontece. Foi quando meu vestido me reteve: alguma coisa se enganchara na minha saia. Voltei-me e vi que se tratava de uma mão pequena e escura. Pertencia a um menino a que a sujeira e o sangue interno davam um tom quente de pele. O menino estava de pé no degrau da grande confeitaria. Seus olhos, mais do que suas palavras meio engolidas, informavam-me de sua paciente aflição. Paciente demais. Percebi vagamente um pedido, antes de compreender o seu sentido concreto. Um pouco aturdida eu o olhava, ainda em dúvida se fora a mão da criança o que me ceifara os pensamentos.

– Um doce, moça, compre um doce para mim.

Acordei finalmente. O que estivera eu pensando antes de encontrar o menino? O fato é que o pedido deste pareceu cumular uma lacuna, dar uma resposta que podia servir para qualquer pergunta, assim como uma grande chuva pode matar a sede de quem queria uns goles de água.

Sem olhar para os lados, por pudor talvez, sem querer espiar as mesas da confeitaria onde possivelmente algum conhecido tomava sorvete, entrei, fui ao balcão e disse com uma dureza que só Deus sabe explicar: um doce para o menino.

(*A descoberta do mundo*, 1999.)

“Sem olhar para os lados, **por** pudor talvez, sem querer espiar as mesas da confeitaria onde possivelmente algum conhecido tomava sorvete” (4º parágrafo)

A preposição destacada assume valor semântico semelhante ao que se verifica na frase:

- a) A crítica tem Machado de Assis **por** um grande autor.
- b) Há ainda algumas questões **por** fazer.
- c) Ficaremos na Europa **por** cinco dias.
- d) As tropas cercaram os inimigos **por** terra e **por** mar.
- e) Muitas pessoas vão cedo para casa **por** medo.

17. Cesmac-AL 2017

Saúde, sociedade e qualidade de vida

Saúde é um direito humano fundamental, reconhecido por todos os foros mundiais e em todas as sociedades. Como tal, se encontra em pé de igualdade com outros direitos garantidos pela Declaração dos Direitos Humanos, de 1948: liberdade, alimentação, educação, segurança, nacionalidade etc.

A saúde é amplamente reconhecida como o maior recurso para o desenvolvimento social, econômico e pessoal, e como uma importante dimensão da qualidade de vida. Saúde e qualidade de vida são, assim, dois temas correlacionados, aspecto com o qual pesquisadores e cientistas concordam. A saúde contribui para a qualidade de vida, e esta é fundamental para a saúde.

A Carta de Ottawa – um dos documentos mais importantes que se produziram no cenário mundial sobre o tema da saúde e da qualidade de vida – afirma que são recursos indispensáveis para se ter saúde: paz, renda, habitação, educação, alimentação adequada, ambiente saudável, recursos sustentáveis, equidade, justiça social. Isto implica o entendimento de que a saúde não é nem uma conquista, nem uma responsabilidade exclusiva do setor saúde. É o resultado de um conjunto de fatores sociais, econômicos, políticos e culturais, coletivos e individuais, que se combinam, daí resultando sociedades mais ou menos saudáveis.

Na maior parte do tempo de suas vidas, a maioria das pessoas é saudável. Isto significa que, na maior parte do tempo, a maioria das pessoas não necessita de hospitais, ou de complexos procedimentos médicos ou terapêuticos. Mas durante toda a vida, todas as pessoas necessitam de água e ar puros, ambiente saudável, alimentação adequada, situações social, econômica e cultural favoráveis, prevenção de problemas de saúde, educação e informação. Isto quer dizer que fatores políticos, econômicos, sociais, culturais, ambientais, comportamentais e biológicos podem tanto favorecer, como prejudicar a saúde.

Para se melhorar realmente as condições de saúde de uma população, são necessárias mudanças profundas dos padrões econômicos no interior destas sociedades e intensificação de políticas sociais, eminentemente políticas públicas. Para que uma sociedade conquiste saúde para seus membros, são necessárias uma verdadeira ação intersetorial e políticas públicas saudáveis, isto é, comprometidas com a qualidade de vida e a saúde da população.

Além destes elementos estruturais, que dependem da decisão e da ação dos indivíduos, a saúde também é decorrência de fatores comportamentais. Isto é, as pessoas desenvolvem padrões alimentares, de atividade física, de

maior ou menor estresse na vida cotidiana, entre outros, que também têm grande influência sobre a saúde. Se cada pessoa se preocupar em desenvolver um padrão comportamental favorável à sua saúde e lutar para que as condições sociais e econômicas sejam favoráveis à qualidade de vida e à saúde de todos, certamente estará dando uma poderosa contribuição para que tenhamos uma população mais saudável, com vida mais longa e prazerosa.

(Paulo M. Buss. *Folha de S. Paulo*).

Analise o trecho: “Saúde e qualidade de vida são, assim, dois temas correlacionados, aspecto com o qual pesquisadores e cientistas concordam”. O uso da preposição – uma exigência sintática do verbo – também está correto na alternativa:

- a) Saúde e qualidade de vida são dois temas relacionados, fato do qual pesquisadores e cientistas atribuem toda consistência.
- b) Saúde e qualidade de vida são dois temas relacionados, fato no qual pesquisadores e cientistas admitem facilmente.
- c) Saúde e qualidade de vida são dois temas relacionados, fato ao qual todos nós nos sentimos dependentes.
- d) Saúde e qualidade de vida são dois temas relacionados, fato do qual nenhum pesquisador ou cientista discorda.
- e) Saúde e qualidade de vida são dois temas relacionados, fato ao qual pesquisadores e cientistas confiam.

18. IME-RJ 2019

O elefante

Fabricao um elefante
de meus poucos recursos.

Um tanto de madeira
tirado a velhos móveis
5 talvez lhe dê apoio.
E o encho de algodão,
de paina, de doçura.
A cola vai fixar
suas orelhas pensas.

10 A tromba se enovela,
é a parte mais feliz
de sua arquitetura.

Mas há também as presas,
dessa matéria pura

15 que não sei figurar.
Tão alva essa riqueza
a espojar-se nos circos
sem perda ou corrupção.
E há por fim os olhos,
20 onde se deposita
a parte do elefante
mais fluida e permanente,
alheia a toda fraude.

Eis o meu pobre elefante

25 pronto para sair
à procura de amigos

num mundo enfasiado
que já não crê em bichos
e duvida das coisas.
30 Ei-lo, massa imponente
e frágil, que se abana
e move lentamente
a pele costurada
onde há flores de pano
35 e nuvens, alusões
a um mundo mais poético
onde o amor reagrupa
as formas naturais.

Vai o meu elefante
40 pela rua povoada,
mas não o querem ver
nem mesmo para rir
da cauda que ameaça
deixá-lo ir sozinho.

45 É todo graça, embora
as pernas não ajudem
e seu ventre balofo
se arrisque a desabar
ao mais leve empurrão.

50 Mostra com elegância
sua mínima vida,
e não há cidade
alma que se disponha
a recolher em si

55 desse corpo sensível
a fugitiva imagem,
o passo desastrado
mas faminto e tocante.
Mas faminto de seres

60 e situações patéticas,
de encontros ao luar
no mais profundo oceano,
sob a raiz das árvores
ou no seio das conchas,
65 de luzes que não cegam
e brilham através
dos troncos mais espessos.
Esse passo que vai
sem esmagar as plantas

70 no campo de batalha,
à procura de sítios,
segredos, episódios
não contados em livro,
de que apenas o vento,

75 as folhas, a formiga
reconhecem o talhe,
mas que os homens ignoram,
pois só ousam mostrar-se
sob a paz das cortinas

80 à pálpebra cerrada.
E já tarde da noite
volta meu elefante,
mas volta fatigado,
as patas vacilantes

85 se desmancham no pó.

Ele não encontrou
o de que carecia,
o de que carecemos,
eu e meu elefante,
90 em que amo disfarçar-me.
Exausto de pesquisa,
caiu-lhe o vasto engenho
como simples papel.
A cola se dissolve
95 e todo o seu conteúdo
de perdão, de carícia,
de pluma, de algodão,
jorra sobre o tapete,
qual mito desmontado.
100 Amanhã recomeço.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O Elefante*. 9ª ed. -
São Paulo: Editora Record, 1983.

A conjunção “mas” que se repete nas estrofes do texto nos versos 41, 58, 59, 77 e 83

- expressa consequência de uma árdua tarefa dada ao elefante que, de tanto pesquisar, ficou exausto.
- tem na verdade uma função aditiva: embora sua forma seja de uma adversativa, apenas liga as ideias dando continuidade e sequência ao texto.
- traz em si uma ideia de compensação como na oração “não era bonito, mas esbanjava simpatia”.
- dá forma ao contraste entre a expectativa inicial e a volta para casa: o homem não se deixa receber a ternura que o elefante carrega.
- é a conjunção mais comumente utilizada entre as adversativas, não exercendo, no entanto, relação de contraste nos versos do texto.

19. IME-RJ 2014

Poesia Matemática

Millôr Fernandes

Às folhas tantas
do livro matemático
um Quociente apaixonou-se
um dia
5 doidamente
por uma Incógnita.
Olhou-a com seu olhar inumerável
e viu-a do ápice __ base
uma figura ímpar;
10 olhos romboides, boca trapezoide,
corpo retangular, seios esferoides.
Fez de sua uma vida
paralela à dela
até que se encontraram
15 no infinito.
“Quem és tu?”, indagou ele
em ânsia radical.
“Sou a soma do quadrado dos catetos.
Mas pode me chamar de Hipotenusa.”
20 E de falarem descobriram que eram
(o que em aritmética corresponde
a almas irmãs)
primos entre si.
E assim se amaram
25 ao quadrado da velocidade da luz

Foi a partir da época dos grandes descobrimentos marítimos que os dois países entraram mais decididamente no coro europeu. Esse ingresso tardio deveria repercutir intensamente em seus destinos, determinando muitos aspectos peculiares de sua história e de sua formação espiritual. Surgiu, assim, um tipo de sociedade que se desenvolveria, em alguns sentidos, quase à margem das congêneres europeias, e sem delas receber qualquer incitamento que já não trouxesse em germe.

Quais os fundamentos em que assentam de preferência as formas de vida social nessa região indecisa entre a Europa e a África, que se estende dos Pireneus a Gibraltar? Como explicar muitas daquelas formas, sem recorrer a indicações mais ou menos vagas e que jamais nos conduziriam a uma estrita objetividade?

Precisamente a comparação entre elas e as da Europa de além-Pireneus faz ressaltar uma característica bem peculiar à gente da península Ibérica, uma característica que ela está longe de partilhar, pelo menos na mesma intensidade, com qualquer de seus vizinhos do continente. É que nenhum desses vizinhos soube desenvolver a tal extremo essa cultura da personalidade, que parece constituir o traço mais decisivo na evolução da gente hispânica, desde tempos imemoriais. Pode dizer-se, realmente, que pela importância particular que atribuem ao valor próprio da pessoa humana, à autonomia de cada um dos homens em relação aos semelhantes no tempo e no espaço, devem os espanhóis e portugueses muito de sua originalidade nacional. [...]

É dela que resulta largamente a singular tibieza das formas de organização, de todas as associações que impliquem solidariedade e ordenação entre esses povos. Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida.

(*Raízes do Brasil*, 2000.)

Em “Assim, eles constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, em alguns casos, desse europeísmo que, **não obstante**, mantêm como um patrimônio necessário.” (3º parágrafo), a expressão destacada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por

- a) contudo.
- b) além disso.
- c) assim sendo.
- d) portanto.
- e) ainda bem.

22. FICSAE-SP 2019 Leia o trecho do romance *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, para responder à questão.

— Meu coração está apertado de ver tantas marcas no teu rosto, meu filho; essa é a colheita de quem abandona a casa por uma vida pródiga.

- A prodigalidade também existia em nossa casa.
- Como, meu filho?
- A prodigalidade sempre existiu em nossa mesa.
- Nossa mesa é comedida, é austera, não existe desperdício nela, salvo nos dias de festa.
- Mas comemos sempre com apetite.
- O apetite é permitido, não agrava nossa dignidade, desde que seja moderado.
- Mas comemos até que ele desapareça; é assim que cada um em casa sempre se levantou da mesa.

— É para satisfazer nosso apetite que a natureza é generosa, pondo seus frutos ao nosso alcance, desde que trabalhemos por merecê-los. Não fosse o apetite, não teríamos forças para buscar o alimento que torna possível a sobrevivência. O apetite é sagrado, meu filho.

— Eu não disse o contrário, acontece que muitos trabalham, gemem o tempo todo, esgotam suas forças, fazem tudo que é possível, mas não conseguem apaziguar a fome.

— Você diz coisas estranhas, meu filho.

(*Lavoura arcaica*, 2001.)

“— É para satisfazer nosso apetite que a natureza é generosa, pondo seus frutos ao nosso alcance, desde que trabalhemos por merecê-los.” (9º parágrafo)

Considerando no contexto, o trecho sublinhado expressa ideia de

- a) causa.
- b) consequência.
- c) condição.
- d) concessão.
- e) conclusão.

23. IFPE 2020

Como desenvolver uma cultura de cooperação e afastar o *bullying*

(1) O desenvolvimento de uma cultura de cooperação está diretamente relacionado ao combate ao *bullying*. Isso porque entender o processo educacional como uma prática que conduza à cooperação e ao respeito mútuo ataca a raiz dessa violência. Mas quais métodos podem ser adotados para se posicionar contra o *bullying*? Qual o papel da escola na consolidação dos valores entre seus alunos?

(2) O desenvolvimento de uma cultura de cooperação, nas instituições de ensino, relaciona-se com o entendimento do espaço escolar não apenas como um local de ensino formal, mas, também, de formação do jovem como cidadão. Em outras palavras, a escola tem papel fundamental no desenvolvimento dos valores dos jovens, estabelecendo conceitos relacionados aos seus direitos e deveres, à cooperação, ao respeito e à solidariedade. Nesse contexto, o *bullying* vem sendo tratado com cada vez mais seriedade pela comunidade escolar e pelo governo de diversos países. No Brasil, inclusive, já existe uma lei antibullying.

(3) Apesar de não haver uma fórmula pronta para garantir a não ocorrência dessa prática, algumas medidas para o desenvolvimento de uma cultura de cooperação podem contribuir para evitar esse tipo de violência.

(4) Nessa perspectiva, é importante que a escola ofereça oportunidades para que os jovens entendam os benefícios do trabalho em equipe e a contribuição de cada um para o sucesso de atividades assim. Os jogos cooperativos são uma excelente ferramenta. Consistem em atividades nas quais é necessário um esforço conjunto para se atingir um objetivo comum, contrariando a estrutura competitiva e incentivando a participação total dos alunos. Desenvolver projetos e trabalhos em conjunto também é uma boa alternativa. Em um projeto anual ou semestral, é possível delegar funções e permitir que os alunos tomem responsabilidades diferentes.

(5) O mais importante desses processos é o desenvolvimento da comunicação, das trocas de ideias e das

bagagens de conhecimento. É nessas trocas do trabalho coletivo que os alunos começam a perceber o impacto de suas diferenças na constituição de um objeto maior.

(6) Há, ainda, a importância do relacionamento com os alunos, em que professores e gestores podem oferecer oportunidades de diálogo que estimulem a abertura de um relacionamento de confiança e de cooperação. Nesse sentido, é imprescindível que a escola trabalhe temas como *bullying* e respeito às diferenças em campanhas com apoio da coordenação pedagógica. Aulas expositivas, debates, palestras e outras atividades podem compor a ação.

(7) Além disso, a comunicação deve ser estendida aos pais, fundamentais para a resolução dos problemas relacionados à educação, cuja participação é imprescindível para o sucesso das práticas adotadas. Os pais devem se envolver ativamente, aproximando-se das ações da escola, entendendo a importância e a necessidade de atuarem junto aos seus filhos no processo educacional.

Disponível em: <https://blog.wpensar.com.br/gestao-escolar/cultura-de-cooperacao-como-acabar-com-o-bullying/>. Acesso em: 27 nov. 2019 (adaptado).

Releia o seguinte trecho, transcrito do 3º parágrafo do texto:

“Apesar de não haver uma fórmula pronta para garantir a não ocorrência dessa prática, algumas medidas para o desenvolvimento de uma cultura de cooperação podem contribuir para evitar esse tipo de violência.” (3º parágrafo)

Nele, os elementos destacados estabelecem, entre as orações do período, uma relação sintático-semântica de

- a) proporção.
- b) causa.
- c) tempo.
- d) condição.
- e) concessão.

24. IFPE 2019

Os problemas causados pelos agrotóxicos justificam seu uso?

(1) A saúde humana é afetada pelos agrotóxicos de três maneiras: durante sua fabricação, no momento da aplicação e ao consumir um produto contaminado. Independentemente da forma de contato, os efeitos são extremamente perigosos.

(2) Problemas neurológicos, como o Mal de Alzheimer, estão associados à exposição a inseticidas organofosforados, assim como o desenvolvimento de transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças.

(3) Agência de Proteção Ambiental dos EUA (EPA) afirma que o efeito do pesticida depende do princípio ativo nele presente. Os sintomas podem variar, desde irritação da pele, até problemas hormonais e o desenvolvimento de câncer.

(4) Em 2007, pesquisadores descobriram, depois de realizarem um levantamento, que a maioria dos estudos revela a associação entre a exposição a agrotóxicos e o desenvolvimento de linfoma não Hodgkin e leucemia.

(5) Para as grávidas, o risco é dobrado. Pesquisadores apontam para as fortes evidências que ligam o contato com pesticidas a problemas durante a gestação, como a morte de fetos, defeitos de nascença, problemas de desenvolvimento neurológico, diminuição do tempo de gestação e pouco peso do bebê.

(6) Estudos estimam que aproximadamente 25 milhões de trabalhadores agrícolas de países pobres sofram com algum tipo de intoxicação causada por exposição a agrotóxicos. Há diversas situações comprovadas, como o caso de duas grandes empresas multinacionais que firmaram acordo – em 2013 – para indenização da ordem de R\$ 200 milhões, envolvendo cerca de mil trabalhadores contaminados por substâncias cancerígenas, entre 1974 e 2002, numa fábrica de pesticidas em Paulínia, interior de São Paulo.

(7) Todos esses problemas se tornam especialmente importantes para o Brasil por tratarem-se de uma das principais fronteiras agrícolas do planeta. Por isso, é importante discutir alternativas saudáveis aos agrotóxicos.

(8) Uma das possíveis opções para a substituição de agrotóxicos são os biopesticidas. De acordo com a EPA, o termo se refere a produtos feitos a partir de micro-organismos, substâncias naturais ou derivados de plantas geneticamente modificadas, que façam controle de pragas.

(9) Para o consumidor final, a situação é mais complexa, já que é difícil saber se o produtor utilizou ou não biopesticidas na sua lavoura. Então, a opção é escolher, preferencialmente, alimentos orgânicos e sempre lavar frutas, legumes e verduras, independentemente da sua procedência.

AIRES, Luiz. *Os problemas causados pelos agrotóxicos justificam seu uso?* Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/component/content/article/35-atITUDE/1441-os-problemas-causados-pelos-agrotoxicos-justificam-seu-uso.html>. Acesso em: 7 maio 2019 (adaptado).

Sabemos que os elementos de coesão (dentre os quais estão as conjunções e as locuções conjuntivas) são responsáveis por garantir a ligação harmoniosa, por exemplo, entre termos, períodos e parágrafos de um texto. Após analisar o conectivo grifado no trecho abaixo, assinale a opção pela qual seria CORRETO substituí-lo sem que houvesse prejuízo em relação ao sentido estabelecido.

“Todos esses problemas se tornam especialmente importantes para o Brasil por tratarem-se de uma das principais fronteiras agrícolas do planeta. Por isso, é importante discutir alternativas saudáveis aos agrotóxicos”. (7º parágrafo)

- a) Proporcionalmente
- b) Em seguida
- c) Entretanto
- d) Logo
- e) Ou seja

25. IFPE 2019

Saiba mais sobre a língua dothraki

Conversamos com David Peterson, linguista responsável pela criação dos idiomas de Game of Thrones

Se você encontrar um integrante de uma tribo Dothraki, é uma boa ideia saudá-lo com um respeito – “m’athchomaroon” e passar longe de palavras como “gale”. Quem afirma isso é o linguista contratado pela série Game of Thrones para criar as línguas “estrangeiras” da história – o Dothraki e o Alto Valiriano. David Peterson, formado pela Universidade da Califórnia em San Diego, é integrante da Sociedade de Criação de Linguagens, organização que se dedica às *conlangs*.

Conlang não é uma gíria Dothraki e, sim, uma sigla que, em inglês, significa “língua construída”. Ou seja, idiomas como o esperanto, que tiveram suas regras, palavras e construções pensadas e desenvolvidas – diferente das línguas naturais, que surgem de forma espontânea através da derivação de sons e de dialetos.

Conversamos com David Peterson sobre a Guerra dos Tronos, a criação do Dothraki e até pedimos para que ele nos ensinasse a xingar no idioma de Khal Drogo. Confira:

(1) **Galileu:** Qual é a relação que você manteve no idioma com a cultura Dothraki?

Peterson: O idioma inteiro é baseado na realidade dos Dothraki. Consequentemente, há palavras para descrever todas as plantas, animais e os fenômenos que acontecem em seu cotidiano – e nenhuma para situações desconhecidas.

(2) **Galileu:** Pode dar exemplos?

Peterson: Não faria sentido criar palavras para “livro”, “ler” e “escrever”, já que o Dothraki não existe na forma escrita. Também não há palavra equivalente a “obrigado”, porque a cultura deles não observa a gratidão da mesma forma. Mas há palavras diferentes para fezes de animais, dependendo se elas estão frescas ou secas. Como as fezes secas são usadas para fazer fogueiras, essa distinção é muito importante para eles. Também há 14 palavras diferentes para “cavalo”.

(3) **Galileu:** Os atores da série conseguem se comunicar na língua?

Peterson: Pelo que sei, os atores apenas memorizam as falas, sem aprender o idioma. Não esperava que eles aprendessem, afinal, seria um trabalho. Eles “pegaram” algumas palavras e expressões, mas duvido que conseguissem manter uma conversa simples em Dothraki.

(4) **Galileu:** Você também criou o Alto Valiriano, outro idioma falado em Essos, e disse, em entrevista, que a língua é “quase bonita demais”. Quais são os sons e as construções que tornam isso possível? De que forma o Alto Valiriano se opõe aos sons guturais e pesados do Dothraki?

Peterson: O Alto Valiriano é mais rico em ditongos do que o Dothraki. E enquanto possui uma pegada gutural, o som é mais raro. Gramaticamente, as línguas têm suas diferenças. As duas não têm artigos, mas a ordem das palavras é diferente, com o verbo sempre entrando no final da sentença e os adjetivos sempre precedendo o pronome que eles modificam.

(5) **Galileu:** Em aulas de línguas estrangeiras, uma das primeiras coisas que aprendemos (normalmente através dos colegas e não dos professores) são os xingamentos. E também gostamos de zoar os gringos que vêm ao Brasil, ensinando palavrões em português, como se tivessem outro significado. Você pode nos ensinar a xingar em Dothraki?

Peterson: Claro! O Dothraki é um idioma “abençoado” com muitos palavrões. “Ifak”, por exemplo, é uma palavra que tem o significado de gringo, de estrangeiro. Mas no Dothraki é usado como um insulto. “Graddakh” é a palavra usada para fezes, sempre em tom pejorativo. Muitos dos outros xingamentos são óbvios, como “gale” que significa ovo – mas também a genitália masculina.

GALASTRI, Luciana. *Saiba mais sobre a língua dothraki*. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/Series/noticia/2014/06/o-criador-das-linguas-de-game-thrones.html>. Acesso em: 04 maio 2019 (adaptado).

Marque a única alternativa que analisa CORRETAMENTE as relações de sentido estabelecidas pelo uso de conjunções.

- a) Em “Quem afirma isso é o linguista contratado pela série *Game of Thrones* **para** criar as línguas ‘estrangeiras’ da história” (1º parágrafo), a conjunção destacada introduz uma relação de causa e consequência entre as orações, enfatizando a ação do linguista e, consequentemente, sua criação: as línguas estrangeiras.
- b) Em “**Se** você encontrar um integrante de uma tribo Dothraki, é uma boa ideia saudá-lo com um respeitoso ‘m’athchomaron” (1º parágrafo), a conjunção destacada introduz uma relação de condição, ajudando a criar uma ideia de possibilidade no enunciado.
- c) Em “**Como** as fezes secas são usadas para fazer fogueiras” (pergunta 2) e em “ensinando palavrões em português, **como** se tivessem outro significado” (pergunta 5), a conjunção “como” introduz o sentido de comparação.
- d) Em “Não faria sentido criar palavras para ‘livro’, ‘ler’ e ‘escrever’, **já que** o Dothraki não existe na forma escrita” (pergunta 2), a expressão destacada apresenta uma consequência sobre a falta de sentido na criação de determinadas palavras na língua Dothraki.
- e) Em “Eles ‘pegaram’ algumas palavras e expressões, **mas** duvido que conseguissem manter uma conversa simples em Dothraki” (pergunta 3), a conjunção destacada estabelece uma relação de finalidade entre aprender algumas palavras e falar, de fato, o idioma Dothraki.

26. AFA-SP 2018

Mais que Orwell, Huxley previu nosso tempo

Hélio Gurovitz

Publicado em 1948, o livro *1984*, de George Orwell, saltou para o topo da lista dos mais vendidos [...] A **distopia** de Orwel, mesmo situada no futuro, tinha um endereço certo em seu tempo: o stalinismo. [...] O mundo da “pós-verdade”, dos “fatos alternativos” e da anestesia intelectual nas redes sociais mais parece outra distopia, publicada em 1932: *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley.

- Não se trata de uma tese nova. Ela foi levantada pela primeira vez em 1985, num livreto do teórico da comunicação americano Neil Postman: *Amusing ourselves to death* (Nos divertindo até morrer), lembrado por seu filho Andrew em artigo recente no *The Guardian*. “Na visão de Huxley, não é necessário nenhum Grande Irmão para despojar a população de autonomia, maturidade ou história”, escreveu Postman. “Ela acabaria amando sua opressão, adorando as tecnologias que destroem sua capacidade de pensar. Orwell temia aqueles que proibiram os livros. Huxley temia que não haveria motivo para proibir um livro, pois não haveria ninguém que quisesse lê-los. Orwell temia aqueles que nos privariam de informação. Huxley, aqueles que nos dariam tanta que seríamos reduzidos à passividade e ao egoísmo. Orwell temia que a verdade fosse escondida de nós. Huxley, que fosse afogada num mar de irrelevância.”
- 25 No futuro pintado por Huxley, [...] não há mães, pais ou casamentos. O sexo é livre. A diversão está disponível na forma de jogos esportivos, cinema multissensorial e de

uma droga que garante o bem-estar sem efeito colateral: o soma. Restaram na Terra dez áreas civilizadas e uns poucos territórios selvagens, onde grupos nativos ainda preservam costumes e tradições primitivos, como família ou religião. “O mundo agora é estável”, diz um líder civilizado. “As pessoas são felizes, têm o que desejam e nunca desejam o que não podem ter. Sentem-se bem, estão em segurança; nunca adoecem; não têm medo da morte; vivem na ditosa ignorância da paixão e da velhice; não se acham sobrecarregadas de pais e mães; não têm esposas, nem filhos, nem amantes por quem possam sofrer emoções violentas; são condicionadas de tal modo que praticamente não podem deixar de se portar como devem. E se, por acaso, alguma coisa andar mal, há o soma.”

Para chegar à estabilidade absoluta, foi necessário abrir mão da arte e da ciência. “A felicidade universal mantém as engrenagens em funcionamento regular; a verdade e a beleza são incapazes de fazê-lo”, diz o líder. “Cada vez que as massas tomavam o poder público, era a felicidade, mais que a verdade e a beleza, o que importava.” A verdade é considerada uma ameaça; a ciência e a arte, perigos públicos. Mas não é necessário esforço totalitário para controlá-las. Todos aceitam de bom grado, fazem “qualquer sacrifício em troca de uma vida sossegada” e de sua dose diária de soma. “Não foi muito bom para a verdade, sem dúvida. Mas foi excelente para a felicidade.”

No universo de Orwell, a população é controlada pela dor. No de Huxley, pelo prazer. “Orwell temia que nossa ruína seria causada pelo que odiamos. Huxley, pelo que amamos”, escreve Postman. Só precisa haver censura, diz ele, se os tiranos acreditam que o público sabe a diferença entre discurso sério e entretenimento. [...] O alvo de Postman, em seu tempo, era a televisão, que ele julgava ter imposto uma cultura fragmentada e superficial, incapaz de manter com a verdade a relação reflexiva e racional da palavra impressa. O computador só engatinhava, e Postman mal poderia prever como celulares, tablets e redes sociais se tornariam – bem mais que a TV – o soma contemporâneo. Mas suas palavras foram prescientes: “O que afligia a população em *Admirável mundo novo* não é que estivessem rindo em vez de pensar, mas que não sabiam do que estavam rindo, nem tinham parado de pensar”.

(Adaptado, *Revista Época* nº 973 – 13 de fevereiro de 2017, p.67)

distopia: Pensamento, filosofia ou processo discursivo caracterizado pelo totalitarismo, autoritarismo e opressivo controle da sociedade, representando a antítese de utopia. (BECHARA, E. Dicionário da língua portuguesa. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011, p.533)

Assinale a alternativa em que a análise dos termos presentes no excerto abaixo está de acordo com o que prescreve a Gramática Normativa da Língua Portuguesa.

“A distopia de Orwell, mesmo situada no futuro, tinha um endereço certo em seu tempo: o stalinismo.” (l. 3 e 4)

- O período é composto por três orações, sendo duas subordinadas e uma coordenada.
- “... mesmo situada no futuro...” é classificada como oração subordinada adverbial temporal reduzida de particípio.
- “... o stalinismo” é um aposto que se refere ao termo imediato que o antecede – “seu tempo”.
- As vírgulas servem para isolar a oração subordinada adverbial que está inserida em sua oração principal.

27. ITA-SP 2015 A questão refere-se ao texto, de Rubem Braga, publicado pela primeira vez em 1952, no jornal *Correio da Manhã*, do Rio.

José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo que chegam. E falou dos equívocos de nossa política imigratória. As pessoas que ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. Viu músicos profissionais, bailarinas austríacas, cabeleireiras lituanas. Paul Balt toca acordeão, Ivan Donef faz coquetéis, Galar Bedrich é vendedor, Serof Nedko é ex-oficial, Luigi Tonizo é jogador de futebol, Ibolya Pohl é costureira. Tudo gente para o asfalto, “para entulhar as grandes cidades”, como diz o repórter.

O repórter tem razão. Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias que ilustram a reportagem. Essa linda costureirinha morena de Badajoz, essa Ingeborg que faz fotografias e essa Irgard que não faz coisa alguma, esse Stefan Cromick cuja única experiência na vida parece ter sido vender bombons – não, essa gente não vai aumentar a produção de batatinhas e quiabos nem plantar cidades no Brasil Central.

É insensato importar gente assim. Mas o destino das pessoas e dos países também é, muitas vezes, insensato: principalmente da gente nova e países novos. A humanidade não vive apenas de carne, alface e motores. Quem eram os pais de Einstein, eu pergunto; e se o jovem Chaplin quisesse hoje entrar no Brasil acaso poderia? Ninguém sabe que destino terão no Brasil essas mulheres louras, esses homens de profissões vagas. Eles estão procurando alguma coisa: emigraram. Trazem pelo menos o patrimônio de sua inquietação e de seu apetite de vida. Muitos se perderão, sem futuro, na vagabundagem inconsequente das cidades; uma mulher dessas talvez se suicide melancolicamente dentro de alguns anos, em algum quarto de pensão. Mas é preciso de tudo para fazer um mundo; e cada pessoa humana é um mistério de heranças e de taras. Acaso importamos o pintor Portinari, o arquiteto Niemeyer, o físico Lattes? E os construtores de nossa indústria, como vieram eles ou seus pais? Quem pergunta hoje, e que interessa saber, se esses homens ou seus pais ou seus avós vieram para o Brasil como agricultores, comerciantes, barbeiros ou capitalistas, aventureiros ou vendedores de gravata? Sem o tráfico de escravos não teríamos tido Machado de Assis, e Carlos Drummond seria impossível sem uma gota de sangue (ou uísque) escocês nas veias, e quem nos garante que uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, Vila Lobos mexicano, ou Pancetti chileno, o general Rondon canadense ou Noel Rosa em Moçambique? Sejamos humildes diante da pessoa humana: o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino que neste momento está saltando assustado na praça Mauá, e não sabe aonde ir, nem o que fazer. Façamos uma política de imigração sábia, perfeita, materialista; mas deixemos uma pequena margem aos inúteis e aos vagabundos, às aventureiras e aos tontos porque dentro de algum deles, como sorte grande da fantástica loteria humana, pode vir a nossa redenção e a nossa glória.

(BRAGA, R. Imigração. In: *A borboleta amarela*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1963)

Assinale a opção em que o termo grifado é conjunção integrante.

- a) José Leal fez uma reportagem na Ilha das Flores, onde ficam os imigrantes logo **que** chegam. (linhas 1 e 2)
- b) As pessoas **que** ele encontrou não eram agricultores e técnicos, gente capaz de ser útil. (linhas 3 a 5)
- c) Mas eu peço licença para ficar imaginando uma porção de coisas vagas, ao olhar essas belas fotografias **que** ilustram a reportagem. (linhas 11 a 13)
- d) [...] e quem nos garante **que** uma legislação exemplar de imigração não teria feito Roberto Burle Marx nascer uruguaio, [...] (linhas 42 a 44)
- e) [...] o grande homem do Brasil de amanhã pode descender de um clandestino **que** neste momento está saltando assustado na praça Mauá, [...] (linhas 47 a 49)

28. Unifesp 2019 Para responder à questão, leia o trecho do livro *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre.

Mas a casa-grande patriarcal não foi apenas fortaleza, capela, escola, oficina, santa casa, harém, convento de moças, hospedaria. Desempenhou outra função importante na economia brasileira: foi também banco. Dentro das suas grossas paredes, debaixo dos tijolos ou mosaicos, no chão, enterrava-se dinheiro, guardavam-se joias, ouro, valores. Às vezes guardavam-se joias nas capelas, enfeitando os santos. Daí Nossas Senhoras sobrecarregadas à baiana de teteias, balangandãs, corações, cavalinhos, cachorrinhos e correntes de ouro. Os ladrões, naqueles tempos piedosos, raramente ousavam entrar nas capelas e roubar os santos. É verdade que um roubou o esplendor e outras joias de São Benedito; mas sob o pretexto, ponderável para a época, de que “negro não devia ter luxo”. Com efeito, chegou a proibir-se, nos tempos coloniais, o uso de “ornatos de algum luxo” pelos negros.

Por segurança e precaução contra os corsários, contra os excessos demagógicos, contra as tendências comunistas dos indígenas e dos africanos, os grandes proprietários, nos seus zelos exagerados de privatismo, enterraram dentro de casa as joias e o ouro do mesmo modo que os mortos queridos. Os dois fortes motivos das casas-grandes acabarem sempre mal-assombradas com cadeiras de balanço se balançando sozinhas sobre tijolos soltos que de manhã ninguém encontra; com barulho de pratos e copos batendo de noite nos aparadores; com almas de senhores de engenho aparecendo aos parentes ou mesmo estranhos pedindo padres-nossos, ave-marias, gemendo lamentações, indicando lugares com botijas de dinheiro. Às vezes dinheiro dos outros, de que os senhores ilicitamente se haviam apoderado. Dinheiro que compadres, viúvas e até escravos lhes tinham entregue para guardar. Sucedeu muita dessa gente ficar sem os seus valores e acabar na miséria devido à esperteza ou à morte súbita do depositário. Houve senhores sem escrúpulos que, aceitando valores para guardar, fingiram-se depois de estranhos e desentendidos: “Você está maluco? Deu-me lá alguma cousa para guardar?”

Muito dinheiro enterrado sumiu-se misteriosamente. Joaquim Nabuco, criado por sua madrinha na casa-grande de Maçangana, morreu sem saber que destino tomara a

ourama para ele reunida pela boa senhora; e provavelmente enterrada em algum desvão de parede. [...] Em várias casas-grandes da Bahia, de Olinda, de Pernambuco se têm encontrado, em demolições ou escavações, botijas de dinheiro. Na que foi dos Pires d’Ávila ou Pires de Carvalho, na Bahia, achou-se, num recanto de parede, “verdadeira fortuna em moedas de ouro”. Noutras casas-grandes só se têm desencavado do chão ossos de escravos, justicados pelos senhores e mandados enterrar no quintal, ou dentro de casa, à revelia das autoridades. Conta-se que o visconde de Suaçuna, na sua casa-grande de Pombal, mandou enterrar no jardim mais de um negro supliciado por ordem de sua justiça patriarcal. Não é de admirar. Eram senhores, os das casas-grandes, que mandavam matar os próprios filhos. Um desses patriarcas, Pedro Vieira, já avô, por descobrir que o filho mantinha relações com a mucama de sua predileção, mandou matá-lo pelo irmão mais velho.

(In: Silviano Santiago (coord.). *Intérpretes do Brasil*, 2000.)

Em “Não é de admirar. Eram senhores, os das casas-grandes, que mandavam matar os próprios filhos.” (3º parágrafo), a conjunção que poderia unir as duas frases, sem alteração de sentido, é:

- a) como.
- b) mas.
- c) embora.
- d) se.
- e) pois.

29. UAB/Uespi 2014 O conceito de leitura enquanto prática social vai muito além da simples decodificação da linguagem verbal escrita, pois nele está inserida a ideia de que ler é atribuir sentido ao texto, relacionando-o com o contexto e com as experiências prévias do sujeito leitor. Nesse sentido cabe afirmar que esse tipo de leitura sempre será precedida de uma finalidade concreta, que atenderá a um objetivo presente no contexto real em que o leitor está inserido. A leitura como prática social é um meio que poderá conduzir o leitor a resolver um problema prático, responder a um objetivo concreto ou a uma necessidade pessoal.

Pensar em leitura enquanto prática social pressupõe pensar nas múltiplas relações que o sujeito-leitor exerce na interação com o universo sócio-cultural a sua volta; [...]

Portanto, para que o sujeito leitor possa fazer o uso social da leitura não bastará apenas que ele seja alfabetizado, no sentido de apenas ter adquirido as habilidades necessárias para saber decodificar a linguagem escrita, porém se faz necessário que além de ser alfabetizado ele seja também letrado. [...]

(Caciaci Santos de Santa Rosa – *Leitura: uma porta aberta na formação do cidadão*. www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-tutorias/artigos/leitura. Acesso em: 12.9.2014).

No texto, a palavra **Portanto**, no início do último parágrafo, indica ao pensamento exposto:

- a) acréscimo de argumentos àqueles anteriormente apresentados na discussão.
- b) explicação do que foi exposto anteriormente.
- c) sinalização de discordância em relação a argumentos anteriormente expostos.
- d) indicação de contradição quanto àquilo que foi afirmado antes.
- e) conclusão da discussão em curso.

30. Urca-CE 2017 Ainda que fosse honesta, não evitou a votação dos corruptos. A conjunção subordinada no período expressa:

- a) causa.
- b) concessão.
- c) fim.
- d) condição.
- e) conformidade.

31. Cederj 2020

Podcasts: quem são, onde vivem, o que comem

Cora Rónai

Sou mais leitora do que ouvinte; de todos os formatos de informação de que dispomos, o texto continua sendo o meu favorito, disparado. Por isso, talvez, tenha demorado tanto a me entender com o formato dos *podcasts*.

5 Hoje, porém, *podcasts* fazem parte da minha rotina.

Não só porque os ouço, mas também porque passei a fazer um. A ideia foi da Isabella Saes, minha parceira nas tardes de quinta-feira num programa que fizemos em rádio ao longo do ano passado.

10 Agora, uma vez por semana, nos encontramos lá em casa e, na medida em que os gatos permitem – eles derrubam o gravador, deitam em cima dos textos e fazem toda a espécie de cena de ciúme – gravamos cerca de uma hora de conversa. Sobre política, livros, séries, meio ambiente, a vida em geral. Não é uma conversa fiada tirada do chapéu, no vai da valsa: procuramos assunto, temos reunião de pauta e até uma produtora talentosa e dedicada, a Juliana Zurlí.

15 Mas não há mistério. *Podcasts* são programas de áudio que ficam na nuvem esperando o momento de ser baixados e ouvidos, como se fossem uma grande rádio *on demand*. Encontrar *podcasts* para ouvir é tão simples quanto encontrar qualquer outro conteúdo na rede: no iPhone basta recorrer ao velho ícone que está lá desde (quase) sempre, no Android é só baixar um aplicativo

25 como o Google Podcasts ou o PodBean, ou usar o Spotify.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/podcasts-quem-saonde-vivem-que-comem-23798308>. Acesso em: 16 set. 2019.

Considere os fragmentos I e II.

- I. “Não só porque os ouço, mas também porque passei a fazer um.” (linhas 6-7)
- II. “Encontrar *podcasts* para ouvir é tão simples quanto encontrar qualquer outro conteúdo na rede...” (linhas 21-22)

Em cada um dos fragmentos, as duas expressões sublinhadas veiculam, respectivamente, uma relação de:

- a) Adição; comparação
- b) Adversidade; intensificação
- c) Negação; modo
- d) Inclusão; adição

32. Cederj 2016

Línguas que não sabemos que sabíamos (fragmento)

Mia Couto

[...] As línguas e as culturas fazem como as criaturas: trocam genes e inventam simbioses como resposta aos desafios do tempo e do meio ambiente.

Em Moçambique vivemos um período em que encontros e desencontros se estão estreando num caldeirão de efervescências e paradoxos. Nem sempre as palavras servem de ponte na tradução desses mundos diversos. Por exemplo, conceitos que nos parecem universais como Natureza, Cultura e Sociedade são de difícil correspondência.

10 Muitas vezes não existem palavras nas línguas locais para exprimir esses conceitos. Outras vezes é o inverso: não existem nas línguas europeias expressões que traduzam valores e categorias das culturas moçambicanas.

Recordo um episódio que sucedeu comigo. Em 1989, 15 fazia pesquisa na ilha da Inhaca quando desembarcou nessa ilha uma equipa de técnicos das Nações Unidas. Vinham fazer aquilo que se costuma chamar de “educação ambiental”. Não quero comentar aqui como esse conceito de **educação ambiental** esconde muitas vezes uma arrogância messiânica.

20 A verdade é que, munidos de boa-fé, os cientistas traziam malas com projectores de *slides* e filmes. Traziam, enfim, aquilo que na sua linguagem designavam por “kits de educação”, na ingénuo esperança de que a tecnologia é a salvação para problemas de entendimento e de comunicação.

25 Na primeira reunião com a população surgiram curiosos mal-entendidos que revelam a dificuldade de tradução não de palavras, mas de pensamento. No pódio estavam os cientistas que falavam em inglês, eu, que traduzia para o português, e um pescador que traduzia de português para a língua local, o chidindinhe. Tudo começou logo na apresentação dos visitantes (devo dizer que, por acaso, a maior parte deles eram suecos). “Somos cientistas”, disseram eles. Contudo, a palavra “cientista” não existe na língua local. O termo escolhido pelo tradutor foi *inguetlba* 35 que quer dizer feiticeiro. Os visitantes surgiam assim aos olhos daquela gente como feiticeiros brancos. [...]

(COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?: e outras intervenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 16-17).

No enunciado: “Na primeira reunião com a população surgiram curiosos mal-entendidos que revelam a dificuldade de tradução não de palavras, mas de pensamento”. (linhas 25-27), a conjunção sublinhada dá ideia de

- a) conformidade.
- b) conclusão.
- c) condição.
- d) retificação.

33. FEI-SP 2019 Carlos Drummond de Andrade tem uma vasta produção poética, reconhecida em todo o mundo, e com marcas recorrentes. A sua permanente reflexão sobre a realidade, sobre a relação entre o “eu” e o “mundo”, sobre a função do artista na sociedade é uma dessas marcas, que pode ser lida na poesia a seguir:

Mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.
Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da [janela,

não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
não fugirei para ilhas nem serei raptado por serafins.
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens
[presentes,
a vida presente.

(ANDRADE, C. D. de. *Poesia e prosa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, p.68)

No quarto verso, “Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças”, o conectivo “mas” estabelece uma relação de:

- a) consequência.
- b) causa.
- c) adição.
- d) finalidade.
- e) oposição.

- 34. FEI-SP 2018 (Adapt.)** O trecho apresentado abaixo foi retirado do livro *Mayombe*, do escritor angolano Pepetela. Leia-o atentamente, observando possíveis diferenças entre o português do Brasil e o de Angola.

Eu, O Narrador, Sou Teoria.

Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não, para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me em sim ou em não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as pessoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros, o Mundo é geralmente maniqueísta.

(PEPETELA. *Mayombe*. 5ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1993, p. 03)

Leia os dois períodos:

“Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez” (linhas 4-6).

Se as duas asserções estivessem em um único período (“Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor, _____ num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez”), o conectivo que estabeleceria a relação mais adequada para o contexto seria:

- a) embora
- b) porque
- c) mas
- d) apesar de
- e) caso

- 35. FCL-SP 2021**

O futuro do jornalismo está do lado de fora das redações

Carlos Castilho

A afirmação do título pode parecer óbvia para os leitores de um jornal, mas soa como uma heresia para muitos profissionais do jornalismo. Essa é, no entanto, a perspectiva que orienta uma série de pesquisas em curso na Europa e nos Estados Unidos, baseadas na crescente convicção de que a adequação do jornalismo à era digital passa pelo estudo do que já está sendo chamado de “ecossistema informativo”.

Trata-se de ver o jornalismo não mais como uma atividade desenvolvida dentro das redações, mas como o produto da interação entre os profissionais da comunicação e o conjunto de elementos que conformam o ambiente social onde o jornal, revista, emissora de rádio ou TV estão inseridos. A preocupação central deixa de ser a prioridade na busca de inovações técnicas no exercício do jornalismo para ser a forma como ele se insere nos fluxos de informação dentro da sociedade.

Ecossistema informativo é um conceito novo, surgido a partir das novas tecnologias de informação e comunicação que tornaram possível a intensificação da interatividade entre jornalistas e o público por meio de fóruns, comentários, *blogs* e redes sociais. Foi a partir dessa interação que pesquisadores como o alemão Andreas Hepp perceberam que a disseminação de notícias não era unidirecional (do jornalista para o público), como preveem os manuais de redação na maior parte da imprensa, mas um processo multidirecional, formado por uma complexa teia de interações.

O conceito de ecossistemas informativos é tratado em detalhes no capítulo 4 (“*Plurality of Journalistic Identities in Local Controversies*”) do livro “*Local Journalism, The Decline of Newspapers and the Rise of the Digital Media*”, co-editado pelo Reuters Institute for Study of Journalism e pela universidade Oxford, da Inglaterra. Os autores Florence Le Cam e David Domingo partem do princípio de que os jornalistas passaram a ser, na era digital, apenas um dos protagonistas no fluxo de notícias que circulam diariamente no interior de uma comunidade social.

Esse novo posicionamento dos profissionais dentro do fluxo de notícias é mais perceptível no âmbito local devido à proximidade e conhecimento mútuo entre os diversos atores das interações informativas. Numa comunidade, os recursos oferecidos pelas tecnologias digitais permitem que as pessoas desenvolvam várias modalidades de atividades jornalísticas sem terem formação profissional. A notícia pode ter sido redigida e distribuída por profissionais, mas, ao circular, ela inevitavelmente gera novos complementos e opiniões que, por sua vez, retroalimentam o fluxo informativo dentro da comunidade e acabam gerando novos fatos, dados e eventos noticiosos.

Isso faz com que uma redação seja, simultaneamente, fornecedora e receptora de novos insumos informativos. A atividade jornalística se dispersa dentro de uma comunidade, em vez de ficar concentrada nas redações. A ecologia, ou meio ambiente, de produção de notícias sofre uma alteração importante provocada pela dispersão e fragmentação social dos atores envolvidos. Isso implica mudanças em vários princípios incorporados à rotina jornalística nas redações, como objetividade, isenção, imparcialidade e veracidade.

Novos paradigmas profissionais

O alemão Andreas Hepp, no artigo “Conceptualizing the role of Pioneer Journalists and Pioneer Communities in the Organizational Re-Figuration of Journalism”, vai ainda mais longe ao afirmar que o surgimento de novas funções dentro do processo de produção digital de informações está provocando uma redefinição radical do que entendemos por jornalismo, na medida em que a atividade já não se limita mais à produção de notícias e reportagens. Áreas como processamento de dados, *design* de informações e

empreendedorismo já não podem ser consideradas como estranhas ao jornalismo. As tecnologias digitais criaram o jornalismo de dados, em que o conhecimento de *softwares* é mais importante do que a técnica da pirâmide invertida na produção de uma notícia. (Pirâmide invertida é uma técnica de redação de notícias que privilegia a disposição das informações em ordem decrescente de importância. Assim, os fatos mais interessantes são utilizados para abrir o texto jornalístico, enquanto os de menor relevância aparecem na sequência).

As ferramentas de *design* passaram a ser fundamentais no desenvolvimento de uma narrativa jornalística multimídia, e a preocupação com a governança e com a sustentabilidade financeira tornou-se um componente obrigatório na busca da sobrevivência de iniciativas noticiosas *online*.

Tudo isso mostra que o jornalismo começa a ser exercido dentro de um novo contexto caracterizado pelo compartilhamento de dados entre pessoas com diferentes habilidades e competências. O pesquisador suíço Etienne Wenger definiu essas estruturas de troca e recombinação de dados, fatos e informações como comunidades de prática. A grande diferença entre uma redação e uma comunidade de prática está na diversidade de formações profissionais e na diferença de objetivos. Numa redação, predomina o interesse em produzir notícias como parte de uma atividade comercial, enquanto nas comunidades de prática a preocupação central é resolver problemas a partir do compartilhamento de dados.

Hepp acredita que a realidade digital está empurrando o jornalismo para uma função pioneira no desenvolvimento de novos formatos informativos e novos fluxos de notícias dentro de conglomerados humanos. O desafio de buscar uma nova inserção do jornalismo nos fluxos informativos vai obrigar os profissionais a abandonarem uma série de rotinas, princípios e valores tradicionais na maioria das redações. Entre os desafios mais importantes estão o engajamento com o público numa relação baseada no compartilhamento de informações entre iguais e a incorporação da tecnologia e da sustentabilidade financeira entre as exigências para o exercício da profissão.

Assinale a opção que identifica corretamente o sentido da locução conjuntiva “na medida em que”, presente em: “...o surgimento de novas funções dentro do processo de produção digital de informações está provocando uma redefinição radical do que entendemos por jornalismo, na medida em que a atividade já não se limita mais à produção de notícias e reportagens”.

- a) Comparação.
- b) Concessão.
- c) Consequência.
- d) Proporção.
- e) Causa.

36. Uespi 2017

Os novos mistérios de Fátima

Os 12 mil habitantes da pequena cidade de Fátima, em Portugal, receberão 1 milhão de pessoas, a partir da sexta-feira, 12 de maio. Destes, 40 mil chegarão a pé, 2 mil são jornalistas, há 100 grupos de peregrinos, 2 mil padres, 71 bispos, 8 cardeais e o visitante mais ilustre, o Papa Francisco. Amanha mobilização num dos maiores centros de peregrinação católica do mundo tem dois motivos nobres: a celebração dos 100 anos da aparição de Maria às três crianças pastoras, na Cova de Iria, em 13 de maio de 1917, e a canonização de duas delas, Jacinta e Francisco, pelo próprio pontífice. Mas um livro, que acaba de ser lançado no Brasil, põe em xeque essa que é uma das invocações marianas mais célebres, que arrebanha milhões de devotos pelo mundo, inclusive no Brasil. Munido de documentos desde a época das visões e dotado de uma rigorosa investigação, “Fátima, milagre ou construção” (Ed. Bertrand), da jornalista portuguesa Patrícia Carvalho, que trabalha no jornal *Público*, mostra como tudo que envolve esta Nossa Senhora lusitana é nebuloso. A começar pelas próprias aparições.

Débora Crivella. Isto é. n.º 2474, 17 de maio de 2017.

O elemento coesivo **mas**, linha 11, introduz uma ideia de:

- a) Causa.
- b) Condição.
- c) Consequência.
- d) Concessão.
- e) Oposição.

BNCC em foco

EM13LP07

1. PUC-SP

Depois de brincar de referendo... É hora de falar sério

Ganhe o NÃO ou ganhe o SIM, o problema do crime no Brasil vai continuar do mesmo tamanho. Durante quase um mês as autoridades submeteram o país à propaganda eleitoral de uma questão sobre a qual a opinião das pessoas, por mais bem-intencionadas, não tem o menor poder. O referendo das armas vai ser lembrado como um daqueles momentos em que um país entra em transe emocional e algumas pessoas se convencem de que basta uma torcida muito forte para que se produza um resultado positivo para a sociedade. Em finais de Copa do Mundo essa mobilização é muito apropriada. O referendo das armas no Brasil tem algo dessa ilusão coletiva de que se pode vencer um inimigo poderoso, o crime violento, apenas pela repetição de mantras e mediante sinais feitos com as mãos imitando o voo da pomba branca da paz. Infelizmente a vida real exige mais do que boas intenções para seguir o vetor do progresso social.

Ganhe o SIM ou o NÃO na proposta de proibir a comercialização de armas, continuará intacto e movimentado o principal caminho que elas percorrem das forjas do metal até as mãos dos bandidos. Esse caminho é a corrupção policial. Se quisesse

efetivamente diminuir o número de armas em circulação o governo deveria ter optado por agir silenciosa e drasticamente dentro das organizações policiais. São conhecidos os expedientes usados por policiais corruptos que deixam as armas escaparem para as mãos dos bandidos em troca de dinheiro.

O caminho mais comum é a simples venda para os bandidos de armas ilegais apreendidas em operações policiais. A apreensão não é reportada ao comando policial e, em lugar de serem encaminhadas para destruição, elas são vendidas aos bandidos. É frequente criminosos serem soltos em troca de deixarem a arma com policiais. O mesmo vale para cidadãos pegos com armas ilegais ou sem licença para o porte. Eles são liberados pagando como pedágio a arma que portavam. Policiais corruptos também simulam o roubo, furto ou até a perda da arma oficial. Depois raspam sua numeração e a vendem. A corporação cuida de entregar-lhes uma nova, que pode vir a ter o mesmo destino. Enquanto esse tráfico não for interrompido, podem ser organizados milhares de referendos e o problema do crime continuará do mesmo tamanho.

Shelp, Diogo. *Veja*. São Paulo. 26 out. 2005. p. 62.

De acordo com o discurso gramatical tradicional, advérbio é palavra invariável que expressa circunstância e incide sobre verbos, adjetivos e até mesmo advérbios. No entanto, extrapolando esse discurso, sabe-se que, como modalizador, em vez de exprimir uma circunstância (tempo, lugar, intensidade etc.) relacionada a um verbo, advérbio ou adjetivo, o advérbio pode revelar estados psicológicos do enunciador. Isso se vê em:

- a) “[...] basta uma torcida muito forte para que se produza um resultado positivo para a sociedade.”
- b) “Infelizmente a vida real exige mais do que boas intenções para seguir o vetor do progresso social.”
- c) “o governo deveria ter optado por agir silenciosa e drasticamente dentro das organizações policiais.”
- d) “A apreensão não é reportada ao comando policial [...]”
- e) “Depois raspam sua numeração e a vendem.”

EM13LP08

2. **Enem 2018** Para os chineses da dinastia Ming, talvez as favelas cariocas fossem lugares nobres e seguros: acreditava-se por lá, assim como em boa parte do Oriente, que os espíritos malévolos só viajam em linha reta. Em vielas sinuosas, portanto, estaríamos livres de assombrações malditas. Qualidades sobrenaturais não são as únicas razões para considerarmos as favelas um modelo urbano viável, merecedor de investimentos infraestruturais em escala maciça. Lugares com conhecidos e sérios problemas, elas podem ser também solução para uma série de desafios das cidades hoje. Contanto que não sejam encaradas com olhar pitoresco ou preconceituoso. As favelas são, afinal, produto direto do urbanismo moderno e sua história se confunde com a formação do Brasil.

CARVALHO, B. A favela e sua hora. *Piauí*, n. 67, abr. 2012.

Os enunciados que compõem os textos encadeiam-se por meio de elementos linguísticos que contribuem para construir diferentes relações de sentido. No trecho “Em vielas sinuosas, portanto, estaríamos livres de assombrações malditas”, o conector “portanto” estabelece a mesma relação semântica que ocorre em

- a) “[...] talvez as favelas cariocas fossem lugares nobres e seguros [...]”
- b) “[...] acreditava-se por lá, *assim* como em boa parte do Oriente [...]”
- c) “[...] elas podem ser *também* solução para uma série de desafios das cidades hoje.”
- d) “*Contanto* que não sejam encaradas com olhar pitoresco ou preconceituoso.”
- e) “As favelas são, *afinal*, produto direto do urbanismo moderno [...]”

EM13LP06

3. **Enem** A crônica muitas vezes constitui um espaço para reflexão sobre aspectos da sociedade em que vivemos.

Eu, na rua, com pressa, e o menino segurou no meu braço, falou qualquer coisa que não entendi. Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava. Queria saber a hora.

Talvez não fosse um Menino De Família, mas também não era um Menino De Rua. É assim que a gente divide. Menino De Família é aquele bem-vestido com tênis da moda e camiseta de marca, que usa relógio e a mãe dá outro se o dele for roubado por um Menino De Rua. Menino De Rua é aquele que quando a gente passa perto segura a bolsa com força porque pensa que ele é pivete, trombadinha, ladrão. [...]

Na verdade não existem meninos De rua. Existem meninos NA rua. E toda vez que um menino está NA rua é porque alguém o botou lá. Os meninos não vão sozinhos aos lugares. Assim como são postos no mundo, durante muitos anos também são postos onde quer que estejam. Resta ver quem os põe na rua. E por quê.

(COLASSANTI, Marina. In: *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999)

No terceiro parágrafo, em “... não existem meninos De rua. Existem meninos NA rua”, a troca de De pelo Na determina que a relação de sentido entre “menino” e “rua” seja:

- a) de localização, e não de qualidade.
- b) de origem, e não de posse.
- c) de origem, e não de localização.
- d) de qualidade, e não de origem.
- e) de posse, e não de localização.



Manuel Aguiar & Pepe Schietino

MILHAZES, Beatriz. *Sonho de valsa*, 2004-2005. Colagem de papéis variados, embalagem plástica e fita adesiva sobre papel-cartão, 173 cm x 148 cm.

FRENTE 1

CAPÍTULO

5

Estrutura e formação de palavras

A obra *Sonho de valsa* (2004-2005), aqui reproduzida, foi criada pela artista plástica brasileira Beatriz Milhazes. Uma das técnicas mais marcantes da tela é a colagem, procedimento muito usado pelos pintores cubistas. Na obra, é possível identificar a sobreposição de imagens e a colagem de formas geométricas, de maneira que a tela vai se tornando abstrata, dando a impressão de se estar observando um objeto desmembrado e confuso. À medida que olhamos com mais atenção, notamos que a obra reproduz visões de diferentes ângulos simultaneamente. De forma análoga, as línguas também se formam por meio de processos de “colagem”, de modo que a realidade conhecida por nós é aquela permitida pelos significados das palavras de nossa língua. Por isso, neste capítulo, estudaremos a estrutura e os processos de formação das palavras.

Estrutura da palavra

Para se compreender melhor a composição e o significado das pinturas e da arte modernas, é importante saber que os pintores modernistas, por exemplo, exploraram a técnica da colagem, utilizando materiais não convencionais, como jornal, papel de parede, pauta musical, rótulo de garrafa de vinho, cartolina, papelão e arame para conferir o significado desejado a seus trabalhos. Em *Sonho de valsa*, Beatriz Milhazes, por sua vez, usou embalagens de alimentos, plástico, fita adesiva e colagem de papel na criação de sua obra.

Da mesma maneira que acontece nos trabalhos de composição e criação artística, para explorar e compreender melhor a estrutura e o funcionamento de uma língua, é necessário observar e investigar quais são os elementos de sua construção e criação. Sendo assim, torna-se fundamental conhecer bem a sua forma, isto é, a sua morfologia. Por isso, será a partir desse pressuposto, o do conhecimento da morfologia, que iniciaremos o nosso estudo da estrutura gramatical.

O **morfema** é a unidade mínima de sentido da estrutura gramatical, e, para analisarmos sua função, vejamos o cartaz a seguir.

Reprodução

DISQUE TROTE EXISTE E

**Eu denuncio
Tu denuncias
Ela denuncia
Nós denunciemos
Vós denunciais
Eles denunciam
Todos denunciam**

Seja qual for a pessoa, todos vivemos as mesmas coisas.
Veterano, violência não se conjuga.

DISQUE TROTE: 0800 012 1090

XX Semana de Recepção aos Calouros USP 2018

Confira o Manual do Calouro
usp.br/manualocalouro

USP Universidade de São Paulo
Pró-Reitoria de Graduação

Cartaz da Universidade de São Paulo (USP), para a campanha de recepção aos calouros de 2018.

Esse cartaz circulou pelas unidades da USP, com a finalidade de incentivar os alunos e a comunidade universitária de modo geral a denunciar via “Disque trote” abusos cometidos na recepção de novos discentes. Verificamos que, no cartaz, na conjugação do verbo “denunciar”, há uma parte das palavras que é invariável, “denunci” e a ela são “coladas” partes variáveis, como “o”, “as”, “a”, “amos”, “ais” e “am”. Portanto, há morfemas que são invariáveis, e outros que sofrem variação. Aos primeiros, daremos o nome de morfemas radicais e, aos segundos, morfemas afixais.

! Atenção

A parte invariável de uma palavra é chamada de radical. A esse radical são ligadas algumas vogais que têm a função de facilitar o acréscimo de morfemas, elas são chamadas de **vogais temáticas** e podem ser “a”, “e” ou “i”.

Exemplos: andar (radical: and + vogal temática “a”) e vender (radical: vend + vogal temática “e”). O radical mais a vogal temática formam o **tema**.

Os morfemas afixais podem aparecer antes do radical, sendo assim chamados de **prefixos**, ou após, recebendo o nome de **sufixos**. Desse modo, os morfemas ligados ao radical “denunci”, no cartaz, são sufixos. Os morfemas afixais podem formar, também, substantivos, como em “denunciação” (denuncia-ção), ou adjetivos, como “denunciável” (denunciá-vel).

Voltando ao cartaz, verificamos que os sufixos “colados” ao radical acrescentam informações a essa parte invariável da palavra. Para exemplificar, o termo “denuncio”, formado pelo acréscimo do morfema “o”, traz ao radical uma informação sobre o modo (indicativo) e o tempo verbal (presente), bem como de que se trata de uma ação realizada pela pessoa que enuncia, “eu”. Já a palavra “denunciaram”, formada pela adição do sufixo “aram”, informa o modo (indicativo) e o tempo verbal (pretérito perfeito), e também indica que se trata de uma ação realizada pelas pessoas de quem se fala, “eles”.

Os sufixos que aportam informações ao radical sobre o modo e o tempo verbal são os sufixos modo-temporais, e aqueles que trazem uma informação sobre a pessoa que enuncia e o número (singular ou plural) são os sufixos número-pessoais. Os morfemas afixais usados para formar verbos são chamados de **morfemas verbais** ou **desinências verbais**.

Ao inserir essas informações de tempo verbal, no caso o presente, a campanha da USP busca divulgar a ideia de que é responsabilidade atual de todos a ação urgente de “denunciar” casos de abusos em trotes universitários. Para facilitar a realização e recebimento das denúncias foi criado em 2019 o aplicativo Disque trote USP.

Morfemas nominais

No cartaz, logo após a sequência de verbos, há uma oração em destaque: “Veterano, violência não se conjuga”. Sabemos que a palavra “Veterano” foi utilizada no masculino,

pois encontramos o morfema “o”, indicador desse gênero, em contraste com o morfema “a”. Além disso, a oração se refere a um aluno veterano singular e não a vários, caso contrário teríamos o acréscimo do morfema “s”, informativo do plural. Os morfemas com a finalidade de agregar informações de gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural) são chamados de **morfemas nominais** ou **desinências nominais**.

Pensando nos sentidos produzidos pelo cartaz poderíamos nos perguntar o porquê dessas escolhas. Ao se dirigir especificamente a um veterano, a USP busca construir um diálogo direto com cada leitor do texto, o qual é impelido a aderir à ideia divulgada. Ao não usar a palavra “Veterana”, podemos deduzir que, na maioria das vezes, os alunos veteranos homens estão envolvidos direta ou indiretamente em casos de trotes truculentos, logo busca-se persuadir esse público sobre a necessidade de denunciar.

A língua portuguesa, enquanto língua natural, originou-se do latim vulgar falado pela grande maioria do povo romano. Com o passar do tempo (entre os séculos VII e XIII d.C.) e a transformação do latim vulgar nas diferentes línguas românicas (francês, espanhol, italiano, romeno, castelhano e o catalão), muitos radicais, prefixos e sufixos latinos e gregos se mantiveram nas palavras da língua portuguesa.

Saiba mais

Você sabia que algumas línguas se desenvolveram de forma natural e outras foram criadas artificialmente? O português, o inglês e o chinês, por exemplo, surgiram naturalmente, a partir do uso que os falantes fizeram e fazem desses idiomas nas práticas da vida cotidiana. Contudo, há outras línguas que foram inventadas e construídas, como o **na'vi**, idioma criado para o filme *Avatar*. Além do na'vi, há também o **quenya** e **sindarin** (línguas élficas de *O Senhor dos Anéis*), o **klíngon** (de *Jornada nas Estrelas*) e o **dothraki** (de *Game of Thrones*).

Embora o português tenha herdado morfemas latinos e gregos e guarde esses traços antigos, também podemos pensar em uma gramática do português brasileiro. Nessa proposta, a língua portuguesa usada no Brasil é uma das maiores características da nossa identidade como povo, sendo assim ela deve ser estudada também à luz da diversidade do país, seja geográfica (português brasileiro do Norte e do Sul, por exemplo), seja sociocultural (português brasileiro culto e popular) ou relacionada à idade, sexo ou profissão (português brasileiro formal ou informal).

Tomando-se as diferenças entre o português brasileiro popular e culto, encontramos nos primeiros usos morfológicos como “os hómi” e “as pessoa”, em que há perda progressiva do morfema nominal “s” para marcar o plural, que passa a ser expresso pelo artigo. Já no português brasileiro culto, entretanto, verifica-se a manutenção redundante das regras de marcação do plural, “os homens” e “as pessoas”.

Estabelecendo relações

As Ciências Biológicas também se dedicam ao estudo da morfologia, porém investigando a forma e estrutura dos organismos, e não das línguas. Nesses estudos são considerados aspectos como aparência externa, cor e partes internas (ossos e órgãos). A morfologia em Biologia atua em complemento à fisiologia, que se ocupa principalmente das funções dos organismos.

Formação de palavras

Chamamos de formação de palavras o conjunto de processos que permitem a criação de unidades novas com base em morfemas. Utilizam-se, assim, para formar as palavras, os afixos de derivação ou os procedimentos de composição. Conhecer os processos de formação das palavras nos ajuda a refinar a nossa interpretação das intencionalidades e finalidades comunicativas em diferentes textos, como em anúncios publicitários, tirinhas, charges, entre outros. A seguir, discutiremos os dois principais processos de formação de palavras: a **derivação** e a **composição**.

Derivação

Derivação é o processo pelo qual é possível formar, a partir de uma palavra, muitas outras por meio do acréscimo de certos elementos que lhe alteram o sentido. Tais elementos são os prefixos ou sufixos, isto é, termos que aparecem antes ou depois da palavra derivante. A seguir, discutiremos os principais casos de derivação.

DERIVAÇÃO PREFIXAL



Propaganda com palavra formada por prefixação.

O anúncio publicitário apresentado foi veiculado por uma rede de mercados especializada em hortaliças e frutas. A frase “A incrível rúcula” mostra um diálogo da propaganda com o personagem Hulk, super-herói conhecido em quadrinhos e no cinema. Hulk é um meta-humano com poderes especiais, sobretudo relacionados à força física. Ao associar de forma humorística o alimento rúcula a esse personagem, busca-se destacar as qualidades desse e de outros produtos vendidos na rede de supermercados. A palavra usada para isso foi “superpoderes”, formada pelo prefixo “super” e a palavra “poderes”. O prefixo “super”, assim como “supra”, apresenta uma ideia de posição superior. Em outras palavras, os produtos da empresa são “superiores” em qualidade, pois são frescos e diferenciados.

Muitos vocábulos no português são formados pelo acréscimo de um prefixo, sempre à esquerda de uma palavra, a fim de formar outras:

IN + feliz **AB** + dicar **ANTE** + braço
DES + leal **INTER** + nacional **RE** + duzir

DERIVAÇÃO SUFIXAL

ONU retoma debates sobre racismo e violência policial no mundo

O Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas retomou hoje (17), em Genebra (Suíça), o debate iniciado ontem sobre racismo, brutalidade policial e violência contra manifestantes, após o assassinato do norte-americano George Floyd, quando estava sob custódia policial.

A iniciativa ocorreu após mais de 600 grupos de direitos humanos terem pedido, na segunda-feira (15), a investigação de “supostas violências policiais”, após o assassinato de Floyd. De acordo com a presidente do Conselho, Elisabeth Tichy-Fisslberger, trata-se de uma “questão universal”, reforçada ainda mais após o grande número de protestos que vêm ocorrendo em diversos países.

[...]

PEDUZZI, Pedro; LEAL, Aline (ed.). ONU retoma debates sobre racismo e violência policial no mundo. *Agência Brasil*, 17 jun. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-06/onu-retoma-debates-sobre-racismo-e-violencia-policial-no-mundo>. Acesso em: 12 ago. 2022.

A notícia trata das discussões que se sucederam após o assassinato de George Floyd, em maio de 2020. O acontecimento gerou protestos, que começaram em Mineápolis, cidade onde o fato foi registrado, espalhando-se para outras cidades norte-americanas e do mundo e incentivando debates sobre racismo e violência policial.

No título na notícia, observamos que as palavras em destaque são formadas pelo mesmo processo: a derivação sufixal. Observe:

rac + **ISMO** viol + **ÊNCIA**

Os sufixos “-ismo” e “-ência” agregam aos radicais a noção de praticar uma ação.

DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA



Tirinha com palavra formada por parassíntese.

A tira acima dialoga com a fábula “Os três porquinhos”, a fim de construir uma crítica. Nessa história, oriunda da tradição oral inglesa e publicada pela primeira vez em 1890 pelo escritor australiano Joseph Jacobs, o personagem Lobo tenta de diversas maneiras capturar os três porcos para deles se alimentar. Ao final da fábula, o Lobo, ao entrar na casa do terceiro porquinho pela chaminé, é surpreendido por este, que queima a sua cauda.

Na tirinha, a mãe de Armandinho explica-lhe que o Lobo é mau, pois ele queria comer os porquinhos. A palavra usada pela mãe para caracterizar o animal é “desalmado”, que é formada pelo radical “alm(a)” e tanto pelo prefixo “des-” (sentido de negação, contrário) quanto pelo sufixo “-ado” (noção de feito de). Isto é, o Lobo não possui alma, por isso ele é “mau” e “impiedoso”. A ironia da tirinha está no último quadro, no qual a mãe de Armandinho chama-o para comer um lanche com presunto, alimento derivado de carne suína.

As palavras que são formadas a um só tempo pelo acréscimo concomitante de um prefixo e um sufixo passaram pelo processo de derivação parassintética:

DES + alm(a) + **ADO**

É possível identificar que os morfemas foram aglutinados ao mesmo tempo, pois não temos na língua portuguesa a palavra “desalma” e nem “almado”.

A parassíntese é especialmente produtiva nos verbos, e a principal função dos prefixos “a-” e “em-” (en-) é a de participar desse tipo especial de derivação:

A + manhece + **R** **EM** + barca + **R** **EN** + forca + **R**

DERIVAÇÃO PREFIXAL E SUFIXAL

Espanha proíbe desigualdade salarial entre gêneros

O governo da Espanha aprovou um decreto que proíbe a desigualdade salarial entre gêneros, disse a ministra do Trabalho, Yolanda Díaz, em coletiva de imprensa nesta terça-feira (13).

“A partir de hoje, um homem e uma mulher não podem mais receber remuneração diferente”, afirmou ela após a reunião semanal de gabinete. Os regulamentos forçarão as empresas a manter registros de salários por gênero e divulgar esses documentos, acrescentou a ministra.

ALLEN, Nathan. Espanha proíbe desigualdade salarial entre gêneros. *Agência Brasil*, 13 out. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2020-10/espanha-proibe-desigualdade-salarial-entre-generos>. Acesso em: 12 ago. 2022.

O excerto da notícia traz um fato internacional sobre a proibição de disparidade salarial entre homens e mulheres na Espanha. Na manchete do texto, encontramos a palavra “desigualdade”, formada por um prefixo “des-” (sentido de negação, contrário) e um sufixo “-dade” (sentido de praticar uma ação):

DES + igual + DADE

À primeira vista, poderia se pensar que se trata de um caso de derivação parassintética. Porém, os dois morfemas não se aderiram ao radical simultaneamente, a um só tempo, assim como observamos na palavra “desalmado”. Nesse caso, o prefixo e o sufixo se juntaram ao radical em momentos de formação distintos, pois temos na língua portuguesa tanto o vocábulo “desigual” quanto o termo “igualdade”.

Voltando ao trecho da notícia, a ação de praticar a não igualdade de salários entre homens e mulheres está sendo dirimida por ações políticas do governo espanhol, exigindo-se maior transparência das empresas quanto aos salários dos funcionários e funcionárias espanholas.

DERIVAÇÃO REGRESSIVA

Arquivo da Prefeitura de Passo Fundo



Cartaz com palavra formada por derivação regressiva.

Cartazes informativos como o exemplo anterior são comuns em períodos que demandam mais cuidado com a saúde. O objetivo do texto é informar e incentivar a população a utilizar máscaras como forma de proteção contra a covid-19. Para isso, a campanha utiliza a frase “Uso de máscaras é obrigatório”.

Na formação da língua portuguesa ocorreu um processo em que os verbos serviram de base para gerar substantivos, os quais, embora não possam ser conjugados, guardam a ideia da ação que os verbos representam e, ainda, podem receber complementos (no cartaz, “de máscaras” é complemento do substantivo “uso”). Vejamos.

USAR (verbo) → USO (substantivo)

Nota-se nessa transformação que o termo derivado (o substantivo) resulta da redução do derivante (verbo), por isso que a este se lhe subtrai um segmento terminal. Por essa especificidade, o processo de formação de palavras em questão é chamado de derivação regressiva. O substantivo, por sua vez, foi formado pela junção de uma das vogais “-o”, “-a” ou “-e” ao radical do verbo:

ERRAR → ERRO / CAÇAR → CAÇA
 ATACAR → ATAQUE
 PERDER → PERDA / TOCAR → TOQUE

A derivação regressiva tem grande produtividade na criação de substantivos formados a partir de verbos.

DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA

Globo de Ouro muda regras e vai poder indicar filmes em língua estrangeira nas categorias principais

G1, 30 jun. 2021.

Talibã no poder: quais são os primeiros sinais de que mulheres podem enfrentar um retrocesso

G1, 16 ago. 2021.

Na primeira manchete, a palavra “poder” é empregada em sua forma primitiva, ou seja, como verbo principal de uma locução verbal, indicando uma ação. No contexto enunciado, indica que as regras do Globo de Ouro, uma importante premiação do cinema e da televisão, passou por mudanças para que incluísse nas categorias de maior destaque filmes de outras nacionalidades, não só estadunidenses, aumentando a diversidade e a visibilidade de produções estrangeiras. Já na segunda manchete, a palavra “poder” não é mais um verbo, exercendo a função de substantivo; no caso, refere-se ao governo do Afeganistão, tomado pelo grupo extremista Talibã, que, em 2021, retomou o comando da nação após 20 anos.

Essas palavras podem, portanto, mudar de classe gramatical sem sofrer modificação em sua grafia. A esse processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras dá-se o nome de **derivação imprópria**. Vejamos outros casos:

- de adjetivos a substantivos: os **bons** serão recompensados; os **jovens** precisam trabalhar;
- de substantivos, adjetivos e verbos a interjeições: **quieto! bravo! pare!**
- de verbos a substantivos: o **cantar** dos pássaros faz bem à saúde; o **jantar** estava delicioso;
- de participípios (passados) a substantivos e adjetivos: **conteúdo, partido, resolutos**.

Composição

A composição consiste em formar uma nova palavra pela união de dois ou mais radicais de significação própria. A palavra composta representa sempre uma ideia única, autônoma e nova. Conheça os tipos de composição mais comuns:

JUSTAPOSIÇÃO

Nas palavras “arco-íris”, “guarda-chuva” e “cachorro-quente” não há acréscimos nem de prefixo, nem de sufixo, logo não se trata de um processo de derivação. Verificamos que essas palavras se formaram ao se justapor dois elementos (arco + íris; guarda + chuva; cachorro + quente), conservando cada qual a sua integridade, sem alteração sonora e ortográfica. Vejamos a manchete abaixo:

Valioso e brilhante, **beija-flor-de-bico-curvo** conserva elogios no nome científico

G1, 25 jan. 2021.

A justaposição de cinco elementos forma o nome de uma espécie específica de beija-flor. Nesse caso, a justaposição ocorreu com palavras que distinguem esse animal, isto é, o destaque para o seu bico, que é sua principal ferramenta para garantir alimento. Além de palavras, podem ser justapostos radicais.

Veja outros exemplos de palavras formadas por justaposição: com hífen (segunda-feira; vitória-régia; decreto-lei; ano-luz; mil-folhas); sem hífen (fim de semana; dia a dia; sala de jantar; cão de guarda; cor de vinho; café com leite).

AGLUTINAÇÃO

Como vimos, os elementos de uma palavra composta podem justapor-se, conservando cada qual sua integridade de forma e sua acentuação (lava-rápido, guarda-civil, girassol). Além da justaposição, os elementos podem aglutinar-se, perdendo-se, então, por via de regra, alguns elementos morfológicos, isto é, sofrem perda de sua integridade silábica: planalto (plano + alto); fidalgo (filho + de + algo); embora (em + boa + hora), entre outros vocábulos. Observe a manchete abaixo:

Escalação do Palmeiras: time **alviverde** faz primeiro treino no Rio antes de final

MATOS, José E. de. GE, 28 jan. 2021.

No título, encontramos a palavra “alviverde”, formada pelos elementos alvo + verde, com perda de integridade silábica.

Outros processos de formação de palavras

Há outros processos de formação de palavras que mostram a criatividade lexical dos falantes da língua. Vamos conhecê-los.

HIBRIDISMO

Leia o fragmento de notícia a seguir, atentando às palavras em destaque.

Registro Nacional de Veículos possibilita transferência eletrônica de propriedade

Medida reduz **burocracia** e gera economia para o consumidor

Simplificar, reduzir os custos e desburocratizar o serviço de transferência de propriedade de veículos. É o que prevê o Registro Nacional de Veículos em Estoque (Renave), lançado nacionalmente no início do mês. Com ele, quem comprar um **automóvel** na loja revendedora ou concessionária poderá sair com o veículo já transferido para seu nome em qualquer hora do dia e da semana.

Gov.br, 18 fev. 2021. Disponível em: www.gov.br/pt-br/noticias/financas-impostos-e-gestao-publica/2021/02/registro-nacional-de-veiculos-possibilita-transferencia-eletronica-de-propriedade. Acesso em: 2 set. 2021. (CC BY-ND 3.0).

Na linha fina da matéria, temos a palavra “burocracia”, que é formada por dois elementos diferentes: o vocábulo “buro”, do francês, e “cracia”, do grego. Outra palavra que também passa por processo de formação semelhante é “automóvel”, presente no primeiro parágrafo do texto. Esse termo é originado da junção de “auto”, do grego, e “móvel”, do latim. Tal processo de formação de palavras, que se dá por meio de elementos de línguas diferentes, recebe o nome de **hibridismo**.

Alcoômetro = *álcool* (árabe) + *metro* (grego)
Biologia = *bio* (latim) + *logia* (grego)
Mega-star = *mega* (grego) + *star* (inglês)

NEOLOGISMO

Tuitaço contra trabalho infantil reúne famosos e alcança *trending topics*

Correio Braziliense, 11 jun. 2021.

A palavra que inicia o título da reportagem, “tuitaço”, tem origem a partir do substantivo próprio “Twitter” e do sufixo “-aço”, que transmite a ideia de intensidade. Seu significado, portanto, compreende a ideia de um intenso movimento de postagens nessa rede social, geralmente envolvendo questões políticas e sociais e usando uma *hashtag* como referência. Em outras palavras, a manchete da notícia poderia ser apresentada da seguinte forma: “Número expressivo de postagens na rede social Twitter contra trabalho infantil reúne famosos e alcança *trending topics*”. Além disso, também foram originadas desse substantivo próprio os termos “tuite”, nome dado à publicação, e “tuitar”, que se refere à ação de publicar algo na rede social.

O processo de formação de palavras em que são criados novos vocábulos não dicionarizados (ou seja, novos no uso da língua) chama-se **neologismo**. As novas palavras são formadas a partir dos processos de formação já existentes na língua (derivação ou composição).

O neologismo é um recurso muito utilizado na literatura. No Brasil, os modernistas criaram diversas palavras novas para dar conta de expressar as diversidades da cultura brasileira. Veja alguns exemplos no quadro a seguir.

Escritor	Neologismo
Mário de Andrade	fatalizadamente estatisticar
Carlos Drummond de Andrade	silêncio-vaca som-porteira
Guimarães Rosa	enxadachim tauroptongo embriagatinhar velvo circuntristeza

REGIONALISMO

Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!

Jeca mercador, Jeca lavrador, Jeca filósofo...

Quando comparece às feiras, todo mundo logo advinha o que ele traz: sempre coisas que a natureza derrama pelo mato e ao homem só custa o gesto de espichar a mão e colher – **cocos de tucum ou jiçara, guabiobas, bacuparis, maracujás, jataís, pinhões, orquídeas** ou artefatos de **taquarapoca** – peneiras, cestinhas, samburás, tipitis, pios de caçador ou utensílios de madeira mole – gamelas, pilõezinhos, colheres de pau.

Nada mais.

Seu grande cuidado é espremer todas as consequências da lei do menor esforço – e nisto vai longe.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. Disponível em: <http://paginapessoal.utfpr.edu.br/fabiomesquita/textos/obras-literarias/Monteiro%20Lobato%20-%20Urupes.pdf/view>. Acesso em: 12 ago. 2022.

O trecho do conto apresentado é parte da obra “Urupês”, de Monteiro Lobato, publicada originalmente em 1918 e que reúne ao todo 14 contos do escritor. Especificamente, esse excerto faz parte do conto cujo título dá nome ao livro, e no qual Lobato dá vida ao que seria um dos seus mais famosos personagens: o caboclo Jeca Tatu. O personagem Jeca representa toda a miséria e atraso econômico do país à época, assim como o descaso do governo em relação ao Brasil rural. O Jeca Tatu é o representante do caboclo que vive na lei do menor esforço, nutrindo-se daquilo que a natureza lhe oferece. O personagem não tinha nenhum tipo de educação e era alheio a tudo. As palavras em destaque (“cocos de tucum ou jiçara”, “guabiobas”, “bacuparis”, “maracujás”, “jataís”, “pinhões”, “orquídeas”, “taquarapoca”) mostram a tipicidade de frutas e vegetações das regiões rurais do interior do Brasil.

O conjunto de palavras ou expressões de uma determinada região geográfica, decorrentes da cultura lá existente, tem o nome de regionalismo.

ESTRANGEIRISMO

‘Cruella’ *fashion* filme: veja os *looks* da vilã mais estilosa da temporada e inspire-se no visual ‘*rock and roll*’

Filme da Disney+ é ambientado em Londres da década de 1960 e mostra a revolução *punk* na moda. Consultora de estilo dá dicas para copiar visual de cinema!

RODRIGUES, Cristiane. ‘Cruella’ *fashion* filme: veja os looks da vilã mais estilosa da temporada e inspire-se no visual ‘rock and roll’ *Cshow*, 21 jul. 2021. Disponível em: <https://gshow.globo.com/moda-e-beleza/noticia/cruella-fashion-filme-veja-os-looks-da-vilã-mais-fashion-da-temporada-e-inspire-se-no-visual-rock-roll.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2022.

O título e o subtítulo da notícia apresentada foram construídos com o emprego de diversas palavras estrangeiras, pertencentes ao inglês: *fashion*, *looks*, *rock and roll* e *punk*. O uso de palavra, expressão ou construção estrangeira na língua portuguesa, seja com equivalentes ou não, é chamado de estrangeirismo. Esse uso ocorre recorrentemente em propagandas comerciais, pois com elas se pretende imprimir maior valorização ao produto. Os estrangeirismos são também bastante usados nas áreas de moda e tecnologia.

ARCAÍSMO

Língua portuguesa

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na **ganga** impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto **clangor**, lira singela,
Que tens o **trom** e o **silvo** da **procela**
E o **arrolo** da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

BILAC, Olavo. Tarde. In: *Antologia*: Poesias. São Paulo: Martin Claret, 2002. (Coleção a obra-prima de cada autor). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000288.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2021.

ganga: parte impura de um material ou de uma jazida.
tuba: trombeta.
clangor: som estridente ou forte.
trom: trovão.
silvo: som agudo e prolongado, assoprando.
procela: forte tempestade no mar com vento intenso.
arrolo: cantiga de ninar.

O poema “Língua portuguesa”, de Olavo Bilac, enaltece a nossa língua vernacular. Para compreendê-lo integralmente é preciso conhecer os significados de palavras como “ganga”, “tuba”, “clangor”, “trom”, “silvo”, “procela”, “arrolo”. Tais vocábulos não são comuns no uso corrente da língua, nem se trata de neologismos, muito pelo contrário, são palavras já em desuso na língua portuguesa, esquecidas pelos falantes. A essas palavras dá-se o nome de **arcaísmos**, e podem ser encontradas em dicionários e textos antigos.

GÍRIA



Tirinha com exemplos de gírias.

Na tirinha da personagem Anésia, encontramos um diálogo entre ela e sua amiga Dolores. Ambas são senhoras idosas. Anésia sugere a sua colega que pare de assistir à novela de adolescentes, caso contrário ela ficaria “esquisita” como eles. Ao responder à amiga, Dolores acaba utilizando expressões do vocabulário juvenil, “sua louca” e “não viaja”. O humor ocorre, pois de fato Dolores começou a usar as gírias ditas pelos personagens jovens da novela, porém ela é idosa, isto é, pertence a outro grupo social.

A gíria é a marca característica da linguagem de um grupo social, por isso seu estudo pressupõe, inicialmente, algumas considerações a respeito das relações entre língua e grupo social. Diversos grupos usam as gírias para evidenciar que os seus comportamentos se afastam da maioria, seja pelo inusitado, seja pelo conflito que estabelecem com a sociedade. Não raro, a gíria é uma alteração de sentido de um vocábulo já existente na língua ou tomado em sentido contrário.

Além das gírias, são muito comuns os jargões, que são termos usados em áreas científicas ou em profissões específicas, por exemplo: o léxico jurídico (juridiquês) e o acadêmico (academiquês).

ABREVIÇÃO

O cartaz da Universidade Federal da Bahia teve como objetivo convidar a população a conhecê-la para saber mais sobre as atividades de ensino, pesquisa e ações voltadas para a comunidade promovidas pela instituição. A sigla da universidade, UFBA, aparece três vezes e foi usada para reduzir a parte escrita do cartaz e facilitar a leitura. A essa redução damos o nome de **abreviação**, que é o processo por meio do qual ocorre uma redução de uma palavra até o limite de sua compreensão. Sabemos quem são os responsáveis pelo conteúdo do cartaz por meio da sigla que aparece na parte inferior, APUB, que é o Sindicato dos Professores das Instituições Federais do Ensino Superior da Bahia.

Outra forma de abreviação é a eliminação de uma parte da palavra, obtendo uma forma mais reduzida, por exemplo: foto (de “fotografia”), moto (de “motocicleta”).



Cartaz com exemplos de abreviações.

ONOMATOPEIA

Na propaganda comercial ao lado, o anunciante apelou para a nossa sensação sensorial do paladar como se estivéssemos saboreando os produtos de chocolate anunciados. A construção com as palavras “fechada” e “aberta” nos remete ao som da mastigação, fazendo com que desejemos consumir os doces. Esse recurso de imitação se chama **onomatopeia**. Com ela se pretende reproduzir e imitar um ruído por um grupo de sons da linguagem, transpondo-se na língua articulada humana gritos e ruídos inarticulados, daí haver diferenças entre as onomatopeias de línguas diferentes para a reprodução de sons iguais. Alguns exemplos: tic-tac, tchibum, dlim-dlão.



Propaganda com onomatopeia.

Revisando

1. **Fuvest-SP 2017** Evidentemente, não se pode esperar que Dostoiévski seja traduzido por outro Dostoiévski, mas desde que o tradutor procure penetrar nas peculiaridades da linguagem primeira, aplique-se com afinco e faça com que sua criatividade orientada pelo original permita, paradoxalmente, afastar-se do texto para ficar mais próximo deste, um passo importante será dado. Deixando de lado a fidelidade mecânica, frase por frase, tratando o original como um conjunto de blocos a serem transpostos, e transgredindo sem receio, quando necessário, as normas do “escrever bem”, o tradutor poderá trazê-lo com boa margem de fidelidade para a língua com a qual está trabalhando.

Boris Schnaiderman, *Dostoiévski Prosa Poesia*

O prefixo presente na palavra “transpostos” tem o mesmo sentido do prefixo que ocorre em

- a) ultrapassado. d) percorrido.
b) retrocedido. e) introvertido.
c) infracolocado.
2. **Fuvest-SP 2021** *Terça é dia de Veneza* revelar [sic] as atrações de seu festival anual, cuja 77ª edição começa no dia 2 de setembro, com a dramédia “Lacci”, do romano Daniele Luchetti, seguindo até 12/9, com 50 produções internacionais e uma expectativa (extraoficial) de colocar “West Side Story”, de Steven Spielberg, na ribalta.

Rodrigo Fonseca. “À espera dos rugidos de Veneza”.
O Estado de S. Paulo. Julho/2020. Adaptado.

Um processo de formação de palavras em língua portuguesa é o cruzamento vocabular, em que são misturadas pelo menos duas palavras na formação de uma terceira. A força expressiva dessa nova palavra resulta da síntese de significados e do inesperado da combinação, como é o caso de “dramédia” no texto.

Ocorre esse mesmo tipo de formação em

- a) “deleitura” e “namorido”.
b) “passatempo” e “microvestido”.
c) “hidrelétrica” e “sabiamente”.
d) “arenista” e “girassol”.
e) “planalto” e “multicolor”.
3. **UFMS 2018**



Os quadrinhos apresentam situações comunicativas em que se percebem registros de uso da Língua Portuguesa específicos para grupos ou comunidades falantes em situações de trabalho. Esse vocabulário específico de uma profissão, denomina-se:

- a) gíria. d) bazófia.
b) gerundismo. e) palavrório.
c) jargão.

4. **Famema-SP 2022** Todas as opções abaixo mostram palavras formadas com a ajuda do sufixo *-ada*; assinale a opção em que esse sufixo tem o mesmo valor semântico.

- a) martelada / panelada / entrada.
b) garotada / livralhada / cusparada.
c) cacetada / bordoadada / meninada.
d) marmelada / estada / goiabada.
e) caldeirada / bacalhoadada / feijoada.

5. **Fac. Albert Einstein 2022** Leia a crônica “Caso de justiceiro”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder à questão.

Mercadinho é imagem de confusão organizada. Todos comprando tudo ao mesmo tempo em corredores estreitos, carinhos e pirâmides de coisas se comprimindo, apalpamento, cheiração e análise visual de gêneros pelas madamas, e, a dominar o vozerio, o metralhar contínuo das registradoras. Um olho invisível, múltiplo e implacável, controla os menores movimentos da freguesia, devassa o mistério de bolsas e bolsos, quem sabe se até o pensamento. Parece o caos; contudo nada escapa à fiscalização. Aquela velhinha estrangeira, por exemplo, foi desmascarada.

— A senhora não pagou a dúzia de ovos quebrados.
— Paguei.

Antes que o leitor suponha ter a velhinha quebrado uma dúzia de ovos, explico que eles estão à venda assim mesmo, trincados. Por isso são mais baratos, e muita gente os prefere; casca é embalagem. A senhora ia pagar a dúzia de ovos perfeitos, comprada depois; mas e os quebrados, que ela comprara antes?

A velhinha se zanga e xinga em ótimo português-carioca o rapaz da caixa. O qual lhe responde boas, no mesmo idioma, frisando que gringo nenhum viria lá de sua terra da peste para dar prejuízo no Brasil, que ele estava ali para defender nosso torrão contra piratas da estranja. A mulher, fula de indignação, foi perdendo a voz. Caixeiros acorreram, tomando posição em defesa da pátria ultrajada na pessoa do colega; entre eles, alguns portugueses. A freguesia fez bolo. O mercadinho parou.

Eis que irrompe o tarzã de calção de banho ainda rorejante e berra para o caixa:

— Para com isso, que eu não conheço essa dona mas vê-se pela cara que é distinta.

— Distinta? Roubou cem cruzeiros à casa e insultou a gente feito uma danada.

— Roubou coisa nenhuma, e o que ela disse de você eu não ouvi mas subscrevo. O que você é, é um calhorda e quer fazer média com o patrão à custa de uma pobre mulher.

O outro ia revidar à altura, mas o tarzã não era de cinema, era de verdade, o que aliás não escapou à percepção de nenhum dos presentes. De modo que enquanto uns socorriam a velhinha, que desmaiava, outros passavam a apoiá-la moralmente, querendo arrebentar aquela joça. O partido nacionalista acoelhou-se. Foram tratando de cerrar as portas, para evitar a repetição de Caxias. Quem estava lá dentro que morresse de calor; enquanto não viessem a radiopatrulha e a ambulância, a questão dos ovos ficava em suspenso.

— Ah, é? — disse o vingador. — Pois eu pago os cem cruzeiros pelos ovos mas você tem de engolir a nota.

Tirou-a do bolso do calção, fez uma bolinha, puxou para baixo, com dedos de ferro, o queixo do caixa, e meteu-lhe o dinheiro na boca.

Assistência deslumbrada, em silêncio admiracional. Não é todos os dias que se vê engolir dinheiro. O caixa começou a mastigar, branco, nauseado, engasgado.

Uma voz veio do setor de ovos:

— Ela não roubou mesmo não! Olha o dinheiro embaixo do pacote!

Outras vozes se altearam: “Engole mais os outros cem!” “Os ovos também!” “Salafrá” “Isso!” “Aquilo!”.

A onda era tamanha que o tarzã, instrumento da justiça divina, teve de restabelecer o equilíbrio.

— Espera aí. Este aqui já pagou. Agora vocês é que vão engolir tudo, se maltratarmos este rapaz.

(Carlos Drummond de Andrade. *Cadeira de balanço*, 2020.)

A derivação regressiva ocorre quando, a partir de um vocábulo com sufixo real ou suposto, formamos um novo vocábulo por meio da eliminação do referido sufixo. Verifica-se um exemplo de derivação regressiva no seguinte trecho:

- “Por isso são mais baratos, e muita gente os prefere” (4º parágrafo)
- “Não é todos os dias que se vê engolir dinheiro” (13º parágrafo)
- “ele estava ali para defender nosso torrão contra piratas da estrangeira” (5º parágrafo)
- “Todos comprando tudo ao mesmo tempo em corredores estreitos” (1º parágrafo)
- “eu pago os cem cruzeiros pelos ovos mas você tem de engolir a nota” (11º parágrafo)

6. Uniceub-DF 2019



A charge trabalha, de forma bem-humorada, uma das mudanças estabelecidas pelo acordo ortográfico vigente desde 2016.

Assinale a alternativa que apresenta uma palavra que sofreu a mudança apontada na charge, seguida de outro vocábulo também modificado pela reforma.

- pinguim e autorretrato.
- aquático e microônibus.
- linguiça e mini-saia.
- joia e assembléia.
- água e heroi.

7. Ufam 2019

Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada NÃO está CORRETAMENTE escrita, tendo sido trocado o S pelo Z ou vice-versa:

- A qualquer momento a paralisação dos professores, reivindicando melhores salários, será decretada.
- O objetivo dos jesuítas, no período colonial brasileiro, era catequisar os índios.
- Tantos foram os aplausos e os pedidos, que a cantora teve de bisar o seu maior sucesso.
- Devido ao aquecimento global, as pesquizas se voltam, cada vez mais, para o meio ambiente.
- Uma avezinha pousou na varanda e veio beliscar os mamões do café da manhã.

8. Unicamp-SP 2022

Leia, a seguir, o título e subtítulo de uma reportagem.

Roça-office: dobra procura por imóveis no interior baiano durante a pandemia

Reflexão sobre vivência urbana tem causado um novo êxodo urbano; conheça histórias e veja quando vale a pena se mudar

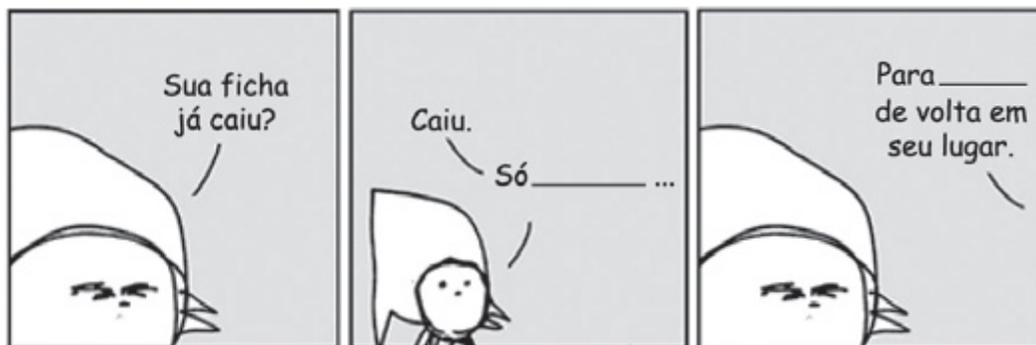
(Fonte: Correio 24horas. 21/06/2021)

Ao longo da pandemia da Covid-19 tornou-se cada vez mais recorrente o uso da expressão de língua inglesa *home office* (em tradução literal, “escritório em casa”) para se referir a trabalho a distância ou a teletrabalho. Indique a alternativa que descreve o processo de composição do neologismo “roça-office”, conforme empregado no título da reportagem.

- A substituição do vocábulo em inglês “home” por “roça” torna o uso desse estrangeirismo mais adequado à grafia do português.
- A justaposição de “roça” e “office” produz um efeito cômico pelo contraste entre os meios rural e urbano na formação do neologismo.
- A justaposição de “roça” e do neologismo “office” baseia-se na similaridade fonético-fonológica entre os vocábulos “home” e “roça”.
- A aglutinação dos radicais “roça” e “office” adapta o neologismo aos imóveis brasileiros e produz o efeito de humor na manchete.

9. **ESPM-SP 2016** Das formas verbais em negrito, uma **não** segue a norma culta. Assinale-a.
- Governo **maquia** orçamento e omite gastos essenciais com Rio-2016.
 - O serviço de meteorologia **previu** que haveria um tornado em Sul.
 - Michel Temer cede, e Eliseu Padilha **intermedeia** articulação política do governo.
 - A Bolsa de Valores nunca mais **reouve** seus índices de 2008.
 - Associação Paulista de Valets entrará com ação se a Prefeitura de SP não **rever** norma de cupons.

10. **Inspere-SP 2018**



(André Dahmer, Malvados. Em: *Folha de S.Paulo*, 03.04.2018. Adaptado)

Em conformidade com a norma-padrão, as lacunas nas falas da personagem devem ser preenchidas, respectivamente, com:

- | | |
|---------------------------------------|--------------------------------------|
| a) falta-me energias ... colocar-lhe | d) me faltam energia ... colocar ela |
| b) me falta energia ... colocá-la | e) me falta energias ... colocá-la |
| c) faltam-me energias ... colocar-lhe | |

Exercícios propostos

1. **FGV-SP 2018** Vindos do norte, da fronteira velha-de-guerra, bem montados, bem enroupados, bem apessoados, chegaram uns oito homens, que de longe se via que eram valentões: primeiro surgiu um, dianteiro, escoteiro, que percorreu, de ponta a ponta, o povoado, pedindo água à porta de uma casa, pedindo pousada em outra, espionando muito para tudo e fazendo pergunta e pergunta; depois, então, apareceram os outros, equipados com um despropósito de armas – carabinas, novinhas quase; garruchas, de um e de dois canos; revólveres de boas marcas; facas, punhais, quicés de cabos esculpidos; porretes e facões, – e transportando um excesso de breves nos pescoços.

O bando desfilou em formação espaçada, o chefe no meio. E o chefe – o mais forte e o mais alto de todos, com um lenço azul enrolado no chapéu de couro, com dentes brancos limados em acume, de olhar dominador e tosse rosnada, mas sorriso bonito e mansinho de moça – era o homem mais afamado dos dois sertões do rio: célebre do Jequitinhonha à Serra das Araras, da beira do Jequitaiá à barra do Verde Grande, do Rio Gavião até nos Montes Claros, de Carinhanha até Paracatu; maior do que Antônio Dó ou Indalécio; o arranca-toco, o treme-terra, o come-brasa, o pega-à-unha, o fecha-treta, o tira-prosa, o parte-ferro, o rompe-racha, o rompe-e-arrasa: Seu Joãozinho Bem-Bem.

João Guimarães Rosa, "A hora e vez de Augusto Matraga", in *Sagarana*.

Considerado no contexto do trecho de Guimarães Rosa, o prefixo sublinhado assume sentido intensificador, e não ideia de negação ou de oposição, na seguinte palavra do texto:

- percorreu".
 - despropósito".
 - transportando".
 - apessoados".
 - enroupados".
2. **IME-RJ 2019** Sabe-se que o prefixo de negação "in", na língua portuguesa, pode assumir diferentes formas, de acordo com a ocorrência dos fenômenos de assimilação e mesmo de dissimilação. Assinale a opção em que o significado do prefixo "in" difere do sentido encontrado nas palavras "indefeso" e "indefinido" no verso abaixo transcrito:
- "Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade."
- Alimentar a criança é indispensável ao seu crescimento saudável.
 - A conclusão a que se chegou parecia algo ilógico.
 - Sua situação me parece irregular.
 - Eles estavam impossibilitados de frequentar aquele local.
 - Ele está tão fraco que já não consegue ingerir os alimentos.

3. **Unesp 2019** Leia o trecho do livro *A dança do universo*, do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder à questão.

Algumas pessoas tornam-se heróis contra sua própria vontade. Mesmo que elas tenham ideias realmente (ou potencialmente) revolucionárias, muitas vezes não as reconhecem como tais, ou não acreditam no seu próprio potencial. Divididas entre enfrentar sua insegurança expondo suas ideias à opinião dos outros, ou manter-se na defensiva, elas preferem a segunda opção. O mundo está cheio de poemas e teorias escondidos no porão.

Copérnico é, talvez, o mais famoso desses relutantes heróis da história da ciência. Ele foi o homem que colocou o Sol de volta no centro do Universo, ao mesmo tempo fazendo de tudo para que suas ideias não fossem difundidas, possivelmente com medo de críticas ou perseguição religiosa. Foi quem colocou o Sol de volta no centro do Universo, motivado por razões erradas. Insatisfeito com a falha do modelo de Ptolomeu, que aplicava o dogma platônico do movimento circular uniforme aos corpos celestes, Copérnico propôs que o equante fosse abandonado e que o Sol passasse a ocupar o centro do cosmo. Ao tentar fazer com que o Universo se adaptasse às ideias platônicas, ele retornou aos pitagóricos, ressuscitando a doutrina do fogo central, que levou ao modelo heliocêntrico de Aristarco dezoito séculos antes.

Seu pensamento reflete o desejo de reformular as ideias cosmológicas de seu tempo apenas para voltar ainda mais no passado; Copérnico era, sem dúvida, um revolucionário conservador. Ele jamais poderia ter imaginado que, ao olhar para o passado, estaria criando uma nova visão cósmica, que abriria novas portas para o futuro. Tivesse vivido o suficiente para ver os frutos de suas ideias, Copérnico decerto teria odiado a revolução que involuntariamente causou.

Entre 1510 e 1514, compôs um pequeno trabalho resumindo suas ideias, intitulado *Commentariolus* (Pequeno comentário). Embora na época fosse relativamente fácil publicar um manuscrito, Copérnico decidiu não publicar seu texto, enviando apenas algumas cópias para uma audiência seleta. Ele acreditava piamente no ideal pitagórico de discrição; apenas aqueles que eram iniciados nas complicações da matemática aplicada à astronomia tinham permissão para compartilhar sua sabedoria. Certamente essa posição elitista era muito peculiar, vinda de alguém que fora educado durante anos dentro da tradição humanista italiana. Será que Copérnico estava tentando sentir o clima intelectual da época, para ter uma ideia do quão “perigosas” eram suas ideias? Será que ele não acreditava muito nas suas próprias ideias e, portanto, queria evitar qualquer tipo de crítica? Ou será que ele estava tão imerso nos ideais pitagóricos que realmente não tinha o menor interesse em tornar populares suas ideias? As razões que possam justificar a atitude de Copérnico são, até hoje, um ponto de discussão entre os especialistas.

A dança do universo, 2006. (Adaptado.)

Expressam ideia de repetição e ideia de negação, respectivamente, os prefixos das palavras

- a) “relativamente” (4º parágrafo) e “insegurança” (1º parágrafo).

- b) “insatisfeito” (2º parágrafo) e “reconhecem” (1º parágrafo).
c) “retornou” (2º parágrafo) e “difundidas” (2º parágrafo).
d) “reformular” (3º parágrafo) e “involuntariamente” (3º parágrafo).
e) “compartilhar” (4º parágrafo) e “intitulado” (4º parágrafo).

4. **Unifesp 2020** Leia a crônica “Inconfiáveis cupins”, de Moacyr Scliar, para responder à questão.

Havia um homem que odiava Van Gogh. Pintor desconhecido, pobre, atribuía todas suas frustrações ao artista holandês. Enquanto existirem no mundo aqueles horríveis girassóis, aquelas estrelas tumultuadas, aqueles ciprestes deformados, dizia, não poderei jamais dar vazão ao meu instinto criador.

Decidiu mover uma guerra implacável, sem quartel, às telas de Van Gogh, onde quer que estivessem. Começaria pelas mais próximas, as do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Seu plano era de uma simplicidade diabólica. Não faria como outros destruidores de telas que entram num museu armados de facas e atiram-se às obras, tentando destruí-las; tais insanos não apenas não conseguem seu intento, como acabam na cadeia. Não, usaria um método científico, recorrendo a aliados absolutamente insuspeitados: os cupins.

Deu-lhe muito trabalho, aquilo. Em primeiro lugar, era necessário treinar os cupins para que atacassem as telas de Van Gogh. Para isso, recorreu a uma técnica pavloviana. Reproduções das telas do artista, em tamanho natural, eram recobertas com uma solução açucarada. Dessa forma, os insetos aprenderam a diferenciar tais obras de outras.

Mediante cruzamentos sucessivos, obteve um tipo de cupim que só queria comer Van Gogh. Para ele era repulsivo, mas para os insetos era agradável, e isso era o que importava.

Conseguiu introduzir os cupins no museu e ficou à espera do que aconteceria. Sua decepção, contudo, foi enorme.

Em vez de atacar as obras de arte, os cupins preferiram as vigas de sustentação do prédio, feitas de madeira absolutamente vulgar. E por isso foram detectados.

O homem ficou furioso. Nem nos cupins se pode confiar, foi a sua desconsolada conclusão. É verdade que alguns insetos foram encontrados próximos a telas de Van Gogh. Mas isso não lhe serviu de consolo. Suspeitava que os sádicos cupins estivessem querendo apenas debochar dele. Cupins e Van Gogh, era tudo a mesma coisa.

(O imaginário cotidiano, 2002.)

Expressam ideia de negação e ideia de repetição, respectivamente, os prefixos das palavras

- a) “deformados” e “repulsivo”.
b) “insuspeitados” e “repulsivo”.
c) “deformados” e “recobertas”.
d) “repulsivo” e “recobertas”.
e) “insuspeitados” e “deformados”.

5. **PUC-PR 2018** Leia a seguir.

Estou fazendo reeducação alimentar e incluí na minha dieta um suco detox, de limão com salsa. Qual sua opinião sobre os sucos detox?

Resposta: Os sucos são cheios de **nutrientes**, vitaminas e minerais. Mas não existe nenhum artigo científico que prove que um suco pode **desintoxicar** o corpo. Nosso organismo tem mecanismos para eliminar **eventuais** toxinas. O fígado é um órgão **extremamente** eficiente para realizar essa função. O melhor mesmo você sabe: movimento físico regular. O **resto** é ter equilíbrio em tudo, até na hora de beber seu suco natural (e não detox).

Disponível em: <https://epoca.globo.com/saude/marcio-atalla/noticia/2017/04/os-sucos-detox-funcionam.html>. Acesso em: 20 fev. 2018.

A formação de palavras em nossa língua aciona vários mecanismos a que todo falante nativo tem acesso, mesmo sem perceber. Sobre esses processos e os elementos envolvidos nele em relação às palavras destacadas no texto anterior, assinale a alternativa **CORRETA**.

- O sufixo presente em “alimentar” é responsável pela formação de verbos de primeira conjugação a partir de substantivos concretos.
- A palavra “resto” foi formada por derivação regressiva a partir do verbo “restar”, processo muito produtivo em nossa língua na formação de substantivos abstratos.
- Podemos encontrar em “extremamente” um sufixo formador de advérbios de modo a partir de substantivos sempre flexionados no gênero feminino.
- Os prefixos presentes em “reeducação” e “desintoxicar” compartilham a mesma carga semântica, embora tenham passado por mudanças ortográfica e fonéticas.
- O processo de formação das palavras “nutrientes” e “eventuais” chama-se sufixação e, nesse caso, criou adjetivos a partir de substantivos comuns.

6. UEPG-PR 2019 Leia abaixo um excerto do livro *Vidas Secas*, de autoria de Graciliano Ramos.

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala. Arrastaram-se para lá, devagar, Sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pederneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás. Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

— Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

RAMOS, G. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 09.

A respeito do vocabulário empregado pelo autor, assinale o que for correto.

- A palavra “avermelhada” tem origem no termo “vermelho”, ao qual são acrescentados um prefixo e um sufixo.
- Ao optar por utilizar a palavra “sinha”, no lugar de “senhora”, o autor destaca a origem popular e humilde dos personagens do texto.
- O termo “planície” se refere a uma grande área de terra plana, ou seja, com poucos desníveis.
- O vocábulo “alargavam” escolhido pelo escritor, que significa aumentar ou ampliar, remete à ideia de as árvores gradativamente se aproximarem sob o ponto de vista dos caminhantes.

Soma:

7. UFT-TO 2020

Sem merenda: quando férias escolares significam fome no Brasil

“Me corta o coração eles quererem um pão e eu não ter. Já coloquei os meninos na escola pra isso mesmo, por causa da merenda. Um pouquinho de arroz sempre alguém me dá, mas nas férias complica”, afirma Alessandra, que, desempregada, coleta latinhas na favela de Paraisópolis, em São Paulo, onde mora. [...]

O drama de Alessandra não é incomum. As férias escolares, quando muitas crianças deixam de ter o acesso diário à merenda, intensificam a vulnerabilidade social de muitas famílias em todo o país. Embora variem em conteúdo e qualidade (às vezes, são apenas bolacha ou pão, em outras, são refeições completas de arroz, feijão, legumes e carne), as merendas ocupam função importante no dia a dia de certos alunos. Para essas crianças, nos períodos sem aulas é que a fome, uma ameaça ao longo de todo ano, torna-se uma realidade a ser enfrentada. [...]

Embora não haja estudos nacionais que indiquem o tamanho da insegurança alimentar durante o período de férias escolares, uma série de indicadores comprova a evolução da pobreza no país e o modo como ela incide sobre as crianças.

De acordo com a Fundação Abrinq, que fez cálculos, a partir de dados do IBGE, 9 milhões de brasileiros entre zero e 14 anos do Brasil vivem em situação de extrema pobreza. O Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional do Ministério da Saúde (Sisvan) identificou, no ano retrasado, 207 mil crianças menores de cinco anos com desnutrição grave no Brasil.

A mais recente pesquisa de Segurança Alimentar do IBGE, de 2013, apontava que uma a cada cinco famílias brasileiras tinha restrições alimentares ou preocupação com a possibilidade de não ter dinheiro para pagar comida.

Se a pesquisa fosse feita hoje, a família da faxineira Marinalva Maria de Paula, de 57 anos, se enquadraria nessa condição. Com uma renda de R\$ 360,00 mensais para três adultos e uma criança, ela se vê cotidianamente frente a decisões dramáticas: “Se eu pagar a prestação do apartamento ou a conta de água, não temos o que comer. [...]

O fenômeno que acontece na casa da faxineira já havia sido identificado pelo Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) em 2008, quando um terço dos titulares do Bolsa Família declaravam em pesquisa que a alimentação da família piorava durante as férias escolares. [...]

Marinalva não consegue emprego formal há quatro anos. Ela está muito longe de atingir a renda mínima familiar, estimada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) em R\$ 4.214,62, para suprir sem carências as necessidades com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência dos quatro integrantes da casa. O valor, calculado em julho, equivale a aproximadamente quatro vezes o salário mínimo atual, de R\$ 998,00.

Fonte: IDOETA, Paula Adamo; SANCHES, Mariana. In: BBC News Brasil. 15 jul. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48953335>. Acesso em: 9 ago. 2019. (texto adaptado)

Sobre os vocábulos “incomum” e “insegurança”, presentes no texto, analise as afirmativas.

- I. Nos vocábulos, o prefixo “in” denota sentido de negação.
- II. Os vocábulos passaram por derivação parassintética, com a anexação concomitante de afixos aos substantivos.
- III. Os vocábulos são formados pelo processo de derivação, ou seja, quando se obtém uma palavra nova (derivada), pela anexação de afixos à palavra primitiva.
- IV. Na formação dos vocábulos, ambos sofreram alterações em sua estrutura pelos prefixos, provocadas pelo fenômeno da assimilação.

Assinale a alternativa **CORRETA**.

- a) Apenas as afirmativas I e II estão corretas.
- b) Apenas as afirmativas I e III estão corretas.
- c) Apenas as afirmativas II e III estão corretas.
- d) Apenas as afirmativas III e IV estão corretas.

8. **Unifesp 2022** Para responder à questão, leia o trecho inicial de uma crônica de Machado de Assis, publicada originalmente em 17.07.1892.

Um dia desta semana, farto de vendavais, naufrágios, boatos, mentiras, polêmicas, farto de ver como se descompõem os homens, acionistas e diretores, importadores e industriais, farto de mim, de ti, de todos, de um tumulto sem vida, de um silêncio sem quietação, peguei de uma página de anúncios, e disse comigo:

— Eia, passemos em revista as procuras e ofertas, caixeiros desempregados, pianos, magnésias, sabonetes, oficiais de barbeiro, casas para alugar, amas de leite, cobradores, coqueluche, hipotecas, professores, tosses crônicas...

E o meu espírito, estendendo e juntando as mãos e os braços, como fazem os nadadores, que caem do alto, mergulhou por uma coluna abaixo. Quando voltou à tona, trazia entre os dedos esta pérola:

“Uma viúva interessante, distinta, de boa família e independente de meios, deseja encontrar por esposo um homem de meia-idade, sério, instruído, e também com meios de vida, que esteja como ela cansado de viver só; resposta por carta ao escritório desta folha, com as iniciais M.R...., anunciando, a fim de ser procurada essa carta.”

Gentil viúva, eu não sou o homem que procuras, mas desejava ver-te, ou, quando menos, possuir o teu retrato, porque tu não és qualquer pessoa, tu vales alguma coisa mais que o comum das mulheres. Ai de quem está só! dizem as sagradas letras, mas não foi a religião que te inspirou esse

anúncio. Nem motivo teológico, nem metafísico. Positivo também não, porque o positivismo é infenso às segundas núpcias. Que foi então, senão a triste, longa e aborrecida experiência? Não queres amar; estás cansada de viver só.

E a cláusula de ser o esposo outro aborrecido, farto de solidão, mostra que tu não queres enganar, nem sacrificar ninguém. Ficam desde já excluídos os sonhadores, os que amem o mistério e procurem justamente esta ocasião de comprar um bilhete na loteria da vida. Que não pedes um diálogo de amor, é claro, desde que impões a cláusula da meia-idade, zona em que as paixões arrefecem, onde as flores vão perdendo a cor purpúrea e o viço eterno. Não há de ser um naufrago, à espera de uma tábua de salvação, pois que exiges que também possua. E há de ser instruído, para encher com as coisas do espírito as longas noites do coração, e contar (sem as mãos presas) a tomada de Constantinopla.

Viúva dos meus pecados, quem és tu que sabes tanto? O teu anúncio lembra a carta de certo capitão da guarda de Nero. Rico, interessante, aborrecido, como tu, escreveu um dia ao grave Sêneca, perguntando-lhe como se havia de curar do tédio que sentia, e explicava-se por figura: “Não é a tempestade que me aflige, é o enjoo do mar”. Viúva minha, o que tu queres realmente, não é um marido, é um remédio contra o enjoo. Vês que a travessia ainda é longa – porque a tua idade está entre trinta e dois e trinta e oito anos –, o mar é agitado, o navio joga muito; precisas de um preparado para matar esse mal cruel e indefinível. Não te contentas com o remédio de Sêneca, que era justamente a solidão, “a vida retirada, em que a alma acha todo o seu sossego”. Tu já provaste esse preparado; não te fez nada. Tentas outro; mas queres menos um companheiro que uma companhia.

(Machado de Assis. Crônicas escolhidas, 2013.)

O prefixo “in-” que compõe a palavra “indefinível” (7^o parágrafo) tem o mesmo sentido do prefixo da palavra:

- a) contramão.
- b) interconectado.
- c) metafísico.
- d) anormal.
- e) transnacional.

9. **FCMSCSP 2021** Leia o ensaio de Eduardo Giannetti para responder à questão.

Ardil da desrazão

Imagine uma pessoa afivelada a uma cama com eletrodos colados em suas têmporas. Ao se girar um botão situado em local distante, a corrente elétrica nos eletrodos aumenta em grau infinitesimal, de modo que o paciente não chegue a sentir. Um hambúrguer gratuito é então ofertado a quem girar o botão. Ocorre, porém, que, quando milhares de pessoas fazem isso – sem que cada uma saiba das ações das demais –, a descarga elétrica gerada é suficiente para eletrocutar a vítima. Quem é responsável pelo quê? Algo tenebroso foi feito, mas de quem é a culpa? O efeito isolado de cada giro do botão é, por definição, imperceptível – são todos “torturadores inofensivos”. Mas o efeito conjunto é ofensivo ao extremo. Até que ponto a somatória de ínfimas partículas de culpa se acumula numa gigantesca dívida moral coletiva? – O experimento mental concebido pelo filósofo britânico

Derek Parfit dá o que pensar. A mudança climática em curso equivale a uma espécie de eletrocussão da biosfera. Quem a deseja? A quem interessa? O ardil da desrazão vira do avesso a “mão invisível” da economia clássica. O aquecimento global é fruto da alquimia perversa de incontáveis ações humanas, mas não resulta de nenhuma intenção humana. E quem assume – ou deveria assumir – a culpa por ele? Os 7 bilhões de habitantes da Terra pertencem a três grupos: o primeiro bilhão, no cobiçado topo da escala de consumo, responde por 50% das emissões de gases-estufa; os 3 bilhões seguintes por 45%; e os 3 bilhões na base da pirâmide (metade sem acesso a eletricidade) por 5%. Por seu modo de vida, situação geográfica e vulnerabilidade material, este último grupo – o único inocente – é o mais tragicamente afetado pelo “giro de botão” dos demais.

(Eduardo Giannetti. *Trópicos utópicos*, 2016.)

ardil: cilada.

- ao se referir ao aquecimento global como exemplo de “ardil da desrazão”, o autor recorre a uma aparente contradição. Explícite essa contradição.
- Cite duas palavras do texto formadas com prefixos diferentes que exprimem ideia de negação ou oposição.

10. PUC-GO 2020 Leia o trecho de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos.

Baleia, imóvel, paciente, olhava os carvões e esperava que a família se recolhesse. Enfastiava-a o barulho que Fabiano fazia. No campo, seguindo uma rês, se esgoelava demais. Natural. Mas ali, à beira do fogo, para que tanto grito? Fabiano estava-se cansando à toa. Baleia se enjoava, cochilava e não podia dormir. Sinha Vitória devia retirar os carvões e a cinza, varrer o chão, deitar-se na cama de varas com Fabiano. Os meninos se arrumariam na esteira, por baixo do caritô, na sala. Era bom que a deixassem em paz. O dia todo espiava os movimentos das pessoas, tentando adivinhar coisas incompreensíveis. Agora precisava dormir, livrar-se das pulgas e daquela vigilância a que a tinham habituado. Varrido o chão com vassourinha, escorregaria entre as pedras, enroscar-se-ia, adormeceria no calor, sentindo o cheiro das cabras molhadas e ouvindo rumores desconhecidos o tique-taque das pingueiras, a cantiga dos sapos, o sopro do rio cheio. Bichos miúdos e sem dono iriam visitá-la.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 53. ed. Rio, São Paulo: Record, 1984, pp. 69-70.

Marque a alternativa que indica corretamente o processo de formação das palavras sublinhadas no texto:

- Parassíntese, sufixação, derivação regressiva, sufixação.
- Derivação regressiva, sufixação, parassíntese, onomatopeia.
- Sufixação, justaposição, derivação regressiva, parassíntese.
- Parassíntese, sufixação, sufixação, derivação regressiva.

11. Unicamp-SP 2020 O telejornalismo é um dos principais produtos televisivos. Sejam as notícias boas ou ruins, ele precisa garantir uma experiência esteticamente agradável para o espectador. Em suma, ser um “infotainment”, para atrair prestígio, anunciante e rentabilidade. Porém, a atmosfera pesada do início do ano baixou nos telejornais: Brumadinho, jovens atletas mortos no incêndio do CT do Flamengo, notícias diárias de feminicídios, de valentões armados matando em brigas de trânsito e supermercados. Conjunções adversativas e adjuntos adverbiais já não dão mais conta de neutralizar o *tsunami* de tragédias e violência, e de amenizar as más notícias para garantir o “infotainment”. No jornal, é apresentada matéria sobre uma mulher brutalmente espancada, internada com diversas fraturas no rosto. Em frente ao hospital, uma repórter fala: “mas a boa notícia é que ela saiu da UTI e não precisará mais de cirurgia reparadora na face...”. Agora, repórteres repetem a expressão “a boa notícia é que...”, buscando alguma brecha de esperança no “outro lado” das más notícias.

(Adaptado de Wilson R. V. Ferreira, Globo adota “a boa notícia é que...” para tentar se salvar do baixo astral nacional. Disponível em <https://cinegnose.blogspot.com/2019/02/globo-adota-boa-noticia-e-que-para.html>. Acessado em: 01/03/2019.)

Para se referir a matérias jornalísticas televisivas que informam e, ao mesmo tempo, entretêm os espectadores, o autor cria um neologismo por meio de

- derivação prefixal.
- composição por justaposição.
- composição por aglutinação.
- derivação imprópria.

12. UFMS 2017

A infinita fiadeira

A aranha atea
diz ao aranho na teia:
o nosso amor
está por um fio!

A aranha, aquela aranha, era tão única: não parava de fazer teias! Fazia-as de todos os tamanhos e formas. Havia, contudo, um senão: ela fazia-as, mas não lhes dava utilidade. O bicho repaginava o mundo. Contudo, sempre inacabava as suas obras. Ao fio e ao cabo, ela já amealhava uma porção de teias que só ganhavam senso no rebrilho das manhãs.

E dia e noite: dos seus palpos primavam obras, com belezas de cacimbo gotejando, rendas e rendilhados. Tudo sem fim nem finalidade. Todo o bom aracnídeo sabe que a teia cumpre as fatais funções: lençol de núpcias, armadilha de caçador. Todos sabem, menos a nossa aranhinha, em suas distraçoeiras funções.

Para a mãe-aranha aquilo não passava de mau senso. Para quê tanto labor se depois não se dava a indevida aplicação? Mas a jovem aranha não fazia ouvidos. E alfaiatava, alfinetava, cegava os nós. Tecia e retecia o fio, entrelaçava e reentrelaçava mais e mais teia. Sem nunca fazer morada em nenhuma. Recusava a utilitária vocação da sua espécie.

- Não faço teias por instinto.
- Então, faz por quê?
- Faço por arte.

Benzia-se a mãe, rezava o pai. Mas nem com preces. A filha saiu pelo mundo em ofício de infinita teceloa. E em cantos e recantos deixava a sua marca, o engenho da sua seda. Os pais, após concertação, a mandaram chamar. A mãe:

— Minha filha, quando é que assentas as patas na parede?
E o pai:
— Já eu me vejo em palpos de mim...
Em choro múltiplo, a mãe limpou as lágrimas dos muitos olhos enquanto disse:
— Estamos recebendo queixas do aranha.
— O que é que dizem, mãe?
— Dizem que isso só pode ser doença apanhada de outras criaturas.

Até que se decidiram: a jovem aranha tinha que ser reconduzida aos seus mandos genéticos. Aquele devaneio seria causado por falta de namorado. A moça seria até virgem, não tendo nunca digerido um machito. E organizaram um amoroso encontro.

— Vai ver que custa menos que engolir mosca – disse a mãe.

E aconteceu. Contudo, ao invés de devorar o singelo namorado, a aranha namorou e ficou enamorada. Os dois deram-se os apêndices e dançaram ao som de uma brisa que fazia vibrar a teia. Ou seria a teia que fabricava a brisa?

A aranha levou o namorado a visitar a sua coleção de teias, ele que escolhesse uma, ficaria prova de seu amor.

A família desiludida consultou o Deus dos bichos, para reclamar da fabricação daquele espécime.

Uma aranha assim, com mania de gente? Na sua alta teia, o Deus dos bichos quis saber o que poderia fazer. Pediram que ela transitasse para humana. E assim sucedeu: num golpe divino, a aranha foi convertida em pessoa. Quando ela, já transfigurada, se apresentou no mundo dos humanos logo lhe exigiram a imediata identificação. Quem era, o que fazia?

— Faço arte.

— Arte?

E os humanos se entreolharam, intrigados. Desconheciam o que fosse arte. Em que consistia? Até que um, mais velho, se lembrou. Que houvera um tempo, em tempos de que já se perdera memória, em que alguns se ocupavam de tais improdutivos afazeres. Felizmente, isso tinha acabado, e os poucos que teimavam em criar esses pouco rentáveis produtos – chamados de obras de arte – tinham sido geneticamente transmutados em bichos. Não se lembrava bem em que bichos. Aranhas, ao que parece.

COUTO, Mia. A infinita fiadeira. In.: _____. *O Fio das Missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Ao longo do texto, é perceptível o uso criativo da língua, por meio de expressões como “inacabava”, “rebrilho”, “distraiçoeriras”, “aranhiça” e “machito”. Pode-se afirmar que esse uso original, nos termos destacados, se deu pelo uso de:

- a) Derivação prefixal e sufixal.
- b) Derivação parassintética.
- c) Derivação regressiva.
- d) Derivação imprópria.
- e) Inderivação vocabular.

13. **UEA-AM 2019** Para responder à questão, leia o trecho do “Sermão de Santo Antônio aos peixes”, de Antônio Vieira.

Pegadores se chamam os peixes de que agora falo, e com grande propriedade, porque sendo pequenos, não só se chegam a outros maiores, mas de tal sorte se lhes pegam aos costados que jamais os desaferram. De alguns animais

de menos força e indústria se conta que vão seguindo de longe aos leões na caça, para se sustentarem do que a eles sobeja. O mesmo fazem estes pegadores, tão seguros ao perto, como aqueles ao longe; porque o peixe grande não pode dobrar a cabeça, nem voltar a boca sobre os que traz às costas, e assim lhes sustenta o peso, e mais a fome.

Este modo de vida, mais astuto que generoso, se acaso se passou, e pegou de um elemento a outro, sem dúvida, que o aprenderam os peixes com os nossos portugueses; porque não parte vice-rei, ou governador para as conquistas, que não vá rodeado de pegadores, os quais se arrimam a eles, para que cá lhe matem a fome, de que lá não tinham remédio. Os menos ignorantes, desenganados da experiência, despegam-se, e buscam a vida por outra via; mas os que se deixam estar pegados à mercê e fortuna dos maiores, vem-lhes a suceder no fim o que aos pegadores do mar.

Rodeia a nau o tubarão com os seus pegadores às costas, tão cerzidos com a pele, que mais parecem remedos, ou manchas naturais, que hóspedes ou companheiros. Lançam-lhe um anzol de cadeia com a ração de quatro soldados, arremessa-se furiosamente à presa, engole tudo de um bocado, e fica preso. Corre meia companha a alá-lo acima, bate fortemente o convés com os últimos arrancos; enfim, morre o tubarão, e morrem com ele os pegadores.

(Antônio Vieira. *Essencial*, 2011. Adaptado.)

É formada pelo processo de prefixação a seguinte palavra:

- a) “propriedade” (1º parágrafo).
- b) “generoso” (2º parágrafo).
- c) “despegam” (2º parágrafo).
- d) “arremessa” (3º parágrafo).
- e) “furiosamente” (3º parágrafo).

14. **UEA-AM 2018** Para responder à questão, leia um trecho da “Lira II” da obra *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810).

Pintam, Marília, os Poetas
A um menino vendado,
Com uma **aljava**¹ de setas,
Arco empunhado na mão;
Ligeiras asas nos ombros,
O tenro corpo despido,
E de Amor ou de Cupido
São os nomes, que lhe dão.

Porém eu, Marília, nego,
Que assim seja Amor, pois ele
Nem é moço nem é cego,
Nem setas nem asas tem.
Ora pois, eu vou formar-lhe
Um retrato mais perfeito,
Que ele já feriu meu peito;
Por isso o conheço bem.
Os seus compridos cabelos,
Que sobre as costas ondeiam,
São que os de Apolo mais belos;
Mas de loura cor não são.
Têm a cor da negra noite;
E com o branco do rosto
Fazem, Marília, um composto
Da mais formosa união.

[...]
Chamei-lhe um dia formoso;
Ele, ouvindo os seus louvores,
Com um modo desdenhoso
Se sorriu e não falou.
Pintei-lhe outra vez o estado,
Em que estava esta alma posta;
Não me deu também resposta,
Constrangeu-se e suspirou.

Conheço os sinais; e logo,
Animado da esperança,
Busco dar um desafogo
Ao cansado coração.
Pego em teus dedos nevados,
E querendo dar-lhe um beijo,
Cobriu-se todo de pejo,
E fugiu-me com a mão.

Tu, Marília, agora vendo
De Amor o lindo retrato,
Contigo estarás dizendo
Que é este o retrato teu.
Sim, Marília, a cópia é tua,
Que Cupido é Deus suposto:
Se há Cupido, é só teu rosto,
Que ele foi quem me venceu.

Domício Proença Filho (org.). *A poesia dos inconfidentes*, 1996.

1aljava: estojo em que se guardavam setas (ou flechas).

É formada pelo processo de derivação sufixal a palavra:

- a) “tenro” (1ª estrofe)
- b) “compridos” (3ª estrofe)
- c) “desdenhoso” (4ª estrofe)
- d) “retrato” (2ª estrofe)
- e) “desafogo” (5ª estrofe)

15. Unitins-TO 2020

Crise climática deve alterar padrões de assentamentos e migrações

Ao longo da história humana, a migração e o clima sempre estiveram interligados. Atualmente, os impactos da crise climática provocada pelo homem devem alterar extensivamente os padrões de assentamentos humanos.

Segundo a chefe da divisão de Migração, Meio Ambiente e Mudança Climática da Organização Internacional para as Migrações (OIM), estamos vivendo uma era em que eventos catastróficos relacionados ao clima estão ligados à atividade humana e, provavelmente, terão grande impacto sobre a maneira como decidimos migrar e assentar. “O Atlas da Migração Ambiental, que cita exemplos de 45 mil anos atrás, mostra que mudanças ambientais e desastres naturais influenciaram na distribuição da população em nosso planeta ao longo da história”, afirmou Dina Ionesco, em entrevista ao UN News.

“No entanto, é altamente provável que mudanças ambientais não desejáveis e que foram diretamente criadas, ou amplificadas, pela mudança climática, mudem

extensivamente os padrões de assentamento humano. Degradação futura de terras usadas para agricultura, perda de ecossistemas frágeis e esgotamento de recursos naturais preciosos, como água fresca, irão impactar diretamente as vidas e lares de pessoas”, continuou Ionesco.

A crise climática já está produzindo efeitos: de acordo com o Centro de Monitoramento de Deslocamentos Internos, 17,2 milhões de pessoas tiveram que deixar as casas no ano passado por causa de desastres que afetaram negativamente suas vidas. Mudanças lentas no meio ambiente, como a acidificação dos oceanos, a desertificação e a erosão das costas estão impactando diretamente meios de subsistência de pessoas e suas capacidades de sobreviver nos lugares de origem.

Segundo Ionesco, há forte possibilidade de que mais pessoas migrem em busca de melhores oportunidades, conforme condições de vida pioram em seus locais de origem. “Previsões para o século 21 indicam que até mais pessoas terão que se movimentar como resultado desses impactos climáticos adversos. O Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC), principal autoridade da ONU para ciências climáticas, tem afirmado repetidamente que as mudanças geradas pela crise climática irão influenciar padrões de migração”, afirmou Ionesco. “O Banco Mundial apresentou projeções para migração climática interna que representam 143 milhões de pessoas até 2050, em três regiões do mundo, se nenhuma ação climática for tomada”. [...]

Disponível em: <https://nacoesunidas.org/crise-climatica-deve-alterar-padroes-de-assentamentos-e-migracoes-diz-autoridade-da-onu/>. Texto publicado em 02/08/2019. Acesso em: 03 out. de 2019 (adaptado).

Sobre processo de formação de palavras, coloque (1) se a palavra for primitiva, (2) se for derivada pelo processo de prefixação, (3) se for derivada pelo processo de sufixação e (4) se for derivada pelo processo de prefixação e sufixação:

- migração
- intergovernamental
- ambiente
- organização
- interligado

Assinale a alternativa que apresenta a sequência correta, marcada de cima para baixo.

- a) 1, 4, 2, 3, 1.
- b) 1, 2, 4, 2, 3.
- c) 3, 4, 1, 3, 2.
- d) 4, 3, 1, 2, 3.
- e) 3, 4, 4, 1, 2.

16. **Fuvest-SP 2020** Tenho utilizado o conceito de precariado num sentido bastante preciso que se distingue, por exemplo, do significado dado por Guy Standing e Ruy Braga. Para mim, precariado é a camada média do proletariado urbano constituída por jovens adultos altamente escolarizados com inserção precária nas relações de trabalho e vida social. Para Guy Standing, autor do livro *The Precariat: The new dangerous class*, o precariado é uma “nova classe social” (o título da edição espanhola do livro é explícito: *Precariado: una nueva clase social*). Ruy Braga o critica, **com razão**, salientando que o precariado não é exterior à relação salarial que caracteriza o modo de produção capitalista, isto é, o precariado pertence sim à classe

social do proletariado, sendo tão somente o “proletariado precarizado”. [...] Por outro lado, embora Ruy Braga (no livro *A política do precariado*) esteja correto em sua crítica do precariado como classe social exterior à relação salarial, ele equivoca-se quando identifica o precariado meramente com o “proletariado precarizado”, perdendo, deste modo, a particularidade heurística do conceito capaz de dar visibilidade categorial às novas contradições do capitalismo global.

Giovanni Alves. *O que é precariado?*. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/>. Adaptado.

- Explique o processo de formação da palavra “precarizado”, associando-o ao seu significado.
- Qual a função sintática da expressão “com razão” e o seu sentido na construção do texto?

17. Unifesp 2022 Leia o soneto de Luís de Camões para responder à questão.

A fermosura desta fresca serra
e a sombra dos verdes castanheiros,
o manso caminhar destes ribeiros,
donde toda a tristeza se desterra;

o rouco som do mar, a **estranha**¹ terra,
o esconder do sol pelos **outeiros**²,
o recolher dos gados derradeiros,
das nuvens pelo ar a branda guerra;

enfim, tudo o que a rara natureza
com tanta variedade nos ofrece,
me está, se não te vejo, magoando.

Sem ti, tudo me enoja e me aborrece;
sem ti, perpetuamente estou passando,
nas mores alegrias, mor tristeza.

(Luís de Camões. *Sonetos*, 2001.)

- ¹**estranha**: rara, que não é comum, que não é vulgar.
²**outeiros**: montes.

Um vocábulo também pode ser formado quando passa de uma classe gramatical a outra, sem qualquer modificação de sua forma. Tal processo de formação de

palavras é denominado derivação imprópria. Observe um exemplo de derivação imprópria no verso:

- “donde toda a tristeza se desterra;” (1ª estrofe)
- “o manso caminhar destes ribeiros;” (1ª estrofe)
- “o rouco som do mar, a estranha terra;” (2ª estrofe)
- “das nuvens pelo ar a branda guerra;” (2ª estrofe)
- “sem ti, perpetuamente estou passando;” (4ª estrofe)

18. UFMS 2018 Observe atentamente a imagem a seguir.



É possível afirmar que o caráter humorístico da imagem se deve:

- ao empregar um desvio no registro ortográfico da palavra “ortografia”, de modo a causar a convergência com o substantivo “horto” que remete a uma pequena área de cultivo.
- ao empregar um desvio no registro ortográfico o que se faz perceber somente através da pronúncia da palavra “hortografia” e não por seu registro escrito.
- ao empregar de modo positivo um desvio no registro ortográfico de maneira a descaracterizar a norma padrão e, portanto, ratificá-la.
- à confluência entre a imagem e o registro escrito, visto que linguagem verbal e visual, neste caso, não se relacionam.
- ao emprego do estigma em relação à variação linguística, tomada negativamente e, portanto, evidenciando que registros desviantes da norma padrão não promovem novas relações verbais ou de significação.

Texto complementar

Maratona da preguiça: um neologismo que não sai do sofá

Por Marcelo Módolo, professor da FFLCH-USP e pesquisador do CNPq, e Henrique Braga, doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela FFLCH-USP

Os primeiros estudos em gramaticalização defendem que as mudanças linguísticas seguem sempre um mesmo rumo, conhecido e previsível: termos de sentido concreto podem se abstratizar, assumindo assim funções “mais gramaticais”. No português brasileiro, “ir” é exemplo disso: de seu sentido físico e concreto, indicando deslocamento (“*Vou ao Rio de Janeiro sempre que posso*”), o verbo passou a desempenhar uma função gramatical, atuando como marcador de tempo futuro. Em casos como “*Vou chegar atrasado*”, ou mesmo no curioso “*Vou ir assim que puder*”, o verbo “ir” faz as vezes da desinência que expressa tempo futuro (como “chegarei” ou “irei”).

Estudos posteriores, contudo, questionaram a chamada *unidirecionalidade* da mudança linguística. Entre outros pesquisadores, merece destaque o

linguista brasileiro Ataliba Teixeira de Castilho, que, em sua abordagem multissistêmica, condenou o que chama de “língua-linha” (termo que cunhou para referir-se criticamente à ideia de que existiriam passos previsíveis no fenômeno complexo que é a mudança linguística).

Em meio a essa polêmica, a emergência de um verbo como “maratnar” parece colocar de fato o princípio da unidirecionalidade em questão.

Verbos plenos e verbos-suporte

Para avançar nesta conversa, o conceito de verbo-suporte é bastante caro. E, como “na língua não há senão diferenças” (resgatando a máxima do linguista suíço), convém diferenciá-los dos verbos plenos.

Quando a carga semântica do verbo é bastante marcada e definida, o que ocorre nos casos prototípicos, tratamos de verbos plenos: “gritar”, “melhorar” e “perguntar”, por exemplo. Há casos, entretanto, nos quais o valor semântico do verbo é mais leve, abstrato, o que permite que a forma verbal e seu complemento formem uma unidade, uma construção única, com um único sentido global. Nesses casos, “gritar” se converte em “dar um grito”, “melhorar” dá lugar a “ter melhora” e “perguntar” se torna “fazer pergunta”. Os verbos leves que integram essas construções são chamados *verbos-suporte*.

“Fazer maratona” ou “maratonar”?

A pandemia que afeta a sociedade afeta igualmente o português brasileiro. Com o tempo de isolamento, trancados em casa, novas construções vão sendo acionadas e requeridas para descrever essa nova ordem social. Nesse sentido, o verbo “maratonar” parece ter ocupado em definitivo seu lugar ao sol, como no exemplo: “Vou maratonar aquela série que você me recomendou!”.

Se o verbo está sendo bastante acionado recentemente com a busca de séries televisivas (para preencher o tempo que forçosamente muitos têm de digerir), é natural que seu emprego se consolide mais no dia a dia. Em uma pesquisa rápida pelo Google, “maratonar séries” aparece 32 100 vezes, ao lado de “fazer uma maratona de séries”, que surge em 526 mil resultados.

Comparando as duas estruturas, identificamos a ocorrência de duas formas variantes, uma com verbo-suporte (“fazer maratona”) e outra com verbo pleno (“maratonar”). E o mais interessante: a construção mais antiga

é feita com o verbo leve (mais abstrato), não com o verbo pleno (mais concreto). Aceitando que a mudança linguística ocorresse sempre em direção a formas mais abstratas, seria de se supor que “maratonar” precedesse “fazer maratona”, ao contrário do que efetivamente ocorreu.

Dá no mesmo?

O verbo “maratonar” começa a despontar na década de 1990. Já em 1996 lemos “[...] amigos e amigas que amam a literatura, ouvir uma boa música, ver filmes e maratonar séries [...]”. Em contextos como esse, o verbo “maratonar” se especializou em transmitir o sentido figurado da expressão.

Dito de outro modo: a construção com verbo-suporte é polissêmica, pois “fazer maratona” pode significar tanto “participar de uma corrida de longa distância” quanto “assistir a vários episódios seguidos de um seriado televisivo”. Já o verbo “maratonar” tem um significado unívoco, fazendo referência sempre ao momento de lazer diante da tela – sentido certamente insuflado pelo surgimento de grandes provedores globais de filmes, como a Netflix.

É plausível pensar, portanto, que a emergência e a frequência de um novo comportamento dos consumidores de seriados tenham tido um impacto no uso de um novo item lexical. Especializado em diferenciar os dois tipos de maratona, a esportiva e a preguiçosa, “maratonar” caiu no gosto e no uso popular – e, em tempos de confinamento, a maratona da preguiça venceu a corrida.

MÓDOLO, Marcelo. Maratona da preguiça: um neologismo que não sai do sofá. *Journal da USP*, 26 maio 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/maratona-da-preguica/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

Resumindo

Estrutura da palavra

Os morfemas são as unidades mínimas das palavras que possuem significado próprio. Eles podem ser morfemas radicais ou afixais.

Morfemas radicais são formados por uma parte invariável, que contém o sentido básico das palavras (a raiz), mais a vogal temática.

Os morfemas afixais são os prefixos (“colados” à esquerda do radical) e sufixos (“colados” à direita do radical).

Os sufixos que formam verbos, chamados de morfemas verbais, podem ser:

- Sufixos modo-temporais: indicam o tempo (presente, pretérito, futuro) e o modo verbal (indicativo, subjuntivo, imperativo).
- Sufixos número-pessoais: indicam o número (singular e plural) e a pessoa (1ª, 2ª e 3ª).

Morfemas nominais: agregam informações de gênero (masculino e feminino) e número (singular e plural) às palavras.

Formação de palavras

Há dois grandes processos de formação: a derivação e a composição. Na derivação, há apenas um radical e a ele são “colados” ou prefixos e/ou sufixos. Na composição, temos ao menos dois radicais na formação da palavra, que preserva sua integralidade.

Tipos de derivação

- Prefixal: forma-se uma palavra derivada a partir de um prefixo. Ex.: **infeliz**.
- Sufixal: forma-se uma palavra derivada a partir de um sufixo. Ex.: **sozinho**.
- Parassintética: acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo ao radical. Ex.: **desalmado**.

- Prefixal e sufixal: acréscimo não simultâneo de um prefixo e um sufixo ao radical. Ex.: **deslealdade** (existem os vocábulos **desleal** e **lealdade**)
- Regressiva: forma substantivos a partir de verbos. Ex.: **atacar** – **ataque**.
- Imprópria: muda a classe gramatical de uma palavra para formar outra. Ex.: tinha **um olhar** triste (o verbo foi transformado em substantivo).

Tipos de composição

- Justaposição: os dois termos conservam a sua integralidade. Ex.: **cobra-cega**.
- Aglutinação: há perda fonética ou silábica na composição. Ex.: **planalto**.
- Hibridismo: forma-se uma nova palavra a partir de elementos de línguas diferentes. Ex.: **burocracia**.

Outros processos

- Neologismo: formação de novos termos ou expressões da língua. Ex.: **umbigocentrismo**.
- Estrangeirismo: processo que introduz palavras vindas de outros idiomas na língua portuguesa. Ex.: **playlist**.
- Regionalismo: palavras ou expressões de uma determinada região geográfica, decorrentes da cultura lá existente. Ex.: **arretado** (uso no Nordeste do país).
- Arcaísmo: palavras já em desuso na língua. Ex.: **vossa mercê**.
- Gíria: palavras e expressões formadas e usadas para marcar uma identidade de grupo social. Ex.: “**trolar**”.
- Abreviação: processo por meio do qual ocorre a redução de uma palavra até o limite de sua compreensão. Ex.: UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).
- Onomatopeia: é a reprodução em que as palavras imitam sons. Ex.: **nhac**, **cocorocó**, **buá**, **boom**.

Quer saber mais?



Filme

A chegada. Direção: Denis Villeneuve. 2016.

Neste filme de ficção científica, uma linguista é encarregada de encontrar uma forma de se comunicar com extraterrestres que chegaram à Terra.



Livro

As intermitências da morte, de José Saramago. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

O que aconteceria se um dia você acordasse e não houvesse nenhuma morte noticiada a partir desse dia? Na obra, Saramago nos faz pensar sobre a construção do significado da palavra “morte”.



Site

Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://delpo.prp.usp.br/~delpo/index.php>. Acesso em: 22 jul. 2022.

O DELPo é um dicionário etimológico da língua portuguesa *on-line* que oferece a primeira ocorrência das acepções de cada verbete assim como o contexto dessa acepção. O material é organizado por pesquisadores da USP.



Música

“Felicidade”, de Luiz Tatit.

Nesta canção, o compositor, cantor e linguista Luiz Tatit constrói a letra variando o uso da palavra “feliz” por meio de prefixos e sufixos.

Exercícios complementares

1. IFPE 2018

Cabra da peste

Eu sou de uma terra que o povo padece
Mas nunca esmorece, procura vencê,
Da terra adorada, que a bela caboca
De riso na boca zomba no sofrê.
Não nego meu sangue, não nego meu nome,
Olho para fome e pergunto: o que há?
Eu sou brasileiro fio do Nordeste,
Sou cabra da peste, sou do Ceará.
Tem munta beleza minha boa terra,
Derne o vale à serra, da serra ao sertão.
Por ela eu me acabo, dou a própria vida,
É terra querida do meu coração.

ASSARÉ, Patativa do. *Cabra da peste*. Disponível em: <http://patativa.gnumerica.org/sito/poesie/03.php>. Acesso em: 13 maio 2018 (adaptado).

No trecho “Eu sou brasileiro [brasileiro] fio do Nordeste” (linha 7), o termo sublinhado foi formado pelo mesmo processo de derivação que

- a) censura.
- b) acariciar.
- c) fechadura.
- d) desobediência
- e) indispensável.



Texto para as questões 2 e 3.

Panc da Periferia

Folhas e ervas antes consideradas pragas têm despertado o interesse de pesquisadores, médicos e chefes de cozinha

Se não fosse plantado por ninguém, se não desse frutos ou flores ornamentais, no passado se chamava mato. Hoje ervas e folhas antes tidas como pragas tornaram-se valiosas para médicos, chefes de cozinha e cultivadores de plantas. As chamadas plantas alimentícias não convencionais (PANC) estão se tornando moda no Brasil. Algumas espécies

têm um valor nutricional suficiente para suprir as demandas diárias de um adulto e são tão ricas quanto o feijão e o leite. No dia a dia do brasileiro, a cultura PANC ainda não pegou. A demanda do varejo é baixa e o uso no circuito de restaurantes não chega a ser uma tendência nacional, apesar de alguns chefs renomados já terem começado a lançar mão dessas plantas para incrementar suas receitas.

Nicollas Witzel, *Época*, 24.09.2018. Adaptado.

2. **FGV-SP 2020** Analise as seguintes afirmações sobre o título dessa matéria jornalística, possivelmente inspirado em uma conhecida canção popular, considerando o restante do texto:

- I. Revela, com o uso da palavra “periferia” e talvez involuntariamente, uma atitude preconceituosa de seu redator.
- II. Pode ser considerado um trocadilho em relação a uma palavra inglesa que designa um certo movimento de contracultura.
- III. Baseia-se num acrônimo (sigla) que alude a apenas uma das propriedades das referidas plantas.

Está correto o que se afirma em

- a) II, apenas.
 - b) I e II, apenas.
 - c) II e III, apenas.
 - d) III, apenas.
 - e) I, II e III.
3. **FGV-SP 2020** O prefixo de origem grega que entra na formação da palavra “periferia”, e de outras como “perímetro” e “perífrase”, tem o mesmo sentido que o prefixo de origem latina que forma a palavra
- a) transatlântico.
 - b) circum-navegação.
 - c) ambivalente.
 - d) península.
 - e) infra-assinado.

4. **Enem 2020** É possível afirmar que muitas expressões idiomáticas transmitidas pela cultura regional possuem autores anônimos, no entanto, algumas delas surgiram em consequência de contextos históricos bem curiosos. “Aquele é um cabra da peste” é um bom exemplo dessas construções.

Para compreender essa expressão tão repetida no Nordeste brasileiro, faz-se necessário voltar o olhar para o século 16. “Cabra” remete à forma com que os navegadores portugueses chamavam os índios. Já “peste” estaria ligada à questão da superação e resistência, ou mesmo uma associação com o diabo. Assim, com o passar dos anos, passou-se a utilizar tal expressão para denominar qualquer indivíduo que se mostre corajoso, ou mesmo insolente, já que a expressão pode ter caráter positivo ou negativo. Aliás, quem já não ficou de “nhe-nhe-nhém” por aí? O termo, que normalmente tem significado de conversa interminável, monótona ou resmungo, tem origem no tupi-guarani e “nhém” significa “falar”.

Disponível em: <http://leiturasdahistoria.uol.com.br>. Acesso em: 13 dez. 2017.

A leitura do texto permite ao leitor entrar em contato com

- registros do inventário do português brasileiro.
- justificativas da variedade linguística do país.
- influências da fala do nordestino no uso da língua.
- explorações do falar de um grupo social específico.
- representações da mudança linguística do português.

- 5. IFSC 2014** Os aplicativos que auxiliam os especialistas no diagnóstico de doenças são uma esperança para populações que vivem em regiões com pouca ou nenhuma oferta de instalações para exames médicos. O *portable eye examination kit* (Peek), ou *kit* portátil de exame de olho, é um exemplo de sucesso. Desenvolvido por uma equipe de oftalmologistas ingleses, o aplicativo usa recursos do *smartphone* (tela, câmera e *flash*) para detectar males como catarata, glaucoma, degeneração macular e retinopatia diabética, além de realizar testes de acuidade visual. As imagens podem ser enviadas a médicos em qualquer parte do planeta para que eles as avaliem. Atualmente, 5000 pessoas estão sendo submetidas a exames oftalmológicos no Quênia graças ao Peek. Ao trocarem equipamentos pesados e caros por um *smartphone* e usarem pequenos painéis solares para recarregar a bateria do aparelho em localidades sem energia elétrica, os médicos conseguem “visitar” populações carentes que vivem em regiões de difícil acesso. Detalhe: os dados do paciente ficam armazenados junto às informações do GPS – ou seja, encontrá-los posteriormente para fornecer tratamento é simples e rápido. Pacientes diagnosticados pelo programa com tipos reversíveis de cegueira já passaram por cirurgia e voltaram a enxergar. “Esse caso mostra a viabilidade do uso de bons aplicativos para a telemedicina”, diz a oftalmologista Andrea Barbosa do Rio de Janeiro.

Fonte: <http://www.abradilan.com.br/noticiais>

Assinale a opção em que nem todas as palavras possuem o mesmo radical:

- olho, olhada, olhador
- aparelho, aparelhável, desaparelhar
- exames, examinar, examinado
- diagnóstico, diário, diagonal
- regiões, regional, regionalização

6. IFC-SC 2019

Três tartarugas são encontradas mortas em rede de pesca na praia da Pinheira, em Palhoça

A equipe do Projeto de Monitoramento de Praias da Bacia de Santos (PMP-BS) encontrou três tartarugas verdes (*Chelonia mydas*) presas em uma rede de pesca na praia da Pinheira, em Palhoça. A rede, localizada durante o monitoramento diário, estava abandonada em uma duna de areia e os animais em estado de decomposição avançado. Todas as tartarugas eram jovens.

Segundo o Projeto Baleia Franca, que divulgou a ocorrência, a pesca incidental é uma grande ameaça para a conservação da vida nos mares, por isso, é necessária a sensibilização e colaboração da comunidade para preservar o ambiente marinho.

A orientação em caso de presenciar algum animal enalhado na praia – vivo ou morto – é entrar em contato com o PMP-BS pelo telefone 0800 642 3341, fornecendo o local e outras informações que possam ser úteis aos profissionais.

Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/estilo-de-vida/noticia/2017/07/tres-tartarugas-sao-encontradasmortas-em-rede-de-pesca-na-praia-da-pinheira-em-palhoça-9853708.html>. Acesso em: 10 jul. 2017.

Na Língua Portuguesa, há dois processos de formação de palavras: a derivação e a composição. Uma forma de derivação é chamada de sufixal, pois consiste no acréscimo de um sufixo ao radical. Considerando esta definição, assinale a alternativa em que todas as palavras, retiradas do texto “Três tartarugas são encontradas mortas em redes de pesca na praia da Pinheira, em Palhoça”, foram formadas por esse processo:

- pesca, decomposição, monitoramento.
- conservação, sensibilização, decomposição.
- tartaruga, orientação, informações.
- marinho, sensibilização, ambiente.
- monitoramento, marinho, conservação.

7. Uece 2019

Conheça 5 atitudes simples para preservar o meio ambiente

É possível mudar muito fazendo atitudes simples em seu cotidiano.

- Não é mais nenhum segredo que as mudanças climáticas e agressão ao meio ambiente estão entre as ameaças mais graves à humanidade e, se nada for feito, em poucos séculos, a Terra como conhecemos pode deixar de existir. Mas [...] pouca gente parece perceber ou compreender o que pode fazer de fato para mudar a situação. Não é preciso muito: atitudes simples no dia a dia podem ajudar a minimizar os danos causados no meio ambiente.

Economize energia

- Comece trocando as lâmpadas por modelos eficientes. [...] Em seguida, preste atenção para não deixar luzes acesas em cômodos que não estão sendo utilizados e desligue o computador durante a noite. Nas tarefas domésticas, busque

ser mais eficiente, por exemplo, esperando acumular roupas o suficiente para encher uma máquina antes de lavá-las.

Economize papel

20 Evite impressões desnecessárias: ingressos (quando há a opção de e-ticket), extratos de banco, via da compra no cartão, contas que podem ser pagas online... [...] Ao usar papel para anotações, certifique-se de usá-lo por completo antes de reciclar. E, na hora de dar presentes, experimente reutilizar papéis antigos ou buscar novas formas criativas
25 de embrulhá-los.

Tenha um dia vegetariano

Você não precisa parar de comer carne, mas experimente deixar de consumir carne por somente um dia. São necessários 9,5 mil litros de água para produzir cada meio
30 quilo de carne, e cada hambúrguer que vem de animais que pastam em áreas desmatadas causou a destruição de cinco metros quadrados de floresta.

Desligue a torneira

Só de desligar a torneira ao escovar os dentes, por
35 exemplo, é possível economizar 18 litros de água por dia. Experimente fazer o mesmo quando for ensaboar as mãos ou as louças na pia na hora de lavá-las para economizar ainda mais.

Reduza o consumo de plástico

40 Você já deve ter ouvido falar da ilha de plástico no Pacífico. Ela é formada por 4 milhões de toneladas de plástico [...]. Reduzir o consumo de plástico no dia a dia é fundamental para reverter este cenário. Muitas cidades brasileiras já aboliram a sacola plástica no supermerca
45 do [...]. Tenha a própria garrafinha para quando precisar tomar água: cerca de 90% das garrafas de plástico não são recicladas e acabam em aterros. E, se for usar copos plásticos, [...] adote a técnica de marcar o nome com uma caneta em vez de jogá-lo no lixo cada vez que for
50 tomar algo.

Adaptado de MARASCIULO, Marília. Conheça 5 atitudes simples para preservar o meio ambiente. *Revista Galileu*, 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2019/01/conheca-5-atitude-simples-para-preservar-o-meio-ambiente.html>. Acesso em: 20 maio 2019.

Algumas palavras da língua portuguesa são formadas a partir da combinação de morfemas. Sobre esse aspecto, atente para as seguintes afirmações:

- I. O sufixo *inha* do vocábulo *garrafinha* (linha 45) indica diminutivo e o processo de formação dessa palavra se chama derivação sufixal.
- II. Os prefixos *re* e *des* dos vocábulo *reutilizar* e *desligar* (linhas 24 e 34) indicam, respectivamente, repetição de uma ação e negação, e o processo de formação dessas palavras se chama derivação prefixal.
- III. O prefixo *ex* do vocábulo *extratos* (linha 20) significa que algo está fora e o processo de formação dessa palavra é denominado derivação prefixal.

Estão corretas as assertivas contidas em

- a) I e II apenas.
- b) I e III apenas.
- c) II e III apenas.
- d) I, II e III.

8. ESPM-RJ 2020



Lei de Abuso de Autoridade não ameaça qualquer prática jurisdicional

Em corpos diferenciados do funcionalismo público emerge, naturalmente, um corporativismo construído pelo elitismo do seu “espírito de corpo”. Trata-se, de fato, de um anel protetor do bom e do mau uso que seus membros podem fazer de suas prerrogativas. Um exemplo disso é a que o País assiste agora, perplexo: a reação à lei que combate os possíveis abusos de autoridade nos Três Poderes da República.

[...]

Eventuais dúvidas sobre julgamentos são analisadas com recurso a instâncias jurídicas superiores (colegiadas), porque só outros juízes podem avaliar a razoabilidade de outro juiz. O preparo da ação e o julgamento são influenciados por muitos fatores (inclusive a “visão de mundo” de cada um deles). O importante, entretanto, é que, se o paciente não se conformar com o resultado, há a possibilidade de recorrer a instâncias superiores que, eventualmente, terão a oportunidade de corrigi-lo. Esses parcos conhecimentos me levaram nos últimos 70 anos a aceitar tal mecanismo como satisfatório para minimizar os riscos do sistema.

É por isso que estou surpreso com a reação corporativista contra a Lei de Abuso de Autoridade, que, obviamente, não ameaça qualquer prática jurisdicional que obedeça ao espírito e à letra da Lei. Sobre o poder do Congresso de produzi-la e aprová-la, e o poder do presidente de sancioná-la ou vetá-la parcialmente, não há dúvidas. Entretanto, a palavra final sobre ela (pela rejeição de eventuais vetos) pertence ao Congresso. Mas há um problema lógico muito interessante, apontado pelo competente Elio Gaspari. No caso de eventual denúncia de abuso de autoridade, quem vai julgá-lo? O próprio Judiciário! Logo, se um funcionário da Receita, do Coaf, um promotor ou um juiz se julga ameaçado, porque será “controlado” pelo próprio Judiciário, é porque ele não acredita em nada do que foi dito acima! [...]

(Delfim Netto, revista *Carta Capital*, adaptado, 28 de agosto de 2019)

Os vocábulo abaixo, extraídos do texto, possuem um processo de formação de palavras denominado derivação sufixal. O sufixo que traduz ideia de **qualidade** é:

- a) naturalmente
- b) corporativismo
- c) julgamento
- d) jurisdicional
- e) razoabilidade

9. Uespi 2018

A Língua

Sou feliz pelos amigos que tenho. Um deles muito sofre pelo meu descuido com o vernáculo. Por alguns anos ele sistematicamente me enviava missivas eruditas com precisas informações sobre as regras da gramática que eu não respeitava, e sobre a grafia correta dos vocábulos que eu ignorava. Fi-lo sofrer pelo uso errado que fiz de uma palavra. Acontece que eu, acostumado a conversar com a gente de Minas Gerais, falei em “varreção” – do verbo “varrer”. De fato, trata-se de um equívoco que, num vestibular, poderia me valer uma reprovação. Pois o meu amigo, paladino da língua portuguesa, se deu ao trabalho de fazer um xerox da página 827 do dicionário, aquela que tem, no topo, a fotografia de uma “varroa” (sic!) (você não sabe o que é uma “varroa”?) para corrigir-me do meu erro. E confesso: ele está certo. O certo é varrição e não “varreção”. Mas estou com medo de que os mineiros da roça façam troça de mim porque nunca os vi falar de “varrição”. E se eles rirem de mim não vai me adiantar mostrar-lhes o xerox da página do dicionário com a “varroa” no topo. Porque para eles não é o dicionário que faz a língua. É o povo. E o povo, lá nas montanhas de Minas Gerais, fala “varreção” quando não “barreção”. O que me deixa triste sobre esse amigo oculto é que nunca tenha dito nada sobre o que eu escrevo, se é bonito ou se é feio. Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado.

(Rubem Alves. In: *Ostra feliz não faz pérola*. São Paulo: Planeta, 2014, p. 62-64)

Assinale a alternativa em que aparece uma palavra formada pelo processo de derivação sufixal.

- a) Descuido.
- b) Acostumado.
- c) Sistematicamente.
- d) Trabalho.
- e) Reclama.

10. **Unicamp-SP 2018** O brasileiro João Guimarães Rosa e o irlandês James Joyce são autores reverenciados pela inventividade de sua linguagem literária, em que abundam neologismos. Muitas vezes, por essa razão, Guimarães Rosa e Joyce são citados como exemplos de autores “praticamente intraduzíveis”. Mesmo sem ter lido os autores, é possível identificar alguns dos seus neologismos, pois são baseados em processos de formação de palavras comuns ao português e ao inglês. Entre os recursos comuns aos neologismos de Guimarães Rosa e de James Joyce, estão:

- I. Onomatopeia (formação de uma palavra a partir de uma reprodução aproximada de um som natural, utilizando-se os recursos da língua); e
- II. Derivação (formação de novas palavras pelo acréscimo de prefixos ou sufixos a palavras já existentes na língua).

Os neologismos que aparecem nas opções abaixo foram extraídos de obras de Guimarães Rosa (GR) e James Joyce (JJ). Assinale a opção em que os processos I e II estão presentes:

- a) Quinculinculim (GR, *No Urubuquaquá, no Pinhém*) e tattarrattat (JJ, *Ulisses*).
- b) Transtrazer (GR, *Grande sertão: veredas*) e monoidal (JJ, *Ulisses*).
- c) Rttsttr (JJ, *Ulisses*) e quinculinculim (GR, *No Urubuquaquá, no Pinhém*).
- d) Tattarrattat (JJ, *Ulisses*) e esquecer-se (GR, *Ave, Palavra*)

11. **Univesp-SP 2014** Casimiro de Abreu pertence à geração dos poetas que morreram prematuramente, na casa dos vinte anos, como Álvares de Azevedo e outros, acometidos do “mal” byroniano. Sua poesia, reflexo autobiográfico dos transe, imaginários e verídicos, que lhe agitaram a curta existência, centra-se em dois temas fundamentais: a saudade e o lirismo amoroso. Graças a tal fundo de juvenilidade e timidez, sua poesia saudosista guarda um não sei quê de infantil.

Massaud Moisés. *A literatura brasileira através dos textos*, 2004. Adaptado.

Os substantivos do texto derivados pelo mesmo processo de formação de palavras são:

- a) juvenilidade e timidez.
- b) geração e byroniano.
- c) reflexo e imaginários.
- d) prematuramente e autobiográfico.
- e) saudade e infantil.

12. UFT-TO 2019

Opinião não é argumento

Aqui está uma história que pode ser verdadeira no contexto atual do Brasil. Um jovem professor de Filosofia, instruindo seus alunos à Filosofia da Religião, introduz, à maneira que a Filosofia opera há séculos, argumentos favoráveis e contrários à existência de Deus. Um dos alunos se queixa, para o diretor e também nas onipresentes redes sociais, de que suas crenças religiosas estão sendo atacadas. “Eu tenho direito às minhas crenças”. O diretor concorda com o aluno e força o professor a desistir de ensinar Filosofia da Religião.

Mas o que é exatamente um “direito às minhas crenças”? [...] O direito à crença, nesse caso, poderia ser visto como o “direito evidencial”. Alguém tem um direito **evidencial** à sua crença se estiver disposto a fornecer evidências apropriadas em apoio a ela. Mas o que o estudante e o diretor estão reivindicando e promovendo não parece ser esse direito, pois isso implicaria precisamente a necessidade de pôr as evidências à prova.

Parece que o estudante está reivindicando outra coisa, um certo “direito moral” à sua crença, como avaliado pelo filósofo americano Joel Feinberg, que trabalhou temas da Ética, Teoria da Ação e Filosofia Política. O estudante está afirmando que tem o direito moral de acreditar no que quiser, mesmo em crenças falsas.

Muitas pessoas acham que, se têm um direito moral a uma crença, todo mundo tem o dever de não as privar dessa crença, o que envolve não criticá-la, não mostrar que é **ilógica** ou que lhe falta apoio evidencial. O problema é que essa é uma maneira cada vez mais comum de pensar sobre o direito de acreditar. E as grandes perdedoras são a liberdade de expressão e a democracia.

[...] A defesa de uma crença está restrita ao uso de métodos que pertence ao espaço das razões – argumentação e **persuasão**, em vez de força. Você tem o direito de avançar sua crença na arena pública usando os mesmos métodos de que seus oponentes dispõem para dissuadi-lo.

O pior acontece quando crenças se materializam em opinião, e são usadas como substitutas de argumentos, quando o “Eu tenho direito às minhas crenças” se transforma em “Eu tenho direito à minha opinião”. Crenças e opiniões não são argumentos. Mais precisamente, crenças

diferem de opinião, que diferem de fatos, que diferem de argumentos. Um fato é algo que pode ser comprovado verdadeiro. Por exemplo, é um fato que Júpiter é o maior planeta do sistema solar tanto em diâmetro quanto em massa. Esse fato pode ser provado pela observação ou pela consulta a uma fonte fidedigna.

Uma crença é uma ideia ou convicção que alguém aceita como verdade, como “passar debaixo de uma escada dá azar”. Isso **certamente** não pode ser provado (ou pelo menos nunca foi). Mas a pessoa ainda pode manter sua crença, como vimos, se não pelo “direito evidencial”, apelando para o “direito moral”. Ou ainda, pelo mesmo “direito moral”, deixar de acreditar no que ela própria pensa ser evidência, como no caso do famoso dito (atribuído a Sancho Pança): “Não creio em bruxas, ainda que existam”. [...]

Fonte: CARNIELLI, Walter. Página Aberta. In: *Revista Veja*. Edição 2578, ano 51, nº 16. São Paulo: Editora Abril, 2018, p. 64 (fragmento adaptado).

Quanto aos aspectos gramaticais, analise as afirmativas.

- I. Em: “ilógica”, ocorre derivação prefixal, ou seja, à palavra lógica acrescentou-se o prefixo “i-”, indicando negação.
- II. Em: “certamente”, o sufixo adverbial “-mente” é acrescentado à forma feminina do adjetivo, para exprimir circunstância de modo.
- III. Em: “direito evidencial”, o elemento “evidencial” formou-se por derivação sufixal, resultando em um adjetivo.
- IV. Em: “persuasão”, o sufixo “-ão” indica a noção de aumentativo.

Assinale a alternativa CORRETA.

- a) Apenas as afirmativas I e II estão corretas.
- b) Apenas as afirmativas I, II e III estão corretas.
- c) Apenas as afirmativas II, III e IV estão corretas.
- d) Todas as afirmativas estão corretas.

13. **ESPM-SP 2016** Levando-se em conta os prefixos latinos e gregos grifados, assinale o par que **não** possui correspondência de significados:

- a) abuso / anencéfalo
- b) ambidestro / anfíbio
- c) bienal / dilema
- d) circumpolar / periferia
- e) contraveneno / antídoto

14. **Fatec-SP 2020** O leitor encontra, neste belo número da Revista *Katálysis*, um panorama rico, denso e qualificado do que vem ocorrendo no mundo do trabalho hoje, com seus traços de “continuidade” e “descontinuidade”, num período em que o capitalismo aprofundou ainda mais as penalizações que está impondo ao universo laborativo, onde o “novo” e o “velho” se (re)configuram a partir da nova Divisão Internacional do Trabalho (DIT), que se reestruturou nas últimas décadas.

[...]

Se a Revolução Industrial, nos séculos XVIII e XIX, legou-nos um enorme processo de “desantropomorfização do trabalho” (Lukács); se o século XX pode ser caracterizado pelo que Braverman definiu como sendo a “era da degradação do trabalho”, as últimas décadas do século passado e os inícios do atual vêm presenciando a generalização de “outras formas e modalidades de precarização”, [...] aquela responsável pela geração do *cybertariado* (Ursula Huws), uma nova força de trabalho global que

mescla intensamente “informatização” com “informalização”. [...]

As consequências são fortes: nesta fase de desmanche, estamos presenciando o derretimento dos poucos laços de sociabilidade, [...] sem presenciarmos uma ampliação da vida dotada de sentido, nem “dentro” e nem “fora” do trabalho. A vida se consolida, cada vez mais, como sendo desprovida de sentido no trabalho e, por outro lado, estranhada e **fetichizada*** também “fora” do trabalho, exaurindo-se no mundo sublimado do consumo (virtual ou real), ou na labuta incansável pelas qualificações de todo tipo, que são incentivadas como antídoto [...] para não perder o emprego daqueles que o têm.

É por isso que estamos presenciando uma desconstrução sem precedentes do trabalho em toda a era moderna, ampliando os diversos modos de ser da precarização e do desemprego estrutural. Resta para a “classe-que-vive-do-trabalho” oscilar, ao modo dos pêndulos, entre a busca de qualquer “labor” e a vivência do desemprego.

Este número especial da Revista *Katálysis*, dedicado às novas configurações do trabalho na sociedade capitalista, é uma contribuição efetiva para a linhagem crítica, atualizada e original, tanto pelos temas selecionados, quanto pela qualidade e competência dos colaboradores presentes, ajudando a descortinar tantos elementos que configuram a “nova morfologia do trabalho”, seus dilemas e desafios.

Ricardo Antunes, Editorial da Revista *Katálysis*, n. 2, 2009.

Acesso em: 19.10.2019. Adaptado.

***fetichizar:** ação de admirar exageradamente, irrestritamente, incondicionalmente uma pessoa ou coisa.

Os termos “continuidade”, “desconstrução” e “desmanche” são palavras constituídas por diferentes processos de formação de palavras.

Assinale a alternativa cujas palavras são formadas, respectivamente, pelos mesmos processos dos vocábulos apresentados no enunciado.

- a) Idade, endeusar e venda.
- b) Vivência, rememoração e renúncia.
- c) Morosidade, entardecer e aguardente.
- d) Idealismo, vivenciamento e dismantelar.
- e) Porosidade, descontinuamente e remonta.

15. **Enem 2019** Antes de Roma ser fundada, as colinas de Alba eram ocupadas por tribos latinas, que dividiam o ano de acordo com seus deuses. Os romanos adaptaram essa estrutura. No princípio dessa civilização o ano tinha dez meses e começava por Martius (atual março). Os outros dois teriam sido acrescentados por Numa Pompílio, o segundo rei de Roma. Até Júlio César reformar o calendário local, os meses eram lunares, mas as festas em homenagem aos deuses permaneciam designadas pelas estações. O descompasso de dez dias por ano fazia com que, em todos os triênios, um décimo terceiro mês, o Intercalaris, tivesse que ser enxertado. Com a ajuda de matemáticos do Egito emprestados por Cleópatra, Júlio César acabou com a bagunça ao estabelecer o seguinte calendário solar: Januarius, Februarius, Martius, Aprilis, Maius, Junius, Quinctilis, Sextilis, September, October, November e December. Quase igual ao nosso, com as diferenças de que Quinctilis e Sextilis deram origem aos meses de julho e agosto.

Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br>.

Acesso em: 8 dez. 2018.

Considerando as informações no texto e aspectos históricos da formação da língua, a atual escrita dos meses do ano em português

- reflete a origem latina de nossa língua.
- decorre de uma língua falada no Egito antigo.
- tem como base um calendário criado por Cleópatra.
- segue a reformulação da norma da língua proposta por Júlio César.
- resulta da padronização do calendário antes da fundação de Roma.

16. Unicamp-SP 2020

Texto I

Os idiomas e suas regras são coisas vivas, que vão se modificando de maneira dinâmica, de acordo com o momento em que a sociedade vive. Um exemplo disso é a adoção do termo “maratonar”, quando os telespectadores podem assistir a vários ou a todos os episódios de uma série de uma só vez. Contudo, ao que parece, a plataforma Netflix não quer mais estar associada à “maratona” de séries. A maior razão seria a tendência atual que as gigantes da tecnologia têm seguido para evitar o consumo excessivo e melhorar a saúde dos usuários.

(Adaptado de Claudio Yuge, “Você notou? Netflix parece estar evitando o termo ‘maratonar’.” Disponível em <https://www.tecmundo.com.br/internet/133690-voce-notou-netflix-pareceevitando-termo-maratonar.htm>. Acesso em: 1^a jun. 2019.)

Texto II



Embora os dois textos tratem do termo “maratonar” a partir de perspectivas distintas, é possível afirmar que o Texto II retoma aspectos apresentados no Texto I porque

- esclarece o significado do neologismo “maratonar” como esforço físico exaustivo, derivado de “maratona”.
 - deprecia a definição de “maratona” como ação contínua de superação de dificuldades e melhoria da saúde.
 - reflete sobre o impacto que a falta de exercícios físicos e a permanência em casa provocam na saúde.
 - menospreza o uso do termo “maratonar” relacionado a um estilo de vida sedentário, antagônico a maratona.
17. FGV-SP 2017 Muitos anos mais tarde, Ana Terra costumava sentar-se na frente de sua casa para pensar no passado. E no pensamento como que ouvia o vento de outros tempos e sentia o tempo passar, escutava vozes, via caras e lembrava-se de coisas... O ano de 81 trouxera um acontecimento triste para o velho Maneco: Horácio deixara a fazenda, a contragosto do pai, e fora para o Rio Pardo, onde se casara com a filha dum tanoeiro e se

estabelecera com uma pequena venda. Em compensação nesse mesmo ano Antônio casou-se com Eulália Moura, filha dum colono açoriano dos arredores do Rio Pardo, e trouxe a mulher para a estância, indo ambos viver num puxado que tinham feito no rancho.

Em 85 uma nuvem de gafanhotos desceu sobre a lavoura deitando a perder toda a colheita. Em 86, quando Pedrinho se aproximava dos oito anos, uma peste atacou o gado e um raio matou um dos escravos.

Foi em 86 mesmo ou no ano seguinte que nasceu Rosa, a primeira filha de Antônio e Eulália? Bom. A verdade era que a criança tinha nascido pouco mais de um ano após o casamento. Dona Henriqueta cortara-lhe o cordão umbilical com a mesma tesoura de podar com que separara Pedrinho da mãe.

E era assim que o tempo se arrastava, o sol nascia e se sumia, a lua passava por todas as fases, as estações iam e vinham, deixando sua marca nas árvores, na terra, nas coisas e nas pessoas.

E havia períodos em que Ana perdia a conta dos dias. Mas entre as cenas que nunca mais lhe saíram da memória estavam as da tarde em que dona Henriqueta fora para a cama com uma dor aguda no lado direito, ficara se retorcendo durante horas, vomitando tudo o que engolia, gemendo e suando de frio.

(Érico Veríssimo. *O tempo e o Vento*, “O Continente”, 1956)

Leia o trecho do 1^o parágrafo: “Horácio deixara a fazenda, a contragosto do pai, e fora para o Rio Pardo, onde se casara com a filha dum tanoeiro e se estabelecera com uma pequena **venda**. Em compensação nesse mesmo ano Antônio casou-se com Eulália Moura, filha dum colono açoriano dos arredores do Rio Pardo, e trouxe a mulher para a estância, indo ambos viver num **puxado** que tinham feito no rancho”. Explique os processos de derivação das palavras destacadas no trecho.

18. FMJ-SP 2021 Leia o soneto de Luís de Camões para responder à questão.

Posto me tem fortuna¹ em tal estado,
E tanto a seus pés me tem rendido!
Não tenho que perder já, de perdido;
Não tenho que mudar já, de mudado.

Todo o bem para mim é acabado;
Daqui dou o viver já por vivido;
Que, aonde o mal é tão conhecido,
Também o viver mais será escusado.

Se me basta querer, a morte quero,
Que bem outra esperança não convém;
E curarei um mal com outro mal.

E, pois do bem tão pouco bem espero,
Já que o mal este só remédio tem,
Não me culpem em querer remédio tal.

(Luís de Camões. *Lírica*, 1991.)

¹fortuna: destino.

As palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma. A este processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras dá-se o nome de “derivação imprópria”.

(Celso Cunha. *Gramática essencial*, 2013. Adaptado.)

Observa-se um exemplo de derivação imprópria no verso:

- a) “E tanto a seus pés me tem rendido!” (1ª estrofe)
- b) “Não tenho que perder já, de perdido;” (1ª estrofe)
- c) “Não me culpem em querer remédio tal.” (4ª estrofe)
- d) “Se me basta querer, a morte quero,” (3ª estrofe)
- e) “Também o viver mais será escusado.” (2ª estrofe)

BNCC em foco

EM13LP06

1. Observe os usos expressivos da linguagem na tira em relação às palavras empregadas e à composição imagética.



Na relação entre os usos da linguagem, podemos afirmar que:

- a) “geocentrismo”, “heliocentrismo” e “umbigocentrismo” são neologismos.
- b) para o personagem, o modelo teórico de “hoje” é melhor que os anteriores.
- c) o termo “umbigocentrismo” é o responsável pela crítica da tira.
- d) a composição é o processo de formação de palavras predominante na tira.

EM13LP01 e EM13LP15

2. A ferramenta de ensino à distância não é algo novo, uma vez que surgiu no início do século XX, com as formações por meio de correspondência. Contudo, ainda é comum que algumas pessoas não tenham tanta facilidade de estudar por meio dessa modalidade. Além da dificuldade com a tecnologia e com o estudo autônomo, há também diferenças entre as linguagens utilizadas; portanto, mesmo no meio tecnológico, é preciso se atentar à escolha da linguagem que será empregada. Com base nos diferentes tipos de linguagens, podemos notar que:
- I. A internet permite a utilização de diversas linguagens e que a recepção das informações por ela transmitidas dependerá também do receptor.
 - II. A norma-padrão deve ser aplicada em todas as situações, seja na modalidade presencial, por meio do contato físico, seja no espaço virtual.

- III. Por ser a internet um espaço de interação entre diversos públicos, ao produzirmos qualquer mensagem precisamos identificar qual será a melhor linguagem a ser utilizada, de modo que as informações sejam recebidas de maneira correta.
- IV. A internet é um espaço menos formal e como tal aceita o rompimento com as regras da língua portuguesa.

Assinale a alternativa correta:

- a) Somente I e II estão corretas.
- b) Somente I e III estão corretas.
- c) Somente II e IV estão corretas.
- d) Somente I e IV estão corretas.
- e) Somente III e IV estão corretas.

EM13LP06 e EM13LP25

3. Em 2020, o Congresso Nacional do Brasil aprovou a “Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet”, como um primeiro passo no combate contra as notícias falsas. Um dos conceitos definidos no Projeto de Lei foi a “desinformação”:

Art. 4º

[...]

II – desinformação: conteúdo, em parte ou no todo, inequivocamente falso ou enganoso, passível de verificação, colocado fora de contexto, manipulado ou forjado, com potencial de causar danos individuais ou coletivos, ressalvado o ânimo humorístico ou de paródia.

BRASIL. *Projeto de Lei n. 2630, de 2020.*

Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=8110634&ts=1612303001672&disposition=inline>
Acesso em: 3 jul. 2021.

A palavra “desinformação” passou pelo processo derivacional na sua formação, porém adquiriu especificidades na sua definição no excerto de lei acima. Dentre as alternativas abaixo, assinale aquela que apresenta o processo específico de formação do vocábulo “desinformação” e o significado desse conceito na lei.

- a) Prefixal; uma notícia equivocadamente falsa é desinformação.
- b) Imprópria; aceita-se na lei a desinformação visando o humor.
- c) Sufixal; os danos coletivos sobrepõem-se aos danos individuais na lei.
- d) Parassintética; o compartilhamento de conteúdo falso é penalizado.
- e) Prefixal e sufixal; desinformação é um conteúdo falso dolosamente forjado.